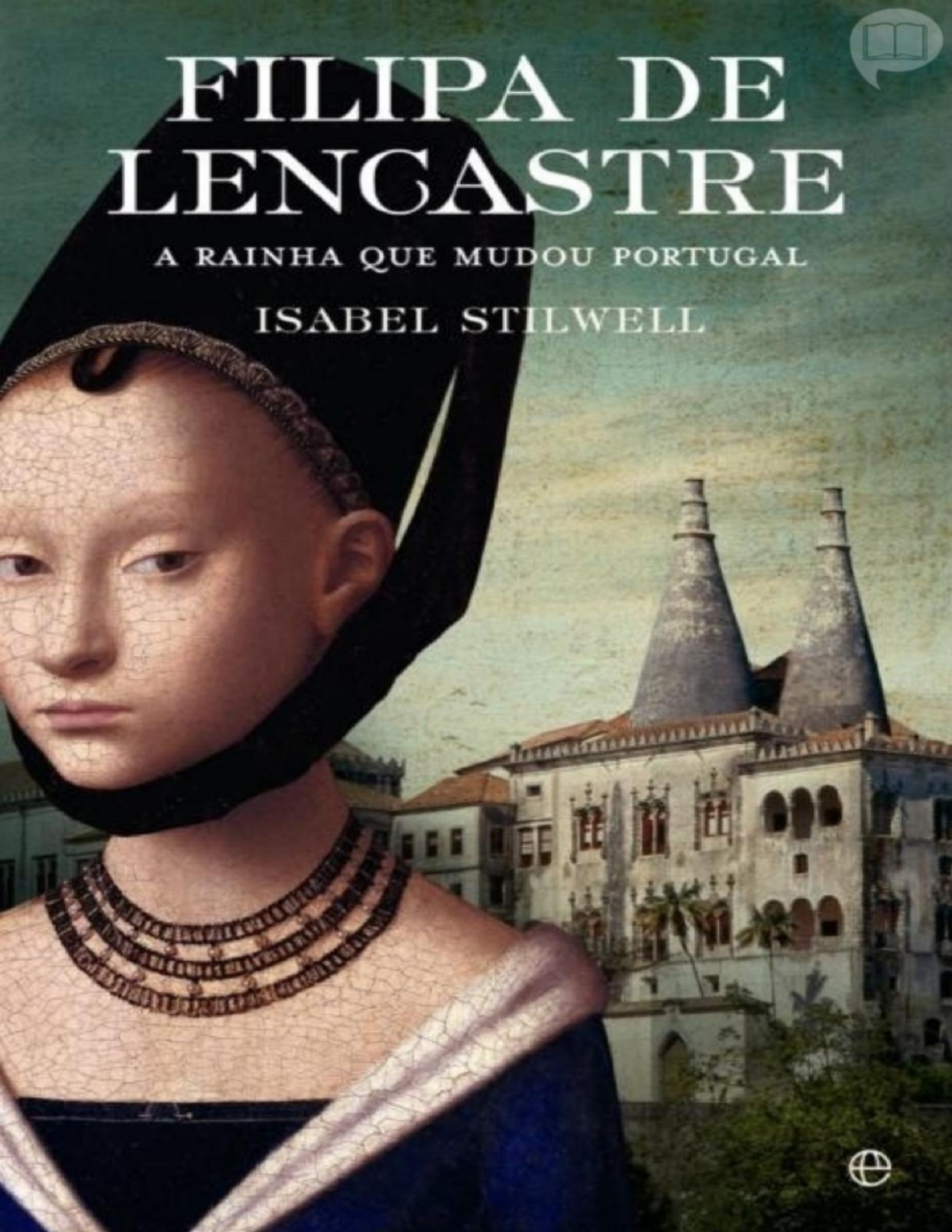
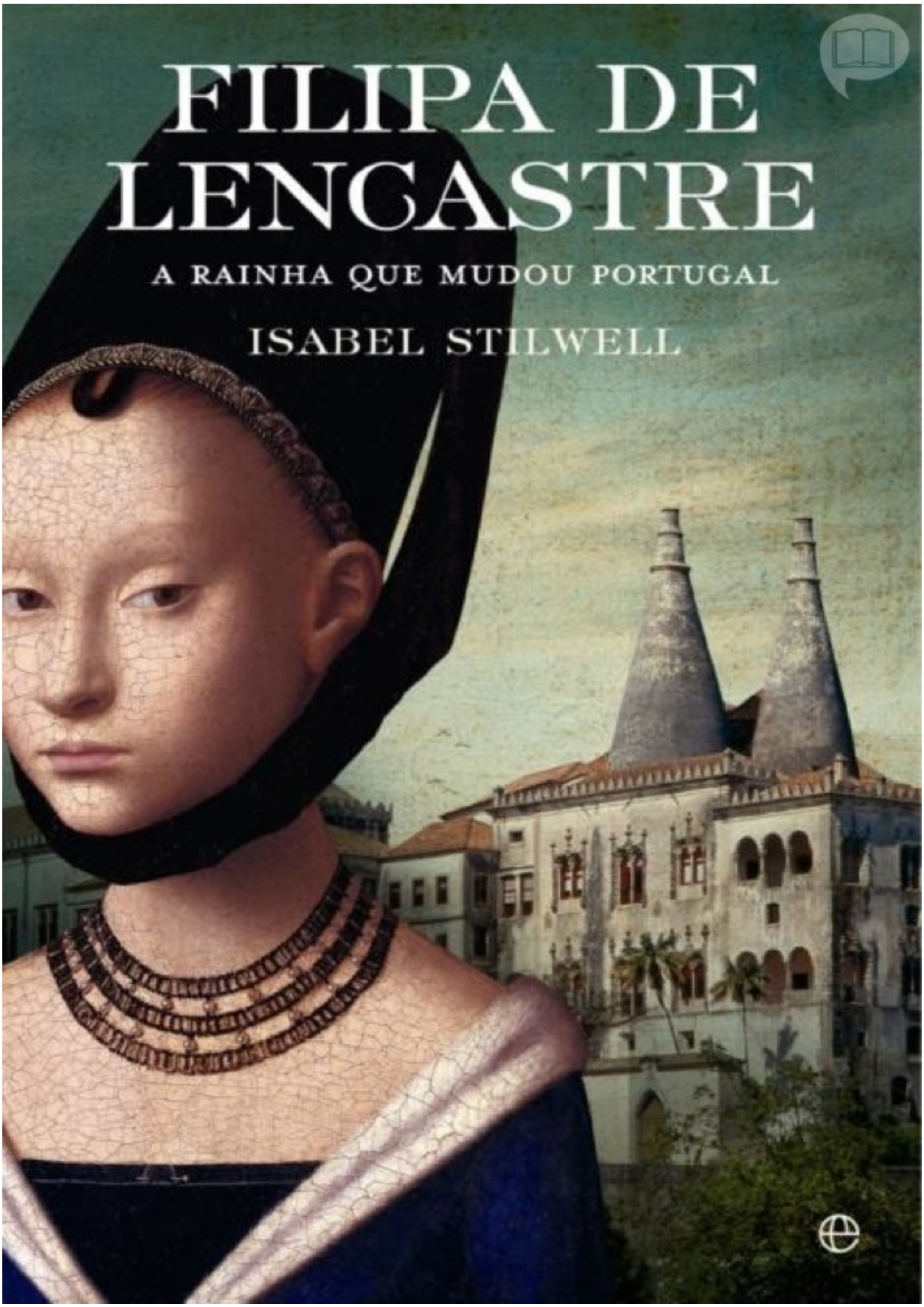
FILIPA DE LENCASTRE

A RAINHA QUE MUDOU PORTUGAL

ISABEL STILWELL




FILIPA DE LENCASTRE
A RAINHA QUE MUDOU PORTUGAL
ISABEL STILWELL

F

ilipa de Portugal morreu de peste negra, tal como a sua mãe, a 15 de J ulho de 1415. Com 55 anos. No dia 25 partiam de Lisboa 240

e mbarcações e um exército de 20 mil homens, entre os quais D. Duarte, o Infante D. Henrique e D. Pedro. A Praça de Ceuta caía cerca de um m

ês depois. D. Filipa não esperaria outra coisa dos seus filhos…Mulher d

e uma fé inabalável, conhecida pela sua generosidade, empreendedora e determinada a mudar os usos e costumes de uma corte tão diferente d

a sua, Filipa de Lencastre deu à luz, aos 29 anos, o primeiro dos seus o ito filhos. A chamada Ínclita Geração, que um dia, como ela, partiria e m busca de novos mundos e mudaria para sempre os destinos da n

ação.Frei John, o tutor já tinha previsto o seu destino nas estrelas.

N

asceu Phillipa of Lancaster, filha primogénita de John of Gaunt, mas a os 29 anos deixou para trás a sua querida Inglaterra para se casar com D

. João I de Portugal. A 11 de Fevereiro de 1387 o povo invadiu as ruas d

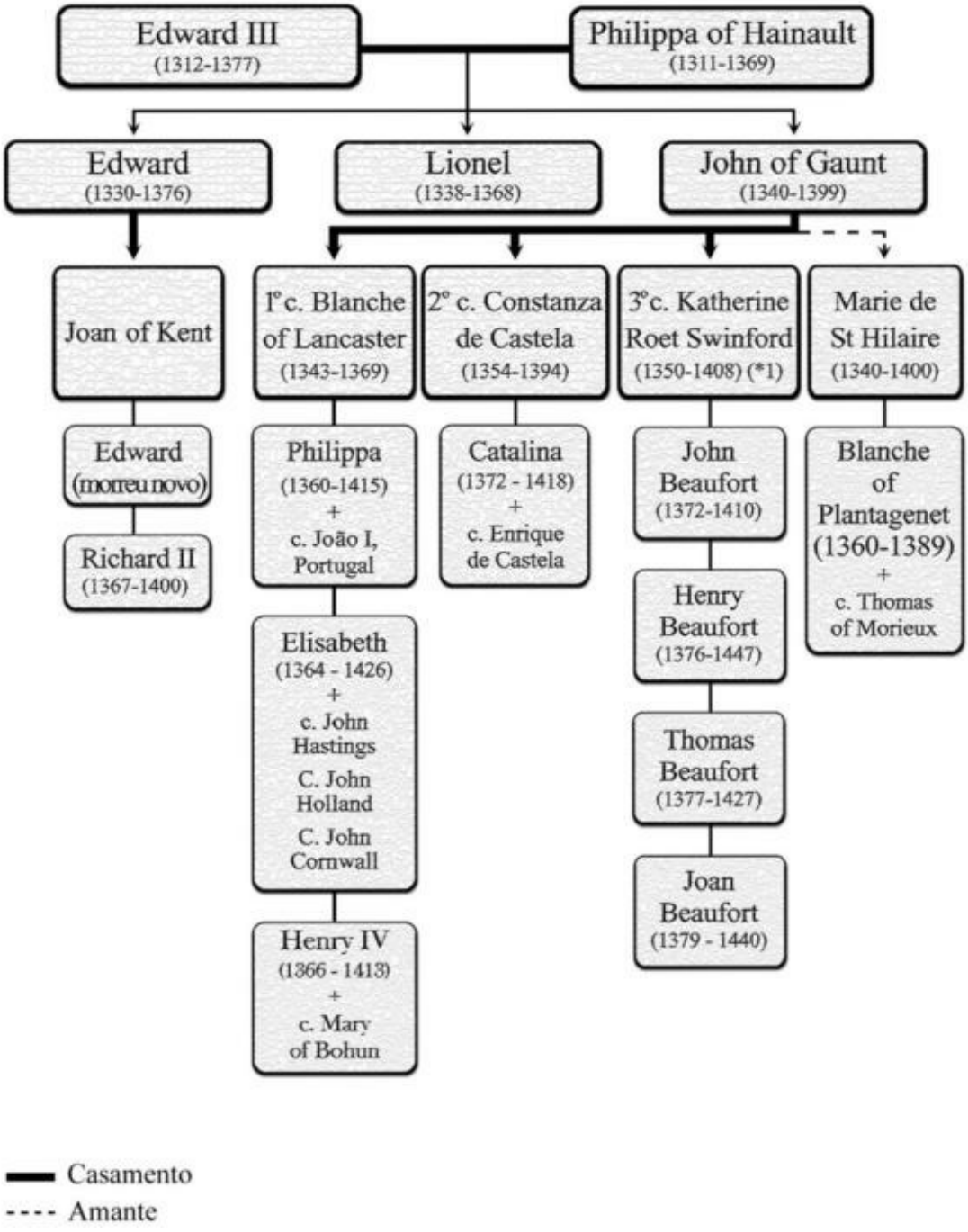
a cidade do Porto para aclamar carinhosamente D. Filipa de L

encastre, Rainha de Portugal. Num romance baseado numa i nvestigação histórica cuidada, Isabel Stilwell conta-nos a vida de uma d

as mais importantes rainhas de Portugal. Desde a sua infância em I nglaterra, onde conhecemos a corte do século XIV, à sua chegada de b arco a Portugal onde somos levados numa vertigem de sentimentos e afectos, aventuras e intrigas.

«O meu destino, escrevo-o eu!»

(1360 - 1386)



Casa de Plantagenet

* 1 Já era máe de Blanchet (n.1366), e de Thomas (n.1368)

P

Burford Castle, 20 de Maio de 1364

,hilippa náo conseguía adormecer. Naquela cama grande que lhe era estranha, estava frio, os lencóis húmidos, e nem as mantas de peles com que a ama a enfaixara como se fosse um bebé, lhe traziam o calor necessário para permitir que o sono a tomasse. Esta cama do castelo de Burford náo era a sua, e hoje, ainda por cima, faltava-lhe o corpo quente da ama, Maud, que a pretexto de adormecer a sua menina acabava sempre por passar a noite abrasada a ela. Há quatro anos que era assim, desde que com segundos de vida no último dia de Abril tinha sido posta ao seu peito, a que se agarrara com uma sofreguidáo imensa, como ainda hoje se prendia a qualquer colo que a acolhesse.

Philippa gostava da noite. Gostava dos rituais que marcavam as horas do fim do dia, e se repetiam, imutáveis, indiferentes ao facto de terem como cenário os luxuosos aposentos do Savoy em Londres, na ala dos Lancaster em Windsor, no aconchego de Kenilworth, nas torres de Bolingbroke, ou como agora, no castelo dos primos, em Burford. Philippa nem sequer se perguntava por que andavam sempre com a casa ás costas, nem lhe passaria pela cabeca indagar por que é que o pai, John, ou o avó, Edward, náo pareciam capazes de assentar arraiais onde quer que fosse. Mas Maud, nascida e criada em Leiscester, de onde só saíra aos dezasseis anos, depois do desgosto de ver o seu filho morrer-lhe nos bracos, para entrar ao servico como ama-de-leite da princesa Philippa, achava tudo aquilo excentricidades de loucos, e consolava-se, tanto como a sua princezinha, com a organizacáo e disciplina que impunha no seu território: os aposentos da primogénita.

Para Philippa estes hábitos certos davam-lhe a seguranca de sentir que se tudo mudava lá fora, tudo permanecia igual cá dentro, desde que Maud, e sobretudo a máe, estivessem por perto.

As criadas que a serviam arrastavam dos fogóes da cozinha para o quarto de brinquedos, baldes de água quente para encherem a grande tina de madeira polida. Maud enfiava-a na agua e ensaboava-a devagarinho, enquanto lhe contava as últimas novidades do dia, ou esquecendo-a, tagarelava com as criadas. Depois tirava-a do banho - era

táo delicada que a ama continuava a pegar-lhe como se fosse um bebé - e enrolava-a em toalhas de linho, sentando-a num pouf de carneira frente á lareira, que estava sempre acesa mesmo nestes dias em que a Primavera já tomava conta

das árvores, enchendo-as de folhas verde-alface.

Os cabelos de Philippa eram cor de trigo, mas lisos e batos, sem qualquer sombra de grata, e mesmo os caracóis que em bebé lhe tinham rodeado a cara magra e estreita haviam desaparecido há muito. Maud embebía-os em leite de cabra, para que Philippa náo lhe furasse os tímpanos com guinchos sempre que a escova se prendía ao penteá-los. A ama gostava de os deixar soltos, e em cada madeixa de cabelo revivia as doencas que a tinham deixado alerta noite e dia á cabeceira daquela crianca sempre frágil e enfermita, a ansiedade que lhe causava a timidez da menina, que preferia manter-se agarrada ás suas saias a brincar com as primas, sobretudo quando toda a família se reunia.

E enquanto Maud invariavelmente pensava no passado, Philippa olhava o fogo e procurava encontrar o futuro nas formas das labaredas. O futuro próximo, que se resumia a um só desejo: que a mae viesse rezar com ela as oracóes da noite, lhe passasse as máos pelos cabelos, e entalando os cobertores á sua volta, lhe fizesse por fim uma pequena cruz na testa, a cruz que a protegería dos fantasmas da noite e a encomendaría a Deus Nosso Senhor, até que o sol voltasse a nascer. .

As orelhas de Philippa quase cresciam nesse desejo de ouvir o menor sinal, o menor ruído: os camareiros a abrir as portas, as criadas numa roda viva, os saltos da máe nos degraus das escadas, a porta da nursery a ranger, as argolas da cortina de tapecaria que tapava a pequena porta, sob o arco de pedra, a deslizarem no varáo para um dos lados, deixando entrever a máe, os seus cabelos loiros brilhantes presos numa tranca imensa em redor da cabeca, coberta por uma rede de pequenas pérolas e brilhantes.

Philippa dava voltas e voltas na cama. Já se destapara e voltara a tapar, já chamara pela ama, mas sem obter resposta, já martelara as almofadas para lhes fazer um ninho para a cabeca, mas náo conseguia adormecer.

Hoje olhara para o fogo como sempre e fizera figas atrás das costas:

- Philippa, deixe-se dessas heresias, menina, reze aos santos se quer favores, náo me cruze os dedos como se fosse uma miúda da rua - dizia-lhe Maud quando a apanhava de dedinhos minúsculos torcidos com forra, escondidos do seu olhar.



Fizera figas com mais forra do que o costume e espevitara os ouvidos como nunca, mas náo lhe chegaram nem sons de portas a ranger, nem táo-pouco o toc-toc das polainas da máe nos degraus do torreáo, nem muito menos a cortina a deslizar. Hoje a máe náo viera e a ama Maud náo respondera ás perguntas com que a metralhara ao jantar.

- Coma, princesa, náo faca essas bolas na boca, que náo tem sorte nenhuma, há-de comer tudo ou náo me chame en Maud de Leiscester, uma terra temente de Deus. Farta de a velar á beira da cama estou eu, e náo quero a sua máe a chamar-me a atencáo. Coma, que se náo comer, amanhá ainda aqui está, e o fogo apaga-se e a menina tirita de frio que náo son en que a meto na cama.

Lomera depressa, só ela sabia com quanto custo fizera passar na garganta aquele pedaco de vianda, e aqueles legumes cozidos, bebera a taca de cidra quente, dobrara o guardanapo no tabuleiro imenso, tudo para que quando a máe chegasse os criados já tivessem levado as memórias do detestável jantar, e no quarto de brinquedos estivesse só ela e a lareira. A cortina cedería por fim, a máe entraria com o seu sorriso quente, e viria sentar-se no banquinho de flores bordadas a petit-point, chegando-o para mais perto da filha. E depois de lhe perguntar pelas brincadeiras e pelas oracóes, estenderia as suas máos finas cor de pérola e deixaria que a palma da máo passasse suave entre os cabelos soltos que Maud desembaracara, e Philippa sentir-se-ia a pessoa mais feliz do universo. Fizera tudo certo, tudo bem feito, mas a máe náo chegara.

Philippa sabia que náo era táo bonita como a máe, Blanche of Lancaster.

Herdara dela o cabelo loiro e os seus olhos cor de mar, mas as feicóes, diziam os criados, as aias, as damas e toda a gente com quem se cruzava, eram os da Casa dos Plantagenet, a casa real inglesa, ou seja, as do pai: o nariz comprido e afiado, as macás do rosto salientes, os olhos pequenos, um pouco perdidos em arcadas fundas, a boca marcada, no caso do pai, muito marcada e sensual.

- Mas ninguém pode ser táo bonita como a minha máe, porque toda a gente diz que a minha máe é a mulher mais bonita de Inglaterra. Chaucer até diz que ela é mais bonita do que a rainha-avó, e a Maud garante que, só por dizer uma coisa dessas, o homem pode ficar sem cabeca! - consolava-

se a si mesma vezes e vezes sem conta.

Porque náo era só a beleza de Blanche que apaixonava os cavaleiros e os poetas da corte, fazendo correr a sua fama na boca do poyo. Blanche tinha uma suavidade imensa, uma serenidade que aparentemente nada abalava, uma forma de captar o olhar que se cruzava com o seu e de o reter, deixando o interlocutor entontecido como que subitamente promovido a alguém muito especial. A máe mantinha presa a si a atencáo do pai, John, e Philippa já ouvira vezes sem conta as damas a murmurar que «reter o coracáo do duque» era uma tarefa impossível para qualquer outra mulher, pelo menos da forma permanente e indelével como ela o fizera. Gostava de as ouvir falar assim dos seus pais. Divertia-se a passear silenciosamente entre as tias, as damas e as camareiras, com a consciéncia perfeita de que os adultos nunca se lembram de que as criancas tém ouvidos.

Quando repetia a Maud o que escutara, a ama abanava a cabeca, zangada, e vociferava:

- Quanto mais cabeleiras e chapéus usam na cabeca, menos lá tém dentro! Então náo sabem que os duendes pequenos sáo aqueles que tém as orelhas mais compridas?

Numa família de segredos e traicóes, Maud temia que um dia a sua pequenina Philippa ouvisse alguma coisa que a pudesse magoar. Maud vivia há tempo suficiente naquela casa, naquela corte, para saber aquilo de que as pessoas eram capazes! Mesmo quando tinham perfeita consciéncia de que podiam estilhacar o coracáo de uma crianca táo inocente como a sua menina. Mesmo quando o que estava em causa era o seu pai.

Decididamente a fé de Maud na lealdade da humanidade já náo era forte, mas esmorecia de vez quando se tratava da metade descendente de Adáo.

E desaparecia por completo quando o homem era John of Gaunt.

Philippa de repente teve uma ideia: saiu da cama como uma flecha e voltou para dentro dos cobertores com a mesma rapidez, um espelho de tartaruga na máo. A luz da lareira e das velas que ardiam em redor do seu quarto circular, ou náo fosse o maior e o mais alto daquela torre, olhou para a sua imagem reflectida no espelho que a madrinha de baptismo lhe dera e que fazia parte do cortejo de objectos que a seguiam por onde fosse.

- Algum dia vou ser parecida com a minha máe? - perguntava de vez em quando a Maud. A ama estava sempre preparada para a pergunta:

- A menina já é linda e va¡ ser linda como a sua máe, se comer a sopa toda e deixar que essas bochechas ganhem carne e os seus cabelos se tornem mais fortes, com a forra que lhe vem da fruta - respondia, devolvendo-lhe invariavelmente a macó que ficara intacta, apenas com uma marca dos seus dentes pequeninos.

E Philippa prometia a si mesma devorar tudo o que viesse nos pratos e nas malgas de estanho.

Mas hoje Maud náo respondia quando a chamava. E o espelho parecia hesitante em responder-lhe com a mesma certeza da sua ama. Philippa disse alto, falando sozinha:

- Quando me levarem á sala num dia de festa, uma daquelas amigas da máe val dizer, julgando que náo oico, «ai, vé-se mesmo que aquela é a filha mais velha de Blanche, é igualzinha a ela»!

O som da sua própria voz e a imitacáo que fizera da dama afectada, deram-lhe vontade de rir, aquele riso em que só os mais próximos sabem detectar uma gota de amargura: nunca seria como a máe, porque náo havia ninguém como ela, nem sequer naquele reino longínquo de Castela de que o pai voltava sempre com um sorriso largo e a pele tisnada pelo sol.

Por pensar nele, lembrou-se. O pai hoje estava em casa. Quando, naquela tarde, ajudava Maud a dobar lá na sua salinha, tinha ouvido as trombetas soar, sinal de que o senhor da terra e daquela casa estava a chegar.

Atirara ao ar o novelo e correra para a janela, e só náo tinha sido repreendida por um gesto táo impulsivo porque Maud fizera o mesmo.

Ao ver o séquito aproximar-se a galope, e os portóes a abrirem-se de par em par, Philippa sentia que lhe faltava o ar - todos vestiam as mesmas capas vermelhas e no ombro esquerdo ressaltava a rosa encarnada dos Lancaster, que tinha o condáo de a comover sempre.

Atravessara a sala a correr, em direccáo ao patamar de onde partiam as escadas de caracol, desceu-as o mais depressa que póde, a saia presa numa das máos a

outra no corrimáo para náo cair, até chegar ao varandim da escadaria de onde podia ver a entrada principal. Sentou-se, ofe gante: náo quería perder nada. Procurou a máe, como ponto de referéncia, direita e sorridente no topo da escadaria, como estava sempre que o pai chegava a casa. Mas desta vez náo viu ninguém. E o pai nem se deteve

surpreendido, entrando pela galeria em passo de corrida. O ruído das suas botas cardadas náo conseguía abafar totalmente um som distante e indistinto, que a Philippa pareceram gemidos.

Subitamente uma máo segurou-a com forra pela gola do vestido:

- O que é que a menina Philippa acha que faz aqui? - Era Maud. Philippa agarrou-se a ela com todas as forras que tinha, desesperada por acalmar a ansiedade que crescia dentro de si, e perguntou numa voz que procurou manter firme:

- Maud, por que é que a minha máe náo estava á espera do meu pai?

Maud fugiu-lhe com os olhos, mas a voz náo denunciava nada:

- Porque hoje tem coisas mais importantes a fazer!

Philippa sossegou, mas mesmo assim fez figas quando ao fim da tarde olhou a lareira e esperou que os compromissos da máe estivessem resolvidos antes da hora de lhe vir dar um bello de boas noites. Mas pelos vistos as suas figas idiotas náo serviam de nada. Até a ama lhe dera o banho e o jantar a despachar, para desaparecer também. .

- Maud - gritou mais uma vez. Mas de Maud, nada.

Philippa estava farta de estar ali deitada. Se nem Maud respondia, e a máe náo aparecia, ninguém podia zangar-se com ela por sair da cama, pois náo? A camisa de noite de linho grosso náo era quente, mas Philippa cobriu-se com o manto forrado das viagens e ainda colocou por cima uma das mantas de pele que a ama lhe deixara sobre a cama. Pensou ir acordar uma das aias, porque náo conhecia muito bem este castelo, mas mudou de ideias. Havia de encontrar o caminho, seguindo as vozes e as tochas acesas.

Quando, á saída do quarto forrado de tapetes grossos, pós pela primeira vez os

pés nas lajes geladas, den um grito e um salto para trás, onde o calor do tapete a protegia. Voltou e procurou os chinelos que atirara algures para debaixo da cama. Enrolou-se de novo nas peles e saiu para o corredor - estranho, nem uma criada a cuidar das lareiras, nem uma aia entretida com um bordado por acabar, decididamente esta noite náo era como as outras.

Uma noite estranha que lhe fazia lembrar uma outra, já há muito tempo, em que deixara de ver a máe por uns dias, para depois ser levada ao seu quarto, onde deitada e muito pálida, Blanche se agarrara a ela num siléncio profundo e magoado. Philippa era pequenina, mas mesmo entáo tivera a certeza de que se a máe náo fosse a duquesa de Lancaster, casada com o

terceiro filho do re¡ de Inglaterra, se náo tivesse sido educada para esconder as lágrimas, teria chorado e solucado. Nesse dia em que a máe a segurara táo perto de si, o medalháo que tinha sempre ao pescoco a rotar-lhe no cabelo, Philippa pressentira nela uma enorme tristeza, que náo conseguira partilhar, tal a felicidade de se ver estreitada nos seus bracos e, surpresa das surpresas, autorizada a esgueirar-se para dentro dos seus lencóis ficando ali táo imóvel e quieta quanto conseguia.

- Se náo respirar - pensara a princezinha -, nem a máe, nem ninguém, se vai lembrar de que aqui estou. Se náo me virem, váo deixar-me aqui para sempre, e para sempre, e para sempre. .

Mas estragaram-lhe os sonhos. Philippa ficara a odiar a camareira que dera por ela e, com um grito de horror, a arrancara do calor da cama da máe e a devolvera, esperneando de fúria, a uma ama, um bocadinho enciumada:

- O raio da gaiata, sempre colada á máe. Que é máe, é certo, mas foi do meu leite que bebeu - murmurava Maud enciumada para si mesma, para logo se envergonhar.

Quando a retiraram do quarto que o pós-parto obrigava a ser mergulhado na mais completa escuridáo, Philippa ficou cega pelo cintilar das tochas. Táo cega que náo reconheceu imediatamente aquele homem no canto, com os ombros descaídos em desánimo. Como podia ser o seu pai, sempre táo direito, e táo forte, de gargalhada sempre pronta?

Lembrava-se de ter perguntado: O que é que acontecen ao meu pai e á minha máe? Váo morrer? A minha máe vai morrer?

Falar de concepcóes, gravidez e partos, do período em que uma mulher tem de combater a impureza fechada num quarto longe de todos, até que o sangue pare de correr, náo eram conversas para ter com criancas, que viam chegar os irmáos ao quarto de brinquedos como se a cegonha os tivesse trazido. Mas Maud teve pena da aflicáo da princesa:

- O bebé que a senhora duquesa trazia na barriga, morreu ao nascer, paz á sua alma - disse benzendo-se.

E a crianca percebeu que, tragédia das tragédias, o irmáo era um rapaz, John of Plantagenet, herdeiro do ducado de Lancaster, o herdeiro táo esperado. Respirara ainda uns segundos, para se ficar nos bracos da parteira, cuja sabedoria de anos náo fora suficiente para o salvar.

Nessa outra noite quase esquecida, Philippa tinha sonhado com duelos e



espadas, como via nos torneios, e imaginara-se a trespassar o coracáo de um menino loiro como a máe, a quem todos faziam uma vénia. Esquecidos dela. Dela, que nascera antes dele. .

Assaltada por tantas memórias, Philippa abanou o cabelo solto e tentou afastá-lo para longe. Agora o importante era encontrar o caminho por entre estes corredores labirínticos e gelados de Burford. Foi seguindo o ruído das vozes de uma corte privada, que preferia, sem dúvida, o barulho ao siléncio. Espreitou por detrás dos reposteiros para o saláo nobre de mesas corridas, onde o ruído das facas contra os pratos de estanho era ensurdecedor, e o levantar das canecas entre o clamor de saudacóes, tornava impossível perceber sequer o que se celebrava. Mas as cadeiras no topo da mesa estavam vazias. O seu veludo carmim ressaltava a auséncia do pai e da máe. Nem Blanche nem John presidiam a este jantar e Philippa náo sabia onde encontrá-los.

Gelada, hesitava sobre o que fazer a seguir quando viu Maud passar apressada, um tabuleiro de vime com roupas dobradas nas máos, e uma pressa nos pés que era raro ver-lhe. Philippa seguiu-a. Escondendo-se atrás das colunas e das estatuetas, conseguiu, sem saber bem como, esgueirar-se pela porta entreaberta para dentro do quarto onde a ama Maud entrara também. O fogo ardia forte na lareira de pedra e desta vez o pai náo era uma sombra descaída e triste, mas um

homem aparentemente satisfeito, que sem grandes exuberáncias comemorava qualquer coisa com os seus amigos mais próximos. E foi um deles que, rindo, apontou para uma Philippa de cabelos desgrenhados, a cara pálida e estreita, uma Plantagenet sem tirar nem pór e exclamou:

- Sir John, a princesa Philippa veio dar as boas-vindas á nova irmá!

John virou-se na direccáo do dedo apontado, e os seus olhos encontraram a filha, embrulhada em peles, o rosto de quem náo sabe se deve fugir ou ficar. Uma das suas gargalhadas fortes, daquelas que lhe vinham da alma, encheu o quarto, e estendendo os bracos, prendeu-a e atirou-a ao ar, rindo: «Princesa, tens o coracáo forte e a forra dos leóes dos Plantagenet, para andares por al nos corredores frios e escuros, completamente sozinha!»

E a princesa sentiu que, afinal, náo quería ser parecida com a máe, mas

forte e determinada como o pai, para que ele se orgulhasse sem pre dela.

Quería que John náo se importasse, nem um bocadinho, que o John pequenino tivesse morrido, porque seria ela a herdeira que o pai desejara, a forra onde poderia depositar a sua confianca.

Naquela noite, nascera Elisabeth, e o seu nascimento parecia-lhe merecer uma grande celebracáo.

- Uf, pensou com alívio - esta náo vem ocupar o meu lugar -, é só mais uma rapariga, e logo a segunda, para quem o pai nem val olhar.

Quando Maud a levava de regresso aos lencóis, depois de a máe lhe ter dado um beijo rápido, deixando-a espreitar a irmá a chuchar no peito de uma ama-de-leite, Philippa adormecen nos seus bracos, pelo caminho. E

dormiu a noite toda, sem pesadelos nem coracóes trespassados por espadas. Esses viriam depois.

N

Burford Castle. Na resma noite

aquela mesma noite John of Gaunt sentiu-se ainda obrigado a passar pelo Great Hall onde os cavaleiros, os escudeiros e as damas de Blanche já dancavam e cantavam aos som dos jograis em celebracáo do nascimento de mais uma princesa. Todos imaginavam o desgosto do pai e a angústia da máe, que náo conseguía produzir o varáo que herdaria o título, os castelos, a terra e a história da família, tudo o que tornava cada um dos seus antepassados imortais. Mas ainda eram novos. Sobrava-lhes tempo, e a morte de um bebé e um período de infertilidade que se lhe seguira era mais do que comum, sobretudo quando o homem da casa passava mais tempo nos campos de batalha do que no leito da mulher.

Nao havia, pois, razóes para que a cerveja nao corresse das pipas e as canecas se levantassem em saudacóes. John gostava de estar rodeado de gente, e era susceptível á lisonja. Sabia ser o mais bonito dos seus irmáos, o favorito do pai, capaz de comandar exércitos desde que fora armado cavaleiro aos dez anos e entrara na primeira batalha ainda nem dezasseis tinha, mas quando nao se sentia observado descia sobre o seu rosto uma profunda melancolía. John beben á saúde de Blanche, de Philippa, da recém-nascida Elisabeth, e beben com fervor ao futuro.

E depois fugiu, trancando com forra a porta principal dos seus aposentos. Quando o camareiro finalmente o deixou sozinho, com uma caneca de cidra quente, sentou-se frente á lareira e deixou-se levar pelos pensamentos. John, Duque de Lancaster, Earl of Richmond e Derby, de Lincoln e Leicester, terceiro filho vivo do reí Edward III e Philippa of Hainault. John of Gaunt, por ter nascido numa abadia em Ghent, na Flandres, casado com a mulher mais bonita e rica de Inglaterra, pai de Philippa e agora de Elisabeth e de uns tantos bastardos, alguns dos quais nem se lembrava dos nomes. Que mais precisava ele para que aquela insatisfacáo doentia o largasse de vez? De um varáo, como insinuava a sua máe, cada vez mais doente e confinada á cama no castelo de Windsor? A sua boca carnuda e sedutora torceu-se num sorriso sardónico: um filho que, como ele, também seria rico, mas distante do poder, e do comando da nacáo, sujeito ás ordens e aos caprichos de primos, esses, sim, com direito

á coroa? Decididamente John quería ardentemente um filho, mas estava lúcido: nenhuma crianca, macho ou fémea, o libertaria daquela ambicáo de mandar, de poder, de ser capaz de vergar os inimigos á coroa de Inglaterra, de determinar a estratégia que tornaría possível aumentar o império até onde um exército sob o seu comando fosse capaz de o levar.

Mas John náo pretendia conspirar contra o seu irmáo mais velho, nem sequer contra o que lhe vinha a seguir, e muito menos trair os legítimos direitos dos seus sobrinhos, por isso tinha de procurar o seu reino mais longe.

E sempre que dizia «mais longe», recordava-se de Castela, que vira pela primeira vez aos dez anos e que o atraíra de forma inexplicável, primeiro pelas suas montanhas, depois pelas suas planícies áridas, pelas suas mulheres de cabelos escuros e olhos de azeviche, e de uma alegria contagiante.

John sabia que era um homem de sorte. As cabecas viravam-se sempre que passava, e mesmo no saláo nobre do castelo de Windsor, quando entrava fazia-se um siléncio entre cavaleiros e cortesáos, e até entre os irmáos. John sorriu mais uma vez: fazia sempre questáo em chegar tarde.

Sabia-lhe a mel o siléncio sepulcral que caía sobre o ruído das vozes, á medida que percorria lentamente a sala até chegar próximo dos lugares que lhe estavam reservados no topo da mesa. As damas da corte náo tiravam os olhos da sua magnífica túnica vermelha-viva e azul-petróleo, debruada com as flores de lis de Franca e os leóes de Inglaterra - símbolos que o seu pai colocara numa nova bandeira, em sinal da sua pretensáo ao trono do país vizinho. O cinto da espada, de ouro incandescente, pendia-lhe da cintura, preso pela rosa rubí dos Lancaster. A capa caía-lhe pelas costas estreitas, mas musculadas, presa sob o queixo, de barba rala, por um medalháo com as insígnias da família que herdara por casamento.

A cabeceira da mesa o pai, cada dia mais envelhecido mas preso com garra ao poder, via-o aproximar-se com um orgulho imenso, e interrompia imediatamente fosse que conversa fosse, para o saudar:

- John, senta-te aqui mais perto e conta-me o que se passa no mundo -

dizia estendendo-lhe a máo.

John tinha, uma e outra vez, o supremo prazer de obrigar Edward, o pretendente, ou Lionel, o segundo na linha de sucessáo, a levantarem-se da cadeira para lhe darem o lugar. Melhor ainda, sem lhe poderem virar costas, presos nas informacóes que trazia da frente daquela guerra que

nunca mais tinha fim. E embora a cara náo deixasse transparecer presuncáo ou arrogáncia - sabia bem que quanto menos inimigos se fizerem mais fácil é a

vida, sobretudo na hora da batalha, ou de angariar dinheiro para a financiar -, o coracáo inchava-se-lhe de satisfacáo pelo facto de toda a corte ter escutado o rei seu pai a pedir-lhe conselho.

John possuía outro trunfo: mesmo aqueles que náo gostavam da sua pose, invejavam-no, porque era um soldado de primeira, porque era bonito, porque era rico, porque conseguira casar com Blanche.

John aticou as brasas da lareira e recordou o dia em que, aos dezanove anos, conhecera a herdeira única do duque de Lancaster, um dos mais notáveis do reino, morto pela peste-negra. O céu estava azul e mandaram-no procurá-la no jardim das rosas, no Savoy, o palácio de Londres dos Lancaster, o mais imponente da cidade, com os seus pátios virados para o Tamisa. Vira-a primeiro de costas, a rir entre amigas, e quando a chamou suavemente e ela se voltou para o fitar, ficou sem voz. Os cabelos louros num halo em redor da cara de porcelana, os olhos azuis intensos, atraíram-no irresistivelmente. O guerreiro sabido, cavaleiro com todos os troféus, seguro de que as mulheres já náo tinham para ele quaisquer segredos, ficou embasbacado, sentindo-se táo miúdo e táo estúpido, que só teve vontade de fugir.

- John of Gaunt com um ataque de timidez? - sussurrara-lhe ao ouvido o seu irmáo Edward, enquanto o empurrava para a frente.

E foi al que ouviu pela primeira vez a sua voz, sem ironia, nem trota, nem vaidade:

- John of Gaunt, quer ver os peixes vermelhos do lago? - tinha dito ela, a frase inocente, dando-lhe tempo de recompor a compostura.

Nem Blanche nem John tinham sido educados para a utopia de que o amor preside ou sequer faz parte de um casamento, e por isso nem um nem outro teria Picado amargurado se entre eles se tivesse estabelecido apenas uma ligacáo serena e convencional. Mas John tinha um temperamento demasiado apaixonado para gostar de meias tintas; no amor, como em tudo, era de «ou val ou racha». Sentiu por Blanche, então com dezasseis anos, uma adoracáo profunda e quase infantil, uma veneracáo que foi crescendo, justificada pela forma doce como ela sempre estivera ao seu lado, sem nunca confrontar directamente as suas decisóes, mas sem ceder nas suas próprias conviccóes. Venerava-a pela generosidade de nunca ter usado a imensa riqueza que lhe trouxera para

o achincalhar ou manipular. Casaram nesse mesuro ano, com pompa e circunstáncia, como os seus respectivos estatutos o exigiam, na catedral de Redding. Puxando do cordáo que tinha ao pescoco, olhou a data gravada na medalha: 13 de Malo de 1359.

John beben mais um golo de cidra e recordou, com uma certa vaidade, como Blanche ficara logo grávida de Philippa. Orgulho que então disfarcara com vergonha: escondera, como pudera, o nascimento no mesuro ano da filha de Marie de St Hilaire, a dama de companhia da sua própria máe, mais velha do que ele uns anos. A crianca a quem, contra a sua vontade, tinha sido dado em baptismo o nome de. . Blanche, o nome da sua legítima esposa. Justificara a si próprio que a gravidez acontecera antes do casamento e náo era portanto nada que maculasse o seu amor pela duquesa.

Mesuro que alguma dama maldizente lhe contasse tudo, a mulher nascida e criada na corte saberia certamente que estas coisas eram mesuro assim. . Encolheu os ombros. Estava a ficar um sentimental. Toda a gente sabia que desde que os bastardos nunca pusessem em risco o património dos legítimos, náo havia razáo nenhuma para protestos ou birras. Mas no fundo sentia, e isso incomodava-o, que por muito que ela nunca o recriminasse, lhe custara certamente tomar conhecimento de que Philippa tinha uma meia-irmá exactamente da mesura idade.

Mas John náo tinha inseguranças quanto á dedicacáo da mulher, apesar de por vezes lhe apetecer dar um murro na cara daqueles pinga-amores que a perseguiam. Como o seu vassalo, Geoffrey Chaucer, que lhe era táo útil nas missóes diplomáticas e a quem pagaya para escrever versos mas que estava - via-se a milhas - perdidamente apaixonado por Blanche, paixáo que afogava em poemas melosos. Onde, ainda por cima, estava implícita a crítica de que o marido náo a merecia.

Adiante, que a noite la longa, e John náo se quería irritar. Serviu-se de mais uma caneca de cidra, já mais morna do que quente, e bebeu-a de um golo. Sim, Blanche náo era tola. Quem o conhecesse bem, como ela conhecia, percebia que nem mulheres, nem filhos, nem sequer um varáo, chegariam alguma vez para desfazer aquela inquie tude interior, aquele insaciável desejo de atencáo e poder. Tinha apenas 24 anos, a maioria deles passados em batalhas contra a Franca junto do seu irmáo mais velho, o Príncipe Negro, ou mesmo substituindo-o á frente dos exércitos, e agora a verdade é que sentia novamente vontade de partir,

de voltar a vestir o

elmo e a armadura, de empunhar a espada. Era preciso convencer o Parlamento a aumentar os impostos e a angariar mais dinheiro, era preciso convencer o pai e os irmáos da importáncia da guerra, era preciso fazer com que aqueles franceses engolissem a sobranceria. Era preciso manter a Aquitánia inglesa. Era preciso reconquistar as terras perdidas. E Castela.

Sobretudo era preciso chegar a Castela.

J

Entre Burford e Bolingbroke, 30 de Maio de 1364

ohn assistira á cerimónia de baptismo de Elisabeth, mas encontrara rapidamente um pretexto para partir. Detestava estar preso no mesmo sítio, e aquele ambiente de cueiros e amas náo era decididamente o seu.

A duquesa acompanhara-o ao cavalo e Philippa corara até á raiz dos cabelos quando vira a máe beijá-lo ardentemente na boca, desejando o seu regresso rápido. Náo imaginava que Blanche ousara aquele gesto, por ciúmes, nem entendera por que é que uma das damas dera uma cotovelada a outra e sussurrara:

- A pobre duquesa deve achar que mais vale o marido andar distraído com a guerra do que com aquela Marie e a sua filha.

Quanto ás lágrimas que saltavam dos olhos da máe interpretara-as como parte da despedida. Afinal, se a sua mummy se fosse embora, também choraria e muito, pensou.

Depois náo teve tempo para mais nada. A máe foi acometida de uma das suas fúrias de actividade, e decidiu que quanto mais depressa saíssem todos dali, melhor.

E todos eram «muitos, muitos, náo eram?», perguntou a princesa a Maud, enquanto arrumava os brinquedos na arca de viagem.

- Mais de trezentas pessoas tem esta corte do seu pai - respondeu-lhe a ama, contendo-se para náo comentar que aquilo é que era vida, comer e beber á custa dos senhores, sem mexer uma palha.

Philippa sabia que a máe náo gostava de Burford, onde fora «apanhada»

pela iminéncia do parto. Blanche dissera-lhe vezes sem conta que quería partir dali e chegar depressa ao seu castelo preferido, Bolingbroke, longe da corte e dos mexericos. Bolingbroke, o castelo onde a máe nascera e crescera, e passara uma infáncia feliz com os pais e a única irmá.

- Sabes, Philippa, foi ali que en e o pai vivemos os primeiros tempos de casados - dizia sempre. Para depois continuar a falar da planície verde, das árvores frondosas, dos portões de madeira que se abriam sobre os campos onde os faisões e as raposas se viam á luz do dia, onde o chilrear dos



pássaros se misturava num siléncio e numa paz que náo encontrava em nenhum outro lugar.

Já ouvira a descricáo dezenas de vezes, e admirava-se sempre que a máe se esquecesse de que estava farta de lá ficar desde bebé, mas náo dizia nada. Era táo bom ver Blanche feliz, e aquelas viagens ao passado pareciam deixá-la mais leve. Por isso Philippa encolhia os ombros, e concluía que a máe a achava demasiado nova para ter memórias.

Os últimos dias tinham sido de confusáo total, como acontecia sempre antes das partidas. Como era possível acumular tanta tralha, por que tinham de levar camas e colchões, panelas e tachos, de um castelo para outro? Maud mandava-a deixar as perguntas, e tratar de indicar á criada de quarto o que quería levar.

A verdade é que quando se viu numa carruagem, ao lado da máe, nem quis acreditar. Os homens partiam a cavalo, as damas, as amas, as aias e os criados, numa enorme caravana de carrocas protegidos pelas armas dos Lancaster pintadas nos arreios das montadas e até nos tectos das carruagens. Philippa lembrava-se de o pai lhe dizer que ninguém quería sarilhos com a Casa de Lancaster, mesmo quando, como acontecia agora, os mendigos bordejavam a estrada e os salteadores se reuniam em grupos. A peste matara tantos, que os

campos estavam abandonados sem ninguém para os trabalhar, os muros divisórios chelos de brechas, as pedras desalinhadas, e com a doenca e a morte chegara também a fome. O reí tivera de proclamar uma leí que impedía que os sobreviventes exigissem honorários acima daqueles que recebiam antes da peste, e que castigava os senhores que para roubar máo-de-obra aos vizinhos se oferecessem para lhes pagar mais. Ouvira o padre dizé-lo na missa. Como contara que famílias inteiras tinham sido dizimadas. Philippa assustara-se quando o reverendo, lá do altar, garantira que era preciso rezar, e rezar muito, porque Deus estava zangado e se a oracáo náo afastasse a sua ira, os ingleses receberiam o mesmo tratamento que «os do continente», que morriam que nem tordos. A doenca, que náo poupava ricos nem pobres, virara do avesso as certezas dos senhores, e aticava a raiva daqueles que sem ter que comer, viam aqueles que lhes cobravam impostos cada vez mais altos a esbanjar e a alimentar guerras que náo lhes diziam nada.

Mas a máe parecía distante das rebelióes de que ouvia os cavaleiros e os soldados falar, e se a máe náo se preocupava era porque Philippa também náo tinha razóes para o fazer. Blanche bem repetia que só lhe importava agora proteger as filhas, terminar rapidamente esta viagem longa e chela de pó, e que as levava praticamente de uma costa do país á outra.

Philippa fora-se, entretanto, deixando dormir, embalada pelo movimento da carruagem, a máo da máe a passar-lhe suavemente pelos cabelos.

Blanche olhou-a de relance, e convencida de que já náo a escutava, come~ou a falar abertamente com as suas duas aias e melhores amigas, sentadas no banco da frente. Era raro deixar que a língua se soltasse, e mais raro ainda dizer o que lhe la na alma, mas naquele dia falou pelos cotovelos.

Era mesmo em Bolingbroke, longe da cidade com as suas doencas e as suas revoltas iminentes, que desejava ver crescer Philippa e Elisabeth, pelo menos enquanto o pai estivesse fora do país e os sogros náo a chamassem aos salóes de Windsor, para refrescar a má-língua e ver os sobrinhos, cada ano mais crescidos.

A vida da corte náo a incomodava, os protocolos eram-lhe táo naturais que nem os considerava como tal. Náo imaginava sequer que as coisas pudessem ser feitas de outra forma. Mas sinceramente náo precisava da corte, e a sua inteligéncia permitia-lhe intuir facilmente que a ambicáo do marido, mais tarde ou mais cedo, daría lugar a rumores mentirosos e sórdidos. Náo quería, por

exemplo, que alguém alguma vez ousasse insinuar que desejava substituir a cunhada no trono de Inglaterra, quando John destronasse o irmáo. Mas sabia que o boato havia de correr. Como sabia, também, que no dia em que tivesse um filho homem, a acusariam dos planos mais vis para lhe garantir a coroa, nem que para isso fosse preciso conspirar contra a família.

Rapidamente a conversa se desviou para a rainha. As aias contavam-lhe que a sua pobre sogra era humilhada todos os dias por Alice de Parrers.

Diziam veladamente, mas Blanche entendia-as, que era a amante do rei seu sogro, que já nem cuidado tinha em disfarcar a sua relacáo com ela.

Enquanto isto a rainha Philippa, que sempre fora táo próxima do marido e lhe dera uma máo-cheia de filhos, gemia na cama, presa do reumático, da gota e, suspeitava a nora, da tristeza de se saber alvo da chacota daqueles que, pela frente, lhe traziam «por bem» os mexericos e as histórias do romance real, como que para espetar mais fundo o punhal, pedindo cm

troca favores, terras e dinheiro.

Já há um bom bocado que Philippa acordara, mas para náo perder a conversa mantinha os olhos fechados com forra. De repente um buraco mais fundo fez saltar a carruagem com tanta violéncia que a princesinha escorregou para o cháo e náo teve outro remédio senáo deixar a farsa de lado. Quando se voltou a sentar, a rebentar de curiosidade e indignacáo com o que ouvira, náo resistiu a perguntar:

- Máe, por que é que a avó Philippa náo manda embora a Alice?

Blanche sentiu um arrepio profundo correr-lhe pela espinha, e as aias entreolharam-se assustadas. Que estúpida fora cm falar assim, com a crianca ali ao lado. E agora, o que fazer? Como explicar a uma filha que desejava temente a Deus, que o adultério é pecado mortal, sem condenar aqueles que lhe eram próximos e a quem devia obediéncia cega: o avó, rei de Inglaterra, os tios, e até - e Blanche suspirou táo fundo que os olhos de Philippa se abriram de susto - o seu próprio pai?

- Náo nos compete julgar os actos dos outros, mas viver a nossa vida segundo o que a Santa Madre Igreja nos dita - responden, da forma mais imparcial e sensata que sabia, mas consciente de que aquela filha, na sua devocáo á Virgem e no seu

sentido de justita, teria sempre dificuldade em tolerar aqueles que se desviassem do «caminho». Puxou-a para mais perto de si, e continuou:

- Philippa, a vida das mulheres náo é fácil. E a das mulheres da corte também náo, náo facas como fazem, guarda as tuas opinióes para ti. Ter ideias diferentes daqueles que empunham a espada e a corda da forca, é perigoso. Mesmo para uma princesa, mesmo para uma princesa que náo passa de uma crianca tonta e coscuvilheira - disse, rindo para tentar que Philippa risse também, a máo estreitada na sua.

Mas Blanche estava atenta. Precisava de um pretexto rápido para acabar por aqui a conversa que nunca deveria ter acontecido. O choro estridente e furioso de Elisabeth, que seguia na outra carruagem com a ama de leite e as criadas, veio mesmo a calhar.

- A tua irmá tem uns pulmóes o dobro do tamanho dos teus. . náo nos faz mal nenhum descansar um bocadinho das suas birras, que aquilo é birra, náo tenho dúvida nenhuma.

- E en náo era assim? - perguntou Philippa, a voz pausada, sempre táo adulta e responsável para a idade.

- Tu, náo! En era muito nova quando nasceste, tive medo do parto, de me perder em sangue, que o Senhor me levasse. E a parteira de noite e de dia a dizer que eras um bebé grande, que ¡as levar tempo a nascer e depois a surpresa daquele 30 de Abril. Em poucas horas e quase sem dores, nasceste. Choramingaste, mas mal te puseram ao peito de Maud, sossegaste. Quando, depois de enfaixada, te deitaram ao meu lado, e olhei para a minha primeira filha, vi a tua cara muito serena e os teus olhos abertos virados para mim. Se¡ que me viste desde o primeiro minuto. .

- E vi, máe. Juro que vi. E vou vé-la sempre, todos os dias da minha vida -

responden Philippa. E num gesto de coragem acolheu-se no colo da máe, que a estreitou, e pegando-lhe nas máos, brincou com os seus dedinhos.

«Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa, este porquinho comen rosbife, este náo comen nada, e este disse "wee, wee, náo sei o caminho para casa"», e correndo com os dedos pelo braco acima, deixou Philippa ás gargalhadas, engasgada no riso aberto que lhe era táo raro. Philippa nunca mais

se esqueceria daquele dia.

H

Bolingbroke Castle, 20 de Julho de 1365

á quase um ano que estavam em Bolingbroke, e nem sequer tinham ido passar o Natal com os avós e os primos a Windsor, porque Elisabeth ainda bebé tinha adoecido, e logo depois ela, e a máe náo quisera arriscar-se a levá-las a lado nenhum. Sobretudo naquele Inverno táo invulgarmente frio. As damas queixavam-se da monotonia dos dias, mas a máe parecia contente, e se lhe pedissem a ela para ser sincera diría que tinha sido o tempo mais feliz de que se lembrava.

O isolamento em que viviam náo a angustiava nem um bocadinho, sobretudo desde que os pais tinham decidido contratar para a ensinar, freí John Tuttor. Um frade alto e espadaúdo, de barba dourada e cabelo ruivo, que chegara cheio de mapas e livros nas arcas, recomendado pelo confessor do pai, freí William Appleton.

Os criados receberam ordens de limpar os quartos de uma das quatro torres, um quarto para o professor e um outro para sala de estudo. O pai John ainda argumentara que Philippa, aos cinco anos, era muito pequena para ter aulas todos os dias, mas Blanche, que se orgulhava de ser uma das únicas mulheres da corte a saber ler e escrever fluentemente em latim e francés, fazia questáo de que a educacáo da filha fosse levada a sério.

Perante os argumentos da mulher, que jurava que outros tempos al vinham, John encolheu os ombros e freí John recebeu carta branca para dar início ás suas licóes.

Quem ficou mais do que contente foi o próprio frade, que encontrou no seu «gráo de areia branca», como lhe chamava, a aluna mais aplicada que alguma vez tinha tido. Sentava-se, aprumada, á secretária, e de pena, tinteiro e mata-borráo cumpria todas as tarefas que lhe dava. E pedia mais. .

Aos poucos freí John comecou a esquecer-se da idade da princesa e a falar com ela como se tivesse a sua idade e fosse capaz de compreender os conceitos

complicados da filosofia, da teologia, e os da ciéncia, evidentemente.

Com os dedos finos, Philippa procurava nos mapas os lugares que o

professor lhe indicava, e percorria os caminhos entre reinos, atravessava com eles oceanos e mares, encolhendo a máo guando o pergaminho terminava:

- O mundo acaba aqui? - perguntava.

E freí John, os olhos embaciados de emocáo, dizia sempre:

- Só Deus sabe!

E Philippa ficava em siléncio, para depois voltar á carga:

- E agora mostre-me onde é que o meu pai está. Aponte-me a Aquitánia, a Flandres, Castela.

E voltavam os dois ao planeta Terra. A Inglaterra, a Franca, á guerra interminável.

Apesar de andar pelo castelo em pezinhos de lá, de raras vezes ir ao Grande Saláo, isolado na sua torre, as coscuvilheiras da corte-residente depressa descobriram que nas noites de lua nova o frade subia ás ameias do castelo e observava as estrelas. Tomava notas num pequeno caderno e depois transcrevia-as para uns mapas do céu que estendia no cháo da salinha de estudo.

O seu gosto «por aquelas coisas que andam lá em cima», como diziam as damas, a forma como ensinava Philippa a orientar-se pelo céu, contagiou a crianca com a mesma paixáo. Blanche sentia-se ligeiramente desassossegada, quando a princesa lhe pedía para ficar acordada até mais tarde para subir ao telhado. Católica fervorosa, obediente ao Papa e a Roma, olhava com desconfianca essas heresias desses mapas celestiais que alguns defendiam que guardavam o segredo do futuro de cada um. Mas o futuro náo estava previamente escrito, lembrava insistentemente á filha, porque só o carácter conduz as almas ao seu destino. Mas freí John, sempre táo cumpridor e cuidadoso nas suas missas e homilías em latim, parecia longe de encarnar a figura diabólica desses hereges que por al andavam a dizer que os textos sagrados deveriam ser traduzidos para inglés, e que as pessoas náo precisavam da Igreja, nem dos bispos, nem dos padres para chegar a Deus.

De qualquer forma os sermóes que dava á filha teriam sido mais bem empregados nas suas damas. Porque o que Blanche náo via, ou náo quería ver, era que as senhoras da casa rondavam o pobre frade desejosas de saber se o cavaleiro do seu coracáo voltaria da guerra, e se para os seus bracos ou para os de outra.

Verdade seja dita que de vez em quando conseguiam que o mestre de Philippa lhes acedesse aos pedidos, embora sempre advertindo que brincava, e lesse o desígnio das damas nos astros. Para frei John a astronomia e a astrologia eram muito mais do que o que aquelas cabecas tontas queriam fazer delas, mas quando estava bem disposto divertia-se a enganá-las com umas balelas poéticas que as deixavam sonhadoras e felizes. Nessas alturas sentia que a alegria que lhes dava compensavam a traicáo que sentia fazer á ciéncia.

Maud náo estava imune ao fascínio do frade, e constantemente arranjava um pretexto para vir á salinha nesses dias bem aventurados, e um dia atreveu-se mesmo a perguntar, a voz abafada, as pernas a tremer:

- Padrezinho vé al se vou voltar a casar?

Frei John respondeu-lhe com o seu melhor sorriso:

- Nem preciso de olhar para as estrelas, minha querida Maud. Só se os homens estiverem todos loucos é que tal náo acontece.

E Maud, corada até á raiz dos cabelos, fugiu porta fora.

Mas como freí John previa, um dia havia de ser Philippa a por a mesma questáo. Quando, por fim, a colocou, o seu rosto tornou-se sério:

- O seu destino, lady Philippa, va¡ a menina fazé-lo! - E apressadamente enfiara no bolso da túnica o caderninho, onde a princesa desconfiou que tudo estava já escrito.

M

A caminho de Londres, Setembro de 1365

aud anunciou-lhe de chofre:

. - Princesa, depois de amanhá vamos para Londres.

Outra vez? Philippa criara já uma certa carapaca á mudanca, embora por vezes sentisse que náo passavam de saltimbancos. Náo se podia queixar de que lhe desde muito trabalho, ou sequer que estranhasse os ambientes, porque pareciam levar consigo tudo, desde as mantas do cháo ás tapecarias da parede, e havia sempre criadas para lhe empacotarem as roupas e os vestidos.

Angustiava-se com medo de esquecer um pergaminho ou um mapa, mas desde que a máe, Maud, Elisabeth e freí John - por esta ordem - a acompanhassem, náo se importava de mudar de castelo, de vila ou de cidade.

Percebera a certa altura, náo sabia bem guando, que a máe engravidara novamente, uma gravidez rodeada de todos os cuidados. Depois viera o parto, os gemidos, o roer das unhas, mas nem o nome do av6 paterno e poderoso rei de Inglaterra, salvara o seu irmáo Edward de morrer horas depois de nascer.

Sabia que a máe se perguntava por que é que Deus lhe levava todos os rapazes, para depois se penitenciar pelo desplante de pór em causa a vontade do Senhor. Pedia então á Virgem que aceitasse as suas preces e lhe desde o herdeiro táo esperado. Aquele que até agora os chás da parteira e os segredos colhidos junto da curandeira de Bolingbroke náo tinham conseguido alcancar.

Blanche ouvira falar na estatueta de Nossa Senhora grávida do Menino Jesus que presidia a um dos altares da capela do convento de St Albans, logo a abadia que John patrocinava. Juravam-lhe que protegía as mulheres inférteis, ou com problemas na gravidez ou no parto. Decidiu então que no infortúnio todas as mulheres sao iguais, e que se outras recorriam aos favores da Virgem, quem era ela para náo se rojar aos seus pés e pedir-lhe que intercedesse junto do seu filho Jesus, para que os seus meninos náo morressem mal o ar lhes entrava pela primeira vez nos pulmóes?



Precisava de um filho, tinha medo de perder John se náo fosse capaz de lho dar, assustava-a a ideia de que o marido procurasse o sucessor no seio de outra mulher, e o legitimasse, alegando que precisava de um homem para envergar a sua armadura, conduzir os seus exércitos e proteger os seus vassalos. Decididamente precisava de encontrar a coragem de partir.

Philippa ouviu os planos da máe e pediu-lhe para a acompanhar, mas Blanche foi firme: era uma peregrinacáo sua, que tinha de fazer sozinha.

Blanche deixou as filhas, as amas, as criadas e os soldados no Savoy, em Londres.

Partiu vestida com uma túnica de sarja, sem um adorno que fosse, á excepcáo do medalháo de ouro de que era incapaz de se separar.

Escondeu-o debaixo do manto, e acompanhada apenas por duas criadas e dois soldados, embarcou num pequeno barco que a levaría para sul.

As filhas assomaram á janela, para lhe acenar um último adeus, mas Maud e Heather náo as deixaram mergulhar na nostalgia. Philippa e Elisabeth concentraram-se no prazer de reencontrar o seu quarto de brinquedos, nos aposentos destinados ás criancas, virados para o Tamisa.

Os seus bonecos estavam nas caixas, o cavalo de balouco que o pai lhes dera num Natal distante no canto onde o tinham deixado. Os seus quartos de cama também pareciam intocados - aqui parecia que o tempo tinha parado. Quando nessa noite se deitou, Philippa inspirou fundo: era delicioso o cheiro de alfazema nos lencóis de linho bordados com as armas dos Lancaster.

No día seguinte sabia que os avós a esperavam em Windsor, e os primos também. Em Londres a vida era táo agitada que náo sobrava muito tempo para pensar. Torneios, jogos nos jardins, passeios a cavalos, e, bah que seca, a obrigacáo de vestir e despir toilletes para longos e entediantes almocos e jantares. Mas a máe prometera náo demorar. .

Fossem os astros de freí John, a quem Philippa pedira ajuda, as preces encarecidas de Blanche, as ervas com que a camareira todas as noites lhe preparava o chá, fosse a forma como a dedicada criada estendeu os lencóis na cama do casal, depois de os benzer com incenso, o banho de água de rosas e o leite de cardos de Bolingbroke com que amaciou o corpo da sua senhora na noite em que John veio a casa, a verdade é que meses depois a

barriga de Blanche dava sinais visíveis de uma nova gravidez.

John brincava com ela, escondendo o seu nervosismo:

- Com tanto santo no altar e vela a arder quase náo fui capaz de te engravidar, de tal maneira me sentia assombrado por padres e virgens. .

Mas se o nosso bebé nascer e viver, aumento a pensáo áquelas freiras, abencoadas sejam.

Blanche sabia que John conhecia cortesás certamente mais hábeis do que ela, desconfiava que lhe faltavam conhecimentos e magias de que as damas falavam em murmúrios, mas também sentia que quando John a amava, a beijava nos lábios com ardor e la baixando os beijos até a cobrir toda de desejo, a desejava. Como ela o desejava a ele, partilhando o sentimento de que tinham sido feitos um para o outro. Gozava com ele um prazer tal que chegava a temer ter de o confessar na manhá seguinte ao capeláo do palácio. . Mas náo podía ser pecado, náo podia, aquele amor táo intenso pelo único homem que amara, pelo pai dos seus filhos, por aquele que lhe enchia os sonhos. . e pesadelos.

Aquela noite fora diferente das outras, disso náo tinha dúvidas. Talvez porque John estivera fora tanto tempo e sentisse o retorno ao conforto de sua casa, aos seus lencóis de linho, aos bracos da sua Blanche, á ternura imensa que ela lhe provocava. Ou talvez porque Nossa Senhora velasse por eles ou a lua de freí John estivesse decidida a brilhar pela janela do quarto com uma forra inusual. .

A camareira dormia no quarto ao lado, para o caso de a sua senhora precisar de alguma coisa, e foi ela que no dia seguinte jurou a quem a quis ouvir que a lua se apagara de repente, para aos poucos voltar a surgir, como se tivesse morrido e renascido. Freí John explicou á princesinha, na licáo do dia seguinte, que se tratara de um eclipse. Philippa decorou aquele dia e marcou-o no seu coracáo: aquele era o dia em que Henry comecara a existir.

Nove meses depois, o bebé nascia em Bolingbroke. O escriváo do castelo tomou nota no caderno diário do palácio: «Henry of Bolingbroke nasceu no dia 30 de Malo de 1366, de um parto longo e doloroso, mas que a Virgem, posta num altar e iluminada por vinte velas de cera de abelha, protegeu.»

Desta vez Philippa náo estava perdida a dar voltas numa cama sozinha, desta vez Maud deixou que ficasse na capela, de joelhos dobrados sobre o prier de dieux a rezar para que aquele irmáo sobrevivesse. O irmáo concebido na noite do eclipse, e a quem as estrelas prometiam tanto.

John de Gaunt estava longe, de novo nas suas guerras, que Philippa e freí John

desenhavam nos mapas nas paredes da salinha de aulas, mas quando o médico jurou que o bebé Henry sobreviveria, o mensageiro partiu a galope.

Os sinos repicaram nas igrejas de todo o condado e mais além -

Lancaster tinha um herdeiro, John of Gaunt um filho varáo, e o rei Edward III um neto. Henry foi enfaixado, amamentado e colocado no berro e só então deixaram que Philippa o visse. Ao olhá-lo, sentiu um alívio imenso: já náo era a protagonista daquela história, a felicidade dos pais deixara de depender dela. Tinha de ser Henry a preencher os seus sonhos, a preservar o título e a honra da família, a protegé-la, a si e á irmá, a honrar o nome dos Lancaster. E sentiu uma gratidáo imensa por aquele bebé ter nascido, nomeando-o seu aliado para todo o sempre. No ponto mais alto do torreáo de Bolingbroke, os olhos perdidos nas estrelas, freí John viu nessa noite muitas coisas. Coisas que nunca contou. Nem mesmo a John of Gaunt, quando semanas depois este entrou triunfante pelo passadico do castelo, entre o som das trombetas que anunciavam o seu regresso, para ver pela primeira vez o seu filho táo desejado.

B

Savoy Palace, 20 de Maio de 1368

lanche, sentada á secretária junto da janela, virada para o rio, escreveu no seu pequeno diário:

«Hoje quero falar de Elisabeth, que faz quatro anos. Gritar va¡ ser a sua arma de combate, aquela que contrabalanca corra um encanto imenso, uns olhos grandes e verdes, umas pestanas enormes e um cabelo cheio de volume de um castanho-avelá. A minha segunda filha depressa percebeu que se a santinha da sua irma mais velha se es forra por nao preocupar nem mae nem pai e, entre oracóes piedosas, oferece o seu sofrimento a Deus, dela bem podem esperar sentados por tanta passividade. Elisabeth sabe o que quer - e o que quer é atencao. E ver cumpridos os seus desejos e caprichos, no instante em que os manifesta.

No círculo vicioso táo injusto que tantas vezes se instala entre irmáos, temo que Philippa seja demasiado invisível para ser lembrada, e que Elisabeth na sua exuberáncia salte sempre á vista. Já hoje tem partidos: aqueles que a detestam, escondendo com dificuldade o desagrado que a menina mimada lhes causa, e os

que a adoram, hipnotizados pela sua grata. Por muito que tente que toda a gente trate as duas da mesma maneira, há sempre uma das minhas damas a bordar um novo vestido para Elisabeth, há sempre uma tia que se lembra de lhe trazer um presente, há sempre um dos mocos da cozinha que, contra as ordens do chefe-cozinheiro, faz chegar ao quarto da menina o seu bolinho de macapáo favorito, ou uma criada que lhe traz ás escondidas o jantar no dia em que, virada para a parede, cumpria um castigo pela sua má educacao.

A volúpia e o atrevimento da irma mais nova provocara era Philippa sentimentos complicados, percebo-o bem. Quería ser a irma protectora, e que a orientaria no bom caminho. Frequentemente oico-a a dizer:

- Está quieta, Beth, e reza a oracáo até ao fim - e a insolente da outra responde sempre qualquer coisa como:

- Reza tu por mire. - E escapa-se lá para fora para brincar.

Tenho que dar mais atencao á minha filha mais velha, que aos oito anos me venera, para que nao deixe o coracao azedar, nem se vire contra a irma



mais nova. Duero muito que elas sejam tao próximas como eu e a minha irma sempre fomos.»

Pousou a caneta, porque a voz alterada de Philippa atravessava as paredes finas que dividiam a sua salinha de trabalho, do quarto de brinquedos. Nem de propóstio, pensou. Philippa dizia alto:

- Náo podes saltar assim para o colo do pai, ele é filho de um rei, é duque e chefe de muitos exércitos.

E mesmo através das paredes, percebia-se que Elisabeth se ria abertamente na sua cara e retorquia:

- O pai gosta. Gosta dos meus cabelos encaracolados, e dos meus olhos verdes e despreza-te porque és uma menininha sem grata, e para loira e bonita já ele tem a nossa máe!

Blanche den um salto e atravessou o mais rapidamente que póde o espato entre as salas. Mas quando chegou já Philippa mordia o lábio até sangrar e se escondia atrás de um reposteiro, a chorar. De raiva, de uma imensa raiva contra aquela fedelha que se achava tudo. Mas chorava sobretudo de mágoa, de uma imensa pena, porque sabia que Elisabeth se limitava a espetar o dedo na ferida. Philippa náo era a princesa do pai, e se tinha um canto no coracáo da máe, náo sabia se o tinha ganho apenas por bondade desta, se pelas suas próprias virtudes.

Blanche avancou para o reposteiro, abriu-o e tomando a filha nos bracos estreitou-a contra si.

Náo era difícil perceber a origem da cena.

John voltara naquela manhá. Fora ela a primeira a ouvir o toque das trombetas, a correr á janela para ver a táo esperada nuvem de pó que acompanhava sempre o regresso do duque e dos seus homens. Entrara pelo quarto de estudo da filha, e dissera-lhe:

- Querida Philippa, o pai já chegou, vamos esperá-lo.

Mas quando chegaram á entrada do palácio, Elisabeth já baloicava nos bracos do pai, que aquela crianca tinha um sexto sentido que a levava a chegar sempre mais depressa, fosse onde fosse.

Dando conta de que os ombros de Philippa se contraíam imediatamente,

empurrou-a gentilmente para a frente e trouxe-a até junto do marido, que pousando uma Elisabeth ainda cheia de riso, se virou para a filha mais velha que se inclinava para lhe beijar respeitosamente o anel de brasáo e levantou-a cuidadosamente para o seu colo. Esticando o dedo para erguer o queixo da filha perguntou:

- Estás táo branquinha, Phil! Passas tempo de mais a estudar e nessas oracóes.

Depois pousou-a, puxou para si a mulher que beijou apressadamente, e virando as costas a ambas subiu as escadas rodeado pelos seus homens, ansioso por refrescar a garganta do pó do longo caminho.

Desesperada, Blanche olhou de soslaio para a filha mais velha: Philippa mantinha os olhos muito abertos, a forma do anel ocupando-lhe a retina inteira.

E repetia baixinho: «Eu son Philippa de Plantagenet, filha da duquesa de Lancaster, primogénita de John of Gaunt, neta do rei de Inglaterra.»

Blanche acreditou que a cena acabara ali. Mas agora, ao vé-la escondida por trás do reposteiro percebia que a ferida continuava bem aberta.

P

Bolingbroke Castle, 2 de Setembro de 1369

Philippa foi furando discretamente entre as pessoas (por que seria que nenhuma sussurrava: «Lá val a Blanche em pequenina» como tanto quería ouvir. .?), até chegar perto da máe. Blanche falava com duas senhoras - uma delas, Philippa conhecia, era a duquesa de Clearance, sua tia, casada com um dos irmáos do seu pai, mas a outra nunca tinha visto.

No entanto a sua beleza era estonteante, e num contraste completo com o loiro e branco porcelana da sua máe, esta mulher, ainda nova, tinha os cabelos escuros e brilhantes, uns olhos de um cinzento-profundo e pestanas que os tornavam ainda maiores e irresistíveis. O vestido de uma seda verde pesada náo era o último grito da moda, com um decote demasiado acentuado que já náo se usava, e estranhamente Philippa achou que já uma vez o vira na sua máe - mas como poderla ser?

- Philippa, esta é lady Katherine Swynford - disse-lhe a máe, e a princesinha fez uma ligeira vénia e beijou a máo de Katherine, que para sua surpresa a puxou para si e a ergueu do cháo:

- Sei que já tens nove anos, e és grande de mais para colos, mas lembro-me de ti pequenina, náo tinhas mais de cinco, a brincar com um coelho verdadeiro, na manta junto da lareira, nos aposentos da tua máe em Windsor - disse-lhe a rapariga, dando-lhe um bello na cara e pousando-a de novo no cháo.

Philippa nunca sabia muito bem como reagir a comportamentos efusivos, nem ao toque físico, os beijos e os abracos definitivamente náo faziam parte do seu reportório favorito - excepto quando a máe lhe fazia festas no cabelo para dormir, ou o corpo da ama Maud aquecia o seu, na grande cama gelada. Olhou para Blanche á espera de uma indicacáo, mas a máe fez-lhe um dos seus sorrisos

seguros e ternos, e Philippa sossegou: lady Katherine era amiga, portanto nada a temer.

A cena foi interrompida pela voz estridente de Elisabeth que ao contrário da irmá náo acreditava em esconder emocóes - afogueada, a bainha já rasgada, e a touca pronta a cair-lhe da cabeca, veio a correr até Blanche:

- Máe, máe, os saltimbancos já estáo lá em baixo, e en vi, en vi - nem conseguía respirar com a excitacáo - um homem que cuspia fogo. E há uns que atiram uns paus ao ar e os apanham, sem os deixarem cair. .

Blanche relembrou a emocáo que sentira quando também ela, no mesmo pátio, vira a mesma cena e pensou que se tanto tinha mudado no mundo, se homens tinham perdido a vida a conquistar e a defender territórios distantes, a verdade é que aqui, neste canto so seu, o tempo parecia ter parado.

E soltou um suspiro:

- Lady Katherine, é muito mais nova do que en e tem a energia e o entusiasmo destas criancas, faca-me o favor de as levar até á tenda, que en vou ficar por aqui sentada - pediu Blanche, ainda a refazer-se de mais uma longa gravidez que resultara num outro bebé morto. Isabela tinha sido baptizada antes de lancar o último suspiro nos bracos da máe.

Katherine estava desejosa de se ver livre daquele protocolo enfadonho, e encarou a tarefa que lhe tinha sido delegada com um entusiasmo imenso.

Teve pena que a sua própria Blanchet náo tivesse vindo consigo nesta visita de cortesía a Bolingbroke, mas com tras anos e a peste negra de novo a ceifar vidas por todo o lado, náo era seguro tirar uma crianca de casa.

Afastou o pensamento dos filhos, do marido que náo amava e com quem fora obrigada a casar mal saíra do convento, e decidiu que o presente era o presente, e havia muito tempo para se chorar por todas as desilusóes acumuladas, por todos os sonhos que na camarata da abadia onde crescera imaginara um dia ver realizados.

- Venham, meninas - disse estendendo a máo a Philippa e a Elisabeth.

Philippa lembrava-se do coelhinho verdadeiro que o pai um dia lhe trouxera de

uma catada e com que brincara em Windsor - lady Katherine náo mentia, era uma «conhecida», e Philippa náo sabia porqué mas confiava naqueles olhos cinzentos, que pareciam conhecé-la táo bem. Com uma confianca que náo lhe era habitual, estendeu a máo e deixou-se levar até ao pátio.

Nessa noite foi Katherine que, depois do espectáculo, as levou até ao quarto de brinquedos e ajudou uma Maud e uma Heather infinitamente desconfiadas, a dar-lhes banho, a passar o cabelo louro de Philippa por leite de cabra (porque náo ganhava jeitos como o da máe, lamentava-se ela), e acedera a penteá-lo frente á lareira, perante os resmungos

enciumados da ama.

- A senhora tem um filho do tamanho do Henry, mas náo tem nenhuma filha táo esperta como eu, pois náo? - perguntou Elisabeth saltando-lhe para o colo.

Katherine riu a bandeiras despregadas, a cabeca lancada para trás e sem os trejeitos das damas da corte que as criancas estavam habituadas a ver.

- Tenho dois filhos, princesa, uma rapariga, Blanchet, que tem o nome da sua máe, e é afilhada dos seus pais. ., e que é muito esperta - come~ou Katherine

- Dos meus pais? - perguntou surpreendida Philippa, e notou, pelo canto do olho, que Maud e Heather trocavam entre si um olhar estranho, que a deixou desconfortável.

- Sim, da sua máe e do seu pai, princesa, porque a duquesa foi sempre muito boa para mim. Quería que a minha Blanchet um dia fosse parecida com ela.

Philippa sentiu-se gelar por dentro, num misto de raiva e medo. Mas Katherine era uma mulher de uma sensibilidade invulgar e percebeu imediatamente que tocara na ferida desta menina táo certinha e piedosa, táo parecida com a máe, e que, no entanto, náo seria nunca mais do que um esboco da sua beleza.

- Parecida com a sua máe e parecida consigo, princesinha, porque vocés as duas sáo muito parecidas, e a minha Blanchet ainda é táo pequenina que val poder té-las a ambas como exemplo. .

Philippa acreditou em Katherine, e Philippa náo era facilmente levada pela arte da lisonja. Sentiu que o corpo amolecia, e até fez aquilo que o coracáo lhe pedía:

encostou-se a ela um pouco mais, a pretexto de aproximar a cabeca á escova. E perguntou:

- E a sua máe, lady Katherine?

Katherine fez um sorriso dorido e pegou na história, onde a tinha deixado:

- Quando era muito pequenina, tinha quatro anos como a Elisabeth, vivia em Franca, num lugar chamado Piccardy, e um dia toda a minha família foi contagiada pela peste. . (Maud, Heather e Philippa benzeram-se). . e só escapámos en e a minha irmá Philippa - tem o seu nome, princesa, e é uma

das damas de companhia da sua avó Philippa (tantas Philippas, meu Deus!). A sua avó, a rainha, soube da nossa situacáo, e como o meu pai era um dos seus cavaleiros preferidos, e Piccardy um dos seus territórios de solteira, mandou um mensageiro buscar-nos e trazer-nos para o palácio. A minha irmá, que é mais velha, estava bem de saúde e entrou logo para o servico da rainha, mas afinal en também tinha sido contagiada. A vossa avó pós-me á guarda de uma grande curandeira, que conseguiu o milagre (e foi a vez de Katherine se benzer) de me salvar.

Maud e Heather, que fingiam apanhar a água do cháo e dobrar os toalhóes para se manterem por perto, náo resistiram a interromper:

- Lady Katherine, quem sobrevive á peste, nunca morre de peste -

sussuraram com uma voz de admiracáo, pois Katherine tinha aos seus olhos o dom com que sonhava qualquer ser vivo. .

Katherine encolheu os ombros a rir - havia muitos dias, sobretudo antes de Blanchet e Tom terem nascido - em que se perguntava por que náo tinha morrido com o seu querido pai e a sua adorada máe. Depois virou-se de novo para as duas princezinhas, desejosas do resto da história.

Elisabeth quería saber como é que se chamava o rapaz.

- Thomas. E o pai, que se chama Hugh, é um dos cavaleiros do senhor seu pai, um dos cavaleiros de Lancaster, e luta com ele para recuperar os territórios que nos roubaram - disse Katherine.

Philippa, habitualmente táo circunspecta, pos-se em pé de um salto e com as macás do rosto coradas de excitacáo, exclamou:

- Esteve com ele em Najera, a 3 de Abril de 1367?

- Lady Philippa, sente-se, olhe que apanha frio - disse Katherine, puxando-a para debaixo do lencol e para junto da lareira.

- Sim, o Hugh esteve com o seu pai em Najera, no dia em que venceram o usurpador Henrique da Trastámara, e devolveram o trono ao rei legítimo, o rei Pedro de Castela. E está lá agora, com o seu pai, a lutar contra D.

Henrique, que apunhalou e matou cobardemente D. Pedro numa festa, e se apoderou da coroa - acrescentou, com um entusiasmo igual ao da princesa.

Philippa tinha os olhos a brilhar e a sabedoria toda na ponta da língua, e Katherine achou que este seu lado combativo e chelo de conviccóes era muito mais encantador e surpreendente do que a faceta rígida e piedosa que, regra geral, mostrava a toda a gente. Talvez se o seu lado culto e

inteligente fosse estimulado, um dia tivesse a seguranca de ser uma mulher determinada, capaz de moldar a vida á sua vontade.

A verdade é que agora Philippa náo se calava:

- Os tronos náo se podem tirar aos reis, foi Deus que os colocou lá - disse Philippa.

E explicou:

- O rei D. Pedro pediu ajuda ao meu pai, e o meu pai reuniu homens de toda a Inglaterra e pediu dinheiro ao Parlamento e conseguiu ganhar todas as batalhas, até ao dia em que conquistou de vez Castela. Quando soube, o rei D. Pedro beijou a máo do meu pai, o anel do meu pai, e agradeceu-lhe.

Só que Pedro de Castela morreu e o traidor Henrique usurpou outra vez o trono, e por isso o meu pai está lá outra vez para lhe dar uma luta sem tréguas. .

Elisabeth bocejava de sono - aos cinco anos toda aquela conversa parecia-lhe uma seca sem fim - mas Katherine estava fascinada: náo eram só os tratos físicos

que Philippa herdara dos Plantagenet, mas também o seu espírito guerreiro e ambicioso, a sua capacidade de dar a vida por uma causa. .

O coracáo contorceu-se-lhe num no: por que é que pensar em John of Gaunt lhe provocava aquela emocáo, uma vontade louca de fechar os olhos e imaginá-lo junto a si? Tinha sido sempre assim desde aquela vez que em Windsor ele a salvara de ser violada pelo imbecil com quem depois a obrigaram a casar. A ela que náo sabia nada de sexo, nem de homens, e fora apanhada como uma presa inocente aos dezasseis anos na sua primeira estadia na corte. Por que é que só visualizar a imagem de John a deixava táo confusa? O coracáo a bater a cem á hora, uma sensacáo desconfortável de traicáo em relacáo a lady Blanche, que admirava tanto e viera sempre em seu socorro, que raio de sentimentos eram aqueles, o que podiam significar?

Mas Philippa, como o pai, náo acreditava em ficar por metade de nada, e trazendo-a de volta ao torreáo de Bolingbroke, disse-lhe num tom que já adquirira a sua habitual formalidade:

- Desculpe, lady Katherine, interrompi-a grosseiramente. Ainda náo nos contou para onde foi depois da curandeira a ter salvo da peste, nem sequer por que é que está grata á minha máe.

Katherine sentiu um certo alívio em retomar o fio á meada da história da

sua vida, que afinal náo tinha nada de especial. E explicou a Philippa que a rainha a enviara para um convento, onde a tinham ensinado a ler e a escrever.

- Imagine, lady Philippa, a madre abadessa até deixou que o prior me ensinasse a fazer contas no ábaco - comentou a rir.

Mas finalmente a irmá tinha conseguido autorizacáo da rainha Philippa para a mandar regressar á corte, livrando-a de uma vocacáo que náo tinha.

Só que a vida de uma rapariga sem dote, nem riqueza, mesmo que o pai tivesse sido cavaleiro, náo era coisa simples.

Katherine contou então a Philippa como se tinha sentido desajeitada entre tanto luxo e protocolo, como se perdia nos corredores de Windsor de cada vez que tinha de encontrar o saláo nobre, ou a sala de armas, ou os aposentos da rainha, ou mesmo o caminho de volta para o quarto. . e ambas riram cúmplices, sendo

que Philippa só ria por simpatia, porque crescera a correr pelos corredores de tantos castelos diferentes, que acreditava sinceramente que já lhe tinha crescido uma bússola na cabeca.

- E foi no meio de toda essa atrapalhacáo dos primeiros tempos, e percebendo que apesar da ajuda da minha irmá, en andava por ali a fazer figuras tristes, que a sua máe decidiu vir em meu auxílio. Den-me alguns dos seus vestidos. . (ah, pensou Philippa, bem me parecia que conhecia este vestido verde). . e sobretudo conversou comigo e consolou-me quando o senhor seu pai, e a minha irmá, decidiram casar-me com Hugh. Quando tive os meus filhos, a sua máe mandou-me sempre presentes e comida, e os seus pais insistiram em ser padrinhos da minha filha - concluiu Katherine com a voz sumida de quem náo quer confessar a duas princesas, no torreáo sumptuoso daquele castelo, que Ketlleworth, onde vivia, se assemelhava, com desvantagem, á ala dos criados. .

Philippa tinha nove anos, mas nove anos atentos, numa corte onde amor e casamento eram tudo menos sinónimos («excepto entre os meus pais», disse Philippa, com conviccáo, para si mesma). Ou seja, também entendeu que se Blanche enviava comida a Katherine e se Katherine vinha até Bolingbroke sem os filhos e sem o marido, para agradecer á duquesa de Lancaster, talvez o mais sensato fosse acabar a conversa por aqui. Antes que, sem querer, ferisse os seus sentimentos.

Elisabeth já tinha sido levada para a cama pela ama, e Philippa levantou-se e agradeceu a Katherine o dia bem passado, como se fosse uma pequenina actriz no final de um recital. Katherine entrou no jogo e com

uma vénia desejou-lhe uma boa noite e prometeu lembrar-se dela nas suas oracóes da noite.

Maud e Heather assistiram a tudo, divididas. Podia ser verdade o que se dizia desta mulher?

N

Bolingbroke Castle, 12 Setembro de 1369

a manhá seguinte Philippa acordou com gritos estridentes, que pareciam vir do

pátio exterior. «A peste, a peste», ouvia-se por todo o lado.

Saltou da cama, empurrando para o lado uma Elisabeth estremunhada, e corren a chamar por Maud.

- Maud, a peste, a peste, quem é que tem a peste?

Maud há anos que vivia em funcáo da sua menina, da filha que nunca tivera. Procurava protegé-la dos boatos e dos rumores, das conversas sórdidas de aias e náo só, das histórias que entretinham os criados ao seráo e que versavam invariavelmente as infidelidades do patráo, mas como a poderia proteger da peste?

Quando subira a correr das cozinhas encontrara os patamares cheios de gente. Frei John e o capeláo sussurravam num canto e as suas expressóes deixavam claro que a peste tinha chegado, franqueado os portóes de uma fortificacáo como Bolingbroke. Atravessara os campos e as terras e apesar de todos os cuidados dizia-se que percorria dez quilómetros por dia, dizimando aldeias inteiras. O seu poder de contágio era tao poderoso, que bastava que duas pessoas tivessem estado sob o mesuro tecto, para que a doenca as apanhasse ás duas e assim sucessivamente. Os padres saíam á rua, mas náo havia incensos nem rezas que travassem o seu percurso.

Os médicos pouco ou nada podiam fazer senáo procurar aliviar as febres com pachos de água fria nas cabecas a estourar, e aplicando ungentos nas bolhas negras - a morte negra - que despontavam por todo o corpo, e supuravam um líquido preto. O doente tinha cada vez mais dificuldade em respirar, cuspia sangue e extinguia-se, mais ou menos rapidamente, mas sempre dentro de dias. Mal expirava, o seu corpo ficava negro da cabeca aos pés.

As ordens eram claras: uma vez mortos, os seus corpos tinham de ser imediatamente incendiados ou enterrados, porque os ratos, e até o ar, ficavam contaminados, e contaminavam.

Um castelo ou uma aldeia com peste tinham de se fechar sobre si mesmos, impedindo que alguém entrasse, ou dali saísse. Os que

escapavam, julgando encontrar acolhimento noutro sítio, descobriam que se a doenca náo os apanhasse, apanhava a fome e o frio, porque ninguém os acolheria.

A gritaría cm Bolingbroke enchia corredores e torreóes, pátios e cozinhas, salóes principais e quartos. Philippa foi á janela, e cm lugar da tenda e dos saltimbancos da véspera viu tras corpos sobrepostos, sobre uma pira de lenha. Levou a máo á boca e susteve um grito de horror. Maud encontrou-a assim, os olhos vidrados, o corpo franzino a tremer como varas verdes.

Levou-a de volta para a cama e cobriu-lhe o nariz e a boca com um pano molhado e ordenou-lhe:

- Menina, mantenha isso cm frente do nariz e da boca, ouviu? - e a sua voz nunca tinha soado táo firme aos ouvidos da princesa.

Em breve o cheiro dos corpos queimados, da roupa queimada, subiam em espiral e entravam por todas as frinchas e intervalos das lousas que cobriam o telhado do castelo.

A porta do quarto abriu-se de repente. Philippa nunca vira a mae assim: cabelos soltos, ainda por arranjar, um manto por cima da camisa de noite bordada. Entrou pelo quarto de brinquedos onde ela própria tinha sido criada, com uma expressáo de terror absoluto.

Se ao menos John estivesse aqui, murmurava. Sempre táo longe, sempre táo preocupado com a sua ambicáo, com reinos que nao eram seus, com o sol de terras distantes que Blanche náo conhecia nem queria conhecer.

Táo pronto a deixar as suas mulheres, as suas verdadeiras mulheres, entregues a meros vassalos, por muito fiéis que fossem. Acreditando que a rosa de Lancaster seria suficiente para os proteger de todos os males. Mas John esquecera a peste!

- Senhora, o que fazemos aos meninos? - perguntaram as tres amas aterrorizadas, a ama de Henry com o bebé de tras anos nos bracos, redondo, de penugem ruiva e olhos claros, absolutamente alheio ao risco que todos corriam.

A ama de Elisabeth prendia-a com forra pela cintura enquanto ela esperneava como um bicho enfurecido, dando áquele ambiente surrealista um toque de realidade que ajudou Blanche a serenar.

- Elisabeth, o que é que se passa?

- Esta idiota náo me quer largar, quero ir ver se o meu poldro está bem.

Se estáo todos doentes ele também pode estar, e náo quero ficar aqui quieta sem saber de nada - vociferou uma Elisabeth encarnada de fúria, os olhos ainda mais verdes.

Blanche lancou-lhe um ar frio e implacável, sem que sequer os cantos da boca se estendessem num sorriso disfarcado, como acontecia sempre que fingia zangar-se com a sua menina caprichosa. Elisabeth, perante a surpresa de um olhar que nunca tinha visto antes, parou imediatamente de mexer as pernas e os bracos e estacou.

Por todo o castelo ardiam incensos para purificar o ar, e o capeláo corria os corredores com o seu sino, um séquito de criados e nobres atrás de si em oracóes fervorosas.

- Máe, foram os nossos pecados que trouxeram sobre nós a peste? -

perguntou Philippa, até aqui calada, sentada no banquinho de pedra junto da janela, os olhos perdidos nos corpos incendiados, na pira para onde de vez em quando um novo cadáver era lancado.

Blanche era crente em Deus, uma mulher devota, criada na fé católica, sem que houvesse lugar para dúvidas ou hesitacóes, mas assustava-a esta tristeza profunda que parecia ser o trato de fundo da personalidade de Philippa, sempre táo pronta a culpabilizar-se por tudo.

Estendeu os bracos para a filha e sentou-a no regato.

- Estás táo grande, Phil, já náo cabes no meu colo. - Depois, com a voz calma que lhe vinha náo sabia de onde, disse-lhe:

- Náo, Philippa, a peste é uma doenca, transmitida por ratos. Mata pecadores e inocentes. Filha, nunca julgues ninguém pela forma como morre. .

A conversa foi interrompida pela entrada de rompante de Katherine. As amas, na sua cumplicidade de anos em torno das suas meninas, entreolharam-se: pela própria alma podiam elas responder, mas pela de Katherine? Náo seria coincidencia a mais que a peste chegasse com ela, a única que lhe era imune?

Katherine vinha determinada a ajudar:

- Minha senhora, náo posso sair daqui e ir ter com os meus próprios filhos, que o Senhor seja bondoso e os poupe a tudo isto. Mas por favor permita-me que fique aqui a protege-la a si e aos seus.



Blanche comoveu-se:

- Lady Katherine, obrigada, mas náo faz sentido nenhum. Vamos todos tomar conta uns dos outros, é o que é, e esta peste náo nos val tocar. O

capeláo já reza missas na capela, e os corpos doentes estáo a ser levados para fora das muralhas, os dos mortos queimados.

Mas Katherine repetiu:

- Tive peste em pequena e sobrevivi, gratas a Deus. Foi a curandeira que a sua sogra contratou que me salvou e dizem que quem sobrevive á peste náo a volta a apanhar. Por isso posso fazer mais aqui do que qualquer outro. Quero ajudá-la a proteger os seus filhos.

Nesse momento entrou freí John pela porta e Blanche corren a vedar-lhe o caminho:

- Mais ninguém entra nos aposentos das criancas, padre. Temos que dividir o castelo em áreas e impedir que umas comuniquem com as outras, é a única maneira de a peste Picar confinada a uma zona, sem se espalhar pelas outras - disse Blanche de um fólego.

Hubert Plaintly, o senescal do castelo, chegou logo depois do frade, e ainda a tempo de ouvir as palavras da duquesa:

- Foi aquela gente do circo, senhora. Já morreram vários do grupo, e dos nossos o primeiro a ser apanhado foi o Peter, o miúdo da estrebaria. .

Elisabeth, que ouvia tudo, uns passos mais atrás, desatou numa histeria incontida, «Se o Peter morreu, como estará o meu poldro?», solucava, perante o olhar de desprezo de Philippa, branca como a cal. Blanche virou-se para os dois homens e Katherine e indicou-lhes a porta: aquela náo era conversa para se ter

em frente de criancas.

Empurrando-os para o patamar do torreáo, fechou com determinacáo a porta grossa de carvalho do quarto dos seus filhos. Foi a última vez que Philippa a viu viva.

Dividiram o castelo em alas, como Blanche determinara e o senescal concordara. Os convidados que náo tinham fugido refugiaram-se nos grandes salóes, e bebiam para esquecer o medo, ao som dos músicos que continuavam a tocar, como num pesadelo macabro. A comida surgia-lhes

na mesa trazida por apenas dois criados, os únicos com acesso ás salas, e que, por sua vez, respondiam a um cozinheiro que tinha sido destacado apenas para os senhores. Era também ele que servia as duas criadas que subiam e desciam a escada em caracol que as levava ao torreáo dos meninos, de onde mais ninguém saía e entrava. A construcáo que albergava os criados era, suspirava Blanche, felizmente autónoma do edifício principal e o senescal mandara selá-lo igualmente, depois de pedir voluntários para manter acesas as fogueiras, transportar doentes e abrir valas. O capeláo, exaurido e com ar doente, corria de uma cama para a outra administrando os últimos sacramentos, para que Deus acolhesse os moribundos no seu seio, única consolacáo que restava aos doentes e á família.

A ponte levadica estava icada, mas Philippa do seu torreáo podia ver pequenos grupos de agricultores que se juntavam do outro lado da vala, na esperanca de saber notícias dos seus entes queridos que trabalhavam dentro do castelo. Um dos capitáes da guarda la duas vezes por dia á janela mais próxima, de onde, aos gritos, dava as boas e as más notícias. No cimo da torre mais alta pendia a meia haste a bandeira dos Lancaster, que nem uma brisa fazia mexer.

Era o Setembro mais quente de que se lembrava, e Katherine, que passava os dias nos aposentos das criancas, lembrou-se de as entreter fazendo leques com pedacos de pergaminhos, para que o tempo passasse. .

mas náo passava.

Philippa só quería saber da máe.

- Por que é que a minha máe náo veio hoje?

As pobres criadas, mantidas ao servico dos meninos, já náo sabiam o que lhe responder, e Maud e Heather, confinadas aos aposentos, também náo tinham resposta. Quando Katherine voltou do almoco que tomava agora na cozinha, Philippa precipitou-se sobre ela:

- Por que é que a minha máe náo veio hoje?

Katherine baixou os olhos e náo teve coragem de lhe contar que no dia anterior, ao deitarem a senhora da casa, lhe tinham encontrado duas ou tras manchas na pele! Blanche fora então definitivamente confinada á reclusáo do seu quarto.

Mas Philippa lía os pensamentos e percebeu que Katherine náo conseguía concentrar-se nos logos que faziam, nem na leitura dos livros,

nem sequer entusiasmar-se a imaginar onde John of Gaunt estaria agora a travar a sua última batalha contra um Henrique de Trastámara, decidido a náo lhe dar tréguas.

- Lady Katherine, o pai já sabe que a peste está no castelo? - perguntou.

Katherine por momentos julgou que náo conseguiria conter os solucos que lhe apertavam a garganta:

- Princesa, acho que um mensageiro já partiu há dias para o avisar. Mas os caminhos sáo longos, os barcos que atravessam o canal sáo menos, com medo de trazer a doenca da morte para o nosso lado, e vai levar tempo. . a que a notícia chegue e o duque possa voltar.

Katherine desejava mais do que nunca que John ali estivesse - tal como Blanche depositava nele toda a confianca, e embora náo soubesse bem que nome dar aos seus sentimentos, sonhava todas as noites que um dia, ao acordar, voltaria a ver á porta do seu quarto a sombra do Cavaleiro que lhe conquistara irremediavelmente o coracáo.

Chela de remorsos - «que sentido fazia pensar em John quando era Blanche, e apenas Blanche que quería salvar?» - levantou os olhos para Philippa e disse-lhe:

- Tenho que ir ver a senhora sua máe, princesinha. Hoje ficou deitada. .

Philippa olhou-a de forma quase trocista: «quem é que ela pensava que

enganava? Como se a primogénita de Blanche, ela, Philippa of Plantagenet náo soubesse, mesmo fechada num quarto, tudo o que se passava com a sua máe. Fazendo um esforco imenso para náo chorar, disse a Katherine num tom de comando:

- Vá para perto dela, lady Katherine.

E Katherine assim fez.

Felizmente descia já as escadas quando a camareira favorita de Blanche as subía á sua procura, o corpo a tremer com os solucos que mal a deixavam falar:

- Lady Katherine, o médico esteve com a senhora duquesa e diz que é a peste. Que náo podemos fazer mais do que a manter confortável e sem dores. Se ao menos freí William Appleton aqui estivesse. . o médico do senhor duque é o melhor de todo o reino e as suas pocóes conseguem milagres que mais ninguém faz.

Para acrescentar enraivecida:

- Mas até o médico o patráo levou com ele!

Katherine sentiu o coracáo cair-lhe aos pés: falhara Blanche, falhara John, nunca se perdoaria por ter permitido que a duquesa andasse de cama em cama a prestar cuidados aos doentes.

Encontrou-a pálida, erguida sobre os grandes almofadóes para lhe facilitar a respiracáo cada vez mais sibilante e entrecortada por ataques de tosse que pareciam, de cada vez, suficientes para a matar. Katherine deu-lhe a beber, devagarinho, as mistelas que o médico deixara, e com as suas próprias máos espalhou os ungentos nas bolhas repugnantes provocadas pelo sangue hemorrágico pisado.

Blanche perguntava-lhe pelos filhos, numa voz praticamente inaudível.

Katherine tentou manter a sua segura e ligeira e, como se lhe contasse uma história de embalar, deu-lhe conta das últimas gratas de Henry, da dificuldade era manter Elisabeth dentro dos aposentos das princesas, e como Philippa rezava incessantemente, e só se distraía quando freí John a embrenhava nos livros e nas crónicas do passado.

- Sempre muitos mapas, Senhora, sabe como é a princesa.

Blanche sorriu, a cara iluminada pelas vinte velas que ardiam no quarto, na esperanca de que a sua chama queimasse aquele mal, que a sua chama lhe trouxesse a misericórdia divina.

- Lady Katherine, e o duque já sabe?

Com todo o pudor a que a educacáo a obrigava, Blanche revelava a angústia imensa de se saber a morrer longe do homem que amava, com quem naquele mesuro castelo passara a lua-de-mel, onde lhe dera o herdeiro que o deixara táo feliz.

- Minha Senhora, o mensageiro já partiu, talvez o duque de Lancaster já esteja no caminho de regresso. .

- Lady Katherine, preciso de um padre, preciso que o capeláo me dé a extrema-uncáo, me abencoe e prepare a minha alma para ir ao encontro da do meu pai e da dos meus filhos que já partiram e me esperara. . Mas, que angústia, lady Katherine, quem é que vai tomar conta dos meus filhos, da Philippa, sempre táo reservada e sensível, quem é que vai ter máo na Elisabeth, que mimei de mais, sei-o hoje, e do Henry? É preciso que o Henry náo apanhe esta doenca, é preciso proteger o Henry, o pai tem tantos planos e tantos sonhos para ele. .

Katherine prometeu-lhe que velaría por eles, e renovando o pano húmido na testa, disse-lhe suvamente:

- Vou chamar o padre, lady Blanche.

Katherine sentiu a cabeca esvair-se: náo tinha o direito de enganar uma mulher como esta. Blanche merecia a verdade, e merecia morrer na Graca de Deus.

Mal fechou, o mais silenciosamente que póde, a porta do quarto da duquesa, desatou a correr pelos corredores habitualmente chelos de gente, mas que estavam agora absolutamente vazios. Nem um criado, nem um escudeiro, nem uma aia, todos se tinham recolhido aos seus cantos, e até as portas principais estavam sera guarda.

Katherine decidiu ir directamente á cozinha e al encontrou alguns dos criados, e por sorte, a um canto, o capeláo, que sem dormir, aquecia as máos em redor de

uma caneca de uma infusáo quente.

- Padre, a duquesa, a duquesa, tem que ir já. . tenho medo que náo chegue a tempo. .

Katherine disse a frase de rompante, a voz tremida, sem no entanto ceder ao histerismo.

O padre benzeu-se, largou a caneca, pegou nos seus paramentos e na mala dos óleos, e em passo estugado seguiu Katherine de volta ao quarto de Blanche.

A camareira favorita da duquesa, a que a acompanhara ao longo destes anos e lhe vira nascer todos os filhos, abriu-lhes a porta e lan~ou-se aos pés do padre pedindo-lhe um milagre - por que náo ela, por que náo ela, sem filhos, que interesse tinha a sua vida. .

O padre abencoou-a e aproximou-se lentamente do leito daquela menina que, também ele, conhecia de pequenina, fora ele quem lhe dera a Primeira Comunháo, ouvira a sua primeira Confissáo, fora ele que lhe instigara a veneracáo pela Virgem e a acompanhara na dor dos filhos perdidos. Os olhos azuis de Blanche pareciam-lhe ainda mais azuis, porque a pele perdera a cor e os lábios tinham-se tingido de cinzento - Blanche lutava apenas pelo direito a uma morte com passaporte para o Céu.

Katherine escondeu-se nas sombras do quarto, quería fugir dali, e quería ficar, tinha que ficar, precisava de ser capaz de estar com Blanche até ao fim - era o que John esperaría dela, e mesmo neste momento a

opiniáo de John parecia-lhe importante, demasiado importante. .

O padre ouviu a confissáo de Blanche, falou-lhe docemente e ungiu-a com os óleos sagrados, entre oracóes que lhe garantiam que tudo náo passava de uma passagem, de uma passagem para uma vida melhor, sem dor nem sofrimento, na companhia de Deus Nosso Senhor, da Virgem Maria e de todos os santos.

Quando a cerimónia terminou, Katherine chegou-se ao lado oposto da cama e passou suavemente a máo pelos cabelos loiros e ondulados de Blanche. O padre fechou-lhe os olhos. Blanche of Lancaster já náo estava naquele quarto.

Silenciosamente, andando de costas porque náo queriam deixar de olhar aquele

rosto, o capeláo e Katherine saíram do quarto. O padre sentou-se num dos bancos junto de uma das frinchas de onde podia ver os campos amarelos queimados pelo sol intenso e o azul forte do horizonte e tapou a cara, comovido. Aquela morte, náo era como as outras - e sabe Deus a quantas assistira. Mas a sua pequenina Blanche iria directa ao Criador.

Disso estava certo.

- E agora? - pensava Katherine.

Náo podía dar-se ao luxo de chorar a duquesa, era preciso avisar John, avisar o reí que ainda há meses perdera a mulher, era preciso fazer repicar os sinos pelos castelos dos Lancaster, era preciso que Inglaterra soubesse que Blanche morrera. E mais difícil de tudo, era urgente dar a notícia aos filhos - a Philippa, meu Deus, como é que se dava uma notícia destas a uma crianca que venerava a máe, vivia para ela, uma crianca que náo deixaria nunca que alguém a consolasse, e que no entanto sofreria mais do que qualquer outra, porque nem o desgosto de John seria igual ao desta menina de nove anos?

Mas afinal Katherine passara por uma experiencia parecida com a de Philippa - talvez isso lhe permitisse construir uma ponte até ela, de forma a que náo se sentisse táo sozinha. E John, John viria aí. .

Enviados com urgencia os mensageiros com as cartas dando notícias e pedindo ordens, que escreveu pelo seu próprio punho, Katherine subiu devagar as escadas que levavam ao torreáo das criancas.

Mas antes de estender a máo para a porta, sentiu-a a abrir - era Elisabeth, que percebera a chegada de Katherine e para quem qualquer pretexto era bom para correr e saltar, que farta de bordados e de bonecas

estava ela - se ao menos a deixassem dar uma volta no seu pónei.

Katherine tomou-a nos bracos enquanto se dirigia á cadeirinha onde Philippa continuava a bordar, pálida, a expressáo contorcida num esforco para náo chorar. Maud arrumava os brinquedos na arca de madeira, mas o silencio repentino levou-a a voltar-se - de cócoras no cháo, assim ficou, sem precisar que lhe dissessem mais nada: aquela doenca do diabo, que nem ouro, nem mirra, nem incensos de reis eram capazes de afastar, tinha levado a sua senhora. Maud nem teve tempo de pensar nela - olhou para a sua menina, so a sua menina importava

agora.

Katherine, ainda com Elisabeth ao colo, desceu ao nível da cadeirinha de Philippa, e levantando-lhe o queixo devagarinho com a máo, olhou-a directamente nos olhos e disse-lhe:

- Lady Philippa, a sua máe morreu, mas as suas últimas palavras foram para si, para lady Elisabeth e para o bebé Henry.

Philippa deixou que Katherine se aproximasse, e por uma vez Elisabeth deslizou serenamente do seu colo, para lhe deixar os bracos livres para abrasar a irmá.

Maud entrou no mesmo registo, e serenidade foi a palavra de ordem que as amas de Elisabeth e Henry também receberam.

Apesar do risco que corriam, Katherine achou que pelo menos Philippa devia ver a máe pela última vez - lembrava-se de como lhe custara que tivessem levado a sua, sem que lhe pudesse dizer adeus. Ouviam-se os martelos dos carpinteiros do castelo - a senhora duquesa náo seria queimada pelo fogo, náo podía ser enterrada aqui em Bolingbroke, o reí e o senhor duque desejariam um funeral de Estado em Londres, Katherine estava certa disso e por isso mandara fabricar, depressa, um caixáo inviolável onde o seu corpo teria de ser rapidamente encerrado.

Mas as criancas náo precisavam de ver ou saber nada disto. Katherine pegou na máo de Philippa e atravessando o terreiro mais arejado, levou-a até ao quarto da máe, onde as vinte velas ainda ardiam, para que a pudesse ver serena, deitada e aconhegada na cama que conhecia, o ligeiro sorriso que lhe Picara nos lábios.

Sabia o suficiente para entender que em breve o caixáo de Blanche se transformaría em «património nacional», sendo rodeado de gente a prestar-lhe homenagem e a chorar lágrimas sentidas ou de crocodilo, mas que nenhuma delas teria o sal e o sentimento das da sua filha mais velha.

Abrindo a porta, disse-lhe:

- Entre, minha querida. A máe está com Deus, mas estará também sempre consigo, sempre a v¿-la, a chorar e a rir do que a fizer a si chorar ou rir. Mas diga-lhe adeus, fique uns minutos sozinha com ela, e depois vamos voltar para o torreáo, sim?

Mas Philippa náo quis largar a máo de Katherine e puxou-a a reboque para junto da cama:

- É assim que me vou lembrar sempre dela, lady Katherine. Táo bonita e táo querida. Ninguém teve a sorte de ter uma máe como eu.

E ajoelhando-se ao pé da cama, tirou do corpete do vestido escondido o bordado que fazia para ela e pousou-lho em cima do peito, onde as máos tinham sido juntas em oracáo.

- Lady Katherine, a minha máe pode ser enterrada com o meu bordado?

perguntou, sem levantar os olhos.

- Lady Philippa, en própria me vou certificar disto, e que orgulhosa que ficava de ver os seus pontos táo perfeitos. .

Philippa levantou-se, benzeu-se e saiu do quarto a correr - Katherine deixou-a ir. Se ao menos Philippa conseguisse chorar, mas Katherine entendia-a: as lágrimas também nunca lhe subiam aos olhos quando o coracáo lhe doía realmente a sério.

O

Windsor, 17 de Setembro de 1369

cortejo fúnebre partiu de Bolingbroke, segundo ordem expressa do reí Edward, que desejava dar á sua nora favorita um enterro com a pompa e circunstáncia que o seu estatuto exigía.

Edward sepultara há pouco mais de um més a sua querida rainha Philippa e ainda náo recuperara do mal-estar que aquela morte lhe provocara. Tinham estado casados anos e anos, gerado dez filhos, sido muito felizes, e se nos últimos tempos viviam mais afastados, justificava-se, era apenas porque a artrite tomara conta do corpo da rainha, obrigando-a a Picar num quarto semi-escuro, rodeado de damas de companhia e curandeiros que velavam por lhe atenuar as dores. Edward gostava de acreditar que era assim exactamente que as coisas se tinham passado, mas quando o caixáo de Philippa, rainha de Inglaterra, fora encerrado no túmulo de alabasto que para ela mandara construir na abadia de

Westminster, sentira um peso imenso na consciéncia: a máe dos seus filhos, a mulher de que tanto se orgulhava e que o poyo amava pela simplicidade do seu trato de «mocoila» flamenca que pouco sentido atribuía aos protocolos rígidos habituais na Casa Real Inglesa, sofrera de gota, é verdade, mas multo mais do que isso sofrera com dignidade e sem um queixume uns últimos anos de humilhacáo provocada pela sua paixáo incontrolável por Alice (como lhe dera para aquilo?), uma mera aia de segunda, que ostentava a cada segundo do dia a sua promocáo ao leito real. Perante toda a gente, inclusivamente junto da legítima.

Edward sabia que a nora Blanche nunca escondera o seu desdém pelo seu comportamento, nem prestara qualquer tipo de vassalagem - ignorava-a e ostensivamente - áquela damazinha ambiciosa, que tinha a descarada lata de vir costurar para junto do leito da sogra, com os dedos chelos de anéis que só um rei lhe poderia ter oferecido!

Edward lembrava-se bem dos protestos que recebera através do filho, que lhe garantia que Blanche se recusava a subir para o jantar no Grande Saláo, se o senhor seu rei e sogro levasse para o topo da mesa a insinuante criatura, que ainda por cima se dava ao desplante de olhar para ela, olhos nos olhos, com um toque de desafio que mesmo o temperamento brando

de Blanche suportava mal.

O rei, seu sogro, náo lhe levara a mal o recado, nem a atitude, porque, afinal, pensava como ela, e envergonhava-se de ter quebrado a sua fidelidade de décadas, comportando-se como um velho senil, indigno dos seus antepassados. E, no entanto, Alice fazia-o sentir vivo, sem deferéncias, nem beija-máos, irreverente nas gratas, sempre com uma opiniáo directa e sem subtefúrgios, pronta a mandar prender os seus inimigos e a promover os seus amigos, com uma lata táo descarada que o rei acabava, a rir, por apor nas suas pretensóes o carimbo real. Na cama, Alice era a mulher mais quente e criativa que tinha conhecido. O rei esbocou um sorriso só com a memória da noite anterior - aquela acompanhante da rainha a quem nem um pingo de sangue azul corria nas veias, fazia-o esquecer a idade, o reumático, e sobretudo o tédio. Para dizer a verdade, já náo se julgava capaz de tais habilidades, mas quando a sua máo experiente percorria o seu corpo e ela jurava que o prazer que lhe dava era superior ao de qualquer homem mais novo, Edward respondia ao desafio. Quería acreditar que assim fosse, e afinal por que náo havia de ser, se o corpo respondia

ao desejo com uma prontidáo que certamente muitos invejariam?

O rei abanou a cabeca para afastar pensamentos táo indignos, olhando ansiosamente para a cara dos homens que o rodeavam temendo que de alguma forma lhe tivessem conseguido ler a mente - logo boje que a agenda do encontro eram os preparativos para a chegada a Londres do cortejo e as cerimónias que se lhe seguiriam. Pobre Blanche.

John demoraría pelo menos um més a regressar do campo de batalha, mesmo cavalgando de dia e de noite, e trocando de cavalos em cada posto.

Sabia que o filho venerava a duquesa, e sendo um homem de extremos, náo deixaria de levar este luto a peito - que ninguém duvidasse do seu amor, nem do poder que tinha para lhe dar um enterro á altura da esposa dilecta do homem mais influente e rico de Inglaterra. E o pai, que o conhecia como as palmas das suas máos, sabia que tudo teria de ser ainda mais grandioso e pomposo, á medida dos remorsos que John sentiría por náo ter estado ao lado de Blanche, por ter deixado a família sozinha, mais uma vez em busca nem ele sabia bem do qué.

Conhecia decididamente bem o filho e estava certo de que John preferia sentir culpas a mudar o seu comportamento, e por isso, entregar-se-ia ao desgosto de forma pungente, com a mesma devocáo que o crente póe no

sacramento da Confissáo, acreditando que deixará o seu passado limpo como uma ardósia virgem.

Mas Edward, que estivera táo próximo da própria mulher e dos filhos, e que construíra com eles um sentido de família que passava muito além das querelas e das invejas entre irmáos - logo cinco rapazes! -, sabia que a escuridáo que descera no coracáo de John of Gaunt ao saber a notícia da morte de Blanche, era muito mais do que fachada.

Blanche dera-lhe, desde muito novo, uma seguranca serena, exigindo muito pouco, sempre pronta a deixá-lo partir sem amuos nem reprimendas, e táo genuinamente feliz por vé-lo regressar, orgulhosos um do outro. E dera-lhe um estatuto de que ele precisava desesperadamente -

Edward sabia que o filho era talvez o mais capaz de todos os seus rapazes, mas conhecia-lhe também a ambicáo desmedida e sobretudo a frustracáo de se encontrar táo perto. . e táo longe do trono. Sobretudo agora que o irmáo -

Edward, o Príncipe Negro - estava doente e se vira obrigado a passar-lhe o comando dos seus exércitos, incapaz de assumir o comando das campanhas contra Franca, preso em Bordéus a uma cama, ora melhor ora ás portas da morte, abalado de forma irreversível pela morte do seu próprio filho mais velho, aquele miúdo sempre táo destemido, que empunhava a espada como ninguém e montava sem medo, e que morrera de um dia para o outro sem nunca usar a coroa para que tinha nascido.

Sobretudo agora que o sucessor do Príncipe Negro passara a ser o seu segundo filho, Richard de Bordéus, uma crianca loura e frágil, que se constipava á chuva, e preferia mil vezes enfiar a cabeca nos livros a participar numa catada, superprotegida pela máe.

Mas o tempo, pensou o rei, náo está para nostalgias nem profecias - era preciso tomar decisóes e para isso é que ali estavam os seus conselheiros.

Por isso, nessa mesma tarde, Edward mandara uma escolta real para Bolingbroke e as ordens eram claras: apesar do perigo de contágio e dos ares pesados da cidade de Londres, quería que os seus sol dados escoltassem o caixáo da nora até á capital. Com todos os rituais a que um membro da família real tinha direito.

Quanto aos netos, desejava que viessem numa comitiva á parte, que viajarla por outras estradas, procurando desvios mais rápidos, de forma a que náo fossem sujeitos ao espectáculo do poyo em redor do féretro, dos gritos e dos gemidos, daquela gente que acreditava ter a obrigacáo de assim manifestar a sua dor.

Quando á noite se sentou na sua salinha privada, para um jantar a sós com Alice, olhou de novo para o pergaminho que lhe trouxera as más notícias, e guardara no bolso da sobreveste. Deteve-se mais uma vez na assinatura: Katherine Swynford? Quem seria aquela mulher que numa caligrafía desenvolta e sem pruridos nem salamaleques desnecessários assim escrevia ao rei? Fosse quem fosse, parecia ser a única cabeca ainda a funcionar naquele castelo longínquo, por isso o rei achara que fizera bem em ordenar-lhe que continuasse junto das criancas e garantisse a sua chegada em seguranca á capital.

Entretanto chegariam as ordens de John e então tudo se faria segundo a sua vontade.

Ao ler a carta que a mandava permanecer junto de Philippa, Elisabeth e Henry, Katherine sentira um imenso alívio. Estava demasiado envolvida com estas

criancas para que fosse capaz de deixá-las partir pelas estradas poeirentas, pelos caminhos longos que representavam aqueles quatrocentos quilómetros que os separavam de Londres. Fizera questáo de no quarto dos brinquedos ler alto as ordens recebidas, porque sabia que as amas e as damas de companhia de Blanche, passados os primeiros instantes de admiracáo pela coragem com que permanecera ao lado da duquesa, depressa desatariam a língua. E quando muitas línguas se juntavam, sabia bem Katherine, mesmo a maior heroína passava rapidamente a má da fita. Diriam que o fizera para conseguir brilhar aos olhos do rei, ou melhor, do duque agora viúvo, por dinheiro, títulos, terras, recompensas - afinal o que é que uma mulher de dezanove anos, linda como ela, e com filhos do seu sangue para criar, fazia ali num castelo distante, a arriscar a vida por quem náo lhe era nada? Se até Katherine se perguntava o mesmo. .

Quando Philippa e Elisabeth souberam que Katherin ficaria com elas, pelo menos até ao regresso do pai, estenderam-lhe a máo, que seguraram com forra e fizeram dissipar todas as dúvidas - que mesmo as suas queridas amas levassem os seus ciúmes para outro lado!

Maud e Heather estavam demasiado assustadas e agradecidas para se arriscarem a virar costas a Katherine - que alguém dividisse com elas a responsabilidade de manter sáos e salvos estes meninos parecia-lhes merecedor de que engolissem todos os rancores e esquecessem todos os boatos. Sobretudo Henry. O senhor duque nunca lhes perdoaria se alguma coisa sucedesse a Henry. Mas, benza-o Deus, o príncipe, que já corria por



todo o lado e enchia o quarto com as suas gargalhadas prontas, parecia felizmente tudo menos doente!

Katherine supervisionou a «evacuacáo» das criancas, e den gratas a Deus por aquela obrigacáo que mantinha os mais pequenos e os maiores demasiado preocupados nos preparativos, para pensarem demasiado na máe, que acabara de morrer.

Heather, enquanto empacotava os vestidos das meninas, dizia a Maud:

- Era pior para os meninos que tivéssemos ido nós, louvado seja o Senhor, porque a verdade é que nós é que aqui estamos para lhes secar as lágrimas e

curar as feridas.

Maud, que se lembrava como se tivesse sido ontem, de como a senhora lhe passara a sua menina para os bracos e lhe dissera «Maud trata-a como se fosse tua», desatou em solucos, e com a voz entrecortada, corrigiu:

- Nós somos tudo, mas náo somos máe, e a minha Philippa, por muito que tenha bebido do meu leite, val sentir muito a falta dela. Lembras-te como esperava sempre, ao fim do dia, que a senhora duquesa corresse a cortina, e lhe viesse dar um bello nos cabelos que en tinha acabado de desembaracar? Para depois adormecer agarrada a mim. . Mas era pela máe que esperava.

O estalido do chicote ouvia-se na manhá que de repente nascera gelada.

As cortinas das carruagens estavam fechadas, e as armas dos Lancaster cobertas com um pano escuro.

Elisabeth, de vestido sóbrio improvisado pelas costureiras de Bolingbroke, insistia com Katherine, usando o seu tom mais autoritário:

- Deixe-me abrir as janelas, quero ver o que se passa lá fora! Quero ver a mummy a acenar da janela, ela acena-me sempre, e é incrível que me tirassem de casa sem me deixarem ver o meu ponéi, nem explicar ao james que tínhamos de ir a correr para Londres. .

Philippa, cuja cara branca se confundia com os folhos da gola do vestido da mesma cor, olhou-a estarrecida:

- Beth, a máe morreu, nunca mais a vamos ver, está dentro daquela caixa, náo te está a acenar da janela, porque náo pode. .

Elisabeth olhou-a com os seus olhos verdes a faiscar, como se a odiasse mais do que tudo, por lhe estar a dizer o que sabia mas náo quería saber, o que ouvia mas náo quería ouvir:

- Estúpida, és mesmo estúpida. A mummy nao está em caixa nenhuma, a mummy acena-me sim senhora. . acena-me do Céu e en vejo muito bem.

Tapando as orelhas com as duas máos aninhou-se num canto dos bancos, as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo, enquanto Katherine passava o braco

pelos ombros de Philippa, e Heather, que la na mesma carruagem, embalava a sua menina.

Philippa fechou os olhos e murmurou baixinho, para que só Katherine a ouvisse:

- A Elisabeth tem razáo, en é que tive falta de fé. A máe acenou-nos de certeza daquela janela, ou do céu, a mummy nunca nos deixaria partir sem dizer adeus. .

Sempre táo dura e exigente consigo, sempre táo rápida a encontrar culpa em si, pensou Katherine, esperando que o baloicar da carruagem acabasse por os adormecer a todos, num primeiro dia de uma longa viagem.

A

Savoy Palace, 26 de Setembro de 1369

s trombetas tocaram e os portóes de ferro, com as armas dos Lancasters cobertas por um pano negro, abriram-se de par em par. As carruagens estavam brancas do pó das estradas, e todos os seus ocupantes exaustos e doridos - em apenas quatro dias tinham percorrido a distáncia entre as terras do norte e o centro de Londres.

O rio Tamisa corria, chelo de vida, paralelo ao imenso palácio, onde viviam quase tras mil pessoas. Todas com a rosa encarnada bordada no ombro esquerdo da capa ou da túnica, todos ao servico do duque e da sua família, dependendo da riqueza dos seus senhores e contribuindo para ela.

Fora do palácio, daquele e dos outros, as ruas da cidade eram apertadas e sujas, os excrementos lancados pelas janelas, as casas construídas junto ao rio, quase em palafitas, táo próximas umas das outras que de tempos a tempos o fogo comecava numa e alastrava a todas, e os pobres ficavam mais pobres, e redobrava o número dos que subiam aos portóes dos nobres, para de máo estendida pedirem o sustento para si e para os seus.

E os mais ricos davam, porque era assim a ordem natural das coisas, em que cada um ocupava o seu lugar, como numa gigantesca peca encenada por Deus.

Cada palácio tinha os seus «pobres» e os seus protegidos, e os soldados que guardavam as portas laterais tinham ordens precisas de quem deixar entrar e de

quem deixar de fora, de a quem franquear o acesso ás traseiras da cozinha onde os restos da mesa dos senhores e dos seus privilegiados vassalos encheriam os estómagos, geralmente colados ás costas, de famílias inteiras. E eram os guardióes dos portóes, também, que encaminhavam para as alas onde os secretários do duque recebiam as rendas a pagar e negociavam dívidas com os arrendatários vindos de muito longe - porque embora em cada castelo e em cada palácio dos seus imensos ducados estivesse nomeado um governador mandatado para explorar a propriedade e recolher os dividendos, a verdade é que havia sempre quem tentasse a sorte directamente junto dos homens da casa-máe, na esperanca de que na grande cidade a benevoléncia do patráo

fosse maior do que a dos caciques que localmente os governavam.

Os tempos náo estavam fáceis para ninguém, e Thomas, que esperava a sua vez de ser atendido, com as máos presas ao portáo que se abria para deixar passar as carruagens negras das princesas, cuspiu para o cháo á passagem da comitiva.

Philippa, horrorizada, viu-o pela janela e fixou o olhar de ódio com que ele retribuía o seu. Chegou-se para dentro, a tremer, para a sombra da invisibilidade, mas ainda conseguiu ver um dos guardas do portáo avancar sobre o rapaz, que devia ser pouco mais velho do que ela, e dar-lhe uma valente pancada na cabeca, com tal violéncia que Thomas largou as máos presas aos ferros verdes e voou, estatelando-se imóvel no cháo.

Philippa puxou desesperadamente pela manga do vestido de Katherine apontando cm direccáo ao miúdo:

- Lady Katherine, olhe para ele, a cabeca a escorrer sangue. . Mas por que é que cuspiu nas nossas carruagens, que mal é que lhe fizemos? Ele náo sabe que a nossa máe morreu, ele náo vé o pano preto sobre as nossas armas?

Maud riu, um misto de trota, medo e piedade. Philippa virou-se para ela, espantada:

- Ris-te? Aquele miúdo cuspiu-nos cm cima.

Mas Maud estendeu-lhe a máo num gesto de apaziguamento:

- Princesa, pense que talvez lhe tenha morrido também a ele, como a si, a máe, o pai e todos os irmáos. Pense que se agarrou ao portáo dos Lancaster na

esperanca de um bocado de páo, e está ali pendurado sem que sequer o vejam há dias e dias. . quando repara que o portáo se abre.

Só que náo para ele, mas para umas meninas, bem vestidas e chelas de adornos, com ar de saberem tudo menos o que é passar fome. .

Philippa ouviu-a sem saber o que pensar. Se o que Maud dizia era verdade, era natural que aquele miúdo tivesse vontade de lhe cuspir em cima, mas como é que era possível que os homens do pai deixassem desprotegido alguém que servia a família, ou sequer um miúdo com forre?

Calou-se, mas pensou que havia de perguntar a freí John se Deus teria mesmo desejado o mundo assim.

Bocejou. Hoje estava demasiado cansada para pensar mais, para se comover com as dores dos outros, quando a sua dor era tao gigantesca, a

maior que alguma vez sentira.

Normalmente náo gostava do Savoy, que sentia demasiado grande e chelo de gente, e obrigava a máe a andar sempre numa roda viva, de jantar em jantar, de recepcáo em cerimónia. Mas agora dava gracas a Deus por aqui estar, aqui onde a máe insistira que tivesse um quarto só para si.

Contava os minutos para que a deixassem ir para a cama, longe de todos, para poder finalmente chorar. Desde que a máe morrera, náo a tinham deixado um minuto sozinha. E Philippa desejava a solidáo mais do que tudo o resto. Quando a deixaram levantar-se da mesa do jantar, corren para o quarto e fechou a porta á chave. Nessa noite, nem Maud póde entrar para lhe vestir a camisa de noite. Tapou a cabeca com as almofadas, indiferente ás insisténcias da ama para que abrisse a porta. Só quería deixar lá fora o mundo inteiro, e com ele todas as injusticas. Como a de um Thomas sem ter o que comer. Como a de uma Philippa órfá de máe.

P

Londres, Savoy Palace, 26 de Novembro de 1369

hilippa sentou-se no seu banquinho e puxou-o para junto da janela -

era o seu lugar favorito naquela salinha do Savoy, e como os seus olhos náo eram fortes procurava sempre os lugares iluminados. Pegou instintivamente no bordado, que retirou do cestinho da costura, e recomecou o trabalho de bordar a linha encarnada e dourada o brasáo dos Plantagenet, que depois aplicaría num dos seus mantos de festa.

Katherine conhecia bem aquele hábito da princesa, que quando estava emocionada ou á beira das lágrimas, escondia o rosto na sombra e ocupava as máos, com a vantagem de poder ir vendo, sem ser vista.

Haviam chegado há pouco mais de duas horas da cerimónia fúnebre que finalmente depositara o corpo de Blanche no túmulo definitivo que fora construído propositadamente para o efeito, junto ao altar principal da Catedral de St. Paul, a mais importante da cidade.

A cerimónia fora longa e Philippa estava cansada de vénias e de abracos de circunstáncia - porque a catedral estava cheia, ou náo fosse a sua máe a mulher mais querida de Inglaterra, pensara com satisfacáo.

Katherine ficara num banco mais para trás, mas ela, a irmá e mesmo Henry, tinham sido obrigados a permanecer de pé, um tempo infindo, junto da «Caixa de Pedra», como lhe chamara Elisabeth.

Durante aquele tempo imenso, náo fora capaz de tirar os olhos do pai: John of Gaunt ocupara, obviamente, o lugar de destaque, próximo dos filhos, mas uns passos mais acima na escadaria do altar-mor, o rosto fechado, os olhos no cháo, o traje de gala, o manto escuro a cair-lhe pesado sobre os ombros dobrados, os leóes e as flores de lis, de quem náo renunciava a Franca, a rosa, com o seu encarnado-vivo, as únicas marcas de cor a lembrar que apesar de uma morte, todos os outros estavam vivos.

Philippa repreendera-se a si mesma porque náo conseguia concentrar-se nem nas palavras do arcebispo de Londres nem em parte alguma da cerimónia que reunia no altar mais de cinquenta padres e bispos nos seus paramentos magníficos. Tudo aquilo náo parecia passar de um sonho, porque Philippa chorava a máe em segredo há meses, e agora era como se

a tristeza a tivesse coberto como um nevoeiro espesso, mas náo assumisse nem um nome nem um rosto. A máe náo estava ali, jurava a si mesma, e como que a

provar que o assunto que ali os reunia náo tinha nada a ver com ela, prendera os olhos á figura do pai, finalmente regressado. Parecia-lhe o homem mais bonito do mundo, e, certamente, nenhum outro marido, nem aqui nem noutro lugar do universo, estava mais triste por ter perdido a mulher.

A entrada na catedral uma das suas damas mais mazinhas apontara-lhe a figura de Marie de St. Hilaire e de Blanche, a meia-irmá que nunca tinha visto antes, mas para qué pensar nisso agora, que certamente Deus, a quem rezava de dia e de noite, já apagara os pecados do pai.

Philippa olhou em volta, o pescoco dorido de tanto tempo passado em pé, e percebeu que os olhares dos outros pareciam igualmente atraídos por John of Gaunt, mas percebeu que nem todos eram de admiracáo. Bastava olhar para o avó Edward dobrado sobre a sua bengala, e para o rosto pálido e carcomido do seu tio pretendente ao trono para perceber que o pai, com toda a fortuna que lhe Tora deixada pela máe, a sua saúde robusta, e aquele porte altivo e ambicioso era um perigoso candidato ao trono.

Observou de soslaio o primo Richard, num banco junto da sua máe Joan, táo bonito que quase parecia uma rapariga, os caracóis loiros a caírem-lhe no fato de veludo azul-escuro, um sorriso encantador, apenas com cinco anos, mais dois anos do que Henry, mas já com o peso imenso de ser o mais legítimo e o mais directo herdeiro do trono de Inglaterra e de tudo o resto. . Instintivamente apertou com mais forra a máo ao seu irmáo pequenino, que lhe subira para o colo: tinha medo do que aquela gente, náo obstante ser a sua, poderia fazer a uma crianca que ameacasse ou estimulasse estratégias e planos daqueles que pretendiam colocar um re¡

«da sua cor» na cadeira do poder. Henry e Richard - Philippa sabia que o futuro passava por um dos dois se fosse apenas a sorte a decidir, mas decididamente por Henry se o pai tivesse alguma palavra no assunto.

Philippa também notara que até Katherine náo conseguía despegar o olhar de John of Gaunt. Encolheu os ombros, sem querer pensar mais no assunto: o pai era táo bonito, toda a gente olhava para ele!

Quando finalmente tinham regressado ao Savoy, correra para o banquinho, mas nem os pontos difíceis conseguiam impedir que as cenas daquela tarde passassem e voltassem a passar na sua cabeca.

Katherine estava no outro lado da salinha, numa cadeira de balouco, os olhos cinzentos no infinito, como se também ela estivesse muito longe dali.

Philippa teve o impulso de a interromper:

- Lady Katherine, tem muitas saudades da Blanchet e do Thomas? -

perguntou devagarinho, sem levantar os olhos do que fazia.

Katherine estremecen na cadeira: aquela crianca parecia sempre capaz de ler os pensamentos de quem lhe estava próximo. E sentindo que a cara ficava quente - «por que é que corava?, perguntou a si mesma, zangada» -, responden:

- A princesa devia ir para vidente. . estava mesmo agora a pensar neles, a Blanchet deve sentir imenso a minha falta. A minha casa é numa quinta muito isolada, e quando ela nasceu, en estava completamente sozinha. O

Hugh tinha partido para combater com o seu pai em Franca, e en tinha pouco mais de dezasseis anos. Ficámos absolutamente presas uma á outra, como acontecen certamente á sua máe consigo. Um primeiro filho é sempre diferente - atalhou rapidamente.

Philippa olhou para ela, feliz, a ideia de ter sido a primogénita, do colo da máe só para ela, aqueciam-lhe o coracáo como uma chama instantánea, mas depressa o sorriso aberto se transformou num mais sério e responden:

- Só que a minha máe e o meu pai queriam um rapaz, e en nasci rapariga.

Lady Katherine encolheu os ombros:

- Náo vá nessa conversa, lady Philippa, isso é coisa de homens. Uma máe quer é o seu filho de saúde, e quando o tem junto a si, preso nos bracos, quer lá saber que seja herdeiro ou náo - além disso a sua máe só tinha uma irmá e foram as duas as herdeiras. . E mesmo os pais, passado aquele embate inicial, apaixonam-se pelas filhas!

Philippa riu. Náo era certamente o caso do seu. . pelo menos náo por ela, mas de qualquer maneira gostava de ouvir estas coisas, que só Katherine conseguía dizer. Devia ser uma máe fantástica, era egoísmo pedir-lhe que ficasse com eles. E insistiu:

- Acho que devia ir ter com eles, agora que nós já estamos. . entregues.

Náo é justo que fiquem meses a fio sem si. Sei agora o que é náo ter máe, e também se¡ que por muito que queira o tempo náo volta para trás, mas a Blanchet e o Thomas tém. .



- Por isso, tenho que voltar. Sei que estáo bem entregues, e recebo notícias frequentes mas receio que julguem que me esqueci deles. E Hugh (e Katherine suspirou de angústia ao relembrar aquele homem que a repugnava), embora os ame acima da sua vida, é um cavaleiro de armas que facilmente comanda duas criancas pequenas como se fossem soldados num regimento. Tem raza-o, agora que o vosso pai já voltou, e estáo aqui com toda esta legiáo de soldados e criados, é tempo de ir ter com os meus. .

E voltou ao siléncio, baloucando a cadeira: que estupidez, como podia explicar a uma crianca, ainda por cima aquela para quem o dever vinha sempre antes do prazer, que era exactamente pelo facto de John ter voltado que Katherine sentia um impulso imenso de adiar a partida, usando que pretextos fossem. . talvez só até ao momento em que pudessem estar juntos e perante a brusquidáo táo característica do duque, aquela fantasía idiota que lhe povoa os sonhos, tanto aqueles que tinha a dormir como aqueles que a assaltavam acordada, se desvanecesse. .

- Princesa, hoje á ceia vou pedir uma audiéncia com o senhor duque e vou anunciar-lhe a minha partida. Se náo para hoje - a noite escura que caíra lá fora desmentia por si a aparente conviccáo das suas palavras -, para amanhá ou depois. . logo que arranje um cavalo e alguém que me acompanhe, porque a viagem é longa.

Philippa observou-a com curiosidade, e assentiu calmamente. Na sua curta vida as pessoas iam e vinham, e náo havia outra forma de sobreviver senáo aceitar que assim era. Desde que Maud ficasse, pensou sentindo-se um pouco ridícula por estar quase a fazer dez anos e continuar táo dependente da ama. E la continuar calada, quando de repente acrescentou:

- Lady Katherine, talvez o meu pai nos venha desejar as boas-noites, como a minha máe fazia, e nessa altura podem falar um com o outro. .

Sem dar por isso, num gesto tantas vezes repetido, esconden um braco por trás das costas e fez figas. E o resto da noite, afinou os ouvi dos para ser a primeira a ouvir os passos que, pesados, talvez percorressem o longo corredor que conduzia aos seus aposentos.

John náo conseguía explicar aquele sentimento - sabia que se deveria sentir triste e desolado (e sentia, repetia a si mesmo, é claro que sentia,

como podia um homem que amava loucamente a mulher e a acabava de sepultar náo sentir?), mas a verdade é que o invadia uma excitacáo adolescente, um sentimento de antecipacáo. . Andava de um lado para o outro dos seus aposentos como um leáo enjaulado, e tentava entender-se: que raio, parecia que la partir numa das suas longas catadas, ou quando na tenda esperava o toque para dirigir os homens no campo de batalha.

Aquilo que experimentava agora assemelhava-se mais ás borboletas na barriga que sentira pouco mais era que um rapaz, quando Marie, a dama de companhia da máe, lhe marcava um sítio, e uma hora, para o iniciar nos jogos da paixáo.

Tentou sossegar a inquietacáo ajoelhando-se no genuflexório, entoou as primeiras palavras de uma oracáo, so para estacar ali mesuro, empurrar a cadeira para o lado e cuspir num tour de voz irado:

- Basta de blasfémias; como se náo fosse suficiente o que sentes, ainda te benzes e te ajoelhas, quando isto é certamente obra do diabo e náo de Deus.

Estendeu-se atravessado na cama que tinha sido sua e de Blanche e tentou adormecer, mas sempre que fechava os olhos encontrava pela frente a imagem de Katherine, os seus olhos cinzentos e profundos, o seu corpo sensual e que tinha amadurecido com a idade, sem perder nenhuma da elegáncia e da atraccáo que desde o primeiro momento sentira por ela -

como se houvesse entre eles uma promessa por cumprir.

Náo, também náo podia ficar deitado naquela cama, logo naquela, a sonhar com outras mulheres que náo a sua.

- Estou doido, só posso estar doido, murmurou enquanto lancava máo da caneca de cerveja quente que o camareiro lhe deixara na mesa-de-cabeceira, quando expulsara dos seus aposentos aquela matilha de gente ansiosa por espiar as suas

lágrimas, na ánsia de poderem comentar se o grande John of Gaunt estava, em privado, táo comovido com a morte da mulher como o aparentava em público.

Expulsara-os a todos da sua sala e anunciara que naquele dia ceassem no Grande Saláo sem ele, porque náo lhe apetecía, coisa invulgar, suportar os olhares dos outros. Apagara então quase todas as velas, e deixara apenas uma que lancava a sua sombra comprida sobre o quarto de repente insuportavelmente grande e solitário.





As figas de Philippa náo tiveram outro remédio senáo desfazer-se. John náo sentira necessidade de ver os filhos, nem naquela noite em que os sabia mais sozinhos do que nunca, confirmou Philippa, sem que no entanto o pensamento a assustasse - eram assim os homens, ou quase todos, porque frei John e Chaucer eram diferentes, infinitamente mais sensíveis, capazes de traduzir em palavras aquilo que ela sentia. Chaucer murmurara-lhe á saída da catedral que em breve lhe viria ler trechos do livro que escrevia dedicado a Blanche, e que o próprio John lhe encomendara. Mas Philippa sabia que a encomenda do pai era irrelevante, porque desde que era pequenina e passava despercebida por entre as pernas das damas da corte, dos jograis e dos tocadores de harpa, entendera que aquele poeta e diplomata ao servico do pai, estava perdidamente apaixonado pela sua máe. Talvez só ela, Philippa, a sua filha querida, e ele a amassem a serio, pensou antes de adormecer entre lágrimas salgadas, aquelas que durante toda a cerimónia julgara esgotadas. Philippa teria sempre lágrimas para a máe. .

Katherine também ficou desiludida, suspensa na esperanca criada pela princesa de que talvez John viesse estar com os filhos naquele princípio de noite táo escuro. A agitacáo que a sua ausencia lhe provocava, era mais um sinal de que Katherine se devia manter fiel ao compromisso de partir dali o mais depressa possível. Olhou para os vestidos dobrados na arca, e num gesto de provocacáo estendeu a máo para o verde que herdara de Blanche

- Philippa um dia reconhecera-o, talvez John também o fizesse, pensou com uma ponta de remorso. .

Arranjou o seu cabelo ruivo, de forma a que as luzes dos salóes nele reflectissem os tons de cobre que Blanche lhe confessara um dia, sempre generosa, o marido achara lindos no dia em que a vira pela primeira vez em Windsor.

Mas quando desceu ao saláo, chelo de mulheres desejosas de a deixar entender que podia ser a mais bonita de todas elas, mas que nem o seu corpo nem a sua cara lhe comprariam um lugar igual ao delas, e de homens que a cobicavam com olhares igualmente detestáveis, um pouco

como se náo fosse de ninguém e estivesse disponível para todos, suspirou de alívio quando ao longe viu Geoffrey Chaucer, o seu cunhado Geoffrey, que ás vezes quase se esquecia de que o poeta casara com a pragmática da sua irmá.

Chaucer também a vira, e rapidamente veio em seu socorro. Tinha a certeza de que a sua querida cunhada estava destinada a voos mais altos do que uma quinta desterrada no norte, presa para sempre a um cavalheiro bocal, que náo lhe dera mais do que o direito a usar o título de

«Lady».

- Lady Katherine, boa noite.

- Que bom é encontrar aqui uma cara conhecida - suspirou Katherine, dando-lhe o braco.

- E será a única que a senhora aqui val hoje ver, porque o senhor duque acaba de anunciar que hoje jantamos sem ele. O desgosto (e Chaucer fez uma careta irónica) impediu-o de descer. Segundo corre está fechado ás escuras no quarto, apenas com um barril de cerveja como companhia.

Katherine entendeu toda a irritacáo do cunhado, que se achava o único homem capaz de ter amado a duquesa como ela merecia. E tomou os seus comentários por enciumadas críticas ao rival que apesar de todas as suas insuficiéncias notorias como marido, conseguira reter, até ao fim, a admiracáo e o amor incondicional de Blanche.

- Falou vele, na hora da morte? - náo resistiu Chaucer a perguntar.

Katherine, a quem a notícia da auséncia de John lancara numa profunda depressáo, responden com um aceno melacólico da cabeca. Sim, Blanche falara

repetidamente no marido, lamentara a sua auséncia, e proclamara por ele o seu amor eterno. O coracáo de Blanche náo pertencia a Chaucer nem nunca pertenceria. Ele sabia-o e sempre o soubera, mas Katherine acabava de constatar que era incapaz de aceitar que o de John um dia náo lhe viesse a pertencer a ela.

Chaucer entendeu tudo, antes mesuro de Katherine o ter feito. E sorriu: a sua intuicáo náo o enganara, a cunhada la longe. . Pois que fosse feliz, era o que lhe desejava.

Sem a possibilidade de ver John á cabeceira da grande mesa de carvalho, Katherine sentiu que náo aguentaria outra «cerimónia» longa como eram as destes jantares, cinco pratos diferentes na mesma refeicáo, mesmo em dias de luto como este. Por isso anunciou a Chaucer que la



subir - se encontrasse o caminho! - e pediría que lhe levassem um caldo ao quarto. .

Mas quando, tendo vencido os labirintos daquela casa, se preparava para pór a máo á porta, sentiu um toque leve no ombro, que a fez saltar de susto.

- O senhor duque de Lancaster pede a lady Katherine que me acompanhe aos seus aposentos - disse um escudeiro, ainda rapaz, a voz num sussurro.

- A esta hora? Náo será engano? - perguntou, apanhada completamente de surpresa.

O escudeiro olhou-a com um certo desprezo, e era fácil entender que, se náo tivesse medo das represálias, teria respondido com ironía que também ele náo compreendia o que estava ali a fazer, mas que sim, eram essas as ordens recebidas. Ordens aliás que pretendia executar porque há muito tinha percebido que discutir instrucóes, mesmo aquelas que aparentemente náo tinham qualquer sentido, só lhe valiam dois pares de estalos, ou ficar sem jantar.

Katherine entendeu que a pergunta era parva, e que nenhuma outra explicacáo se seguiria e, pensando depressa, falou num tom que pretendía ser o mais natural do mundo:

- Desculpa, vamos lá, rapaz, que o senhor duque quer saber dos príncipes e de como foram os últimos dias da senhora duquesa. . e talvez tenha ordens para o meu marido, que serve nos seus exércitos.

Katherine corou ao falar de Hugh, que parva, para que é que chamava a atencáo do miúdo para o facto de ser casada?; como se a opiniáo dele lhe importasse, como se alguma coisa pudesse salvá-la das línguas quadrilheiras daquelas damas da corte, das criadas e das mil e uma pessoas que a cada esquina se interessavam mais pela vida dos outros do que pelas suas - a maioria das vezes porque a que tinham era táo monótona e entediante, que de facto só as aventuras alheias lhe davam algum picante.

Levantando o queixo, estugou o passo:

- Então, rapaz, o senhor duque náo disse que era urgente?

Sentado frente á imensa lareira que tinha mandado acender, John repetia, numa voz zangada, a mesma cantilena: então náo era mais do que natural que quisesse trocar umas palavras com a única mulher que náo fugira de Blanche, a única que tomara o comando do seu castelo e protegera inclusivamente a vida dos seus filhos e do seu herdeiro? Ainda para mais, segundo lhe diziam, com uma firmeza e uma deter minacáo invulgares. Era preciso perguntar-lhe quanto lhe devia pelos seus servicos, que se lembrava bem que Blanche apadrinhava a rapariga e lhe dava roupas e alimentos porque o palerma do Hugh Swynford nunca passara de um bom soldado, corajoso, mas bocal e brusco. E pensando bem, por que náo se tinha oposto então a que uma rapariga casasse com ele, como o seu estatuto de senhor da Casa de Lancaster lhe teria permitido?

Talvez porque temesse os sentimentos que desde o primeiro momento lhe provocavam os olhos de Katherine, e o seu cabelo vermelho e chelo de luz, mas sobretudo os movimentos do seu corpo, táo naturalmente sensuais que era fácil entender que ainda ninguém lhe tinha dito como eram irresistíveis.

Lembrava-se de como se haviam cruzado no jardim de Windsor, de como a prendera nos bracos porque voara contra ele, a fugir de alguém, as macás do rosto coradas, um ar de passarinho frágil. . e como o perturbara a vontade, náo de a possuir, mas de a proteger.

Levara-a directa aos aposentos de Blanche, e pusera a rapariga a seu cargo, talvez para fugir da tentacáo. . e talvez também tivesse sido por isso que aceitou

a proposta daquele imbecil, acreditando que longe da vista, ela ficaria para sempre longe do seu coracáo.

Vira-a uma ou duas outras vezes, dancara com ela de uma forma que até lhe valera um ou dois boatos que sabia terem corrido os salóes da corte, mas quando ela o convidara para padrinho da sua filha mais velha, ele aceitara, porque náo tinha razóes para náo o fazer, mas lembrava-se de como o enfurecera a ideia de que fora outro homem a resgatar-lhe a virgindade. .

Nesse ponto da cantilena dava a volta á historia, para sair dela vítima, como era seu timbre:

- Por que quer ela seduzir-me? Que quer de mim? Aproveitar-se da morte de Blanche para preencher o seu lugar na minha cama?. .

E o ciclo vicioso continuava, quase como se um John contestasse o outro,

aquele que quería ser o marido fiel e o pai dedicado, e aquele outro, zangado desde crianca por ter nascido demasiado tarde, habituado a tomar para si tudo aquilo que via e desejava, sem olhar ás consequéncias, como se fosse essa a forma que a vida tinha de o compensar por estar sempre táo perto, e táo longe, do trono.

O barulho da portinhola de seguranca, no canto mais escuro do quarto, fé-lo virar de repente a cabeca: mandara o escudeiro trazer Katherine pelas escadas secretas que conduziam aos seus aposentos, náo quería ser alvo de comentários e intrigas. Náo quería, sequer, que o seu camareiro soubesse que lhe pedira para subir. .

Com passos rápidos aproximou-se de Katherine, que estacara com um pé dentro e outro fora do quarto de John, olhando-o á espera de uma nova ordem. Estendeu-lhe a máo, puxou-a para si, fechou com o pé a portinhola, e segurando-lhe na máo, beijou-a. Katherine dobrou-se numa vénia até ao cháo e murmurou uma frase meio desconexa de condolencias, de que logo se arrependeu. . John instintivamente den um passo atrás e a corrente que os ligara pareceu gelar. O tour de voz que se seguiu era perfeitamente controlado e formal.

- Lady Katherine, agradeco-lhe que tenha aceitado este convite, um pouco invulgar. Pedir-lhe que viesse aqui a meio da noite, reconheco que é um pouco despropositado, mas estava angustiado e até agora, desde que regressei, ainda

ninguém me conseguiu falar de lady Blanche com serenidade. Quero saber tudo. . e agradecer-lhe do fundo do coracáo o facto de ter permanecido com ela até ao fim.

Katherine demorou uns segundos a responder, como se tivesse de puxar as orelhas ao seu lado mais impulsivo e retomar a compostura que se esperava dela.

Quando responden, a sua voz era táo controlada e firme como a dele:

- Lady Blanche morreu com toda a grandeza que só alguém como ela podía ter, preocupada antes de mais com os filhos, com aqueles que a serviam e que quería, a todo o custo, poupar ao contágio.

- Falou em mim? - perguntou John, espantando-se a si mesuro com a pergunta que lhe parecía demasiado íntima para fazer a uma mulher que mal conhecia. .

- Falou, disse que seria na vida eterna, como na vida terrena, a mulher que o amava e respeitava, e que o protegeria a si, e aos filhos, de lá de cima

- responden Katherine, omitindo a lamentacáo de Blanche por John estar sempre fora, que já o sabia suficientemente culpado por isso.

Comovido, deixou de estará defesa, puxando-a para junto da lareira, pediu-lhe que se sentasse numa cadeira junto da dele, e aceitasse uma caneca de cerveja. Katherine fez o que lhe pediu, e ambos ficaram num silencio que John náo suportou, e interrompeu:

- E os meus filhos? Dizem-me que nenhum deles ficou doente. Pareciam-me bem, e o Henry está grande, forte, robusto, acho que vai ser um cavaleiro. .

- . . como o pai - acrescentou Katherine, infinitamente aliviada por a conversa ter mudado para as criancas, sobre as quais podia falar com genuino entusiasmo.

Contou-lhe as birras de Elisabeth, e como acima de tudo quería um falcáo, chamou-lhe a atencáo - sabendo que John entenderia pouco do que lhe dizia - para a necessidade de valorizar Philippa, puxando-a para fora da sua timidez, e náo deixando que afogasse a sua angústia numa devocáo religiosa que Katherine achava assustadora.

- Sei que é mais fácil para si entender-se com Elisabeth, táo parecida com o

senhor duque no feitio - disse Katherine, esquecida do seu estatuto, e abrindo-lhe um sorriso caloroso e cínico, que o deixou estonteado.

- Feitio? Está a insinuar que tenho mau feitio? - responden John, chelo de vontade de tornar a conversa ainda mais próxima, de a chegar a si e de a beijar com forra nos lábios vermelhos, de passar os dedos naqueles cabelos.

Katherine sentiu aquela proximidade e esqueceu tudo, esqueceu Hugh, esqueceu o convento, esqueceu Blanchet, Thomas, apagou da consciéncia aquilo que uma mulher num momento de paixáo apaga.

Estendendo a máo ao encontro da de John, deixou-se escorregar da cadeira e juntou o seu corpo ás suas pernas, mas antes que a sua cabeca lhe caísse sobre o colo ainda conseguiu dizer com ironía:

- Esse feitio de querer tudo, agora e aqui, no momento, como se o mundo lhe pertencesse.

- E náo pertence? - sussurrou-lhe John ao ouvido, enquanto as suas máos percorriam o veludo verde do vestido, e virando-a de frente para si, abracou-a.



Nenhum deles conhecera uma intensidade de sentimentos táo forte, uma mistura táo grande de amor, admiracáo e sensualidade, uma ligacáo que náo podia estar errada, nem ser pecado, porque os seus corpos pediam o do outro, sem hesitacóes, nem condicóes, sem que por um segundo o

«amanhá» tivesse alguma importáncia.

John pegou-lhe ao colo e levou-a para cima da cama imensa, e foi como se anos de solidáo se desfizessem. Náo compararan com amores anteriores, nem com sensacóes passadas, mas quando adormeceram nos bracos um do outro, ainda bébados do desejo que os possuíra, sabiam, os dois, que por muitas voltas que o mundo desse, eram para sempre um do outro.

Katherine, que se apaixonara por ele no dia em que o vira, tinha a certeza de que as pecas do puzzle estavam apenas a cair no lugar onde sempre deveriam ter estado. John sentia-se mais confuso: este sentimento pleno, que náo lhe deixava

espato para mais nada, era inteiramente novo.

Amara Blanche e fizera amor com outras mulheres, para qué negá-lo, mas Katherine provocava-lhe um sentimento completamente diferente - quería té-la, mas também sabia que para a ter a teria que conquistar, hoje, amanhá e no outro dia. .

Philippa náo conseguiu conciliar o sono nessa noite. Do seu quarto, ouvira a conversa entre Katherine e o criado. Pressentira a emocáo na voz de Katherine e a insoléncia no tom com que o miúdo se lhe dirigía.

Náo tinha vivido muito, mas sabia o suficiente. Numa camarata de raparigas de todas as idades, como naquelas em que dormia em Windsor, as licóes do amor aprendiam-se depressa. E bastava bordar uma tarde junto das damas da máe, para entender de amores ilícitos e secretos.

Odiava-os, porque iam contra os mandamentos da Igreja e faziam sempre alguém sofrer. A máe sofrera, sabia-o bem.

Mas por que pensava agora em amores ilícitos, quando Katherine fora chamada ao pai, como ela própria dissera alto, para lhe dar conta dos filhos? Dela, de Elisabeth, de Henry. Dos últimos momentos de Blanche.

Ouvira os sinos das igrejas da cidade tocar, uma e outra vez, depois o siléncio, e de novo os sinos, a marcar o tempo que passava. Por que náo

voltava Katherine? Que podia ter para conversar tanto tempo com o seu pai? Logo na noite em que John of Gaunt regressara para enterrar a mulher. A sua máe.

Exausta adormeceu quando a luz já entrava pelas frinchas da janela. De Katherine, nada.

Na ala sul do Savoy, também foi a luz da manhá a acordar Katherine.

Olhou á sua volta em absoluta incredulidade: o vestido verde, logo o vestido verde, jazia inerte no cháo de um lado da cama, e todas as outras pecas de roupa estavam nos lugares mais disparatados. . mas a parte mais assustadora do sonho, é que estava deitada nos bracos de um homem. E ao tomar consciéncia disso den um salto, e sentada percebeu, como se lhe tivessem lancado um balde de água fria para a acordar, onde e com quem dormia.

John acordou com o movimento, demorou muito menos tempo a recordar a noite anterior e ficou muito menos perturbado com a recor dacáo - tudo se havia de resolver, ou náo fosse ele John of Gaunt. Puxou Katherine para debaixo dos cobertores quentes e desatou a rir, um riso táo fresco e descontraído, táo parecido com o de Elisabeth quando acabava de fazer uma asneira, que Katherine se deixou tapar e aconchegar.

- Al meu Deus, o que é que en fiz, meu senhor? O que é que vou fazer agora? Tenho de me ir embora, vinha cá pedir-lhe para me deixar ir embora. . - e Katherine tapou a cara assustada, de repente absolutamente consciente de que náo suportava voltar atrás, mas também náo tinha caminho pela frente. .

John enxugou-lhe as lágrimas com o lencol de linho, e com uma meiguice que náo lhe conhecia foi-a confortando:

- O que acontecen tinha de acontecer, e nunca, mas nunca, vou voltar a Picar sem

si.

- Desculpe, mas está louco! A sua mulher morreu, paz á sua alma, e nem é disso que tenho remorsos porque sei que fiz tudo o que me foi possível para a guardar e salvar, mas son casada. . tenho dois filhos, o Hugh é um daqueles homens que preferia morrer a saber-se enganado, e mesuro entendendo que náo o amo nem nunca amei, que náo suportava o seu corpo junto ao meu, quis casar comigo, quis possuir-me, mesuro quando en náo quis.

Katherine solucava sem conseguir controlar-se, como se toda a desilusáo

dos sonhos que trazia quando deixara o convento se tornasse agora absolutamente insuportável ao lado da felicidade que sentira, e que a partir daqui sabia possível.

John deixou-a chorar sem pressa, os bracos entrelacados á volta do seu corpo nu, e depois disse com uma frieza que a assustou:

- O Hugh está vivo, mas a qualquer momento qualquer pessoa viva pode deixar de o estar.

Katherine sentiu o corpo gelar, náo era ingénua ao ponto de saber que John professava o mote contrário ao de Blanche e de Philippa: para John o prazer estava muito á frente do dever, e o dever só fazia sentido se tivesse como objectivo o prazer futuro.

Benzendo-se, saltou da cama e apressou-se a apanhar a roupa espalhada, mas John voltou a puxá-la para dentro do calor da cama e beijou-a com tanta paixáo, que ela deixou de novo cair tudo para o cháo.

Com um sorriso triunfante - «al como podes ser insuportável», pensou Katherine -, afastou-a e disse-lhe:

- Como vé náo pode fugir de mim.

E feliz por ter ganho o desafio, continuou:

- Katherine dos olhos cinzentos de gato, en náo son louco. Náo podemos amar-nos á vista de todos quando ainda ontem sepulte¡ Blanche. E náo tenciono matar ninguém, náo faz o meu género, nem sequer preciso disso, porque Hugh é meu

vassalo e compensá-lo-ei bem por me ceder a mulher. .

Katherine náo Tora educada nos rituais da corte, e trair o marido ou aceitar que ele se deixasse trair por dinheiro, era coisa que náo lhe entrava na cabeca. la contra a dignidade de Hugh, dos seus filhos comuns, como encararía Philippa se tivesse um caso com o pai dela e um marido enganado perdido num castelo do norte, os filhos sujeitos a vergonhas constantes?

- Náo, John, vou-me embora já hoje, e esta noite Picará para sempre na minha memória como a noite mais feliz da minha vida. Nunca amei nem amarei mais ninguém, mas náo posso humilhar toda a gente que me rodela para satisfazer este amor egoísta. . Só peco um cavalo e uma pequena escolta. Preciso de voltar para Ketleworth hoje mesmo.

John era um homem prático - nas guerras que toda a vida travara havia que esperar o momento certo para atacar, esperar que o vento estivesse

de feicáo ou o inimigo distraído. E foi por isso que sem qualquer animosidade responden, aparentemente conquistado pelos seus argumentos:

- Vou arranjar-lhe um cavalo e uma escolta. E uma bolsa de dinheiro pelos servicos prestados. Pode dizer ao Hugh que sei das dívidas que contraiu, o ano foi terrível para a agricultura, e que mandarei apagó-las do livro de registos.

E puxando da colcha da cama enrolou-se nela, para ir tocar á campainha que chamava o camareiro.

Katherine, atordoada, vestiu-se á pressa e dirigiu-se para as escadinhas secretas que a tinham trazido até ali, chela de medo de se perder com o cabelo desalinhado e a roupa amarrotada áquelas horas da manhá por uma ala desconhecida daquele imenso Savoy. Mas quando abriu a porta e pos o primeiro pé no degrau den um grito. E o escudeiro, que dormitava encostado á parede, outro:

- Tu aqui, exclamou assustada.

- E no momento certo - responden o escudeiro que apesar de estremunhado náo perdera o sentido de humor.

Quando Philippa saiu da salinha de estudo, numa conversa animada com

Chaucer, pararam espantados. No corredor estava Katherine, os olhos inchados de chorar, as malas prontas.

Sem fixar Philippa nos olhos, e evitando o olhar perspicaz do cunhado, Katherine aproximou-se de máo estendida, para se despedir:

- Lady Philippa, volto para casa como lhe disse.

Philippa, com o rosto mais serio do mundo, apertou-lhe a máo com forra.

Por ela as despedidas teriam ficado por ali, mas Katherine, apesar das memórias da noite anterior, náo resistiu a abracá-la e Philippa deixou-se abrasar, derretendo-se por segundos naquele abraso. Que depois da noite de ontem, em que esperara pelo regresso de Katherine em váo, lhe sabia a traicáo, como se fosse cúmplice de qualquer coisa. .

Mas Katherine já se voltara para Chaucer:

- Cunhado, queres algum recado para a tua mulher? - perguntou Katherine, tentando que a voz náo lhe saísse tremida.

Ao que Chaucer responden que em breve seguiría também para norte, mal tivesse o livro da duquesa adiantado.

Elisabeth surgiu entáo para salvar a situacáo, abencoada menina mimada, que logo se agarrou ás saias de Katherine numa birra imensa, dizendo-lhe que náo lhe voltaria a dirigir a palavra se insistisse em abandoná-los para ir atrás dos seus filhos:

- Lady Katherine, nós somos princesas e os seus filhos, náo! - dizia a insuportável crianca, levando Philippa a puxar-lhe as orelhas chocada, e Chaucer e Katherine a desatarem a rir ás gargalhadas.

M

Savoy Palace, Londres, 15 de Fevereiro de 1370

aud voltou minutos depois com lady Emma - tinha a mesma idade que Philippa e um sorriso tímido, mas ligeiramente trocista, que conquistou a princesa. Náo era

bonita nem feia, os cabelos de um castanho-claro e os olhos muito pretos eram o seu trato mais marcante. O vestido era bonito, via-se que de bom tecido e com um bom corte, mas náo tinha praticamente adornos, nem aqueles cintos chelos de pedras preciosas que irritavam Philippa por os achar uma ostentacáo sem sentido.

- Lady Philippa - disse Emma, fazendo-lhe uma vénia.

- Lady Emma, sei que chegou por estes dias - come~ou Philippa, lembrando-se como a máe tinha tanto jeito para pór as pessoas imediatamente á vontade, e esforcando-se por seguir o seu exemplo. .

- Deve sentir-se um bocadinho perdida neste sítio enorme. . e ainda por cima gelado - continuou, abrindo mais o sorriso.

Emma sentiu que pela primeira vez naquela semana longa e triste, em que passara a maior parte do tempo no quarto das damas de companhia de Philippa a esconder as lágrimas de saudades de casa no colcháo que lhe tinha sido destinado, havia alguém de carne e osso. As outras raparigas que dividiam com ela o quarto, e supostamente tinham o trabalho de assistir a princesa e aprender os «modos da corte», náo eram mais simpáticas do que as mais velhas, sempre em conversas idiotas. .

- Perdida? Sinto-me um bocadinho, lady Philippa.

Philippa percebia muito bem o que era sentir-se perdida no meio da multidáo de gente que passeava por aqueles corredores, e entendia ainda melhor o aperto no coracáo quando nos sentimos o alvo da trota dos outros. Voltou a sorrir, e pediu a Emma que se sentasse no banco ao lado do seu e se aquecesse na lareira que ardia quente, porque os criados náo deixavam que o fogo se extinguisse nem durante as longas noites.

- Hoje janta comigo. Quero muito ouvir as histórias dos seus irmáos, e logo que haja um dia de sol vamos catar, e val chegar ao fim do dia táo cansada que adormece logo. Sáo os dias que prefiro - disse Philippa, pensando que milagre seria se conseguisse cansar-se tanto que ao ir para

a cama náo se perdesse em memórias e interrogacóes.

Emma era uma fantástica contadora de histórias, e Philippa, que preferia ouvir a

falar, passou a exigir a sua presenta constantemente. Descobriu que Emma vivia na quinta ao lado da de Katherine, que o seu pai era um senhor da terra, que os irmáos mais velhos já estavam na corte, e um fora armado cavaleiro, e náo se cansava de ouvir as histórias de como a sua máe Blanche e Mary, a máe de Emma, eram amigas desde pequeninas. .

Divertia-se imenso com as imitacóes que a amiga fazia dos trejeitos da corte, das declaracóes de amor dos cavaleiros e escudeiros, da forma como trocava das damas, casadas ou solteiras, que só queriam meter conversa com o senhor duque, que agora viúvo era o melhor partido das redondezas.

Apesar de tudo Emma escolhia as palavras cuidadosamente, e embora náo fosse mais do que uma miúda e estivesse habituada em casa a fazer de bobo levando os irmáos e o pai a chorarem de riso, tinha sido suficientemente ensinada pela máe para saber que John of Gaunt era o pai de Philippa e que a aparente familiaridade que existia agora entre elas se poderia quebrar com um passo em falso. Sobretudo sabia que náo deveria falar de Katherine Swynford - quantas e quantas vezes a recomendacáo já viera escrita nas cartas que esperava sempre ansiosamente de casa.

Mas um dia a conversa la táo animada - Philippa até deixara cair o livro de Aristóteles que freí John a mandara ler até ao dia seguinte - que Emma se descaiu:

- A minha máe diz que lady Katherine ficou num estado de agitacáo enorme quando chegou a Kenilworth e o marido já lá náo estava.

Philippa sentou-se direita e mudou imediatamente de expressáo, toda a beleza que o sorriso e as macás do rosto coradas lhe davam desaparecen para a deixar de novo tensa e nervosa.

- O marido já lá náo estava? Porqué? Entáo depois do tempo todo em que tomou conta de nos, sem ver sequer os filhos, volta para casa e sir Hugh náo está?

Emma estava arrependida de ter comecado a conversa, mas sabia que náo podía voltar atrás e também, para dizer a verdade, náo percebia muito bem por que é que, sem mais explicacóes, a máe insistia tanto na proibicáo de mencionar o nome de Katherine. De quem ainda por cima Philippa falava minuto sim minuto náo.

- Ah, nada de especial, acho eu. O duque, seu pai, mandou-o de novo alistar-se no exército e partiu com ele para a Aquitánia, aquelas eternas guerras com os franceses. A minha máe diz que nem sequer percebeu muito bem a agitacáo de lady Katherine, porque eles nem sáo muito próximos, e quanto a sir Hugh acho que ficou radiante por partir porque há anos que o senhor duque náo o convocava. .

- Mas por que é que o meu pai náo o convocava e agora convocou?

- Náo sei - disse Emma com um encolher de ombros. - O duque é padrinho da filha mais velha e a sua máe era a madrinha, e a quinta deles é muito isolada e até pobre (e Emma corou com o comentário) e então acho que terá sido a sua máe, Philippa, a pedir-lhe que náo alistasse sir Hugh para que a mulher e a filha náo ficassem sozinhas ali perdidas. .

Philippa sorriu apaziguada: era mesmo uma coisa da máe, sempre preocupada com os outros e capaz de ajudar sem dar nas vistas, o que acaba apenas por embaracar quem recebe. Philippa jurou que quando fosse grande seria assim. Mas a curiosidade voltou:

- E agora, que Katherine foi para casa para perto dele e dos filhos?

Emma olhou para fora da janela e para o Tamisa, onde a luz ainda permitia distinguir a sombra dos barcos, e responden com mais um encolher de ombros. Philippa pressentiu que sabia mais mas náo lhe quería contar. E náo insistiu.

Afinal, pensou, para que é que estou a fazer perguntas para as quais já sei as respostas? Porque sabia.

C

Londres, Savoy Palace, 25 de Janeiro de 1371

onversar com Emma era divertido, e aos poucos a companhia das outras damas que lhe tinham sido atribuídas por tias e padrinhos, tornava-se mais fácil. No Veráo tinham saído da cidade, para regressar no Outono, e agora as tardes de Inverno eram passadas na sua salinha, entre gargalhadas e música dos alaúdes, enquanto cortavam e cosiam túnicas que haviam de ser dadas aos pobres pela

Páscoa. Mas era pelas licóes da manhá que Philippa, agora com onze anos, esperava ansiosamente, sobretudo quando Chaucer estava presente, regressado de alguma missáo diplomática em que era perito. Nesses dias subía a dois e dois os degraus para os aposentos das criancas, e abria a porta da sala de aulas, sempre com uma surpresa nas máos.

Náo tinha a serenidade de freí John, nem provavelmente a sua sabedoria humilde, mas nunca deixava uma pergunta sem resposta, e Philippa bebía as suas histórias como se de uma pocáo mágica se tratasse. Náo apontava vilas e cidades no mapa, descrevia-as. Náo fazia relatórios de batalhas, revivia-as, com gritos e uivos, como se se passassem ali mesmo, e os tapetes do Savoy fossem os campos relvados de Franca. Conhecia todas as cortes, todos os reis. Discursava sobre política internacional com uma pompa que fazia sorrir discretamente o bom do freí John. Com a mesma facilidade que dava conta da última revolucáo da astronomia, ou da mais recente heresia teológica.

E agora havia o livro. A princesa percebia que Chaucer náo descurava a missáo e as páginas iam-se amontoando na secretária que decidira instalar na sua sala de estudo - alegando que o pouco sol que havia naqueles meses de chuva batia daquele lado precisamente de manhá, que era quando mais gostava de trabalhar. Philippa de vez em quando tanto insistia que o poeta aceitava ler-lhe alguns dos versos, e espreitando por cima do seu ombro, a princesa viu que o livro já tinha título: «O Grande Livro da Duquesa».

Mas Chaucer náo era um poeta com os pés na lua. As suas conviccóes estendiam-se á religiáo e á ciéncia. Philippa, farta de conversa de mulheres e dos discursos vazios do próprio pai, escutava-o com toda a atencáo.

Náo se esquecera nunca do dia em que vira aquele rapaz pendurado no portáo do Savoy, a implorar comida. Desde al reparara em muitos outros, e Maud e Heather explicavam-lhe que os tempos náo estavam fáceis - ou era a peste, ou era a consequéncia da peste, Philippa nem sempre entendia tudo. .

Chaucer garantia-lhe que o poyo estava insatisfeito e que a riqueza dos castelos, a ostentacáo das abadias e dos homens da Igreja fazia crescer a instabilidade. O poeta previa mesmo uma revolta. Philippa acreditava vele, e recordava-se da sua profecía sempre que por obrigacáo descia ao Grande Saláo e partilhava uma barulhenta refeicáo com trezentos cortesáos, que deixavam mais do que comiam, e outras tantas damas que náo falavam de outra coisa senáo de jóias. . e

infidelidades.

A princesa náo punha em causa a ordem social existente, nem sequer mestre Chaucer o fazia, mas freí John, que rematava as conversas quando o poeta já náo tinha voz, procurava criar nela uma nocáo de responsabilidade.

- Dos senhores depende a seguranca e o bem-estar dos vassalos, e os exemplos partem sempre de cima - dizia-lhe.

Chaucer acrescentava:

- Os reis tém de merecer o poder que Deus lhes den, servindo o seu poyo.

Philippa náo precisava de mais para entender aquilo que lhe estavam a dizer, para compreender que o avó Edward estava esquecido dos servicos que lhes devia prestar, envolto em teias de intrigas e lisonja. E com um fervor de crianca que a vida faz crescer depressa, dividia o mundo em bons e maus. A luz da Bíblia Sagrada e dos seus livros de oracóes, náo era difícil entender quem era quem. Acreditava seriamente que a imoralidade de muitos dos nobres, e daqueles que vergonhosamente traíam os principios morais da Igreja, e cometiam toda a lista de pecados, da gula á luxúria, tinham de ser postos na ordem por um poder forte. Suspirando concluía sempre para si que talvez o avó já fosse demasiado velhinho para conseguir impor-se e restabelecer a justita.

Mas se Chaucer e freí John adoravam discutir política, ainda mais animados ficavam quando o tema era a ciéncia. Chaucer fazia relatos imensos das descobertas de que ouvira falar nas suas viagens, e enchia a secretária de freí John com astrolábios e compassos, lentes que permitiam

ver as letras maiores, e todo um conjunto de aparelhos que deixavam o frade em éxtase.

- Vou chamar-lhe o «Tratado do Astrolábio» - exclamou um dia Chaucer quando Philippa entrou para as suas licóes da manhá.

- Tratado do qué? - perguntou Philippa, e do outro canto da sala freí John acenou-lhe divertido com uma máo, como se lhe dissesse para náo ligar a mais um delírio do seu amigo comum.

- Verdade, princesa, olhe para este astrolábio que trouxe de Itália -

continuou o poeta, imperturável, chamando-a para junto da janela.

- E o que é que se faz com isso?

- Só com este aparelho é possível saber as horas, de dia e de noite, porque náo depende do sol saber em que sítio da terra estamos e encontrar o caminho no meio de um oceano só pelas estrelas.

Frei John também se tinha chegado perto para olhar o instrumento milagroso.

- Vou escrever um tratado a explicar como funcionar com este aparelho, numa linguagem simples, princesa, para que os navegadores o possam usar. Vou escrever um livro que seja acessível porque é preciso tirar as pessoas da escuridáo, porque é preciso que mais gente seja capaz de ver mais longe.

- E de ir mais longe - rematou freí John, entusiasmado.

Philippa fé-lo prometer:

- Quando o tiver escrito deixa-me ler?

- Claro, princesa, esteja onde estiver, hei-de lhe fazer chegar uma cópia.

Para que leía o seu destino nas estrelas, e encontre sempre o seu caminho. .

P

Savoy Palace, Londres, 10 de Setembro de 1371

hilippa acabava de passar uma minuta de uma carta em francés, a língua franca entre as cortes espanhola, francesa e inglesa, quando Elisabeth irrompeu pela sala. Elisabeth fugira tantas e tantas vezes das licóes de freí John que há muito o pobre desistira de lhe ensinar mais do que o básico - aquela princesa era linda, era impossível, mesmo para ele, que Deus lhe perdoasse, tirar dela os olhos, mas era fácil perceber que a agitacáo da sua alma era imensa. Precisava da atencáo exclusiva de toda a gente que a rodeava, e saltitava de amizade em amizade e de paixáo em paixáo, entre picos de felicidade e vales de cólera e tristeza. Ao contrário da irmá adorava a companhia de outras criancas, sobretudo se fosse ela a mandar, e vivia a admirar os vestidos das damas da corte e a fazer birras

imensas porque as costureiras diziam que náo tinham ordens do pai para lhos fazer. Uf, e a crianca ainda só tinha sete anos, pensou freí John, cocando a cabeca preocupado. .

Mas Elisabeth quería lá bem saber o que pensava o enfadonho do padre.

Quase sem fólego, den a notícia:

- Philippa, Philippa o marido da Katherine morreu e o pai vai casar com a princesa Constanca de Castela, e vai ser rei.

Philippa saltou da cadeira, a cara vermelha como um tomate, e freí John benzeu-se apressadamente.

- Elisabeth quem é que te disse uma coisa dessas?

- Ouvi, ouvi, sabes que oico tudo primeiro que toda a gente. Estava lá em baixo no pátio das fontes quando chegaram dois mensageiros com a notícia. Ouvi-os a falar com o secretário do pai e a contar tudo. .

Katherine viúva? O pai casado com uma estrangeira, táo pouco tempo depois de a máe ter morrido? Philippa saiu da sala sem dizer nada e corren para o seu quarto, cruzando-se pelo caminho com gente e mais gente, mesuro naqueles corredores dos seus aposentos particulares:

- Maldita gente! - murmurou entre dentes, enquanto abria e fechava a porta de madeira pesada.

Freí John ainda tentou impedir Elisabeth de correr atrás dela, percebendo que a sua aluna favorita quería e precisava de ficar sozinha, mas Elisabeth sentia-se naquele momento táo sozinha como ela.

Quando entrou viu a irmá deitada na cama, em absoluto siléncio, a cara escondida pela colcha de penas; hesitou, mas náo resistiu:

- Philippa, náo quero ir viver para Castela, nem quero que ela seja nossa madrasta e mande em nós. .

Philippa, num gesto raro de ternura, puxou a irmá para junto de si, e abracou-a:

- Ninguém te val levar para longe, e já sabes que ninguém consegue mandar em ti!

Elisabeth, com aquela rapidez com que passava da chuva para o sol, secou as lágrimas, sentou-se na cama e come~ou a rir:

- Se ela mandar em mim, ou mesmo em ti!, fugimos para Bolingbroke e fechamo-nos no castelo. Tenho a certeza que o Richard nos ajuda a fugir. .

Ainda bem que a irmá era o oposto de si, nas cores, no feitio, em tudo, pensou Philippa virando-se lentamente no colcháo para a olhar.

- Pois fugimos, claro - tentando que o tom náo fosse demasiado sarcástico. Deixá-la sonhar enquanto pode, pensou. Quanto a ela, era preciso encontrar Chaucer. Só ele é que lhe contaría tudo, e só ele é que tinha todas as condicóes para ligar as pecas do jogo: casado com a irmá de Katherine, saberla explicar-lhe a morte súbita de Hugh, que o pai táo diligentemente convocara para as suas guerras; só ele saberia dizer-lhe o que aconteceria no dia em que o pai casasse com Constanza de Castela, a filha mais velha de Pedro, o Cruel, que John of Gaunt tantas vezes ajudara.

Elisabeth já partira em busca de mais informacóes, ou para espalhar as que tinha, e Philippa sentou-se á secretária a escrever um bilhetinho a

«solicitar» que Chaucer fosse ter com ela á sala de aulas. O criado que responden ao toque partiu com o recado e ela voltou devagarinho para junto de freí John.

- Desculpe, freí John, já estou melhor. Pedi que chamassem o Geoffrey Chaucer, acho que nos pode explicar melhor o que se passa.

Frei John estava nervosamente a limpar as penas e a arrumar o tinteiro e os outros objectos que mantinha sempre impecáveis, e numa ordem determinada, na sua mesa de trabalho.

- Náo sei se Chaucer estará. Náo o vi ontem á ceia, e com assuntos táo importantes, se calhar partiu para Aquitánia - murmurou, desiludido.

Mas estava enganado. Os passos do poeta ouviam-se, determinados, a percorrer o corredor, e Philippa deixou a sua reserva de sempre para ir ao seu encontro.

- Geoffrey, o seu cunhado morreu? - perguntou de chofre.

Entendeu nos seus olhos que a morte de Hugh o preocupava muito para além da dor natural de se perder um parente, de quem aliás sempre fizera gala em classificar de casmurro analfabeto. Mas a sua voz era serena:

- Pois morreu, lady Philippa, de disenteria tanto quanto sabemos. Mas ainda náo recebemos mais do que a notícia da sua morte. A minha cunhada Katherine deve chegar por estes dias de Bordéus. .

- De Bordéus? - perguntou, sem esconder a enorme surpresa, a princesa, para se apressar a mascarar o tom chocado com um «desculpe, mas julguei que Katherine estava com os filhos em casa».

Chaucer pareceu ainda mais preocupado - esta sua aluna náo deixava escapar nada, e pior, parecia ser capaz de lhe ler os pensamentos.

- Náo, Katherine foi chamada a Bordéus, onde as tropas do pai estavam a recuperar de uma derrota, porque o Hugh corria perigo de vida. Deixou de novo os filhos, aliás com a minha mulher, e náo teve outro remédio senáo partir. Fomos recebendo notícias de que estava tudo bem. . mas hoje o mensageiro de Sir John tinha outra história para contar.

A disenteria era como a peste, Philippa estava farta de saber. Os seus efeitos náo eram táo letais, mas quando contraída numa forma grave era difícil impedir o enfraquecimento do corpo, e por fim a morte. Chaucer também quería muito acreditar na versáo da doenca.

Sabia, com toda a certeza - o mensageiro fora claro - que John of Gaunt e Katherine eram amantes. Já o eram certamente naquela noite em que a vira pela última vez ali no Savoy, os olhos cinzentos táo brilhantes e o cheiro a sexo e a paixáo ainda presentes. Mas que tanto um como o outro conseguissem conspirar para matar Hugh, como o tinham dado a entender os secretários do duque, nisso náo acreditava. E por uma razáo simples: John of Gaunt era suficientemente convencido de si, do seu poder e da sua importáncia para se preocupar por um momento com as consequéncias de ter um caso com uma mulher casada, certo que estava sempre - e sempre com razáo - de que uns títulos e urnas terras chegavam para calar a raiva

ou o ciúme de algum marido mais ousado (porque os outros, até lhe agradeciam

o favor). Ter uma amante só podia, quando muito, fazer crescer o seu valor aos olhos dos outros homens, mas nunca o homicídio, ainda por cima de um dos seus próprios soldados. John era um Cavaleiro, com um código que ditava uma conduta: náo se importaria nem um bocadinho com a morte de Hugh, e até saudaria publicamente o jeito que esta lhe dava, mas nunca estaria, nem indirectamente, envolvido no seu assassinato.

E depois havia Katherine. A sua cunhada era demasiado íntegra para aceitar um acto desses e, afinal, com que intuito se já era amante do príncipe, e se nunca, por mais louca que fosse a paixáo entre eles, teria a leviandade de acreditar que John a tomasse como mulher?! A prova estava aliás á vista: John of Gaunt podia ir para a cama com ela, arná-la até, mas preparava o casamento com a pretendente ao trono de Castela, ponto final.

Philippa vinha a seu lado pelo corredor comprido, em passos lentos, como se os seus cérebros trabalhassem em conjunto:

- Chaucer, o meu pai podia casar com Katherine? - perguntou, e o pobre homem quase se engasgou.

- Lady Philippa, sabe que sou um homem que acredita no amor acima da classe social e do dinheiro, um pobre coitado que escreve poemas de paixóes que superam todas as barreiras e de cavaleiros que libertam as suas amadas de todos os perigos, mas náo sou louco! O senhor seu pai tem outros planos. .

- Como conquistar de vez o trono de Castela! - suspirou a filha mais velha dos Lancaster. Nem que para isso seja preciso casar com quem náo gosta.

- O rei Pedro náo tinha varóes? E Constanza é a filha mais velha: que idade tem?

- Náo, o rei Pedro só teve raparigas, e a mais velha morreu, sendo Constanza a legítima pretendente ao trono, que no entanto está ocupado pelo tio bastardo. Ao casar com ela o seu pai chega mais perto. . de ser rei.

- Mas que idade tem? - insistiu Philippa

- Terá dezassete anos, julgo eu, boa idade para casar, e além do mais náo tem um tostáo. Só vantagens, excepto que. .

- Excepto o qué?

- Temo, princesa, que com este novo entusiasmo o seu pai reinicie uma guerra, e nós estamos em guerra há tanto tempo, e o poyo já está táo farto de financiar estas conquistas em que náo ve qualquer sentido. .

- Mais guerras, e o meu pai náo a vai fazer feliz. Mas quem sabe, talvez possa mesmo devolver-lhe o trono e ser rei de Castela e Leáo. E talvez assim sossegasse - acrescentou Philippa, como se falasse para si.

Chaucer den gratas a Deus pela chegada de freí John. O frade tinha ouvido a última frase da princesa, e apressou-se a intervir:

- Lady Philippa, quer ver no mapa a cidade onde o senhor duque vai casar?

- Alguém já sabe quando? O meu pai já disse? - perguntou Philippa, que nunca fora de se deixar distrair do essencial.

- Julgo que é já no dia 12 de Setembro, dia de S. Mateus, em Roquefort. A partir desse dia, o seu pai anunciou que quer que se lhe dirijam como rei de Castela e Leáo - responden freí John que pelos vistos náo tinha perdido tempo a recolher informacóes.

- Mas Pica no continente? Volta, trá-la com ele? E as damas e as senhoras dela, viráo também? Falará francés?

Chaucer e freí John desataram a rir:

- Princesa, já nem me lembro da primeira pergunta. Vá descansar que deve estar a receber uma carta do seu pai - disse Chaucer.

Philippa aceitou a sugestáo - decididamente era melhor fazer como sempre: pensar muito, antes de falar.

P

Palácio de Windsor, Londres, 30 de Dezembro de 1371

hilippa acordou de manhá, a cama quente com o corpo de Elisabeth próximo do seu, pois a irmá, táo independente de dia, detestava dormir sozinha e aproveitava todos os pretextos para ir ter com ela. Nevava com forra lá fora há mais de um

mas. Este ano náo tinham saído de Londres, porque com o pai nos campos de batalha, haviam recebido ordens de permanecer junto do avó, onde a guarda estava permanentemente montada. A semana do Natal tinha sido passada em Windsor, e no meio dos enfeites e dos presentes, dos tios e de todos os primos, que era o que menos faltava naquela família enorme, Philippa tinha conseguido esquecer as preocupacóes, e por uns dias ser apenas uma menina excitada com a chegada das festas.

Recebera finalmente a carta do pai, como Chaucer previra. Guardava-a debaixo do colcháo, do seu lado da cama. John anunciava a importáncia do seu casamento, inflamava-se em insultos ao Usurpador daquele que já considerava o seu trono legítimo, e mandava dizer que as filhas iam gostar de certeza absoluta de Constanza e da irmá Isabel, quase da idade de Philippa, que iria casar brevemente com o tio Edmund, o irmáo mais novo de John. Prometia voltar o mais tardar até 30 de Abril, para celebrar com ela os seus doze anos, porque antes disso o tempo náo estaria seguro para que Constanza e a sua corte pessoal viajassem em seguranca.

Mas a notícia mais surpreendente viera numa nota á parte: na sua letra grande e decidida, que dizia tudo sobre o seu autor, John explicava que presenteava as filhas com um «presente de Natal» surpresa, mas que provavelmente chegaria uns dias atrasado. Deixara-as em suspenso, e Philippa tivera de ouvir uma Elisabeth, que aos sete anos e sem os dentes de leite assobiava as palavras á velocidade do vento, perguntar-lhe todos os dias, antes de adormecer:

- Achas que é um pónei ou um falcáo?

Philippa náo quería esperar nada. As suas ilusóes tinham sido tantas vezes destruídas, e parecia que mesuro quando desejava as coisas mais banais, como náo Picar sem máe, ou que o pai estivesse mais em casa, tudo acontecia exactamente ao contrário. Por isso Philippa deixara de fazer ligas

e agarrara-se ás oracóes. Deus sabia o que fazia, freí John garantia-lhe que sim, e John Witcliff, o confessor do pai, prometia-lhe o mesuro. Witcliff era bom e amigo de Deus, estava certa disso, embora Chaucer garantisse que o homem acabaria na forca pelo atrevimento de traduzir a Bíblia para inglés, e acreditar que cada homem podia falar directamente com o Altíssimo sem a intervencáo de terceiros.

Quanto ao presente, quando chegasse, chegava!, náo la pensar mais nisso, que além do mais de certezinha que o pai já se esquecera entretanto da promessa, tal a excitacáo do casamento e do novo estatuto real. De rei, mesmo que rei sem reino.

Levada pela modorra do calor da cama já quase voltara a adormecer quando ouviu abrir a porta do quarto - era cedo de mais para as amas, e os criados nunca se atreveriam a entrar assim sorrateiramente no quarto das princesas.

- Emma - sussurrou Philippa, na esperanca de que a amiga, como tantas vezes fazia, se tivesse escapulido do dormitório das «meias-damas», como as duas lhes chamavam a brincar, e viesse para perto da lareira, ou mesmo para se meter na cama e dar dois dedos de conversa.

Mas náo podia ser Emma, porque ninguém responden. Convencida que sonhara, Philippa preparava-se para se virar para o lado e tentar de novo dormir, quando viu mesuro á sua frente Katherine.

Nem um fantasma a teria arrancado da cama com tanta forra:

- Lady Katherine - repetiu, controlando o impulso de lhe saltar ao pescoco.

Katherine, vestida de preto dos pés á cabeca, o manto de veludo ainda preso ao pescoco e os olhos cinzentos marejados de lágrimas, tomou ela a iniciativa e estreitou-a contra si:

- Lady Philippa, tém sido tempos difíceis, mas tinha tantas saudades suas. E de Elisabeth - acrescentou, estendendo a máo sobre o cabelo ruivo da menina que nada parecia sobressaltar.

- Sei que o seu marido morreu - come~ou Philippa.

- E está na paz do Senhor - responden Katherine, concluindo a conversa.

- Mas como é que velo aquí parar? Como é que pode estar aqui? - repetía Philippa.

- Quando Hugh morreu, o seu pai sabia que en iría precisar de trabalho,

e que náo quería nem podía viver todo o ano em Ketleworth, sem um homem

para me apoiar. Generosamente ofereceu-me o lugar de vossa preceptora. .

Philippa náo quería acreditar: Katherine la ficar. Hoje, amanhá, depois, la fazer com ela os trabalhos de casa, ajudá-la com os algoritmos, tomar conta dela, ficar por perto. . porque o pai as quería protegidas e bem. Elisabeth acordara com toda a agitacáo, e sem as hesitacóes da irmá, atirara-se imediatamente para o colo de Katherine, que sorrindo a embalava como a um bebé:

- Lady Katherine, lady Katherine e o meu pai náo mandou um falcáo? -

perguntava.

- Um falcáo, lady Elisabeth? Mas só os homens cacam com falcóes. . e mesmo assim apenas quando sáo homens.

- Mas o meu pai disse, ele disse uma vez que en era táo corajosa e táo esperta que me la dar um falcáo.

- Entáo vai com certeza cumprir o prometido, mas lamento. Por enquanto mandou-me só a mim.

Por que é que náo conseguía viver a felicidade por multo tempo?, pensou Philippa zangada consigo mesma. Os sentimentos de euforia eram invariavelmente assombrados por nuvens de preocupacáo, e mesmo sem querer voltava a pousar os pés na terra - se ao menos pudesse ser como a irmá, que parecia pairar sem a dor de aterrar no cháo frio. . A angústia que a assaltara transformou-se em pergunta:

- Lady Katherine, agora que o meu pai casou com a princesa Constanza vamos viver todos juntos?

Philippa, sempre atenta, reparou que colocara o dedo numa ferida recente e dolorosa, porque até Katherine, que dominava a arte da diplomacia, suspirou como se estivesse a procurar a serenidade, para finalmente responder:

- Náo sei, querida. Recebi apenas ordens para os levar aos trés para o castelo de Kenilworth, e lá esperar novas instrucóes.

- E os seus filhos? - perguntou Philippa, e sem pensar Katherine levou a máo ao ventre. Percebendo o gesto, cruzou os bracos, e ligeiramente embaracada,

explicou:

- O seu pai foi muito generoso. Disse-me que podía ter sempre comigo a

Blanchet e o Thomas, porque náo faz qualquer sentido deixá-los longe de mim, táo pequeninos. . De qualquer maneira a minha irmá que toma conta deles, tem de voltar para o servico na corte. . da rainha de Castela.

- Rainha, náo, a minha madrasta náo é rainha de nada, é só princesa -

responden insolente Elisabeth.

- Lady Elisabeth, en já son, a partir deste momento, sua preceptora e por isso a minha funcáo é educá-la. Náo Tale assim de lady Constanza. E trate-a sempre por rainha, porque foi assim que o seu pai estabeleceu.

- Já sabemos! Ela rainha, o pai reí de Castela e Leáo - comentou asperamente Philippa.

- E o seu pai é realmente rei de Castela e Leáo, trono neste momento ocupado por um usurpador - responden Katherine, com firmeza. Philippa percebeu que fossem quais fossem os seus verdadeiros sentimentos, Katherine assumira em absoluto o papel de professora e tencionava cumpri-lo. Podiam ser próximas, podia até dar-lhe o seu colo e o seu amor, mas era preciso que Philippa náo esquecesse que Katherine náo podia abrir-lhe o coracáo.

P

Kenilworth Castle, 15 de Marco de 1372

hilippa montava o seu cavalo favorito e la á frente da enorme comitiva de empregados e carrocas chelas até cima de tudo o que se podia imaginar. Tinham partido há dois dias para Kenilworth, a cento e cinquenta quilómetros de Londres, e insistira em que tinha idade mais do que suficiente para fazer a viagem montada no seu próprio cavalo. A solta, sem Picar para trás a engolir pó, ou obrigada a andar á garupa na montada de um outro adulto.

O campo estava verde, completamente verde, como se fosse um rolo de tecido que se tivesse desenrolado até perder de vista e as folhas nas árvores táo

tenrinhas que apetecia trincá-las. «Como um coelho», pensou a rir. As papoilas já cobriam campos inteiros e as mimosas bordejavam os caminhos de terra que lhe eram intensamente familiares. Philippa adorava o cheiro da terra molhada e sabia-lhe bem o calor do sol nas máos que seguravam as rédeas, depois de um Inverno táo longo e táo cheio de surpresas estranhas.

Kenilworth era um dos seus palácios favoritos; esporeou o cavalo para chegar ao cimo do monte, de onde se podia ver á distáncia. Um mar de água, mais de um quilómetro, explicara-lhe o pai, rodeava as muralhas do castelo, e a luz do fim do dia tornava ainda mais intenso o vermelho-tijolo da torre principal e da ala adjacente. A ponte de passagem sobre o lago, ladeada por duas torres mais pequenas, dava acesso a um portáo enorme, de madeira de carvalho. No cimo da torre Mortimore voava ao vento suave a bandeira dos Lancaster. Philippa sentiu um aperto no coracáo - sentia-se a chegar a casa. Uma casa muito mais á sua medida do que o gigantesco Savoy, táo mais silen ciosa e sossegada. Ainda bem que o pai e os seus cento e cinquenta cavaleiros náo chegariam para já. Olhou para trás e agradeceu a Katherine a decisáo de a tirar o mais rapidamente possível daquela cidade suja e barulhenta, e de a trazer, de novo, para perto dos seus pássaros e das suas ovelhas, das suas árvores gigantescas, que pareciam ali estar, naquela ilha dourada, desde o princípio dos tempos.

Elisabeth ultrapassou-a. Ao olhá-la, altiva no seu próprio cavalo, foi assolada por uma onda de irritacáo: por que é que o raio da miúda

conseguia sempre a sua vontade? Ela tivera que esperar pelos onze, quase doze anos, para ter direito a fazer a viagem montada, e a parvinha da miúda aos sete tinha autorizacáo para fazer o mesuro. . Deitou-lhe a língua de fora, zangada, mas Elisabeth limitou-se a responder com um grito:

- A última a chegar é uma medricas!

Philippa náo gostava de perder nem a feijóes, e perante o desespero de Katherine as suas discípulas partiram a galope pelos campos, saltando as sebes, procurando o carreiro de terra batida que as levaria por cima da ponte levadica e ao encontro dos guardas do portáo que, esperava-se, lhes travariam o passo.

Passando a máo pela barriga já de sete meses de gravidez, Katherine sorriu de felicidade e expectativa - John dissera-lhe, no calor da cama onde se tinham reencontrado depois de meses de separacáo, que Kenilworth seria a sua casa.

Uma casa de família, onde os seus filhos, os dela - «e os nossos» acrescentara, dobrando-se para lhe beijar a pele esticada do ventre-, cresceriam juntos, longe da maledicencia da corte. Rodeados apenas pelos melhores amigos, daqueles que entenderiam o amor que os unia, e como náo era possível deixar que um casamento de conveniencia, como fora o seu com Constanza, o estragasse.

Katherine sabia que nada seria táo simples nem táo fácil, mas trocando agora olhares com Geoffrey Chaucer, que fizera questáo em acompanhá-la, numa tentativa de a proteger com o seu parentesco, entendeu que ele sabia, e até compreendia. Mas tinha medo. Como ela. Porque por muito apaixonada que estivesse, conhecia John como a palma das suas máos e sabia que as suas promessas podiam muito bem ser esquecidas, se isso servisse a sua ambicáo do momento. Rejeitá-la, a ela e aos filhos de ambos, podia também, certo dia, ser «de conveniéncia».

Mas agora náo quería pensar nisso: em Kenilworth já estariam os seus filhos, Blanchet e Thomas. Tinham só seis anos ela, quatro anos ele, e já sem pai. Esperava-os um mundo completamente diferente daquele em que haviam vivido na sua quinta de província. Estremeceu. Pressentia que iría precisar de todo o engenho e arte para reconquistar a sua filha mais velha, táo sensível e delicada, e certamente táo zangada com tantos abandonos inexplicáveis. Como reagiria á sua barriga? Acreditaría certamente, como Philippa e Elisabeth acreditavam, ou fingiam acreditar que o bebé era seu irmáo de sangue, filho de Hugh como ela. Mas até quando conseguiria perante a filha, perante as alunas, perante o mundo, manter a farsa?



Thomas era dois anos mais novo do que Henry de Bolingbroke, que estava um matuláo enorme, de bochechas sempre quentes e um sorriso pronto e generoso para oferecer a quem o viesse repreender por mais um disparate. Asneira feita com uma espada, de preferéncia, que náo era surdo e há seis anos ouvia amas e criadas sussurrarem que, quem sabe, um dia talvez fosse ele o reí de Inglaterra. Quanto a isso, pouco lhe interessava, mas que seria um cavaleiro táo corajoso como os seus antepassados, disso, tinha a certeza absoluta. Mas como é que uma pessoa podia ser um cavaleiro a sério, rodeado de tantas mulheres? Henry depositava todas as suas esperancas no pai, que prometera vir depressa. E

ficar. E até aquela crianca fez uma careta quando repetiu a palavra -

decididamente «ficar» náo constava do dicionário paterno.

«Heather, Maud, Agnes, por favor chamem a parteira, ele vai nascer, ele vai nascer», gemia Katherine, deitada no seu quarto, as janelas tapadas para que tudo ficasse escuro e protegido das forras do mal que podiam atacar máe e filho neste momento táo delicado.

As amas correram a ir buscar a mulher que melhores máos tinha no condado, e que já há mais de uma semana se instalara no castelo para comandar as operacóes do nascimento que estava previsto para breve.

Na cozinha, as panelas de água aqueciam. As criancas foram todas afastadas para os quartos mais distantes, para náo contaminaren nem serem contaminadas. Elisabeth, nervosa, escapuliu-se para as cavalaricas, porque escovar os cavalos era a forma mais segura que conhecia de sossegar, e Philippa dirigiu-se á capela, os sentimentos táo confusos que a cabeca parecia que la rebentar.

Claro que quería que o bebé de Katherine nascesse bem. Vira a sua máe passar pelo desgosto de segurar um recém-nascido morto nos bracos, vez após vez, e logo os rapazes que tanto desejava. Náo quería que Katherine passasse pelo mesmo e no entanto, tinha medo. Medo que Deus castigasse, que Deus a castigasse.

Katherine nunca falara no pai da crianca, nunca afirmara que se tratava de Hugh, mas esperava secretamente que as criadas e as amas acreditassem que se tratava do filho do marido que morrera. . Mas náo era parva, e por isso náo presumia que os outros o fossem: deixava a ideia

pairar, mas sem a confirmar, até porque o seu amor por John era táo cego e poderoso que náo enganava ninguém e estava táo orgulhosa por ir ter um filho seu que era incapaz de esconder completamente essa alegria. O

seu filho, e sempre estivera certa que seria um rapaz, era afinal um Plantagenet, o sangue das suas alunas corria-lhe também nas veías, náo seria ela a renegá-lo, roubando-lhe no berro oportunidades de futuro. E de ter um pai.

Philippa pensava nisto tudo, os joelhos dobrados no genuflexório, os olhos em Nossa Senhora que tanto ajudara a máe a conceber e a criar com saúde o seu

Henry. Se agora lhe pedía que aceitasse um novo irmáo, como podía náo o fazer?

Katherine, naquele momento, tinha apenas dois objectivos: respirar segundo as ordens da parteira, e controlar o seu impulso de chamar por John.

- Passa-me o raio da toalha quente - gritava a parteira, que náo quería estragar a reputacáo, muito menos com a crianca de um homem táo poderoso como o do senhor daquele castelo.

Maud estava junto de Katherine e dava-lhe a máo, de um lado, e Heather, a outra - felizmente, pensou Katherine, tinha junto de si mulheres de forra e coragem, amigas a sério, e náo damas hipócritas e senhoras ansiosas por uma migalhinha para transformar em intriga e espalhar á ceia, no grande saláo.

«Já cá está!», gritou exultante de alegría a parteira, enquanto Katherine se deixava cair, impotente, nas almofadas, para logo se endireitar:

«Mostrem-me, mostrem-me, quero vé-lo, quero vé-lo já.» «É um rapaz, minha senhora», disse-lhe Harriet comovida.

- É claro que é um rapaz. E chamar-se-á John, como o senhor de Lancaster, a bandeira sob a qual nasceu - disse Katherine. Foi preciso a máo firme de Maud para lhe retirar o bebé, para que fosse lavado, vestido e posto ao peito de uma ama-de-leite. . Maud suspirou, que destino o seu e o de todas as mulheres como ela, mas que destino mais difícil e perigoso ainda o desta mulher que paria na casa do amante os filhos do adultério.

Beijando o bebé envolto em panos, fez-lhe uma pequenina cruz na testa, recomendando-o ao Altíssimo Jesus Cristo.

Um pombo-correio partiu com a noticia e na manhá seguinte um mensageiro trazia a resposta: parabéns para a máe, e uma ordem clara

para o escriturário do castelo. Era preciso assentar nos livros que no dia 12 de Abril, no Castelo de Kenilworth, nascera John Beaufort, filho de Katherine Swynford. E que náo se fizessem mais perguntas. E náo se fez nem mais uma. Nem nos salóes, nem nos aposentos, nem perto das criancas. Mas nas cozinhas e nas antecámaras, nas capoeiras e nas estrebarias, na pequena aldeia de Kenilworth e na abadia que lhe era adjacente, nas vilas e nas cidades, as línguas eram livres de fazer aquilo que bem lhes aprouvesse. E faziam uso dessa

prerrogativa. Afinal se a história de uma viúva que parira um varáo, a quem baptizara com o nome do duque em casa de quem servia, e quando esse duque lhe dava o apelido de uma das suas terras, na distante Anjou francesa, e quando, a somar a tudo isto, a esposa legítima, rainha de Castela, dava á luz nem tras meses completos depois uma menina, princesa de Inglaterra e de Castela e Leáo, filha legítima do mesuro Senhor, era demasiado pedir ás ditas línguas que parassem de falar. .



Kenilworth Castle, 9 de Junho de 1372

uando naquela manhá Philippa saiu da igrejinha do castelo onde assistia á missa diária, ouviu os gritos dos irmáos ao longe. Henry tinha adoptado Thomas Swynford como seu fiel escudeiro, e pela barulheira estavam envolvidos numa verdadeira batalha campal. Pelo meio, os gritos estridentes de Elisabeth davam a entender que haveria mortos e feridos a sério se alguém náo interviesse rapidamente. Segurando na máo da pequenina Blanchet que insistira em ir á missa com ela, desatou a correr pelos terreiros.

Corria pelo prazer de sentir o vento na cara, os pés na relva molhada pelo orvalho, e durante segundos esqueceu tudo e sentiu-se insuportavelmente feliz, pelo simples facto de estar viva.

Mas os gritos de Elisabeth náo a deixaram muito tempo pairar acima da terra:

- Dá-me a espada senáo atiro-te á água - gritava ela, vermelha de fúria, os cabelos mais ruivos ainda, com a raiva e a luz dos primeiros raios de sol.

Enquanto gritava, tentava arrancar da máo do irmáo uma espada enorme de gume cortante, que ele empunhava decidido a mais depressa morrer com ela na máo, do que a deixar ir o símbolo da sua coragem.

Splash, antes que Philippa chegasse suficientemente perto para impedir a irmá de concretizar a ameaca já Henry e a espada boiavam no lago interior do castelo.

Sentiu atrás de si os passos apressados de Katherine, que quando vira a cena pela janela do quarto onde a ama dava de mamar ao pequenino John, tivera logo o

pressentimento de que aquela história náo podía acabar bem, precipitando-se pela primeira porta aberta para o jardim.

Apesar de ter tido um bebé há apenas alguns meses, Katherine estava em forma, e sem hesitacóes lancou-se para dentro de água, gritando a Philippa que chamasse o moco da estrebaria para que trouxesse uma corda. Elisabeth, agora transida pelo que tinha feito, estendera-se de barriga para baixo na margem e tentava esticar os bracos em direccáo a

Henry:

- Passa-me a espada, estúpido, que ela leva-te para o fundo - gritava.

Henry capitulou e estendeu-lhe a arma, que com a ajuda de Philippa conseguiram trazer para terra, sem que cortasse ninguém, antes de o rapaz chegar com a corda, que serviu para o mais rapidamente possível puxar Katherine e o herdeiro para terra firme.

Sáos e salvos na margem, Katherine la comecar a gritar com filhos e discípulos, com amas ausentes e criadas desleixadas, quando se ouviram ao longe as trombetas dos escudeiros de John of Gaunt.

O som era reconhecível a milhas de distáncia, e qualquer um deles sabia o que significava: John chegava finalmente, sem que tivesse avisado fosse quem fosse da sua vinda. Escrevera a Katherine cartas apaixonadas, jurando-lhe o seu amor, confessando as suas saudades, mostrando-se ansioso por ver o seu pequenino John, mas pedia-lhe paciéncia. Os seus espióes náo lhe escondiam o que se dizia nas tabernas das aldeias, e o rei de Castela e Leáo sentia que o poyo náo lhe perdoaria se voasse para junto da amante, sem ver antes a princesinha castelhana. Por isso, escrevia John, era com grande sofrimento, e sem a esquecer um minuto que fosse, que iria para Hertford onde Constanza, com dezoito anos, dera á luz uma rapariga, a que por ironia pusera o nome de Catalina, em homenagem a uma santa castelhana da sua devocáo. . «Ou talvez porque se estivesse nas tintas para o facto de ser o mesmo da "outra" do marido», suspirara Katherine ao ler o que John lhe escrevia, e aliviando assim a sua culpa.

Philippa sabia que Katherine saboreava pelo menos aquela vitória, a de ter dado ao pai um varáo, forte e saudável, enquanto a «castelhana» náo produzira mais do que uma outra rapariga. . como ela.

- Meus filhos, depressa, o pai está a chegar, temos que nos ir vestir -

balbuciou uma Katherine ensopada até aos ossos, absolutamente perdida num turbilháo de emocóes.

Philippa já aprendera a reconhecer os sintomas: a partir de hoje e enquanto John of Gaunt estivesse com eles, Katherine náo conseguiria dar atencáo a mais ninguém, respirar por mais ninguém, olhar para mais ninguém. .

Passou o braco com forra pelos ombros da pequenina Blanchet, que se encostou a ela como em busca de proteccáo, porque mesmo que náo soubesse explicar o que sentia, Blanchet sabia que só o nome do seu

padrinho lhe dava vontade de gritar de raiva. .

Henry e Thomas aproveitaram a confusáo para fugir das garras da preceptora, das irmás e das amas que tinham acorrido aos gritos e corriam já pelas escadas da muralha acima até á torre de vigia: a nuvem de pó levantada pelos cascos dos cavalos estava próxima. Correndo de novo pelas estreitas passagens junto das ameias chegaram aos portóes principais, onde viram passar cinco dos homens de Lancaster.

- Thomas, vem, vamos falar com eles. .

- Vamos - disse Thomas que nunca desobedecia a uma ordem do seu mentor.

Rodearam os escudeiros que se apeavam e distribuíam ordens ao senescal do castelo. Os dois padeiros saudaram os rapazinhos com largos sorrisos:

- Vocés já por aqui a esta hora?

- Leonard, fazes-me páo fresco, já, já?

As criancas conheciam bem todos estes rituais: John chegaria dentro de momentos com dezenas de cavaleiros na sua comitiva, e fazia questáo em mandar sempre á frente os padeiros para que comecassem a aquecer os fogóes para o páo. A comitiva traria consigo cozinheiros e empregados, que comandados como um exército silencioso de formigas, assumiriam os seus postos para servir sem falha aqueles senhores que mudavam de casa como quem muda de túnica, para nao deixar que os vassalos de cada um dos seus condados

se esquecesse a quem deviam vassalagem. E rendas e impostos!

- Sáo muitos, Leonard? O meu pai vem com muitos homens? E trazem os falcóes - perguntava insistente Henry, o herdeiro a quem ninguém se atrevia a negar nada, e a quem todos protegiam com um cuidado redobrado.

- Náo, o seu pai só vem com dez cavaleiros - disse Leonard enquanto descarregava a farinha e a levava para a cozinha maior, que na mais pequena apenas se fazia o jantar do senhor e da família próxima, missáo que ficava para os que ainda estavam para chegar.

Henry olhou para Thomas, espantado:

- Dez? O meu pai nunca viaja com táo poucos homens. .

Aí, Leonard estacou:



- Sir Henry, por que é que está al a tiritar de frio? Molhado como um pato acabado de sair de um tanque?

- E acabou mesmo de lá mergulhar - disse logo Thomas, contente por finalmente ter a oportunidade de falar. Mas Henry deu-lhe um encontráo com o ombro e puxou-o para longe dali. Náo quería que os criados se rissem das suas cenas com a irmá.

Philippa viu Katherine entrar em casa, esbaforida, e a garganta apertou-se num nó. Era inocente, mas náo tinha nada de estúpida, e a mudanca de comportamento da preceptora, a agitacáo que tomava conta dos seus gestos, habitualmente calmos, o rubor que lhe subia ás faces, deixavam perceber tudo. John pequenino era filho do seu pai, náo podia deixar de o ser. Sentiu uma pontada de ciúme: afinal, mais uma vez, o pai náo vinha para a ver a ela. .

Optou por ficar no jardim.

Sabia que Katherine estaria a procurar na arca o seu melhor vestido.

Apostava que seria aquele de linho estampado, com uma faixa de seda vermelho-vivo, o decote debruado com um fio dourado. E a camareira apertar-

lhe-ia o espartilho, para que náo se notasse que fora máe pela terceira vez, há apenas alguns meses.

Encostou as costas ao imenso carvalho, naquele exacto ponto onde o sol furava a copa, e aqueceu-se. Levantou os olhos para a janela do torreáo dos aposentos de Katherine, e continuou a imaginar, como se retirasse um estranho prazer do sofrimento que lhe causava tudo isto.

Neste momento, apostava, a camareira estaría a entrelacar a tranca da Senhora, com um fío de pérolas, como o pai gostava. Ouvira John of Gaunt dizé-lo abertamente á preceptora, quando um dia entrara na salinha de estudo. Percebera depressa que Katherine registara o elogio e apanhava sempre o seu cabelo forte, que metia inveja a quem, como ela, tinha apenas um cabelo liso e escorrido.

Náo se enganava em nada. Na sua salinha de vestir Katherine sorria á criada com gratidáo. A mulher que assistira ao parto dos seus filhos, dos seus tras filhos, pensou com orgulho, que velara pelos seus meninos quando os deixara com o pai e agora se lhe reunía, aceitando com uma

compreensáo serena a volta que a vida da patroa tinha levado. Era ela que a defendia entre os criados, a sua espia e guarda, numa casa onde sabia ser olhada por muitos como a amante indesejada. .

Enquanto o pente lhe passava na cabeca e as máos hábeis da criada lhe cruzavam as madeixas, os pensamentos de Katherine corriam uns contra os outros, como se estivessem perdidos num labirinto. E sem cerimónias, desabafou:

- Preparo-me há meses para este momento. Náo penso em mais nada desde que me separei do John. Sonho acordada, e a dormir, com este reencontro. E se ele entretanto se apaixonou por alguém? Se ao ver Constanza com a sua Catalina nos bracos decidiu que uma ligacáo comigo é demasiado arriscada? Se os seus conselheiros lhe disseram que se devia afastar de mim, sob risco de que o poyo se revolte, o poyo que já gosta táo pouco dele, conhecem-no táo mal que o acham capaz de trair o irmáo e o sobrinho só para subir ao poder?

A criada ergueu as sobrancelhas de uma forma que deixava bem claro que achava John of Gaunt perfeitamente disponível para trair o irmáo e o sobrinho as vezes que fossem precisas, mas adiante, que a sua senhora estava táo apaixonada por este homem que nunca vería nele nada senáo qualidades. .

- Deixe-se de conversas, minha senhora, e vista-se. Vá, vire-se para que lhe aperte estes botóezinhos malditos, que escorregam que nem lentilhas entre os dedos.

Katherine deixou-se comandar pela criada, e quando se sentou no banquinho de madeira tosco para que lhe penteasse o cabelo, murmurou:

- Achas que ele virá ao meu quarto?

A criada sossegou-a:

- Náo tenha dúvidas disso, minha senhora. Náo viria assim ter consigo, se quisesse acabar com tudo. Já pus os lencóis de linho de fora da arca, e vou benzer a cama e defumá-la com incenso para que esta noite em que estaráo juntos o ligue a si como nunca o ligou a nenhuma outra mulher.

Katherine náo conseguiu esconder um sorriso:

- Tens razáo, dei-lhe um filho varáo, logo á primeira gravidez, e ele deu-lhe o seu nome. . Constanza náo mo val roubar, nem ela nem mais nenhuma mulher. .

Dizendo isto levantou-se, decidida, as costas sempre direitas, desceu as escadas até ao quarto de brinquedos dos mais pequenos e descobriu-os todos igualmente aperaltados e penteados. Henry tinha insistido em que a ama o deixasse usar a capa de cavaleiro que o pai um dia lhe trouxera, e do alto dos seus seis anos, alto e forte, seria o primeiro a atrair a atencáo do pai.

Os cascos dos cavalos ouviam-se já perto, e as gaitas-de-foles dos batedores também, com o seu som estridente trazido pelo vento: John e os seus homens passavam já os portóes de fora e aproximavam-se a galope.

A família já estava nos degraus da entrada principal e Philippa pensou como tantas e tantas vezes aquele ritual se repetia. Só que desta vez, Katherine, sem nenhuma cerimónia, assumia um lugar de destaque, como a senhora da casa, sem medo nenhum daquilo que os outros pudessem dizer, sem dúvidas nenhumas de que era a escolhida de John.

Philippa recuou um pouco para a sombra de uma das colunas de pedra.

Quería muito que o pai a destacasse dos outros, lhe elogiasse o vestido ou o

penteado, mas sabia que nunca o faria, porque á sua frente havia mulheres que ocupavam um lugar muito mais importante do que o dela no seu coracáo.

Sentiu uma máo chegar-se á sua e prendé-la com forra: Blanchet sentia exactamente o mesmo que ela, pensou a princesa: aos olhos deste homem era invisível, mas pior do que isso era este o homem que a tornava, também, invisível aos olhos da sua adorada máe. Philippa puxou-a para junto de si, e de longe assistiram a tudo: John, com a mesma sem-vergonha de Katherine, subiu dois lancos de escada de uma vez e beijou-a ardentemente na boca, depois atirou ao ar o seu filho mais pequenino, radiante por ver que era uma crianca forte e robusta - um herdeiro rapaz era sempre um trunfo na manga! Henry, chelo de clúmes, agarrou-se-lhe a uma perna, como se o atacasse numa batalha, e John entrou imediatamente no jogo - levantou-o com a mesma facilidade com que o fizera a um bebé de meses e a sua cara encheu-se de orgulho:

- Sir Henry of Bolingbroke, pronto a ser armado cavaleiro! Com a coragem dos leóes da família Plantagenet.

Henry esqueceu toda a rivalidade, e inchado de satisfacáo, mal o pai o pousou no cháo, chamou Thomas Swynford, o seu leal escudeiro, e apresentou-o ao pai com toda a formalidade:

- Sir, este é Sir Thomas Swynford, que quer ir comigo para a corte para ser também cavaleiro.

John trocou olhares com Katherine, que sentia o coracáo rebentar de felicidade: afinal talvez fosse possível cimentar presente e passado, para construírem um futuro comum. Dobrou-se ao nível do rapazinho de quatro anos e disse-lhe:

- Multo prazer em conhecé-lo, sir Thomas, o seu pai era um dos meus melhores cavaleiros. Tenho a certeza que o filho honrará o pai.

Philippa teve de admitir que o seu pai era um homem sério e justo, apesar dos seus ataques de menino mimado, e o respeito com que tratava as pessoas merecia-lhe uma dedicacáo táo incondicional, que os seus soldados estavam dispostos a embarcar com ele nas mais loucas aventuras.

E a morrer por ele!

Elisabeth, que náo aguentava ser ignorada, já há longos minutos pegara na máo

livre do pai, um pouco como se fosse a senhora da casa a chegar com ele, e náo a receber a sua visita. John virou-se para lhe dar toda a atencáo, e ficou abismado com o que viu: a sua menina estava linda, a boca sensual, os olhos vivos, uma expressáo determinada onde reconhecia a sua. Katherine escrevera-lhe a contar que Elisabeth estava sempre metida em sarilhos e a crescer depressa, mas para John qualquer uma das duas coisas era o melhor dos elogios. Abracou-a longamente e comentou a sua beleza. Elisabeth fingiu-se tímida e fez-lhe uma profunda vénia de agradecimento.

- E onde está Philippa? - perguntou o pai, e Philippa sentiu o coracáo dar dois saltos: o pai chamava por si.

Avancou de detrás da coluna e cumprimentou-o com formalidade, o que teve o condáo de o irritar imediatamente: onde é que esta crianca aprendera a ser táo rígida e séria? Era como se a consciéncia lhe dissesse que talvez, talvez, Philippa já fosse suficientemente crescida para intuir a sua ligacáo com a sua preceptora. Náo foi capaz de a olhar nos olhos, e agradeceu a presenta daquela menina de caracóis loiros, os olhos enormes azuis, que se escondia por trás do vestido da filha:

- E esta é lady Blanchet Swynford, náo é? A minha querida afilhada?

Blanchet sabia bem que John era o seu padrinho, a máe bem lho repetia dia sim dia náo, como que a justificar que tivessem vindo viver para ao pé dele agora que o seu próprio pai morrera, mas Blanchet náo quería gostar

dele: náo fora este homem que mandara o pai ir para a guerra, onde ele morrera?

- Blanchet, faz uma vénia ao senhor duque - disse Katherine, num tom invulgarmente brusco. Náo la permitir que a infantilidade de uma crianca de seis anos estragasse aquele momento, ou desse a John a impressáo de que sabia mais do que sabia e o odiava por isso.

Blanchet fez a vénia, e Philippa, entendendo quanto lhe custara fazé-la, aproveitou para dizer:

- Pai, os padeiros já fizeram o páo, e se fóssemos comé-lo?

Ao ouvir falar em páo fresco todas as criancas correram para a cozinha principal, onde os fornos aquecidos já tinham cumprido a sua tarefa.

Philippa subiu discretamente para a sua salinha, e Katherine viu-se subitamente sozinha com John, porque criados, cavaleiros, e todos os seres vivos desapareceram como que por milagre.

- Katherine, meu amor, parabéns. O John é lindo, e as criancas parecem estar fantásticas. Esta vai ser a nossa casa, vamos transformá-la num palácio confortável, onde possamos estar em paz, longe do burburinho de Londres.

Katherine chegou-se a ele, o cheiro do seu perfume e o raspar dos seus cabelos contra a sua pele, encheram-no de desejo. Que raio de feiticos usava esta mulher, que náo conseguía olhá-la sem a desejar, que quando estava com ela, nada mais lhe parecía importante?

Pegando-lhe ao colo, sem querer saber de mais nada, nem ninguém, levou-a pelas escadas de caracol até ao quarto dela. A criada náo tinha defraudado as suas promessas: as velas ardiam no escuro do quarto, iluminado apenas, mesmo nas horas mais claras do dia, pela luz que chegava pela frincha na muralha grossa da torre, e um cheiro a incenso enebriava os sentidos. A cama, com os seus lencóis brancos, já estava aberta - esperava os seus senhores.

Com uma avidez de quem há meses resiste ás tentacóes para se guardar para esta mulher, John procurou a pele de Katherine, desapertou-lhe, com um grunhido de impaciéncia, os botóes infinitos, e finalmente deixou que o vestido caísse deixando á vista o seu corpo perfeito. Parou para respirar fundo. E depois ambos se precipitaram um para o outro, esquecidos de tudo.

Da sua situacáo complicada, de Constanza, dos filhos, e da crise política

que varria Inglaterra. . e de que John era o principal protagonista, e o mais odiado de todos eles.

S

Kenilworth Castle, 10 de Maio de 1376

entada á mesa da sua salinha, a pena na máo e o tinteiro descoberto, Philippa alisou o pergaminho. Escrevia a Emma, a sua grande amiga que fora passar uns tempos com a família, mas que tanta falta lhe fazia.

Come~ou:

«Emma, minha amiga,

escrevo-te esta carta, porque nao sei corra quem mais he¡-de falar. Com Katherine nao posso, corra a minha irma nem pensar, que cada dia que passa mais me preocupo com ela (já te conto as suas últimas loucuras!). E

náo tenho coragem, sequer, de falar nisto ao frei John, mesmo suspeitando que talvez me ajudasse, com o seu imenso bom senso. Falo com Deus e peco ajuda á Virgem e á minha mae, que sei que está no céu, mas de repente precise¡ de escrever a alguém de carne e osso, alguém em quem posso confiar plenamente, e esse alguém és tu, querida Emma. Nem sequer sei se alguma vez terei coragem de te enviar mesmo estes escritos, mas a verdade é que sabe bem passar ao papel aquilo que massacra a minha alma.

Explico-te tudo o que aconteceu desde que voltaste para casa, só há algunas semanas, mas já parecer meses. O meu pai continua por cá, aliás nunca passou tanto tempo connosco. As obras erra Kenilworth entusiasmam-no tanto a ele como a mirra e á Katherine. Passeamos corra o che fe dos pedreiros e o che fe carpinteiro pelo terreno, e vamos explicando aos construtores o que queremos. Um Beles fez as obras mais recentes erra Windsor, e aqui para nós desconfio que o meu pai só quer que repita neste castelo o que construiu em Londres - para provar que nao é menos que o meu avó, que pode ter um castelo igual ou melhor do que o dele (e o pior é que já ouvi os carpinteiros dizerem exactamente isto uns aos outros, guando julgam que nao estamos a escutá-los).

Percorri as obras corra o rneu pai e fui eu que lhe sugeri que fizesse banquinhos de pedra junto das janelas - sabes que sernpre gostei de banquinhos, onde urna pessoa se pode sentar e olhar lá para fora, para as águas que rodeiarn o castelo, em lugar de nos macarmos de rnorte corra

aquelas dantas sern firn, e a rná-língua que corrói a paciéncia, para já nao falar na virtude, de urn santo.

É essa má-língua que me faz escrever-te, minha amiga e confidente.

Sinto-me tao dividida! Acabo de ter mais um meio-irmáo, Henry o f Beau fort - agora tenho dois irmaos Henrys, nem nos nomes sáo originais. Sei que acabe¡ de fazer dezasseis anos e sei que na corte todos os homens tém outras mulheres, e

sei que ao fazé-lo cometem um pecado, um pecado de morte, mas este caso é pior. O meu pai vive ostensivamente com Katherine, comportam-se como marido e mulher, comandam a casa como senhor e senhora deste sitio, e quando vamos para o Savoy ela mantém o estatuto.

Gosto da Katherine, é culta, sensível e inteligente e nao me esquero de como era dedicada á minha mae e arriscou mesuro a vida por ela; e pre feria mil vezes que o meu pai fosse mais leal ao verdadeiro amor, como diz Chaucer, do que um homem que fundamenta as suas decisóes no calculismo e na ambicao. Porque acredito que eles se amam a sério, e mesmo Chaucer, que como sabes adorava a minha mae, diz que aquele amor é assunto digno dos seus poemas.

Mas terno pela alma dos dois. E se morrem em pecado, e arderern eternamente no Inferno? E temo também pelo que pode acontecer ao meu pai, porque o frei John, o Chaucer, a Maud, todos, dos mais humildes aos mais sábios, garantem que o poyo o odeia, porque tem tanto dinheiro e é táo poderoso. Também, suspeito, por causa desta sua vida amorosa deregrada, dos bastardos que va¡ pondo no mundo, e da loucura de os legitimar indirectamente, como faz com os bebés de Katherine.

Agora que o tio Edward morreu (o pretendente tao amado pelos ingleses), o avó está muito muito doente, e ainda por cima dominado por aquela Alice, em breve o re¡ será o Richard. E al náo sei o que poderá acontecer. Nao sei mesuro, Emma, mas tenho medo. Mas se até agora tinha medo por eles, agora temo também por mim. Ninguém pára a ganáncia do meu pai. Sei que tudo o que faz é para o bem da familia, mas desta vez acho que foi longe de mais. Meteu na cabeca que me va¡ casar com o herdeiro do trono. Sim, isso mesmo, com Richard, um primo direito, que tem dez anos e eu dezasseis! Escreveram ao Papa, porque só o Papa pode levantar a proibicao que pesa sobre os nossos latos de sangue. Tenho rezado, até me doerem os joelhos e a cabeca, para que o Santo Padre diga que nao. Mas nao sou estúpida e se¡ que Deus Nosso Senhor nao se orgulha sempre daqueles que na Terra falam em seu nome. . e, como sabes, o meu pai pode muito, pode muito mesmo, sempre que se decide a

poder.

Nao tenho ilusóes, se¡ berra, e a minha mae dizia-mo muitas vezes, que os casamentos entre pessoas da nossa condicao sao um servico á familia e nao um capricho pessoal, mas corra o Richard? Urna crianca? Tudo para fazerem de

mim rainha de Inglaterra? Nem acredito que o poyo deste país o permitisse, nem sequer os inimigos do meu pai, mas a verdade é que a ideia me assombra o sono, e me transforma todas as noites num pesadelo.

Até agora tinha sido só conversa, como naquele almoco em que falou em casar-me com o re¡ Charles de Franca. Tinhamos nós catorze anos, ainda te lembras? Pequenas de mais para levar a conversa a sério, ainda nos rimos com a ideia. . Desde al houve uma outra vez, julgo que há seis meses, em que falou no duque de Luxemburgo, e al con fesso que arrebitei os ouvidos

- ainda por cima tu já estavas comprometida, e sentia que talvez casar e sair de Inglaterra fosse o melhor futuro para mim. Mas depois de uns embaixadores para cá e para lá, nada passou da cepa torta. Nem sequer chegaram a mandar pintar o meu retrato!

Só que desta vez, o brilho nos olhos do meu pai John é perigoso, já aprendi a reconhecé-lo. Percebo que sente o trono á distáncia de um braco, o que o torna ainda mais decidido e determinado.

Vou rezar para que tudo falhe novamente. Emma, gosto de estar aqui perto dos meus irmáos, estou muito ligada a Katherine e Blanchet, sinto-me obrigada a proteger a Elisabeth. E gosto do conforto da minha sala de estudo, dos meus livros e das minhas licóes, e sobretudo do tempo que dedico á oracao. Rezo muito, e ainda no outro dia perguntei ao meu pai se ele me deixava ir para o convento. Apanhou uma fúria, tem pouca paciéncia para o que chama «beatices» (também nao me admira, pecador como é, deve temer que a consciéncia o obrigue a deixar a alcova de Katherine), e ficou zangado a sério. Disse-me que a primogénita de um homem como John o f Gaunt, tinha de fazer uma alianca que fosse importante para o seu pai, para o seu país.

Ai meu Deus, só espero que o meu avó nao morra e que o Papa nao diga que sim. Nao quero casar com Richard, é uma crianca, é meu primo, quase meu irmao. . E tudo para fazer o meu pai feliz, porque se podia tornar, através de mim - como sonha fazer através de Constanza - o homem do poder, o rei. Talvez sejam mais do que legítimas as suas pretensóes, há anos que serve com a vida esta terra, e nunca foi desleal a ninguém da sua familia, mas que me peca outra coisa, que me encontre outro marido - este,

nao quero.

Desculpa, Emma, deves estar a encolher os ombros e a pensar que nunca viste ninguém refilar tanto corra receio de ser rainha, mas acredita que este assunto me enoja. Falemos de outro: estive outra vez corra Constanza, o meu pai levou-nos a Hertford, onde está rodeada da sua pequen corte de espanhóis, todos muito escuros e cheios de maneirismos, fizeram-me vénias e beijaram-me a mao repetidas vezes, tive que me esforcar para nao desatar a rir as gargalhadas (ainda berra que nao estavas por perto, que al é que nao tinha resistido mesmo). A Constanza é simpática, fala muito mal inglés, mas sabes, até tenho vergonha de a olhar nos olhos - como se o facto de a sua rival ser a minha preceptora, como se gostar de Katherine, como gosto, fosse uma ofensa directa que lhe fato. É

pouco mais velha do que eu, e quando penso no que sentiría se vivesse noutro país, sem perceber nada da língua nem dos costumes, e ainda por cima o meu marido me deixasse num palácio distante e fizesse a vida toda com outra, sinto uma espada trespassar-me o coracao. Juro-te, Emma, se algum dia estes esquemas do meu pai resultarem, como se¡ que um dia resultarao, e eu tiver que casar com um príncipe ou um reí, ou seja que homem for, vou exigir que ele me respeite, que vivamos como marido e mulher, e que nunca me humilhe como o meu pai humilha a Constanza.

Nao posso fazer mais nada do que isso - sonhar e planear que nao vou cometer, com a Graca de Deus, os mesmos erros. Seria assim que a minha mae desejava que fizesse, porque foi assim que ela se comportou.

Desculpa o desabafo e vou mandar-te mesmo esta carta, porque preciso desesperadamente da tua resposta. A Maud diz que tem um portador de con fianca, e quem sabe se nao arrisco? Volta depressa, Emma, mas se demorares, por favor, escreve. .

Com toda a minha amizade

Philippa of Lancaster

PS - Desculpa a minha má-criacao nao tem explicacao. E a tua mae, está melhor? Manda-lhe os meus votos de que se restabeleca depressa - que egoísta sou, o que quero é que voltes já.

A

Kenilworth Castle, 25 de Outubro de 1376

carta que escrevera a Emma surtira um efeito mais do que desejado. A amiga, em lugar de pegar na pena e responder-lhe, aparecera em Kenilworth em carne e osso. A máe estava melhor, já deitava pelos olhos os irmáos e os sobrinhos, e confessou a uma Philippa feliz por a rever, que náo tinha o talento da princesa para as letras, sendo incapaz de, por escrito, dar resposta á quantidade imensa de perguntas que a princesa lhe fizera.

As tertúlias voltaram a acontecer em cima das camas das camaratas das raparigas, entre bordados na salinha das damas, ou ao longo dos caminhos que bordejavam o imenso lago. O pai dera-lhes um barco a remos, e quando Philippa quería mesmo estar sozinha com a amiga, longe dos ouvidos coscuvilheiros das aias e irmás, partiam pelas águas para um longo piquenique.

A vivacidade de Emma, a que se acrescentava o humor de Elisabeth, cada vez mais divertido, quase tinham feito esquecer a «história do casamento». Esquecer, é como quem diz, porque sempre que o pai estava em casa, o tema voltava á baila, e por muito que Philippa procurasse a ajuda de Katherine, esta remetia-se a um siléncio total. Náo seria a preceptora a contestar as ambicóes de John, era a licáo que dali podia tirar.

Os mais pequeninos jogavam á cabra-cega no terreiro coberto de relva, naquele dia de sol abencoado, que parecia resistir á chuva e ao frio que depressa se instalariam. As «meninas» passeavam no Jardim dos Sentidos, onde Katherine mandara plantar ervas aromáticas que inundavam o ar do seu cheiro doce. Emma e Elisabeth náo perdiam de vista os «rapazes», os escudeiros e cavaleiros mais novos, que treinavam a pontaria no terreiro junto das cavalaricas. Com os arcos esticados e as setas prontas, náo era raro aquele que disparava para o céu, táo distraído estava a tentar corresponder ao charlase das damas.

John fora passar uns dias a casa e inspeccionava com Katherine, que levava Tamkin pela máo, as obras mais recentes. Dentro das muralhas de Kenilworth o dia corria sereno.

Subitamente as trombetas dos guardas do portáo tocaram com estrondo.

John virou-se na direccáo da ponte, espantado, porque náo esperava visitas. Mas quem chegava era um mensageiro com as cores de Roma, num cavalo suado por uma viagem longa.

Emma puxou o braco de Philippa para lhe chamar a atencáo para o visitante, e até Elisabeth se calou. As pernas de Philippa tremiam tanto, que procurou rapidamente o conforto de um dos bancos de madeira do jardim.

Pálida como um lencol, com dificuldade em controlar o lábio que tremia, dizia:

- Meu Deus, Meu Deus, faz com que seja um «náo», faz com que o Santo Padre náo tenha autorizado este disparate. Como posso casar com um primo direito que tantas vezes leve¡ ás cavalitas, e a quem dei a sopa, quando mais ninguém o conseguía fazer comer?

Emma tinha sido suficientemente repreendida pela máe para saber que náo devia manifestar-se contra nenhuma decisáo do duque, mesmo no segredo de um jardim de aromas. A vontade dos grandes cumpre-se contra todos os principios e bom senso, e depois em que posicáo ficaria aquela que aconselhara a rebeldia? Disse-lhe:

- Philippa, tem calma. O ten pai há-de saber o que é melhor para ti, e ser rainha de Inglaterra náo é uma oportunidade para deitar fora.

Elisabeth, então, náo tinha dúvidas:

- Pareces uma menina da aldeia de Kenilworth, assustada com a possibilidade de subir na vida ou de ser arrebatada pelo patráo. Se me quisessem casar com Richard e oferecer-me de bónus o trono, náo julgues que dizia que náo, minha pateta. Náo estás farta de saber que desde que lhe desses um herdeiro, depois fazias o que querías? Escolhias os teus vestidos, as tuas jóias. .

Os comentários da irmá, táo crus e directos, davam-lhe vómitos. O

estómago latejava de dor, e Philippa teve de se dobrar sobre si mesma, a máo com forra contra a barriga, as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos.

Elisabeth olhou-a, aflita:

- Mana, pára com isso, que susto.

E passando-lhe um braco pelos ombros frágeis, levantou-a do banco e levou-a em direccáo a casa. Katherine, quando viu Philippa naquele estado, apressou-se a correr para ela:

- Minha querida princesinha, náo fique assim - disse, libertando Elisabeth do peso do corpo da irmá e puxando-a para si.

Aconchegou-a e sussurrando-lhe ao ouvido, disse:

- Val ver que sáo boas notícias. Náo quero que passe por aquilo que passei com a sua idade, quando me mandaram casar com Hugh. Quero que case só daqui a muito tempo, porque preciso de si para me ajudar com a educacáo dos pequeninos. . preciso de si para me aconselhar nas obras, preciso de si por perto, Philippa.

As palavras de Katherine, como acontecia sempre, acalmavam Philippa como um sedativo. Deixou-se levar para dentro de casa, onde Maud descia já ao seu encontro com uma caneca de infusáo de camomila.

Elisabeth e Emma entraram no quarto de rompante. Elisabeth vinha com roupa de montar e atirou-se, com a lama das botas e tudo, para o lado da irmá, que descansava tapada por uma manta.

- Estás livre, estás livre!

Philippa, como que impulsionada por uma mola, sentou-se na cama, direita:

- Livre? O Papa disse que náo?

- O pai está furioso - respondeu-lhe Elisabeth com um sorriso de satisfacáo!

- Passeia de um lado para o outro do Grande Saláo como uma raposa enjaulada - disse a rir.

Philippa tinha medo de um pai furioso, mas se a fúria era causada pela recusa do Santo Padre, valia a pena suportar o mau génio de John of Gaunt.

- Conta-me mais, por favor. .

- O Papa disse que primos direitos náo poderiam casar, é isso.

- Abencoado Santo Padre - murmurou Philippa.

- Abencoado bom senso - acrescentou Emma, para logo pór a máo sobre a boca.

- Mas, Elisabeth, e o pai conformou-se?

- Claro que náo - responden a irmá. - Diz que vai recorrer, e pedir a este e áquele, mas a Katherine den a machadada final ao assunto.

- Katherine? Mas ela estava táo cautelosamente a evitar dar opinióes -

exclamou Philippa surpreendida.

- A frente de toda a gente, sim, mas quando estáo os dois sozinhos, náo.

Lembrou o pai que o avo está muito doente, val morrer em breve, e que andar a insistir agora que casasses com o herdeiro, la parecer um golpe sujo, um oportunismo que náo o tornaría mais querido do poyo. Que uma teimosia destas lhe poderia sair caro junto dos inimigos, que obviamente argumentariam que o futuro reí deve casar com a princesa de um outro reino, para o engradecimento de Inglaterra.

Philippa suspirou, aliviada. Pareciam o tipo de argumentos a que o pai prestaría atencáo. Era tudo bom de mais para ser verdade, pensou assustada. Náo seria mais um dos teatros de Elisabeth?

- Ouve lá, se estavam sozinhos, como é que ouviste isso tudo?

- Porque la a passar junto da janela e fique¡ quietinha onde estava - riu Elisabeth. Philippa desatou também a rir:

- És a peste mais corajosa que conheco.

E abracou-a.

Ao deitar-se, quando se ajoelhava para as oracóes da noite, Philippa levantou os olhos ao Céu e agradeceu á máe té-la salvo daquele destino.

Náo tinha qualquer dúvida de que Blanche a vigiava e protegía lá de cima.

Que tinha sido ela a impedir que mais este esquema louco do pai chegasse a acontecer.

E

Windsor, 21 de Junho de 1377

stavam no Savoy já há tras semanas. A doenca do avó arrastava-se há meses, e John of Gaunt decidira que a família deveria mudar-se para Londres e lá permanecer até que o desfecho final os libertarse de novo.

Philippa sabia que o pai era agora o homem mais próximo do poder. O

tio Edward, o Príncipe Negro, e seu irmáo mais velho, morrera há menos de um ano, o seu segundo irmáo, o duque de Clearance, andava pela Irlanda, e de qualquer forma só tinha uma filha. John era o terceiro, de facto, mas a ascensáo próxima de um sobrinho que ainda nem dez anos tinha, abria-lhe um leque imenso de possibilidades. A tia Joan, estava certa disso, solicitaría a sua ajuda na regéncia do reino, até porque entendia bem que era mil vezes preferível ter o cunhado como aliado a té-lo como rival.

Philippa náo podía deixar de rir ao ver as transformacóes que se operavam no pai á medida que planeava uma nova estratégia. Castela e Leáo tinham desaparecido das suas conversas, Constanza fora remetida a um esquecimento maior do que nunca. Era como um príncipe inglés, e um príncipe inglés apenas, que se quería mostrar ao povo, um general de exércitos que combatiam pelo engrandecimento do reino, capaz de desinteressadamente ajudar o seu sobrinho a suportar o peso da coroa. O

próprio Richard era um miúdo esperto. Entendería que só tinha a ganhar em chamar para junto de si o seu tio favorito.

Philippa abanava-se com um leque. A temperatura tinha subido, o Veráo era dos mais quentes dos últimos anos - cada um parecia mais quente do que o último, era o que era-, e quem tinha sorte, pensou a princesa, eram os meios-irmáos. O pai fizera questáo de que os pequeninos Beaufort ficassem em Kenilworth longe das doencas de uma cidade, superpopulada e de esgotos a céu aberto, onde as epidemias se espalhavam como o fogo.

Katherine pedira para trazer consigo Blanchet, sabendo que a adolescente se retrairia de novo para os seus siléncios e reservas se voltasse a ser excluída da

família, que agora considerava sua. Thomas estava, com Henry, já em Windsor, na «escola» que faria deles cavaleiros.

A princesa sentara-se no seu banco de janela favorito e observava os barcos que chegavam e partiam dos portóes do Savoy. Náo se cansaba de

olhar a farda dos soldados do pai, e a rosa de Lancaster continuava a provocar-lhe uma inexplicável comocáo - sentia-se parte de uma família, de uma história, e esse sentimento permitia-lhe aguentar muita coisa porque acreditava que lhes cabía dar o exemplo. Chaucer e frei Joáo podiam orgulhar-se da aluna, que embora aceitasse as prerrogativas do seu estatuto e lugar com absoluta naturalidade, consideraba que a inteligéncia, a cultura e o conhecimento da religiáo que tinham a sorte de possuir devia ser utilizada para conduzir o poyo a uma vida melhor. Mas mesuro ela, ás vezes, atrevia-se a duvidar de que assim fosse. .

De repente os seus pensamentos deixaram de divagar, captada a atencáo pela figura de um dos escudeiros do pai a saltar do barco antes mesmo deste ter atracado ao pontáo e a correr pelo pátio adentro com a pressa que só uma grande notícia, boa ou má, poderia explicar.

Na sua sala, as damas de companhia conversavam e jogavam as cartas, ao som de um menestrel que as embalava com o seu canto suave. O

ambiente era calmo e sereno, como o era sempre nos aposentos de Philippa, que as damas bem se queixavam de que para lá de Pai-Nossos e Ave-Marías poucas coisas mais animadas aconteciam por aquelas bandas.

Ao ver o mensageiro chegar, Philippa precipitou-se para a porta, mergulhando a sala num siléncio curioso: que mosca lhe teria mordido?

Phillippa abriu a porta para o corredor, baten as palmas com forra e logo, saído náo se sabe de onde, surgiu um criado:

- Preciso que vás perguntar a Sir William, o secretário do meu pai, se há algum recado para mim. . e val depressa.

E ficou a ver o rapazinho correr pelo corredor, meio assustado com a perspectiva de subir aos aposentos do senhor da casa, mas sem a coragem necessária para recusar o pedido da princesa.

Philippa voltou a entrar para a sua sala, onde as damas se mantinham caladas, e o músico pousara o alaúde e falava baixo com uma das empregadas que levava o tabuleiro com os bolinhos do lanche.

Mas náo foi o rapaz que voltou, foi o próprio John of Gaunt em lugar dele.

As damas puseram-se de pé com a visita inesperada, e Philippa atravessou a sala, os pés leves sobre os tapetes persas, e estendeu-lhe as duas máos, que ele tomou nas suas:

- Filha, o rei morreu, o avó Edward morreu, paz á sua alma.



As damas benzeram-se apressadamente, enquanto Philippa e o pai saíam em busca de Katherine e de Elisabeth, a quem era preciso dar a notícia. Philippa suspirou de alívio: tinha pena que o avó tivesse morrido, puxava-a para o colo e dava-lhe sempre frutas cristalizadas quando era pequenina, mas a notícia náo podia ser melhor. Depois da morte do avó, Richard seria coroado dentro de dias, e agora é que o pai náo contestaría a proibicáo papal ao seu casamento com ele. Richard seria reí, e que Deus lhe desse saúde e sabedoria para governar o país. O avó governara cinquenta e um longos anos. Fora um reí corajoso e extremamente popular, mas há muito tempo que estava demasiado distante do sofrimento daqueles a quem tinha por missáo servir. Talvez Richard, se o deixassem, fosse mais atento. Pelo menos preferia os livros ás armas, o que do ponto de vista de Philippa era um sinal de inteligéncia que saudava com esperanca.

O costureiro do Savoy subiu aos aposentos das princesas, a mando de Katherine. Era preciso fazer vestidos condignos para todas elas, embora -

pensou Katherine com amargura - ninguém visse o seu, porque seria Constanza que se sentaría ao lado de John. Constanza, que os mensageiros já tinham chamado a Londres, e que estaria a chegar dentro dos próximos dias, Constanza que ocuparia os aposentos de John, a cama onde dormiam, a cama onde tinham feito amor pela primeira vez. E Katherine ficaria relegada para a ala das princesas, como se adequava ao seu cargo de preceptora.

Katherine abanou a sua juba ruiva com fúria, e Blanchet e Philippa viraram-se imediatamente para ela, sensíveis como eram a qualquer mudanca de humor.

Reconheceram o gesto, percebendo o seu signifi cado.

Philippa tentou que os seus olhos náo se encontrassem com os de Blanchet: quería muito que a crianca náo tivesse a certeza, a certeza mesmo, por muitas suspeitas que lhe invadissem a cabeca, de que a sua máe era amante do pai dela. .

Mas Katherine já tinha regressado da queda que dera no abismo, assumindo de novo o seu papel de organizadora nata de eventos:

- Lady Elisabeth, um decote desse tamanho náo é adequado ao enterro do seu avó, e Blanchet, esse tecido é demasiado pesado para ti, podes

perfeitamente ir de branco na tua idade. .

Mas se Blanchet acatou sem grandes protestos as ordens maternas, já Elisabeth continuou imperturbável a explicar ao costureiro e as suas ajudantes exactamente como tinha de ser o corte do vestido. . que náo se podia perder a ocasiáo de brilhar quando «toda a Inglaterra», e náo só, estaria presente.

Os dias custavam a passar, mas era preciso esperar que os senhores do norte e do sul, os filhos que lutavam no continente e todos os outros vassalos do reino chegassem para as exéquias. Mas ninguém tinha dúvidas de que o impasse constituía terreno fértil para que os boatos, dentro e fora dos castelos e palácios, se multiplicassem.

Richard, o neto, era sem dúvida nenhuma o herdeiro legítimo, que o avó fizera questáo de em vida nomear numa cerimónia pública para que náo restassem quaisquer dúvidas. Exigira-lho o pai de Richard antes de morrer e tudo se cumprira conforme a sua vontade.

A máe de Richard, Joan of Kent, era agora a rainha-máe, um cargo de imensa importáncia, tendo em conta que o frágil menino loiro, de cabelos até aos ombros e um ar ligeiramente efeminado, precisava de alguém que salvaguardasse os seus verdadeiros interesses. E Joan of Kent era popular entre o poyo, como o era também o principezinho.

Por tudo isso o alvo das intrigas palacianas náo era decididamente um ou outro, mas sim John of Gaunt, o tio mais influente do já quase rei, um homem de ambicáo reconhecida, que vivia com a amante e desprezava a mulher legítima,

náo se coibindo no entanto de, por causa dela, se intitular rei, um homem corajoso na guerra, mas que parecia náo ganhar nenhuma nem trazer glória ou dinheiro aos cofres de Inglaterra, só promessas. .

Philippa tomava o seu banho naquele fim de dia quente e abafado de Julho, que Maud insistia em continuar a supervisionar, e perguntava:

- Ouvi a conversa dos criados. . diziam que o poyo odiava o meu pai. .

- Náo ligue, menina. Isso é da boca para fora - responden a ama, mas o seu tom náo era convincente.

- Mas por que é que náo gostam dele? Fartou-se de lutar por Inglaterra, por ajudar o rei de Castela a recuperar o trono, e esteve sempre por perto do meu avó. .

- E de Alice de Parres - murmurou Maud.

- Ele náo gostava de Alice - tentou ainda dizer Philippa, mas sabia táo bem como Maud que John, ao contrário dos outros irmáos, tinha apoiado a amante do pai e chegara mesmo a trazé-la do exílio a que o seu irmáo, o pai de Richard, a tinha condenado antes de morrer daquela disenteria que o debilitara anos a fio.

- Nem lhe devia contar isto, mas hoje á tarde fui á cidade comprar linhas para acabar de coser o botáo que caiu do seu manto. Estava muita gente na loja e fui ouvindo as conversas, e sabe o que diziam? Que essa tal, mal viu o corpo do seu avó gelado, lhe robou os anéis que tinha nos dedos e o colar que lhe pendía sempre do pescoco; a menina lembra-se daquele com a cruz de prata e rubis? E que meten tudo aquilo e mais o que acumulou nestes anos todos e se pós a andar. Dizem que a esta hora já val longe, num barco para Franca. .

Philippa deixou-se escorregar para dentro da tina: nem com a sua querida Maud poderia comentar uma coisa destas, náo era digno de uma princesa tecer comentários a conversas deste género, mas prometer a si mesma que pediria ao pai que perseguisse a «tal» Alice e a obrigasse a devolver as jóias da família. Se o pai. . náo se sentisse demasiado comprometido com a sua própria situacáo para agir.

Fingindo estar entretida com a esponja, quebrou de novo o siléncio:

- Maud, mas por que é que acham que o meu pai seria capaz de roubar o trono ao meu primo Richard? Se está sempre perto dele é porque tem uma experiéncia imensa e acredita que com ela pode ajudar o príncipe a governar melhor.

- O rei - corrigiu Maud, que cantara já naquele dia, na ida á cidade,

«Morreu o rei, viva o rei».

- Sua Alteza Real Richard II, Maud, já viste? Coitado, aos dez anos vai ser Richard II de Inglaterra.

Maud suspirou fundo. Já náo era nova e tinha visto muito. Náo confiava nem um bocadinho no senhor da casa, sempre tomara o partido da sua única e verdadeira patroa, a senhora duquesa, e sentira-se quase pessoalmente traída quando descobrira que ele era pai de uma outra menina, da idade da sua Philippa. Perguntava-se ás vezes se seria por isso que o duque estava manifestamente mais distante de Philippa, por sentir que se náo ligava a uma das suas filhas, também náo deveria ligar á outra.

Mas fosse qual fosse a razáo, levava-lho a mal, porque afinal a sua Philippa

precisava e merecia que ele correspondesse á imensa admiracáo que ela lhe tinha, á necessidade de lhe mostrar quanto sabia e aquilo de que era capaz. Mas John, nas mulheres, procurava a beleza e a sensualidade, acima de tudo!

- Maud, cm que é que estás al a pensar? Ouviste o que te disse: o meu pai náo val roubar o trono a Richard. Logo o meu pai, que tem um respeito táo grande pelos herdeiros legítimos e luta por ocupar o seu lugar cm Castela. .

Maud náo era propriamente uma cabeca política, mas fez questáo de tomar nota deste comentário: realmente, se John of Gaunt roubasse o trono ao sobrinho, com que legitimidade reclamaría o de Castela e Leáo? Talvez náo tivesse outro remédio senáo guardar as garras. . e esperar que o menino Henry crescesse mais um bocadinho, pensou.

Nos seus aposentos, enquanto o camareiro o vestia para o jantar, John of Gaunt pensava exactamente no mesmo: se fosse reí de Inglaterra, o país ficaria infinitamente melhor servido do que com um rapazinho, que la levar oito longos anos até chegar á maioridade, aconselhado sabe-se lá por quem, e á custa de quantos. Mas. . se o fizesse e o golpe corresse mal, perdería a coroa inglesa e

deitaria por terra a pretencáo a Castela. Mas Castela ultimamente tinha-lhe parecido muito distante, e até indesejável, táo apaixonado que estava por Katherine, e feliz e contente com as obras que comandava nos seus múltiplos castelos.

Falando consigo mesuro decidiu chegar a um compromisso: antes de mais era preciso calar de vez as bocas dos seus inimigos que viravam contra si o poyo e envenenavam a cabeca de Richard com histórias de traicóes inexistentes. Governaria através de Richard, náo seria difícil, e poria em ordem o país que a peste negra e as guerras sem fim tinham levado á miséria. Estava determinado a engendrar uma estratégia para náo deixar que virassem o sobrinho contra si, a por em prática logo depois de enterrar o pai com a pompa que o senhor merecia na abadia de Westminster, junto da mulher e sua máe, em túmulos dignos da sua condicáo. Chamaría a si a organizacáo da cerimónia da coroacáo de Richard para alguns dias depois. .

Teria ainda que gerir a questáo de Constanza e Katherine sob o mesmo tecto, as duas ciumentas, as duas com um temperamento forte e corajoso, pensou. Decididamente, a sua vida nestes momentos de cerimónias oficiais tornava-se complicada. E agora com responsabilidades acrescidas e a

desconfianca de tantos em cima de si, á espera do menor deslize, era preciso o dobro do cuidado. Estava em Londres, no maior palácio da cidade, e Richard - e náo ele! - seria rei.

«Por que ralo nasci em quarto lugar, o terceiro vivo, e son agora o mais velho de todos, logo en que era o favorito do meu pai, aquele que ele sempre quis no seu lugar?» , repetiu baixinho pela milionésima vez na sua vida, enquanto pegava no manto, colocava a espada á ilharga e se preparava para descer para receber a sua mulher legítima, aquela que fazia dele, pelo menos, rei de Castela e Leáo.

M

Abadia de Westminster, 16 de Julho de 1377

esmo escoltados pelos soldados de Lancaster, era difícil furar caminho por entre a multidáo que rodeava a abadia de Westminster, no centro de Londres, na esperanca de ver, nem que fosse por uns segundos, Richard, o príncipe que hoje

seria coroado rei. A maior parte do poyo nunca tinha assistido sequer a uma coroacáo, mas ouvira os pais falar da extraordinária cerimónia que cinquenta anos antes levara ao trono o adolescente Edward III, apenas há dois dias sepultado neste mesmo local.

As princesas tinham deixado nos armarios, entre a cánfora e a alfazema, os vestidos pretos que haviam usado para o funeral do avó, trocando-os por outros debruados a ouro, com faixas encrustadas de pedras preciosas, os crespins de seda, com o véu da cor das faixas a esvoacar na brisa que se levantava do rio Tamisa e que tornava o calor daquele dia 16 de Julho um bocadinho mais suportável.

O vestido de Philippa era azul, sem enfeites. Recusou os decotes da irmá, e para desespero de Katherine, que sabia que John of Gaunt la dar por isso, nao quis usar o colar de pérolas que o pai lhe dera, que considerou demasiado vistoso. Escolhera em lugar dele apenas um fio de ouro, bem junto do pescoco, e onde, no fecho, prendera uma pequenina cruz de topázio.

Enquanto caminhavam, a princesa olhou de relance para a irmá mais nova. E encolheu os ombros, num gesto inconsciente: o melhor mesmo era náo competir com a irmá, preferindo um estilo em que as comparacóes náo fossem possíveis. Além disso, só de olhar para as roupas dela a fazia corar

- aquela rapariga náo tinha mesmo juízo nenhum, mas o pai, em vez de a pór na ordem, deixava a sua aprovacáo bem visível sempre que se virava para ela.

Náo era o único a náo conseguir desviar o olhar de Elisabeth. A «cabeca-oca da Beth», como lhe chamava Philippa num misto de desprezo, inveja e carinho, sobressaía sempre. Hoje náo era excepcáo: o vestido de seda encarnado-escuro, a sua cor favorita, contrastava com as pérolas que o pai financiara a pedido de Katherine - em seis voltas em redor do seu pescoco

esguio e branco, que contrastava com o arruivado do seu cabelo e os seus imensos olhos verdes, que faiscavam de vida. Virava a cabeca para a esquerda e para a direita, ansiosa por encontrar o cavaleiro que sabia estar de olho nela, e com quem trocara olhares sedutores á ceia e nos passeios pelos jardins do Savoy.

Desta vez Katherine náo la com elas, alegando já serem suficientemente grandes para seguirem na comitiva da rainha Constanza, ou na de John of Gaunt.

Philippa vira-a engolir a raiva, mas achara por bem fingir acreditar nos argumentos da professora. Incluíra-se discretamente entre as damas de Constanza, que era o alvo da curiosidade da multidáo, ansiosa por ver de perto «a espanhola», vestida de forma táo extravagante e colorida, os cabelos negros como carváo presos com Pitas de todas as cores, os colares e as pulseiras tantos e táo ricos, que parecia impossível que com aquele peso se mantivesse táo direita na sua liteira, acenando entusiasmadamente.

Aquela gente, que em tempos normais ignoraria uma estrangeira, rodeada de toda aquela gente estranha, dando á língua num idioma táo cheio de cacofonia, falando alto e bom som sem se importarem com as conveniencias, saudavam-na agora com entusiasmo, porque entre eles, Constanza era a coitadinha, enganada ostensivamente pelo marido, que odiavam. Convinha-lhes, portanto, o papel da moral, embora nenhum deles ignorasse que «a gente da corte», e náo só, tinha a infidelidade como um requisito quase obrigatório, em consequencia da sua luxúria, diziam uns, do facto de os seus casamentos serem de conveniencia, argumentavam os mais tolerantes, esquecidos que os da gente pobre também acabavam sempre por se-lo.

Constanza estava feliz com o banho de multidáo, e para desespero da escolta, mandava o cortejo parar vezes sem conta - para quem vivia perdido num castelo rodeado por nevoeiros, táo diferente daqueles em que tinha nascido e crescido, para quem se sentia ignorado e humilhado, era bom descer á capital e ver-se rodeado de gente que lhe estendia a máo ou lhe atirava uma flor. Pouco lhe importava que o entusiasmo que suscitava fosse um sinal do ódio que tinham ao seu legítimo esposo, aquele que jurara vingar o assassinato do seu pai e restituir-lhe o trono, a ela, que náo esquecia, nem por um minuto, que era rainha de Castela e Leáo. Mas John estava agora absolutamente envolvido na política inglesa, muito mais



seduzido pelo trono deste país de brumas e chuvas do que por terras táo distantes e uma promessa que para ser concretizada precisava de esvaziar os cofres do Estado.

Philippa náo precisava que a madrasta lhe traduzisse os pensamentos, porque sabia o suficiente da política do mundo para entender tudo, e havia sempre freí

John e Chaucer para a ajudarem a perceber o que náo entendia á primeira. .

Quando Constanza lhe sorria, sorria de volta, e tinha pena dela.

Westminster explodia de cor, as bandeiras em cada coluna da catedral de pedra escura, os brancos engalanados de flores e fitas de cor. Philippa e a sua comitiva foram dos primeiros a entrar, e os mestres-de-cerimónias empurraram-nos para os bancos laterais, que ladeavam a enorme cadeira dourada de veludo vermelho e o genuflexório coberto pelo manto mais rico que alguma vez vira, e onde Richard se ajoelharia para receber a coroa.

Os cavaleiros do futuro rei alinhavam-se de um lado e de outro do altar principal e Philippa distinguiu logo o irmáo Henry, alto e forte, orgulhoso na sua armadura de gala, e depressa encontrou Thomas Swynford, que nunca estava muito longe do seu mentor.

Emma, que seguía consigo, puxou-lhe pela manga, excitada:

- É aquele, lady Philippa, é aquele. .

- Aquele, quem? - perguntou Philippa baixinho.

- Aquele - disse Emma apontando o dedo para um rapaz lindo, o cabelo castanho ondulado, elegante e alto - aquele é o meu irmáo Francis. Tenho que lho apresentar, lady Philippa.

Philippa riu, com aquele sorriso que a tornava quase bonita:

- Lady Emma, nunca vi ninguém mais casamenteira. . náo basta o meu pai andar a querer emparelhar-me com o primeiro homem poderoso e rico que encontre pelo caminho, tenha dez anos ou duzentos, e agora só me faltava que a minha melhor amiga me andasse a fazer arranjinhos. Que vergonha.

- Náo lhe disse nada sobre si lady Philippa - responden ligeiramente assustada Emma, que náo quería que a amiga, mas também patroa,

sentisse que havia alguma razáo para suspeitar de que andava a tentar favorecer a sua família, ou alguma veleidade de achar que o seu clá tinha sangue azul ou dinheiro que chegasse para poder ambicionar a máo da filha primogénita de John of Gaunt, prima direita do rei de Inglaterra. Mas apesar de tudo isso, prometeu a

si mesma apresentá-los nessa tarde no torneio.

A entrada de John of Gaunt, empunhando a Curtan, a Espada-de-Estado, a espada que por náo ter ponta simbolizava o espírito de misericórdia que devia guiar um soberano, calou todos os sussurros. Atrás dele, com toda a compostura do mundo, vinha uma crianca pequena e delicada, caracóis loiros até aos ombros, mas cujo olhar era de uma firmeza cortante: Richard. As ovacóes da assisténcia chegavam como um vento forte, e foi ao som de «Viva Richard» que o príncipe quase rei desceu a ala principal da catedral, um meio sorriso de conviccáo e triunfo nos lábios. A protegé-lo na retaguarda, os seus tios mais novos - a sua guarda pessoal.

A música encheu a abadia, e a longa, longa, longuíssima cerimónia come~ou. Philippa teve pena do primo, que fazia um esforco para manter os olhos abertos enquanto os discursos se multiplicavam e os rituais se cumpriam.

- Ele val adormecer, o palerma - murmurou-lhe ao ouvido Elisabeth, que achava um desplante que náo fosse o pai a subir ao trono.

- Cala-te, Beth, o coitado só tem dez anos - responden severa Philippa.

- O nosso irmáo tem menos dois e está ali direito e em pé, desde o princípio, e tem muito mais ar de rei do que ele - continuou a irmá.

Philippa, irritada, repetiu:

- Cala-te, por Deus, Elisabeth! Com comentários como esses ainda fazes com que o nosso pai acabe sem cabeca ou preso na Torre de Londres. O

que dizes é traicáo. O próprio pai dava-te uma sova se te ouvisse.

Elisabeth encolheu os ombros como se náo tivesse medo de nada, mas calou-se. Havia demasiados parentes a quem a cabeca tinha rolado por bem menos, e as mulheres, mesmo princesas como ela, náo eram excepcáo quando os reis todo-poderosos as consideravam uma ameaca. E Elisabeth achava a sua cabeca demasiado bonita para conseguir imaginá-la espetada num pan!

Finalmente chegou o momento de Richard se ajoelhar e receber a coroa, jurando servir a pátria e o poyo com a sua vida. Soaram as trombetas,

abriram-se de par em par as portas do fundo e a multidáo gritou: «Viva o Rei!, Viva Richard II», enquanto a assisténcia na catedral se ajoelhava em sinal de obediéncia ao novo soberano.

John of Gaunt foi o primeiro a chegar junto dele, e ajoelhando-se, proferiu na sua voz grossa que ecoava por entre os arcos da abadia:

- Alteza, son o primeiro a prestar-vos homenagem e a jurar defender-vos com a vida. Mas o meu nome e a minha honra tém sido manchados por boatos de cobardes que náo dáo a cara, por gente que diz que ambiciono o lugar de Vossa Majestade e que o poderia trair. De joelhos perante vós, peco-vos licenca para defender o meu nome com a espada de Inglaterra, e daqui desafio todos aqueles que desconfiam da minha lealdade a falarem já, ou a calarem-se para sempre.

O siléncio no interior da catedral era sepulcral, embora lá fora, sem saber o que se passava, a multidáo continuasse a clamar por uma aparicáo pública do novo rei.

Philippa olhou o pai, aterrorizada, e depois procurou em desespero a cara de Katherine nos bancos atrás, na esperanca de um sinal de assentimento, de um sinal de que ela sabia daquilo, que John lhe pedira o seu conselho, que náo era mais um dos ímpetos do pai. . Mas quando encontrou o rosto da professora viu-o táo branco como o seu.

Virou-se de novo para o altar, onde Richard mandara o tio levantar-se, e com uma dignidade impressionante para um rapazinho táo pequenino, e que só estava naquele lugar pela morte antecipada do seu pai e do seu irmáo mais velho, declarou alto:

«Eu, Richard, reí de Inglaterra, aceito os votos de John of Gaunt, e acredito que me defenderá sempre dos meus inimigos, sem a menor sombra de deslealdade.»

E apoiando-se no braco do tio desceu as escadarias, ansioso pelo seu cavalo branco e pelos gritos daquele poyo de Londres, que amara e servira o seu avó e o seu pai, e que o aclamava agora com um entusiasmo contagiante.

- Ele está a adorar estes gritos e esta atencáo toda, nunca mais val querer outra coisa! - disse Elisabeth com a sua cínica perspicácia, iluminada por uma ponta de ciúme. Philippa estava ainda a tremer: até quando é que o pai conseguiría sobreviver aos seus poderosos inimigos?

Porque sabia, como Katherine também sabia, que gestos como o que hoje

acontecera em Westminster náo faziam mais do que acicatar ódios, apesar da ilusáo de se ter comprado mais um bocadinho de tempo. .

R

Richmond Palace, 22 de Julho de 1377

ichard era rei. E os festejos continuavam. Philippa, Emma, Elisabeth, Blanchet e todas as outras damas mais novas da corte tinham passado a manhá a correr de quarto em quarto para se prepararen para o Grande Torneio da tarde, o primeiro a que o recém-coroado presidia, aquele em que os cavaleiros, mais novos e mais velhos, desfilavam no terreiro, prestando-lhe pública vassalagem.

As meninas juntavam-se todas num dos camarotes e atiravam flores aos seus favoritos, que quando eram ousados e corajosos levantavam a viseira dos elmos para as contemplar com um sorriso de agradecimento e lhes pediam autorizacáo «para usar as suas cores». Elisabeth levava uma bolsa chela de Pitas de seda, e Katherine ria:

- Lady Elisabeth, um bocadinho de modéstia náo lhe fazia mal nenhum.

Acredita mesmo que seráo dezenas os jovens que estaráo dispostos a morrer por si?

Elisabeth rodara numa pirueta, as fitas a cair do saco, enquanto as outras soltavam gargalhadinhas nervosas. Vendo que Philippa nem uma Pita tinha recolhido, Katherine repreendeu-a:

- E a senhora, lady Philippa, sofre do pecado oposto. Nem lhe passa pela cabeca que um dos bravos cavaleiros lhe peca qualquer coisa de seu, para lutar por si?

Philippa corou, mas foi Emma que corren a resgatar-lhe uma das fitinhas do molho que a costureira tinha deixado numa enorme taca vidrada no quartinho de vestir das meninas.

- Encarnada, como a Rosa de Lancaster, princesa, leve-a, que val precisar dela -

murmurou enquanto lha entregava.

- Náo digo que és uma casamenteira? Vamos mas é embora que o barco está á espera, e até Richmond ainda demoramos.

Os relvados do palácio estavam cobertos de pequenas tendas, os criados vestidos de gala passavam com tabuleiros de bolinhos e bebidas, e ao longe via-se montado o recinto do torneio. As bandeiras mais diversas rodeavam

as bancadas, que já se enchiam de gente, num arco-íris de cores. Os tambores, o relinchar dos cavalos, as trombetas e as vozes misturavam-se, elevando-se ao sol numa nuvem de ruído, que Philippa tinha dificuldade em suportar.

Caminhava entre as amigas, com as máos a tapar-lhe as orelhas, quando de repente Emma a puxou com forra por um braco:

- Está ali, está ali - e antes que Philippa tivesse tempo de a mandar conter os gestos e o volume da voz, já Emma gritava por Francis.

- É lindo, náo é? Só mais tras anos do que eu, mas o mais esperto e bonito de todos os meus irmáos - repetia a adolescente ofegante na tentativa de passar tanta informacáo muito depressa, porque Francis se aproximava a passos largos.

Já fora armado cavaleiro, a túnica de um verde-brilhante, a capa de um verde mais escuro a cair-lhe pelos ombros, o elmo no braco, dobrou o joelho e beijou a máo da princesa:

- Lady Philippa, que prazer conhecé-la. A minha admiracáo por si cresce sempre, por aturar a minha querida e linguareira irmá Emma - disse sorridente.

Emma empurrou-o, divertida:

- Parvo, parece que náo son tua criada, que náo te fato todos os favores, e ainda invento desculpas para te poupar a uma coca do pai.

Francis nem a ouvia. Havia qualquer coisa em Philippa que o atraiu no mesmo instante. O que comecara por náo passar de um mero cumprimento de cortesia, para aquela que mantinha a sua única irmá na corte, transformou-se numa vontade inexplicável «de ir ficando», como se tudo o resto tivesse deixado de ser importante.

Philippa sentiu o mesuro, e quando Elisabeth puxou Emma para a frente com um «despacha-te, senáo ficamos sentadas onde ninguém nos vé», deixou-se ficar para trás. Francis fez o mesuro.

Para seu espanto, a língua desatou-se e Philippa come~ou a falar como que inspirada pelo divino Espírito Santo. Talvez fosse porque sentia ser Francis muito familiar: tinha os olhos verdes de Emma, uma forma de articular as palavras engrasada, tal como ela, e o mesmo tipo de humor e grata.

Fazia-lhe tantas perguntas, que o rapaz náo resistiu a exclamar, ao fim

de meia hora:

- Lady Philippa, acho que já náo há nada na minha vida que a princesa náo conheca!

Philippa corara imediatamente:

- Peco desculpa, náo quería ser matadora - e a carapaca de timidez teria caído de novo sobre ela, se Francis náo tivesse intervindo, com um sorriso genuíno:

- Estou a gostar imenso desta nossa conversa! Maca-me lá agora, acho que nunca estive táo feliz na vida. Mas val ter de aceder a um pedido meu: se lhe contei a minha vida, agora terá de ser a princesa a contar-me a sua. .

Philippa descontraíra-se de novo:

- Está combinado, mas estou a ver o meu irmáo Henry desesperado á sua procura; será que é a sua vez de entrar no torneio?

E de repente, lívida:

- Náo val lutar a sério, pois náo? Quem é que defronta?

Francis beijou-lhe de novo a máo, mas sem tirar os seus olhos dos dela:

- Pouco me importa o adversário, se lady Philippa estiver nas bancadas. .

Philippa prometeu que estaria. O que náo lhe disse foi que, de repente, voltou a sentir o impulso de fazer figas. Francis tinha de ganhar, Francis náo podia ser

ferido. . nem morto, nestes jogos de corte em que arriscavam tanto e táo estupidamente.

Philippa pediu ao guarda que lhe abrisse alas até ao camarote onde a irmá e Emma assistiam ao torneio. Emma náo conseguía esconder a sua curiosidade:

- Estiveram a falar este tempo todo? - perguntou.

Philippa disse que sim com a cabeca, mas ambas viraram os olhos para o terreiro. O arauto acabara de anunciar que Sir Francis Beacon lutaria contra Sir Peter Thornwall. Os cavaleiros entraram sem que, á primeira vista, fosse possível saber quem era quem debaixo daquelas armaduras.

Philippa sentiu o sangue gelar nas veías quando aquele que montava um cavalo branco estacou diante do seu camarote e numa voz sonante perguntou:

- Lady Philippa of Lancaster, permite-me que ouse lutar sob as suas cores?

Emma e Elisabeth, numa excitacáo incontida, abanaram a irmá, que parecía congelada:

- Atira-lhe a fita, atira-lhe a fita.

Uma Pita vermelha, de seda brilhante, voou pelo ar. Sir Francis apanhou-a com a sua espada, e recolhendo-a, «arrumou-a» ostensivamente no bolso junto do coracáo.

Philippa pensava que la morrer. Nunca se sentira assim. Nunca fora, em público, o alvo da atencáo de um homem. Nunca acreditara que um cavaleiro, logo um cavaleiro táo helo como aquele, estivesse interessado em homenageá-la. Emma abracou-a longamente: o seu irmáo fizera feliz a sua melhor amiga. Se ao menos. .

S

Savoy Palace, Londres, 26 de Julho de 1377

entia-se a viver numa nuvem. O sorriso náo lhe abandonava os lábios, e até os professores a olharam de soslaio, curiosos. Maud fizera apenas umas curtas

perguntas e entendera tudo. Katherine trocara com a ama dois ou três olhares que exprimiam tudo: a alegria de saberem o coracáo da princesa tocado pelo amor, que lhe permitiría a partir daqui crescer e aceitar melhor os erros dos adultos que a rodeavam, e a preocupacáo -

tanto uma como outra sabiam que lady Philippa of Lancaster náo poderia nunca casar com um respeitável, mas pouco afortunado, Sir Francis Beacon, por muito que fosse o irmáo da sua dama favorita, criada com ela na corte. Mas que importava agora isso? Philippa só tinha dezasseis anos.

Era preciso que lhe fosse permitido apaixonar-se e viver um grande amor, fosse qual fosse o futuro que o pai lhe reservava. Katherine e Maud fizeram, ali mesmo, um acordo tácito: nem uma nem outra travariam aqueles encontros.

Philippa estranhou que, de repente, ninguém lhe perguntasse onde ia, nem a que horas voltava, e a deixassem sair para os jardins do Savoy sem interrogatórios cerrados nem guardas ou alas. Mas nem pensava multo nisso, absolutamente absorvida que estava em Francis. Um Francis dedicado e delicado que a esperava discretamente em todos os sítios onde ia, como se lhe lesse os pensamentos, ou tivesse acesso á sua «agenda particular». Dancaram nos bracos um do outro, conversaram até ao fim da noite, passearam de barco, discutiram livros e obras, teologia e filosofia.

Tudo parou abruptamente, quando John anunciou que náo quería a família nem mais um dia em Londres. A cidade cheirava a água podre e estancada, os insectos faziam nuvens escuras.

Quando Philippa lhe contou que no dia seguinte partia, um dique de lágrimas pronto a rebentar, Francis olhou-a estupefacto. Como fora táo estúpido, como fora capaz de acreditar que este dia náo chegaria nunca, que lhes permitiriam continuar juntos para o resto das suas vidas?

Philippa virou-lhe as costas, naquele mesmo jardim onde, com aquela mesma idade, a máe aceitara casar com o pai, e corren para dentro de casa. Francis ficou ali, especado, a vé-la partir. .

Nessa noite, fechada no quarto e cansada de tanto chorar, Philippa deu um salto quando Emma se sentou suavemente na borda da sua cama, uma vela numa máo e um pergaminho na outra.

- Toma - disse, saindo depois rapidamente dali.

Philippa deu um salto até á sua mesa, acendeu a vela que lá ficava sempre e segurou com forra aquele rolo, dividida entre a vontade de o abrir e de o deixar selado para sempre. .

la abri-lo, claro que tinha de o abrir, como é que podia ficar sem conhecer as palavras de Francis? Partiu o lacre com cuidado, e comecou a ler:

Minha Cara Philippa,

Contra todos os protocolos e as reveréncias que merece, contra todas as cautelas que o borra senso aconselha, atrevo-me a escrever-lhe esta carta.

Devo dizer-lhe que desde que a minha irmá a conheceu nao para de falar de si. Infelizmente, colas a naturalidade que ambos lhe conhecemos, fala de si nao como era correcto falar de urna Plantagenet, mas corra urna querida amiga contando-me tudo sobre a sua sensibilidade, a sua fé e a sua inteligéncia. Tudo isto deveria ter sido o suficiente para que nao me surpreendesse guando a conheci no outro dia (parece agora que nos conhecemos desde sempre!) mas a verdade é que superou todas as minhas expectativas. Ultrapassando todos os limites de etiqueta e de razoabilidade, sou obrigado a dizer-lhe que desde esse momento nunca mais nada ficou igual. Os momentos que ternos vivido juntos desde aíprovaram a minha suspeita, confirmaram os meus mais secretos desejos, revelaran-me a mulher da minha vida. Aos poucos percebi corra alegria que nao lhe era totalmente indiferente. Hoje guando me disse que la partir, guando a vi desaparecer a correr pelo jardim, entendi que nao suportaria que fosse este o nosso último encontro. A esperanca de um lonco fez-me sentir que poderia vir a ser mais do que isso. Diga-me, minha querida lady Philippa, existe alguma faísca de verdade neste pensamento absurdo?

Aguardando ansiosamente noticias, do seu, para sempre, leal amigo, Francis Beacon

Deus pareceu-lhe ser de repente o mais cruel de todos os seres: como era possível que tivesse de dizer náo ao homem que a fizera mais feliz do que qualquer outro, aquele que despertara em si sentimentos desconhecidos? Táo fortes, táo Portes, que nem lhes sabia dar um nome.

Horrorizada com a heresia, ajoelhou-se no pequeno genuflexório do quarto, e

pediu ajuda. A máe e á Virgem.

Quando se levantou, estava decidida. Pegou na caneta e escreveu: Caro Francis,

Con fesso-lhe que nunca na minha vida pensei ler palavras táo doces. E

embora devesse ter ficado ultrajada pelo seu desplante, o meu coracao aquece quando as leio uma e outra vez, sem nunca me cansar delas. Devo estar táo louca como o Francis, para me arriscar a responder a esta carta, mas nao consigo evitar fazé-lo. Estas palavras parecem-me inevitáveis, e acredite que a inevitabilidade é para mim um sentimento estranho, pois habitualmente domino bem a arte do controlo.

Conheco berra a sua irma e minha querida amiga. Conheco a naturalidade corra que fala dos sentimentos e das pessoas. E como ela tem falado de si! Mas percebi porqué no dia que nos conhecemos.

Quando era pequena cruzava os dedos atrás das costas para que a minha máe me viesse dar um beijinho de boa-noite. Apanho-me agora a repetir o gesto sempre que me convidam para uma festa ou uma catada, só para o ver aparecer.

Deve julgar-me urna tola, e a única razáo por que lhe con fidencio tal parvoíce é por acreditar que sente o mesuro por mirra, e que estes sentimentos que descrevo lhe sao familiares.

Mas admitir tudo isto, nao modifica em nada a realidade das coisas. Nao posso entregar-lhe o meu coracao. Tenho um dever, uma responsabilidade a cumprir que infelizmente nao passam por este sentimento que distrai o sono e torna absurdos os comportamentos. Tenho de esperar e tentar compreender o que Deus quer de mim. O que o re¡ quer de mirra, o que o meu pai quer de mirra. Como ve, nao sou livre. Nem nunca serei. Mais se¡

perfeitamente que o Francis tem consciencia disto tudo. Sabe como o sentimento nao altera a realidade, mas o que lhe con fidencio é que a realidade também nao altera o sentimento.

Nao encontro nenhum caminho possível. O único que gostaria de seguir seria um que passasse por ve-lo pelo menos mais um vez, o mais cedo possível. Existe mais do que uma faísca, Francis, existe uma chama inteira que infelizmente vamos ter de apagar.

da sua leal amiga,

Philippa of Lancaster

P

Kenilworth Castle, 22 de Maio de 1378

hilippa entrou no quarto de brinquedos de Kenilworth e foi recebida por gritos de entusiasmo dos seus meios-irmáos Beaufort: John, já com seis anos, copiava letras numa mesa junto de uma das janelas com mais luz, Henry brincava com um jogo de bolas e as duas aquisicóes mais recentes, Thomas, a quem chamavam Tamkin para náo confundir com o irmáo mais velho, era o mais engrasado de todos, e nos seus passos ainda incertos veio na direccáo da irmá mais velha, que o atirava ao ar e construía com ele castelos de cubos. No berro, Joan, acabada de nascer, dormia embalada pela voz suave da sua ama-de-leite. Katherine ainda estava presa ao leito, porque o parto fora há menos de uma semana, e a sua capacidade de recuperacáo ao fim de seis filhos, náo era o de outrora.

Nos últimos anos a vida correra tranquila, e Philippa, apesar de rezar todas as noites para que o Altíssimo fechasse os olhos aos pecados do pai, encontrava uma seguranca imensa naquela «casa» e naquela «família», em que John of Gaunt parecia estar cada vez mais empenhado.

Ainda agora subira do terreiro, onde estivera com ele a acompanhar o chefe dos pedreiros e dos marceneiros nos últimos detalhes das obras de reconstrucáo das cozinhas e dos apartamentos privados do duque. John passara mais tempo em Inglaterra nos últimos anos do que alguma vez na sua vida, e a paixáo pela arquitectura e pelas obras levava-o de castelo em castelo, mas parando sempre mais tempo neste, onde tinha a amante, as filhas e os filhos mais recentes.

Kenilworth tinha de estar á altura dos seus ocupantes, ou náo fosse ele, na prática, o regente do país, porque apesar das birras e das intri gas, Richard II, com os seus doze anos, náo se importava nada de entregar os assuntos políticos mais delicados, e a burocracia mais pesada, ao tio, reservando para si as cerimónias públicas, as roupas engalanadas e as fardas, o grupo de amigos e as festas - e sempre os livros.

Apesar dos gritos dos irmáos ouviu claramente o assobio do pai. Chegou-se á janela e viu que ele a chamava do pátio - Philippa sentiu o coracáo bater com mais forra. O pai, desde que o assunto fossem as obras,

solicitava a sua opiniáo e quería a sua companhia. Depositando no cháo os irmáos que se seguravam a ela como bolas numa árvore de Natal, gritou pela janela:

- Pai, vou já.

A correr desceu as escadas em caracol da sua torre, saindo para o jardim. O pai já estava lá mais acima, na ala nova, entre andaimes e pedras.

- Filha, já viste que vou fazer o Great Hall, no primeiro andar, para deixar a cave para a minha adega? - gritou John.

- E depois os criados tém de subir escadas com as travessas na máo? -

perguntou curiosa Philippa, que ainda estava ofegante da corrida.

- Já é assim em todo o lado, habituam-se - responden o pai, pouco preocupado com o cansaco que podia provocar ou deixar de provocar aos seus servos.

- Estive a ver a cozinha, é enorme - comentou Philippa que ainda estava espantada com a dimensáo da cozinha principal, com os dois fogóes incrustados na parede, e náo ao centro, como até aí.

- Quero este castelo chelo de convidados, quero que no Grande Saláo Nobre jantem trezentas pessoas sem se sentirem enfiadas umas em cima das outras - dizia John, entusiasmado.

- Mas vamos ter uma cozinha mais pequenina para nos? - perguntou Philippa.

- Claro, lady Philippa - responden o pedreiro, e apontou-lhe na planta um outro espato menor, que acedia directamente aos aposentos privados do duque e a uma sala onde, mesmo em dias de festa, muitas vezes a família comería junta, juntando-se apenas mais tarde aos convidados.

Mas Philippa estava era fascinada com as oito janelas imensas viradas para o pátio interior, para as tílias e os castanheiros que se enchiam de flor. Sempre

adorara janelas, sempre correra a ocupar os bancos de pedra construídos junto delas, mas a falta de vidros e a agressividade dos invernos impedia que fossem mais do que frinchas ou, quando muito, pequenos quadrados, fechados por portadas grossas, com pequeninas portinholas que só se abriam durante o dia e quando a Primavera comecava a aquecer. Estas janelas enormes, táo elegantes no desenho, quase janelas de catedral, eram possíveis porque, maravilha das maravilhas, o pai mandara vir de longe pequenas vidracas que eram

montadas como vitrais e deixavam entrar uma luz espantosa.

- Pai, vamos pór bancos em todas elas, assim podemos sentar-nos a ver o lago. .

- E a namorar! Já se sabe que a tua irmá e as outras damas táo virtuosas da corte váo arranjar maneira de fugir para aí. .

Philippa corou até ás orelhas, o que provocou de imediato um encolher de ombros ao pai. As obras no castelo tinham-lhes dado, finalmente, um terreno comum, e tornado mais fácil a conversa entre os dois - e John reconhecia que a filha tinha a inteligéncia rápida herdada de Blanche -, mas a sua piedade e pudor excessivo, os joelhos sempre prontos a dobrarem-se no banco de uma igreja tinham o condáo de o irritar sobejamente.

John era católico, nem podía deixar de o ser. Mas náo gostava de pensar nas suas incoeréncias, muito menos quando lhe eram, mesmo que indirectamente, apontadas pela filha. Havia apenas uma pessoa a quem permitia chegar-lhe á consciéncia, o seu médico particular, frei William Appleton. Ouvia-o sempre com atencáo, talvez porque só lhe falava quando o apanhava doente, e a fragilidade da doenca, somada á possibilidade da morte, tornavam-no subitamente atento aos apelos da religiáo. Para além de mais, susceptível aos terrores que freí William profetizava para a sua alma e para a de Katherine. Maldito frade, como se já náo bastasse estar a arder em febre, ainda alguém se aproveitava da situacáo para chamar á lita a figura do diabo, pensava furioso. Mas ouvia.

Escutava-o, também, porque lhe estava eternamente grato pela sua disponibilidade total. Ninguém pode deixar de se afeicoar a alguém que o segue, a par e passo, por campos de batalha e casas de pegas, sempre pronto a colocar a sua sabedoria ao servico náo só daquele que o emprega, mas de fosse quem fosse que sofresse, no corpo ou na alma. Freí William tinha salvo da morte muito dos

seus homens mais corajosos. . á excepcáo de Hugh Swynford, pensou com um ligeiro tremor. Mas essa era outra história, que náo quería recordar.

Nem essa nem a de Constanza. Nos momentos de fraqueza, sentia remorsos por a manter longe e a visitar táo pouco. Chegara á lou cura de pensar trazer para junto deste seu «bando» que crescia alegremente em Kenilworth, a pequenina Catalina. Afastar da máe a única filha, parecia cruel, mas também náo era bom para a crianca estar para ali perdida no meio daquela corte de estrangeiros, que continuavam a fingir que viviam

em Castela, apesar de a neblina lhes tornar a ilusáo mais difícil. Mas náo seria este o momento certo, porventura. Os seus espióes contavam-lhe que Constanza mergulhara numa profunda tristeza, se vestia de preto e se vergastava, depois de vários abortos espontáneos, e pior do que tudo, da morte do seu bebé rapaz, que expirara á nascenca. John era capaz de compreender como a incapacidade de lhe dar um varáo a desesperava, porque era o primeiro a admitir que diminuía assim as hipóteses de o atrair para o seu lado.

Aos olhos de Katherine tinha sido uma vitória, uma forma de - pelo menos para já - por uma pedra no assunto. Afinal, filhos varóes náo lhe faltavam: Henry of Lancaster era o seu orgulho, e o rapaz, cavaleiro desde os oito anos, estava mais do que bem encaminhado na corte, desde que tivesse a sensatez de náo concorrer com o primo. Depois havia os outros tras, a quem o nome Beaufort náo escondia os tratos da Casa de Inglaterra.

Medravam agora para um dia honrarem a sua origem.

Philippa roubou-o aos seus pensamentos:

- Pai, vamos fazer seis lareiras no grande saláo? - perguntava maravilhada, com a planta do espato aberta entre as máos.

- Uma cm cada ponta, e duas de cada lado, entre as janelas - disse John, de novo entusiasmado com o seu castelo.

O grande problema do pai, como o de Elisabeth, pensou com um suspiro, é que pareciam umas criancas, a quem um chupa-chupa distraía rapidamente das coisas difíceis da vida. E Philippa teve, por segundos, pena de náo ser assim, nem que fosse so por um dia.

Os gritos de Tamkin, Henry e John fizeram voltar pai e filha á realidade.

Os miúdos tinham tido ordem de soltura e corriam ao seu encontro, ansiosos pela atencáo do pai, acima de tudo, mas também de Philippa. . Mas se o pai já nem sequer tentava disfarcar que era pai, a irmá procurava, apesar de tudo, manter a distáncia, receosa daquilo que os outros pudessem dizer. Intuitivamente os irmáos, sobretudo John, o mais velho, entravam no jogo:

- Lady Philippa, lady Philippa - chamou John, bem consciente de que o seu estatuto de filho da preceptora da princesa e de bastardo náo lhe permitía familiaridades no trato com a irmá. .

- Diz, John - indagou, dobrando-se á sua altura

- Lady Philippa, ajuda-me a fazer uma casa na árvore?

Philippa sorriu: com tanta obra naquele castelo, náo admira que o rapazinho, filho de um príncipe mas sem lugar definido no mundo, quisesse ter, pelo menos, uma casa na árvore.

Estendendo-lhe a máo, sendo que a outra foi logo presa por Henry, disse alto:

- Pai, vou levar estes meninos. . Vamos construir uma casa na árvore!

E perante os gritos de excitacáo dos irmáos mais novos, apontou para o carvalho imenso que crescia no lado sul do castelo e que tinha uma vista linda sobre o lago imenso: era mesuro ali que havia de mandar que os marceneiros ajudassem John, Henry e Tamkin a fazer a casa. E pensou, com uma imensa nostalgia, que teria pena se um dia náo tivesse um rancho de filhos seus para criar.

A

Savoy Palace, Londres, 22 de Junho de 1378

té ela, que náo era de se apaixonar por trapinhos e jóias, andava excitada. Com o anúncio de que iam ser contempladas com a Ordem do Garter, John mandara as princesas, com a professora, imediatamente para o Savoy. Era preciso tratar de todo o cerimonial, e encarregara Katherine de se responsabilizar por isso. E Katherine mandara vir ao Savoy os melhores costureiros e joalheiros que serviam a corte: Philippa e Elisabeth tinham de ser as mais bonitas de todas, á altura da distincáo, a primeira que recebiam directamente de Richard II.

Philippa considerou que antes de mergulharem nos trapinhos, era preciso instruir Elisabeth, e arrastara-a para a salinha de estudo. Sentara a irmá contrariada em frente de freí John, com o pedido: «Por amor de Deus, explique-lhe o que é a Ordem, quem a fundou, e essas coisas todas, porque a tonta da minha irmá a única coisa em que está interessada é em saber o que val vestir para a ocasiáo.»

O frade desatou a rir, e para sua surpresa, Elisabeth náo amuou. A rapariga náo é nada estúpida, pensou o padre, flutua no mundo como uma borboleta encantada pela luz, mas sabe muito bem guando deve pousar.

E pigarreando come~ou a explicar que a Ordem fora fundada pelo seu avó Edward - há trinta anos - e destinava-se a reunir sob o mesmo mote os cavaleiros mais corajosos de Inglaterra, e até, em casos excepcionais, de outros países.

- Mas por que é que tem o nome de uma liga de meia de senhora? -

perguntou Elisabeth, incapaz de se conter.

O frade corou, mas continuou:

- Náo conheci pessoalmente o seu avó, mas conta-se que numa festa em que dancava com lady Joan of Kent. .

- A rainha-máe. . - corrigiu Philippa.

- Claro! Mas que nessa altura era uma rapariga muito nova e muito bonita, como vocés. Ora, enquanto dancava, a liga da meia da vossa tia caiu e toda a gente ficou estarrecida, escondendo os risos escarninhos por trás

dos leques.

- De facto, perder uma liga a dancar com o rei é ridículo - comentou, prática, Elisabeth.

- Mas o seu avó, que era um homem muito respeitador das mulheres. .

- Nota-se. . excepto com aquela história da Alice de Parrers - pensou Elisabeth, mas nem ela foi capaz de o dizer alto. .

- O seu avó, para salvar lady Joan, Sua Alteza, a rainha-máe, do embaraco, pegou na liga e enfiou-a em redor da sua própria perna. .

Philippa e Elisabeth abriram as bocas de espanto - mas frei John continuou:

- E o vosso avó ao pór a liga disse «Honni Soit Qui Mal y Pense», ou seja, qualquer coisa como «Desonrado seja quem nisto vir malícia». Foi esse o mote da ordem.

Elisabeth baten palmas, radiante:

- Ah, grande avó.

Philippa estranhou:

- Foi permitida a entrada a mulheres?

- Náo, as mulheres sáo convidadas, membros honorários, náo pertencem propriamente á ordem, mas é um privilégio imenso, e o vosso primo está a honrá-las assim. .

- E a Constanza, também! - retorquiu com um sorriso triunfante Elisabeth, que entre Katherine e a espanhola ás vezes até preferia a espanhola. Porque essa, o pai náo a amava, e portanto náo lhe fazia concorréncia nenhuma! Da mesma maneira que Philippa náo lhe fazia sombra, e Catalina e a bebé Joan eram pequeninas de mais para algum dia virem a fazer.

- Posso voltar aos meus vestidos? Lady Katherine disse que o Peter Swan estava a chegar.

Peter era o costureiro do rei, e a sua especialidade era o bordado. Chelo de trejeitos, que provavelmente, pensou Katherine, agradavam a Richard mas enfureciam John, esvoacava em redor da sua vítima, tirando-lhe medidas e fazendo pequenos esbocos.

Os vestidos já tinham sido encomendados em Abril, mais precisamente quando Peter fora a Kenilworth para ajudar nos preparativos do dia de S.

Jorge, mas agora era preciso dar-lhes o jeito final. John, ainda ontem, mostrara a Katherine a factura que chegara para que se pagasse - «para lá de uma fortuna!», vociferara John - tras «garters» em ouro de Chipre, bordados a seda com o moto da ordem.

Katherine fingira nem ver, e nem sequer responden ao comentário sobre o preso que John fizera. Na conta estava incluída a insígnia de Constanza e ela mais uma vez ficava de fora. Podia ter aceitado jogar aquele jogo, mas havia momentos em que o odiava.

E foi por isso que ouviu apenas com meio ouvido as descricóes que Elisabeth e Philippa lhe fizeram da cerimónia: quería voltar para Kenilworth, ao seu mundo e á sua família. Só ali, John era todo seu.

P

Kenilworth Castle, 10 de Abril de 1380

)hilippa e Elisabeth desmontavam dos seus cavalos depois de uma catada. Elisabeth exibia no braco o seu falcáo, as penas castanhas clarinhas, mescladas de castanho escuro, o bico protegido por uma ponta de cabedal - era a única que

tinha o privilégio de ter um falcáo a que podia chamar seu. O pai acabara por ceder a tanta chantagem, e o irmáo Henry apoiara-a, comprometendo-se a ensiná-la a catar com o grande pássaro. Se Philippa era, como a máe já o fora, uma mulher de letras, Elisabeth quería ser como o pai, um «homem» que empunhava uma espada, montava a cavalo numa sela masculina, e tinha o seu próprio falcáo.

As damas que as acompanhavam e os cavaleiros que as escoltavam riam e falavam descontraídos, cansados do galope através dos campos infinitamente planos e infinitamente verdes que rodeavam o castelo de Kenilworth. Mas de repente estacaram os risos e mergulharam num siléncio que foi calando, como uma onda, a comitiva - primeiro os que estavam á frente, e aos poucos, á medida que se apercebiam de quem chegara, os que vinham mais atrás. Parado no pequeno morro sobranceiro ás cavalaricas, rodeado de quatro ou cinco cavaleiros, John of Gaunt parecia aguardar a chegada das filhas. O rosto estava fechado, e quando John escondia os seus sentimentos, toda a gente sabia que o melhor era uma aproximacáo de mansinho, porque tudo tanto poderia acabar em calorosos abracos como em explosóes de fúria.

Só Elisabeth é que, apesar das suas provocacóes constantes, náo tinha qualquer medo do pai, e ao vé-lo abanou logo o braco onde estava acorrentado o falcáo e gritou:

- Pai, aqui o Morton cacou mais do que qualquer dos falcóes destes senhores. . - e indicou com a cabeca os cavaleiros que a rodeavam.

John, para alívio dos presentes, abriu um sorriso, e tentando manter a voz firme, sobretudo na presenta de estranhos, ordenou:

- Entregue mas é o seu cavalo, e venha ter comigo á minha sala privada!

E lady Philippa, a senhora também, já que há notícias quero que sejam as duas as primeiras a ouvi-las.

Virando as costas, subiu o pequeno declive para a escadaria principal, seguido de perto pelas suas sombras armadas.

Elisabeth encolheu os ombros, naquele seu tique táo habitual que significava que tudo lhe importava, mas nunca ninguém havia de saber quanto, e atirando com as rédeas para as máos do rapazinho que tinha vindo a correr socorré-la da

montada, apressou-se a soltar a pulseira que prendia o falcáo ao pulso, para o entregar ao falcoeiro. Philippa já estava pronta e as irmás deixaram para trás as damas curiosas - Emma ainda acenou a Philippa que sabia ficar sempre nervosa com estas «notícias»

inesperadas - e deram uma corrida pelo caminho percorrido pelo pai.

John já estava sentado na sua sala de trabalho, as botas em cima de um banco de madeira, e uma caneca de cerveja aquecida na máo. Com os olhos cegos pela luz forte do meio dia, Philippa e Elisabeth tiveram alguma dificuldade em habituar-se á semi-escuridáo do quarto, e só num segundo momento perceberam que Katherine estava na outra ponta da salinha, as costas viradas para elas, como se procurasse qualquer coisa no horizonte para lá da janela.

- Elisabeth, náo sabes entrar numa sala sem esse estardalhaco todo, tens dezasseis anos, náo és nenhuma maria-rapaz. . - disse-lhe de chofre o pai, antes de as mandar sentar no banco corrido, onde habitualmente recebia os seus vassalos.

Elisabeth teve o bom senso de náo responder e sentou-se ao lado da irmá, as máos nervosas, presas uma na outra, como se as quisesse dominar, pelo menos por uns minutos, quietas no seu regato.

Philippa constatou que apesar das aparéncias, a irmá mais nova tinha crescido: náo se precipitou a falar e esperou que fosse o pai a retomar a conversa.

John pousou a caneca ainda meio chela em cima da sua mesa de trabalho e come~ou a andar de um lado para o outro, sem olhar as filhas de frente. Finalmente, disse:

- Elisabeth, assinei hoje de manhá o contrato do ten casamento.

Elisabeth sentiu uma tontura: o pai já tivera aquele acesso de casar Philippa com Richard, mas há muito tempo que náo se falava em novos casamentos naquela casa. E Elisabeth, embora estivesse ansiosa por sair daquele jardim infantil para o qual o pai insistia em produzir mais

«alunos» cada ano que passava, embora sonhasse com o seu próprio

castelo, os seus próprios criados e sobretudo com o guarda-roupa de uma mulher

casada, nunca supusera que o pai avancasse para o seu matrimónio sem ter despachado primeiro a primogénita.

Philippa pensara o mesmo. Esta proposta, dirigida á irmá mais nova, enchia-a de raiva. Provava, mais uma vez, que náo era nada, e que o pai nem sequer se dava ao trabalho de a poupar a humilhacóes. Elisabeth parecia-lhe táo estarrecida quanto ela, mas estava farta de saber que a irmá se habituaría depressa á ideia e tirarla dali todos os dividendos possíveis e imagináveis. Náo quisera casar com Richard, era verdade, mas os outros «contratos» de que o pai falava náo tinham passado de conversas de mesa ou de uma ideia lancada com ligeireza a um qualquer embaixador.

Tinha vinte anos, continuava solteira, o que já de si náo era socialmente agradável, mas perfeitamente suportável, desde que. . Elisabeth continuasse solteira como ela.

Katherine virou-se, finalmente, embaracada com a aflicáo da sua aluna mais velha, e estranhando o siléncio da mais nova, perguntou:

- Elisabeth, nem parece teu. Náo perguntas mais nada?

Elisabeth e Philippa perceberam imediatamente pelo seu tom que náo aprovava a decisáo do pai, o que as deixou ainda mais assustadas.

Espicacada pela preceptora madrasta, Elisabeth pós-se também de pé:

- E com quem é que o meu pai decidiu que en la casar, sem sequer me ter consultado?

John atirou a cabeca para trás e soltou uma gargalhada sincera:

- Está feito o marido que leva uma mulher assim. . se o ten futuro marido náo fosse ainda uma crianca náo suportaria muito tempo a tua altivez. .

Elisabeth respirou fundo:

- Uma crianca? 0 pai vai-me casar com uma crianca?

- Deixa-te de fitas, Elisabeth!!! Assinei o contrato do ten casamento com John Hastings, tem oito anos, pois tem, mas é filho único e herdeiro de tudo o que o

duque de Pembroke lhe deixou. Aliás é uma homenagem que presto ao meu amigo, que já foi meu cunhado em primeiras núpcias, quando casou com a minha irmá Margareth, de quem ficou viúvo. Lutou contra Castela, foi preso e morreu no cativeiro ás máo do exército do traidor Trastámara; trazer o seu filho, que nunca chegou a conhecer, para a nossa família é quase uma obrigacáo. Estou para aqui a falar do que náo

te interessa, mas antes de te pores al aos gritos pensa nas vantagens de te transformares em duquesa de Pembroke, uma das mulheres mais ricas e importantes deste reino, com um marido. . que nunca lhe fará frente.

Elisabeth náo responden. A cara ardia-lhe de fúria, mas era preciso ponderar bem as vantagens deste delírio do pai e o momento mais oportuno para contra-atacar. Se ficasse ali com ele mais um minuto, podia dizer muita coisa de que se arrependeria, por isso, fingindo uma ligeira vénia, virou as costas e saiu porta fora. Náo sem que fizesse questáo em empurrá-la de forma a que batesse com forra!

John abandou a cabeca desconcertado, e pegando de novo na caneca, voltou a sentar-se na sua cadeira.

- Katherine, por que é que náo me ajudaste a convence-la? - perguntou, querendo descarregar a irritacáo em alguém.

- Porque náo estou convencida! - responden ela com serenidade.

Philippa lembrou-se, com uma certa amargura, que quando a tinham querido casar com Richard, ninguém parecia ter-se importado muito com o facto de a crianca ter nove anos e ser seu primo direitíssimo. Náo sabia, sinceramente, se havia de encarar tudo isto com tristeza ou alívio - talvez deixassem de a sujeitar a humilhacóes de pretendentes que nunca chegavam a aparecer, e lhe permitissem passar temporadas maiores na abadia, onde gostava tanto de estar. Talvez a sua vocacáo fosse mesuro servir Deus Nosso Senhor.

Mas o pai, que permanecia calado a olhá-la, leu-lhe os pensamentos:

- Philippa, nem penses que vais agora arruar e entregar-te ás tuas beatices! Ainda vou precisar de ti, mas náo vou entregar a primogénita do homem mais poderoso de Inglaterra a um destes meus vassalos! Tens que esperar. . E agora, por favor, val tratar da tua irmá e vé lá se ela náo faz mais cenas.

Philippa pós-se em pé, fez uma vénia profunda, e murmurou:

- Senhor, faca-se a vossa vontade.

John encolheu os ombros, num gesto idéntico ao de Elisabeth, e vociferou, desesperado:

- Desaparece-me daqui, sempre com as oracóes na ponta da língua, já náo há paciéncia.

Katherine pousou a máo com forra no seu ombro e imediatamente o



sossegou. Decididamente, náo podía passar sem ela. E ao virar-se para lhe beijar a máo, nem viu a filha sair, silenciosamente.

Philippa foi encontrar Elisabeth deitada na cama comum a fazer uma birra igual á de qualquer crianca. Heather, a ama, andava de roda dela procurando sossegá-la e já gritara á criada de quarto que trouxesse depressa uma infusáo quente. Saudou a entrada de Philippa com alívio, e a de Katherine com alívio ainda maior, mas Elisabeth náo queria soltar-lhe a máo, nem a deixar ir. Heather era a ama desinteressada, a única, sentia ela, que a defenderia, porque todos os outros estavam dominados pelo pai e ansiosos por lhe fazerem as vontades.

Mas Katherine e Philippa sabiam bem aquilo por que Elisabeth estava a passar, e sentaram-se na borda da cama, chelas de paci¿ncia. Katherine come~ou:

- Lady Elisabeth, estes casamentos sáo de conveniéncia, mas como a sua máe dizia tantas vezes, náo há como escapar-lhes quando se é princesa ou filha de nobres. O melhor pode vir depois; juntos, e unidos pelas mesmas circunstáncias, é possível que aprendam a gostar um do outro. .

- Lady Katherine, se en fosse a si náo dizia mais nada, o seu exemplo náo me serve. Ou pelo menos náo me devia servir! - vociferou Elisabeth entre lágrimas, levando a ama e a irmá a exclamar de horror.

Mas Katherine manteve a serenidade, e continuou:

- En sei que uma uniáo por amor verdadeiro, e por paixáo, é aquilo por que

devemos lutar, mas tenha paciéncia, lady Elisabeth, o seu pai náo vai mudar de opiniáo, o casamento tem vantagens imensas para ele e cria-lhe uma alianca estratégica com famílias que lhe importara, num momento em que precisa de todos os apoios. . Reger um reino em nome de um sobrinho, contra dois irmáos mais novos, decididos a assumir o poder, náo é fácil.

Elisabeth conhecia o suficiente de como estas coisas aconteciam para ter a ilusáo de que a sua vontade seria suficiente para travar ambicóes de família. Era mulher, filha, e a sua própria felicidade contava pouco ou nada neste xadrez. Mas náo conseguía aceitar o dever e a fatalidade com o terco na máo, como o fazia Philippa, e nunca deixaria de esbracejar contra o que considerava um atentado á sua felicidade. Mas se náo havia nada a fazer, o

melhor mesmo era chantagear o pai, para retirar de tudo isto o máximo de lucros possível:

- Lady Katherine, John Hastings tem oito anos, é suposto que vá para a cama com ele?

Heather benzeu-se e Philippa corou de novo. Mas Katherine náo era táo facilmente desconcertada como as outras duas:

- Náo, claro que náo, lady Elisabeth. Pelo menos para já. John Hastings virá para Kenilworth umas semanas antes do casamento, e ficará algumas depois, mas é provável que, pelo menos até aos doze anos, tudo continue como até aqui na vida de um e de outro.

Elisabeth sentou-se na cama, esfregando os olhos genuinamente inchados, e pareceu respirar fundo:

- Então é como um noivado? Há uma festa, casamos aqui em Kenilworth, e depois tudo fica na mesma, durante muito, muito tempo? Mas eu son duquesa de Pembroke, tenho o meu dinheiro próprio, as minhas damas de companhia, e posso fazer o que quiser?

Philippa, pela primeira vez na última hora, descontraiu-se e den uma gargalhada:

- Querida irmázinha, é mesmo ten! Náo, náo podes fazer tudo o que quiseres. Se no altar disseres que sim, guando o bispo te perguntar se juras ser fiel ao John até que a morte vos separe, é isso mesmo que vais fazer. .

Elisabeth olhou para ela com um ar absolutamente cínico, de quem conhecia bem as compensacóes reais de entrar nestes jogos maquiavélicos, e numa voz angelical responden:

- Assim seja!

E com aquela facilidade hereditária de saltar da mais profunda depressáo para a euforia em pouco mais que segundos, atirou-se de costas para trás e desatou a rir.

- Afinal isto val ser divertido - disse entre as gargalhadas que faziam as vezes dos solucos de há pouco. - Tu, Philippa, é que foste parva em entrar em histeria quando o pai te quis casar com o Richard. Era um caso igual ao meu, só que terias sido Rainha de Inglaterra. Mas sempre foste uma romántica, o que se há-de fazer. .

Heather benzeu-se de novo e tentou dar-lhe mais um golo de camomila;

Philippa decidiu que era tempo de ir procurar frei John e dedicar-se mas era ás constelacóes e ás estrelas (talvez lesse nelas o seu futuro!) e Katherine fez um sorriso divertido - náo podia deixar de achar grata a esta aluna/enteada. Nem podía ser de outra maneira, amando John como amava, e sendo esta criatura igual a ele como duas gotas de água.

P

Kenilworth Castle, 24 de Junho de 1380

hilippa dormira mal nas noites anteriores, mas nesta última náo pregara olho. Quería convencer-se de que era a agitacáo que tinha tomado conta do pacato castelo com os preparativos do casamento, que lhe provocava insónias, mas para com os seus botóes tinha de confessar que talvez fossem apenas ciúmes. Um sentimento estranho - por um lado náo quería, por nada, estar no lugar da irmá, já que escapara por pouco a um casamento com uma crianca e nada a convenceria de que tinha algum sentido este tipo de aliancas. Por outro, náo podia deixar de invejar o protagonismo de Elisabeth, que mais uma vez lhe roubava o papel principal.

Mas Philippa náo era rancorosa, e naquela manhá de 24 de Junho, do ano de

1380, levantou-se decidida a deixar para trás os pecaminosos sentimentos e a tornar esta data num dia memorável para a sua irmá -

afinal era o dia do seu casamento.

As bandeiras hasteadas nas torres mais altas do castelo de Kenilworth viam-se a quilómetros de distáncia, como se ouvia a música dos jograis que desde que o sol se levantava tocavam nos terreiros decorados com bandeiras de papel coloridos com as armas dos Plantagenet, dos Lancaster e dos Pembroke. Philippa admirava a beleza dos edifícios, a decoracáo dos interiores, os arranjos fabulosos de flores do campo e, em geral, a magnificéncia de todos estes rituais.

Depois do relance pela janela, precipitou-se para a sala onde Elisabeth olhava com orgulho para o seu vestido de noiva.

Heather, de lágrimas nos olhos, contemplava a sua menina, embevecida: alta e magra, o vestido de linho branco caía até aos pés, e o véu, que já fora da máe, cobria-lhe os cabelos brilhantes. Uma tiara de diamantes com uma pérola na testa dava-lhe um ar exótico de tirar o fólego.

John náo poupara nas despesas nem nos convidados, e a corte inteira, os grandes senhores do norte e do sul acorreram ao seu castelo para participar na cerimónia e prestar homenagem a John - o que, do seu ponto de vista, era prova bastante de que tomara a decisáo acertada.

O noivo era alto para a idade, a túnica ricamente ornamentada caía sobre as calcas de linho branco, e os chinelos de seda cobertos por um manto azul-escuro, com estrelas debruadas a ouro, faziam dele. . uma crianca engalanada.

Ajoelhados perante uma hoste de representantes da Igreja, trocaram votos e foram declarados marido e mulher.

John passeava de banco em banco da pequena igreja a distribuir cumprimentos, como se a festa fosse sua, e Elisabeth acabou o dia rodeada pelas suas amigas, demasiado alcoolizada para perceber bem o que acontecia, num misto de alegria por ser o centro das atencóes, e de tristeza, porque aquele vazio que sentia dentro de si náo desaparecia nunca. Como se na realidade náo pertencesse a nenhum sítio e a nenhum lugar.

Philippa via-a ao longe e percebia o sofrimento da irmá, que era igual ao seu.

Como lhe fazia falta a serenidade da máe, aquela forma delicada mas firme de conseguir, sem ondas, que se fizesse a sua vontade. Blanche nunca deixaria que as coisas acontecessem assim, murmurou Philippa, mordendo com forra um dos dedos, na ánsia de que a dor da mordidela suplantasse a dor que sentia dentro de si. Depois, num impulso, aproximou-se da irmá, que já tropecava em lugar de dancar, e abrasando-a com forra, disse-lhe:

- Vamos, Elisabeth, o dia foi comprido, vamos para dentro.

Elisabeth, sentindo de repente que só Philippa lhe importava no mundo, deixou-se levar pela irmá mais velha, que nessa noite a despiu e a deitou entre os lencóis perfumados. Hoje, uma e outra iriam dormir sozinhas.

Fazendo-lhe o sinal da cruz na testa, como a máe lhe fizera sempre naquelas noites em que subira ao quarto para a deitar, Philippa saiu devagarinho do quarto, deixando a irmá a dormir a sono solto.

- Que os teus sonhos náo te desiludam, irmázinha - rezou antes de fechar a porta.

J

Leicester Castle, 19 de Dezembro de 1380

ohn of Gaunt tinha gostado da cerimónia e de todos os dividendos que ela lhe trouxera. Gostara de ter Richard II em sua casa, na sua capela, a assistir apenas como convidado ao casamento da prima. Gostara de ver os seus inimigos obrigados a comparecer e a trazerem presentes a Elisabeth.

O seu sentimento de omnipoténcia era tal que nem sequer se dera ao trabalho de insistir com Constanza, quando esta se recusou a ir a Kenilworth, o antro do pecado. Nem esconden de ninguém a sua magnífica Katherine, vestida como uma rainha, com os tecidos que comprara a mercadores da Flandres com o único propósito de a vestir, e as jóias que encomendara do Oriente, para aquela ocasiáo. Pouco lhe importavam as más-línguas. Para ser sincero tinha mesmo que admitir que até o divertia ver como as senhoras da corte náo tinham outro remédio senáo dobrar ligeiramente o joelho para cumprimentar a sua amante, mesmo que por trás dos leques comentassem que ali se passava a maior vergonha de todos os tempos. Nem John distinguira, nos lugares reservados na

igreja, entre filhos legítimos, ilegítimos e afilhados, e os pequeninos Beaufort estavam junto de Philippa e de Blanchet Swynford nos bancos da família.

Decidamente, fora um dia feliz, e era preciso repeti-lo o mais brevemente possível, para consolidar aliancas e tornar o seu poder mais sólido. Afinal Richard crescia, tornando-se mais difícil de manipular. Por muito que náo faltasse quem tentasse e, quem sabe, se os inimigos de John of Gaunt náo seriam mais convincentes.

Elisabeth fora passar uns dias á corte, agora com o estatuto de mulher casada, á guarda do próprio rei. 0 pobre do noivo adoecera com sarampo, sendo devolvido rapidamente á máe, que a doenca era contagiosa e perigosa, e era decididamente assunto que náo lhes dizia respeito. O

coitadinho, coberto de pintas e a arder em febre, fora levado para junto dos seus, de onde certamente preferiria nunca ter saído, pensou Philippa, ao aconchegar-lhe as mantas e obrigando-o a beber uma infusáo de ervas, antes de a comitiva partir.

Philippa náo tinha neste momento pretendentes á altura - as casas reais

da Europa pareciam afligidas de uma epidemia de mulheres, comentou John ao jantar, enquanto enumerava todas as aliancas que gostaria de fazer com a filha mais velha, mas náo podia.

Havia, portanto, que tratar da vida do filho. Henry of Bolingbroke era o orgulho máximo do pai, e aquele em que depositava todas as esperancas -

Richard era frágil, quem sabe se a doenca ou um acidente de cavalo náo lhe levariam a vida, táo inclementemente como acontecera ao pai e a ao irmáo mais velho. Henry tinha de casar bem, de forma a que se um dia, no futuro, subisse eventualmente ao trono, a mulher estivesse á altura de ser rainha de Inglaterra. Estivera ainda há dias com Humphrey de Bohun, um dos seus amigos mais ricos e poderosos, que lhe dissera que acabara de casar a sua filha mais velha, Eleanor. Mas se bem se recordava, o homem tinha outra um pouco mais nova, Mary de Bohun, herdeira de uma fortuna imensa, e com uma posicáo invejável na corte.

John, que era de ideias fixas e um homem de accáo, decretou que em Dezembro desse mesmo ano o seu filho Henry of Bolingbroke, que fizera treze anos em Abril, casaria numa verdadeira cerimónia de Estado, na imponente catedral de

Leicester, um dos muitos castelos dos Lancaster.

Aliás, aos olhos de Philippa, o mais importante de todos, porque fora ali que nascera. Recebeu a notícia de que lá iriam passar as semanas dos preparativos, com o coracáo aos saltos. A ama Maud estava ainda mais excitada do que ela, porque finalmente aquela «gente», como dizia no recato da cozinha, se tinha decidido, entre tanto «passeio», a voltar á sua terra de origem. Uma oportunidade de ver a família que náo visitava há anos.

As muralhas rodeavam um espato imenso, mas o castelo em si era, aos olhos das princesas, um local desconfortável e antiquado, onde náo se faziam obras havia anos. A casa principal de madeira era gelada, com as chaminés a fumar para dentro dos quartos, o que fez com que John, assustado com o perigo de um incéndio, as mandasse apagar. Philippa sentia-se estranha, como se num sonho, como se pairasse por cima das coisas.

Por um lado comovia-a visitar a igreja de St. Mary de Castro - sempre achara o nome muito curioso, mas o pai dizia-lhe que lá por terras de Castela, castro era o nome romano dado aos castelos, e que a igrejinha era certamente desse tempo - e dava por si a pensar quantas vezes a máe, consigo dentro da barriga, náo se tinha ajoelhado ali a rezar a Deus

pedindo-lhe um parto seguro, de como fora baptizada naquela pia de pedra esculpida. .

Por outro, sentia que esta sucessáo de casamentos dos seus irmáos mais novos a deixavam numa posicáo cada vez mais difícil. Isto para náo falar no ódio de voltar a ser obrigada a passar horas em provas de vestidos. Mas mais do que tudo temia estes momentos em que as fragilidades da sua família mais próxima ficavam táo violentamente expostas perante os olhares de estranhos, Constanza e Katherine e os meios-irmáos. Pior, o pai que insistia, como uma crianca mimada, em driblar os protocolos para conseguir sempre o que quería: neste caso, que ambas estivessem presentes, em lugares distintos, é certo, mas suficientemente perto para que a maldade dos outros os ferisse a todos.

Sentira por Mary, a sua nova cunhada, uma empatia enorme, aliás partilhada por Katherine, Blanchet e até Elisabeth. Era uma miúda serena e sensata, qualidades que - pensou Philippa - eram cada vez mais difíceis de encontrar. Aos doze anos ainda era uma crianca, ou quase, mas a sua reserva natural fazia-a parecer mais

velha, embora náo pudesse deixar de ser intimidante entrar para o seio da família real, e logo daquele ramo táo confuso.

Philippa sentiu-se de repente oprimida dentro de casa, e embora a neve cobrisse o jardim, decidiu-se a sair e a dar um passeio junto ao rio -

sempre gostara de cisnes e o rio passava junto do castelo como um canal, de margens bem definidas, por isso era possível atraí-los para virem comer as migalhas de páo, quase á máo de quem lhas estendia.

Henry passava a noite com a família e quando, da sala que dava para o jardim, viu a irmá mais velha absorta em pensamentos, saltou pela própria janela e silenciosamente aproximou-se e tapando-lhe os olhos, e na sua voz de adolescente, perguntou:

- Quem é?

Philippa, depois de ter estremecido de susto, desatou a rir:

- Henry, meu irmáo, como é que te querem casar com essa voz de cana rachada!?!

Destapando-lhe os olhos, o irmáo, que estava mais alto do que ela e comecava a encaracolar o cabelo ruivo, fé-la rodar e abracou-a: sempre sentira uma seguranca imensa nesta irmá querida, que náo disputava nada, náo se punha era bicos de pés para chegar mais alto, mas estava

sempre pronta a ouvir e a ajudar naquilo que podia.

Quantas vezes náo viera até á cama dele, e acendendo a vela que a ama tinha apagado - «um príncipe náo tem medo do escuro» -, ficava junto dele a contar-lhe histórias da máe que praticamente náo tinha conhecido.

- Philippa, conta-me outra vez como a máe vos deixou ás duas no Savoy para ir rezar para me ter a mira. .

Sentaram-se no banco de madeira, os cisnes por perto, e Philippa falou-lhe da máe e de como ela estaría orgulhosa de o ver cavaleiro, de espada á ilharga, e como se comoveria quando amanhá o visse, lá do céu de onde os protegía a todos os minutos, esperar a noiva junto do altar, a luz dos vitrais a iluminar-lhe a

cara de rapaz corajoso, com uma vontade de ferro, mas uma suavidade nas linhas do rosto que eram herdadas dos Lancaster.

- Henry, já vistes a sorte que tens? Chamara-te Henry of Bolingbroke, o castelo favorito dos Lancaster, o castelo favorito da nossa máe. Nem que a vida se torne difícil, lembra-te sempre de Bolingbroke, dos carvalhos táo antigos como a nossa família e a nossa terra. E lembra-te como o pai tentou sempre fazer a máe feliz. A Mary merece que sejas um bom marido.

Henry ficou calado, a olhar o seu reflexo na agua, e jurou que havia de merecer a máe e a irmá que tinha. Philippa olhou-o com orgulho e pensou -

«Cada dia é mais certo que nunca chegarei a casar, mas se um dia tiver um filho hei-de-lhe chamar Henry.» E de braco dado subiram o caminho de terra que os levava a casa.

A

Savoy Palace, Londres, 4 de Abril de 1381

mais recente agitacáo política levara o poyo á rua. Protestavam contra o poder de John, que reagia pedindo ao re¡ que prendesse e executasse os seus inimigos. Corriam toda a espécie de boatos, que pareciam sempre tingir a reputacáo de Gaunt, deixando intacta a do

«reizinho», que com os seus caracóis loiros continuava a merecer a aprovacáo popular.

Philippa acabara de chegar ao Savoy porque o pai insistira que nestes tempos de revolta tinham de icar a bandeira que dava sinal da sua presenta no centro do conflito. Os Lancaster náo fugiam do campo de batalha, e se quisessem confrontá-lo, sabiam onde encontrá-lo.

Chaucer acabara de voltar de uma das suas missóes diplomáticas e era novamente um professor constante nas manhás de estudo. No dia seguinte á emissáo de panfletos que desafiavam, mais uma vez, a legitimidade da regéncia efectiva de John of Gaunt, estava já a escrevinhar os seus poemas, quando Philippa entrou na sala:

- Bom dia, princesa, voltei!

- Fico feliz com isso - disse Philippa estendendo-lhe a máo para que a beijasse, e que ele beijou com tantos salamaleques e vénias que ela desatou a rir.

- Coisas aprendidas em Miláo? Acha que já náo fazia salamaleques bastantes? - perguntou divertida.

- Princesa, náo me diga que já faz gratas, como os restantes ingleses! -

responden imediatamente Chaucer.

- Só para si e se me prometer que náo conta a ninguém - responden Philippa, que com aquele homem conseguía um á-vontade que náo tinha com nenhum outro. .

- Prefiro mil vezes guardar as suas «tiradas humorísticas» para mim.

Quem sabe se náo as ponho na boca de algum dos meus personagens! Mas agora a sério, está com muito má cara. Náo dormiu?

Aí o rosto de Philippa ficou de novo contraído e comecou a contar-lhe

das mensagens anti-gaunt espalhadas pela cidade:

- Chaucer, quem é que pode estar por trás disto? O que é que pode seguir-se a isto? O meu pai va¡ perseguir estes homens, en sei como ele é, e tem que os perseguir, reconheco que sim, porque se perceberem que náo há castigo. .

Chaucer apetecia-lhe responder com total sinceridade, mas náo podia: a princesa la fazer vinte e um anos, mas era uma princesa. A sua visáo do mundo era certamente menos limitada do que a das outras mulheres da corte, mas nunca lhe passaria pela cabeca pór em causa o sistema em que vivia. Mas tinha de lhe responder:

- Princesa, o seu pai tem muitos inimigos. Toda a gente que tem poder tem inimigos, mas o seu pai está numa situacáo ainda mais delicada, exerce um poder que náo lhe é concedido por nenhuma lei, nenhum decreto, e depende apenas da boa vontade de um rei que é um adolescente temperamental e fortemente influenciável. Um rei-crianca que se quererá afirmar como um rei adulto e poderoso, e nessa altura prefererirá quem o bajule e o faca acreditar que

exerce o poder que Deus lhe den. Náo é difícil minar Richard contra o seu pai, assustá-lo com a perspectiva de que o seu irmáo Henry, da mesma idade, mas um rapaz que gosta de cavalos, torneios, espadas e duelos, e tem já um séquito de admiradores atrás, lhe possa um dia usurpar o trono. .

- Mas o meu pai deve estar quieto ou agir? - perguntou aflita com tudo aquilo.

- É difícil dizer. Tem que agir, mas com justita e calma. Precisa de ser tolerante. O barril de pólvora está prestes a explodir.

- Mas qual barril? Se o Richard náo quiser o meu pai no poder, pode mandá-lo embora, pedir-lhe que se retire lá para longe, para Bolingbroke. .

- O barril de pólvora náo é propriamente o seu pai, princesa. Os camponeses conseguiram libertar-se um pouco da servidáo, em consequéncia da escassez de máo-de-obra provocada pela Peste Negra.

Conquistaram alguns direitos sobre a terra, baixaram os presos das rendas que pagavam, ganharam privilégios. E agora o seu pai e os seus partidários ameacam tirar-lhes isso tudo, e até banir do parlamento a presenta dos seus representantes. Estes escritos sáo avisos. .

Philippa náo sabia o que responder. Tudo isto lhe parecía uma realidade estranha: assistira desde sempre aos vassalos a entregar uma parte do

produto do seu trabalho ao senhor que serviam, e sempre acreditara que o faziam de livre vontade, contentes por uma oportunidade de cultivar a terra. . Os senhores, por seu lado, protegiam-nos, davam-lhes casa e o resto da comida das suas cozinhas, náo lhes cobravam nada nos anos maus. Até agora, Philippa acreditava que o contrato era justo, sem lhe passar pela cabeca que o facto de serem servos e náo poderem trocar de patráo ou possuir o seu próprio talháo, os pudesse perturbar.

Chaucer também náo era um revolucionário, mas provinha de uma família pobre, sabia o que era depender do salário de um duque temperamental, e sobretudo viajava e via e ouvia muito. Um povo a quem se dava e tornava a tirar, era um povo descontente, e se John of Gaunt insistisse na sua forma arrogante de decidir, abolindo a conquista de um parlamento representativo, iria pagar caro. Chaucer náo duvidava de que o reizinho Richard, quando visse avancar sobre Londres uma multidáo ululante, e sentisse que corria o risco de perder a

popularidade que lhe soubera táo bem nas ruas, deixaria cair o tio. Sem pestanejar duas vezes enfiá-lo-ia na Tower of London deixando-o a apodrecer. Ou pior. .

Philippa leu os pensamentos do professor, e decidiu que era o momento de desviar a conversa:

- E o que é que aprendeu em Miláo?

E perderam-se os dois numa longa conversa sobre o que havia para lá dos mares e das terras conhecidas, e das estrelas que brilhavam no céu.

J

Savoy Palace, Londres, 28 de Abril de 1381

ohn estava farto de Inglaterra. Nunca passara tanto tempo quieto no mesmo sítio, e magoava-o a ingratidáo de um sobrinho que procurara servir, de um país de palhacos que náo queriam trabalhar, e dos bandalhos que insistiam em fazer ouvir as suas vozes só para dizer disparates. Estava farto de intrigas contra si, e comecava a ficar impaciente por accáo. .

Este estado de espírito intensificara-se com a mensagem que recebera de Constanza e dos seus espióes: Henrique de Trastámara morrera, o usurpador estava morto, e a mulher implorava-lhe que náo esquecesse a promessa que lhe fizera de vingar a morte do pai, e reconquistar o trono de Castela. Para ele, para ela, «e para a nossa filha Catalina, a legítima sucessora do reino».

Tinha que pensar no assunto a sério, mas como conseguiria agora, que era táo impopular, pedir aos ingleses impostos para sustentar uma pretensáo sua numa terra distante?

- Esquece para já isso! - disse para si mesmo, e escreveu aproximadamente o mesmo numa resposta que redigiu para Constanza.

Com a facilidade com que sempre levara a vida, decidiu que merecia esquecer tudo e celebrar com Katherine e as filhas os festejos do dia da espiga, o primeiro dia de Malo.

Sob o travesseiro de Katherine deixou um magnífico colar de pérolas com um bilhete de amor a convocá-la para um passeio de barco no Tamisa, pedindo-lhe que levasse com ela Elisabeth - que ainda náo fora obrigada a coabitar com o marido - e Philippa.

Quem visse os londrinos nesse dia, de cordóes de flores em redor do pescoco, a saudar a família real, que em embarcacóes chelas de panos coloridos e enfeites vinha ver o fogo-de-artifício sobre as águas do rio, náo conseguiria prever a revolta que levedava naquela mesma cidade. Até naquelas mesmas cabecas.

John riu e beben como os outros, e sem qualquer pudor. Por muito que

os conselheiros o tivessem avisado do «calor do momento político», encostava-se a Katherine perante os olhares de todos, fazendo questáo em tratá-la como uma rainha, e em obrigar os outros a fazer o mesmo.

Philippa, angustiada com o que ouvira a Chaucer e freí John, sentia um nó na garganta insuportável: por que se comportavam como criancas, sabendo que atraíam sobre si o ódio da multidáo e da corte, sabendo táo bem que qualquer coisa podia iniciar a revolta?

Jurou a si mesma que no dia seguinte partiría para mais uma estadia em Barking Abbey, a abadia em que a madre superiora era da família real e as meninas da nobreza eram bem-vindas. A abadia onde entre as paredes brancas e frias conseguia sossegar o espírito.

Quería esquecer a agitacáo deste último ano, pór fim ás dúvidas e angústias, e sobretudo áquela paixáo que a consumia - e agora que Emma, a sua dama de companhia favorita tinha casado e partira com o marido para o norte, era o momento certo para fugir também.

Na festa do casamento da amiga voltara a ver Francis. Que aperto no coracáo, que dor na alma, que desgosto contido. Tinham-se correspondido durante um tempo, mas Philippa há uns meses pedira-lhe para parar. De cada vez que recebia uma nova carta, ficava táo agitada, táo dividida, táo insatisfeita com o seu destino, que continuava estagnado como a água de um charco, que acabara por concluir que aqueles momentos de ilusáo náo compensavam a tristeza e a melancolia que na ressaca se apoderavam dela. Além do mais, estava farta de amores impossíveis e clandestinos, e dava por si a ambicionar a serenidade da oracáo, a desejar uma abadía calma, onde pudesse vestir uma túnica de linho

grosso e ser apenas mais uma como as outras. .

Nem o pai nem Katherine se opuseram a que partisse. Aliás, John preparava-se para partir também: náo podia ir para Castela, e estes londrinos detestáveis tratavam-no mal; então organizaría o seu exército e desenferrujaria os seus homens a patrulhar a fronteira com a Escócia.

Estava decidido, pelo caminho, a visitar Constanza e Catalina e convencen Elisabeth a seguir com ele até lá. A animacáo da corte espanhola sempre atraíra Elisabeth, a quem a alianca no dedo náo privava nunca de flirtar com o primeiro cavaleiro bonito que lhe surgisse á frente. .

Restava Katherine no imenso Savoy, que decidiu aproveitar o resto daquele dia, e os seguintes, para tentar pór em ordem papéis e roupas, sabendo os filhos bem entregues ás amas em Kenilworth. Enviara para lá a



sua camareira de sempre, que se sentia mais segura quando aquela que lhe merecía uma confianca total estava perto dos seus filhos. .

Os secretários de John tentaram persuadi-la a partir, dizendo-lhe que apesar dos soldados residentes no Savoy, era perigoso ficar em Londres sozinha.

Sabiam, melhor do que ela, o que se dizia sobre a «amásia» e como Katherine era personagem permanente nos discursos dos padres que a comparavam a uma serpente, manipuladora e diabólica, que ajudara a corromper a moral do homem a quem estava entregue o governo do país.

Receavam que ao saberem que John of Gaunt partira com o seu exército, e a «preceptorazinha» ficava ali sozinha, se sentissem tentados a invadir o palácio e a fazer dela um caso exemplar.

Thomas, o secretário principal, tentou dizer-lhe tudo isto da forma menos ofensiva possível, mas Katherine era incapaz de acreditar que os seus amores ou desamores fossem de interesse para mais alguém senáo ela própria, e quando muito os que lhe estavam próximos.

De facto os homens do campo daquela terra náo entravam em ebulicáo por causa

dela, o que náo tirava em nada a sensatez das palavras de Thomas que sabia que qualquer faísca podia pór a pira a arder. Os homens do campo estavam fartos de pagar impostos, que tinham triplicado nos últimos anos. Os registos deixavam os cobradores a cocar a cabeca: um terco dos pagadores tinha desaparecido naquele ano, e como náo havia notícia de nenhuma doenca, muito menos da peste, os mais argutos perceberam que a revolucáo tinha comecado. A servidáo, a que depois de um período de liberdade os senhores da terra os queriam remeter, tocaya fundo num poyo que tinha sido capaz de ser incorporado num Parlamento, e de fazer ouvir a sua voz.

Katherine dobrava um vestido de Inverno de Elisabeth para o arrumar na arca, com as bolas de naftalina e os saquinhos de alfazema, quando ouviu uma barulheira imensa que parecia vir do portáo. Chegou-se á janela, espreitou e o que viu deixou-a sem pinga de sangue: uma multidáo de homens armados de paus, pedras e facas tentava deitar abaixo as grades de ferro, e a pequena guarnicáo dos guardas da casa pareciam apanhados completamente de surpresa: corriam de um lado para o outro á

procura das suas armas, enquanto pedras zuniam por cima das suas cabecas. A multidáo era imensa e náo parecía disposta a deixar que um simples portáo de ferro travasse os seus intentos.

Katherine gritou por um dos criados, que surgiu á porta do quarto, táo lívido como ela:

- Minha senhora, avancaram para Londres, de todo o país, assaltaram as prisóes e os presos juntaram-se a eles, incendiaram as casas dos registos, e até palácios de arcebispos.

- E o rei, e o exército real? Como é que permitiram esta revolta, esta invasáo? - perguntou Katherine, ofegante.

- O reí já fugiu - e o rapaz corou e emendou rapidamente -, o reí já se protegen na Torre de Londres, e já recebeu uma comissáo dos revoltosos. .

- O reí recebeu estes bandidos, estes ladróes fugidos das prisóes? -

indignou-se Katherine, esquecida de com quem estava a falar. - Mas afinal o que é que querem? E porqué o Savoy, se o senhor da casa nem está?

O rapaz corou de novo, as bochechas da cor da túnica vermelha que vestia, da cor da rosa de Lancaster bordada sobre o seu ombro:

- Senhora, o rei náo ceden, porque eles querem a cabeca do senhor duque de Lancaster. . e a sua - acrescentou, consciente de que perdido por cem, perdido por mil, e que de qualquer maneira quanto mais tempo durasse esta dolorosa conversa, menos possibilidades tinha de sobreviver, que os guardas náo reteriam a multidáo muito tempo.

Katherine recuou uns passos e deixou-se cair numa cadeira:

- Val, val, rapaz, póe-te a salvo. .

- O melhor é a senhora vir comigo.

Mas Katherine sentia-se incapaz de sair dali, daquela cadeira, daquela sala, toda a sua habitual energia e determinacáo se tinham esvaído com o sangue que lhe descera da cabeca:

- Val, val, en vou a seguir. .

O rapaz achou que o melhor era obedecer-lhe, e apressando o passo pelo corredor foi tirando a túnica que o identificava como «um dos deles».

Katherine dobrou a cabeca sobre as máos e sentiu as lágrimas caírem-lhe pela cara. Ainda bem que todos aqueles que lhe eram queridos estavam longe dali, ainda bem que John náo estava em casa por que com

aquela audácia enfrentaría os rebeldes de espada em punho, para acabar esmigalhado contra uma parede.

- Será possível que seja castigo de Deus? Será possível que Philippa tivesse razáo e o pecado mortal em que vivemos seja cobrado ainda em vida?

Ajoelhando-se come~ou, pela primeira vez em meses, em anos, em décadas, a rezar:

- Desculpa a soberba, desculpa ter-me achado acima das tuas leis. .

Os portóes jaziam por terra e o barulho dos rebeldes mostrava que chegavam

cada vez mais perto, as tapecarias arrancadas das paredes, os quadros atirados pelas janelas, os pratos partidos. A palavra de ordem era destruir, e náo roubar - «porque náo somos iguais a eles», gritava um dos líderes - mas os bolsos dos menos convictos foram-se enchendo de tudo o que lá cabia.

O imenso Savoy estava vazio: toda a gente fugira ou, arrancando os símbolos do seu servico á casa de Lancaster, misturava-se com os assaltantes, e assaltava também.

Thomas e o conselho particular de John tinham saído já há muito e a estas horas galopavam para norte para avisar o duque do que tinha acontecido ao seu glorioso palácio. De Katherine nunca mais ninguém se lembrou. Em transe, nem ela se mexera. . nem guando o cheiro a queimado, o fumo cada vez mais intenso e o crepitar das labaredas se foi aproximando.

Da abadia de Barkley viam-se as imensas nuvens de fumo escuro que pairavam sobre Londres, e pequenas fagulhas caíam na horta, onde Philippa ajudava uma das irmás a recolher alfaces para o jantar.

- Londres está a arder? - exclamou Philippa em terror. E atirando o cesto para o cháo, corren direita á cela da madre superiora. Náo a encontrou sozinha: um mensageiro com o capuz puxado de forma a tapar-lhe o rosto fazia o relato da rebeliáo.

A madre fez sinal a Philippa para que se sentasse, mas ela estava demasiado nervosa para ficar quieta, e mesmo a sua autodisciplina severa náo a conseguía salvar do quase histerismo:

- O que está a arder, o que acontecen? O meu pai está bem, o meu irmáo Henry, e o reí?

Philippa falara o suficiente com Chaucer e freí John para agora intuir, quase sem saber como, o que acontecera.

O mensageiro levantou a cabeca, divertido, porque decididamente esta náo era uma princesa de cabeca oca, nem deixara que as paredes grossas do convento a tivessem alheado da realidade. Porque nomeara, de um só folégo, os principais protagonistas da matanca que acontecia ali, mesmo á porta.

Mas foi a superiora que lhe responden:

- O seu pai está longe, na Escócia, embora seja de acreditar que quando souber da rebeliáo que marchou sobre a capital, venha vingá-la. Princesa, o fumo de Londres, que vemos ao longe, é o Savoy a arder.

Philippa estremecen: quería lá saber do Savoy. O que entendia era que tinham posto fogo áquilo que pertencia a John of Gaunt, e sabia o que isso significava. .

- Estava lá alguém dentro, morreu alguém? - perguntou numa voz subitamente controlada e fria.

- No Savoy? Ninguém que se saiba, por enquanto. O seu irmáo Henry estava com o rei na Tower of London, mas acreditamos que tenha conseguido fugir com ele - sabemos também que Richard reuniu com os rebeldes.

- Que exigiam o qué?

E Philippa reparou que a madre e o mensageiro trocaram por segundos um olhar, mas a voz da Superiora continuou quase imediatamente, serena:

- Exigiam cartas de liberdade para os servos, exigiam que nesta terra, abencoada por Deus, todos os homens fossem livres de servir quem bem entendessem, e com um contrato firmado por acordo entre ambas as partes. .

- E o rei? - perguntou Philippa, sentindo os dedos cruzar-se atrás das costas, no seu gesto de infáncia.

- O reí disse que sim, e chegou a dar, logo ali, algumas cartas de alforria e a concordar em que todos os ingleses eram iguais aos olhos da lei, sob as ordens do reí.

Philippa suspirou: se a revolucáo acabasse bem, e apenas com umas tapecarias queimadas, podiam dar-se por contentes. Mas o rosto sério da madre tirou-lhe as ilusóes:

- Nada está táo sereno como parece, porque há, bem, há outras exigéncias que os rebeldes fizeram e a que o rei ainda náo den resposta. E

a violéncia da multidáo é imprevisível. .

- Quem foram as vítimas? - insistiu, de novo assustada, Philippa.

- O vosso médico, freí William Appleton, um homem táo bom e táo sábio. .

arrastaram-no pelas ruas só porque o encontraram no Savoy. .

- E agora a sua cabeca está espetada num pan junto da London Bridge, para que todos possam ver o que acontece aos homens que servem o duque - continuou a voz grossa e firme do mensageiro, que falava pela primeira vez.

Philippa sentiu uma tontura: freí William fora sempre o salvador de todos eles. Lembrava-se muito bem de estar deitada numa cama, a cabeca a ferver, a máe de um lado, segurando-lhe na máo, ansiosa, e freí William a chegar, os seus passinhos ligeiros em redor do seu leito, com chás feitos de ervas que só ele conhecia e que os mergulhavam num sono sereno, do qual se saía sem Pebre nem dores. Frei William. . estava no Savoy? Porqué no Savoy, se o pai, os irmáos e Katherine se tinham ido todos embora? Por que náo Tora com Katherine para Kenilworth, de que ele gostava tanto, sobretudo das criancas, a quem contava histórias e ensinava os nomes das plantas?

Mas a madre superiora náo a deixou mais tempo em meditacóes:

- Lady Philippa, o arcebispo Sudbury, tesoureiro-mor, conheceu o mesmo destino, que Deus lhe dé eterno descanso e castigo aos que o assassinaram. .

- E o meu pai ainda náo está preso na Tower of London é o que vai dizer a seguir, náo é?

A Madre Superiora baixou ligeiramente a cabeca, mas o mensageiro deu-lhe a resposta directa:

- É isso mesuro que a madre quer dizer, lady Philippa.

Aquele homem náo era decididamente um criado nem um mensageiro normal, apesar da capa de serapilheira - só um nobre ou um Cavaleiro teriam coragem de lhe dizer aquilo táo directamente, ainda por cima manifestamente contra a vontade da madre superiora. E a voz parecia-lhe estranhamente familiar e, no entanto, náo suficientemente familiar para que lhe pudesse dar um nome. Olhou fixamente para o mensageiro, e este

corresponden ao olhar, deixando cair o capuz:

- Francis, náo acredito! E apesar das circunstáncias Philippa estendeu-lhe as máos num gesto impulsivo e caloroso.

Francis segurou-as entre as suas, e soltou uma gargalhada:

- Lady Philippa, a Emma disse-me que la gostar de me ver - respondeu Francis com uma tal paixáo nos olhos, que Philippa temeu que a tomasse nos bracos ali mesuro em frente da madre.

Corou - nunca tinha havido um «caso» entre eles, um caso físico, como aqueles que tantas raparigas da corte já conheciam, mas tanto ela como ele sabiam o amor que os unía, a química que se libertava sempre que se encontravam frente a frente. As cartas que Francis lhe escrevera estavam amassadas de tanto serem lidas. E as suas? Teria Francis voltado a lé-las?

Mas náo era a sua presenta aqui mais do que a prova de que sim?

A madre superiora é que estava demasiado ansiosa por ver-se livre daquela «hóspede» excessivamente perigosa para a abadia: e se os rebeldes decidiam vingar-se, de uma assentada só, da primogénita do homem que náo conseguiam apanhar, e as freiras da abadia real de Inglaterra, a mais rica de todas, onde a mesa era sempre farta, e as celas de um conforto invulgar? É verdade que davam de comer aos pobres e os tratavam na doenca, mas os tempos da razáo náo eram, sem sombra de dúvida, aqueles. .

- Fico contente que se conhecam - lancou com uma sombra de ironia, porque náo escapava a ninguém o efeito que aquele homem provocava na rigidez de Philippa, rigidez que sinceramente sempre achara muito pouco atraente numa rapariga que acabara de fazer vinte e um anos. .

- Mas acho que se devem pór ao caminho o mais rapidamente possível. . -

e virou a cabeca no sentido das nuvens pretas de fumo.

- Vou para onde? - perguntou Philippa, inquieta. Emma estava casada e vivia no norte, mas duvidava de que se atrevesse a propor té-la em casa, porque náo teria qualquer forma de garantir a sua proteccáo. .

Mas a madre tinha tudo planeado:

- Já trocámos mensagens com os conselheiros do seu pai e eles querem que vá directamente para Hertford, onde a rainha Constanza e as suas irmás a esperam. Em Hertford terá uma escolta que as levará a todas ainda mais para norte, onde estaráo a salvo num dos castelos do seu

ducado. Será mais fácil asssegurar a vossa seguranca, estando todas juntas.

Phillippa quis desesperadamente perguntar por Katherine, que parecia ter sido excluída de todo este programa de evacuacáo, mas depois pensou que se as ordens partiam do conselho do pai, era óbvio que náo podiam incluir a amante de John. . nem imaginar uma «excursáo» cm que ela e Constanza caminhariam juntas. .

Francis já estava de pé:

- Dez minutos chegam para pór tudo cm ordem?

- Chegam, Sir Francis, e muito obrigada. .

- Falamos pelo caminho - atalhou ele.

E Philippa sentiu-se estupidamente idiota: como é que era possível que neste momento de horror, mesmo a morte de freí William parecesse náo ter importáncia?. . Em vez de se achar infeliz e perdida, sentia-se repentinamente surpreendentemente eufórica. E encontrada.

Enquanto enchia a sua pequena arca dos livros de que era inseparável, pensava divertida: «Ainda bem que náo tenho o amor que Elisabeth tem aos vestidinhos.» Ao proferir o seu nome benzeu-se pela proteccáo da sua querida irmá e do seu querido irmáo, que ao servico de um rei táo fraco como era Richard, corriam riscos imensos: se náo fosse morto pelos rebeldes, que viam nele um John of Gaunt II, com mais hipóteses de ascender ao poder do que o pai, poderia ser assassinado pelo próprio primo, que nunca deixaria de o encarar como um rival perigoso.

Mas Philippa quería era voltar depressa para junto de Francis.

Escoltados por dois soldados partiram naquele mesmo momento. Os tras dias de viagem, em que reencontraram a cumplicidade em dois tempos, falou como nunca falara com ninguém, e foi ouvida com a atencáo e a paixáo com que nunca

a tinham escutado. Foram os tras dias mais felizes de que se lembrava alguma vez ter vivido.

Quando o castelo de Hertford surgiu no horizonte, o coracáo de Philippa ficou pesado como chumbo. Francis virava-lhe frequentemente as costas, temendo que lhe visse as lágrimas. Se ao menos ele as acompanhasse na corrida para o norte! Mas sir Francis explicou que náo o podia fazer: o seu lugar era agora ao lado da família, do pai, que precisava dele. .

Quis despedir-se com a solenidade e a distáncia com que diría adeus a

qualquer outro cavaleiro que a escoltasse, mas deixou que ele prendesse o seu corpo contra o dele e o deixasse estar. Foram segundos, mas a memória do calor de Francis ficaria para sempre com ela.

C

Hertford Castle, 20 de Maio de 1381

onstanza estava eléctrica. Nascida e criada no meio de traicóes, batalhas e revoltas, ressuscitara para a vida com a notícia de uma rebeliáo.

Ao contrário de todos os outros, a agitacáo popular parecia dar-lhe algum sentido á vida, e a ideia de uma fuga a meio da noite devolvia-lhe o sentido prático e libertava-a da letargia cm que a vida fechada num palácio a tinha mergulhado.

Além do mais, os seus espióes haviam-lhe contado tudo: o poyo quería-a a ela e indignava-se pela devassidáo da «outra», que, náo tinha dúvidas nenhumas, recorria a bruxarias e a pocóes mágicas do diabo para manter o seu Juan preso nas grilhetas do pecado. Ardera o Savoy, pois fingiria pena, mas náo se ralava nem um bocadinho, e talvez, quem sabe, se os rebeles náo marchariam sobre Kenilworth e deitariam fogo ao ninho daquela mulher e dos seus bastardos.

Constanza dava ordens a torto e a direito, sempre cm espanhol, e os seus vassalos obedeciam, contentes por a ver sair do quarto de cortinas corridas onde se fechara há tanto, obrigando a sua corte a fazer, como ela, o luto por um marido infiel e um reino perdido.

As ordens dos conselheiros de John tinham sido claras: apenas as quatro Lancaster deveriam fugir dali, escoltadas por dez dos melhores homens do duque. Cada uma poderia levar a sua camareira, e Maud, a ama dedicada, ao saber que a sua menina la para Hertford, apressara-se a chegar, ao palácio - Philippa iria precisar dela, tinha a certeza.

Estranhou o alheamento em que, no meio de toda aquela confusáo, a sua menina se mantinha, e come~ou o interrogatório:

- Onde é que a menina esteve?

- Na abadia - responden Philippa, os olhos azuis brilhantes como Maud nunca vira brilhar.

- E foram aquelas freiras que lhe puseram os olhos a brilhar?

Philippa sentia uma vontade imensa de contar a sua história a Maud, mas como é que lhe podía dizer que se apaixonara por um homem de uma

condicáo abaixo da sua?

Por isso, em lugar de falar, Philippa riu:

- Foi o ar fresco da viagem até cá; está tudo táo bonito, os castanheiros com a sua sombra, os cardos que enchem os campos. .

Maud náo quería acreditar. Philippa era demasiado literata para o seu gosto, preferia os livros ás dantas e conversas da corte, sempre mantivera á distáncia as suas damas de companhia, e excepto quando saía para a caca fugia de um aglomerado que tivesse mais de vinte pessoas. . e agora perante a revolta dos homens da terra, náo puxava das suas análises e dos seus saberes, e sorria, e dizia que os castanheiros estavam em flor?

- Quem é que a acompanhou nessa viagem? - perguntou a ama, perspicaz.

Philippa, que raiva, náo conseguia controlar as cores que lhe subiam á cara, corava quer quisesse quer náo. Corou e náo responden. Maud fez um sorriso satisfeito, como quem diz, «Francis voltou!», e apesar da curiosidade decidiu que era melhor interrogar as criaditas que tinham assistido á chegada da princesa do que quebrar aquela aura de felicidade que táo raramente a rodeava.

Por isso encolheu os ombros e mandou-a preparar as bagagens, levando o menos possível, como aquela espanhola histérica, numa língua de trapos, a instruíra a fazer. .

A pequena comitiva partiu já ao fim da tarde, mas os dias de Veráo eram longos e o tempo quente ajudava a viagem. O cavaleiro que as tinha sob sua guarda explicou-lhes que as levava para Pontefract, uma das fortalezas mais seguras dos Lancaster.

Montada no seu cavalo, Philippa assustou-se com as caras frias e recolhidas que as viam passar. Nem ovacóes, nem gritos, nem estender de máos para beijar. Inglaterra fechava o coracáo aos Lancaster, e mesmo os senhores das casas onde pediam abrigo tinham a desfacatez de náo lhes abrir a porta, mesmo quando a noite já caía.

Philippa e Elisabeth, criadas desde pequenas na ilusáo de um poder sem prazo de validade, e firmemente crentes de que este nascia do amor incondicional do poyo que a sua família real servia, estavam estupefactas e assustadas. Constanza e Catalina, ainda pequena, julgavam apenas que era a má educacáo de gente que gelara o coracáo á forra de tanta chuva e nevoeiro.

O capitáo da escolta tremia de raiva:

- Traidores - vociferava de punho erguido, quando do alto de uma muralha mais um soldado lhe dizia que tinha ordens para náo abrir o portáo a quatro mulheres cansadas. A quatro Lancaster, mulher e filhas do homem a que o poyo atribuía todos os seus males.

Finalmente em Pontefract o marechal do castelo saiu á rua para as receber. Ora aqui estava um que sabia que a vinganca do seu senhor, quando soubesse das portas fechadas, seria absolutamente terrível.

Porque o comandante estava certo de que John of Gaunt venceria os seus inimigos. Táo convicto, que mesmo quando tudo parecia indicar o contrário, nunca escondera a rosa vermelha do seu manto de viagem.

A

Pontefract Castle, Veráo de 1381

s cornetas soaram ainda o sol náo se tinha levantado. Philippa e Elisabeth estavam aconchegadas na mesma cama neste castelo desconhecido, nunca táo próximas como agora.

Ambas reconheceram o toque dos Lancaster. Ambas perceberam que o pai finalmente chegava. E antes que os pés pudessem sair da cama, já tinham no quarto Maud e Heather com os vestidos prontos. Também elas sabiam que o senhor voltava a casa.

John viu-as a descer as escadas e corren a abracá-las. Atirou-as ao ar, como se fossem meninas pequeninas, e encheu-as de beijos, as lágrimas molhadas a correrem-lhe pela cara. Philippa e Elisabeth nunca o tinham visto assim, e a uma so voz perguntaram:

- Katherine, o Henry?

Sabiam que só um daqueles dois teria a capacidade de deixar o pai táo frágil e derrotado.

Constanza, que vinha uns passos atrás, ouviu a pergunta e retraiu-se imediatamente, numa saudacáo meramente protocolar.

John nem a viu ou quis ver. Puxando as máos das filhas, levou-as para uma sala, onde apesar de ser já Veráo, a lareira ainda ardia quente.

Sentou-se numa cadeira de bracos e esconden a cara entre as máos:

- Pai, acontecen alguma coisa ao Henry?

- Náo - disse John-, o Henry esteve em perigo grave, mas conseguiu fugir da Torre e esconder-se. Está salvo.

- E a Katherine? A Katherine náo estava em Kenilworth, longe daquilo tudo? - perguntou Philippa, um nó apertado na garganta.

- A Katherine, aquela tonta, estava no Savoy. O Thomas tentou convencé-la a partir quando os revoltosos chegaram á cidade, mas náo sabe se ela partiu ou náo. Em Kenilworth náo está - e para onde iria Katherine senáo para casa, para

junto dos filhos, para onde iria Katherine se estivesse viva senáo para junto de vocés as duas?



- Mas aparecen algum corpo? Ninguém viu uma mulher a correr pelas ruas? - perguntou Elisabeth, incrédula.

- Nada, ninguém viu nada. Henry e Thomas Swynford já correram os destrocos do Savoy, nada, náo resta nada. A intensidade do fogo era tal que. . (e a voz embargou-se num soluco). . talvez náo restasse nada dela, se se tivesse escondido dos rebeldes ou ficado presa entre dois corredores em chamas.

Philippa e Elisabeth ajoelharam-se junto ao pai, que lhes passava as máos pelo cabelo.

«Deus náo dorme», pensou Philippa, para depois se lembrar de Francis e rematar para si mesura, depressa, «mas é infinitamente misericordioso!

Mas é infinitamente misericordioso».

John arrastava-se num dia-a-dia lento. Há dois meses que náo saía do seu castelo de Pontefract, como se quisesse permanecer quieto no mesmo sítio, para que Katherine soubesse onde o encontrar. Setembro caía fresco, as folhas das árvores comecavam a ficar encarnadas e a vista da sua janela mostrava-lhe uma paisagem que se preparava para entrar de bracos abertos no Outono. Náo saíra dali, mas a sua vinganca já chegara longe, e a sua pressáo sobre Richard fora suficiente para que o rei voltasse atrás com as suas promessas de libertacáo dos servos. Fizera-o desajeitadamente, e acicatando ainda mais os ódios, como se podia esperar de um miúdo de 14 anos, aconselhado por gente sem visáo, suspirara John, que náo tivera vontade nenhuma de voltar á corte. Henry e os seus conselheiros mantinham-no informado, e tremera com a inaptidáo do sobrinho quando lera que Richard rasgara os papéis onde escrevera as suas promessas, e em público dissera, aos cidadáos reunidos á porta do Parlamento: «Rústicos vocés eram, e sáo. E seráo mantidos na vossa servidáo náo como dantes, mas em condicóes piores!»

Mortos os chefes dos revoltosos, os outros capturados de novo pelos seus «senhores» e devolvidos á terra a que pertenciam, os rebeldes estavam, também

eles, a preparar-se para o inverno das suas vidas.

John falava, reunia com os seus consultores, discutia a política nacional com os emissários que lhe chegavam da capital, mas o olhar ansioso com que saudava cada mensageiro que chegava, revelava que só tinha um

pensamento: - «Onde estava Katherine? Onde raio poderia estar Katherine?»

Reforcara a seguranca em Kenilworth, e pedira a Philippa e a Elisabeth para voltarem, porque náo quería os seus quatro Beaufort entregues mais tempo a criados de lealdade sempre duvidosa, e náo podia esquecer como se deveria sentir perdida Blanchet Swynford, abandonada por todos. John podia ter muitos defeitos, mas era um homem de família. Mandara uma Constanza amargurada e desiludida de volta para o seu castelo com a sua corte castelhana, e a mulher bem sabia que o fazia porque quería estar sozinho caso a «outra» lhe entrasse porta dentro.

John tornara-se mais melancólico e era frequente vé-lo a percorrer o caminho da muralha, os olhos fixos no horizonte. Como naquele dia. Só que naquele dia, um ponto negro no horizonte fez-lhe bater o coracáo mais depressa. Era um cavaleiro e vinha sozinho, mas náo era um mensageiro: mesmo áquela distáncia percebia-se que o seu manto era o de um homem distinto. Encostado ás ameias olhou com curiosidade para as palavras que trocava com o porteiro, e percebeu que era certamente bem conhecido porque o guarda baixara sem hesitacóes a ponte levadica para o deixar passar.

Como que pressentindo que estava a ser vigiado, o cavaleiro levantou os olhos para as muralhas e John reconheceu-o de imediato. Era Geoffrey Chaucer, o seu diplomata, o seu poeta, o homem das missóes discretas, a quem implorara que procurasse Katherine e que podia fazé-lo sem levantar suspeitas, ou náo fosse seu cunhado.

Apressadamente desceu as escadinhas de pedra e chegou ao terreiro principal a tempo de ser ele mesmo a segurar as rédeas do cavalo suado de Chaucer. Abracaram-se com forra, mas o abraso foi suficiente para que John entendesse que as notícias que lhe trazia náo eram boas.

Um pergaminho enrolado por debaixo do braco de Chaucer chamou-lhe a atencáo: o que tinha a comunicar-lhe chegava por escrito.

Chaucer viu que John tinha visto e estendeu-lhe o canudo de folhas:

- Sir John, a Katherine está viva.

O rosto de John ficou transtornado, e Chaucer comoveu-se - aquele amor era como o dos livros que escrevia.

- Aí tem a carta que ela lhe escreveu - continuou. - Acho que a deve ler sozinho e sem ser incomodado, por isso vou levar o meu cavalo ás



cavalaricas e já vou ter consigo.

John náo precisava de mais pistas: Katherine estava viva, mas alguma coisa de grave mudara. Para já, Katherine náo viera pessoalmente e mandara uma mensagem escrita, pelo cunhado. .

- Vemo-nos então lá dentro - responden o duque, com toda a frieza de que foi capaz.

As máos tremiam ao desatar a Pita de seda que envolvia as quatro folhas. John come~ou a ler.

Katherine escrevia em francés e tratava-o por «meu amor», como sempre. Mas a história que se seguia era trágica. Contava como um criado fiel a tinha arrancado ao seu torpor e levado por caminhos que náo conhecia para fora do Savoy, evitando sempre a multidáo que partia e destruía tudo que ambos tinham construído e amado tanto. Pusera-lhe uma capa cinzenta de uma das empregadas, e tapara-lhe a cara com um cachecol para que o fumo náo a fizesse perder os sentidos. Arrastara-a por vielas e caminhos, e ela seguira-o como uma sonámbula entre os gritos dos rebeldes.

E John continuou a ler: «Meu amor, gritavam contra mim e contra ti.

Diziam que tínhamos ofendido Deus, que a nossa luxúria era a causa do seu sofrimento. Chamavam-me serpente amaldicoada, juravam que fora o diabo que me plantara no seio da família real para que desonrasses os teus compromissos com o poyo e até com Constanza, e com a tua promessa de resgatares Castela. Quando o rapaz me deixou, meio morta, junto de uma taberna, sentei-me no

cháo por trás de umas pipas vazias, tentando esconder-me, e foi então que quando levantei os olhos o vi: freí William Appleton, o nosso grande amigo, o homem que vezes sem contas nos salvou os filhos, o padre que me ouviu ainda a semana passada em confissáo e mais uma vez me implorou que renunciasse ao amor que te tinha para que náo te perdesses comigo. Vi-o a olhar para mim, os olhos muito abertos. Julguei que estava a delirar, de frio e de medo, e foi só então que percebi que era apenas a sua cabeca cortada que baloicava num pan, junto de muitas outras. John, percebi que ele morrera por nós! Recordei as peniténcias que me mandara fazer, e acho que desmaiei. Pelo menos, só acordei quando a noite já estava escura como breu, e os homens saíam da

taberna. Mas o meu suplício náo tinha acabado: um deles, olhando com total indiferenca a cabeca de William, disse na sua voz alcoolizada: "Deus náo perdoa aos homens que o desrespeitam e ainda se riem por cima. E

aquela cabra até matou o marido, que servia o duque, só para ficar livre, quando Gaunt também estava. O pobre do marido era um empecilho a remover! E este frade morreu a protestar a inocéncia daquela mulher, quando a multidáo o apanhou a tentar entrar no Savoy para a ir salvar. .

Gritava que ela estava lá dentro, e que o deixassem passar. Trespassaram-no com uma espada, e com a mesma espada separaram-lhe a cabeca do corpo. "Aquela mulher de inocente náo tem nada, nem ela nem aqueles bastardos, que deviam estar aquí espetados em paus iguais a estes!", diziam. John, meu amor, percebi como o nosso amor, embora táo verdadeiro - que Deus sabe que nunca amei ninguém como te amo a ti - é proibido. Como os amigos que nos avisaram, nos procuravam defender de nós mesmos. De como o coracáo pode Picar cego e o ciúme e o sentimento de posse toldar-nos a razáo. Foi nesse momento que decidí, numa promessa feita perante o homem que apesar de náo concordar com o meu comportamento dera a vida por mim, que por muito que as vísceras se me desfizessem em dor, e náo conhecesse mais um día de luz e alegría, se saísse viva desta revolucáo teria a coragem de acabar tudo contigo. Tudo. O

ten lugar, e sabe Deus o que me custa escrever isto, é junto de Constanza.

A tua missáo é honrar as promessas que lhe fizeste, a jura de fidelidade eterna; a tua missáo é servir Richard, como aos seus pés prometeste fazer.

Salva-te, John, por ti, por mim, e pelos nossos filhos.»

John soltou um uivo de dor, e o pergaminho escorregou-lhe das máos.

Viver sem Katherine, ficar sem Katherine, parecia-lhe uma dor maior do que qualquer outra que suportara até então.

John era um homem poderoso, habituado a ter o que quería. Servos em revolta e mulheres a tomarem a iniciativa de romperem com ele náo faziam o seu género. Decidamente. Como crianca que era, esqueceu o sofrimento de Katherine, a morte de frei William, esqueceu os filhos bastardos e os legítimos, e deixou que uma raiva lenta o invadisse - era vítima de tudo e de todos. O poyo náo reconhecia uma vida dedicada a servi-los, ingratos sem nome, prontos a deixarem-se emprenhar de orelha, seduzidos por um reizinho de tuta-e-meia, com caracóis de menina e falinhas mansas, que cedera de imediato aos seus caprichos, para agora os espezinhar, e era bem feíto. E agora Katherine, que tratara como uma rainha, rejeitava-o? Tomava ela a decisáo de romper uma relacáo com um

homem como ele, sem o consultar, despedia-o por carta, como se fosse um vassalo dispensável? Quem julgava a mulher que era? Uma preceptora de duas adolescentes que se fartava do patráo?

Quando Chaucer baten á porta, esperando encontrar um John of Gaunt cabisbaixo e triste, quem lhe abriu a porta foi um homem em fúria.

«E quem val pagar é o mensageiro», pensou o poeta, levantando o sobrolho.

- Podes dizer á tua miserável cunhadinha que quem náo quer nada com ela, son eu. Talvez seja verdade, talvez tenha assassinado o marido só para me apanhar, talvez o poyo náo se engane quando lhe chama serpente, talvez en esteja só a pagar a minha ingenuidade ao longo destes anos. .

Chaucer estava estarrecido. Esperava que John o enviasse a Katherine para a convencer a mudar de ideias, esperava que John montasse no mesmo momento no seu cavalo e a fosse procurar á mais recóndita das abadias, mas nunca imaginara que a reaccáo fosse a de um adolescente despeitado, ansioso acima de tudo por preservar a sua imagem de macho.

Fora ingénuo, porventura, pensou. Esperou o pior.

E o pior acontecen. Na manhá seguinte, John, depois de uma noite de pesadelos

e suores frios, mandou chamar o seu escriváo oficial e come~ou a ditar, perante o siléncio de Chaucer: «A 7 de Setembro, do ano de 1381, eu, John, Rei de Castela e Leáo e duque de Lancaster. .»

Chaucer foi recuando até ter as costas comprimidas contra a parede, enquanto o duque anunciava ao mundo que Katherine o tinha enfeiticado com poderes diabólicos e o levara a pecar, perante Deus, a mulher e o seu poyo. Mas liberto do feitico, renegava-a para sempre, pedindo perdáo ao Altíssimo e jurando emendar o seu caminho.

Chaucer permanecia colado ás paredes húmidas, incapaz de imaginar o sofrimento que aquele papel, escrito para ser lido nos adros das igrejas, nas tabernas e nas vielas, iria provocar na sua querida cunhada.

Mas sabia que náo podia, nem lhe cabía, dizer nada. John, porém, náo estava totalmente despojado de sentimentos e chamou-o para que escrevesse:

- Geoffrey, escreva al nas actas do dia de hoje que Katherine deverá receber uma pensáo vitalícia pelos servicos prestados ás princesas Philippa e Elisabeth ao longo destes anos, devendo no entanto sair rapidamente do meu castelo de Kenilworth e assinar um documento em

que garanta prescindir, em seu nome e no dos seus quatro filhos, de quaisquer pretensóes sobre mim ou a minha família.

Chaucer escreveu, obediente, e quando acabou de escrever, pousou a pena e olhando John directamente na cara, pediu-lhe licenca para partir.

Preferia ser ele, pessoalmente, a dar as notícias a Katherine, antes que as línguas comecassem a dar a dar.

John baixou os olhos, e puxando-o a um canto, num momento de sinceridade disse-lhe:

- Chaucer, homem, ela náo me den outra possibilidade. Tinha que agir como o representante mais velho da casa real dos Plantagenet, se náo me quisesse tornar no mote principal de todas as anedotas do reino.

Chaucer náo lhe den a satisfacáo de uma resposta. Com uma vénia rápida, virou as costas e montou o seu cavalo, que um dos criados já tinha pela rédea.

K

Kenilworth Castle, Setembro de 1381

atherine voltara para Kenilworth há apenas alguns dias, vestida com um manto de peregrina, os cabelos cortados, a cinza e o pó da estrada a cobrir-lhe a roupa. Vinha a pé e aproveitara a companhia de um grupo de homens e mulheres que subiam para norte em busca de trabalho nas colheitas.

O porteiro do castelo teve dificuldade em reconhecé-la, logo Katherine, que fazia gala nos seus vestidos e nas suas jóias, os dedos chelos de anéis -

bem visível sempre o de brasáo dos Lancaster, que certamente fora um presente de John.

Embaracado, corren a segurá-la, sem saber como podia, ou devia, tocar nesta mulher, que agora se lhe apresentava como uma humilde pedinte, como tantas que ali batiam á porta. Mandou o rapazinho que o assistia chamar rapidamente lady Philippa, a dona da casa, e foi ajudando uma Katherine de pés chelos de feridas a atravessar a ponte.

- Trenton, que bem que me sabe a relva suave destes terreiros, nos meus pés magoados - disse, falando pela primeira vez.

Trenton sentiu os olhos marejarem-se de lágrimas - a senhora lembrava-se do seu nome, e se nunca fora altiva, agora tinha uma serenidade que tocaya mesmo uma alma empedernida.

Respondendo ao apelo do rapazinho, Philippa cruzava o mais rapidamente que podia o espato que a separava de Katherine, e ao chegar-se a ela, encostou-a a si silenciosamente. Sabia bem que as palavras náo serviam para nada num momento como este.

- Vamos, lady Katherine, tem de tomar um banho e vestir-se, antes que a coitadinha da Blanchet e dos seus outros filhos morram de susto - disse Philippa, sentindo que agora, antes de mais, eram necessárias medidas práticas urgentes.

Falando baixinho levou consigo Katherine para os seus aposentos. Maud la caindo quando foi chamada ao quarto da menina, para encontrar Katherine

sentada numa cadeira:

- Virgem Santíssima, lady Katherine, o susto que apanhámos, náo a sabíamos nem viva nem morta - disse a ama, precipitando-se para ela, esquecida dos protocolos, abrasando aquela que reconhecia, de facto, como a madrasta das suas princesas.

- Um banho, Maud, um banho quente, e um dos vestidos do guarda-fatos de lady Katherine. . o mais modesto e o mais estreito, porque lady Katherine está só pele e osso.

Katherine sentiu de repente um cansaco enorme abater-se sobre ela.

Náo lhe apetecía falar de nada do que acontecera - era como se depois de ter escrito a John a última carta de amor, e descrito nela os seus piores pesadelos, quisesse apagar para sempre de dentro de si todas aquelas memórias. Escrevera já há dias, de uma das abadias a que se tinha recolhido, e chamara ao convento o cunhado, a quem encarregara de entregar o pergaminho a John. Nada do que Chaucer lhe dissera a tinha demovido, e embora náo lhe tivesse revelado o que escrevera, o cunhado saíra dali sem qualquer ilusáo. Com a mesma determinacáo com que Katherine tinha suportado estes anos de má-língua e marginalidade por um amor em que acreditava, seguiria a sua decisáo de se separar de John.

Mas Katherine sentia que Philippa, sobretudo Philippa, merecia uma explicacáo - náo se esquecia nunca da carinha de abandono que a aluna mais velha pusera no dia em que lhe dissera que a máe morrera. Náo podia, também ela, deixá-la sem se justificar.

Enquanto Philippa lhe passava a esponja pelo corpo dorido, que insistira que só ela lhe poderia dar banho dispensando camareiras e até a ama, Katherine contou-lhe como escapara ao fogo. E como só então entendera que o seu amor por John, embora o maior que pudesse existir á face do mundo, fazia mal aos outros - e ao próprio John. E que por isso lhe escrevera a pedir que aceitasse o rompimento da relacáo, prometendo retirar-se rapidamente daquele seu castelo e regressar á pequena quinta que herdara do marido, náo muito longe dali.

- A Blanchet va¡ adorar, viven lá em pequenina, lembra-lhe o pai, e. .

- Ficará com a Katherine só para ela. .

- En sei que ela e lady Philippa foram quem mais sofreu com esta minha ligacáo. Ela porque achou que era uma traicáo ao pai e sentiu que en náo via mais ninguém á frente quando o John aparecia (e tinha razáo, coitadinha); e lady Philippa porque acredito que apesar de gostar de mim, se afligia. .

- Afligia-me que as duas pessoas de quem mais gosto no mundo (e Philippa pensou que era infantil incluir Francis neste grupo!), viviam em pecado mortal. .

Katherine estremecen na tina de água, e Philippa pós-lhe sobre os ombros uma manta quente:

- Náo gosto de julgar ninguém, lady Katherine, mas acho que o meu pai tem que honrar os seus compromissos. Um homem com o poder e a posicáo que tem, náo pode pór o desejo pessoal á frente do exemplo que dá ao poyo que o serve, mas a quem ele também tem a obrigacáo de servir. . com a vida.

- Rezei muito nestes meses, percorri as abadias e os santuários do sul e em todos encontrei o eco das palavras que lady Philippa agora me diz.

Acredite que estava cega de amor e náo quería fazer mal a ninguérn.

Estava. . e estou - suspirou.

Quando Chaucer chegou com as notícias da reaccáo de John of Gaunt, já Katherine tinha os filhos prontos para partir. Blanchet agarrara-se a solucar ás saias da máe, tanta amargura, medo e tristeza acumulados, mas que a ideia de partirem dali vinha acalmar. John, o mais velho, e que se comportava como um príncipe que sabia ser, prometeu tomar conta da máe e dos irmáos, levando a máe, as meias-irmás e até as amas ás lágrimas. Henry e Tamkin subiram para o colo de Philippa e fizeram-na prometer que os visitaría, e Joan, um bebé que aprendia agora a dar os primeiros passos, sorria para todos, os dentes ainda novinhos em folha e brilhantes.

Quando Chaucer chegou e viu este retrato de família, todos sentados debaixo da enorme tília que crescia no terreiro principal, os cavalos aparelhados para partir, as carrocas com as malas e os berros, náo teve coragem de contar nada do que tinha vivido.

- Cunhado, que notícias? - perguntou Katherine, ansiosa. Os seus sonhos eram povoados por imagens de um John furioso decidido a vingar pela espada a

renúncia, mas que quando se chegava perto dela, a amava apaixonadamente, tragava cada um dos bocadinhos do seu corpo, e acabava a segurá-la entre os seus bracos fortes, jurando-lhe que tudo náo passava de um pesadelo. .

- Cunhada, notícias, poucas. O John leu a tua carta, ficou triste e calado, mandou que te fosse atribuída uma pensáo vitalícia pelos teus servicos ás

princesas Philippa e Elisabeth, e pede só que, quando for tempo disso, já depois de instalada, assines um papel a renunciar aos direitos dos teus filhos. .

- Náo acredito que ele tenha renegado os filhos! - balbuciou Katherine, mas vendo que a conversa estava atentamente a ser seguida por todos, mudou de assunto.

- Sim, sim, tudo ficará tratado cm devido tempo. Agora o importante é partir porque a viagem val ser longa.

E subindo para o cavalo, sem virar a cara para os presentes, acenou um longo adeus até que a sua figura se perdeu de vista.

Philippa e Elisabeth ficaram a vé-la partir, o reflexo da pequena caravana no imenso lago que transformava o castelo numa ilha. Um capítulo longo e forte das suas vidas acabara de ser encerrado.

K

Kenilworth Castle, 30 de Setembro de 1384

enilworth já há alguns anos que estava tristemente silencioso. Há muito que náo se ouviam os gritos guerreiros dos miúdos no pátio, e a casa parecia desprovida de vida: nem criados, nem vassalos, nem cavaleiros. Só Philippa e um vazio imenso.

Philippa percorreu pela millonésima vez o quarto de brinquedos, e um a um o quarto dos seus meios-irmáos. No de Tamkin olhou longamente a espada de madeira que Picara esquecida, e junto do berro de Joan uma bonequinha de trapos que ela própria tinha feito para a bebé da família e que guardava ali, como a anunciar uma chegada. Pegou na boneca e cheirou-a na tentativa de encontrar

nela o cheiro daqueles bebés que tinha visto crescer.

Katherine escrevera. Depois da vergonha da renúncia pública que o pai fizera, e que ainda hoje deixavam um gosto amargo na garganta da filha, preferiría mil vezes que John náo fosse dado aos gestos espectaculares, nem áquela maneira infantil e cobarde de tentar sempre lavar as máos de todas as responsabilidades.

O pai vivía agora com Constanza, como marido e mulher, depois de uma cena teatral, que felizmente só lhe fora relatada, em que John se lancara aos pés da infeliz esposa, pedindo-lhe desculpa e prometendo compensá-la de sofrimentos passados. E sobretudo retomar, logo que possível, a sua promessa de lhe devolver o trono de Castela.

A cunhada Mary engravidara pouco depois do casamento, e apenas com dezasseis anos preparava-se para dar á luz dali a uns meses o seu segundo filho, e Philippa rezava todos os dias fervorosamente para que o bebé de Henry, o seu segundo sobrinho, nascesse saudável e forte, como era o primeiro. E que fosse rapaz, evidentemente. .

Elisabeth era uma constante dor de cabeca. Afastara-se da vida pacata de Kenilworth a pretexto do seu estatuto de mulher casada, e mergulhara de cabeca na vida da corte de Richard, que era animada e chela de gente nova, como convinha á corte de um reí de dezoito anos. Philippa desaprovava em absoluto os caminhos da irmá que, toda a gente sabia,

estava loucamente apaixonada por John Holland, um perigoso destruidor de coracões, meio-irmáo do rei, chelo de convencimento, dinheiro e poder.

Maud, a quem o entorpecimento das pernas provocado pela idade náo retirara nada nem da agilidade mental nem da sua rede de informadores, já lhe contara que por trás de cada leque da corte, havia alguém a chamar-lhe nomes menos próprios, e a afirmar que quem sai aos seus náo degenera, numa clara mencáo á vida dissoluta do seu pai. Philippa vivia no horror da comparacáo, e no fundo tinha a certeza de que á fama de John of Gaunt devia em grande parte o facto de ter vinte e quatro anos e continuar solteira.

A família do marido de Elisabeth, agora com doze anos, já pedira ao Papa uma declaracáo da nulidade do casamento, com base no facto de que este nunca fora consumado. . nem se via como pudesse vir a ser, atendendo á diferenca de idade dos noivos.

A John, para indignacáo de Philippa, ainda lhe passara pela cabeca usar as suas influéncias em Roma para travar o processo, mas as histórias das aventuras amorosas da filha favorita aconselhavam cautela. Para dizer a verdade, achava que estavam reunidas todas as condicóes para que a família deixasse por uns tempos Inglaterra. . até porque Katherine náo saía dos seus sonhos. .

Vivia agora em Lincoln, e John of Gaunt, mais generoso e apaixonado do que os votos de renúncia podiam dar a entender, fazia questáo de conseguir as melhores escolas para os filhos, e de fazer chegar, constantemente, presentes para a família que renegara, mas que amava profundamente - Philippa estava táo certa disso, que quando pensava no assunto náo conseguía deixar de sentir um imenso ciúme. Afinal os meios-irmáos tinham uma máe serena e sensata, aquela que Philippa tinha tido a seguir á sua. ., viviam numa mesura casa, sossegados, uns com os outros, e eram amados e apaparicados por um pai que, se estava longe da vista, náo estava, nem por um momento, longe dos seus coracóes.

Philippa den mais uma volta por aquela ala da casa, aquela de que mais gostava: da torre onde estava via-se o Saláo Nobre que há ape nas alguns anos o pai construíra, e o envidracado daquelas janelas táo elegantes reluzia com a luz da manhá, dando-lhe um ar quase mágico.

No dia seguinte partia para Londres. Fora uma ordem do pai, que quería que Constanza, Catalina, Philippa e Elisabeth se reunissem numa cerimónia em Windsor. Desde que o Savoy ardera ficavam todos num outro palácio

nos arredores da cidade, que o pai se limitara a alugar, enquanto procurava fundos para restaurar a casa original dos Lancaster.

Passava agora largas temporadas na abadia de Barkley, talvez porque a ela estivesse para sempre colada a imagem daquele dia em que o misterioso mensageiro revelara ser Francis, disposto a protegé-la contra tudo e contra todos. Emma continuava a escrever-lhe com frequéncia: já tinha quatro filhos e confessava que tinha engordado e nunca mais se atreveria a vestir um vestido com que se pudesse apresentar a duzentos quilómetros do paco real. Philippa ria imenso com as suas descricóes dos lanchinhos da paróquia e da ocasional festa em casa de uns pacóvios de uns senhores cheios de títulos, mas desprovidos de qualquer polimento. De Francis, falava sempre, pressentindo que embora dolorosa, a informacáo era revelante: «Francis fala de si a todos os pretextos. Sempre que me visita, com a desculpa que vem ver os sobrinhos crescer,

pergunta-me se recebi alguma nova carta sua. E depois pede-me sempre para a ler, e como lhe recuso obviamente a pretensáo, tortura-me com tanta insisténcia que acabo por lhe contar o que me parece mais inocente - porque sabe que nunca, nem ao meu mais querido irmáo, trairia a sua confianca. De qualquer maneira ordena-me sempre que lhe mande cumprimentos e lhe garanta que, sejam quais forem as circunstáncias, será sempre um seu obediente e leal criado. Tenho a certeza que é sincero, lady Philippa, e atrevo-me a acreditar que talvez noutro tempo, ou noutra vida, pudesse ter havido qualquer coisa de importante entre vocés. Mas náo ligue, son uma eterna romántica e aquilo que mais quería era que o meu irmáo e a minha melhor amiga vivessem felizes, a duas portas da minha!» Philippa gostava deste jardim secreto, que era so seu, e um bocadinho de Emma, e acreditava cada vez com maior conviccáo que a sua vida estava destinada á oracáo e ao recato.

Mas o pai náo a deixava isolar-se num convento, e nem quería ouvir falar em votos. Por isso a chamava de novo a Londres, e á corte. O que seria desta vez?

Q

Londres, 18 de Outubro de 1384

uando chegou ao palácio de Londres, em véspera da festa em Windsor, Philippa encontrou a casa iluminada e engalanada. Mal entrou pela porta percebeu que tinham visitas. Maud subiu para os quartos, mostrando o caminho a um formigueiro de criadas a quem pedia água quente, sabáo e o unguento de cardos, para o banho da senhora que chegava ensopada pelos aguaceiros.

- Quem é que cá está? - perguntou ao criado que lhe abriu a porta.

- Dois senhores de uma comitiva portuguesa. .

Philippa sabia onde era Portugal. Os seus dedos tinham percorrido muito as suas fronteiras nos últimos tempos, porque nas aulas que todas as manhás continuava a ter com freí John e outros dos seus discípulos a agitacáo política daquele país a oeste de Castela era tema do dia.

Os senhores ficaram para jantar, e Philippa teve de esconder um ligeiro sorriso com o maneirismo que usavam para a cumprimentar, e que só a Constanza

pareciam absolutamente normais.

- Fernando Afonso de Albuquerque, gráo-mestre da Ordem de Santiago -

disse um, enquanto, pondo um joelho em terra, lhe beijou a máo estendida.

- E permita-me que me apresente - disse num francés multo mais perfeito, o outro:

- Lourenco Annes Fogata, chanceler do Reino, um criado ao seu servico.

Constanza também estava com eles, e num jantar absolutamente informal nos aposentos privados de John, a conversa corren sobre política.

John nunca afastara as filhas destas conversas, e Constanza fora educada a presenciá-las.

Lourenco saltava do francés para um inglés perfeito, enquanto Fernando Afonso se perdia na língua dos bretões, mas estavam táo entusiasmados com o que se passava em Portugal, que náo eram as dificuldades linguísticas que os iam impedir de contar a sua história.

John estava fora de si de contente, como estava sempre que lhe punham

cm frente um projecto novo, um desafio ou uma conquista, e estava suficientemente desiludido e desgastado com a política interna do seu país para ambicionar voltar aos campos de batalha e ás negociacóes.

E, evidentemente, regressar em forra ao seu desejo de ser rei.

Os portugueses tinham vindo de Windsor, onde haviam apresentado as credenciais do novo rei de Portugal a Richard II. Chamava-se Joáo - como o meu pai, pensou Philippa tentando pronunciar o nome cm portugués - e era mestre da Ordem de Avis. Era filho bastardo do rei D. Pedro 1, aliás filho bastardo de uma relacáo que sucedera a uma outra de contornos trágicos com Inés de Castro («os homens sáo todos iguais», pensara Philippa cm siléncio), e lutara contra Castela que alegava ter direito ao trono portugués, porque o seu rei era casado com Beatriz de Portugal.

Philippa tomou nota para, na próxima aula com Chaucer ou frei John, lhes pedir

que, de pergaminho e pena, lhe pusessem por escrito esta complicada genealogia real.

Fosse como fosse, o tal mestre tinha sido aclamado rei pelo poyo numa revolucáo na capital, que se chamava Lisboa, e um dos seus conselheiros de Estado, um tal Joáo das Regras, que os dois portugueses pareciam admirar muito, conseguiu que uma bula papal o reconhecesse como tal.

Mesmo passando por cima dos filhos de Inés de Castro, bastardos como ele, mas de uma relacáo primeira.

Agora, fora o mestre que mandara os seus melhores homens pedir a Inglaterra uma ajuda poderosa para vencerem Castela, mantendo-se como um Estado independente que há muitos e muitos anos se orgulhavam de ser.

Os olhos de John brilhavam: um rei carismático, eleito pelo poyo no reino de Portugal e cm guerra aberta com Castela era o parceiro ideal para o ajudar na reconquista do trono. Nunca uma melhor oportunidade se voltaria a proporcionar, pensava enquanto mandava encher os copos com vinho, e levantava o seu cm aclamacáo a D. Joáo I. «Viva El-Rei» disseram em uníssono os convidados, naquela língua dissonante e estranha, enquanto erguiam os cálices de vidro.

E o melhor de tudo é que Richard parecera ter Picado táo entusiasmado como John, entendendo que se o tio chegasse a concretizar de facto a sua pretensáo, Inglaterra ficaria mais poderosa. E percebendo bem, pensou Philippa com ironía, que se John of Gaunt estivesse entretido no outro

canto da terra, o seu lugar no trono de Inglaterra estaria infinitamente mais seguro. Mas o caminho era longo.

P

Lisboa e Londres, do Outono de 1385 á Primavera de 1386

hilippa habituou-se a ver entrar pelo palácio os dois portugueses -

durante um ano conspiraram na sala privada de John, e á medida que os dias passavam o pai estava cada vez mais convencido de que era preciso partir.

Lisboa, a capital, estava cercada desde Marco, e John já fora vezes sem conta ao Parlamento pedir dinheiro para financiar uma armada que partisse em seu auxílio.

- Burros, burros, náo entendem que o tempo é tudo. Que se Joáo cair, se os castelhanos invadirem Lisboa e depois o resto do país, váo pelo ar todas as nossas esperancas - gritava John, enquanto dava murros na mesa.

Lourenco e Fernando estavam felizes com o entusiasmo de John, que lhes parecia o menos fleumático dos ingleses que conheciam, talvez por influéncia do vinho da península, diziam a rir. Aliás, eles próprios já se tinham ambientado na corte inglesa, e para dizer com franqueza nem tinham muita pressa em voltar. Philippa atirara as máos á cabeca quando a sua informadora de sempre, a fiel Maud, lhe dissera que o senhor Fernando (palavra que pronunciava com custo) já se amancebara com uma dama, que estava grávida, e que mais tarde tivera uma filha a que chamara Lora, mas que jurava pretender levar para Portugal quando regressasse. Lourenco parecia mais contido, e Philippa divertia-se imenso ao ouvir as suas histórias épicas, onde gabava os feitos do seu poyo, sem ter consciéncia de que o homem que tinha á frente andava na guerra á frente dos exércitos mais poderosos desde os seus dez anos. Mas quando alguém lhe chamava a atencáo para o despropósito da gabarolice, John, que o achava um homem genuíno, vinha sempre cm seu auxílio para lembrar que «náo sendo grande soldado, gostava sempre de ouvir uma boa história de armas». Lourenco, depois de uns segundos mais cabisbaixo, escapava-lhe a ironia do interlocutor, e lá se lancava cm mais uma descricáo de glória e cavalaria.

Finalmente a autorizacáo chegou e John preparou a frota inglesa para partir. A 2 de Abril de 1385, dia de Páscoa, os lisboetas viram as naus inglesas subir o rio Tejo, as bandeiras vermelhas e brancas no mais alto dos mastros, os tiros dos canhóes a afundar, um por um, os batelóes

espanhóis que há meses os mantinham fechados atrás das muralhas da cidade. Os generais de Gaunt, Nortbury, Mowbray e Hentzel comandavam as operacóes em nome daquele que vinha reclamar em breve o trono do país vizinho.

Philippa nunca se haveria de esquecer do dia cm que o já mais do que habitué Lourenco Fogata entrou pelos corredores do palácio a dancar com uma crianca. Quando se cruzou com ela, fez-lhe uma vénia profunda e exclamou:

- Princesa, celebre esta data comigo: os ingleses libertaram Lisboa e o nosso rei está eternamente grato ao vosso. O nosso poyo recebeu os vossos homens em ombros, e hoje será um dia que os soldados e marinheiros do meu país náo poderáo nunca esquecer. .

Constanza ouviu a algazarra e, seguida das suas damas, veio ao seu encontro, ansiosa pelos pormenores.

Que coisa estranha, pensou com as suas pérolas a princesa Philippa: como as lealdades mudam conforme as conveniéncias. Se Constanza estivesse no trono que legitimamente lhe pertencia, estaria a esta hora a lutar contra os portugueses, ansiosa pela sua derrota.

- En conheco os espanhóis - exclamou Constanza -, en conheco-os.

Voltaráo, depressa e com mais homens. Náo aguentaráo a humilhacáo e sornaráo dois mais dois: náo lhes será difícil entender que a ajuda de Inglaterra só pode significar o renascer das minhas pretensóes ao trono.

- E das de John of Gaunt - acrescentou apressadamente, chela de medo que o marido percebesse que náo tinha dúvidas de que só nas suas veias, e nas da sua filha, corria sangue real de Castela.

Lourenco e Fernando também tinham a certeza de que era assim. E em Portugal, D. Joáo 1, que sabia da política e da guerra tudo o que havia a saber, depois de anos de estratégia e batalha, sabia-o ainda melhor.

A ordem que chegou era clara: obrigado pelo apoio, mas precisamos de mais. E que John of Gaunt venha pessoalmente discutir com El-Rei os seus negócios.

Enquanto D. Joáo tratava da política e das aliancas, firmando com os ingleses o Tratado de Windsor, que estabelecia as regras da colaboracáo mútua, D. Nuno Álvares Pereira, aquele a que chamavam condestável do Reino, conferenciava com os generais de John of Gaunt e preparava Aljubarrota.

N

Londres, 28 de Maio de 1386

aquela casa só se falava em partir. Philippa desconfiava que Constanza tinha as suas malas, as da sua filha e as de todas as damas e vassalos da sua corte, feitas há muito. Há anos que sonhava com esta aventura, há anos que imaginava o dia em que deixaria o bolor constante deste país, pelo sol da sua terra natal.

Mas Philippa, que estivera táo empenhada como os outros nos preparativos, boje náo conseguia pensar em viajar fosse para onde fosse: Elisabeth chegara a casa ás trés da manhá, completamente bébada, e confessara a quem a quisera ouvir, apesar do esforco desesperado da irmá para lhe tapar a boca, que estava grávida!

Enquanto as amas e as camareiras a tentavam arrastar para o quarto, e Maud pedia chás de camomila reforcada para todos, Elisabeth declamava alto o seu amor por John Holland, e contava os pormenores de uma noite de amor tórrida, seguida de outra, e de mais outra. E agora, isto.

Os aposentos do pai eram ao fundo do corredor, mas a chinfrineira era tal que John acordou. E saiu para ver o que era.

- Elisabeth, cala-te já, ou mando-te para o convento! - vociferou, fora de si.

- Náo basta acordares toda a gente como insistes em envergonhar-nos a todos? - continuou.

Mas Elisabeth, os seus olhos verdes ainda mais brilhantes á conta de tanta cerveja, só o olhava a rir e dizia:

- Pai, o pai vai ser avó. O Richard vai ser tio. A Philippa vai ser tia mais uma vez, e os filhos de Henry váo ter primos, muitos primos.

- E tu vais é estar calada. Quem é que te tem deixado á solta? Onde estáo as tuas damas de companhia, quem é que te acompanhou a Windsor hoje?

- mas mesmo enquanto somava perguntas John entendeu que o melhor era estar calado também. Por agora.

Com um gesto de impaciéncia ordenou ás amas que a deitassem, e virando as costas voltou para o seu quarto.

Mas Philippa corren atrás dele, os pés descalcos nas lajes frias, a memória da noite do nascimento de Elisabeth a voltar em flash, da noite em que ele a tinha

apanhado e atirado ao ar, divertido com a sua ousadia de percorrer o castelo de Burford inteiro, sem uma vela para lhe alumiar o caminho. A memória da máe, da forra e da luz de Blanche, deram-lhe coragem para correr mais uns passos e pousar, num gesto único, a máo no ombro do pai.

Ao sentir o calor de uma máo no ombro, John virou-se e sentiu-se táo espantado como ela - era como se uma corrente os tivesse ligado e por segundos estivessem presos um ao outro.

Olhou a filha de vinte e cinco anos, como se nunca a tivesse visto antes, e numa voz anormalmente terna, perguntou:

- O que foi, Philippa?

- Pai, lembra-se de como a máe gostava da Elisabeth. Como se ria com a forma disparatada com que ela subía para o colo das visitas e interrompia as conversas?

John lembrou-se: lembrou-se de Blanche, sobretudo lembrou-se de Katherine, lembrou-se de tanta coisa que tinha perdido e de que gostava tanto.

- Pai, a Elisabeth é desvairada, mas só quer a sua atencáo. Náo vale a pena castigá-la nem mandó-la para um convento. O casamento com o Joáo pequenino náo resultou (e Philippa teve o cuidado de náo deixar que nenhum tom de acusacáo entrasse na conversa), e ela sem marido a sério, e sem poder casar, apaixonou-se loucamente.

- E o John Holland sabe-a toda - disse o pai, o sobrolho franzido.

- Talvez, mas agora só tem de conseguir a anulacáo do casamento anterior para que ela possa casar antes que a barriga se comece a notar.

John olhou para a filha e anuiu com a cabeca.

- Aquela criatura val ter que honrar a minha filha. Vamos casá-los e depois partem connosco.

- Partem, pai? En também vou?

John sentiu-se surpreendido com a sua própria resposta:

- Claro que vais. Vou-te casar com esse tal Joáo e vais ser rainha de Portugal!

E virando as costas, deixou Philippa a tremer no corredor. Partir? Com o pai? Num barco para Portugal? Casar, ter filhos, ser rainha?

Abanou a cabeca com forra para afastar a confusáo de ideias que de repente a deixavam tonta.

Lentamente, saltitando nas lajes brancas do corredor, e evitando as negras, Philippa sentiu que, afinal, talvez a sua vida só agora estivesse a comecar.

N

Londres, 5 de Junho de 1386

áo conseguia dormir. De uma vida rotineira e monótona, passara a um dia-a-dia chelo de emocóes. De um futuro triste e sem grata, a que já se conformara, passaram a acenar-lhe com um outro, com partidas e novos reinos. A esperanca de um trono.

Daqui a semanas partia. Mal embarcasse com destino a Castela, a Portugal, fosse onde fosse que o seu pai a levava, comprava um bilhete de ida. Tomava consciencia clara de que regressar a Inglaterra, para uma vida igual á que tinha, seria insuportável. Decididamente, esta viagem náo teria volta, desse por onde desse.

Só tinha pena de deixar para trás uma máo chela de pessoas. Francis era uma delas. Paradoxalmente, o desejo de largar de um porto em direccáo ao desconhecido acicatava o seu amor recalcado por aquele homem.

Náo resistiu a pegar na pena. Era da mínima decencia escrever-lhe. Um bilhete frio, conciso, em que se limitasse a dizer-lhe adeus. Endireitou-se e escreveu.

Meu Querido Francis,

Desde que lhe escrevi a primeira carta que a chama que deveríamos extinguir cresceu. Perdi o controlo. Nao consigo evitar sonhar consigo, nao consigo evitar falar de si. Imagino-me de novo escoltada pelo mais corajoso cavaleiro de

Inglaterra, a despedir-me de si nos degraus de casa da minha madrasta.

Acredito que todos me veem corra tal frieza de sentimentos que julgam que nao os tenho. Só Emma e Maud adivinham o que nao digo e mal me atrevo a pensar. Rezo por si constantemente e depois morro de angústia porque sei que nao posso rezar por nós. Posso rezar para que seja muito feliz, mas nao posso rezar para que seja feliz comigo, embora o faca ás vezes.

Sabe tao berra como eu que rezar por essa unido é rezar por um milagre, e temo que a minha fé vacile erra relacao a essa possibilidade.

Os rneus pais tinharn urna relacáo rnuito íntima e bastante rara nas relacóes comuns de casamento. Sempre espere¡ que talvez Deus também abencoasse o meu com a grata do amor. Depois de o conhecer, já só peco o contentamento.

Francis, independentemente do que o futuro me reservar, de ser escolhida ou nao para rainha de Portugal, o que sinto por si nunca irá desaparecer, sei-o agora. Mas tenho que aprender a viver com esse sentimento. Vou aprender a viver com ele. Com ele e sem si.

Francis, nao sou nova, e se soubesse que poderia viver consigo feliz e para sempre, talvez me angustiasse esta partida, mas na verdade partir parece-me a melhor solucao. Porque a verdade é que se nao posso estar consigo, então prefiro estar longe de si. Deus chama-me a cumprir a minha missao, e é cumprir a minha missao o que farei. Mas o meu querido amigo estará sempre nos meus pensamentos e no meu coracao. Mesmo que esse coracao fique um bocadinho portugués.

Despeco-me já porque nao sei se ainda o vou poder ver pessoalmente antes de me ir embora. Nao consigo evitar as lágrimas, nao consigo evitar desejar tocar na sua mao por uma última vez. Tenho medo. Tenho medo de estar consigo porque receio que me falte a forra para o deixar. E tenho medo de nao o ver porque penso que nao aguentaria sair desta minha terra sem olhar para os seus olhos mais uma vez.

Nao lhe posso pedir que venha ter comigo, por isso lhe peco que reze por mim, e que seja feliz, muito feliz. Por mais egoísta que isto seja, imploro-lhe mais urna coisa: que me guarde para sempre num canto especial do seu coracao.

Sempre sua,

Philippa of Lancaster

O criado entrou na sala com urna carta nurna salva de prata. Com urna pequena vénia, dobrou o joelho e apresentou-a a Philippa. Urna carta? O

coracáo da princesa acelerou. A letra era de Francis, indismentivelmente de Francis.

Agradeceu ao criado, que saiu depressa, e Philippa deu gratas a Deus por estar ali sozinha.

As máos tremiam tanto, que quase náo conseguia concentrar o olhar nas letras desenhadas. Pousou-a novamente, respirou fundo, e tentou readquirir a compostura. Contou até dez, e leu:

Querida Philippa, futura Filipa, Aprendi que em Portugal o seu nome se escreve assim, Filipa. Escrevé-lo magoa-me. Contra mim falo: tenho a certeza de que vai ser escolhida para rainha. Querida Philippa, nao duvido que seja sua missao ocupar um trono.

Tenho mesuro a certeza, por a conhecer tao berra, que vai ser a mais magnífica de todas as magníficas. Infelizmente sei também que toda essa gente vai olhar para os seus olhos curiosos e verdadeiros, e perceber a sua inteligéncia; sei que um segundo depois de lhes dirigir a palavra, entenderao que a rapidez do seu raciocinio, a sua vasta cultura, os seus conhecimentos geopolíticos, fazem de si uma mulher excepcional. Como outra nao há. Ponho as maos no fogo que o monarca portugués vai rapidamente tomar consciéncia da sorte que tem. Mas o que nao sei, aquilo de que nao tenho a certeza, é se aguento os ciúmes que essa ideia me provoca.

As imagens da minha princesa nos bracos de outro homem, enloquecem-me. Deveria estar agora, como cavaleiro que sou, a o ferecer-lhe palavras de seguranca e de incentivo, mas nao consigo dizer-lhe mais nada excepto que a adoro - mais do que esse tal Joáo algum dia a va¡ adorar. E que acredito erra si, como pessoa, como mae (que gostaria que fosse dos meus filhos) e como rainha.

Dói-me ouvir que espera ansiosamente que esse homem a escolha. Mas como posso culpá-la de desejar um destino que lhe deram no berro?

Se soubesse como luto contra o impulso de me precipitar para sua casa e cair aos

seus pés! De lhe implorar que nao vá. De pedir a sua mao erra casamento ao seu pai, que se¡ conhecer a forra do amor mesuro guando ele náo é lícito nem fácil. Caso me recusasse, pediria então que me deixasse alistar nos seus exércitos para poder estar sempre perto de si, protegé-la dos perigos que pode correr. Temo que para si o ditado «longe da vista, longe do coracao», seja verdadeiro. Preferia sofrer ao vé-la corra Joao, preferia acompanhar os vossos futuros filhos, a perdé-la para sempre.

Querida Philippa, rezo por si todos os dias. E espero que o seu coracao portugués ou inglés me pertenca pelo menos um bocadinho, para sempre.

O meu, é eternamente seu. Daquele que a ama mais do que a vida, Francis Beacon

Philippa subiu as escadas a correr e fechou-se no quarto. Olhando para fora da janela para o rio que corria, mordeu o lábio. Fora a carta mais

bonita que alguma vez recebera. Saber-se amada, era uma experiancia nova, que vira acontecer sempre aos outros, mas que parecia iludi-la constantemente. Mas náo podía brincar com os sentimentos de ninguém, muito menos de um homem táo admirável como Francis, alimentar aquela ligacáo, manta-lo preso, enquanto corria a procurar o destino noutro homem, noutro reino. Náo podía saltar de alegria uma noite, apenas porque o pai Talara na possibilidade de ser ela a escolhida de Joáo, e na outra chorar como uma crianca mimada porque a opcáo que tomara livremente a privava do amor de um outro.

Ou podia?

A

A caminho do porto de Plymouth, 30 de Junho de 1386

armada estava acostada no porto de Plymouth. Assinado o tratado e recolhidos os fundos, que Richard autorizara o Parlamento a conceder-lhe, John decidiu que era mais do que tempo de deixar os emissários e os generais de lado e partir ele próprio para as negociacóes com Joáo I.

- Constanza, a lista de mulheres que vai nesta expedicáo é táo grande, que

suspeito que náo terei lugar para um único soldado a bordo - disse desesperado ao ver as arcas que se amontoavam no átrio do palácio de Londres.

- Mas as mulheres sáo a tua melhor companhia e o ten maior trunfo -

responden Constanza, a quem a idade e a estabilidade do casamento trouxera um outro charme.

- Ficam todas na abadia mais próxima, porque náo vou andar a subir e a descer dos meus navios com um punhado de galinhas atrás, aos gritos para saberem se as roupas cabem todas no convés.

Philippa vinha a descer as escadas, com um último saco, e desatou a rir, pela primeira vez há dias. Os olhos ainda estavam vermelhos de chorar, as cartas de Francis apertadas no bolso, mas a ideia de partir tinha-lhe feíto bem. Estudara mapas e cartas, Chaucer e freí John deram-lhe aulas intensivas da história daquele pequeno país, e o poeta tinha insistido mesmo em pór-lhe no saco o seu Tratado do Astrolábio, que entretanto concluíra.

- Princesa, sei que náo o leu todo, nem vai ler, mas se calhar a atravessar o canal da Mancha, ou nesse país á beira-mar, vai olhar para este livro e perceber que contém os segredos de que precisa para vir a conquistar o mundo.

Philippa ficou-lhe grata: enquanto os outros a viam pronta para entrar no convento, sem grande talento ou beleza, Chaucer continuava a acreditar nela como alguém que ainda podia «conquistar o mundo». O pensamento era reconfortante.

Elisabeth vinha atrás de Philippa, com dois pobres criados dobrados sob o peso das suas «malas de viagem». Andava eufórica e feliz. Casara numa



cerimónia simples, e agora em lugar de ter de ficar a ouvir os comentários das maldosas damas, o pai propunha-se levá-la com ele - como se fosse um rapaz! - e ainda por cima deixara que fosse John Holland a comandar o seu exército.

- Com o gosto que aquele rapaz tem por andar á luta, e de arranjar sarilhos em todo o lado, o melhor é que vá comigo e lute por uma guerra que valha a pena,

em lugar de em duelos idiotas por dois rabos de saias -

protestara John, perante o nariz franzido de fúria da filha.

Mas náo eram as únicas a bordo: Catalina, é claro, tinha de ir - era uma miúda divertida, embora cheia de manías, mas Philippa e Elisabeth já a conheciam de ginjeira, e náo conseguiam deixar de rir ás gargalhadas com a pompa da irmá mais nova. Catalina encarava a viagem como um regresso á sua terra natal, e imaginava, como nos sonhos dos adolescentes, uma multidáo a aclamá-la e a levá-la em ombros - a princesa perdida finalmente reencontrada. De tal forma tinha sido catequizada neste delírio, que acreditava firmemente que todos os castelhanos odiavam Juan, o filho do Usurpador, que agora se sentava no trono, e esperavam o regresso de uma família real que náo punha os pés por aqueles lados há dezenas de anos. E

que ainda por cima descendia de um reí de má fama, Pedro, o Cruel, que só a cegueira da filha e a ambicáo do genro (e mesmo esse mudara de ideias. .) consideravam digno da sua defesa e homenagem.

Philippa e Elisabeth bem a tentavam chamará razáo, mas Catalina reagia sempre com lágrimas e fúrias, atirava-lhes á cabeca o que tivesse na máo.

Rapidamente as irmás Lancaster acharam que o melhor mesmo era náo se meterem no assunto.

Porto de Plymouth, 6 de Julho de 1386

Depois de umas noites mal dormidas na abadia de Plymouth, chegou a ordem de embarcar. O mar serenara e o vento, ao que parecia, estava de feicáo. John esperava-as no cais para lhes indicar quais as naus em que deviam embarcar. Eram mais de cem, porque á armada inglesa juntaram-se seis galeras de 300 remos cada, que o reí de Portugal enviara para transportar os reforcos. Além disso, John, que tanto se queixara da corte de mulheres que Constanza quería embarcar consigo, náo lhe ficara atrás, reforcando o seu exército de nobres e cavaleiros. Gente que tinha uma

dupla funcáo: primeiro lutarem como bravos, para depois se transformarem em cortesáos, mal o trono de Castela estivesse conquistado.

Anunciara recompensas em terras e títulos, e eles responderam ao apelo,

«alistando-se».

Philippa sentiu um aperto no estómago, e instintivamente procurou Francis entre os jovens que enchiam as docas. A máo do pai no seu braco fé-la voltar á realidade:

- Philippa, quero apresentar-te uma pessoa - disse, enquanto a arrastava ao encontro de um pequeno grupo.

Philippa viu uns metros á frente uma mulher que parecia da sua idade, cabelos cor de avelá, os olhos verdes como os do pai e de Elisabeth, e embora náo soubesse quem era sentiu dentro de si qualquer coisa a partir:

- Philippa, esta é Blanche. Como tu, também ela é minha filha. E este é o marido dela, Thomas of Morieux, um dos meus generais.

Philippa náo quería acreditar: que mais surpresas teria o pai? Sabia, desde que Maud deixara de a conseguir proteger das conversas das criadas e dos vassalos, que tinha uma meia-irmá, da sua exacta idade, chegara mesmo a vé-la nas exéquias da máe Blanche, quando alguém lha apontara. Mas náo gostava de pensar nisso.

Náo porque ter meios-irmáos fosse qualquer coisa de novo na sua vida, mas simplesmente porque Blanche - como é que aquela mulher se atrevera a dar tal nome á filha! - era a prova de que o pai nem sequer tinha sido fiel á sua máe, aquela que sempre o amara táo incondicionalmente e que ele, hipocritamente, dizia também ter amado.

Maud lembrava-lhe sempre que Blanche de St. Hilaire fora fruto de uma relacáo anterior, que o pai náo traíra a máe, porque náo tinha entáo nenhum compromisso com ela, mas Philippa náo conseguia acreditar em nada disto.

Blanche percebeu o embaraco de Philippa, e tomou a iniciativa de lhe estender a máo. Mais sensível do que o pai, encolheu os ombros e disselhe:

- Lady Philippa, temos o pai que temos. Vamos olhar para o futuro e náo para o passado.

Philippa gostou do sorriso franco de Blanche, e sorriu-lhe também.

Devagarinho, como era seu jeito.

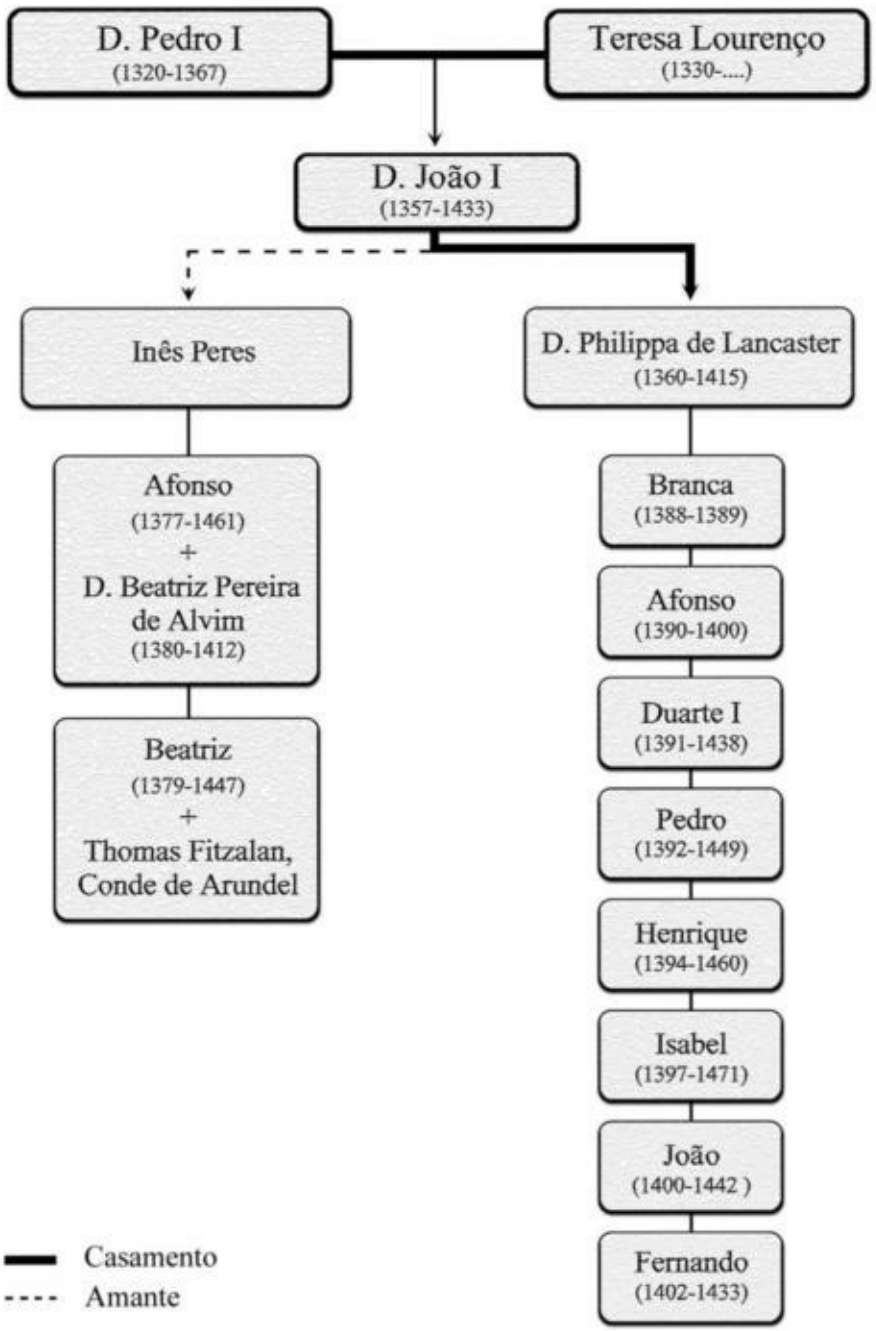
Subiram juntas as escadas para o barco, mas Philippa foi depressa encontrar um lugar isolado e protegido, para ver a largada.

Encostada á amurada, naquele dia 6 de Julho, via Plymouth transformar-se num ponto ao longe e pensou, com determinacáo: «A minha vida vai mesmo mudar, náo quero ser o patinho feio desta família, náo quero renunciar a viver e a mudar o mundo.» E lembrando-se de Chaucer e frei John, recordou-se que tinha um pedacinho de pergaminho que freí John lhe pedira para abrir só em mar alto. Estendeu a máo para a bolsinha que trazia á cintura, encontrou-a e abriu-a. Dizia apenas: «As estrelas náo mentem. Deixa-nos Philippa, duquesa de Lancaster, voltará Filipa, Rainha de Portugal.»

«Este país que agora é o meu.»

(1386 - 1415)

Dinastia de Avis



P

Oceano Atlántico, 17 de Julho de 1386

hilippa habituara-se depressa ao baloicar da nau, e já passeava pelo convés sem a

menor hesitacáo. Elisabeth e Catalina náo saíam do poráo, onde se lamentavam numa ladainha sem fim, em que Constanza e as suas damas faziam coro: do enjoo, dos ratos, do desconforto e da falta de uma tina de água quente para um banho decente. Maud, a sua fiel Maud, estava torcida e encolhida num canto, enrolada numa manta, pedindo á Virgem que lhe perdoasse o destemor de se aventurar, mesmo que atrás da sua menina, por mares nunca antes navegados. Philippa levava-lhe chazinhos de hora a hora, mas a pobre só lhe falava da casinha dos pais, e de como fora louco o dia em que decidira que o amor á sua princesa chegava para se atrever a tamanho disparate. A princesa ria, com um riso subitamente desprendido, como se a espuma que batia no casco do barco e o vento que enchia as velas, tivesse afastado de dentro de si todos os medos.

Philippa descobrira em si a vocacáo de marinheira, o gozo imenso do espato sem limites, a liberdade que nunca conhecera de náo ter paredes altas a cercá-la e protocolos a cumprir. Era filha do pai, sem dúvida nenhuma, e agora quando o via encostado á amurada com os olhos postos no horizonte, os ombros descontraídos e a palavra fácil, perdoava-lhe as auséncias constantes. Perdoava-lhe, até, aquele derradeiro dia, aquele dia em que a máe Blanche morrera sozinha, a chamar por ele. Quando olhava para o céu estrelado, com o astrolábio que Chaucer lhe fizera escorregar para as máos á despedida, tinha a certeza de que uma daquelas luzes era a da máe, que nunca deixara de olhar pelas filhas. E acreditava ver no caudal de luz dos astros, um presságio de que agora é que sua vida la comecar. Aos vinte e seis anos, isso mesmo, do outro lado do mar.

Durante o dia visitava a cabina do comandante e perdiam-se os dois em mapas estendidos na mesa de madeira, os dedos a percorrer percursos conhecidos, e a hesitar na extremidade de cada um, com a pergunta sempre presente: «E para lá daqui, o que será?»

Philippa sabia que o pai tinha os olhos nela. E que ao contrário do ligeiro desprezo que habitualmente pareciam conter sempre que se voltavam para si, brilhavam de orgulho.

- Miúda, onde é que aprendeste tudo isso? - indagava, e Philippa corava; que raiva, por que corava, denunciando o que quería tanto esconder?

A bordo de um barco, com dezenas de outras naus em redor, a caminho de um reino que acreditava poder fazer seu, John rejuvenescia. E revia-se na sua primogénita, que se náo se destacava nos salóes da corte, possuía estofo para ser

rainha. Rainha de Portugal. Estava certo disso.

Philippa náo pensava noutra coisa, de noite e de dia. Calada. Mas Elisabeth e a meia-irmá Blanche discutiam-no abertamente:

- Náo sejas parva, é claro que te val preferir a Catalina, que nem catorze anos tem. . e ainda por cima é pretendente ao trono de Castela! Achas que o homem náo teve sarilhos que cheguem com aquela gente?!? - exclamava Elisabeth.

- Cala-te, idiota. Náo vés que nesta casca de noz toda a gente ouve tudo? -

dizia-lhe Philippa, tentando tapar-lhe a boca com a máo, que Elisabeth mordeu sem hesitacáo:

- Mordeste-me!

- Pois mordi, a ver se acordas e deixas por momentos essas oracóes e esse astrolábio e tratas mas é da tua vida. . Fala com o pai, diz-lhe que queres casar com esse tal John, será alguma coisa que preste?

Blanche ria a bandeiras despregadas. O encontro com estas meias-irmás tinha sido uma surpresa especial. Criada sozinha com a máe, filha, mas náo legítima, de um homem táo poderoso que lhe metera sempre um bocadinho de medo; parte da grande família, porque John nunca a ignorara, mas sem conhecer nenhum dos seus numerosos irmáos; casada há cinco anos por determinacáo do pai com um homem que, gratas a Deus, amara desde o primeiro minuto, sentia-se um pouco como Philippa: talvez esta viagem fosse o princípio de uma vida nova, num país onde a sombra da bastardia náo a incomodaría mais.

Elisabeth náo a deixou entregue a pensamentos nostálgicos. Porque Elisabeth, confirmou Blanche com um encolher de ombros, náo suportava ser ignorada por um minuto que fosse:

- Blanche, és igualzinha á Philippa, náo sabes que a pensar morreu um burro? Diz lá, o ten marido chefia os nossos exércitos, temos alguma possibilidade de ganhar? O pai vai recuperar o trono. . que o pai de Constanza perdeu? - perguntou.

- Sei lá eu, Elisabeth. O Thomas náo discute essas coisas comigo, faz o que Sir John lhe manda. .

- Náo lhe chamas pai? - perguntou logo Elisabeth Blanche mudou de posicáo, para esconder o embaraco:

- Náo, chamo-lhe sir John, para mim, chega.

Philippa den uma cotovelada á irmá. Será que nada, nem dois casamentos e uma gravidez, lhe dariam um bocadinho que fosse de bom senso?

- Náo me mandes calar, Phil, que irritante. Vocés andam sempre cheias de terrores escondidos e de perguntas por fazer; náo é muito melhor perguntar directamente, e dar o assunto por arrumado? - protestou Elisabeth, o cabelo ainda mais ruivo á luz do sol que se punha no mar.

- Está bem, mas deixa a Blanche responder á pergunta. . O Thomas já conheceu o rei Joáo?

- Santíssima Virgem, com o pai John, o meu John, e o ten Joáo, fora o Juan de Castela, a coisa val Picar linda; será que náo há mais nomes na terra? -

interrompeu de novo Elisabeth.

- De facto - concordou Blanche - as conversas váo Picar confusas. Bem, pelo que o Thomas (ao menos o meu náo é John!) me disse o rei de Portugal é um «Joáo 1», acho que náo houve outro Joáo antes dele.

- Mas o Thomas conheceu-o? - perguntaram-lhe em coro as duas irmás.

- Conheceu! Esteve em Portugal em Aljubarrota com os homens de Sir John, e aliás foi por isso que Sir John lhe pediu que comandasse agora este exército. E. . tenham calma, já conto, diz que ele é inteligente, um soldado corajoso, capaz de ouvir os outros. .

- E é giro? - interrompeu Elisabeth

- Achas que o Thomas repara nessas coisas? Náo disse que era feio nem falou de nenhuma deformidade, mas também náo fez descricóes de belezas, era o que mais faltava!

- É mais velho do que eu, tem 29 anos, o pai diz que faz 30 em Agosto.

Talvez a Elisabeth tenha razáo, talvez me escolha a mim, atre veu-se Philippa, embalada pelo calor da conversa, para logo se arrepender. Que vergonha, abrira demasiado os seus sentimentos, se agora o tal reí Joáo preferisse Catalina ficava, mais uma vez, como a rejeitada, a solteirona em

quem ninguém quería pegar. Deveria era fingir- -se totalmente desinteressada. Se fosse como a irmá mais nova, a esta hora já tinha contado, a quem a quisesse ouvir, que náo era assim, que Francis lhe pedira para ficar, que se quisera atirar aos pés do pai para lhe pedir a máo em casamento. Que era amada. Mas náo podia trair os seus sentimentos, muito menos agora. Agora era importante que nada manchasse a sua reputacáo, sobretudo quando tinha a certeza de que já a olhariam com desconfianca, sendo filha de quem era. .

Elisabeth, que ao contrário do que a irmá julgara Picara, sim senhora, mais sensível com a idade, abracou-a, fazendo-a cair para trás para cima dos colchóes empilhados, murmurando-lhe ao ouvido:

- Náo te arrependas do que disseste, mana querida, é mais do que tempo de seres feliz, e aposto que vais ser a melhor rainha que esse tal país já teve. Faz o que te digo, deixa o pai perceber o ten interesse. .

Philippa sentiu os olhos picarem e as lágrimas prontas a saltar, mas ao contrário do que seria seu hábito deixou-se ficar no abraso de Elisabeth, e adormeceram assim.

Por muito bem-intencionados que fossem os planos para a salvacáo da sua alma, Philippa náo sonhou com Joáo, mas com Francis.

Vira-o na última noite antes de embarcar. Sentira umas pedras contra a vidraca da cela do convento onde pernoitavam antes de embarcar.

Levantara-se para tentar perceber o que era, e o seu coracáo disparara a mil á hora: Francis, o seu Francis, estava lá em baixo, e acenava-lhe em gestos silenciosos para que descesse. Teria coragem? Ainda hesitou, mas náo conseguiu resistir. Vestiu o manto de viagem, puxou o capucho bem por cima da cara, saltou por cima do colcháo onde Catalina dormia a sono solto, e abriu a porta. Náo conhecia aquele convento, só lá estavam há uns dias, o mais certo era ir parar á cela da madre superiora, ou encontrar alguma em oracáo num dos oratórios espalhados pelos corredores. Mas com uma determinacáo que sabia que tinha desde que aos cinco anos percorrera os corredores escuros do Castelo de Burford na noite em que a irmá nascera, lá foi tacteando o caminho, seguindo a corrente de ar que estava certa a conduziria a uma porta para a rua.

- Francis, o que faz aqui, a esta hora? Náo acredito, náo acredito, quería tanto vé-lo, mas. .

Francis náo lhe responden e puxando-a para a sombra das árvores,



abracou-a e beijou-a na boca com forra, um bello, um primeiro beijo a que ela se rendeu com paixáo. Tocara-lhe, como nunca ninguém lhe tinha tocado, e Philippa sentira o que nunca sentira antes. No sono gemeu, e procurou uma nova posicáo no colcháo duro, embalado pelo mar.

Depois empurrara-o e fugira. Sem uma palavra. Náo se voltara para trás uma única vez, mesuro quando sentia os seus passos mais próximos, e a sua voz ofegante a chamar por ela. «Philippa, Philippa», dissera ele, a voz trémula, táo chela de desejo, desejo igual ao seu. Fechara atrás de si a porta por onde saíra, e deixara-o desesperado a bater com os punhos nas traves de madeira, indiferente ao que lhe poderia acontecer. Quando se deitara ofegante na sua cama, na sua cela, a respiracáo de Catalina táo serena como quando a deixara minutos antes, pensou em Joáo de Portugal.

Tapando a cabeca com a almofada, chorou amargamente, e no entanto, náo era um choro de desespero. Philippa acreditara no que o pai lhe dissera no corredor da casa de Londres. Francis náo tinha nada para lhe oferecer, mas talvez Joáo - e tentava pronunciar a palavra como Lourenco lhe ensinara - tivesse. Com a Graca de Deus.

Catorze dias no mar náo se esquecem por se pór um pé em terra.

Philippa, as irmás e atrás delas as damas e camareiras, invadiram o convés do barco, ao grito de «Terra á Vista». Constanza já lá estava há muito, empertigada junto da amurada, vestida nos seus trajes mais ricos, o encarnado-escuro da realeza no manto que lhe cobria os ombros, mesmo naquela manhá de calor imenso. Táo elegante, que quem a visse esquecia que a rainha de Castela passara duas semanas no poráo de um barco minúsculo. Mas Constanza ansiara por este momento acima de todos os outros, e fora a esperanca neste dia que a mantivera viva na solidáo dos longos anos fechada num castelo murado, num país que náo era o seu, numa aldeia longe de tudo, invariavelmente rodeada de um detestável nevoeiro. Agarrara-se a ela durante quinze longuíssimos anos, e só a fé em Deus e na promessa que John lhe fizera de reconquistar o trono que fora usurpado ao seu adorado pai, a mantivera viva, mesmo quando o seu bebé varáo lhe morrera nos bracos e a doenca a tornara estéril. Mas hoje comecava um novo tempo: os usurpadores morreriam á espada dos ingleses e dos portugueses, bem como os traidores dos seus apoiantes, e seria acla mada pelo poyo e reconduzida ao poder. Ela e John, claro. Desde

que aquela horrível inglesa desaparecera da sua vida, o marido mostrara-se menos frio e distante e sobretudo, e era isso que importava, de novo apaixonado pela ideia de vir a ser, de facto, rei de Castela e Leáo.

No pequeno porto de Finisterra, uma multidáo reunira-se para ver chegar a frota imensa de barcos, mais de cem, a bandeira inglesa icada nos mastros mais altos. Mas náo era a única: ao lado baloicava á brisa fraca uma outra desconhecida, que reunia as insígnias inglesas com as de Castela. John insistira em mandá-la desenhar para este desembarque, para a reconquista, apesar do protesto de Constanza. Que o glorioso reino de Castela e Leáo se bastava a si mesuro!

Sempre era verdade, entáo, que os ingleses chegavam para conquistar o país, para o devolver á princesa Constanza, comentavam.

- Sáo mas é todos iguais como gotas de água, e vai a gente meterse em guerras para trocar um Juan, por um John! Ainda por cima um homem daquela rata de gente que rouba adegas, se mete com as mulheres, deixando-as sozinhas e prenhas - dizia um dos pescadores.

- Aguentam mal o vinho, que lá na terra deles devem mamar o leite das vacas, para chegarem aqui táo tenrinhos que dois copos de tinto os deitam abaixo - refilava alto um outro, enquanto se dirigia para o seu barquinho aportado. Já agora talvez pudesse ajudar a transportar aquela soldadesca para terra, e ainda ganhar algum com a loucura dos outros!

Pelos vistos, a maioria daquela gente pensava o mesuro. O guardiáo da fortaleza do porto entregou-a sem resisténcia alguna, como lhes prestaran instantánea vassalagem o poyo e os senhores da terra com que se foram cruzando até Santiago de Compostela para onde a comitiva de Gaunt se dirigia. Constanza rejubilava nos acenos que recebia, nos presentes que lhe traziam, e passava por entre os grupos que se juntavam montada num cavalo engalanado, respondendo aos cumprimentos com uma alegria contagiante. Catalina montava ao seu lado, como troféu, porque a sua beleza era de facto estonteante, e quando fazia por isso o seu sorriso era capaz de conquistar o coracáo dos rapazes da Galiza, e a simpatia de todas as máes que a imaginavam já como soberana dilecta.

Elisabeth animava o pequeno grupo em que seguia Philippa e Blanche, com os seus habituais comentários sarcásticos:

- Al, al a nossa Catalina, vai apanhar muito da vida.

- Náo sei se ela é assim táo diferente de ti com aquela idade - comentava

com um sorriso trocista Philippa, que recuperara Maud para dentro da sua carruagem. E Maud, apesar do enjoo que ainda sentia, sorriu pela primeira vez de há semanas para cá.

- Cala-te! Alguna vez tive aquela pose? Olha para ela a acenar a uma multidáo que náo faz a mínima ideia de quem ela é, como se fosse já rainha. . - retorquia Elisabeth, aproveitando o pretexto para deitar a cabeca de fora da carruagem e sentir o prazer de atrair imediatamente sobre si o olhar da populaca. Era linda e quería mostrar-se. E as gentes galegas queriam ver.

Philippa olhava pela janela do lado oposto, escondida por detrás da cortina, e

maravilhava-se, como sempre se maravilhara desde pequenina, com os pántanos, as árvores altas e sobretudo o céu azul, azul, de um azul como nunca tinha visto igual.

Marcharan sobre Santiago de Compostela, cidade santa, sem qualquer resisténcia, e quando Philippa e a sua pequena comitiva entraran na abadia frente ao terreiro principal da cidade, já o pai pusera fora o arcebispo leal ao Papa Clemente e o substituíra por outro fiel ao Papa Urbano, o único que John reconhecia como «verdadeiro».

Nessa noite a praca estava chela de soldados que, sem alojamento, aproveitavam o calor de Veráo para se deitarem como podiam, por ah, ou nas escadarias das igrejas e das casas de pedra.

Philippa estava fascinada pela abadia imensa como nunca vira nenhuma, e pela grandiosidade que a pedra concedia a cada casa, a cada monumento. Apesar da sujidade das ruas estreitas, havia uma alegria no ar que náo conhecia - ás vezes parecia reconhecer uma palavra ou outra, mas mesuro sem entender nada do que diziam, era possível seguir as conversas porque falavam muito alto e con gestos muito expressivos. A formalidade inglesa estava longe daquele canto do mundo, pensou.

E se Joáo era assim, expansivo e barulhento, sem se preocupar nem muito nem pouco com o que os outros pensavam dele, e a achava uma desbotada insípida? Parecia táo branca e deslavada ao pé destas mulheres de pele escura, cabelos pretos muito sedosos, olhos enormes e bocas que faziam questáo de pintar para tornar mais sensuais. Que raiva, era Philippa of Lancaster, da Casa Real dos Plantagenet, náo podia importar-lhe a opiniáo de um bastardo que a forra da espada, ou a inteligéncia de um conselheiro, tinham icado a reí. Mas importava-se. Quería ser a mulher muito amada de alguém. E ter filhos, de quem seria, por muitos e longos

anos, uma máe como a que táo cedo tinha perdido.

Estava a Picar sentimental - devia ser das vozes que cantavam pelas ruas, e a que se juntavam os vozeiróes dos soldados do pai, já completamente bébados. O calor fazia sede, e a sede pedia vinho. . e vinho náo faltava em Santiago.

A porta da cela abriu-se de repente, e Elisabeth entrou a rir, atirando-se para cima da esteira. A gravidez deixava-a ainda mais bem disposta, pensava com

uma ponta de inveja a irmá. Atrás dela vinha uma Catalina de olhos faiscantes, visivelmente a reagir a um insulto da meia-irmá. Gritava em castelhano, porque desde que pusera pés no «seu» reino recusava-se a falar outra língua, e dizia, esbaforida:

- Aqui a princesa son eu, ouviram? Vocés as duas é melhor habituarem-se a serem apenas as meias-irmás da princesa Catalina. D. Filipa e D.

Isabel, apenas isso.

Elisabeth soltou mais um bando de gargalhadas ao perceber que Catalina as quería converter nas gatas-borralheiras da história, mas Philippa olhou para fora da janela, e baixinho, tentou pronunciar: FILIPA!

J

Castelo de Landim, 5 de Agosto de 1386

oáo já sabia da chegada dos ingleses. Depois de tras anos e dois meses fora do reino, Lourenco Fogata e Fernando Afonso de Albuquerque tinham desembarcado com John of Gaunt na Galiza, mandando dizer que vinham o mais depressa que os dois cavalos comprados no porto de Finisterra lhes permitissem.

Na pequena sala da torre de menagem, Joáo estava rodeado dos seus homens, chegados com ele de patrulhar as fronteiras, eliminando as bolsas de resisténcia espanhola que ainda pudessem restar. O reí estava longe de ser ingénuo e sabia bem que uma batalha náo decidía uma guerra, que os vizinhos eram de sangue quente, e náo se deixariam ficar. Ainda menos agora, que corria o rumor da sua alianca com o pretendente ao trono de Castela.

As botas atiradas para um canto, Joáo aquecia os pés a uma lareira que ardia apesar do ar abafado de Agosto, que parecia anunciar uma enorme trovoada.

Sentia-se inseguro e dividido, o que nele náo era propriamente um trato de carácter, embora ás vezes os mais próximos o acusassem de ouvir demasiadas vozes antes de tomar uma decisáo. Mas o seu velho conselheiro Joáo das Regras bem lhe dizia que mais valía ouvir antes, do que ouvi-las depois.

Náo era dado a melancolías, mal seria se fosse, pensou rindo para dentro, filho bastardo como era de um reí que obrigava os nobres a beijar a máo da mulher morta e que jurava ter amado mais do que nenhuma outra, mas que esquecera pouco depois nos bracos de uma galega. Teresa Lourenco, a sua máe! Fora um bastardo, mais um no final de uma longa linha de meios-irmáos bastardos, e embora náo se pudesse queixar de ter sido ignorado, também náo tinha memórias de uma infáncia particularmente feliz.

Ficara a cargo do avó materno, que cuidara dele de uma forma distante, talvez porque soubesse que aos dez anos deveria entregar o neto á Ordem de Avis. Ser mestre, táo novo, por consequéncia única de ter nascido filho

de um rei, dera-lhe um estatuto de menino mimado, a quem ninguém se atrevia a levantar obstáculos ou objeccóes.

Sempre adorara catar, pensou, enquanto rodava os pés para que secassem do outro lado, como o javali que assava ali ao lado no espeto.

Fora numa dessas montaras, em que rodeado pelos amigos corria as terras do Alentejo, usando e abusando da generosidade do poyo que se sentia sempre estupidamente lisonjeado por ver passar um pobre bastardo de sangue real, que vira Inés Peres. Quería lá saber se a sua história com ela se assemelhava ás que a ama lhe contava quando ainda era muito pequenino: vira-a a lavar roupa num rio em Veiros, e apaixonara-se. A rapariga levantara para ele um rosto lindo, mas chelo de raiva e fúria, porque os «idiotas», como chamara aos cavaleiros que atravessavam o rio a galope, sujavam os lencóis que secavam nas margens do ribeiro. Talvez fosse aquela expressáo de fúria que o atraíra, ou a que achara grata, sabia lá ele, farto que estava de mulheres submissas de olhar casto, posto no cháo.

Fosse como fosse, desmontara e pedira-lhe desculpa. A rapariga, de olhos muito azuis que o cabelo muito preto e a pele queimada tornavam ainda mais azuis, travara por instantes os insultos. Estava ali sozinha, bem lhe dizia e repetia o pai que os seus punhos constantemente cerrados e a sua Pala fácil só lhe trariam sarilhos.

Os outros conheciam os hábitos deste mestre que aos dezassete anos partia coracóes, e roubava a virigindade ao sabor do desejo, e apressaram as montadas para longe.

- Encontramo-nos na estalagem - gritara um, e a rapariga ficara em pánico, percebendo que desta vez o perigo era real.

Mas João náo trocou da rapariga nem a tomou logo ali, até ele próprio estranhou. Beijou-lhe a máo num gesto cavalheiresco, ajudou-a a recolher a roupa, pediu-lhe de novo desculpa, passou-lhe para o bolso do avental urnas moedas, e perguntou onde e como a podia voltar a ver. E que lhe dissesse o nome.

Que desespero, pensou, recolhendo as pernas do fogo e embrulhando-as numa manta. Que irritante que o nome dela fosse aquele. «Inés», respondera ela. E até hoje, sabia que o seu poyo dizia á boca calada que ele caíra no lato de uma Inés, porque a rapariga tinha o nome da outra, daquela que ensandecera o seu pai.

De repente levantou-se: decidamente náo era hora de se perder em nostalgia. A história contava-se em duas palavras: amara ou desejara, sabia lá ele, Inés Peres, de Veiros, trouxera-a consigo para Lisboa, fizera dela sua amante, e ela em agradecimento dera-lhe dois filhos, logo o primeiro varáo, um Afonso táo forte e corajoso como os antepassados com o mesmo nome, e Beatriz, uma rapariga delicada e dócil, quando tudo la a seu contento, mas com a mesma fúria fácil da máe sempre que lhe pisavam os calos. O

pai de Inés, um cristáo-novo, deixara crescer a barba de vergonha, e nunca aceitara dele nenhuma compensacáo, nem terras, nem títulos, nem promocóes.

E, quanto a isso, nada o punha mais fora de si do que ouvir Nuno Álvares Pereira, o condestável do Reino e aquele a quem devia vitórias após vitórias, dizer-lhe, naquele seu tom pausado e sério:

- Joáo, esse homem é um exemplo, com quem bem podias aprender alguma coisa!

Insuportavelmente arrogante o raio do Condestável. Até aqui, em Landim, onde todos o tratavam como o reí aclamado pelo poyo que já há dois anos era, e aquela frase de Nuno ainda tinha o condáo de o enervar. O

raio do miúdo, mais novo do que ele, ainda por cima, a dar-se ao luxo de comentar o seu comportamento. De insinuar que o louco do Peres de Veiros era mais digno da atencáo do Altíssimo do que ele, em cujas veías corria sangue azul.

Por que lhe dera para pensar nisto tudo?, pensou chegando-se á seteira virada a norte e procurando no lusco-fusco do dia vislumbrar dois cavaleiros solitários. Nada. Náo era preciso ser vidente para perceber por que é que Inés lhe regressara com tanta forra aos pensamentos. John of Gaunt vinha oferecer-lhe, em troca do seu auxílio contra Castela, uma das suas duas filhas em casamento. Já náo lhe servia para nada, o pretexto que já várias vezes utilizara de que os votos de castidade a que ser mestre o obrigavam. Afonso e Beatriz eram a prova viva de que há muito os esquecera, se é que alguma vez os tinha lembrado!

Sabia mais, sabia que a alianca pela cama com a Casa Real inglesa era um passo de gigante para o seu reconhecimento pelas outras casas reais.

Precisava, e quería, que lhe dobrassem o joelho como a qualquer outro soberano da terra inteira. Logo para comecar náo podía dar-se ao luxo de ser menos do que o rei de Castela e Leáo - fosse ele Juan, ou Constanza e John of Gaunt!



Decididamente tinha que casar, e que lhe importava isso? Náo havia mulher nenhuma no mundo que o impedisse o gozo das bataIbas, o prazer das montarlas, a liberdade de se mover pelo reino. Agora o importante era escolher a melhor das duas. .

A noite caía sem sinais de Lourenco ou de Fernando. - Os portugueses passam trés anos em Inglaterra e já nem aguentam um copo de bom vinho.

Devem ter adormecido sobre a mesa da ceia e ainda lá estáo a roncar -

diziam os cavaleiros de Joáo, divertidos.

Por aquele castelo de Landim, deitados em esteiras, ou lá fora no terreiro a céu aberto também eles acabaram todos por adormecer.

Joáo acordou com os gritos guerreiros de uma crianca, e o som da lámina de espadas que se batiam uma contra a outra. Levantou-se de um salto e olhou pela janela que dava para o terreiro central do castelo - e o que viu encheu-o de orgulho. O seu filho Afonso, cabelos aloirados por um Veráo passado ao sol, alto para os seus nove anos, forte como um touro, esgrimia com uma agilidade espantosa contra a espada de Crespim, o seu mestre.

Era também ele bastardo, mas nunca tinha sofrido como o pai porque náo havia concorréncia, náo existiam irmáos legítimos para lhe rirem na cara e lhe passarem na precedéncia no campo de bataIba ou na mesa da sala grande. Aos seus olhos, aos da sua pequena corte, e aos do poyo era o seu herdeiro, mesmo que a Igreja lhe torcerse o nariz. Mas a Igreja estava meio desorientada, Joáo 1 também náo fazia, certamente, parte dos planos de uma hierarquia constituída pelos segundos filhos de uma nobreza nacional mais próxima de D. Fernando e de Castela do que deste rei novinho em folha, rodeado de zés-ninguéns e com um desprezo constante por quem tinha linhagem e direitos adquiridos.

Afonso continuava a licáo no paco que um dia havia de ser seu. Como reagiria a uma madrasta, a irmáos legítimos, depois de nove anos, uma vida inteira para uma crianca, persuadido por toda a gente que o rodeava de que o trono estava ao alcance de uma legitimacáo papal?, perguntou-se Joáo. Afinal ele próprio a recebera e estava aqui por isso.

Mas náo podia deixar que o medo da reaccáo de um filho temperamental coagisse o destino de Portugal - era rei, o primeiro de uma nova dinastia,



que precisava de herdeiros de sangue real tanto do lado da máe como do pai. Filhos, varóes, que continuassem a sua linha.

Os remorsos antecipados fizeram-no gritar, a voz forte chegou lá baixa com o eco das muralhas grossas por entre as quais passara:

- Afonso! Chega cá.

O rapaz olhou para cima, os olhos brilhavam-lhe. Náo distinguia a seteira de onde viera o som, mas era o pai que o chamava, tinha a certeza.

Subiu os degraus das escadas da torre dois a dois e segundos depois, a cara afogueda, estava direito e sério frente a sua Majestade, que comía uma broa e bebía uma caneca de leite quente.

- Pai? - perguntou.

Joáo puxou-o para os seus joelhos, sentou-o e abracou-o, como se o quisesse

proteger do que al vinha. Mas náo podía. E tinha razóes para ter medo, porque Afonso era suficientemente ambicioso e seguro de si para arranjar maneira de virar a vida a seu favor. Custasse o que custasse, por cima de quem fosse preciso trilhar. .

Joáo já descera para as cavalaricas, quando ouviu o ruído de cascos num galope aberto. Lourenco e Fernando chegavam finalmente, que estava quase a despedi-los do posto. Conforto a mais fizera-os esquecer o selim de uma besta, desconfiava.

O estado lamentável em que os pobres homens chegaram revelava bem que náo se enganara. Nem de pé se tinham, e os soldados de Joáo tiveram que os apoiar até que se sentaram no banco corrido da sala grande.

Fernando limitava-se a acenar com a cabeca, porque a conversa ficava toda a cargo da língua rápida de Lourenco, que de vez em quando metia pelo meio palavras em francés, ou mesmo em inglés, que faziam rir o reí.

Lourenco contava tudo, o essencial e o acessório - falava de John of Gaunt com uma admiracáo desmedida, e desmentia a ideia que há muito chegara á corte portuguesa de que era um devasso, sempre pronto a correr atrás de um rabo de saias. Que náo conhecera a tal Katherine, mas que as filhas de Gaunt falavam dela com admiracáo e imenso afecto, o que considerava sinal mais do que suficiente de que fora, pelo menos, uma

preceptora muito amada. Quanto a Constanza e a Catalina torcia-lhes o nariz sem disfarcar o seu desprezo: umas pomposas, que nem quinze anos em Inglaterra tinham levado a aprender o uso e os costumes. Convencidas de que o poyo castelhano as esperava ansiosamente, cá para ele, estavam prontas a levar um merecido balde de água fria, embora se confessasse espantado com a total auséncia de resisténcia que as pracas-fortes galegas tinham demonstrado á chegada dos ingleses. O que, conhecendo o seu ódio a Castela e Leáo, talvez náo fosse afinal assim táo difícil de entender.

A certa altura, inebriado pelo álcool e pela adrenalina provocada pela sua própria voz, teve a desfacatez de se voltar para El-Rei e dizer:

- Que me desculpe Vossa Majestade por me meter onde náo son chamado, mas náo hesite. Quando lhe derem a escolher entre D. Filipa e D.

Catalina, escolha D. Filipa. Garanto-lhe que Pica mais bem servido.

Felizmente João ainda náo tinha os tiques daqueles que desde crianca sáo tratados com cega vassalagem, e soltou a cabeca numa longa gargalhada.

- Andava en preocupado, sem saber por onde me decidir, e os conselheiros do reino a dizerem-me para escolher a mais nova, a mais bonita, aquela que me poderia dar um ascendente sobre Castela, e vens tu, ó Lourenco, com o assunto já resolvido!

Lourenco sentiu-se empalidecer, e a gargalhada dos outros homens reunidos na sala só serviu para o deixar ainda mais cabisbaixo. Mas a pergunta seguinte do rei, f¿-lo esquecer a recente timidez:

- E é boa? Boa de carnes, de feicóes, de corpo? Dizem-me que é feia e anda sempre de terco na máo.

Lourenco recordou, como um relámpago, todos os seróes passados em Londres, como a princesa o recebia sempre com um meio sorriso discreto mas caloroso, como as conversas eram pertinentes e divertidas, como Philippa sabia tanto sobre a política e as guerras dos poyos quanto sobre as rotas do comércio, os preso dos mercados, a situacáo das gentes que trabalhavam a terra, e do perigo das revolucóes, que sofrera na pele.

- Então, homem, ficaste sem pio?

- Náo, náo é bonita. É pálida, é discreta, e piedosa, mas só por fora. .

- Lourenco Anes Fogata, vens-me desse reino distante um poeta! Mas alguém quer olhar para dentro de uma mulher que nos desgosta por fora?

- disparou a rir Joáo.

- É inteligente, lé e escreve fluentemente em latim, francés e inglés. Tem gosto pela aventura; Vossa Majestade havia de a ver de astrolábio a olhar os céus. É recta, leal, submissa, mas também determinada quando senté que as suas conviccóes estáo em causa. É a rainha de que Portugal precisa. .

- Se náo lhe acrescentasses essa última frase, já te julgava a apartá-la para ti - disse, atrevido, um dos escudeiros.

Mas João Picara interessado. Mulheres brancas e pálidas, com ar enfermito, náo faziam o seu género, e aquela que Lourenco lhe trouxera numa miniatura, correspondia na perfeicáo a esse tipo, algo repelente.

Pensou nos cabelos negros de Inés espalhados na almofada branca, o rosto ainda chelo do prazer que lhe tinha dado, e sentiu um aperto no peito: estava condenado para sempre a fazer comparacóes?

Fernando aproveitou o siléncio para falar:

- D. Filipa, como diz o Lourenco, náo lhe saltará certamente ao pescoco como uma moca do campo (e pensava em Inés), mas saberá falar com os embaixadores como nenhuma outra, e discutirá presos e vantagens comerciais com os negociantes, táo bem ou melhor do que qualquer regedor da fazenda. O Lourenco tem razáo quando lhe diz que é a mulher que faz falta ao reino.

Joáo das Regras chegara, entretanto. Sempre discreto, subira com alguma dificuldade as escadas e encostara-se a um dos pilares de pedra, a ouvir a conversa. Viera logo que soubera do desembarque, e estava interessado nos conselhos dos dois embaixadores. Sabia que a sua relacáo com João era a de um pai com um filho adolescente. De um pai que sente sempre que os seus apelos á disciplina e ao trabalho caem em saco roto, por isso achava por bem deixar que outros dissessem o que ele pensava.

Mas quando Fernando se calou, den sinal da sua presenta:

- El-Re¡, aqui me tem!

João levantou-se de um salto para o cumprimentar:

- Que bom vé-lo por aqui, e obrigado porque sei que lhe custa vir de táo longe. Ouviu esta conversa?

- Ouvi e tenho pouco a acrescentar-lhe: D. Filipa é a primogénita do rei de Castela e Leáo, mas mais importante do que isso, é uma princesa

inglesa, prima direita do rei Ricardo II, com quem temos feito acordos táo proveitosos, e a que devemos em grande parte náo estarmos aqui todos hoje sob o estandarte de Juan. Se aceita, ou o pai por ela, casar com um rei ainda recente, esse rei deve aceitar a proposta feita, a fim de se tornar mais rei.

João já estava impaciente: que cambada de casamenteiros. João das Regras dava-lhe, de facto, vontade de se tornar num miúdo malcriado e rebelde. Já percebia a quem saía Afonso! Mas voltou ao ataque:

- Por que há-de o vosso pobre soberano ser obrigado a desposar uma velha de 26 anos, quando pode escolher uma beldade de 14 anos? -

disparou.

O siléncio foi total. Nem Lourenco se atrevia a dizer nada. E para espanto geral o comentário velo de um dos soldados que guardava a porta:

- De Castela nem bom vento, nem bom casamento! - murmurou.

Toda a gente riu, esquecida felizmente de que Sua Majestade era filho de uma dama daqueles lados. .

- Com essa o assunto fica resolvido. Venha a tal Filipa, se as condicóes que o pai da princesa tiver para oferecer forem condignas - retorquiu o rei, o riso ainda nos lábios.

O pequenino Afonso que estivera, invisível, encostado na sombra de uma tapecaria, den de repente sinal de si. Joáo ainda lhe estendeu uma máo, mas o filho virou-lhe ostensivamente as costas e desceu as escadas a correr, as botas cardadas a bater com propositado ruído pelos velhos degraus de carvalho abaixo.

Joáo ficou por segundos perplexo:

- Birras de miúdo - justificou perante os outros.

Mas Joáo das Regras náo sorriu como os demais.

P

Mosteiro de San Rosendo, Celanova, um Tongo Veráo, 1386

hilippa achava tudo estranho. O pai, agora esquecido da sua ascendencia inglesa, recebia o tratamento de reí de Castela e Leáo de súbditos aparentemente depressa esquecidos das suas antigas fealdades.

Os soldados tinham tomado as principais pracas-fortes da Galiza. Como é que náo acontecía nada, ninguém se revoltava, Juan de Castela náo mandava nem embaixadores nem exércitos, e Joáo de Portugal, por seu lado, continuava sem aparecer?

Elisabeth bem dissera:

- Esta gente mais do que amar o pai, que náo conhecem de lado nenhum, deve é odiar quem os governa.

Pelo que a velha ama Maud contava, que depressa se ambientara ao convívio com as criadas daquela terra distante, era de facto verdade que o poyo galego náo se considerava pertencente a Castela e levava a mal o seu domínio. Talvez em John e Constanza vissem a possibilidade de melhores dias, ou talvez quisessem somente provocar Juan. Qual das duas hipóteses era a certa, ninguém parecia saber dizer-lhe.

Catalina, felizmente, náo ouvia as conversas das irmás, entretida que andava junto da rainha sua máe em entediantes cerimónias religiosas e recepcóes da nobreza local, num esforco para angariar aceitacáo e apoios.

John acompanhava-as, e parecia entretido com todo aquele «social» que em Inglaterra detestava.

Quanto a Philippa rezava na igreja da abadia, uma igreja enorme e rica.

E no meio das oracóes em latim que sabia de cor e salteado, náo resistia a introduzir umas preces muito suas: afinal por que é que Joáo de Portugal náo dizia nada? Náo vinha ao seu encontro?

Deus ouvira-a, como ouvia sempre, garantía Maud, e a prova estava na carta que finalmente chegou. Uma carta de Joáo 1, reí de Portugal.

Proclamava que estava muito feliz com a chegada da família e dos exércitos de John of Gaunt, garantía que vinham ao encontro dos seus desejos, mas que retido pelos afazeres do reino só podía marcar as conversacóes lá para o Outono. Dava também conta de que escrevera ao Papa a pedir

dispensa dos seus votos de castidade, e aguardava uma resposta breve.

Quando o pai lhes lera alto essa parte, Elisabeth apertara com forra o braco da irmá piedosa: havia aquí muito tema de conversa!

Foi Elisabeth que, nessa noite, depois de um encontro com o marido vindo directo da caserna, lhe contou o resto:

- Náo metas na cabeca que o tal Joáo anda a adiar o compromisso. Diz-me o John, o meu, que os soldados daqui lhe explicaram tudo.

- Soldados galegos a explicarem o que val na cabeca do reí de Portugal? -

perguntou Philippa num tom cínico.

- Deixa lá a porcaria do cinismo, Philippa, que além do mais te fica mal; para isso mais vale o Livro das Horas e o astrolábio!, e ouve-me mas é. É

que os soldados ingleses pelos vistos náo deixaram boa impressáo das últimas vezes que entraram em Portugal.

- Mas ajudaram-nos a vencer em Aljubarrota e. .

- E ajudaram-nos, sobretudo, a beber o vinho que é o sustento de muitos deles, e ajudaram-nos roubando-lhes a virgindade das filhas, e deixando-as grávidas de filhos seus, e ajudaram-nos tomando e arrasando as suas aldeias. .

Philippa tapou a boca com a máo, um sentimento imenso de vergonha e horror:

- O pai náo pediu desculpa?

- Sei lá se pediu! Ninguém se lhe deve ter queixado oficialmente. Achas que iam dizer «oh senhor John obrigadinha por estes rapazes que estáo dispostos a morrer no fundo de uma lanca castelhana, mas veja lá se os ensina a ficarem-se pela cidra quente e a guardarem as armas para si. .»

- Chega, Elisabeth, náo precisas de ser ordinária - rematou imediatamente Philippa. Só Maud riu escarninha enquanto puxava a coberta para abrir a cama.

- Mas então explica lá o que é que isso tem a ver com o atraso na chegada de Joáo - disse a meia-irmá Blanche, que acabara de se juntar á tertúlia nocturna, que já se transformara num hábito.

- Porque as colheitas sáo em Setembro, e o vinho é tratado e arrumado em pipas em Outubro, e até estar tudo bem escondidinho dos nossos rapazes, Joáo náo val abrir as suas fronteiras. . Mas há mais. .



- Mais o qué? - perguntaram as irmás.

- Mais em relacáo ao Joáo. O senhor está a juntar dinheiro para fazer fatinhos condignos para ele e para os soldados, de maneira a que quando te vier pedir a máo em casamento, possa chegar apresentadinho, e náo com ar de rei-novo em folha. .

- Pedir a máo é como quem diz! Pode aceitar ou náo a máo que o nosso pai lhe quer dar. . A ideia é toda do pai, que gratas a Deus tem filhos que cheguem para andar por esse mundo fora a negociá-los - disse Philippa num arrojo de raiva.

- Bravo, irmá grande, estás a aprender. Mas en consegui despachar o meu primeiro marido e ficar com o John Holland, aquele que amava. Contra a vontade do nosso querido pai, que o detestava e garantia que só trazia sarilhos.

Philippa respondeu-lhe na mesma moeda:

- Parabéns por isso, minha irmázinha pequena, mas mesmo que quisesse, e a Virgem Santíssima e Santiago sabem que náo, náo podia engravidar de um homem que nunca vi.

Aí Maud interveio com a autoridade da máe substituta que sempre fora, sobretudo quando Katherine náo estava presente:

- Vá, menina Elisabeth, vá para a sua cama e deixe as meninas Philippa e Blanche dormir.

Elisabeth aproximou-se da porta, mas náo resistiu a uma última provocacáo:

- Blanche, meia-irmá, como mulheres casadas que somos temos que dar umas aulas á Philippa, que o que precisa de aprender nem freí John, nem Chaucer, nem os apóstolos lhe ensinaram. E se ainda por cima o marido cumpriu aqueles votos de castidade. .

Como resposta recebeu uma almofada, que acabou por chegar só a tempo de bater numa porta que já se fechara.

John estava impaciente, e decidiu agir. Estava farto de estar quieto e náo quería os seus homens a amolecerem ao sol. Se se aproximasse da

fronteira portuguesa, decerto que os espióes de Joáo lhe diriam que o rei de Castela e Leáo náo brincava em servico, e avancava para terras suas.

Mandou vir aos seus aposentos um mapa, e estudou-o atentamente. Se descesse em direccáo a Portugal, podia deixar Philippa, Catalina e Constanza, e as restantes mulheres, no mosteiro de San Rosendo, em Celanova, a norte de Moncáo, fortaleza bem portuguesa. A abadia beneditina era de frades, mas como todas as grandes abadias teria certamente uma parte convertida em estalagem para peregrinos. E pelo que lhe contavam das guerras internas com Juan, teriam todo o interesse em acolher os «novos» reis de Castela e a família real inglesa.

No dia seguinte anunciou a partida - tudo teria de estar pronto cm seis dias, a que se somariam mais quatro ou cinco para chegar ao destino.

Philippa estava excitadíssima. Catalina e Constanza náo escondiam o nervosismo - desejavam despachar este assunto com o reí de Portugal, mas o que queriam mesmo era que as batalhas comecassem. . e o odioso Juan saltasse para a forca. Blanche tinha ordem de seguir com a comitiva, porque Thomas of Morieux era chefe dos exércitos e uma peca fundamental nas conversacoes, mas Elisabeth deveria Picar cm Santiago porque com uma gravidez táo avancada era demasiado arriscado viajar.

De qualquer forma, o marido ficaria responsável pelas guarnicóes inglesas na cidade.

- Que dois deixo a governar Santiago! - disse-lhes John, um sorriso de orgulho nos lábios. Elisabeth continuava a ser a favorita, a sua alegria e língua viperina divertiam-no imenso, e John Holland parecia ter amadurecido com a perspectiva de ser pai, ou talvez simplesmente estivesse quebrado pelos 40 graus que se sentiam naquela terra.

As irmás separaram-se com um abraso apertado:

- Náo te cases sem mim! - disse-lhe Elisabeth.

- Que o meu sobrinho náo se atreva a nascer já! - responden Philippa.

E viraram as costas uma á outra, porque nunca na vida dariam a ninguém a satisfacáo de as ver chorar.

O pai insistira cm dar-lhe uma égua nova e chela de sangue na guelra, muito mais rápida do que a carruagem onde Catalina e Constanza seguiam, atabafadas de calor, mas com o prazer de terem pintadas nas portas as armas de Castela e Leáo. Philippa quería ver tudo, sentir tudo, cheirar tudo, e o Outono descia sereno sobre as terras galegas, pintando as folhas

de diferentes tons de amarelo.

- Náo ficam encarnadas cor de sangue como as nossas? - perguntou Philippa ao escudeiro que a escoltava.

- Passam do verde ao amarelo, e depois ao castanho, excepto aquelas ali

- disse apontando para uma casa de pedra coberta de vinha virgem, cujas folhas eram, de facto, da cor do fogo. As vossas ficam todas assim?

Philippa virou a cara na direccáo do dedo e exclamou:

- Exactamente assim, mas estas sáo espantosamente bonitas, contra o granito. Muitos dos nossos castelos sáo imponentes, mas construídos em pedra de areia ou numa espécie de tijolo, e náo tém este ar táo forte e táo firme como o das vossas casas e castelos. .

Philippa nunca vira montanhas táo altas e táo azuis, os cumes sempre tapados por uma neblina suave que parecia permanecer mesmo quando o céu estava límpido. A sua égua subia e descia carreiros de terra batida, por vezes as ferraduras escorregavam nas pedras abauladas pelo tempo das pontes e estradas romanas. Iam pernoctando em conventos, conforme os planos do marechal-de-campo, mas Philippa andava sempre sozinha, longe da caravana e do exército, e so o pai de tempos a tempos vinha ao seu encontro. John falava-lhe dos Pirenéus, ainda mais altos do que estas serras, e das planícies castelhanas onde combatera. Mas esta parecia ser uma terra de contrastes, que até a John of Gaunt espantavam.

Foi no quarto dia, guando desciam para um vale magnífico e solitário, que ao

dobrar de uma esquina o mosteiro surgiu, lá em baixo, imponente.

O escudeiro explicou-lhe que San Rosendo era um nobre castelhano, de famílias com dinheiro, que se refugiara na abadia que mandara construir, depois de se fartar dos cargos de bispo e de arcebispo de Santiago de Compostela, cargos que naqueles tempos - e talvez ainda nestes, atreveu-se a dizer o rapaz - eram acima de tudo lugares onde se prestava servico ao poder político e náo a Deus. San Rosendo tornara-se assim monge recluso, feliz porque as portas o fechavam de um mundo que náo achava digno de Deus. O mosteiro continuara rico, a máe e os irmáos sempre tinham velado para que assim fosse, e muitos outros nobres vieram aqui procurar refúgio.

Como Philippa os entendia. Os últimos meses tinham sido táo chelos de aventura e emocáo, que se sentira fora da realidade, mas náo se esquecera do consolo que encontrara nos claustros da abadia. Ainda bem que o pai as



tinha trazido para ali, longe da agitacáo de Santiago, que a deixava sempre num cansativo estado de vigília, como se a qualquer momento pudesse acontecer uma tragédia. Decididamente, era como os duendes, e só se sentia feliz numa paisagem calma, entre as árvores e o verde dos campos.

Os bons monges náo a desiludiram - receberam-nos no terreiro frente á capela principal, os seus hábitos impecáveis, as suas máos estendidas para prenderem as dos recém-chegados entre as suas, num gesto de paz.

Philippa rezou em siléncio para que Constanza e Catalina náo impusessem a sua arrogancia a estes santos homens, desejando vergá-los ao estatuto que acreditavam ter recebido á nascenca.

Recuou de espanto quando percebeu que o cumprimento dos beneditinos náo se alterava um milímetro que fosse, quer se dirigisse á rainha de Castela quer a Maud, que coitadinha saíra da carroca onde vinha, dobrada pelo reumático. Se Constanza ficou perturbada com o tratamento igualitário, felizmente teve a inteligéncia de náo o demonstrar.

Catalina amuou ligeiramente, mas a devocáo genuína náo lhe permitia qualquer movimento de irreveréncia. Quanto a Maud, essa, desfez-se em lágrimas perante

o afecto do abade que insistiu em conduzi-la pessoalmente á porta da estalagem, granjeando para sempre a sua devocáo.

- Vou lembrá-lo sempre nas minhas oracóes - murmurou ela em inglés, que Philippa se apressou a traduzir. O irmáo responden num latim quase cantado: «Diga-lhe, por favor, que a terei sempre presente nas minhas!», e abencoando-as deixou a pobre ama convertida aos beneditinos.

- Menina, também há uma ordem feminina? - perguntou. Philippa riu e garantiu-lhe que se um dia pudesse prescindir dela, o que duvidava, pediría ao bom abade que lhe indicasse o melhor dos conventos para que Maud ali passasse a velhice. «Mas preferia mil vezes que tomasses conta dos meus filhos e morresses entre nós», disse-lhe com um sorriso, e Maud voltou a puxar do lenco.

Instalados, depressa perceberam que nem no melhor dos pacos receberiam tratamento assim. As celas eram austeras, mas náo lhes faltava nada - a esteira da cama era de penas, a hacia e o jarro de água estavam á

máo, e Philippa náo se surpreendeu quando um monge baten gentilmente á porta para lhe oferecer uma bebida. O líquido era de uma cor berrante e a princesa bebeu-o a principio por educacáo, mas depois por pura gula!

Deliciada, perguntou em latim:

- Que fruto é este que nunca provei antes?

O irmáo respondeu em portugués:

- Laranja, D. Filipa. Já deve ter visto a árvore, pelo caminho por onde veio.

E foi assim que Philippa conheceu Bernardo, o monge portugués que a tomou como aluna. Professor de língua portuguesa, que era a sua pelo lado da máe, e das espécie que cresciam nos jardins de buxos.

Uma vez apontara-lhe a porta para o «pátio secreto», como Philippa lhe chamava. Nunca a tinha tentado abrir, mesuro nos seus passeios exploratórios pela abadia, porque uma viga travava-a de um lado ao outro, para desencorajar a passagem. Bernando dissera-lhe então:

- Sei que a princesa náo se sente bem na igreja principal, sempre chela de gente

na parte aberta ao povo, e fechada naquela que a poderia trazer mais perto do altar, por isso um dia destes vou mostrar-lhe uma outra.

Feita ao seu tamanho, ao tamanho da sua fé e da sua magia.

A maneira de falar do irmáo Bernardo lembrava-lhe a de Chaucer, e fazia-lhe bem aquela atencáo só para si, a atencáo de alguém que parecía olhá-la como os seus mestres: para lá do rosto, do estatuto, das roupas.

Adorou a ideia. Uma igreja mágica á sua medida, era mesmo aquilo de que precisava para pedirá Virgem Santíssima que acabasse com toda esta indecisáo, que lhe roubava a paz de espírito e a levava a desejar que Constanza, e sobretudo Catalina, desaparecessem transformando-se em abóboras.

Todos os dias lhe perguntava:

- É hoje, irmáo Bernardo? - E ficava feliz quando a frase lhe saía num portugués sem grandes engasgancos.

- Talvez amanhá - respondia Bernardo, que andava a fugir de chamar sobre si a ira do abade que se queixava de que distraído com as aulas dadas a uma princesa, se esquecia de cortar a lenha e de a distribuir pelas lareiras das salas.

Mas uma manhá Bernardo chegou á salinha onde lhe dava as

«explicacóes», numa excitacáo louca.

- Depressa, princesa, depressa que náo ternos muito tempo.

Philippa seguira-o imediatamente pelo corredor fora, pés de lá nas grandes lajes de pedra que cobriam o cháo deste claustro, directos á porta de carvalho macico. A viga estava encostada á ombreira, como uma árvore.

O Irmáo abriu a porta devagarinho, e acenou-lhe que passasse.

Philippa obedeceu-lhe e quando os olhos se habituaran á luz exterior, ficou sem fólego: o terreiro era enorme, os canteiros rematados por salva, cada um con a sua erva aromática, e o perfume inebriava. Mas o que a fez abrir a boca de espanto verdadeiro, foi a pequena capelinha de linhas muito simples, como que um bloco inteiro, de tecto abobadado, e apenas pequenas seteiras abertas nas

fachadas. A cobrir o lado virado a sul, onde o sol batia todas as manhás, uma trepadeira de rosas encarnadas. As rosas de Lancaster á sua espera num lugar táo distante? Estavam á sua espera, sim. Sabiam. San Rosendo sabia, como sabiam, antes dele, os mocárabes que a haviam construído; todos eles sabiam, que ela, Philippa, um dia la precisar de uma capelinha mágica para rezar!

Bernardo deixou a máo escorregar entre duas pedras da parede e tirou de lá uma chave pequeníssima, que fez rodar na fechadura de uma porta pequenina, que contrastava, como numa história de criancas, com o gigantismo da do claustro. La dentro apenas um pequeno altar, as paredes de pedra á vista, e as lajes no cháo. Sobre o altar, táo sóbrio como tudo o resto, um crucifixo, iluminado por uma seteira que deixava entrar a claridade.

- Princesa, vire-se, olhe agora para trás das costas - implorou Bernardo.

Philippa obedeceu-lhe e lá estava, fazendo uma linha recta com a seteira do altar-mor, uma outra:

- No solstício de Veráo e de Inverno, um raio entra por uma e sal por outra, atravessando a capelinha como uma viga de luz. Sáo minutos, segundos talvez, mas quem é banhado por ela Pica para sempre abencoado - sussurrou-lhe junto do ouvido.

Philippa estava profundamente feliz:

- Posso rezar aqui? Posso pedir ao abade que me deixe vir rezar aqui? -

perguntou, os olhos azuis como o mar fixos, cheios de esperanca, nos olhos azuis do irmáo.

- Náo me atrevo a perguntar, mas pergunte a princesa, a si o abade náo recusa nada. Mas por favor diga que me obrigou a mostrar-lhe a capela.

Diga-lhe que a viu guando passou no torreáo dos copistas, no dia em que a levei ao atelier dos grandes livros. Agora, venha. .

Philippa foi, mas náo sem antes ter estendido a máo para a trepadeira e cortado uma das rosas encarnadas-escuras, com um perfume intenso, colocando-a na lapela do seu manto, onde havia uma igual bordada a ouro.

Nesse fim de tarde, quando o pai a chamou á Sala do Capítulo para lhe ler uma carta que acabara de receber, foi a primeira coisa em que reparou:

- Uma rosa, como a dos Lancaster? - perguntou, intrigado.

- Uma rosa de Lancaster plantada para nós por San Rosendo - disse Philippa, enquanto se debrucava para o beijar na testa. Como nunca fizera antes.

John estremecen. Como lhe lembrara Katherine, a única a beijá-lo assim, quando o via preocupado e angustiado. Só de Katherine a filha poderia ter aprendido aquele gesto táo especial de ternura. Estendeu-lhe a máo e puxou-a para si:

- Philippa, lembras-te de Katherine, pelo menos ás vezes?

- Todos os dias - responden Philippa deixando a máo pousar-lhe no ombro.

- Também en - disse John -, todos os dias, e a todas as horas. E Philippa sentiu o coracáo partir-se com a dor do pai, que acabara por ser afastado pela mulher que amara, mas que fora mais corajosa do que ele. .

Rezou com todas as forras: «Senhor, faz com que en ame como o meu pai e Katherine se amavam, mas legitimamente, no seio do casamento, abencoado por Deus.» Seria possível?

John já recuperara a compostura, perdida por segundos. Abriu o pergaminho que tinha na máo e explicou a Philippa que o rei portugués estava já no Porto - longe dali, mas nao assim táo longe - e que marcara o primeiro encontro.

- Onde? Aqui? - perguntou Philippa, agitada.

- Náo, em Ponte de Mouro - pronunciou o pai tropecando nas palavras. É

uma pequena ponte romana, estreita, entre as terras de Melgaco, que sáo nossas, e as de Moncáo, que pertencem a Portugal. Joáo é um homem

cauteloso, quer os exércitos ingleses seguros do lado de Castela. Promete ajudar-nos, mas náo deseja repetir a experiéncia de ter os nossos homens a trotar pelas terras dele.

- Falou de mais alguma coisa? Pós alguma condicáo, den alguma resposta? -

perguntou Philippa.

John reparou no nervosismo da filha - náo era para menos, pensou. Se tudo dependesse dele, seria com Philippa que Joáo casaria. Mas náo dependia. E para dizer a verdade, nem sabia se era essa a sua vontade:

- Se Joáo me disser que quer casar contigo, Philippa, a ideia repugna-te?

- indagou com condescendéncia. A princesa teve vontade de responder com ironia, tendo em conta que na realidade nunca o pai prescindiria da sua própria vontade, para fazer a dela. Mas conteve-se a tempo:

- Náo, pai. Se for essa a vontade de Deus - respondeu-lhe, os olhos postos no cháo.

Ficava sempre possesso quando Philippa murmurava frases feitas, oracóes inteiras, preces, sabia lá ele, que temente a Deus como era na altura das batalhas, tinha arrumado a religiáo nas missas de domingo, a que já bastava as aparéncia náo o deixarem faltar. Decidiu ingorar o comentário, e continuou:

- Amanhá volto para junto dos meus soldados em Melgaco - disse, e reparando que os olhos da miúda se enchiam de brilho, atalhou imeditamente:

- Volto sozinho. Já tomámos o castelo e tenho lá os meus homens acampados, mas náo há aposentos para senhoras. Desta vez levo as tendas reais para as montar em Ponte de Mouro. Quero que estejam prontas e luxuosas, de forma a que Joáo 1 de Portugal entenda quem está deste lado.

Gente que há muitos, muitos anos, usa coroa e se senta em tronos.

O pai náo tinha cura, pensou Philippa, e despedindo-se, foi a correr para a cela, onde encontrou uma Blanche lavada em lágrimas, porque Thomas la partir de novo.

J

Ponte de Mouro, 1 de Novembro de 1386

oáo deixara há quase um més a cidade do Porto. Nem Joáo das Regras, nem o Condestável, nem Lourenco Fogata sabiam ao certo o que havia decidido a respeito de com qual princesa iria aceitar casar. Naquele dia, em Landim, falara em Filipa, mas desde al já dissera por várias vezes o contrário, e depois de uma conversa com Nuno Álvares parecía ter Picado ainda mais indeciso. Náo havia outro remédio senáo esperar, porque o conheciam bem de mais para sequer insistir na pergunta.

O que importava agora é que estava decidido a ir. Fora ele próprio a marcar o local e o dia em que pela primeira vez se encontraría face a face com o grande John of Gaunt, de quem tanto ouvira falar. Sentia-se satisfeito, sobretudo por ter uma missáo e um objectivo. Entediava-se facilmente metido entre paredes de castelos e palácios rodeado de jurisconsultos, a ler e a assinar papéis, ou a ouvir as queixas e as peticóes de vassalos.

Passara a vida ao ar livre, e era a cavalo que se sentia bem.

Entusiasmava-se com projectos novos, desafios complicados. As últimas semanas, passara-as a decidir com os conselheiros que terras de Castela haviam de pedir ao duque de Lancaster (verdade seja dita, que em privado nenhum deles lhe chamava rei) a troco do auxílio dos seus soldados na batalha da reconquista do trono. O resto do tempo fora ocupado a discutir com o Protocolo, quem vestia o qué, a encomendar e provar fardas e a definir como se dariam todos os passos do grande encontro de Rio de Mouro.

A comitiva atrás de si era imensa. Lanceiros, besteiros, soldados a pé e dois mil fidalgos, que tal como Joáo achavam que todos os pre textos eram bons para arejar da rotina das suas vidas. Ricardo de Valenca, o escudeiro que Joáo aceitara há uns meses ao seu servico, estava fascinado com tudo aquilo: nunca imaginara que um rei andasse por al com tanta gente ás costas, carrocas a abarrotar de baús com roupas para todas as ocasióes, mulas albardadas com sacos e tendas para armar e desarmar todas as noites, potes e panelas, tachos e facas, e até meia dúzia de vacas para o

leite da manhá. Fora as armas, e os escudos, e as armaduras, tudo lentamente puxado pelas ruas lamacentas, uns dias debaixo de chuva miudinha, outros de chuvas torrenciais, mas sempre com o frio do Outono a comecar a morder-lhes os ossos.

Ricardo tinha treze anos, e o pai, um nobre do norte, pusera-o ao servico de D. Joáo 1, na esperanca de que o filho se tornasse um dos seus cavaleiros. E o miúdo recebera a honra que o rei fizera á sua família, tentando servi-lo como um duende que adivinha os desejos do mestre mesmo antes deste os ter formulado. Escovava-lhe o cavalo branco, encerava-lhe a sela, corria a buscar-lhe a caneca de vinho ainda nem o mestre a tinha pedido, e estava sempre atento ao menor gesto do seu senhor.

D. Joáo 1 era fácil de servir, escrevera ainda há dias o miúdo aos pais.

Isto é, quase sempre, porque Ricardo ainda tremia por dentro quando se lembrava da fúria que lhe vira quando há dias, no convento de S.

Francisco, no Porto, assistira á cena entre o bastardinho Afonso e o pai.

Ricardo limpava as botas do seu senhor num canto da sala, quando Afonso entrara a gritar que D. Joáo náo podía casar porque era mestre de uma ordem religiosa e jurara votos de castidade. D. Joáo, habitualmente táo sereno, transformara-se em fogo e respondera, de cabeca perdida, que nem o seu muito amado filho pensasse que alguma vez lhe podía dizer o que fazer ou deixar de fazer. De castigo, proibira-o de seguir com a comitiva, para que aprendesse a náo se meter onde náo era chamado.

Afonso náo cedera á primeira, e com os punhos cerrados, respondera que o pai quería era manté-lo longe da vista para que o duque de Lancaster náo soubesse que tinha um filho bastardo, e mais, que era certo de que agora em diante o la tentar esconder por todos os modos que pudesse.

Joáo quase vacilara perante esta acusacáo, mas estava demasiado zangado para ceder á chantagem:

- Se julgas que me dás a volta com conversas dessas, enganas-te. E

nunca mais te atrevas a dirigir-te ao rei de Portugal dessa maneira!

Dizendo isto pegara-lhe pela cintura, e apesar dos gritos do miúdo, arrastara-o até á sala do lado, onde estava o seu mestre e devolvera-lho, dizendo:

- Mestre, mais vara neste miúdo, que se esquece que tem nove anos.

Deixo-lho entregue até ao meu regresso, porque náo o levo comigo.

Fechara a porta com estrondo, e Ricardo escondera-se uns longos dez



minutos por trás de um dos reposteiros, na esperanca de que o mestre de Avis náo decidisse gastar nele o resto da fúria que lhe restava.

Agora, a atravessar as terras do Minho, o reí animadamente em conversa com Nuno Álvares Pereira e com os outros homens que o acompanhavam á cabeca desta imensa excursáo, era impossível imaginá-lo absolutamente desvairado. Ricardo vira um lado de D. Joáo que náo quería voltar a ver. Mas que estava lá.

O rei e os seus homens avancaram para Ponte de Mouro, depois de uma noite passada no castelo de Moncáo. Quando se aconchegou numa manta frente ao fogo na sala maior do castelo, o escudeiro Ricardo den gratas ao Bom Jesus que o seu lugar fosse junto do rei, porque o grosso da comitiva náo tivera outro remédio senáo lancar tendas fora das muralhas. O poyo da terra pusera as suas casinhas á disposicáo dos fidalgos e deitara-se com os animais nas lojas e nos palheiros, mas mesmo esses náo estavam táo bem instalados como Ricardo. Logo hoje, que o céu se abria numa trovoada imensa, e o escudeiro se encolhia a cada raio que entrava por uma das seteiras, iluminando a sala onde luziam apenas as achas da lareira.

A manhá acordara radiosa, o céu de um azul intenso, nem sombra de nuvens, com um sol que brilhava como se fosse Veráo e que tudo parecia secar, até a alma. .

- D. Nuno, Deus está a favor desta nossa expedicáo - comentou eufórico o rei, enquanto Ricardo lhe prendía o estribo para que se icasse para cima do cavalo, engalanado da cabeca á longa cauda entrancada, e em que nem as patas tinham sido esquecidas.

Nuno Álvares Pereira olhara para ele, com aquele cinismo que deixava Joáo sempre nervoso. Sobranceria náo lhe faltava, decididamente. Mas, desta vez, a voz do condestável saiu divertida e suave:

- Ou náo fosse dia de Todos-os-Santos, o dia certo para se escolher uma esposa!

João, já em cima do cavalo, deitou-lhe a língua de fora:

- Vamos lá ver o que o senhor duque, rei de Castela e Leáo, tem para nos oferecer.

Lourenco Fogata, que os acompanhava de perto, resistiu á tentacáo de, mais uma vez, defender a sua princesa. Com um rei teimoso como aquele, o melhor mesmo era fingir-se o mais desinteressado possível, para que ele sentisse que escolhia livremente.

Ricardo estava fascinado. A comitiva portuguesa transformara-se da noite para o dia. Os quinhentos lanceiros vestiam fustões brancos, com cruzes vermelhas de S. Jorge bordadas nas costas das capas. Os cavaleiros do rei ostentavam as suas malhas brilhantes, as espadas á cintura, as botas até ao joelho com o couro a brilhar. O rei usava uma sobreveste igual á dos seus homens, mas de seda, a cabeca envolta num pano branco de tecido igual, e a luz intensa da manhá fazia-o sobressair de entre todos. Ricardo sentiu-se feliz até á medula: era o escudeiro de máo do rei mais glorioso do mundo, tal e qual como nas histórias que ouvira em noites de Inverno aos cavaleiros que se juntavam em redor da mesa de sua casa. O bispo do Porto e o arcebispo de Braga, com as mitras a anunciarem ao longe o seu estatuto, as suas vestes vermelhas, bordadas a ouro sobre os seus corpos rolicos, de quem come mais do que luta, davam ao grupo um toque ainda mais magnífico.

«Até en devo estar bonito», pensou o escudeiro, meio envergonhado com a vaidade, mas esticando os bracos e as pernas para olhar para o magnífico fato com que o rei o tinha presenteado para a ocasiáo. Durante alguns segundos teve pena de D. Afonso, porque imaginava a raiva e a desilusáo de uma crianca a quem náo deixavam participar na festa. Mas depois encolheu os ombros, na certeza de que se ninguém pusesse aquele miúdo na ordem enquanto era pequeno, muito haviam de sofrer ás suas máos. Pelo menos era o que dizia a máe, e devia saber do que falava porque lá em casa eram oito, e nenhum se teria atrevido a dirigir-se aos pais daquela maneira.

A voz do rei trouxe-o de volta á terra. Um dos mensageiros enviados para saber onde paravam os ingleses voltava com notícias: já estavam em Ponte de Mouro desde a véspera, num imenso acampamento, com tendas magníficas, que segundo o rapaz, pareciam palácios com telhado de pano.

Ricardo aproximou o cavalo o mais que póde, para ouvir o que mais dizia o mensageiro, e como era um miúdo aparentemente nin guém dava por ele. D. João perguntava como era o duque, e o mensageiro respondia:

- Velo receber-me. Estendeu-me uma máo forte e apertou-ma como seu en fosse alguém - dizia o mensageiro, sem conseguir esconder a sua



admiracáo. É um homem alto, forte, magro, mas náo tem os cabelos rucos como a gente dele.

- Trataste-o por rei de Castela, rapaz?

- Tratei, sim senhor, D. Joáo. E viu-se que ficou satisfeito. Depois perguntou quando chegava Sua Majestade, e en disse-lhe que daqui a duas ou trés horas. Ele assentiu com a cabeca. Fala um francés perfeito, e um pouco de castelhano também. Nuno Álvares estava pouco interessado na descricáo física do duque, mas quería saber tudo sobre o seu exército.

Desde o cerco de Lisboa, e depois com a estrategia que aprendera com eles e permitira a vitória em Aljubarrota, interessavam-lhe mais os generais. Aqueles que, como ele, preparavam e ganhavam as batalhas.

- Quem é que comanda o seu exército? - perguntou.

- Náo parecem ser muitos, senhor Condestável, e no meio deles há alguns que sáo de certo gente da Galiza e de Castela. Os suficientes para terem tomado Melgaco, onde tém Picado nas últimas semanas.

- O nome, homem! Náo ouviste o que perguntei? O nome do general.

O mensageiro ficou nervoso, custava-lhe pronunciar o nome ouvido apenas há pouco, tinha medo de dizer tudo mal e de fazer figura ridícula.

Mas uma pergunta do condestável, sabia-o toda a gente, náo ficava sem resposta.

- John Holland, meio-irmáo do reí de Inglaterra - responden como póde o rapaz, atalhando logo de seguida:

- É casado com a filha do meio do duque, do rei, um casamento recente.

Comanda a par de Thomas of Morieux, um outro genro, esposo da filha mais velha, mas bastarda. Náo sei mais, senhor.

- Nem tens nada que saber - atalhou o reí, e ordenou-lhe que fosse para Moncáo comer, beber e dormir. Virando-se para Nuno Álvares Pereira, disse-lhe:

- Poupa lá o rapaz ás perguntas, e espora-me mas é esse cavalo para veres por ti. Estou ansioso por chegar.

O Outono transformara a paisagem. As folhas douradas dos plátanos que ladeavam a estrada de Moncáo cobriam a terra que os cava los calcavam.

Os castanheiros cobertos de ouricos acastanhados abriam-se de tempos a tempos, fazendo chover castanhas na cabeca de quem passava, para gozo dos outros soldados. . O orvalho deixara a terra húmida, e as chaminés das casas que se espalhavam pelos campos fumegavam, deixando o ar com um cheiro suficiente para abrir o apetite a Ricardo.

O rei e os seus homens cortavam, aqui e ah, os arbustos que impediam a passagem, e evitavam as pocas mais fundas do caminho, ansiosos por náo sujar os cavalos nem deixar que os pingos espirrassem para cima das suas casacas de festa, logo estas táo divinamente brancas.

O caminho descia agora mais a pique. Ao longe já se ouvia o barulho das águas que corriam com uma forra imensa. O rio Mouro, de percurso cavado no fundo do granito e margens quase a direito, servia como fronteira natural entre a Galiza e Portugal.

Nuno Álvares foi o primeiro a vé-los, com os seus olhos treinados:

- Ali, mestre, ali - e estendia o braco em direccáo a um terreiro que os ingleses tinham aberto á forra da enxada do lado de Melgaco.

A cena era de cortar a respiracáo: lá ao fundo do vale agrupavam-se cem tendas de riscas de cores garridas. Os picos das suas cúpulas - que a Ricardo lembravam as dos saltimbancos que iam ao solar dos pais -, exibiam bandeiras a esvoacar á brisa. No terreiro, em redor de uma grande fogueira, conversavam uns homens com os outros muito altos, vestidos a rigor, com túnicas de sarja, cotas e bracóes

bordados, os cabelos claros a reflectirem a luz do sol.

As trombetas soaram no siléncio. As dele, anunciando que os portugueses vinham aí, as dos portugueses anunciando a sua chegada, e Ricardo teve vontade de tapar os ouvidos, mas por outro lado desejava que aquele som, aquela cena, náo acabasse nunca.

Os portugueses assentaram arraiais no terreiro natural que alastrava do seu lado do rio, e o rei apeou-se do cavalo, cujas rédeas foram imediatamente seguras por Ricardo, que já saltara da sua montada.

Puxando o cavalo, o escudeiro levou-o lentamente para junto dos mocos de estrebaria, sem querer perder uma migalhinha de tudo quanto acontecia.

O rei dirigiu-se para a ponte romana, que num arco de pedra unia as duas margens, com um murete de cada lado para proteger quem o cruzava de mergulhar nas águas revoltas que corriam muito, muito lá em baixo. Ao seu encontro veio o outro Joáo, e perante os especta dores de ambas as

partes, abracaram-se calorosamente, como aliados que finalmente se encontram cara a cara.

Ricardo la deixando o cavalo fugir para o bebedouro, de tal maneira estava distraído: «Viste que se abracaram mesmo a meio, nem um bocadinho mais para cá nem um bocadinho mais para lá?», perguntou espantado ao moco que o velo ajudar.

O miúdo parou para olhar: «Ali mesmo a meio», anuiu com um acenar de cabeca, como para reforcar a constatacáo.

- E agora, e agora, vai D. Joáo para lá ou vem o rei deles para cá? -

perguntou num frenesim, como se Ricardo fosse o mais habilitado dos homens de Joáo a responder.

- Se¡ lá eu!? E se soubesse, dizia-te? - retorquiu Ricardo, como quem deixa bem claro que os segredos que possuía estavam bem guardados.

- Que sabes tu? Se náo sabes devias saber, se estás a dois passos de El-Reí e do condestável, podias ter ouvido alguma coisa. .

- Mas náo ouvi. Mas também náo preciso de ouvir, basta-me pensar.

- Então pensa - responden o rapazinho que entretanto desapertava as fivelas da sela e tratava do cavalo.

- E já agora diz-me o que pensas - acrescentou. .

Ricardo endireitou-se no seu fato novo, e com um ar ligeiramente altivo lá disse:

- Pois en penso, mas olha que isto sáo coisas da minha cabeca, que agora D. Joáo vai fazer sinal ao condestável e aos senhores arcebispos e dirigir-se para as tendas dos ingleses. Afinal sáo eles que tém uma proposta para fazer ao rei de Portugal, e El-Rei só cá está para os ouvir. .

Do lado de lá, depois de ter chamado para junto de si Nuno Álvares Pereira, Lourenco Fogata (que abrasara o duque com genuina satisfacáo por voltar a vé-lo!), e os representantes da Igreja, tal e qual Ricardo previa, marcharam a par e passo até á tenda maior. Joáo tentava pensar como o seu escudeiro - «Eles é que me chamaram, eles que digam o que querem!»

- mas náo conseguia afastar a ansiedade de quem, pela primeira vez, é rei em frente de outro rei. Estava consciente de que lhe convinha mostrar gratidáo, porque era á alianca com esta gente que devia, em grande parte, a independéncia do reino, mas também náo quería adoptar nenhuma posicáo de subserviéncia. Fosse como fosse tinham um ódio em comum:



Juan de Castela. Pela sua parte teria todo o gosto em ajudar a empurrá-lo do trono.

Gaunt deu-lhe direito de passagem. Entraram, e Joáo olhou á volta, espantado: a tenda inglesa era magnífica, as tapecarias pendiam da parede, o cháo coberto de luxuosos tapetes, e uma longa mesa de carvalho

- onde a teriam roubado? - tinha colocados em redor bancos corridos. A cabeceiras, duas cadeiras de bracos, dignas de reis. «Que só en son de facto! E este duque, só o será com a minha ajuda», pensou Joáo num instante de satisfacáo. Mas nem a sua cara, nem o seu sorriso, nem os elogios que trocava

num francés quase perfeito, revelavam nada. Uma troca de olhares com o condestável confirmou-lhe que estava a pensar bem: a tenda de John of Gaunt era de facto extraordinária, mas amanhá, amanhá as conversacóes seriam, afinal, do lado portugués. Para que fosse ele o anfitriáo e náo a visita. . E disse-o a um John que, amaciado pelo tempo e por anos de negociacóes semelhantes, acedeu imediatamente. Que levaría o vinho, acrescentou. Apanhados pela ironia, portugueses e ingleses desataram a rir. Pois que trouxesse o vinho, que seria muito bem-vindo, responden logo Joáo.

A saída John murmurou em inglés ao genro Thomas:

- Só quando o provarem é que entenderáo que é da colheita que os nossos homens armazenaram em Portugal o ano passado. - Os dois partiram-se numa imensa gargalhada, que cresceu em forra e intensidade quando se sentiram repreendidos pelo sobrolho reprovador do bispo do Porto. .

- Sir John, cuidado, que estes homens da Igreja falam com Deus, e Deus entende todas as línguas - disse Thomas fingindo-se nervoso. E ambos desataram á gargalhada, enquanto acenavam as despedidas á comitiva portuguesa. Tinha que contar esta á Philippa, pensou para si o duque, ainda a rir.

O marechal-de-campo foi convocado. Teriam de armar ali a tenda maior.

- Aquela que apreendemos ao reí de Castela numa das nossas últimas batalhas? - perguntou o marechal.

- Essa mesmo - sorriu satisfeito Joáo. E virando-se para Nuno Álvares,

disse-lhe:

- Vamos mostrar-lhes que, mesmo antes de o acordo firmado, comecámos a trabalhar para eles! Entregamos-lhes a tenda, no final destes dias, para selar as negociacóes. O homem é afável, gostei dele, mas é vaidoso e ambicioso: náo val resistirá lisonja de ser tratado como se já fosse rei de Castela. .

Nuno sorriu:

- É a resposta possível, depois daqueles farsantes terem a lata de nos virem oferecer o nosso próprio vinho!

Lourenco Fogata, que náo se atrevera a traduzir o que ouvira, comentou:

- Ó Nuno, náo admira que sejas Condestável do reino. Bem o mereces.

Fizeram caminho de regresso ao castelo de Moncáo, deixando os seus homens a montar um acampamento digno daquele que os vizinhos da outra margem exibiam.

O folclore desaparecera aos poucos. A importáncia de impressionar o aliado desconhecido fora-se atenuando, passando ao longo de sete longos dias, pontuados de almocos e ceias opíparas. Mas o vinho que corria das pipas ameacava tornar as conversacóes numa festa desbragada se náo se pusesse um fim, rapidamente, ao que se discutia.

Nuno Álvares e Thomas of Morieux estavam já íntimos, perante o olhar ligeiramente enciumado de John Holland. Thomas era um homem menos solene do que Nuno, mas igualmente honrado e devoto, e um excelente estratego militar, que era o que por agora importava ao condestável.

Fugiam sempre que podiam da tenda real, e de máos atrás das costas andavam pelo carreiro que ladeava o rio, trocando histórias antigas e imaginando as novas batalhas que teriam de travar para reaver Castela e Leáo.

Naquela tarde de Novembro, as cornetas tocaram de súbito, e Thomas e Nuno voltaram em passo de corrida, a tempo apenas de verem John e Joáo a trocarem um abraso caloroso e o arcebispo de Braga, com o semblante divertido de quem ganhou na vida por ter sido baptizado com o nome de Lancarote Vicente, soprava cuidadosamente num pergaminho em que a tinta ainda estava fresca. Só no caminho de regresso a Moncáo é que Nuno finalmente perguntou:

- E El-Rei decidiu? - O tom formal revelava que estava ligeiramente

magoado por D. Joáo náo o ter chamado para uma leitura do documento final antes de o ter assinado.

Mas Joáo estava bem disposto e pareceu náo dar por nada:

- Já te la dizer tudo, até porque é a ti que val caber boa parte do trabalho. Prometi que nunca daria tréguas ao usurpador de Castela, nem faria com ele acordos de paz.

- E eles em troca. .

- Eles comprometeram-se em vir em nosso auxílio se alguém ameacar o nosso reino.

- Multo bonito, mas isso já está no Tratado de Windsor - disparou Nuno.

- Pois. . mas náo faz mal nenhum que vá sendo reescrito, que a quem náo quer saber, esquece muito. Quanto ao resto, o duque pediu-me para colocar ao seu servico, e é aqui que tu entras, dois mil lanceiros, quatro mil besteiros e dois mil homens a pé, para uma campanha de oito meses. .

- Sáo parcos no pedir, os senhores! A comecar quando?

- De Janeiro a Agosto do próximo ano - responden Joáo.

- Quem paga?

- Pagamos nós, mas fizemos uma longa lista de terras castelhanas que o duque nos terá de entregar, todas na raia entre Portugal e Castela, entre elas Melgaco. E ainda há o dote simpático que John me va¡ entregar quando casar com a sua filha.

Ricardo nem respirava, tal o medo de que dessem por ele. Quería ouvir tudo até ao fim, e trotava ao lado dos dois homens que mais admirava, esperando que náo reparassem nele. Ricardo sabia que o reí tinha de escolher uma de duas princesas, e desejava muito saber qual. Quase tanto como Lourenco Fogata, que la um pouco atrás, mantendo a distáncia como mandava a educacáo quando os dois grandes do reino visivelmente falavam em confidéncia.

Mas para desespero de Ricardo, a conversa acabou por aqui. Nuno náo se interessara, nem muito nem pouco, por saber qual das duas Joáo escolhera para casar, ou entáo fizera gala em náo se interessar.

Marcharam o resto do caminho em siléncio. E quando o reí náo fala, os que o acompanham também náo, por isso a entrada em Moncáo foi solene.

Naquela noite Ricardo adormeceu no seu lugar frente ao fogo sem saber

mais nada. Lourenco torceu-se na cama até de madrugada:

- Que Deus o tenha iluminado, pensou antes de adormecer.

P

Mosteiro de San Rosendo, Celanova, 9 de Novembro de 1386

ihilippa comecara a roer as unhas. Maud repreendera-a, dissera-lhe que era sinal da sua falta de fé naquele a quem a sua vida estava entregue, agora e na hora da morte. Philippa procurou ocupar as máos com o terco, mas náo conseguía afastar aquela imensa ansiedade. Nem era capaz de ter uma conversa com pés e cabeca com o irmáo Bernardo, que quería tanto compreender todas as potencialidades do astrolábio que lhe mostrara. É

que se o reí de Portugal preferisse Catalina, então estava ali apenas a perder tempo, quando o seu lugar era em Santiago, perto da irmá e do novo sobrinho.

Dois dias antes chegara um mensageiro. Mal pegou na carta que lhe trazia, viu que a letra náo era a do pai. Mas náo ficou menos apreensiva quando percebeu que quem lha enviava era Elisabeth - se o bebé tivesse nascido bem, seria o cunhado a escrever-lhe, estava certa. Tomada pelos nervos, gritara pela ama:

- Chega aqui, que náo abro esta carta sem te ter por perto.

Maud largara as meias que passajava e dobrada já pelos anos, que a humidade destas abadias e conventos mal aquecidos lhe atacavam as articulacóes, e acelerara como podia o passo, até á cela da princesa.

Quando a viu chegar, benzendo-se, partiu o lacre que selava o pergaminho e os olhos atravessaram a toda a velocidade o encadeado de letras. Suspirou de alívio quando se certificou de que a irmá estava bem e o sobrinho vivo. Com lágrimas nos olhos, estendeu a máo para Maud:

- Menina, diga, desembuche, credo, que morro já aqui.

- É um rapaz, Maud. A Elisabeth está óptima, louca como de costume, mas bem.

Maud benzeu-se também:

- Al a menina Elisabeth, máe, Virgem Santíssima. Será que a Heather dá conta

do recado, é que aquela sua irmá val querer saltar da cama antes de ser benzida, al meu Deus, al meu Deus, menina, leía, leía tudo.

Com uma letra um pouco trémula Elisabeth contava á irmá e ao pai, com

aquele entusiasmo que até na escrita transparecia, que Richard Plantagenet Holland nascera na abadia de Santiago, «e é desbotado como tu. . branquinho, branquinho, sem cabelo nenhum, o nariz dos Lancaster e o temperamento do pai, que berra (um e outro) que nem um bezerro desmamado sempre que é contrariado».

Maud e Philippa deram uma gargalhada, e a princesa continuou a ler alto:

«Felizmente, a ama Heather nunca me deixou um minuto, e o médico e a parteira que a irmá Rochetta me arranjaram, eran fantásticos. Falam aquela língua que ninguém entende, mas acredito que o entoar daquela lengalenga e das oracóes das irmás que me rodearan num excitamento porque nunca tinham visto um bebé nascer (esquecidas que eu também nao!) me distraíram das dores, que sáo horríveis. Ai Philippa, quero muito que encontres o teu Joáo e te cases e tenham filhos, mas nao consigo desejar-te partos, que sao urna invencao completamente idiota de Deus Nosso Senhor, que a blasfémia me seja perdoada. Mas agora nao importa.

Importa é que o pai é novamente avó, de um matulao varao e tudo, que o John anda doido por ser pai (e a festejar noites a fío colas os seus homens, eras vez de ser comigo. .), e que já escrevi ao nosso irmao Henry a contar tudo, e ao nosso primo Richard, a dizer-lhe que o baptizei corra o nome dele, como prova da nossa lealdade ao reí. Acham bem?»

Despedia-se efusivamente e pedia notícias urgentes, porque nem o nascimento do bebé Richard a fazia esquecer a angústia da irmá. Queria notícias. Pois! Toda a gente quería notícias, suspirou enervada Philippa. O

pior é que também ela.

Tudo isso fora já há dois dias. Agora roía as unhas, e nem a companhia de Blanche a sossegava. Náo conseguía dar nome áquela agitacáo, á incapacidade de se sentir bem onde quer que estivesse, aquela vontade de fugir sem saber para onde, como um animal encurralado. Seria medo, vergonha antecipada? Náo sabia dar-lhe nome. Pior do que isso náo sabia como combater esta sombra que a

perseguía. Talvez náo fosse muito diferente do que sentiam os presos na Torre de Londres, á espera de um veredicto: futuro ou náo futuro, vida ou morte!

Incapaz de ficar mais um segundo quieta, levantou-se de um salto do banco onde bordava e decidiu ir dar uma volta pelo claustro, porque estava demasiado húmido e frio para ir lá para fora para o bosque. Náo andara mais de dois passos, quando estacou: Constanza, Catalina e as suas



aias saíam da porta do refeitório e vinham em sentido contrário. Olhou em redor, desesperada, á procura de um buraco onde se pudesse esconder e foi al que percebeu que estava aberta a porta de carvalho pesada que dava para a sua capelinha. Antes mesuro de ter tempo de pensar, escapuliu-se enquanto podia. E se a seguissem? Corren para a igrejinha, meten a máo na frincha onde o irmáo Bernardo escondia a chave pequenina, e em dois segundos fechava-se entre as paredes despidas e protectoras da Capelinha das Rosas, como agora lhe chamava. Deixou-se cair no banco corrido de madeira que há muito náo via cera, o coracáo a bater-lhe no peito, as lágrimas a correrem-lhe pela cara.

- Patética, son uma triste e uma patética. Uma velha de vinte e seis anos, que em lugar de se fechar num convento anda aquí como uma crianca á espera de uma surpresa, á espera de um milagre que lhe dé sentido á vida e a transforme.

Estendeu-se ao comprido no banco, tapada pela capa, e nunca soube se foi a dormir ou acordada que viu o raio de sol entrar por uma seteira e sair pela outra, atravessando-a de luz.

Náo sabia dizer quanto tempo passara, quando ouviu ao longe a voz de Maud a chamar o seu nome, mas podia jurar que se sentia infinitamente tranquila. Iluminada.

Arrumou de novo a chave entre as pedras, no lusco-fusco de Inverno que caía. No terraco sobranceiro ao pátio viu o pai, e John, surpreendido por a ver na rua, gritou-lhe:

- Philippa, que fazes al fora? Preciso de falar contigo!

E ela foi a correr ter com ele, porque na sua voz havia toda a esperanca do

mundo.

Na pequena sala que Constanza e Catalina tinham arranjado com o maior conforto possível, na imensa lareira ardía um fogo crepitante - como o que ardía sempre nas lareiras do seu Savoy, lembrou-se de repente Philippa, como num flash que a transportou á sua infáncia. John estava de costas voltadas para o fogáo, as máos atrás das costas para as descongelar do frio que apanhara no regresso de Ponte de Mouro. Viera á frente, quase sempre num galope cerrado, porque o tempo era pouco: D. Joáo 1 dissera-

lhe que quería o casamento realizado já. Por procuracáo, é certo, que ainda náo recebera dispensa de Roma, mas para que tudo ficasse tratado imediatamente, aproveitando a presenta do arcebispo de Braga e dos seus homens naquela parte táo a norte do país. A pequena comitiva destinada a presenciar a cerimónia estaria em Celanova no dia 11, dissera o reí de Portugal.

O duque de Lancaster ficara quase sem fala - parecia ter encontrado pela frente alguém ainda mais precipitado do que ele. Encolhera os ombros e acordara: afinal, quanto mais depressa se despachassem estes protocolos enfadonhos, mais depressa o rei e os seus exércitos podiam tratar da invasáo de Castela!

- Depois de amanhá - disse ele a Philippa, quando ela entrou na sala.

- Depois de amanhá o qué, pai?

- Depois de amanhá casas, por procuracáo, com El-Rei de Portugal.

Philippa sentiu-se desfalecer. Constanza, olhando exasperada para o marido, apressou-se a levantar-se e a estender os bracos para a enteada.

- Al, John, que falta de jeito, ela ainda nem se sentou e tu dás-lhe uma notícia dessas, logo a esta tua filha, frágil como um passarinho - disse-lhe irritada.

Sentou-a na cadeira mais chegada ao fogo:

- Philippa, o que o pai quer dizer é que D. Joáo te escolheu a ti para rainha de Portugal.

E apesar de terem praticamente a mesma idade, inclinou-se sobre ela e beijou-a na testa.

- Sei que é tudo muito precipitado, que pelos vistos esse Joáo náo é melhor do que o ten pai, mas vai correr tudo bem. E é só um casamento por procuracáo. Depois teremos tempo para preparar tudo como os costumes pedem.

Philippa sentiu que tinha sido muito ingrata com Constanza nos últimos tempos, sempre a evitá-la, quando afinal ela a tratava agora com tanto mimo. .

- Obrigada, Constanza. E náo ficou zangada por náo ser a Catalina a. .

casar? - la dizer «a escolhida», mas achou que soava mesquinho, como se houvesse uma vencida e uma vencedora. Sobretudo partindo daquela que, nem quería acreditar, tinha vencido.

Constanza afagou-lhe o cabelo:

- Náo, Philippa, acho que a Catalina ainda é demasiado nova. . terá outras oportunidades igualmente boas. Casei aos dezassete anos, lembras-te, mas tenho a certeza de que foi cedo de mais, era tao sensível, táo pouco preparada. . Tu tens vinte e seis, fazes vinte e sete em Abril, é o tempo certo para ti.

As lágrimas comecaram a picar os olhos da princesa, táo pouco habituada a ser o centro das atencóes naquela família. Mas mordeu o lábio e olhou para o pai que, estranhamente, se mantinha calado, a observar tudo aquilo com uma passividade que era certamente sinal do cansaco e da idade. . A choradeira que se avizinhava, no entanto, levou-o a comentar friamente:

- Parem lá com isso, que tarda nada estou a chorar. Philippa, nasceste e foste criada para isto, náo há razóes para comocóes. Joáo de Portugal escolheu-te. E manda o Lourenco e uma dúzia de outros homens, bispos e arcebispos para vos casar. .

- E depois vou para onde? Fico com quem? Vocés vém comigo? -

perguntou Philippa repentinamente angustiada, apesar da seguranca que lhe dava ouvir o nome Lourenco.

- Depois ficas á guarda pessoal do arcebispo de Braga, um tipo patusco, imagina que se chama Lancarote, que te val levar para o paco do bispo do Porto; o Porto é uma das principais cidades de Portugal, a capital do norte do país. Mal cheguem os papéis do Papa Urbano, então, sim, terás um casamento a sério, com

toda a pompa do casamento de um rei e de uma princesa de Inglaterra.

- Mas váo comigo para o tal Porto? - repetiu.

- Náo, a Catalina, a Constanza e en náo vamos. Náo podemos deixar este reino que é o nosso. É demasiado perigoso, poderia dar esperancas a Juan, o usurpador. .

Catalina, que se tinha mantido calada, refilou:

- O qué? Náo só fui rejeitada como ainda por cima tenho de ficar aqui neste mosteiro bolorento á espera?

John riu-se abertamente pela primeira vez desde que chegara.

- Tu e a tua irmá Elisabeth tém cá um feitiozinho. . Podem ser bonitas, mas abencoado o homem que vos tenha que aturar. Cá para mim, o senhor

de Portugal deve ter tirado informacóes a vosso respeito e preferiu a minha filha mais sossegadinha - disse com um sorriso aberto e confiante para Philippa. Mas mesmo naquele momento, Philippa sentiu que se tivesse sido ele o noivo indeciso, náo teria sido ela a sua opcáo.

A porta da sala baten com forra. Catalina que era de facto filha do pai, saíra dali com uma fúria que náo quería que passasse despercebida. Náo passou, mas a verdade é que serviu para desanuviar o ambiente.

Constanza virou-se para a enteada e disse-lhe:

- Philippa, tenho a certeza que queres estar um bocadinho sozinha, falar com a Blanche e com a Maud, escrever á Elisabeth. Náo te preocupes com nada, en e o pai vamos tratar dos preparativos para o banquete. . Estamos na minha terra, aqui sei en organizar festas, e já mande¡ mensagem ao nosso cozinheiro, que ficou em Santiago para vir a correr. .

- Obrigada, mas ainda quería fazer urnas perguntas. Como é que é um casamento por procuracáo em Portugal? E é táo estranho casar com um homem que nunca vi, com quem nunca falei! Pai, ele é teniente a Deus como nós?

- Como tu, filha? Al isso duvido! - disse o pai com ironia - mas sim, sim, é fiel

ao Papa Urbano, reza a Deus, tem uma devocáo muito grande á Virgem, e até está a construir um mosteiro enorme que lhe será dedicado no local onde a batalha de Aljubarrota foi ganha. Com a ajuda dos meus homens, claro!

- Philippa, náo lhe ligues, por favor. Vais ser rainha de Portugal, vais ter poder, vais mandar, vais ditar as regras do ten país, e ainda por cima o ten marido val ter muito que aprender contigo. Foste criada numa das cortes mais importantes do mundo, sabes como tudo se passa e acontece.

Portugal, como Castela, sempre foram reinos tementes a Deus; as pessoas sao calorosas, váo-te receber com entusiasmo. E todos me dizem que o rei é bom homem, generoso.

- É bonito, é um homem bonito - disse John, cocando a barba, para espanto das duas mulheres. E é simpático, fala razoavelmente bem francés, é educado e culto.

- E como me escolheu? Disse o meu nome? - perguntou Philippa com um nó na garganta.

- Vocés, mulheres, sáo todas iguais, só querem é ouvir elogios - riu-se John. - Disse-lhe que podia tomar a máo de uma das minhas filhas.

Preparava-me para vos descrever sumariamente, mas ele vinha nitidamente com a decisáo tomada; se fosse a ti agradecia ao ten amigo Lourenco, que desconfío lhe deve ter enchido os ouvidos com as tuas virtudes, que bem vi como vocés se davam naquelas noites em Londres.

Quando comecei a falar, calou-me logo. Num tom muito formal, o homem é formal, mas deves gostar de homens formais, bem diferentes do ten querido pai!, disse-me: Senhor duque, peco-lhe autorizacáo para desposar a sua filha Filipa.

- Ele disse Filipa?

- Claro, náo te val tratar por Philippa. . en disse que o rei falava francés, náo inglés, de que náo pesca uma palavra. . podes dizer mal dele á vontade com as tuas damas, que náo me parece dialecto que aquele poyo domine.

- Pai, e depois?

- A seguir lá continuou naquela lenga-lenga: «Se autorizar que me case com a sua filha primogénita, farei dela minha mulher e rainha de Portugal, até que a morte nos separe!»

Philippa levantou-se devagarinho, fez uma pequena vénia aos dois e saiu da sala. Deambulou pelos corredores gelados, com as palavras a ecoarem-lhe na cabeca «minha esposa e rainha de Portugal, até que a morte nos separe». Ai, se ao menos Chaucer e frei John estivessem ali! E Katherine, Katherine (que Constanza lhe perdoasse) saberla táo bem o que lhe dizer para a sossegar - e ficaria muito orgulhosa dela. E Francis? Francis?!?

Abanou a cabeca com forra como para tirar de lá todas as memórias do passado. A medida que la tomando consciéncia de tudo o que acontecera na última hora, comecou a correr:

- Maud, Blanche, Maud, onde é que estáo? Venham ouvir a notícia. Vou casar, vou casar. Depois de amanhá.

As palavras ecoaram pelo claustro e perderam-se nas montanhas que rodeavam o mosteiro.

O

Igreja de San Rosendo, Celanova, 11 de Novembro de 1386

vestido era de seda, branco. Simples, que recusara todas as jóias pomposas e pesadas que Constanza desencantara para lhe emprestar. O

hennin, aquele chapéu cónico que lhe lembrava as fadas das iluminuras, era branco também, mas insistira que o véu fosse de um azul-suave, perante os protestos de Maud.

- Náo son uma noiva a sério, é só um pro forma, um protocolo. Náo me quero iludir, nem quero gastar hoje toda a felicidade do dia que há-de vir.

Quando Joáo me olhar na cara pode desatar a fugir e romper todos os contratos - protestara, angustiada. E se aquilo que tanto pedira a Deus se revelasse um logro? Se casar fosse pior do que ficar para tia, se o marido a trasse mal, a ignorasse, tivesse amantes, casasse por casar, para depois a pór de lado? Tantas

vezes vira o mesuro acontecer a outras, por que náo lhe havia de calhar a ela?

Blanche, que desde que soubera a notícia náo a largara um minuto, deu-lhe um pequeno safanáo no braco:

- Philippa Plantagenet, e se deixasses de falar de ti mesura como se fosses uma miúda qualquer encontrada na sarjeta? O re¡ de Portugal nasceu mas foi virado para a lua!

Os irmáos beneditinos viraram o mosteiro do avesso, mas um mosteiro rico estava habituado a que damas da corte escolhessem a sua igreja, de tratos muito sóbrios, e vitrais únicos na Galiza, para casar. Os cozinheiros de Constanza rivalizavam com os irmáos cozinheiros, e as mesas espalhadas pelo claustro estavam já chelas dos pratos mais sofisticados.

Philippa, habituada como estava ao luxo gastronómico, mesmo assim espantou-se com os faisóes estufados: cozida a carne, os artistas voltavam a «montar» o pássaro para Picar táo inteiro e de ar táo vivo como se estivesse a passear nos campos de Bolingbroke, o castelo da sua querida máe - onde a vira pela última vez, há tantos, tantos anos.

Os sinos do mosteiro comecaram a tocar pelo meio dia. John e Constanza estavam á porta para receber a comitiva portuguesa. Philippa viu-os chegar da janela da cela que dava para o terreiro da entrada, no primeiro

andar. Viu sem ser vista, e o pulso acelerou quando reparou no pequeno grupo liderado por um arcebispo de mitra, muito novo para o cargo que tinha, e um cavaleiro de cada lado. Náo podía ser. Mas Lourenco Fogata era inesquecível, que bom revé-lo, que atencioso tinha sido o reí em enviar-lhe o seu amigo. O outro era bonito, alto, magro, o cabelo muito preto, e mais nao via - mas devia ser ele. O noivo. O que vinha fazer as vezes do noivo, pensou, e teve muita pena de náo ter ali ao lado Elisabeth, com a sua língua aliada. Só ela seria capaz de a fazer rir, apagando, nem que fosse por momentos, aquele nervoso miudinho.

Atrás vinham outros nobres, uma ou duas mulheres, ladeados por soldados. Os senhores vestiam a rigor e deviam ter pernoitado numa outra abadia próxima porque náo mostravam nem cansaco nem sujidade, que uma viagem pelas estradas lamacentas de Novembro lhes teriam certamente provocado.

Maud surgiu naquele momento:

- Menina, onde estava que a procurei por todo o lado?

- O irmáo Bernardo mostrou-me esta cela de onde se vé tudo. .

- Menina, venha cá - disse Maud com a voz a tremer.

Philippa virou-se, assustada:

- O que foi, Maud?

- Nada, menina, nada. Quero só que se sente neste banquinho, que está táo alta que náo lhe chego ao pescoco.

Philippa sentou-se no banquinho que a ama lhe apontava.

E Maud ajoelhou-se ao lado, com uma rosa encarnada numa máo:

- Peguei-lhe no momento em que nasceu, criei-a e vi-a crescer e a menina recompensou-me sempre por tudo o que de bom grado lhe dei.

Sinto-me sua máe, sem desrespeito pela sua que está a ver-nos lá de cima e sei que náo leva este arroubo a mal. Estou muito contente por ir casar, e desejo-lhe toda a felicidade nessa terra, para onde irei consigo. Mas náo tenho nada para lhe dar, a náo ser esta rosa dos Lancaster, a rosa da capelinha. Quero que a menina a leve consigo. Para que nunca nos esqueca, para que nunca me esqueca.

- Maud, pára, pára! - implorou Philippa, abrasando-a. - Náo posso estragar a pintura, inchar os olhos, náo posso amarrotar estas roupas.

Fazendo uso de toda a sua disciplina e compostura, Philippa levantou-se, e puxando a máo da ama obrigou-a a levantar-se também. Naquele momento Blanche entrou pela porta, esbaforida:

- Sáo as duas loucas, escondem-se aqui no primeiro andar deste imenso mosteiro. Philippa, vem, o ten pai está farto de perguntar onde te meteste. .

chegaram, estáo cá. . e D. Lourenco está ainda mais desesperado por te ver do que todos os outros. Desconfío que o reí náo o indigitou noivo por procuracáo com medo de que ele nunca mais te entregasse. .

- Tonta - disse Philippa -; e deu-lhe a máo e seguiu-a para o andar de baixo, onde uma multidáo se apertava na sala do capítulo.

- Viva a Rainha de Portugal - exclamou do seu canto Lourenco Fogata, e todos os presentes repetiram a exclamacáo.

«Náo posso corar, náo posso», dizia Philippa, desesperada, mas a cor subia-lhe ás macás do rosto. Fez uma pequena vénia a Lourenco, e aproximou-se do pai, que a levou ao arcebispo de Braga:

- Eminéncia, apresento-lhe Philippa of Lancaster, a minha filha primogénita.

D. Lancarote Vicente, que recebera o arcebispado pelos servicos prestados no campo de batalha ao rei Joáo, e que era pouco mais velho do que ele, estendeu-lhe a máo para que a beijasse. Philippa ficou ligeiramente surpreendida, mas dobrou o joelho e beijou-a, para mais surpreendida ficar quando de seguida o senhor a tomou nos bracos, como a uma velha amiga. Philippa gostou dele, do seu ar bonacheiráo, do seu sorriso pronto, dos seus olhos verdes transparentes, e fez-lhe um largo sorriso, conquistando-o como aliado.

Foi D. Lancarote que a apresentou a D. Joáo Rodrigues de Sá, explicando:

- Alteza, este é o cavaleiro que El-Rei D. Joáo escolheu para hoje aqui o representar.

Philippa olhou-o directamente, e o homem respondeu-lhe com um trejeito da boca tímido. Visivelmente estava táo embaracado como ela. Ou mais.

A partir daí tudo se seguiu numa sequéncia de passos decididos pelo protocolo, e Philippa escreveu depois a Elisabeth jurando que náo se lembrava de nada, mas de absolutamente nada do que acontecera ao longo daquele dia, nem dos votos, nem do seu sim, nem da estranheza que lhe

causara ouvir um sim de um homem que nao era o seu. Escreveu:

«Só o episódio final, querida irma, me deixou absolutamente sem fala. É

que nao tinha percebido - sim, sou urna idiota e faltavas cá tu para me abrires os olhos - que teria de passar a noite corra D. Joao Rodrigues de Sá, lado a lado na resma cama nupcial, com a espada da castidade colocada entre nós pelo senhor

arcebispo. Elisabeth, imagina a cena: depois de cerimónias e oracóes, que repetí sem saber o que dizia, depois de comida e bebida até todos os convidados parecerem prestes a rebentar, a Constanza veio perguntar-me se estava preparada para subir á cela nupcial. Á cela nupcial?, perguntei eu, horrorizada. E ela nem quería acreditar que ninguém me tinha dito, nem explicado, que teria de me deitar junto do meu marido por procuracao. Felizmente tinha bebido uns golos de um vinho fantástico que aqui há e me adormeceu os reflexos. Nao esbofeteei ninguém, nao fiz cenas. Subí de braco dado corra o falso Joao, como eu e a Blanche lhe chamámos, á frente um pajero corra urna candeia, atrás o arcebispo, o nosso pai, e toda a restante gente. Vinham ver-nos deitar. E

abencoar? Mas abencoar o qué? Para qué esta fantochada se este nao é o meu marido?, perguntava-me a todo o momento. Durante o dia inteirinho troquei vinte toscas palavras corra ele, que nao domina fluentemente nem o latir, nem o francés, e a partir daí ficámos os dois positivamente mudos -

quer dizer, disse-lhe «Boa Noite» que já aprendi erra portugués, mas ou pronuncie¡ aquilo muito mal ou o horneen é ainda mais atado do que eu, porque nem me respondeu. Nao, Elisabeth, nao rias da desgrasa alheia. E

nao, nao me despi. Nem ele. Ficámos corra a resma roupa, urna manta por cima, num quarto felizmente com urna lareira para nos aquecer. Nao dormi nada, e no escuro da cela percebi que também ele nao pregou olho, porque a sua respiracao se manteve selnpre ligeiramente ofegante e alerta. Coitado, tive pena dele, espero que seja berra recompensado. De manha, guando as empregadas e as camareiras que vinharn na comitiva nos vieran despertar, fiz-lhe o meu melhor sorriso de gratidao. A final ele é que faz o sacrificio maior, eu pelo menos se¡ que este é um primeiro passo para um futuro que acredito que va¡ ser feliz. Mana, tens que vir ter comigo ao Porto, corra o Richard pequenino. Falei só dois minutos corra Lourenco, mas ele diz que o casamento nao será antes de Janeiro ou Fevereiro, por causa dos papéis. Já nao percebo nada - por que é que se pode fazer este e nao o outro? O pai diz que este nao será talvez a mais legal das uniões aos olhos da Igreja, mas que como o arcebispo de Braga é grande amigo do rei facilitou tudo. . Só espero que o Santo Padre nao fique

desagradado e nao se recuse a apor o seu selo ao levantamento dos votos do rei. Mas nada disso interessa, e nao posso escrever mais, tenho que partir. O que importa é que venhas passar o Natal ao Porto. Foi tudo o que pedi ao pai. Agora só a Blanche, a Maud, algumas damas e camareiras, o Thomas e cem lanceiros

do pai vao connosco. Elisabeth, reza por mim e vem depressa.

E assim se despede a tua irmá recém-casada-por-procuracao Philippa of Lancaster D'Avis.

PS - Já terei direito a usar o Avis?»

Philippa teve de limpar as lágrimas que lhe caíam pela cara quando acabou de fechar e selar a carta que escrevera a Elisabeth. A vida que tanto ambicionara chegara, e náo estava arrependida de nada, mas deixar o pai, de quem se tinha aproximado tanto nos últimos meses, até de Constanza e Catalina, e da sua gente, custava-lhe imenso. Suspirou.

Lembrou-se da morte da máe, dos meses que passaram entregues a si mesmas, da separacáo de Katherine, do medo que sentira ao fugir da revolta dos camponeses e do seu palácio que ardia em chamas. Nada do que viesse seria pior do que os momentos maus que ficavam para trás.

Náo podía esquecer que além do mais tinha do seu lado o milagre da capelinha, o raio que atravessara de janela a janela e a iluminara, aquilo que lera no rasto das estrelas na viagem para cá, e o bilhetinho de freí John, anunciando que nunca mais seria Philippa. .

Pós-se de pé, determinada. Náo vertería nem uma lágrima. O que tinha pela frente, valia todo o esforco de deixar o passado.

A seguir á refeicáo do dia, despediu-se de cada um dos seus e partiu na égua que o pai lhe dera, com os arreios de gala e as palmas e os gritos das gentes galegas que tinham vindo de todos os cantos para dizer adeus á nova rainha do país vizinho.

Na carroca que levava os seus baús e o seu dote, Maud encontrara um canto confortável, coberta de mantas de pele. Acenando aos que ficavam, murmurou entre dentes:

- Que vida de saltimbanco a minha. Há vinte e seis anos que ando nisto, de malas ás costas, estradas deste mundo e qualquer dia do outro. Que Deus seja louvado.

Philippa sentia-se de novo livre. Enfiada num espesso casaco de pele de urso, tinha os olhos presos ás montanhas imensas e aos vales profundos

que subiam e desciam por caminhos íngremes e escorregadios - Lourenco e Joáo Sá tinham decidido levar a rainha de Portugal através da serra do Gerés, um trajecto impossível para as carrocas e para o exército, mas que faria poupar tempo e daría a possibilidade de descansarem na abadia de S.

Bento, já do lado de lá, enquanto esperavam pelos outros. As árvores enormes que ladeavam a estrada e as escarpas eram o leito de cascatas que caíam de centenas de metros de altura, levantando uma espuma táo forte que ás vezes formava um nevoeiro que cobria a estrada. Lourenco estava sempre por perto, falador incansável, a explicar-lhe o nome dos sítios, a ensinar-lhe o nome das árvores e das plantas, dos lobos e das raposas que de vez em quando surgiam numa corrida, assustados pelos cascos dos cavalos a quem os cavaleiros pediam um passo rápido. A noite caía cedo e tinham partido tarde, mas Philippa sentia-se protegida e contente. Blanche vinha com Thomas um pouco atrás, muito próximos -

que estranha vida a dos homens e das mulheres como nós, em que todos os minutos a sós sáo táo dificilmente roubados, e o risco de uma separacáo para sempre no campo de uma batalha, ou na cerca de um torneio, se somam aos da doenca, que parece levar sempre os mais queridos. Mas agora náo quería pensar nisso. Levantou os olhos para mais uma cascata e desta vez foi o seu «falso Joáo» que lhe explicou que no fundo do vale havia um imenso lago, que veriam no dia seguinte, ao nascer do Sol. Mas Philippa náo tinha pressa. A ansiedade dos meses de indecisáo deixara-lhe as unhas roídas e sentia uma enorme curiosidade em conhecer o rei de Portugal, mas achava que merecia uns dias de descanso. O seu novo Livro das Horas, de iluminuras e letras pintadas pelos monges beneditinos e oferecida como presente de casamento, la na malinha de couro atada á sela, com as suas jóias mais queridas, mas náo precisava dele - sabia-as de cor, e nada, nem antes nem depois deste dia, a levou a esquecer o momento de as rezar. Instintivamente levou a máo ao pescoco. Segundos antes da partida, o pai puxara-a a um canto, abrasara-a com forra e entregara-lhe o medalháo de ouro que sempre vira ao pescoco da sua máe.

Ao abri-lo, como tantas vezes fizera em pequenina, aconchegada no seu colo quente, voltou a ver do lado direito o retrato de Blanche, e do esquerdo a iluminura de John. Retirando da bolsinha as pétalas da rosa que Maud lhe dera, colocou uma delas lá dentro e fechou-o de novo.

Virando-se para o pai, pediu-lhe que fosse ele a colocá-lo em redor do seu

pescoco «para nunca mais o tirar». E quando, com uma suavidade invulgar, John o fez, a promessa de que em circunstáncia alguma choraria, quebrou-se.



Olhando os ríos de água que corriam pensou que talvez a sua querida Maud tivesse razáo. As lágrimas náo faziam mal a nada, e só os grandes senhores é que tinham medo delas.

A comitiva já estava de novo reunida e formada, segundo protocolos que era importante conhecer. A frente o arcebispo, á direita e á esquerda os seus cavaleiros, atrás as damas e ladeando-os a todos, os lanceiros ingleses, com os estandartes com as armas dos Plantagenet, intercalados com os estandartes com as armas portuguesas.

Lourenco parecía uma crianca excitada, desesperada por chegar perto de um presente por abrir. Já falara do Porto a Philippa. Explicara-lhe que era uma cidade especial, ou náo fosse a sua de nascenca, em que o río Douro corria largo, para abrir numa foz imensa onde, no Inverno, o mar entrava com toda a sua fúria. Dissera-lhe que o senhor da cidade era o bispo, e o paco episcopal o palácio mais importante. Ah, mesmo os reis pediam licenca á Igreja para pernoitar.

- Veja, princesa, desculpe, Alteza, veja, veja, que daqui já se vé.

Philippa, divertida com o seu entusiasmo, olhou: Num morro alto via-se uma muralha ao longe, e a sombra de edifícios de pedra escura, imponentes contra a linha do céu. A serpentear ao longe o -

D. Lourenco, é o Douro náo é? -, e ele disse que sim.

A estrada descia para um aglomerado de casas, de ruas estreitas, varandas longas, as janelas enfeitadas de panos coloridos. Viam-se caras e mais caras, e mais caras.

- O poyo saiu á rua para ver a nova rainha - disse Joáo Rodrigues de Sá, abrindo a boca pela primeira vez naquele dia, juraría Philippa.

E depois náo disse mais nada. Numa vertigem a rainha de Portugal voltou a

Londres, á coroacáo de Richard, ás gentes que gritavam na rua o seu nome. Seria possível que agora o nome fosse o seu?

- Dona Filipa, é o que dizem? - perguntou a Joáo Rodrigues de Sá.

- Sim, Alteza, Filipa é agora o seu nome.

- Mas dizem «Lencastre», pronunciou ela com dificuldade e surpresa.

- É mais fácil de dizer - explicou Joáo Rodrigues de Sá.

- Filipa de Lencastre. . vou ter de me habituar - comentou a rainha, pensativa. Como que conformada á sua nova identidade, endireitou-se no cavalo, sorriu e acenou áquela gente que tinha a gentileza de a receber assim. Sob o céu claro daquele dia de Novembro, encheu o peito de ar, e virando-se para Blanche que vinha mesmo a seu lado, disse alto:

- Blanche, vou fazer tudo para merecer esta recepcáo.

Blanche devolveu-lhe o sorriso. Ninguém tinha dúvidas de que quando Philippa se decidia a qualquer coisa, possuía toda a forra e determinacáo para a cumprir.

Mas Philippa estava agora demasiado nervosa com a perspectiva do seu primeiro encontro com Joáo. Quando subiram a ladeira para o Paco Episcopal, gente de todos os lados, viu-o pela primeira vez: direito, com um ar grave, uma capa de veludo vermelho em redor dos ombros, a cabeca destapada com o cabelo castanho-escuro solto ao ar, os olhos postos no caminho. Esperando, como ela esperava. Multo próximo do rei, estava um outro homem, mais alto, mais magro, mais louro, mais novo, mas com um olhar que mesmo dali Philippa percebia que se destinava a marcar distáncia dos outros.

- Quem é aquele, D. Lourenco? -, perguntou numa voz que tremia ligeiramente.

- D. Nuno Álvares Pereira, o condestável do reino que. .

- En sei, en sei quem é, só náo o conhecia pela cara - rematou apressadamente Philippa, que tinha estudado tudo o que dizia respeito á política portuguesa, para lá das horas perdidas, como freí John lhe ensinara, a cotejar o mapa do seu novo reino.

O barulho dos cascos dos cavalos mudou quando chegaram ao terreiro de laje que rodeava o paco episcopal, uma auténtica fortaleza no topo de um morro, circundada pela cidade, com uma vista deslumbrante sobre o rio, onde baloicavam dezenas de pequenos barcos.

Mas a princesa-rainha só via Joáo, que chegara próximo da sua montada, e mal a viu no cháo debrucou-se sobre a sua máo, beijando-a demoradamente. Philippa estremecen: este era o homem a quem prometera, perante Deus, amar e servir até que a morte os separasse.

Queria agradecer-lhe, dizer qualquer coisa simpática, talvez até em portugués, mas náo conseguia encontrar as palavras, pronunciar uma das frases que ensaiara tantas e tantas vezes. Al, Virgem Santíssima, o rei la

pensar que era uma provinciana qualquer, deslumbrada e estarre cida por aquela pequena recepcáo, por um punhado de gente, como se fosse uma menina a chegar á corte pela primeira vez.

Philippa sentiu a maldita cor subir-lhe á cara, e teve vontade de bater o pé de fúria contra si mesma. Felizmente Joáo parecia náo dar por absolutamente nada, indiferente ao seu embaraco (boa educacáo ou total desinteresse?, perguntou-se), falava pelos cotovelos em francés. Do clima, do encontro com o pai, da viagem, fazendo as perguntas e dando as respostas, interrompendo as histórias para a apresentar a este e áquela, pronunciando nomes que a princesa tentava desesperadamente reter, mas que náo colavam. O pior eram os olhos daquele homem, daquele Nuno (que nome táo impossível de pronunciar. .), que a seguiam sempre, avaliando-a, deixando-a ainda mais insegura. «Quem se julgava ele para sentir que tinha o poder de aprovar ou vetar a rainha de Portugal?», pensou, habituada que estava desde a infáncia a procurar entender, de uma só vez, as correntes de poder que tecia cada grupo. Para se poder defender delas, e se necessário contra-atacar no tempo certo.

Nesse momento sentiu a máo de Blanche no braco, e um beliscáo que quase a fez gritar. «Repete», disse-lhe baixinho, e em inglés. «Repito o qué?», responden Philippa, assustada. «Repete baixinho: "En son Philippa de Plantagenet. ."» Curiosamente, a frase teve o condáo de a devolverá normalidade. Respirando mais devagar e profundamente, libertou-se do olhar do condestável e concentrou-se naquilo que Joáo lhe dizia, respondendo aos cumprimentos de todos aqueles fidalgos e fidalgas, que a recebiam com sorrisos abertos e

discursos efusivos.

O amigo Lourenco Fogata vinha uns passos atrás e olhava para tudo aquilo como alguém que observa uma cena de fora. E teve medo; como se tem medo quando desejamos muito que alguém de quem gostamos cause boa impressáo e tememos que tal náo aconteca; medo de que a frieza protocolar da nova rainha pudesse parecer arrogante aos senhores e senhoras daquela cidade, táo sensível á forma como eram tratados.

Blanche sentiu o mesuro. A distáncia que a princesa tinha sido ensinada a colocar entre si e os outros, e que em Inglaterra era a regra, aqui parecia-lhe ligeiramente descabida. Den por si a pensar, preocupada:

«Quem mudaria quem, e a que custo?»

E

Paco Episcopal, Porto, 23 de Dezembro de 1386

stava há mais de um mes na cidade do Porto. E a ansiedade voltara.

Náo tinha culpa, tudo acontecera de forma muito diferente daquela que esperara e sonhara. Ainda hoje nem quería acreditar: nunca mais voltara a ver, ou a falar, com Joáo, depois daquela desastrosa recepcáo. O rei continuara a apresentá-la a pessoas sem fim, até que a deixara no sopé de uma enorme escadaria, onde pajens e camareiras a esperavam. Despedira-se com um piscar de olho a Blanche e a duas das suas damas, que tinham desatado num risinho histérico, umas idiotas que teve vontade de devolver logo ali á procedencia. Desejou-lhe uma alegre estadia e anunciou que agora só se voltariam a ver quando voltasse das campanhas que teria de fazer pelas fronteiras.

Philippa ficou com a nítida impressáo de que se assemelhava a um peixe: os olhos muito abertos, o cansaco todo da viagem e da expectativa a tomarem-lhe de novo conta da língua. Lembrava-se mal do que dissera, mas supunha que náo Tora mais do que desejar-lhe uma boa viagem, a que o rei respondera assegurando-lhe que naquele paco seria tratada como uma rainha, porque assim o ordenara.

Antes de subir para os seus aposentos, Philippa vira o marido por procuracáo virar-lhe as costas e partir com os seus homens em direccáo á porta como se tivesse uma vontade imensa de se pór a andar dali. Náo se enganava.

Nos dias que se lhe seguiram agiu como um boneca congelada por dentro e por fora, que o palácio do bispo do Porto era austero, e so na sala principal ardia uma lareira. Blanche e Maud tentaram mimá-la como podiam, mas a princesa agia como hipnotizada, presa num terror imenso de que o seu destino náo fosse diferente do de Cons tanza, que o Senhor Jesus Cristo se vingasse em si da crueldade com que o pai John tratara a sua rainha castelhana. Sempre pronto a usar o título que era seu por casamento, mas igualmente rápido a dormir e a gerar filhos a uma amante, a quem dera o seu melhor castelo e, para cúmulo dos cúmulos, entregara a educacáo dos filhos legítimos.

Adormecia afogada nas lágrimas que, com a mudanca da paisagem e do

clima, pareciam agora táo prontas a correr. Adorara Katherine, adorava Katherine, e sempre sentira que náo Tora por acaso que ela ala estivera no momento da morte da máe, á sua cabeceara, pronta a receber dela a responsabilidade de cuidar dos seus queridos filhos. Philippa recordava-se, como se fosse hoje, de como Katherine náo arredara pé daquela casa quando todos fugiam, como tomara incondicionalmente conta deles, apesar de ter os seus próprios filhos. . Mas talvez Deus a castigasse por, de alma e coracáo, ter estado sempre do lado da amante. .

Amante! Era obrigada a confessar que a informacáo de que El-Rei já era pai de dois filhos de uma morena que «catara» numa aldeia e trouxera para a corte, a deixara de rastos. Ainda por cima um grupinho de damas portuguesas muito bem-intencionadas - em todas as cortes havia víboras -

tinham-lhe descrito a tal Inés como uma mulher linda, contribuindo para esta melancolia, misturada com acessos de raiva interior. Náo era difícil reavivar em Philippa o passado e a certeza do castigo. .

Blanche e Maud comecaram a Picar preocupadas - a princesa passava horas na capela, ou no genuflexório do quarto, agarrada ao seu livro de oracóes, para além da missa diária, para a qual arrastava todas as outras senhoras da casa. Os efeitos da sua aparente falta de jeito para fazer sala faziam sentir-se nos olhares e nas conversas das damas pelos cantos, e era de calcular que nada do que se dizia a

lisonjeava. Afinal ninguém sentia qualquer lealdade perante esta estranha, translúcida, que se náo impressionava pela beleza, náo parecia capaz de vencer pela inteligéncia da conversa.

Decididamente, Blanche e Maud náo precisavam de ser bruxas para entender que diziam que «esta tal Filipa» era velha e feia, que o pai arranjara finalmente forma de a «despachar», e que o rei Joáo decididamente náo se sentira minimamente atraído por ela e se pusera logo a milhas dali.

Lourenco, que ficara encarregado pelo rea de organizar a casa da futura rainha, estava igualmente estarrecido. Era preciso devolver Philippa á normalidade, a bem do reino e da sua felicidade. E para repor a sua própria credibilidade, bem entendido, que fizera tanta questáo em recomendá-la a Joáo! Era preciso restituí-la á normalidade antes do casamento oficial, das festas, de que fosse correr o país e estar com o poyo.

Prepará-la para a presenca constante junto do rei de Afonso e Beatriz, explicar-lhe que as pessoas interpretavam a sua timidez como pura má

criacáo. .

Náo podía passar de hoje, antes que o Natal, a Missa do Galo, a ceia onde se juntariam os nobres da cidade, aumentasse ainda mais o fosso entre D.

Filipa, como agora se esforcava por lhe chamar, e a gente que a podia destruir num dia de má-língua.

- D. Blanche, posso falar com a rainha? -, perguntara, ao meter a cabeca pela porta da salinha a que Philippa chamara sua.

- D. Lourenco, entre, entre - suspirou Blanche, feliz por encontrar um aliado em quem sabia poder confiar, e o único capaz de ter alguma influéncia sobre a sua irmá.

Philippa levantou-se e atravessou a sala de máos estendidas para o receber. Também ela sentia o mesmo que Blanche.

- D. Lourenco, que feliz fico de o ver. .

Mas nem acabou a frase. Com ar decidido, Lourenco pegou-lhe por baixo do

braco e puxou-a em direccáo á porta:

- D. Filipa, está um dia lindo de sol, que nunca verla se estivesse trancada lá na sua terra. E um frio desgrasado, é verdade, por isso peca que lhe déem o seu manto mais quente, porque vamos passear.

Philippa obedecia-lhe, sem pensar. Blanche sentiu pena dela: tudo o que precisava era de atencáo.

D. Lourenco é que náo estava para introspeccóes nem para deixar escapar esta oportunidade. Saíram de casa pela porta do jardim, sem escolta nem damas, num gesto ousado que certamente incendiou as desconfiancas das aias que espreitavam curiosas pelas janelas. Mas ele quería lá saber o que diziam essas mulheres roídas de inveja por uma inglesa lhes ter roubado a oportunidade de, quem sabe, subirem ao trono.

- Alteza - disse respirando fundo.

- D. Lourenco náo me diga que me tenho portado mal, que devia falar mais, que esta melancolía náo me Pica bem, que é altura de fazer conversa bonitinha com as damas desta corte que val ser a minha, em lugar de passar os dias com os olhos no meu Livro de Horas - disse de um fólego a princesa.

D. Lourenco respirou de alívio: a verdadeira Philippa continuava ah, firme e sólida, só era preciso afastar-lhe do caminho as sombras que lhe tiravam a alegria.

- Se sabe tudo isso, princesa, por que é que faz o contrário, se me permite perguntar-lho?

- Por causa do rei. .

- Posso falar-lhe um bocadinho de D. Joáo?

Philippa virou para ele o olhar, de novo vivo e brilhante:

- Náo me atrevia a pedir-lhe tanto, mas sim, por favor, explique-me por que é que Joáo se foi logo embora, diga-me se ele ainda ama a tal Inés, a máe dos filhos, e corrija-me se me engano, mas o meu portugués já chega para entender que as damas desta corte acham que náo fui capaz de o atrair - disse de um

fólego; nunca falara assim com um homem, meu Deus, para o que lhe dera!

Lourenco também ficou por uns segundos sem Pala, mas depois percebeu que a princesa lhe entregava de máo-beijada a deixa de que precisava para entrar em assuntos de uma intimidade que por iniciativa própria nunca se atreveria a abordar.

- Vamos por partes, D. Philippa, D. Filipa, quero dizer. Primeiro, El-Rei já náo tem nada com essa senhora, que entrou há tempos para o Mosteiro de Santos, onde se mantém em clausura.

Philippa suspirou de alívio - pela primeira vez na vida sentira ciúmes e entendera ao que os ciúmes podem levar. Se a dita criatura náo tivesse entrado por seu próprio pé no convento, teria sido ela a empurrá-la para lá, disso náo tinha dúvidas.

Lourenco esperou que Philippa voltasse a dar-lhe a sua atencao:

- Em segundo lugar é verdade que El-Rei é pai de dois filhos dessa ligacáo.

Que fúria que Philippa sentia. Era típico de John of Gaunt ter-lhe ocultado tudo isto, com medo de que a sua piedade a levasse a levantar obstáculos a casar com um rei bastardo, já com descendéncia, conhecendo de antemáo as dores de cabeca que essa descendéncia ilegítima criava sempre aos legítimos descendentes, sobretudo se houvesse varóes. .

- O mais velho chama-se Afonso, faz por agora dez anos, e é companhia frequente de El-Rei; tem um mestre, e aprende para cavaleiro.

- Imagino que tenha ficado perturbado com o casamento do pai.

- Náo lhe escondo que ficou, é uma crianca mimada, com todo o respeito,

habituada a ser o centro das atencóes, porque em consequéncia dos votos de castidade que o pai tomou enquanto mestre acreditava talvez que náo casasse. .

Philippa sentiu uma picada no peito, como se tivesse ficado sem ar por segundos: e havia mais essa, o homem com quem casara, era - ainda neste momento - mestre de uma ordem religiosa, a quem o Papa náo tinha levantado os votos. .

- Depois há a Beatriz. Aos oito anos, é uma rapariga multo mais tímida do que o irmáo, que tem vivido num certo esquecimento entre as damas da corte - continuou Lourenco.

O coracáo de Philippa ficou imediatamente conquistado pela ideia de uma crianca a quem o irmáo fazia sombra, perdida entre senhoras que náo lhe diziam nada - talvez, pelo menos, tivesse uma ama como a sua Maud.

- A Beatriz está aqui, no Porto, no paco? - perguntou Philippa, ignorando por agora Afonso, náo se sentindo suficientemente segura nem detentora de estatuto bastante para enfrentar um rapazinho que a odiava á partida. .

- A Beatriz está no convento de S. Francisco - e Lourenco esticou o dedo para lhe apontar onde ficava -, onde El-Rei se aloja sempre que vem ao Porto. Uma cidade que pertence ao bispo, e onde o re¡ náo tem, por deferencia e respeito, palácio.

Philippa percebeu que nem isso sabia da vida do marido, onde Picara naquela noite em que a recebera, para onde fora, nada.

- Era possível traza-la para ao pé de nós? A Maud adorava ter uma crianca por perto, e assim podia conheca-la melhor. D. Lourenco, toda a vida vivi entre irmáos bastardos, toda a vida tomei conta de irmáos mais pequeninos do que en e impressiona-me a confusáo que os pecados dos pais provocam na vida destas criancas. Náo me sinto preparada para o Afonso, mas gostava de estar com a Beatriz.

Lourenco anuiu que sim com a cabeca, e fez-lhe um sorriso aberto:

- Gosto de a ver de novo a pensar com a inteligencia que lhe conheco -

disse.

E Philippa olhou para as folhas espalhadas no cháo dos caminhos de terra entre os buxos que formavam os canteiros, como fazia sempre que a elogiavam. .

- D. Lourenco, esta gente náo gosta de mim, pois náo? Sentem-me como

uma intrusa, nem castelhana son, e acham-me feia e pálida, como já as ouvi dizer.

Foi a vez de Lourenco contemplar a terra do caminho. Mas responden:

- D. Filipa, sabe como sáo as línguas, aqui, em Londres, em Paris, ou em qualquer outro lado do mundo. Entáo as línguas de mulher, que falam por falar, e a quem a inveja move sempre a imaginacáo. Mas estas senhoras náo sáo o poyo, e o poyo aclamou-a com entu siasmo. O poyo quer que o rei case e tenha muitos filhos, para que o trono passe em linha directa, sem as agitacóes dos últimos anos.

- Mas, D. Lourenco, náo é estranho que D. Joáo nem um dia tenha ficado?

- Talvez seja, princesa, mas vai ser preciso que se habitue. D. Joáo náo foi educado na corte, nem entre meneios de senhoras. Andou sempre com os seus homens, em montadas, catadas e batalhas. É rei há pouco tempo, num país ainda agitado e náo teve tempo, nem inclinacáo, para se habituar a uma vida mais doméstica, mais de família. Além do mais a paz é instável, sobretudo agora que o seu pai lhe pediu alianca para disputar o reino vizinho. D. Juan náo estará, com certeza, muito feliz, e pode decidir avancar, em lugar de esperar. .

Philippa sentia-se mais aliviada. Talvez a culpa náo fosse toda sua, talvez se tratasse apenas de dar tempo ao tempo, de esperar oportunidades para mostrar a Joáo como era bom estar em casa, investir na construcáo e no melhoramento de um paco, como Katherine fizera com o pai em Kenilworth. . Náo podía, a esse respeito, seguir o exemplo da sua querida máe, demasiado dominada pelas convencóes, a quem tinham ensinado a aceitar tudo ao marido, sem lutar por ele e por aquilo que desejava. .

- O que é que posso fazer para ajudar a que me aceitem? - perguntou, humilde.

- Quem son eu para lho dizer? Mas ajudaria se abrisse a sua sala ás damas que El-Reí indicou para sua Casa, e náo era pior se as consultasse e lhes pedisse conselhos; sabe como as pessoas sáo, guando se sentem especiais depressa se nos tornam leais.

Tinham caminhado até ao miradouro, virado sobre o rio e o sol já descia sobre os montes na margem sul. A vista era deslumbrante, de quase 360

graus, e Philippa la-se virando para a captar por todos os ángulos. Foi num desses instantes que viu chegar ao Terreiro do Paco uma pequena carruagem, e ficou sem ar quando reparou nas armas das bandeiras da

escolta: os leóes vermelhos e amarelos de Inglaterra, conjugados com o azul-forte que rodeava as flores-de-lis.

- D. Lourenco, chegou alguém de casa! - disse, quase sem fólego, as saudades torcendo-se num nó na garganta.

Lourenco virou-se e ficou igualmente espantado:

- Algum recado do seu pai. .

Philippa já desatara a correr, como uma louca, em direccáo á porta do palácio. Quando olhou melhor, Lourenco percebeu porqué: da car ruagem saía uma mulher alta, de cabelos ruivos, e ao colo trazia uma crianca enrolada numa pele de urso. Do cavalo que a escoltava, desceu um homem igualmente inconfundível.

- Elisabeth - disse D. Lourenco, e ele próprio teve vontade de correr. Náo era imune ao fascínio daquela caprichosa princesa, que agora era máe.

Nem táo-pouco á irritacáo que lhe provocava aquele John Holland, sempre desejoso de uma riza; uma dia ainda acabava mal.

Philippa já estava nos bracos da irmá. As duas cabecas, de cores táo diferentes, juntavam-se numa só. Elisabeth estendeu os bracos e mostrou-lhe, pela primeira vez, o sobrinho Richard.

A «missáo» correra decididamente bem, pensou satisfeito Lourenco. O

Natal la ser muito menos triste do que acreditara. Com Elisabeth no paco, até o próprio bispo do Porto iría saltar e dancar em redor do presépio!

Philippa virou-se no último degrau da escada, procurando-o. Quando viu que entendera tudo, fez-lhe o seu mais magnífico sorriso. E Lourenco pensou:

- É esse, esse mesuro, o sorriso que tens de fazer para o rei!

Philippa olhava orgulhosa para a irmá. Elisabeth tinha esse condáo: mudava tudo á sua volta, suscitava amores e ódios, mas ninguém lhe ficava indiferente. Desde que chegara, Philippa sentia-se outra, como se os papéis agora se invertessem e a irmá de quem sempre tomara conta, tomava agora conta dela. Quando á noite as

tras irmás se sentavam na enorme cama de dossel de Philippa, embrulhada em mantas quentes que náo havia outra forma de aquecimento, e Maud arranjava pretextos para ficar mais um bocadinho ao pé das suas meninas, riam ás gargalhadas como antigamente. Elisabeth conquistara as aias de Philippa, e fizera um charme indecente aos fidalgos que vinham visitar a princesa-rainha, ganhando o

ódio das suas dilectas esposas. Na tertúlia da noite trocava sem dó nem piedade de tudo e de todos, só pelo prazer de ouvir as irmás rir.

- Já virara o nariz do bispo? E como funga toda a missa? - dizia. Para acrescentar logo a seguir «Hi, hi, e a fúria de uma gorda enrolada era sedas, quando passei dez minutos era conversa com o marido?»

Philippa tentava pregar-lhe um sermáo, mas acabava ás gargalhadas, de tal forma se sentia aliviada da melancolía que a assaltara. Era como se Elisabeth, sozinha, fizesse a catarse de todo o mal-estar que sentira, lhe abrisse as portas para os outros, mas com um aviso prévio: «Se fazem mal á minha irmá, garanto-vos que se arrependem!»

A pequenina corte, formada em volta da princesa-ainda-náo-bem-rainha percebeu imediatamente a diferenca, porque Philippa abriu-se em sorrisos fáceis, e embora fosse muito mais tímida e serena do que a irmá, ganhou dela o balanco para se interessar pelas pessoas á sua volta, e até para as espantar com o seu portugués. E as aias e camareiras mais generosas diziam entre si: «Pobrezinha, aquilo eram saudades que ela tinha.»

Blanche, por seu lado, náo conseguía sentir inveja dos poderes-maravilha da sua meia-irmá ruiva, até porque com Philippa mais acompanhada, podia escapulir-se para ir ter com o seu querido Tom, cansado de marcar passo naquela cidade, mas consciente de que até ter Philippa oficialmente casada náo podia mesmo voltar para os seus exércitos.

De um segundo para o outro tudo se tornara diferente. Fora naquela manhá que o mensageiro chegara com uma carta para Philippa. O reí mandava dizer que acreditava que a dispensa do Papa Urbano estava já a caminho, e que náo podiam adiar nem mais um dia o casamento.

Elisabeth, que espreitava por cima do ombro da irmá, exclamou: «É

preciso lata, como se náo fosse ele que te tem feito esperar a ti! Meses neste paco gelado, na companhia de um bispo - o meu cunhado vai ter que me ouvir!»

- Deixa-me acabar de ler. Diz que náo podemos adiar mais o casamento porque senáo entramos na Quaresma, e a Igreja náo permite casamentos nos quarenta dias anteriores á Páscoa. .

- Marca a data? - perguntou Elisabeth.

- Este homem é de facto parecido com o nosso pai; diz que chega depois de amanhá, dia 2 de Fevereiro, e espera por mim á porta da Sé do Porto, a fim de recebermos uma primeira béncáo do arcebispo de Braga, aquele simpático que me trouxe até cá, o Lancelot, como lhe chamo.

- Náo fato ideia de quem é que estás a falar, mas também náo importa -

esse ten marido, ou futuro marido, é doido. Como é que vais ter tempo de arranjar vestido? Esquece, mana, já sei, tens vinte vestidos brancos dobrados na arca, ou náo fosses Philippa of Lancaster e a tua ama Maud de Leicester. Mas ouve lá, isto náo é o casamento a sério, pois náo? É que eu, o John e o pequenino Richard queremos uma festa a sério. .

- O rei diz que hoje mesmo vai anunciar ao reino a «boda», e marca a data para dia 14 de Fevereiro, está descansada, Elisabeth, que vai haver festa. Quanto ao resto, náo explica nada. O Lourenco há-de saber os detalhes todos, e as aias que o rei nomeou devem perceber os protocolos portugueses para estas ocasióes - comentou Philippa.

- De protocolos sempre soube pouco - responden Elisabeth a rir, mas pelo que tenho visto por aqui duram mais do dobro do tempo do que os nossos, por isso prepara-te que vais levar uma seca. .

- Cala-te, Elisabeth, é o meu casamento. Finalmente. E Joáo náo voltou atrás com a palavra, náo fugiu. .

- Era o que mais faltava. Claro que nao fugiu! Tenho que ir ver o Richard, que a crianca com uma ama a falar-lhe em galego aos ouvidos todo o santo dia val ficar ainda mais perturbada da cabeca do que a máe. . e o pai, e o avó, etc., etc. Mas! Mas antes de me ir embora, promete-me: deixas-me ir ao ten lado, tanto nessa tal béncáo, como no casamento frente ao bom poyo?

- Ao lado de Philippa para onde? - perguntou Blanche que acabava de entrar, os pés gelados depois de mais um passeio ás cavalaricas á procura de Tom.

- No meu casamento - disse Philippa baixinho, e Blanche veio abracá-la de contentamento, enquanto Elisabeth fugia para o filho.

Na véspera da cerimónia, Philippa notou que Elisabeth passou metade da ceia a falar entusiasticamente com Lourenco. O pobre, ora corava ora soltava uma gargalhada, e Philippa nem quería imaginar o que lhe perguntava. Decidiu ir salvar o amigo:

- D. Lourenco, a minha irmá decidiu martirizá-lo um jantar inteiro?

Elisabeth aproveitou a chegada da irmá para dar a máo a beijar a Lourenco, que mesmo num paco de um bispo conseguía flirtar como se estivesse na corte de Windsor.

- Deixem-se desses salamaleques e digam-me de que é que falam -

insistiu a princesa.

- Philippa, estou a fazer aquelas perguntas que tu nunca terás a coragem de fazer, á tua camareira-mor, que náo parece grande especialista nas artes de que aqui falamos, e piscou o olho a um Lourenco vermelho que nem um pimento. Por isso náo te metas, que hoje á noite vou ao ten quarto explicar-te como é que a noite de núpcias acontece neste reino. .

Philippa já se afastara apressadamente. Aquela sua irmá náo tinha limites. Precisava de dar a impressáo á corte inteira de que era uma debochada? Logo ali, onde já percebera que todos contavam histórias mirabolantes dos amores e das amantes do pai John, e havia mesmo quem achasse que ela, logo ela, talvez náo passasse de uma sonsa, cheia de armadilhas por detrás dos «seus inocentes olhos azuis».

Maud esperava-a no quarto, já com um chá de camomila feito, a camisa de noite aquecida em tijolos, e a escova de tartaruga que Philippa herdara da máe, e a máe da máe dela. Depois de a vestir, deixou-a sentar-se debaixo das mantas quentes dentro da cama e sentou-se na beirinha, para a pentear. Suavemente, uma madeixa de cada vez, com um cuidado especial para náo lhe apanhar os nós, e cantarolando as cantigas de embalar, que lhe cantara em pequenina.

- Maud - chamou baixinho, sem querer quebrar o encanto. .

- Sim, menina?

- Achas que ele vai gostar de mim? Que vou ser capaz, capaz. . de lhe agradar?

- Val, princesinha, vai, mas agora durma que amanhá o dia será comprido.

Ouvindo os passos inconfundíveis de Elisabeth no corredor, apressou-se a soprar a vela e a ir ao seu encontro:

- Menina, a mana já dorme, náo entre - pediu-lhe assustada, sabendo que Elisabeth era capaz de despertar um morto se lhe desse para isso.

- Maud, vinha explicar-lhe que amanhá náo se passa nada, que amanhá

o meu querido cunhado recebe a béncáo e coisa e tal, mas depois vai devolvé-la aqui ao paco. Se náo a avisarmos de que é assim, vai entrar em histeria, sentir-se outra vez rejeitada - vociferou de um fólego.

- Ela sabe, menina, ela sabe isso tudo. A camareira-mor explicou-lhe.

Traduziu-lhe para francés o pergaminho que o rei mandou que fosse lido em todas as aldeias e vilas deste reino e em que convida os fidalgos e o poyo para virem á boda, no dia 14. ., explicou Maud.

- Bem, se temos mais oito dias, então explico-lhe o resto depois, mas agora deixa-me entrar, prometo que náo lhe falo sequer, so quero vé-la. .

- Se jura que náo a acorda, menina, olhe pela sua saúde. .

- Juro pelo Richard que náo fato mesmo barulho. É só um segundo. Fica aqui com a tua vela, para en entrar e sair sem tropecar.

Entrou pelo quarto da irmá. E Philippa sonhou, mas com um realismo tal que podia jurar que era verdade, que a máe viera durante a noite e lhe fizera uma pequenina cruz na testa e lhe aconchegara as mantas, como em Bolingbroke.

J

Porto, 2 a 14 de Fevereiro de 1387

oáo esfregou os olhos, estremunhado. Cavalgara todo o caminho de Chaves até ao Porto, para poder estar na cidade na manhá deste segundo dia de Fevereiro. O arcebispo de Braga mandara-o regressar - era preciso realizar a béncáo oito dias antes do casamento, era preciso organizar a boda e a «apresentacáo da casa», preparar a festa. Tudo antes de dia 14, véspera do início da Quaresma.

Todos os seus enviados diplomáticos garantiam que a autorizacáo papal vinha a caminho, mas a verdade é que o arcebispo decidira avancar apenas com base nessa conviccáo. «Só espero que os mensageiros de Sua Majestade náo se tenham enganado!», escrevia Lancarote Vicente na mensagem que lhe enviara. Porque caso se enganassem, podía ser excomungado por abencoar o casamento do reí de Portugal, preso a votos de castidade.

João chegara exausto, mas as cinco horas que dormira de seguida naquele bendito convento, já o tinham posto como novo. O pior era o resto do dia: estivera com Filipa apenas uns minutos, percebera-a tímida, e sinceramente náo a achara nada bonita - as morenas faziam decididamente mais o seu género. Trocara de Lourenco, que a descrevera como a mulher mais inteligente e informada que conhecia, porque a infeliz náo abrira a boca, em língua nenhuma, nem sequer comentara fosse o que fosse que lhe dissera. Mas João era um homem condescendente, e de qualquer forma nesta altura do campeonato sabia que o melhor mesmo era tratar do inevitável, para reconquistar o sossego e preparar-se para a batalha.

Enquanto os camareiros o vestiam, ritual que em dia de gala durava e durava, mandou chamar Afonso. Sabia que a pequenina Bea triz tinha sido levada para o Paco, onde se dizia que Filipa passava longos bocados a conversar com ela. Contaram-lhe até que a princesa - rainha! - fizera com a crianca um pacto: se ela lhe ensinasse portugués, Filipa ensinar-lhe-ia francés.

João ficou contente. Multo sinceramente temía que alguém tivesse



contado á rapariga que já tinha dois filhos e que a criatura fosse acometida de um acesso de histerismo perante a notícia e decidisse rejeitá-lo logo ali.

Porque, náo esquecia, embora fingisse nem lhe ocorrer tal coisa, que nesta história era uní filho bastardo, de um reino secundário, que casava com a primogénita da casa de Inglaterra. Se afinal Filipa era suficientemente generosa ou esperta, ou ambas as coisas, para tomar a iniciativa de se aproximar de Beatriz, talvez Lourenco e Fernando tivessem razáo e fosse esta a mulher ideal para ele.

Afonso entrou pela porta, com o espalhafato do costume. Joáo acenou-lhe, porque estava preso nas máos de alfaiates que lhe apertavam a túnica, enquanto outros lhe faziam a bainha:

- Afonso, filho, conto contigo para estares entre os meus homens no día em que o pai casar! Hoje é a cerimónia da béncáo na Sé, queres vir?

Mas Afonso já lhe tinha virado as costas, voltando a sair pela porta por onde entrara.

Os costureiros entreolharam-se, mas Joáo limitou-se a comentar um

«Criancas!», dito bem alto. Os homens que o rodeavam repetiram

«Criancas». E náo se falou mais nisso.

O pintor retratou-os. Esteve com eles na Sé, viu tudo, e transformou o que viu num quadro que Philippa defendería com a vida. A imagem do momento em que o seu sonho se tinha concretizado, apesar do dia cinzento e chuvoso. Era como um retrato de família, onde figuravam muitos daqueles de quem ela mais gostava. Apenas um grupo pequeno, do lado dela quatro damas, Elisabeth, Blanche, a camareira-mor e uma das aias, a que tinha tomado maior gosto. Do lado de Joáo, trés dos seus amigos apenas. Nuno Álvares, com os seus olhos que a seguiam sempre, Joáo de Sá, o seu «marido por procuracáo» e, claro, Lourenco Fogata que náo perdería por nada aquele momento. Joáo já a esperava á porta quando chegou, a coroa de pedras preciosas a domarem o seu cabelo escuro, comprido até aos ombros, o manto de veludo vermelho até aos pés.

Philippa preferira um hennin azul, com um véu branco, um vestido branco, brocado de ouro, e debruado com fio de seda em redor do decote, suficientemente baixo para deixar ver o medalháo da máe, que o pai lhe pendurara ao pescoco em Celanova. A cintura fina, como lhe recomendara

a costureira que a vestira naquela manhá, bem marcada por uma faixa de seda azul-clarinho, que lhe levantava o peito - dizia a mulher - para a tornar mais sedutora. Elisabeth, com um vestido de um encarnado igual ao do manto do cunhado, insistira em ser ela a levar-lhe a cauda do vestido, que qualquer desculpa era boa para estar bem próxima e ouvir tudo.

Joáo náo a conhecia, e quando lhe foi apresentado, Philippa jurara que reagira exactamente da mesma maneira que todos os homens reagiam na primeira vez que a viam: abriu os olhos de espanto, mas depressa os baixou, no gesto protocolar de lhe beijar a máo. Mas Elisabeth desta vez náo usou nenhum dos seus truques de seducáo, praticamente automáticos, dando logo dois passos atrás, e colocando-se ao lado da irmá olhando o cunhado com ar ameacador. Os seus olhos diziam: «Se te atreves a olhar para mim em lugar de olhar para ela, hoje, neste dia de todos os dias, estás morto!» Joáo andara trinta anos á solta, e o significado do «recado» que a recém-cunhada lhe dava náo passou despercebido.

Philippa é bem mais ingénua do que ele, mas o sujeito tem bom coracáo e é sensato, pensou Elisabeth enquanto levantava a cauda do vestido, remetendo-se, pela primeira vez na vida, e de absoluta livre vontade, á sombra que ela projectava.

Mas Philippa náo era ingénua, ou táo ingénua como a faziam. O que dominava, melhor do que ninguém, era a arte de mascarar o que sentia, num rosto impávido, quando por dentro tudo borbulhava numa emocáo difícil de conter.

O arcebispo recebeu-a a meio da ala principal, e estendeu-lhe as máos, prendendo-as nas dela - táo frias que estáo!, comentou-, levando-a carinhosamente até ao altar-mor.

Joáo subiu as escadinhas uns segundos depois, e olhando Philippa bem de frente, com aquele ar franco que táo depressa a conquistou, estendeu-lhe a máo, e chegando-se próximo, murmurou:

- D. Filipa, náo fique nervosa. Vou segurar-lhe a máo para sempre!

Elisabeth e Blanche ouviram-no e acenaram discretamente uma á outra: o rei sabia fazer uso das palavras. Oxalá náo fossem só galanteios de um solteiráo, e soubesse honrá-las.

D. Lancarote ouviu a troca de votos, perguntou-lhes se os trocavam livremente, e

abencoou-os.

Tudo táo rápido, tudo táo depressa, um toque de uma máo, uma frase



que ecoava nos ouvidos - «Filipa, vou segurar-lhe a máo para sempre!» - e Philippa estava de novo na carruagem, pronta a voltar para o Paco. Partiu.

Casada por duas vezes. . e, uma vez mais, sem marido.

Felizmente os mensageiros de Joáo náo o tinham enganado - a autorizacáo papal chegara no dia cinco, tres dias depois da béncáo-noivado, para alívio visível do arcebispo, que já via o posto escorregar-lhe debaixo dos pés.

Quando pensava nessa possibilidade, Philippa também estremecía. Náo imaginava qualquer possibilidade de retrocesso, e no entanto sabia que havia casos em que tal acontecía. O poyo entáo náo admitiría nunca adiar os festejos em que tanto se empenhara por causa de um papel qualquer -

Filipa já era rainha, pouco lhes interessava o que pensava um tal Urbano, lá longe em Roma.

De cada vez que Philippa la passear o sobrinho Richard, a quem se aliara como ama de apoio a pequena enteada Beatriz, chegava-se ao miradouro e via a cidade engalanar-se. Apesar do frio, os homens trabalhavam nas ruas, enchendo as janelas de colchas e enfeites, e durante todo o dia ouviam-se martelos. Construían-se palanques nas pracas, onde as gentes dancariam, edificavam-se anfiteatros para torneiros, e reforcavam-se os coretos, que festa sem música náo podia ser.

Tinham celebrado a vitória sobre Castela, mas essas festas já iam longe.

Além do mais, se iam ser taxados para apoiar as pretensóes do pai de D.

Filipa, que usufruíssem primeiro de alguma coisa, que sempre era um día para tirar a barriga de misérias. O reí estava consciente de tudo isto, e mais ainda. Quería continuar a ser táo popular como até aquí, a retribuir a generosidade com que o poyo apoiava as suas causas, e este casamento marcava uma uniáo com

um dos poyos mais importantes do mundo e uma nova dinastia. Os seus filhos Avis iriam dar que falar, tinha a certeza.

O dia do casamento nasceu sem chuva. Maud oferecera uma vela á santinha que velava pelo bom tempo, a conselho das criadas do Paco. E, pelos vistos, a santinha cumpria a sua parte do acordo.

Philippa náo pregara olho, mas mantinha-se quente entre as mantas, a ver o día nascer. Subitamente sentiu o peso da irmá cair-lhe em cima, e

uma exclamacáo: «Que nunca te oica condenar-me por ter casado duas vezes, que tu já vais no terceiro!» Elisabeth no seu melhor.

- Já pensaste que hoje vais dormir com ele? - perguntou de chofre, enquanto se enfiava entre os cobertores.

Philippa estremecen ligeiramente.

- Tremes de medo ou de desejo? - continuou, atrevida. E a resposta da irmá surpreendeu-a:

- Das duas coitas!

Elisabeth ergueu o sobrolho, espantada:

- Ena, mana, afinal náo estás táo a dormir como en pensava; o que é que andaste a fazer nas minhas costas?

Philippa lembrou-se de Francis, que raiva, por que se lembrava dele num dia que deveria ser inteiramente dedicado a Joáo? Lembrava-se das vezes que o seu corpo se aproximara do dele, e daquela sensacáo desconhecida, daquele impulso irresistível, que a fizera entrar em pánico e fugir. Elisabeth olhava-a, perspicaz, mas nao fez mais perguntas - então sempre tinha havido mais alguma coisa além de um amor platónico entre a piedosa princesa e aquele Francis Beacon, que a cortejara com tanta insisténcia.

Philippa percebeu que a irmá seguia a pista certa, e rematou o assunto:

- Tudo o que sei aprendí contigo! E náo sei se já náo é de mais!

Elisabeth riu, mas ficou curiosa: havia de perguntar a Maud o que se passara de facto. .

- Então já estás mais do que preparada, até porque tiveste aquele sinistro ensaio geral em Celanova, com bispo á mistura e tudo! Mas a sério, Philippa, deixa-te ir, deixa-te guiar pelo ten instinto e pelas tuas emocóes.

Recorda-te sempre de que a nossa máe, que tanto admiras, o fez. Lembras-te da Linda, a camareira querida da máe? Jurava que a máe e o pai se amavam até de madrugada, sem medo de pecados nem de recriminacóes divinas. E quantas vezes a Katherine dizia que só Deus podia ter inventado uma coisa táo boa como o amor entre um homem e uma mulher, e que por isso quando o sentíamos a serio, náo o devíamos negar. Estás casada, mulher, casada vezes sem conta por todos os bispos e arcebispos desta terra, podes fazer o que quiseres. .

- Por agora, chega, menina, que póe a sua irmá nervosa - disse Maud que



acabara de entrar com um tabuleiro com o pequeno-almoco que tirara das máos da criadita que o viera trazer.

Elisabeth passou a máo pelo cabelo da irmá e pediu:

- Posso dizer-te só mais uma coisa?

- Podes, claro.

- O meu John era dez anos mais velho do que eu. Sei que náo era a primeira mulher que teve, embora o mate se náo for a última!, mas nunca deixei que isso me moesse a cabeca. Náo deixes, também, que moa a tua: ele val gostar de ti como és, mas aprende. Deixa que ele te ensine. E por favor, náo leves o ten Livro das Horas para a cama, que já te chega ter dormido com a Espada da Castidade!

Desta vez foi Joáo que a veio buscar. Philippa gostou da sensacáo de descer a escadaria e de o ver, sorridente, á sua espera. Beatriz descia também pela sua máo, porque prometera deixá-la levar-lhe a cauda do vestido e acompanhá-la no cortejo principal.

Já quase num dos últimos degraus, reparou que Joáo também náo vinha sozinho: de um lado estava o escudeiro Ricardo, que já vira várias vezes, e do outro um rapazinho de dez anos, alto e aloirado, muito bonito, mas com um ar de casmurro obstinado.

Beatriz puxou-lhe com forra a máo: - D. Filipa. D. Filipa, aquele ali é o meu irmáo Afonso.

Philippa entendera-o logo, mas decidiu que o melhor era cumprimentá-lo apenas com um sorriso, ignorando a visível birra: a sua longa experiéncia com Elisabeth dizia-lhe que era fatal prestar atencáo a um menino mimado em crise, porque a crianca náo resistiria a levar o teatro até ao fim. Era preciso esperar o momento certo.

Quando Joáo lhe estendeu a máo, prenden a sua na dele com forra, apertou-a em sinal de reconhecimento e só então aceitou ser apresentada.

- Filipa, este é o meu filho Afonso - disse Joáo.

- Olá, Afonso - responden Filipa, insistindo em usar o francés, para náo lhe dar oportunidade de trocar da sua pronúncia.

Mas Beatriz náo resistiu a interromper:

- D. Filipa, pode dizer-lhe Olá, que ele percebe melhor.

Filipa e Joáo trocaram um olhar divertido, talvez o primeiro genuinamente espontáneo e cúmplice, mas Filipa náo disse nada.

E foi Afonso que se viu obrigado a falar, num tom gelado, mas impecavelmente educado:

- Bom dia, D. Filipa, agora tenho de ir com Ricardo preparar o cavalo do meu pai.

- Claro, Afonso, vemo-nos lá fora - disse ela, divertida pela ideia de que estes rapazinhos eram todos iguais. Por segundos regressou ao ter reiro de Kenilworth, áquele dia em que o seu irmáo Henry e Thomas, o filho de Katherine, tinham caído ao lago, em luta por uma espada.

João chamou-a:

- Percebi que era agradável o sítio onde foi, mas agora terá mesmo que voltar - disse-lhe, num tom táo suave como nunca ouvira.

Sentiu-se tocada. Ele olhara para ela. Mas mais, entendera-a. Fez-lhe um dos seus sorrisos radiosos, e Lourenco, que chegava naquele momento, sentiu-se um vencedor. Era exactamente aquele o sorriso que descreyera ao reí, e o rei entendeu-o imediatamente.

Philippa e John saíram do Paco ao mesmo tempo. Joáo montado no seu cavalo branco, que o escudeiro Ricardo escovara até o pobre do animal ter ficado quase sem palo, e as roupas e as jóias que os seus camareiros lhe tinham posto em cima davam-lhe o ar do rei mais rei que alguém tinha visto, diziam as velhinhas que se juntavam aos pares nas janelas para gritar «Viva». A coroa na cabeca ainda lhe fazia alguma confusa-o, usara-a até agora em apenas algumas ocasióes, e habituado ao elmo que náo saía do lugar, tinha de confessar o tique de levantar a máo á cabeca para se certificar de que ainda lá estava - e se esta campanha com Castela náo correr bem, talvez náo esteja durante muito tempo, disse alto para si mesmo.

O arcebispo de Braga insistiu em levar a égua da rainha pela rédea, descendo lentamente as ruelas para que todos a pudessem ver e aclamar.

De todo o lado só chegavam «Viva D. Filipa». Como quando chegara á cidade, só que de muitas mais vozes, que estava ali gente de todo o reino.

A multidáo era tal que náo ficava mal dar gratas ao Divino Espírito Santo



por Lancarote ter sido soldado antes de homem da Igreja, porque senáo provavelmente fugiria dali a sete pés.

Philippa nao podía dizer que estranhava a confusáo - desde que se lembrava de si participara em cerimónias importantes, atravessara Londres em comitivas, assistira ás exéquias da máe, á coroacáo do seu primo Richard, a tanta coisa. Mas nunca o poyo se aproximara desta forma dos reis ou da família real, nem os soldados permitiam que o caos se instalasse nas ruas, evitando aquilo que

acontecia agora: náo podiam andar para a frente nem voltar para trás, totalmente encurralados.

«Isto é mais parecido com uma revolta do que com um cortejo», diría o seu pai se ali estivesse, mas náo estava. Philippa náo quería fazer mais comparacóes! Esta gente era única, pensou, enquanto se entregava totalmente ás mulheres que lhe estendiam flores e lhe davam os filhos a beijar, em gestos chelos de alegria e emocáo.

- Princesa, que confusáo é esta? - ouviu em inglés, mesmo á sua beira, e percebeu que os seus cunhados, Thomas e John, estavam um de cada lado da sua montada, as máos nas espadas.

- Thomas, John, calma, ninguém me val fazer mal, deixem-se estar - disse aflita, com medo sobretudo de John Holland, que dava tudo por uma boa discussáo.

Mas os generais do exército de John of Gaunt náo faziam concessóes e mandaram rapidamente os seus homens abrir alas, para que a rainha passasse. E passou.

A porta da entrada da Sé estava agora o bispo do Porto, o anfitriáo destes longos meses, mas por quem Philippa náo conseguía sentir grande simpatia.

Juntos e de máos dadas, Philippa e John foram aspergidos com água benta. O bispo pediu-lhes que o seguissem pela ala principal, e Philippa percebeu que há oito dias estivera ali no ensaio geral, mas que agora a

«peca» era a sério, e os espectadores exigentes.

Os bancos estavam já todos ocupados pelos fidalgos do reino, tanto eles como elas vestidos a rigor, algumas senhoras corriam mesmo o risco de sucumbir ao peso de tanto ouro - pensou por segundos Philippa, e sentiu

os cantos dos lábios dobrarem-se numa ameaca de sorriso.

A missa corren longa, que o bispo do Porto tinha de fazer render aquele momento em que, destacado no altar-mor, ratificava o casamento por procuracáo que o arcebispo de Braga celebrara meses antes na Galiza.

Quería deixar bem claro que quem casava os reis, de facto, era ele, e só ele. .

João tentou concentrar-se, mas náo resistiu a trocar uns olhares trocistas com Nuno Álvares Pereira, um homem inflexível e santo, mas que felizmente preservava algum sentido de humor!

Afonso ficou de pé, junto do pai, a cerimónia inteirinha, exactamente pelos mesmos motivos que levavam o bispo a fazer a homília mais comprida do século, comentou Philippa com os seus botões. Náo seria nada fácil dar-lhe a volta, e até compreendia a sua desilusáo, mas se Deus Nosso Senhor os abencoasse com filhos, com muitos filhos, previa uma rivalidade, como aquela a que assistira sempre entre o irmáo Henry e o primo Richard, luta que acreditava estar ainda longe do fim. Teria de proteger os filhos, náo deixando que Afonso os privasse dos seus direitos - afinal era o seu casamento que Deus abencoava e náo a ligacáo entre João e Inés!

Simplesmente, para os proteger, precisava de ser capaz de destilar a raiva que sentia dentro daquela crianca. .

O bispo fazia-lhe uma pergunta - como fora capaz de se distrair, bem dizia Elisabeth que os sermóes demasiado compridos sáo tentacóes do diabo, armadilhas de pecado. Perguntava-lhe se aceitava aquele homem como seu marido, e Philippa disse um «Sim, Aceito», num portugués quase sem sotaque, que fez correr um murmúrio de admiracáo por entre os convidados, e romper em aplausos o poyo que entrara por onde podia e ocupava todos os espacos livres, deixando a Sé apinhada.

João olhou-a, orgulhoso, e responden também em portugués, ignorando o latim com que o bispo do Porto se debatia por conseguir. Abencoou-os por fim. Marido e Mulher finalmente. As palmas ecoaram pela ala principal e pelas ruas afora e os sinos de todas as dezenas de igrejas da cidade do Porto tocaram em simultáneo, mal os carrilhóes da Sé deram o sinal.

João e Philippa saíram entre aplausos e gritos de contentamento, e Philippa sentiu-se a mulher mais feliz do mundo. Por momentos conseguiu pairar acima das preocupacóes, o que em si era uma coisa mais do que rara: náo pensar em mais nada, nem em ninguém, senáo em si, e na sua felicidade.



Se na «festa» que se seguira ao casamento por procuracáo, em Celanova,

Philippa tinha sentido dificuldade em dar sentido a tudo o que lhe acontecía á volta, hoje o caso era bem mais grave. Trovadores declamavam poemas, jograis tocavam cancóes de amor, e em qualquer um dos pontos da sala grande do paco, engalanada para receber apenas os fidalgos, parecia estar a acontecer qualquer coisa. Sentada de onde podia ser vista por todos, o marido ao lado, tinha dificuldade em atender a todos os chamamentos, a responder a todas as perguntas que lhe faziam. A mistura de língua era tal, que procurava com esforco acertar no dialecto em que falava com cada uma das pessoas, e já náo conseguía lembrar-se de mais frases simpáticas para distribuir por aqueles que lhe vinham dar os parabéns, nem comentários inteligentes para impressionar os conselheiros do rei que a conheciam pela primeira vez.

A certa altura, Joáo exclamou:

- D. Filipa, olhe ali para aqueles cuspidores de fogo.

Mas em lugar de se entusiasmar com a cena, sentiu a mulher gelar por dentro e por fora.

- Incomoda-a? - perguntou, preocupado.

Philippa tentou disfarcar a náusea que a percorrera, mas nem tentou explicar. Só quem tivesse estado com ela, menina de cinco anos, no castelo de Bolingbroke na noite em que os saltimbancos faziam as suas habilidades no pátio, é que a poderiam entender. «Náo posso pensar na morte da minha máe, no dia do meu casamento», disse zangada a si mesma, e responden a Joáo com um sorriso:

- Lembra-me um momento triste da minha vida, infantilidades - dissera, para rematar com «um dia explico-lhe». Quería muito que aquele casamento fosse «desses», daqueles em que marido e mulher partilham o seu passado, os seus desgostos e alegrias.

Joáo passou-lhe o braco atrás das costas:

- Vou exigir que cumpra esta promessa. Sei táo pouco de si. .

Philippa, comovida, acenou que sim com a cabeca. Também ela conhecia mal o homem com quem neste dia 14 de Fevereiro aceitara casar.

A rainha sentia já o peso do chapéu, o desconforto do cabelo apanhado,

do vestido que pesava toneladas, dos pés enfiados naqueles sapatinhos de festa. Quando é que tudo isto acabaría?

Já estava escuro lá fora há muito tempo, quando um enorme gongo tocou. O rei levantou-se para agradecer a presenta de todos e garantir aos fidalgos e ao povo que este era o primeiro dia de uma nova fase do seu reinado.

Um dos seus cavaleiros levantou a caneca a uma saúde, e a multidáo sentada acompanhou-o. Joáo declarou-os livre para dancarem e cantarem, mas pediu escusa para si e para a sua mulher. Os seus homens riram quando, divertido, pediu que o dispensassem de dancar, sob risco de pisar os pés delicados da sua mulher, e Philippa corou até á raiz dos cabelos quando um dos seus homens mais ousados (ou bebidos), gritou: «Tem melhor com que se ocupar esta noite!» Até Elisabeth, no outro canto da mesa, den um salto, e John Holland sentiu a máo fugir-lhe para a espada: lá na sua terra, ninguém se atreveria a falar assim ao reí, muito menos na presenta da rainha. Mas mais nin guém pareceu sentir o comentário como ofensivo, e um novo brinde corren a sala: «A D. Joáo e D. Filipa, que nos déem muitos príncipes e sejam felizes para sempre.»

Philippa comecava a desesperar. Afinal o gongo que julgara de libertacáo, só tinha iniciado uma «nova parte» daquela boda sem fim. Mas nada denunciava a sua impaciéncia.

Philippa tentou distrair-se a imaginar a pobre da sua ama Maud a entrar, por estas horas, na alcova real ás escondidas para queimar incensos e perfumar os lencóis com uma água de rosas de Lancaster que trouxera do seu país para o dia em que a menina casasse. Procurava assim evitar entrar em pánico, com a ideia de que aquela gente toda a la ver de camisa de noite, enfiada entre os lencóis, pela primeira vez na cama com um homem. Nem quería imaginar os comentários, que pelo que via aqui nem seriam murmurados por detrás de leques, ou mais tarde num encontro só de homens.

Mas Joáo reservava-lhe uma surpresa. O reí pressentira o seu horror e tencionava poupá-la a ele. Náo Tora criado desde o berro nestes rituais, e estava por isso perfeitamente á vontade para os mandar ás urtigas, quando náo concordava com eles. E para o mestre era excesso tudo o que fosse intromissáo na sua vida privada.

Philippa tentou ouvir o que o marido dizia ao bispo, mas náo teve dificuldade

nenhuma em entender que fosse o que fosse lhe provocara



uma fúria, que mascarava com dificuldade. Quando o bispo do Porto se pós de pé, a rainha entendeu tudo: explicava que apenas ele abencoaria o leito real, sem os noivos lá dentro, e que neste casamento a «comitiva», composta pelos nobres mais acreditados da corte e que tinham o direito de acompanhar os noivos á cama, seria dispensada. Porque, terminou num tom visivelmente sarcástico: D. Joáo 1 de Portugal náo pretendia partilhar com eles nem a cama nem o quarto.

As palmas de Elisabeth ouviram-se primeiro sozinhas, e depois acompanhadas - Lourenco, Nuno Álvares e os cunhados Thomas e John foram os primeiros a juntar-se-lhe, seguidos de todos os outros que julgaram certamente que Sua Majestade se limitava a seguir o protocolo da Casa Inglesa.

Elisabeth e Blanche escondiam-se por detrás de um grosso cortinado, e quando Philippa subiu as escadas com o reí e o bispo, passaram-lhe para as máos uma Pita azul - «Ata-a a um calcanhar e dá-te sorte», disseram-lhe num murmúrio. A rainha desaparecen então para um pequeno quarto, onde as camareiras a ajudaram a despir toda aquela roupa de festa. Mas foi Maud, que náo aceitara ser deixada de fora, que a banhou numa tina de água de rosas, lhe escovou o cabelo e por fim a mandou na paz do Senhor para o leito nupcial. Joáo já lá estava, confortavelmente instalado entre um monte de almofadas. Estendeu-lhe a máo, entre o divertido e o emocionado com a sua rainha, que náo parecia mais do que uma miúda, magricela, pálida, envergonhada e desajeitada. Philippa aceitou o convite, meteu-se debaixo das colchas, agradecida pelo vinho que bebera, pelo banho de Maud, pelo medalháo da máe e sobretudo pela fitinha azul das irmás.

Porque ao senti-la rotar na perna lembrava-se de tudo o que Elisabeth lhe tinha dito, de como lhe ordenara que aceitasse o que o amor lhe tinha para dar, sem hesitacóes, nem sombras de pecado. E aceitou.

J

Paco Episcopal do Porto, 15 de Fevereiro de 1387

oáo admirou-se a si próprio; em lugar de ter saltado da cama ao primeiro raio de sol, como prometera aos amigos que faria mal tivesse cumprido os seus deveres conjugais, deixara-se Picar. Percebeu que Filipa lhe suscitava um sentimento de proteccáo, e estranhamente náo quería que a mulher acordasse sem ele e mergulhasse na angústia de náo saber se o tinha deixado satisfeito, sem saber se a relacáo náo passava de uma fachada, em que era apenas um peáo. Contemplou-a a dormir, a pele táo branca, a respiracáo suave de quem encontrou finalmente o cantinho onde pertencia. Passou-lhe uma máo pelos cabelos incrivelmente finos e pensou, pela primeira vez, como seriam os filhos que um dia ela lhe daría. Philippa estremecen ao toque e abriu os olhos. E quando viu Joáo ao seu lado, teve a certeza de que o raio que a iluminara na capelinha de Celanova era mesmo milagroso. Os seus melhores anos já tinham comecado.

Nunca falou a ninguém naquela noite. Na docura do toque do marido, que venceu todas as suas resisténcias, naquele momento em que a razáo den lugar á paixáo, e percebeu que aquilo que sentira com Francis era apenas o rastilho de qualquer coisa de táo extraordinaria, que nem sabia, nem quería, traduzir por palavras.

Katherine, quando lhe escrevera a desejar todas as felicidades, soubera explicar-lhe aquilo que os discursos atabalhoados de Elisabeth náo conseguiam: dissera-lhe que habitualmente a primeira noite era uma desilusáo, uma confusáo de gestos desencontrados, entre duas pessoas que náo sabiam nada do corpo uma da outra («Nem en conheco o meu», suspirara entáo lucidamente Philippa). Sublinhara mesmo que por vezes o casamento náo se consumava sequer, mas que se assim fosse por favor náo se preocupasse: havia tempo, muito tempo, para o acto final, e que mais importante do que isso era cultivar a intimidade.

Tivera sorte. Apesar do embaraco acabaram por acertar o passo, estava certa disso. Joáo tinha-lhe dito baixinho, quando exausto descansava ao seu lado, que esta era a primeira de muitas noites de amor. Corara, é claro que corara, outra coisa náo seria de esperar, mas agarrara-se áquelas palavras

que nos dias de desencontro lhe serviam de tocha de esperanca.

Quando se levantou para tomar o pequeno-almoco com o marido, a máo rodando no dedo o anel recebido na véspera, encarou-o com um sorriso tímido. Apetecia-lhe gritar ao mundo que agora já era casada de facto. Para sempre.

João despedira-se dias depois do casamento, alegando que tinha de ir a correr reunir-se ao exército do sogro que entretanto mandara seguir para o Mosteiro de Castro de Avelás, lá para os lados de Braganca.

Para trás ficavam tras dias em que Philippa se tinha sentido nas nuvens: o marido levara-a para um solarzinho nos arredores do Porto, nem ela sabia onde, rodeada de uma imensa mata, e tinham passado o tempo em passeios a cavalo, sem mais ninguém que os incomodasse. João levara apenas o seu escudeiro Ricardo, e dois ou tras guardas, recusando veementemente que Thomas ou John Holland viessem escoltar a cunhada.

«Era o que me faltava, ter uns ingleses á perna como se náo fosse capaz de proteger uma mulher!», protestara. «A sua mulher», corrigiu Philippa, com um sorriso tímido, e ele desatou a rir: «Sim, isso. Ainda náo estou muito habituado á ideia.» Mas Philippa náo Picara nem um bocadinho magoada, porque ele lhe pousara imediatamente a máo no seu braco, conciliador.

Decididamente, deste lado do mundo, o toque era táo mais fácil do que na terra de onde vinha, pensou Philippa. E a verdade é que resolvia muita coisa. Tanta coisa ou táo pouca, que os cunhados recuaram imediatamente: visivelmente a rainha náo estava em perigo. Nem Elisabeth nem Blanche tinham feito mencáo de a seguir, e até Maud recebeu ordem de Picar a tomar conta da pequenina Beatriz. Philippa levou apenas uma camareira de quem gostava, uma miúda calada e metida consigo, mas doce e cuidadosa, e viven aqueles dias com uma sensacáo de despreocupacáo absolutamente nova. Havia alguém para tomar conta dela, que assumira faza-lo aparentemente com a melhor das disposicoes.

O João que viu naquelas horas era um homem falador, animado, interessado em ouvir, e que conseguía tirar das coisas mais pequenas um prazer enorme. Prazer. Philippa percebeu que olhava o mundo de fora: táo presa ás obrigacóes, tinha uma dificuldade imensa em sair da sua rotina e em entregar-se á satisfacáo das pequenas coisas, como se os sentimentos fossem proibidos e todas as sensacoes necessitassem que lhes fossem aplanados os picos e os vales, para se tornarem planaltos áridos. Prazer a comer, prazer a beber, prazer em ficar na cama até mais tarde, ou mesmo

em fazer amor com Joáo. Percebera, e bastaram-lhe 48 horas, que nem João era

como ela nem ela como Joáo, e que náo sendo criancas, náo la ser fácil adaptarem-se um ao outro. Talvez fosse por isso que náo se importou quando, ao terceiro dia, o reí anunciou que se fazia tarde, e já recebera mensageiros sem fim a recordar-lhe que o sogro batia o pé de impaciéncia.

- Antes da primeira batalha ainda terei de assinar um último tratado com o seu pai - dissera Joáo.

Philippa franzira o sobrolho, levemente assustada, será que o marido já a la devolverá procedéncia? Com um meio-sorriso perguntou:

- Um novo tratado? Já está farto de mim, o rei. .

Joáo riu, divertido:

- Náo, náo, minha querida D. Filipa. Estes foram dias felizes e tranquilos.

Quero é que o seu pai assine um documento a renunciar a todos os direitos sobre a coroa portuguesa, náo vá lembrar-se, daqui a uns anos, de entrar por aqui dentro a dizer que o trono é dele. .

- Como está a fazer em Castela?

- Mais coisa menos coisa, mas náo me apetece falar disso num dia táo bonito. - Philippa percebeu que os conselheiros do reí náo dormiam. Se náo fosse fértil, náo lhe desse um varáo, ou se morresse no parto e Joáo voltasse a casar, quem garantia que John of Gaunt náo viria reclamar direitos adquiridos, alegando que a rainha era sua filha?

Acenou com a cabeca, dando a entender que nada lhe escapava. Mas náo voltou ao assunto - estava demasiado feliz para querer esconjurar a felicidade em cenários dramáticos para o futuro.

Joáo aproveitou para mudar rapidamente a conversa. Náo queria deixá-la com a ideia de que tramava maquiavélicos esquemas, iguais ou semelhantes áqueles em que o duque de Lancaster era mestre. Passou-lhe o braco á volta do pescoco e convidou-a para uma última volta ao jardim. .

Philippa estava habituada a partidas e chegadas, e depois da intensidade das últimas semanas, mentiria se dissesse a si própria que nao estava ansiosa por

regressar a uma certa normalidade. Mas enganou-se. No dia em que regressaram ao Porto, João explicou-lhe que marcara um encontro

no Paco com Lourenco Fogata: era preciso nomear as senhoras da Casa da Rainha, e que Filipa partisse com elas para Coimbra, dando-lhe carta branca para que se ocupasse dos seus assuntos internos como se fosse ele.

- Está a brincar comigo? Como é que posso despachar com os seus súbditos ou tomar decisóes, conhecendo táo pouco de si, e sobretudo deste reino? - soltara em genuíno pánico.

- Calma, calma, mulher, que náo Pica sozinha. Deixo-lhe como chefe da Casa um homem excelente, D. Lopo Dias de Sousa, cavaleiro da Ordem de Cristo, vai gostar dele, sinceramente que vai. O Lourenco Pica como tesoureiro, o que quer dizer que o pode ver todos os dias. . E para a ajudar a gerir aquele mulherio todo de aias que anda necessariamente á sua volta, uma senhora que fala francés fluentemente e a pode ajudar a aprender melhor o portugués.

- Que se chama? - disse Philippa, num tom absolutamente frio, que marcava o regresso da Philippa que, face a uma dificuldade, cerrava os dentes e andava para a frente.

João reparou na mudanca e franziu o sobrolho: conhecera um lado da rainha que surgia apenas cm momentos especiais, e estranhava, numa mulher, este tom glacial e ligeiramente autoritário. Encolheu os ombros.

Depois logo se via, agora era bem melhor que fosse feita de gelo do que lhe desatasse a chorar ao pescoco, a pedir-lhe que náo fosse, ou mergulhasse cm melancolías que abominava. O melhor mesmo era fingir que náo dera por nada e responder-lhe a direito:

- Chama-se D. Brites Goncalves de Moura, pertence a uma família da Beira, que é. .

Novamente a tomarem-na por uma idiota! Philippa disparou:

- Sei perfeitamente onde é. . no mapa.

João assobiou:

- A rainha estudou a licáo, sim senhora! E sabe onde é Babe?

Philippa acenou que sim com a cabeca.

- Óptimo, então digo-lhe em segredo que será al o nosso ponto de encontro. Mas náo repita o nome a ninguém, deve ser avisada de que nesta corte, como em qualquer outra suponho, há espióes, prontos a informar Juan de Castela de tudo o que dizemos, fazemos, ou tencionamos fazer.

Entendido?

Pela primeira vez sentiu-lhe ódio. Seria sempre assim, uma montanha-russa de emocóes? Estaría a tornar-se como Elisabeth, que se parecía com o tempo em Abril, ora sol ora chuva? Podía ter-lhe respondido que sabia tudo isso e muito mais, que fora criada com todas essas regras e mais algumas, que vivera numa Inglaterra em constantes guerras com os vizinhos, deste e daquele lado do canal da Mancha, que era filha de um homem que vivía entre o aplauso e o risco de lhe cortarem a cabeca, mas náo disse nada. Nem sabia sequer se ele merecía ouvi-lo. Virou-lhe ostensivamente as costas e subiu as escadas para os seus aposentos.

A

Paco Real de Coimbra, 6 de Abril de 1387

gora tudo isso lhe parecía muito distante. Mudara-se, por ordens de Joáo, para Coimbra, para um paco com uma vista imensa sobre uma planície muito parecida com as de Kenilworth, o Mondego lá em baixo, e os arrozais verdes, verdes, que o sol tornava ainda mais verdes, sol que de dia para dia se tornava mais quente. Mas se olhar para fora deste castelo lhe dava um imenso prazer, olhar para dentro era um verdadeiro pesadelo, de táo primitivo e desconfortável. As damas inglesas que se vira obrigada a trazer consigo passavam o tempo de dedos táo gelados que lhes era impossível sentarem-se numa sala a coser, Maud chorava-se do reumático e Elisabeth gritava que voltaria para Inglaterra no primeiro barco, porque a sua roupa estava ensopada e húmida, e o seu filho - «que curiosamente é a tua segunda prioridade!», comentou logo Philippa - ainda apanhava uma doenca qualquer. Os portugueses pareciam náo estranhar o desconforto, o que deixava Philippa meio embaracada: náo quería fazer o papel da menina caprichosa que vem de um lugar mais rico, mas também náo podia

suportar a situacáo de bracos cruzados.

No dia em que o jantar chegou gelado á sala grande, Philippa decidiu-se.

Era amanhá que reunia com D. Lopo, D. Brites e D. Lourenco, e comecava a revolucáo. Estava feliz com a sua «equipa». De D. Lopo gostara á primeira vista, um homem culto e educado, mas sem salamaleques desmedidos e com a compostura do cavaleiro de uma ordem religiosa, decidido a levar a sério o seu compromisso, que a rainha nunca suportaria a traicáo aos seus princípios. D. Brites, fora outra agradável surpresa - era sem sombra de dúvida uma senhora, que se vestia com imenso bom gosto, mas sem o nariz empinado que vira a tantas outras, e supremo dos alívios, falava francés fluentemente e explicava-lhe todos os protocolos da corte sem a procurar fazer sentir-se uma «estrangeira» idiota.

Explicou bem o que pretendia, foi razoável, ou simplesmente queriam conceder-lhe o primeiro pedido, nunca o saberia, mas a verdade é que os encarregados da sua Casa acompanharam as suas pretensóes: os tempos náo eram de vacas gordas, mas o dote da rainha permitia e tornava a permitir que a própria tivesse a legitimidade de transformar o primeiro

paco que lhe calhara em sorte, num sítio mais agradável.

- D. Filipa, tem que entender que com as guerras com Castela tivemos que virar armas para outras necessidades mais prementes, e aqui o paco de Coimbra foi dos que ficou mais abandonado. . - explicava-lhe D. Lopo.

E Philippa acenava que sim com a cabeca e dizia:

- D. Lopo, acredite que náo son uma desvairada e náo quero gastar ríos de dinheiro a tornar esta casa num palácio opulento, que como acontece consigo até me agrada mais a simplicidade conventual, mas é preciso que os quartos sejam aquecidos, a higiene preservada. E se pudermos comer uma ceia quente, acho que ficamos todos agradecidos!

Com o aval do tesoureiro Lourenco, Philippa encontrou um objectivo para os seus dias. A ideia de surpreender Joáo com uma casa confortável, de onde náo quisesse fugir, davam ao projecto um lado romántico que lhe sabia bem. . Tentou que Blanche entrasse em tudo aquilo, escolhesse os tecidos, pusesse as aias a cortar e a coser as almofadas, porque a irmá estava desesperada com a auséncia

do marido. Thomas partira com João para a guerra com Castela, e as notícias, tanto de um como de outro, eram esparsas. E Blanche jurava que sentia um peso imenso no peito, um pressentimento de que alguma coisa náo la correr bem.

Philippa procurava consolá-la:

- Blanche, vé-se bem que vivias só com a tua máe, sem um pai em casa, constantemente a partir para guerras sinistras, ainda por cima no caso do nosso, sempre longe, táo longe que quando a minha máe morreu levou dois meses a regressar. . Eles estáo aqui ao lado, provavelmente nem sequer ainda em luta. Lembras-te como estávamos preocupadas, e afinal a 26 de Marco estavam ainda os exércitos portugueses e ingleses em Babe. A terra engalanada, e John of Gaunt e D. Joáo 1 a assinarem com pompa o tal tratado que prevé, imagina, Blanche, que o pai renuncia a quaisquer direitos sobe Portugal! Para te dizer a verdade, preocupa-me mais saber onde é que Joáo andou metido este tempo todo. Saiu do Porto dias depois do casamento e mais de um més depois ainda anda a fazer festas em terras portuguesas!

Mas Blanche emagrecia de dia para dia e parecia ter substituído Philippa no banco da frente da capela do paco. Nem Elisabeth a demovia, por muito que lhe pedisse que olhasse por Richard, que já gatinhava e era um miúdo irresistível. Nem mesmo quando Philippa lhe solicitara que



desse aulas de francés a Beatriz, que tinha insistido em trazer consigo.

Foi por isso que quando o rapaz chegou a galope com uma mensagem de D. Joáo para a rainha, Philippa náo se espantou que Blanche lhe entrasse pela sala de trabalho antes dele.

- Vi o mensageiro da janela, posso Picar? - perguntou Blanche, aflita.

- Claro que sim, mas tem calma, pede a Maud um chá de ervas para os nervos - disse-lhe Philippa preocupada, enquanto se levantava para ir receber o mensageiro ao cimo das escadas. . Por dentro o coracáo saltava-lhe no peito: que raio de guerra esta, em que estavam envolvidos todos aqueles que mais amava, do pai ao marido, paseando pelos cunhados. .

O mensageiro subía a escadaria a passo lento, de quem ainda náo recuperou o equilíbrio depois de horas montado, mas quando viu a rainha no patamar, apressou-se:

- Trago carta de El-Re¡ - e a sua cara era de tal triunfo que Philippa e Blanche suspiraram de alívio.

- Ganhámos, e eles váo voltar para casa - disparou Blanche.

- Vamos mas é ver o que diz a carta - disse Philippa, que de repente se ressentiu ligeiramente por náo poder lé-la sozinha, a primeira carta a sério que Joáo mandava á mulher.

Mas bem se podia desencantar, porque a nota era curta e tudo menos sentimental. Dizia apenas que a Alianca saíra triunfante da primeira batalha, tendo ocupado mais terras e afastado a correr os castelhanos.

O mensageiro já devia ter dado a boa nova no resto do palácio porque se ouviam risos e palmas vindos de todos os lados. Philippa e Blanche foram até á capela dar gratas a Deus por nenhum dos seus homens ter caído no campo de batalha.

As últimas semanas tinham sido passadas num sobressalto constante.

Depois daquela primeira vitória estrondosa, o rei de Castela pedira ajuda a Franca, e recebera-a. Como se isso náo chegasse, a peste atacara os soldados da alianca dizimando-os e desmoralizando-os. Decididamente as notícias da frente náo eram de maneira nenhuma famosas, mas Philippa, apesar disso, conseguira animar a sua pequena corte, e até tinham

celebrado há dias os seus vinte e sete anos, os primeiros que festejava em Portugal.

Aos poucos introduzira mudancas. Primeiro á cautela e depois cada vez mais abertamente. As damas que herdava, explicaram-lhe, tinham sido escolhidas pela controversa D. Leonor Teles, mulher de Fernando, o meio-irmáo do seu marido. As suas aias mais próximas tinham sido escolhidas por Joáo, muitas delas de alguma maneira ligadas a Nuno Álvares Pereira, o que retirava a Philippa qualquer dúvida sobre o imenso poder do condestável, mas as outras tinham conhecido um dia-a-dia, que D. Brites classificava de «escabroso». Segundo lhe contava, a dita mulher (Brites recusava-se a tratá-la por «senhora»), era linda e

perigosa como uma serpente, seduzira o monarca com a sua volúpia, e encorajava entre as que a serviam a mesma sensualidade. Nos salóes dos pacos, comia-se de mais, bebía-se de mais e faziam-se muito mais coisas que, se Sua Majestade náo levasse a mal, preferia náo mencionar.

A rainha só falava abertamente no quarto, com Blanche e Elisabeth em cima da cama, que tras dias de mulher casada náo tinham sido suficientes para mudar esse hábito de família:

- Náo quero dar corda á má-língua nem armar-me em mais virtuosa do que aquelas que vieram antes de mim, mas a Brites tem razáo, estas mulheres náo rezam, náo váo á missa, náo cosem camisas para os pobres, náo estudam, náo fazem absolutamente nada todo o dia senáo trocar risinhos, comparar vestidos e esperar pela refeicáo seguinte para comerem e beberem como se fosse a última. .

Elisabeth desatara a rir:

- Vivem bem e felizes, como se vivia na corte de Richard, de que en tanto gostava e tu odiavas. . Agora a minha maninha vai estragar a boa vida a que estas senhoras se dedicam, tornar esta corte na ala de um convento, e fazer o papel de madre superiora, já que como o marido anda sempre fora, também náo vai ser difícil cumprir votos de castidade. .

Philippa lancou-lhe um ar de desprezo:

- Náo sei onde é que a tua alma val parar, Elisabeth Plantagenet Holland, mas ao Céu é que náo é de certeza!

- E quem é que disse que en quería ir para tal sítio, sobretudo se as pessoas que tu admiras tanto lá estiverem? Vá, náo te enerves, Phil, só te estou a prevenir, náo podes transformar os hábitos desta pequena corte

de um momento para o outro, sobretudo sem que o reí esteja presente.

Tarda nada dizem que és tu que governas o país.

Philippa encolheu os ombros, como quem lhe apetece dizer «e son», mas náo foi capaz. Blanche velo em seu auxílio:

- Elisabeth, pelo menos é preciso acabar com este costume da Idade da Pedra, de

os homens cearem numa sala e as mulheres separadas noutra, e nós, ainda, numa outra. Se Philippa quer ser respeitada por todos e ter alguma influéncia tem que decidir já hoje que a ceia é conjunta, e é ela que na auséncia de João preside. É meio caminho andado para se perceberem os arranjinhos entre eles e evitar que achem muito excitante encontrarem-se pelos cantos. .

- Obrigada, Blanche, pela defesa e pela ideia. Vou (alar amanhá dela ao conselho. Náo te importas que diga que é minha, para náo tornar tudo ainda mais complicado? - responden Philippa.

- De maneira nenhuma, Philippa. Acho muito mais sensato que sejas tu a assumir a decisáo, até porque a coitada da D. Brites já se sente um bocado excluída destas nossas conferéncias. Por vontade dela estávamos proibidas de aqui entrar, depois da camareira já te ter vestido a camisa de noite.

Philippa estendeu uma máo a cada uma delas e disse:

- Por favor, náo me deixem. Já me custa tanto estar neste lugar! Quero as coisas feitas como acho que devem ser numa casa temente de Deus, mas tenho medo de ser odiada. Se náo forem vocés a ajudar-me náo fato nada, e detesto-me por isso, ou faco, e náo consigo viver com a ideia de que conspiram contra mim.

- Os nossos Joóes váo voltar depressa. O Thomas também, Blanche, claro que sim. Depois será tudo mais fácil, porque falas com o ten marido e ele consulta os conselheiros e as coisas mudam sem que tenhas que assumir o ónus. Mas olha, essa Leonor Teles devia ser de se lhe tirar o chapéu, e tem cá uma sobrinha, a Beatriz, que a avahar pela beleza faz justita á tia -

acrescentou Elisabeth, deitada já sobre as almofadas imensas da cama régia como se tencionasse lá passar a noite.

- Elisabeth, acho que era igualzinha á Alice de Parres, que seduziu o avó, o fez esquecer e tratar táo mal a avó guando ela ainda por cima estava doente - vociferou Philippa, que bem se lembrava das histórias que ouvira a máe contar, quando era uma crianca pequenina. Memórias que a presenta dessa tal Beatriz, ali infiltrada entre as suas damas, tornavam

mais vivas!

- Desculpa, a Alice estava a desrespeitar a avó, agora este tal meio-irmáo do

Joáo náo tinha mulher. .

- Mas tinha ela marido! - retorquiu Blanche.

- Tinha marido, mas era um palonco qualquer, que ainda por cima fugiu logo para Castela, a chorar-se ao reí de lá. A Leonor era uma mulher ambiciosa, mas nas mulheres lindas, a ambicáo é compreensível - disse a rir.

- Elisabeth, se um raio te fulminasse por tanta vaidade, nem en nem Blanche nos admirávamos nem um bocadinho - respondeu-lhe Philippa, náo resistindo a desfazer-se em gargalhadas.

- E a humanidade ficava a perder uma beldade como eu, que ainda por cima, tan, tan, tan. .

- O qué? - perguntaram as irmás em coro, sentando-se mais direitas.

- Estou á espera de outro bebé! Desta vez quero uma rapariga. .

Philippa percebeu que de facto náo confiava na irmá, porque den por si, durante umas fraccóes de segundo, a pensar em que novos sarilhos se teria Elisabeth metido. .

- Por amor de Deus, Philippa! Agora náo te vais pór a imaginar que vou ter um bastardinho qualquer de um destes cavaleiros portugueses, sobretudo destes mais enjeitadinhos que nem sequer partiram para a guerra? Por favor, poupa-me. Lembras-te? Son casada, durmo com o meu marido, ou melhor, dormi enquanto ele esteve por perto. .

Blanche já tinha os bracos em redor do pescoco dela, e Philippa juntou-se-lhe. Mas tanto uma como outra sentiram os olhos encher-se de lágrimas: também tinham dormido com os seus, e nem uma nem outra estava grávida.

No dia seguinte, Philippa acordou chela de dores de cabeca. Andava a dormir mal. Dava voltas e voltas na cama para adormecer, e os acontecimentos da véspera ficavam aos saltos dentro de si. Náo havia sono que náo fugisse quando procurava resposta para tanta pergunta, saída para tantos problemas. Quería muito que Joáo notasse que fora capaz de marcar a diferenca, mas temia que essas diferencas náo lhe agradassem, ou que nem sequer desse por elas.

De que é que falara com as irmás ontem? Ah, já sabia, da ceia conjunta,

isso mesmo. E é verdade, de Elisabeth estar de novo á espera de um bebé, recapitulou.

Pediu á criada que lhe viera trazer um copo de cidra aquecida, que chamasse Maud. Maud chegou aflita, com medo de que a sua menina estivesse doente.

- Náo, Maud, náo estou doente, só náo tenho nem um bocadinho de vontade de me levantar daqui. Já sabes as notícias?

Maud virou-se para ela, radiante:

- Mais um bebé para a nossa família. Sabe que o menino Richard já se póe cm pé? Abencoado seja, que é táo parecido consigo, loirinho, loirinho com aqueles olhos azuis. .

- Achas que os meus filhos váo ser loiros, sendo o Joáo de cabelo e pele bem mais escura do que a minha? Se é que vou conseguir ter filhos, son muito mais velha do que a minha irmá, o dobro da idade quase da minha máe guando me teve a mim. .

- Al que disparate, menina. Entáo quería engravidar cm trés noites, era?

Olhe que aqui a Maud levou seis meses a ficar prenha.

- Pois é, que estupidez. Rezo tanto, e afinal tenho táo pouca fé na Virgem, que como tu me lembras é sempre quem decide estas coisas. A coitadinha da Blanche tem mais razóes de queixa, já é casada há mais tempo e quería muito ter um filho. Sinto-a táo assombrada, que até tenho medo; lembras-te como me animou em Celanova? Meten na cabeca que Thomas corre perigo, sabe Deus que é a mais lúcida de todas nós, porque com os franceses no exército de Castela a reconquista do trono náo vai ser táo fácil como o meu pai e Joáo pareciam acreditar. . Mas isto náo é conversa para se ter numa manhá de sol, Maud. O arcebispo de Braga, D. Lancarote, vai dizer a missa das sete e en tenho de lá estar. .

Quando chegou á capela, D. Lancarote náo estava paramentado nem parecía fazer tencóes de se ir paramentar.

Um frio gelado percorreu-lhe a espinha. Lancarote esperava nitidamente por ela, encostado á ombreira da porta da sacristia, e parecia petrificado pelo que tinha na máo.

Philippa via mal e náo conseguía perceber se era um pergaminho, por isso acelerou o passo cm sua direccáo. Ao ouvir o claque claque dos seus tamancos, o arcepispo levantou os olhos e pareceu num primeiro momento

ter vontade de fugir, mas obrigou-se a ir ao seu encontro.

- 0 que foi, senhor?

Lancarote deixou-a chegar mais perto, recebeu o seu beija-máo, e murmurou:

- Más notícias.

Philippa sentiu picos na cabeca, como se estivesse a perder os sentidos, mas como acontecia sempre nestas ocasióes, responden com frieza e disciplina:

- Náo nos serve de nada esse seu ar assustado, senhor arcebispo. Faca o favor de me dizer o que contém essa carta.

Lancarote sentiu que lhe tinham deitado um balde de água fria na cabeca - o raio da inglesa, de nervos de ferro, que era capaz de ser mais homem do que ele, que tremia por dentro e por fora só com a notícia que tinha para dar, como se náo tivesse lutado corpo-a-corpo num campo de batalha, como se. .

- Val ler-me o que al vem escrito, ou val estender-me o pergaminho, para que o leía en? - perguntou de novo a rainha.

- Alteza, desculpe, estou estarrecido e dormi pouco. Tem razáo, náo vale a pena adiar a verdade, sobretudo porque ela é sempre a vontade de Deus.

- Diga, por favor, que se mata a si e a mim. .

- O seu cunhado, Thomas of Morieux, morreu no campo de batalha, numa batalha terrível, em que fomos redondamente derrotados.

Philippa estava á espera que a má notícia fosse para ela, e quando percebeu que era o pesadelo de Blanche que se transformava em realidade, o pesadelo de que

tanta trota tinham feito ficou absolutamente sem fala. Como, como seria capaz de dar uma notícia destas á irmá?

Mas náo precisou de a dar. Blanche, que chegava ligeiramente atrasada para a missa, veio devagarinho ao encontro dos dois. E numa voz muito arrastada, de quem recita uma licáo já ensaiada, disse:

- Já percebi, Philippa, náo te aflijas. O Thomas morreu?

O arcebispo nunca tinha presenciado uma cena assim. «Como era possível que só pelas suas caras, a senhora tivesse entendido tudo?», pensou aterrorizado. Que estranhas eram estas mulheres vindas de fora,



táo controladas, táo fechadas sobre si mesmas, nem um grito nem um choro quando recebiam uma nova destas, e no entanto, via-se que náo era por falta de náo sentir. .

- Os outros estáo bem? - foi ainda capaz de perguntar.

Numa voz embargada pela comocáo, Lancarote respondeu:

- Tanto quanto a mensagem diz, parece que sim. Houve muitos mortos, muitos feridos, mas Sua Alteza náo sofreu nada, e o vosso pai também náo.

Regressam agora, mais ainda váo levar algumas semanas a chegar cá.

Philippa acenou com a cabeca um agradecimento e pegando na máo de Blanche preparava-se para levá-la de volta para os seus aposentos. Mas Blanche, num gesto inesperado, soltou-se e virando-se para o pobre arcebispo, implorou:

- D. Lancarote, posso-lhe pedir que diga, agora mesmo, missa pela alma do meu marido?

Lancarote pós-lhe a máo no ombro e empurrou-a gentilmente pela porta da sacristia, esquecendo-se até de dar precedéncia á rainha, e levando-a por dentro para o primeiro banco da capela, sentou-a. Philippa, silenciosa, sentou-se ao seu lado. D. Lancarote vestiu as vestes e no altar-mor disse a missa mais sentida que alguma vez dissera até entáo.

Blanche continuava fechada no seu quarto, deixando apenas que Maud, Philippa, Elisabeth e o pequenino Richard lá entrassem. Os olhos inchados, e no entanto nenhuma delas lhe perguntava se tinha chorado. Náo sabiam como agir nem que palavras dizer, e era só com chás, bolachas, e mantinhas que eram capazes de manifestar a sua imensa pena. Todas gostavam muito de Thomas, com os seus gestos calmos e seguros, mas nem isso se atreviam a dizer: como podiam comparar o amor de Blanche por ele, com o delas?

Náo havia mais detalhes nem pormenores. A mensagem que chegara de John para Blanche dizia exactamente o mesmo que a do arcebispo: que o general do exército inglés caíra em batalha, com a coragem de leáo que sempre demonstrara. Mas tinha uma diferenca: assinava «o ten pai que muito te ama, John of Gaunt». Blanche náo largava a carta, como se o único amor que lhe sobrava na vida, agora que a máe e o marido tinham partido,



fosse o do pai, aquele amor que sempre quisera e até agora nunca lhe Tora traduzido de maneira táo explícita.

Elisabeth tentava consolá-la deixando-lhe Richard uns bocadinhos, que uma crianca tem por vezes o condáo de ajudar a lavar a alma, e Blanche agradecia-lhe a oportunidade de se fingir ocupada e de, ao dobrar-se para o ajudar com os seus brinquedos, poder assim esconder o rosto.

Maud talvez fosse a mais preocupada:

- Princesa (como nunca lhe deixaria de chamar), a menina Blanche tem que comer. E se já náo comia, agora nem bebe, e percebe-se que quer morrer como o menino Thomas, e isso é pecado, menina. .

Philippa angustiava-se também, que deixar-se morrer aos bocadinhos la contra todos os mandamentos da Madre Igreja, mas Elisabeth vociferava de fúria quando lhe falava nisso:

- Nem te atrevas, nem te atrevas a ir assustá-la com ameacas de chamas de Inferno, que no Inferno está ela agora. Deixem-na, deixem-na em paz, que quando o corpo do Thomas chegar e ela o puder enterrar, va¡ voltar a viver. .

A ama acenava que náo com a cabeca. A idade ensinara-lhe muita coisa, e sabia que um corpo fraco e uma alma mortalmente ferida atraíam a doenca. E devagarinho entrava-lhe no quarto com um caldo e obrigava-a, entre cancóes de embalar, a comer um bocadinho. .

Lourenco ficara de cabeca perdida. Thomas fizera-lhe companhia durante toda a viagem de barco, e era impossível náo se gostar dele, com o seu sentido de humor rápido e a humildade com que se apresentava sempre. Na sala grande, sentado ao lado de Philippa, contara-lhe como John e o genro tinham trocado dos portugueses, prometendo levar o vinho para a ceia principal, e ambos riram apesar da tristeza.

- É assim que ele quer com certeza ser lembrado - dissera D. Lopo metendo-se na conversa. - Porque os mortos continuam vivos, se nos recordarmos do que faziam e diziam, dos seus gestos bons e até dos maus.

Náo é nada dessa coisa de os colocar em altares distantes, como santos que nada tinham a ver connosco, continuou.

Philippa sorriu-lhe:

- Que forma táo bonita de explicar as coisas. Náo quer dizé-lo á minha irmá, que apesar da fé, e de o saber junto de Deus pela certa, náo sal do quarto?

D. Lopo acenou que náo com a cabeca:

- Que alguém que nos é querido morra longe de nós, em condicóes que desconhecemos, é o pior que nos pode acontecer. É preciso que seja alguém que esteve lá com Sir Thomas a falar com ela. . e D. Filipa, ás vezes os outros náo sáo táo fortes como nós, e náo é por isso que devemos pensar pior deles.

Philippa fugiu-lhe ao olhar, e mudou a conversa. A sala grande tinha agora mesas corridas, onde homens e mulheres ceavam juntos. Joáo la ficar surpreendido.

- Acha que D. Joáo náo se vai importar com estas mudancas? - perguntou a Lourenco, pela millonésima vez.

E ele fingindo que era a primeira, responden:

- De forma alguma, D. Filipa. Sobretudo quando a ceia lhe chegar quente á mesa. .

- Mas como é que o rei suportava comer tudo sempre frio?

E Lourenco, rindo agora abertamente, incitou:

- Pergunte a D. Lopo, que nestes últimos dois anos jantava en opiparamente no seu palácio em Londres.

D. Lopo riu também:

- Alteza, D. Joáo nunca comen nada frio, pela simples razáo de que sempre que pode come na cozinha.

O «ah» de Philippa foi táo distinto e claro que as dezenas de comensais pararam de comer para olhar para ela. E a rainha virou-se para chamar um dos criados, porque náo tinha outra forma de esconder a cara em fogo.

Apesar de toda a agitacáo causada pela notícia da derrota, e da morte de Thomas, ninguém fazia tencóes de deixar que a vida de Philippa se transformasse na de uma rainha que passava os dias fechada com as suas aias ou em intrigas de corte. Acima de tudo, ela. Para supremo desgosto daquelas que ainda se lembravam da vida airada de D. Leonor Teles, e para enfado das que náo a tinham servido mas levavam um dia-a-dia leve em casa dos pais. De facto, a rotina que a rainha instituiu era dura: missa

ás sete da manhá, sem atrasos permitidos, oracóes de hora a hora, ou quase, manhás dedicadas ao francés e á leitura (descobrira, com espanto, que a maioria das suas mulheres náo sabia ler nem escrever), as tardes a passajar a roupa dos pobres (imagine-se!), ou a fazer camisas para entregar aos menos afortunados. Só náo podiam queixar-se das catadas, que Philippa mantinha para seu imenso prazer (e de que a gravidez de Elisabeth a tinha excluído - «ai quem é que terá a estas horas o meu falcáo», murmurava a pobre que morria de tédio), e consequentemente a qualidade da ceia, em que o menu todos os dias era diferente.

Mas Philippa náo se esquecera de que o marido a mandara governar, e era governar que se dispunha a fazer. D. Joáo das Regras era visita frequente, e entendiam-se os dois maravilhosamente: a disciplina e a cultura de D. Filipa

assombravam-no a cada encontro de trabalho, a sua sensatez deslumbrava-o, e acreditava, com certeza crescente, que tinha capacidade para tirar Portugal do marasmo em que estava, dina mizar o comércio e impedir que a nobreza antiga, de que sinceramente náo gostava, voltasse a ocupar com a sua incompeténcia os cargos mais poderosos do país. Sentira nela um certo mal-estar em relacáo a Nuno Álvares, o que ainda melhor lhe caíra, porque achava o condestável francamente vaidoso, mas esperto o suficiente para manipular o rei para dar-lhe terras, lugares e cargos, para si e para os seus.

- Porque, D. Filipa, a riqueza deste país fá-la quem trabalha a terra, e quem vende e compra - dizia-lhe muitas vezes D. Joáo das Regras. Philippa concordava que as conversas de Chaucer surtiam efeito na aluna, e náo desprezava os comerciantes, como tantos nobres faziam.

Com uma habilidade imensa, e o mapa na ponta dos dedos, Philippa e Joáo das Regras tracavam rotas novas e faziam uso de todas as garantias do tratado de Windsor, que abria o comércio entre os dois países. A rainha fornecia-lhe o nome de negociantes, escrevia cartas, e ao contrário do marido, incapaz de ficar fechado num quarto por muito tempo, náo mostrava a menor fadiga, nem desinteresse, quando as reunióes se prolongavam.

Por outro lado o seu portugués, que estudava afincadamente, estava cada vez mais perfeito, o que permitia alargar os encontros a outras gentes, defendia Lourenco. D. Lopo e D. Joáo das Regras concordavam. O

rei estava fora há meses, mas eram necessários sinais de que á coroa náo eram indiferentes os problemas do seu poyo.

Por isso ficou decidido: no dia 12 de Malo, a rainha D. Filipa presidiria á corte. Prelados, governadores de provincia, presidentes dos municípios todos se reuniriam sob a sua autoridade.

- Para discutir o qué? - exclamara, quase descontroladamente, quando a convocaram.

- O preso dos produtos nos mercados - disse suavemente D. Joáo das Regras.

- Mas náo me deixem sozinha! Preparam tudo comigo, tudo? - quis saber a rainha.

Mal sabiam eles o que significava trabalhar e preparar uma reuniáo com a rainha, bufara exausto Lourenco, depois de cinco horas encarcerado na Biblioteca, com uma mulher que por essa altura sabia mais do assunto do que ele.

D. Lopo e D. Joáo das Regras, que vinham atrás, soltaram uma gargalhada em coro: «Que ninguém oica falar nestas tardes de trabalho, porque se El-Rei sabe em que é que se meten, náo volta!»

P

Paco Real de Guimaraes, 30 de Maio de 1387

hilippa nem quería voltar a pensar no que sentira, quando desta vez a mensagem fora para si. Já náo pensava em batalhas nem em mortes, porque as notícias que recebera de Joáo eram claras: a aventura da reconquista de Castela tinha chegado ao fim. Os soldados estavam demasiado fracos e doentes para continuarem a lutar, e de qualquer forma náo valía a pena continuar a dizimar os mais novos em combates sem sentido, contra um inimigo dez vezes mais forte. Restava-lhe então esperar que o pai e o marido, os seus generais e homens, regressassem. Blanche, fechada no quarto, já náo esperava nada. .

Mas naquele fim de tarde quente a carta tinha sido para si. Joáo, o homem com quem dormira apenas tras vezes em quatro meses de casamento, encontrava-se no paco de Guimaráes gravemente doente, talvez ás portas da morte, dizia laconicamente Nuno Álvares Pereira, que assinava a missiva. Philippa náo quería acreditar que a sorte a traísse agora, agora que encontrara finalmente, estava certa disso, o seu destino.

Mas por que se achava mais merecedora das atencóes de Deus do que a pobre da sua meia-irmá?, pensava zangada consigo mesma, os joelhos no cháo frio da capela, aonde correra sem saber o que fazer.

la partir, já, hoje á noite mesmo. Se o marido estava doente, era ela, e só ela, que o devia velar á cabeceira. Rezara todo o caminho e ordenara que os padres, os bispos e o arcebispo pusessem o país inteiro em oracáo. E o país rezou ferverosamente pelo seu mestre. Também eles náo podiam perder o seu recentíssimo reí, aclamado há pouco mais de dois anos.

Quando chegara a Guimaráes, apesar das febres altíssimas, Joáo reconheceu-a. Estendeu-lhe a máo, aquela máo que tanta seguranca lhe dava, em agradecimento. John estava ao lado do genro, e parecia ter envelhecido anos: perdera o trono, a guerra, gastara o dinheiro dos contribuintes portugueses e ingleses, náo estava sequer em condicóes de honrar a sua parte do tratado, que nem Melgaco tinha Picado nas suas máos. Pior do que tudo o resto, perdera o general dos seus exércitos, um dos seus melhores homens, o genro de que tanta gostava e que deixava uma das suas filhas viúva aos 27 anos.



Nada disto era novidade na vida de um homem como John of Gaunt, mas como comentava á cabeceira de Joáo, que agora parecia querer seguir o destino do cunhado: «Um homem Pica mais frágil com a idade, filha, entende que há coisas de que se abrirmos máo nunca mais as voltamos a ter.» Philippa sabia que o pai falava de Katherine.

Mas Joáo tinha 30 anos passados ao sol e á chuva, e resistiu. Mal se pós em pé, voltou a ser mordido pelo bicho-carpinteiro, e so queria sair dali:

- D. Filipa, é claro que estou em condicóes de fazer o caminho! Quero ir ver a minha corte, Lourenco, Lopo, Joáo das Regras, o meu filho Afonso, a minha filha Beatriz, quero ir para casa. .

Da sua lista estavam excluídos todos os nomes daqueles que lhe eram queridos a ela, pensou Philippa, mas que poderia esperar? Náo passara mais do que uns minutos com Blanche e Elisabeth, náo conhecia o pequenino Richard, trocara uns «bons dias» com Maud, e do sogro e dos seus soldados ingleses já devia estar farto até á medula. Hipotecara o dinheiro do seu poyo e náo trazia mais do que uma ou outra vila conquistada para amostra. Era ela, Philippa, tudo o que restava daquele acordo! E náo se atrevia a perguntar-lhe se achava que ela, só por si, valia a pena.

Constanza continuara em Santiago com Catalina, ambas fartas e cansadas dos rituais daquela cidade, que lhes parecia agora demasiado pequena. Ao contrário de Philippa, haviam seguido a par e passo as campanhas de John e Joáo em terras catalás, mas após os primeiros triunfos, vieram derrotas sobre derrotas, e a fúria de ambas crescia de dia para dia.

Para falar com franqueza, John estava com vontade de tudo menos de as convocar a irem ter consigo a Coimbra, porque sem o trono de Castela como isco, Constanza e companhia pareciam-lhe totalmente desinteressantes. Philippa sabia mais: o pai daría tudo para náo ter de passar pela humilhacáo de se justificar junto de uma mulher sem papas na língua. Mas náo tinha outro remédio: disse-lhes que viessem e trouxessem toda a corte que as acompanhava, porque muito em breve zarpariam de novo para Inglaterra. Náo resistira a um contorcer dos cantos da boca, naquilo que visto de fora pareceria certamente um sorriso - era o primeiro

a lamentar o desastre da sua campanha, mas confessava que esperava calar os protestos da mulher e da filha com a ameaca do regresso a um castelo distante de Londres. . rodeado de ingleses. Cruel, mas eficaz, murmurou.

A

Sé de Coimbra, 16 de Junho de 1387

cerimónia das exéquias de Thomas of Morieux acontecen num dia de calor imenso, na Sé de Coimbra. No altar, o arcebispo de Braga, que ficara muito ligado a Blanche, o bispo de Coimbra, o bispo do Porto, e muitos outros senhores da Igreja concelebraram uma missa pedindo pela alma do general inglés. Blanche, magra como um osso, vestida de branco, segundo o costume da sua terra natal, estava na primeira fila, ladeada pelo pai, John, e por Elisabeth e John Holland, regressado sáo e salvo de Castela.

Philippa e Joáo ocupavam os lugares de honra, no banco do outro lado, e era esta a primeira cerimónia a que assistiam juntos desde o seu próprio casamento. A Sé estava cheia - os seus «camaradas de armas», as damas e os senhores da corte, e as gentes de Coimbra, que vinham na ánsia, acima de tudo, de verem tanta gente fidalga. E o reí e a rainha.

Nuno Álvares Pereira pedira para ajudar á missa, como quando era miúdo e escudeiro do rei D. Fernando. Blanche via, sóbrio no seu uniforme, o condestável do reino ajoelhando-se perante os bispos, levando a água e o vinho ao altar.

A saída, Blanche olhou para a multidáo que se aproximava dela, e quase gritou

de terror. Náo quería os pésames desta gente toda, muita dela nem sequer conhecia o seu querido Tom. O pai, John, mais alto, estava por trás dela, segurando-a por ambos os cotovelos, num gesto protector, mas nunca lhe passaria pela cabeca dispensar a filha deste cerimonial. E foi nesse momento que ouviu, forte, a voz de Nuno Álvares:

- Sir John, permita-me que escolte a sua filha de regresso ao Paco, por uma porta lateral.

Se fosse outro a fazer a sugestáo, John of Gaunt ter-lhe-ia respondido que uma filha dele enfrentava a morte e a dor de frente, mas vindo o pedido de Nuno Álvares Pereira, que admirava, e vendo o corpo gelado e trémulo da filha que tinha entre os bracos, limitou-se a passar-lhe Blanche para as máos.

Elisabeth, a barriga já visível, viu tudo e assumiu imediatamente o comando das operacóes «na frente»: sorriu gentilmente aos que chegavam



e jurou-lhes transmitir os seus votos á irmá, que com a comocáo se tinha sentido mal e fora levada apressadamente para o paco, para ser vista por um médico.

Apesar da situacáo dramática, e de se sentir genuinamente emocionado, John quase desatou a rir. Náo havia dinheiro nenhum no mundo que pagasse o teatro que esta sua filha era capaz de fazer. Desta vez, pelo menos, era por uma boa causa!

Blanche subía a ladeira pelo lado oposto da multidáo, suportada pelo braco de Nuno Álvares. E era ele que falava. Nuno contou-lhe como fora a batalha, a estratégia utilizada, como tudo tinha sido planeado entre ele e Thomas, de quem se tinha tornado um verdadeiro admirador. Blanche deixava-se embalar pela voz do condestável, e sentia o alívio imenso de encontrar finalmente alguém que lhe contava como tudo se tinha realmente passado. Quería saber mais, quería saber o que Tom fizera na noite antes de morrer, quería saber se se lembrara dela, quería saber se sofrera, no final. Nuno Álvares foi-lhe respondendo a todas as perguntas, garantindo-lhe que a lanca que trespassara o marido fora de tal forma certeira que, podia garantir-lhe com toda a verdade, náo, náo tivera sequer um momento de sofrimento.

- Quanto a lembrar-se de si - disse o Condestável - também lhe posso assegurar de que lembrava. Na noite anterior á sua morte, ficámos os dois até muito tarde em volta da fogueira que ardia. Talvez ele tivesse bebido um bocadinho de mais, admito que sim, que como já terá percebido, náo son um homem que atraía confidéncias, mas quando se despediu para regressar á tenda, disse com uma das suas gargalhadas (que conhece melhor do que eu. .): «Nuno, vou dormir, porque sonhar com a minha Blanche, é a melhor parte do meu dia.»

Blanche soltou um soluco imenso, e pela primeira vez desde a morte de Thomas sentiu que um peso lhe saía do peito. Náo quería embaracar este homem táo generoso com o seu choro, nem molhar -lhe a farda com as suas lágrimas. Fez-lhe uma pequena vénia, e numa voz que tremia, sussurrou: «Que Deus o abencoe, D. Nuno, pela paz e a felicidade que me trouxe.» E virando-lhe costas corren para dentro do paco, pelas escadas de caracol acima, até ao seu pequeno quarto, lancando-se sobre a cama num





pranto inconsolável.

Maud esperava-a, sentada num pequeno banquinho junto da janela, a passajar meias, o seu chá de ervas numa caneca por cima de um tijolo quente. Despercebida, silenciosa, e sempre presente.

Ainda muito frágil da doenca, Joáo estava meigo e disponível. Para imenso contentamento de Philippa reparou em tudo: transmitira-lhe, orgulhoso, os elogios de D. Lopo e D. Joáo das Regras («Que os elogios de Lourenco sáo suspeitos!», dissera a rir, e ela sentira-se feliz por esta imitacáo de ciúme), congratulara-se com o facto de ter reunido homens e mulheres para uma mesma refeicáo, mas reparara também nos quartos aquecidos, nas grandes almofadas de cores garridas que tornavam mais confortáveis os bancos da sala grande, da porta que a rainha mandara abrir para tornar o caminho da cozinha para a sala mais rápido, e a ceia mais quente e apetecível. Mas mais do que isso, nao quisera um quarto separado e adormecia com a cabeca no seu ombro. Nunca Philippa imaginara o conforto daqueles momentos, em que John a procurava e esquecia tudo o resto. Desejava muito que melhorasse depressa da doenca, mas por outro

lado sabia que este Joáo, táo sereno e dócil, fechado em casa uma semana de seguida, aparentemente desinteressado de todas as outras mulheres, náo era D. Joáo 1, re¡ de Portugal.

Philippa náo tinha conseguido estar sozinha com o pai, mas naquela tarde de calor subira para a pequena varanda na torre mais alta, e descobrira que John também lá estava. Nunca mais tinham falado de Castela, nem táo-pouco de Constanza ou Catalina, embora a tivesse informado de que «elas» vinham aí.

Joáo dissera-lhe que autorizara o pai a reunir a corte de Santiago, aqui na cidade, para depois partirem. Percebia-se que quería esquecer esta campanha, pelo menos por agora, e sobretudo tirar de cima dos seus ombros, e dos do país, a presenta dos aliados, que se batiam de facto com a forra dos leóes dos estandartes que erguiam, mas náo eram grande companhia para os tempos de paz.

Sentaram-se os dois á sombra, a paisagem táo diferente daquela que a rainha encontrara quando ali tinha chegado há meses, o verde transmutado em terra queimada pelo sol.

- Este país é fantástico, vou ter imensa pena de o deixar - murmurou John.

- E agora o pai val voltar com Constanza e Catalina para Londres? Náo querem Picar cá, talvez Joáo o permitisse. . - disse Philippa, preocupada.

- Era mesmo aquilo de que o ten marido e o ten reino precisavam: albergar os pretendentes ao trono de Castela, para que o Juan tivesse uma desculpa para entrar por aqui dentro de dez em dez minutos - disse John, espreguicando-se.

- Pai, e aquela proposta - mesmo que sob a forma de rumor - que o Juan fez?

- De casar o filho com Catalina?

- Essa mesmo. Era uma solucáo, náo era? O pai ficava com duas filhas rainhas, era uma vitória, de certa forma. .

- Era uma vitória, e uma maneira fantástica de calar Constanza, que até podia ficar na corte da filha, e as lamúrias da tua irmá Catalina, que só de pensar em ouvi-las daqui a uns dias já me dói a cabeca - retorquiu John, sentando-se direito na cadeira e puxando da garrafa de vinho branco para voltar a encher a caneca e

assim combater a «secura» do ar, como dizia.

A conversa ficara por ali, mas Philippa náo estranhara nada quando uma semana depois Joáo lhe dissera que Juan pedia autorizacáo para mandar os seus embaixadores ao paco, com o objectivo de falarem com John of Gaunt.

- O seu pai e Constanza náo param de mexer os cordelinhos - comentou.

De facto, no exacto dia em que chegaram Constanza e a sua corte, chegaram também os embaixadores de Castela. Philippa e D. Brites náo pararam de organizar refeicóes, preparar quartos e tratar de tudo para instalar esta multidáo.

Philippa, como náo podía deixar de ser, lá encontrou forma de estar na sala quando o pai recebeu os enviados de D. Juan, embora com o cuidado de se encostar a um dos reposteiros da sala para pascar o mais despercebida possível. Quando olhou para a janela em frente constatou, com um sorriso, que o marido fazia exactamente o mesmo, discretamente

de costas viradas para a sala, como se estivesse a observar o que se passava lá fora. John e Constanza ocupavam as cadeiras principais, frente a uma mesa, onde estavam igualmente sentados dois homens magros e altos, de bigodinho, divertidos, que lhes estendiam para ler um pergaminho escrito em castelhano. Constanza, que era a única a dominar a língua, traduziu rapidamente o que dizia para que John entendesse.

Philippa reparou que o pai assumia, mesmo frente ao inimigo, uma postura demasiado desinteressada. Os embaixadores de Castela diriam certamente ao seu rei que o inimigo estava derrotado e pronto a render-se.

E náo se enganariam.

A proposta era muito clara: Catalina, agora com 14 anos, casaria com Henrique (e Constanza estremecen ao ler o nome, que era igual ao do avó que assassinara o seu querido pai!), agora com nove anos, e com o título de Príncipe das Astúrias. Henrique assumiria o trono por ocasiáo da morte do seu pai, Juan, ou quando tivesse catorze anos se o rei de Castela falecesse antes. Catalina seria então rainha de Castela e Leáo. Como se o seu pai e a sua máe o tivessem sido, terminava o documento com uma bicada que surtiu efeito. Constanza atirou o pergaminho de novo para cima da mesa, e preparava-se para responder no mesuro tour, quando John a interrompeu:

- Parece-me muito sensata a proposta do vosso rei, sobretudo tendo em conta que já estamos velhos (Constanza olhou-o de lado, furiosa), e aquilo que queremos é assegurar o futuro dos nossos filhos. Catalina será rainha de Castela e Leáo, como os seus pais antes dela, e tudo isso me parece muito bem. A única condicáo que ponho é que o casamento seja contratado imediatamente e a princesa seja aceite na vossa corte já este mas, porque vamos partir de novo para Inglaterra, onde o meu sobrinho, o rei Richard II, precisa do meu apoio. .

Philippa teve vontade de dizer ao pai que por multo irritantezinha que fosse, a pobre da Catalina poderia ficar com eles até que Henrique fosse um pouco mais velho, e apeteceu-lhe recordar a John o insucesso do primeiro casamento de Elisabeth com o pobrezinho que náo era maior do que este, mas Joáo fez-lhe um discreto sinal do outro lado da sala, e ela calou-se. De facto, náo deveria meter-se onde náo era chamada. Catalina preferia certamente dominar o esposo, a ser dominada por ele, e o melhor mesuro é que se integrassse na corte que iria ser a sua o mais cedo possível.

Catalina ficou eufórica. la ser rainha de Castela e Leáo e certamente muito mais cedo do que alguma vez esperara, porque Juan já náo era novo.

Mais ainda, seria rainha longe das garras da máe e do pai, numa corte

«que se veja», como dissera com desprezo a Philippa. A mulher de um rapazinho de nove anos, que bem ensinado saberla a quem devia obedecer, que Catalina náo fazia nada pela medida pequena.

- Duas irmás, rainhas de reinos vizinhos - dissera Philippa, decidida a separar-se da meia-irmá em termos o mais amigáveis possível. Sabia bem que da sua relacáo iría depender, em muito, a paz entre os dois estados, e decididamente náo quería que Joáo morresse trespassado por uma lanca, como acontecera a Thomas. .

Catalina teve o bom senso de deixar por instantes a sua arrogancia, e abra~ou Philippa:

És boa pessoa mesmo, depois de tudo o que te tenho dito, e das birras que fato. Preciso de aprender contigo a ser mais calma, a pensar antes de falar, mas o que queres, herdei de um lado o espírito dos castelhanos e do outro os genes do meu pai. . Tu, pelo que me dizem, sais mais á tua máe.

Elisabeth, que assistia á conversa, sentiu a pimenta subir-lhe ao nariz:

- Ó miúda, também tenho os genes do meu pai e náo son malcriada, nem insuportável, ou pelo menos náo tanto como tu. Por isso deixa-te lá de te desculpares com a tua ascendéncia, e ve se aprendes a ser uma rainha como a Philippa, que senáo mandamos cá o nosso irmáo Henry of Bolingbroke (mais meu do que ten, como se ve!) para te pór na ordem.

Catalina virou-lhe as costas, e Elisabeth e Philippa desataram a rir.

Blanche, sentada numa cadeira que Philippa almofadara só para ela, fez apenas um sorriso triste, e virando-se para Philippa, disse:

- Devia aprender contigo, esta Catalina. Coitadinho do tal Henrique.

E depois remetera-se de novo ao siléncio. A conversa com Nuno Álvares aliviara-lhe a alma, mas Maud tivera mais uma vez razáo quando profetizara que um corpo demasiado frágil tem depois dificuldade em recuperar. E Blanche parecera perder a vontade de viver sem Tom.

- Que amor táo disparatado, Blanche. Há mais homens no mundo, rapariga - disse-lhe em desespero Elisabeth, que por muito que amasse John e esperasse o seu segundo filho, náo se via sinceramente a morrer por ele. .

- Cala-te, Elisabeth. Mas Blanche, ela tem um bocadinho de razáo quando diz que o amor náo deve levar a desistir de viver. O Thomas náo desejava que fosse assim. E Deus também náo - acrescentou Philippa.

Blanche sentou-se mais direita na cadeira:

- En sei, en sei. É só mais um tempo, só até me sentir mais forte. . Se ao menos tivesse um filho dele!

Philippa, que continuava sem engravidar, sentiu de novo um nó na garganta. «Um filho dele», náo era esse o sonho de todas elas?

A

Porto, 16 de Agosto de 1387

cidade estava num rebulico total. As catorze galeras que iam levar os ingleses de volta ao seu país estavam alinhadas no cais e iam recebendo os carregamentos de baús dos fidalgos e as arcas carregadas de armas dos soldados.

Náo era o regresso que John imaginara, mas confessara a Philippa que embora Portugal e Castela o deslumbrassem, tinha saudades de Inglaterra, de Henry, dos seus filhos Beaufort e, acima de tudo e de todos, de Katherine. Philippa náo Picara com a mais pequena dúvida de que o pai faria tudo para reatar a ligacáo com a amante, que concluíra ser a única coisa que realmente valia a pena na sua vida.

- Náo me leves a mal, sabes que amei a tua máe com todo o amor que um adolescente de dezanove anos dedica a uma mulher táo bonita e táo espantosa como ela era. Uma mulher que ainda por cima lhe realiza todos os sonhos, lhe dá um título e um lugar no mundo, mas. .

- Espere aí. O pai era filho do rei de Inglaterra - responden Philippa, ligeiramente magoada com a conversa.

- Era o terceiro, ou seja, náo tinha lugar nenhum. . Ser duque de Lancaster e dono de toda a riqueza e terras que a tua máe me trouxe pelo casamento, deram-me outro poder.

- Para confrontar o seu irmáo mais velho, o herdeiro.

- É mentira, servi-o sempre com lealdade, náo tenho culpa que tenha morrido e que o meu sobrinho Richard, que ninguém nos oica, seja táo fraco.

- Por favor, Sir John of Gaunt, náo volte para Inglaterra com ideias dessas. As decisóes de quem reina, cabem a Deus e náo aos homens. O seu pescoco já esteve próximo da corda da forca muitas vezes, náo acho que esteja em idade de o pór de novo á disposicáo de Richard. Náo se esqueca que se se mete em sarilhos, o meu irmáo Henry vai atrás de si, e desde que é crianca que o rei o inveja terrivelmente e sonha tirá-lo de vez do caminho. .

- Tem calma, Philippa. Aprendi alguma coisa na vida. Estou sossegado, náo fui reí, mas tenho duas filhas rainhas, e. .

- E nada, pai! Náo vai convencer Henry a correr riscos, para poder dizer que náo foi rei de Inglaterra, como sempre quis, mas que é pai de um. .

John piscou-lhe o olho:

- Náo vou fazer nenhum desses disparates. Vou é empenhar-me a resolver outros problemas, que se¡ que beata como és náo podes abencoar.

Amei a tua máe como um adolescente, amei Katherine como nunca amei ninguém. Deu-me quatro filhos, tras deles varóes, que precisam de orientacáo, de quem vele por eles, porque já sofreram de mais, numa casinha em Lincoln, como se fossem iguais ás outras criancas da terra.

- Pai, e Constanza? Se o pai tenciona voltar para Katherine, por que é que náo deixa Constanza com Catalina, na terra dela, onde pode falar a única língua de que realmente gosta, que Deus me perdoe.

- Porque Constanza recusa a humilhacáo.

- Humilhacáo? Ficar em Castela como máe da rainha?

- Mas náo rainha-máe, percebes a diferenca? De qualquer maneira, o Juan náo aceitou que ficasse. Podia criar aliancas, suscitar apoios. Aceitam Catalina porque é uma crianca, no fundo. A Constanza era demasiado perigosa - concluiu, com um encolher de ombros.

Philippa náo disse mais nada. «Que a Virgem os levasse a bom porto, e o pai que tomasse conta de si próprio, que tinha boa idade para isso», recomendara-lhe João quando na véspera á noite lhe Talara das suas preocupacóes. A obrigacáo de uma mulher, mesmo rainha, era seguir os conselhos do marido, náo era? Por isso trataría de lhe obedecer, agora que toda a sua família, até o pequenino Richard e a sua querida Elisabeth, tinham partido. Agora era preciso governar Portugal.

J

Mosteiro de Fiáes, Melgaco, 26 de Novembro de 1387

oáo já recuperara totalmente, e como Philippa previra, os últimos meses tinham sido agitados. Mal voltara a si, náo parava. Saía em montarías, para as quais náo a convidava, voltava tarde e aquecia os pés e as botas no fogáo sempre aceso da cozinha, jantando com os seus homens, entre piadas e gargalhadas que nenhuma

senhora, muito menos uma rainha, podia escutar. Philippa habituara-se a adormecer sozinha, tanto mais que se levantava sempre de madrugada para assistir á missa, estivesse onde estivesse, e a sentir o corpo de Joáo, suado e sujo, entrar-lhe na cama a altas horas da madrugada, um cheiro a vinho que a nauseava.

Náo era, por regra, malcriado, mas a rainha desprezava aquela lassidáo, e dava por si a fazer-lhe sermóes sobre as obrigacóes para com o poyo, a necessidade de reunir com os seus conselheiros, dinamizar a economia do país, criar mais riqueza para distribuir pelos mais pobres, cuidar de ver que os nobres e os senhores da terra náo abusavam do seu poder. A lista de obrigacóes era invariavelmente táo extensa e detalhada, que Joáo náo resistia a abrir a boca num bocejo propositadamente marcado, para que náo restasse á rainha qualquer dúvida do que pensava daquilo tudo. Um dia perdeu mesmo a cabeca, e Philippa viu, pela primeira vez, a fúria que o escudeiro Ricardo também vira por detrás do reposteiro, quando o menino Afonso o fizera perder as estribeiras. E fora cruel:

- Quem é que a senhora se julga? D. Joáo das Regras? O Condestável do Reino? E se me servisse na cama, e no cuidado das suas aias, e deixasse estes assuntos para quem tem competéncia para deles tratar?

Batendo com a porta, saíra a correr. Minutos depois, Philippa, ainda de pé, como que fulminada por um raio, ouviu os cascos de cavalos a sair a galope. O reí partira para mais uma montaría.

Desde que desembarcara em Finisterra, nunca Philippa se sentira táo abandonada, como se todos os abandonos e desentendimentos que vivera até hoje se juntassem num só e a deixassem presa de um buraco negro de desespero e solidáo. Fechou-se no quarto, e mandou Maud dizer a D. Brites que a desculpasse mas que tratasse de tudo para aquele dia, porque



estava demasiado indisposta para sair dos seus aposentos. D. Brites ouvira os gritos do rei, e náo a admirava nada que a delicada Philippa, que nunca levantava a voz, tivesse reagido com espanto e horror á cena. Respondera que dormisse e descansasse que tudo estava entregue.

Blanche entrou devagarinho e sentou-se no fundo da cama. Nunca mais voltara a

atrever-se ao ritual de entrar no quarto da rainha, agora que o rei regressara, mas Maud descrevera-lhe tudo com detalhes táo crus, que sentira que talvez fosse a única com quem Philippa pudesse desabafar.

Philippa virou a cabeca e fez-lhe um sorriso triste. A mera presenca de Blanche recordava-a de como era fútil o seu sofrimento. Sentou-se e olhou-a:

- Desculpa, Blanche. - E benzendo-se pediu desculpa também a Deus Nosso Senhor.

Depois pediu-lhe ajuda para se pentear e arranjar, e para espanto de D.

Brites desceu para a sala onde as suas aias bordavam como se nada tivesse acontecido. Quando Joáo regressou, pronto a pedir-lhe desculpa, que nem a catada o tinha feito esquecer os remorsos, pronto a «comprá-la»

com presentes ou uma jóia nova, encontrou-a a presidir á ceia, em amena conversa com D. Lourenco e D. Lopo, que lhe faziam companhia na mesa principal.

Saudou-a á entrada, com uma vénia de verdadeira admiracáo, e ela respondeu-lhe com um sorriso largo, que fez erguer de espanto o sobrolho de todos quantos tinham ouvido ressoar pelo paco os gritos do rei, e mais ainda naqueles que haviam conseguido escutar a conversa em si. Quando subiram para o quarto, e Joáo pensou «é agora, é agora que ela me val moer a cabeca!», Philippa náo disse nada. Pelo contrário, continuou a falar disto e daquilo, como se tivesse esquecido aquela manhá. Náo fossem os olhos vermelhos, que pós alguns conseguiam disfarcar, e Joáo acreditaría que sonhara. Mas como náo sonhara, prendeu-a nos bracos e murmurou-lhe um «desculpe!» ao ouvido. Nessa noite fizeram amor, como em nenhuma outra.

Sentada de novo numa cela, desta vez no mosteiro de Fiáes, próximo de Moncáo, meses passados sobre toda aquela cena, Philippa pós a máo na

barriga: tudo tinha acontecido naquela noite, de certezinha absoluta. A crianca que trazia no ventre fora concebida naquela mistura de risos e lágrimas, de dor e solidáo, e de reencontro. Seria especial este bebé.

Ainda náo dissera nada a Joáo. Quería deixar passar um tempo, ter a certeza absoluta de que a crianca tinha pegado; podia, como a sua própria máe,

«desmanchar» as gravidezes nos primeiros meses.

Mas era este seu novo estado que explicava como encarara os mais recentes projectos de João: sem reprimendas nem chamadas de atencáo.

Quando o rei lhe dissera que estava decidido a conquistar Melgaco, que náo fazia sentido que continuasse a pertencer a Castela, tivera medo, achara insensato, mas náo fizera qualquer comentário. Limitara-se a pedir:

«Posso ir consigo?» Estava decidida a náo ser uma rainha que fica para trás, que só pensa em trapos e em penteados, em cantigas de trovantes e alaúdes de jograis.

João hesitara uns segundos, para logo de seguida, para seu espanto, fazé-la rodopiar sobre os seus pés. Com a sua voz grave e bem-disposta, exclamara: «E por que náo? Mas deixo-a, com as suas aias, no convento de Fiáes, que a quero por perto, mas náo em risco, rainha de Portugal.»

Os dois tinham rido divertidos, e Philippa garantira que náo precisava de aias, que só iam macar as pobres irmás, espantando-o no dia da partida, apenas com dois baús, Maud e uma camareira. D. Brites, explicou, ficava encarregada de aturar as damas, as aias e as camareiras que ficavam para trás, a discutir a última moda chegada da corte francesa - umas bolsas de veludo embutidas de pedras preciosas que ela mesmo encomendara directamente para entreter e educar o gosto das mulheres da corte, um pouco como rebucados que se dáo a criancas.

Agora aqui estava, em Fiáes, onde as freiras a tinham acolhido com mimos e simpatia, e preparava-se para celebrar o seu segundo Natal em Portugal. Entre soldados e guarnicóes.

N

Moncao, 24 de Dezembro de 1387

a noite de Natal, João pediu a Philippa que ficasse com ele em Moncáo. Náo fazia sentido té-la táo perto, e táo longe. Passara a tratá-la por tu, com uma familiaridade crescente, e o portugués era com frequéncia a língua que usavam entre eles.

«Minha querida esposa, se¡ que adoravas ter entrado para o convento em vez de casar comigo, mas agora que fizeste tamanho disparate, o melhor mesmo é vires passar a Moncáo a noite do dia 25. Temos missa, náo te enerves, e todos os servicos religiosos e mais alguns, que já se ofereceram para a dizer mais abades, priores e bispos do que podes imaginar. Fico á tua espera.»

Quando lera o bilhete, Philippa desatara a rir. Sentia urnas saudades imensas de dormir com ele, de sentir o calor do seu corpo uma noite inteira junto ao seu. Ainda para mais agora que tinha para lhe oferecer o melhor presente de Natal do mundo. .

Estavam os dois deitados, depois de duas horas de igreja gelada, seguidas de uma ceia igualmente demorada:

- Como é que vocés sáo capazes de comer tanto á noite?

- Vocés, quem? - perguntara divertido Joáo, enquanto enrolava um dedo no seu cabelo loiro.

Philippa estacou. De facto, sendo rainha de Portugal, tinha de aprender a falar de «nós» e «eles» como sempre fizera. Mudou de assunto:

- A que horas se dáo os presentes?

- A tradicáo portuguesa manda colocar um sapato junto da lareira, que o Menino Jesus deixa lá um presente. Quando pode.

Apetecen a Philippa comentar a tradicáo. Náo lhe parecia bem que se atribuísse ao «Bom Jesus», um presente que apenas os mais abastados recebiam, como gostava muito de ouvir o poyo portugués chamar a Nosso Senhor, Jesus Cristo.

- Ou seja, o Menino Jesus é suposto preferir os ricos aos pobres, dando presentes a uns e náo a outros? - perguntou procurando manter num tom

sereno.

- Claro, como em tudo o resto, rainha D. Filipa.

- Náo, náo, a nós deu-nos obrigacóes e náo presentes. Tudo o que possuímos, possuímos apenas para servir melhor aqueles que nos confiam os seus destinos -

refilou ela, já preparada para um discurso inflamado.

- Ámen! - responden Joáo, aconchegando as almofadas.

- Em Inglaterra dizemos ás criancas que sáo os duendes e as fadas que lhes dáo presentes, porque se náo receberem nada e ficarem zangados com duendes e fadas, náo é importante. E uma crianca sentir-se injusticada pelo Menino Jesus, é mau, muito mau. .

Joáo puxou-a para si:

- Fica-te bem pensar assim, e com os nossos filhos vais fazer como te der na cabeca.

Philippa corou, e na escuridáo Joáo náo teria reparado se náo estivesse a passar-lhe a máo pela cara.

- Coraste porque falei em filhos nossos?

Por instantes foi apanhada de surpresa. «Como é que se dava uma notícia destas? Seria demasiado cedo? Se depois perdesse a crianca e Joáo náo acreditasse nela. .» Mas respirou fundo e disse:

- Joáo, estou á espera de um filho. De um filho nosso.

O rei den um salto na cama:

- Tens a certeza, a certeza absoluta?

- Tenho, claro que tenho, já estou grávida de dois meses, e se tudo correr bem. .

- Nasce em Julho! Temos que preparar tudo. Tens que voltar já para o Porto, náo podes andar aqui em campanha, nestas condicóes, a viajar por caminhos de lama. .

Philippa puxou a roupa da cama para cima, e aconchegou-se:

- Que disparate, Joáo, náo é nenhuma doenca. . Vi a minha máe á espera de muitos - e calou-se por uns segundos, enquanto desejou com todas as forras que nenhum dos seus bebés morresse -, e Katherine grávida de quatro. A gravidez, e

mesmo o parto, náo tém muitos segredos para mim.

Olha para a Elisabeth, que náo parou, e até atravessou o mar, á vinda e á ida, á espera de bebé.

Joáo estava táo excitado que lhe custou a adormecer.

- E que nomes lhes vamos dar? perguntava, a cabeca levantada sobre um braco.

- «Lhes» vamos dar? Joáo, por amor de Deus, só vou ter um. .

- Um de cada vez! - responden ele, divertido.

- Está bem, um de cada vez, mas os nomes? Tenho uma proposta. .

- Uma proposta?

- Fazemos assim: alternamos um nome da tua família com um da minha, um portugués e um inglés. .

- Independentemente de ser um rapaz ou uma rapariga? - perguntou Philippa, espantada com tanta generosidade. - Em Inglaterra ninguém deixaria que um filho varáo tivesse um nome vindo do lado da máe, a náo ser, claro, que o nome da máe fosse mais bem cotado do que o do pai.

- Tanto faz ser rapaz ou rapariga, mas com uma condicáo: se o nosso primeiro filho for rapaz - e estendeu a máo para a barriga dela -

cometamos com um nome portugués, afinal é o princípio de uma Dinastia, da Dinastia de Avis; e se for uma rapariga, cometamos pelo ten lado, pode ser?

Philippa encostou a cabeca ao seu ombro, e suspirou, feliz: - Claro que pode ser. E vou chamar-lhe Blanche, como a minha máe. .

- Branca - respondeu aconchegando-a melhor o rei - diz-se Branca.

- Branca de Portugal, acedeu Philippa, deixando-se escorregar para dentro do sono.

R

Melgaco, 3 de Marco de 1388

¡cardo, o escudeiro do rei, estava á porta do castelo porque D. Joáo lhe ordenara que ficasse ali a ver chegar a rainha e lhe indicasse para onde devia seguir.

Os archotes ardiam nas muralhas e em todas as casas rodeadas por elas, e apesar do frio da noite, ouvia-se o canto dos soldados vitoriosos: Melgaco tinha sido conquistada, e era agora portuguesa. Joáo desforrava-se simbolicamente de Juan de Castela e de John of Gaunt, como se ao primeiro mandasse a mensagem de que faria incursóes no seu território sempre que o entendesse, e ao outro que náo precisava dos exércitos ingleses para nada.

Philippa pensou lembrar-lhe que fora ali que o pai estivera alojado, quando os habitantes e os soldados lhe tinham entregado a fortaleza de máo beijada, mas depois pensou que náo fazia sentido defender o pai contra Joáo. Partiu do mosteiro de Fiáes para onde regressara passadas as festas natalícias, feliz e contente, a máo na barriga que continuava a crescer, e que os cinco meses de gravidez já náo tornavam possível esconder.

O banquete era servido na torre principal, mas as mesas estendiam-se pelo terreiro e até pelas ruas, que a populacáo galega que naquele dia passara a portuguesa, achava por bem comecar já a homenagear o seu novo rei, que o outro também lhes servira de pouco.

Quando Philippa, no seu vestido verde-escuro, uma tiara de ouro na cabeca, entrou na sala, todos lhe ergueram a caneca de vinho. O rei chamou-a para junto de si e pediu ao escudeiro Ricardo que lhe contasse a primeira batalha a que assistira. Logo uma em que tinham acabado vencedores.

Philippa esforcou-se por náo rir, porque a descricáo do miúdo, que tinha crescido centímetros sobre centímetros no último ano e a quem a puberdade esganicara a voz, era no mínimo hilariante. O miúdo lembrava-lhe Henry, quando chegava dos torneios, e tropecava nas próprias palavras, tal a vontade de num segundo resumir tudo o que acontecera em

días inteiros.

Mas os olhos perderam imediatamente o brilho de felicidade quando percebeu que Afonso estava do outro lado do pai, furioso pela sua presenta.

- O que faz uma mulher na celebracáo de uma batalha? - perguntara o infante entre dentes. A fúria da chegada de Philippa, somava-se o desespero de El-Rei seu pai ter tido o desplante de pedir a um mero escudeiro o relato da conquista, quando tinha o filho á sua esquerda.

Fingindo náo ter ouvido o comentário, Philippa estendeu a máo a Afonso, que a beijou de má vontade. Nada incomodada, a rainha perguntou:

- Já sei, Afonso, que a tua coragem na tomada deste castelo foi digna da do ten pai.

O miúdo ficou petrificado. Náo podía responder torto a quem lhe falava táo bem, e por outro lado a lisonja, como Philippa depressa descobriria, era uma arma que o vencia sempre. Olhou-a desconfiado, mas o pai, apanhando a «deixa», confirmou:

- Apesar de ter apenas onze anos, o Afonso lutou sozinho com um soldado castelhano (omitindo que Nuno Álvares estava ao seu lado para o que desse e viesse) e acabou por lhe fazer saltar a espada da máo. .

- Que voou pelos ares. . e foi bater numa das ameias - continuou Afonso, excitado, esquecido da raiva e do ódio.

Philippa tinha um talento imenso para lidar com criancas, porque náo esquecera ainda como era sentir-se mais pequeno, desprotegido e ignorado pelos adultos. Por isso foi encontrando formas de ir prolongando a conversa, até que o enteado se mudou para o seu lado e falou com ela a noite inteira. Esquecido, mas por momentos apenas, de que a crianca que crescia dentro dela poderia ser o seu mais poderoso rival.

Melgaco era finalmente portuguesa e a comandá-la, o reí deixara João Rodrigues de Sá, aquele que mandara em seu lugar casar por procuracáo com Philippa.

Quando se despediram, a rainha náo resistiu a dizer-lhe que esperava que esta tarefa fosse mais fácil do que a outra, e ele com o seu sorriso tímido e reservado, dobrara ligeiramente o joelho para lhe beijar a

máo.

- Agora vou dar-te a lua-de-mel que náo te dei há um ano, e mostrar-te o ten presente de casamento que ainda nem sequer viste, e já estás com uma barriga dessas - murmurou-lhe ao ouvido João quando faziam o caminho de regresso ao Porto, os soldados e os fidalgos a formarem uma longa comitiva.

Philippa sorriu-lhe, divertida:

- Multo romántico se for com toda esta gente atrás. .

João olhou por cima do ombro, surpreendido:

- Habituamo-nos de tal forma a esta multidáo, que já nem damos por ela, mas de facto náo te posso mostrar tudo o que quero antes de o bebé nascer, se andarmos a percorrer o país com esta matilha. E pensativo, acrescentou:

- A partir de Coimbra dividimo-nos em dois grupos: o nosso mais pequeno, e o outro, o maior, que vá andando para Lisboa, para preparar a Alcácova e para o Paco de A-par de S. Martinho, que de tanto tempo abandonado e vazio bem deve precisar que o arranjem para ti. . e para ele.

- Para ele? - disse Philippa, com um arrepio de susto, a memória do desgosto do pai sempre que nascia uma rapariga. .

João atirou para trás a cabeca, numa gargalhada muito típica:

- Vamos ter muitos filhos, náo te preocupes, náo preciso de ter já um rapaz. .

Mas Philippa sabia, porque toda a vida vivera neste mundo, que o reino inteiro esperaría um varáo, um herdeiro, um infante. Será que a generosidade de João resultava do medo de enfrentar o seu filho Afonso, tarefa que o nascimento de uma rapariga pelo menos adiaria? A rainha voltou os olhos para a paisagem e concentrou-se num pássaro de peito encarnado que pousara num arbustro mesmo ao lado da estrada:

- Um robin - disse ela alto, num tom de excitacáo imenso.

O passarinho esvoacou para longe, assustado, e Joáo virou-se a tempo apenas de o ver já em voo:

- Um pintaroxo?

A rainha tentou, com dificuldade, pronunciar a palavra em portugués, e a certa altura desistiu.

- Sáo uns pássaros lindos, e em Bolingbroke en passava horas a olhar pela janela nos dias de chuva a ver se finalmente aparecia um. . Quando um robin. . pinta. . roxo. . canta, é porque vem al bom tempo.

Joáo riu-se:

- Entáo chega mesmo a calhar, porque quero levar-te a Leiria, Santarém e a Óbidos. .

- E á Batalha? - perguntou a rainha, entusiasmada. - Estava farta de ouvir Joáo e Nuno Álvares a discutir os projectos do convento monumental que iam construir em homenagem á Virgem, a quem deviam a vitória na batalha de Aljubarrota, e desejava a todo o custo «meter o nariz» na obra. .

- A avahar pelos melhoramentos que fizeste no paco de Coimbra, acho que deves ter uma veía de pedreira. .

- Ou de arquitecta - retorquiu Philippa, ligeiramente ofendida. .

- Ou de arquitecta, concedo, mas lamento informar-te que já temos um arquitecto brilhante, o Afonso Domingues, responsável pela obra. .

- Mas se for mesmo brilhante, val gostar das minhas ideias! - lan~ou a rainha enquanto encolhia os ombros de uma forma que Joáo, espantado, reconheceu como sedutor. . Era ele que comecava a Picar enfeiticado ou era ela que amolecia e aprendia a soltar o corpo, sempre táo direito e rígido, abandonando quando estava distraída aquele ar táo piedoso e hirto mais indicado para um pedestal do que para abrasar, apertar e levar para a cama?

Philippa ficou ligeiramente desiludida com a obra da Batalha, que julgava mais

avancada. Mas quando mestre Domingues lhe mostrou o projecto, entusiasmou-se tanto que as frases lhe saíam numa mistura de portugués, inglés e francés, como se o cérebro procurasse em cada uma das línguas a palavra certa para descrever o que sentia. Mestre Domingues deixou-se contagiar, e retorquiu-lhe da mesma forma, apontando para aqui e para ali, desenhando com os dedos as torres e cúpulas a construir. O rei divertia-se ao ver a cumplicidade rápida que por vezes a mulher era capaz de conseguir, sobretudo quando dominava bem o tema da conversa.

Philippa tinha veía de arquitecta, bem o dizia o pai John, e uma hora depois estava já a imaginar alteracóes e acrescentos, discutindo-os animadamente com o marido e os encarregados da obra. A certa altura, náo resistiu:

- Se El-Rei quisesse, podia pedir ao meu primo Richard que me enviasse o arquitecto Huguet, um dos homens mais brilhantes que já conheci, capaz de edificar o impossível, criar o impensável. Dos seus dedos saem os mais magníficos desenhos. .

Joáo franziu o sobrolho, perturbado, mas felizmente mestre Domingues náo estava por perto. Philippa tapou a boca com a máo, aflita:

- Falei de mais? Mas náo estava de maneira nenhuma a denegrir o trabalho dos mestres que trabalharam neste magnífico mosteiro. Era só mais um génio para se juntar aos outros, para construírem o mais fantástico mosteiro do mundo, aquele que sei que queres dedicar a Nossa Senhora - acrescentou preocupada com medo de o ter ofendido.

- Assim será, mas tudo a seu tempo - responden secamente Joáo, que no entanto se sentia dividido. Náo podía levar a mal que a mulher quisesse trazer para Portugal a melhor máo-de-obra de Inglaterra, nem sequer duvidar de que sabia o que fazia e dizia, mas também náo podia fazer figura de provinciano, que precisava de uma inglesa para lhe explicar o que era a ogiva de uma janela.

Philippa despediu-se de mestre Domingues com a maior deferéncia. E

prometeu voltar. Ao contrário do que o reí poderia supor, o velho arquitecto ficara tudo menos magoado com a sabedoria da rainha. Se D.

Filipa soubesse apreciar o seu trabalho, melhor para todos!

Durante muito tempo a rainha e o reí cavalgaram em siléncio, mas Joáo náo era de amuos e depressa se entusiasmava, sobretudo se fosse a falar de alguma coisa de que gostava apaixonadamente. «Tal e qual o filho», pensou Philippa, com um ligeiro encolher de ombros. E a paixáo, era a paragem que se seguia: o paco real de Santarém, rodeado de histórias e de História, que ouvia avidamente.

Ao olhar o castelo imponente no cimo de um monte, sobranceiro a um vale onde corria o rio Tejo, Philippa percebeu por que razáo o marido considerava que este era um lugar abencoado por Deus. Ao entrar no paco, e conduzida aos seus aposentos, teve vontade de comecar a protestar, mas conteve-se. Náo iría passar aqui mais do que uns dias, e náo quería avancar já com propostas de remodelacáo e melhoramentos, nem fazer o papel de menina de um reino rico que torce o nariz á casa dos outros.

Também depressa deixou de pensar na decoracáo de interiores do seu

paco, mal a «apresentaram» á espantosa contada, onde as catadas se sucediam todos os dias.

No jantar do primeiro dia, teve outra surpresa: a companhia. Os senhores deste lugar tinham, nitidamente, uma pose mais segura e sofisticada do que a de todos aqueles que já conhecera até aqui em Portugal, mas que Philippa confessou a Blanche ser mais próxima da corte de que se vira sempre rodeada. Além do mais, eram senhores de uma snobeira que a divertia. Faziam questáo eco visitá-la todas as tardes, Talando alguns deles um inglés fluente, e a maioria um francés razoável, e náo escondiam o seu orgulho por lhes ter calhado eco sorte uma rainha vinda de uma casa real que veneravam. Ou náo estivessem, diziam uns aos outros, na ressaca de fazer vénias hipócritas áquela outra, a Leonor Teles, que eco sua opiniáo D. Fernando deveria ter conservado como amante, eco lugar de a levar ao altar.

Joáo torcia o nariz, ligeiramente enjoado:

- Esta cidade está chela de nobres, um debaixo de cada pedra, e achaco-se muito mais alguém do que todos os outros. Concentraram-se nestas margens, há mais fidalgos aqui do que eco Lisboa e no Porto, mas podes crer que náo é por causa deles que sou rei. Mas agora que sou, náo tém outro remédio senáo prestar-me vassalagem! Mas estáo felizes por te terem como rainha: nem devem lavar a máo depois de terem tocado na tua. .

Philippa, que nunca gostara de uma vida social agitada, reconhecia, sem nunca o admitir ao marido, que náo lhe sabiam nada mal uma catada e um almoco servido com requinte, mesuro que o estado adiantado da gravidez náo lhe permitisse galopar atrás dos veados e das raposas com os outros.

Ficava numa sombra a conversar com damas que confessava com satisfacáo apenas a Lourenco e Blanche, náo soltavam tantos gritos histéricos nem se comportavam como mocoilas do campo num baile na eira lá do sítio.

- Estás a ser mau, Joáo - disse a rainha, que comecava a conseguir dizer frases inteiras eco portugués e se esforcava agora para aprender o tratamento por «tu» (por que raio havia tantas formas de tratamento nesta terra?). Se calhar gostam do verde das lezírias.

Mas náo foram só os nobres a delirar com a estadia da rainha no seu paco, a bandeira icada no castelo em sinal da sua presenta, os soldados nas portas principais, fardados a rigor. A verdade é que sempre que Philippa

saía á rua a populacáo saía também para a ver passar, e acenava-lhe com o maior dos entusiasmos, procurando tocar-lhe nos vestidos, gritando preces de proteccáo á «infantazinha» por nascer. Philippa tinha que admitir que estava a ficar enebriada por estes banhos de multidáo:

- Sempre achei que o meu pai levava estas coisas demasiado a sério, que náo percebia que esta gente um dia sal á rua para gritar «viva o rei», para no seguinte pedirem a sua morte, mas talvez náo seja bem assim. . Sáo táo genuínas estas mulheres que se chegam a mico, coco raminhos de flores.

- E ervas - acrescentou Maud. Estáo sempre a dar-lhe ervas para infusóes que fazem bem ao bebé, e garanto á menina que sao coisa boa, porque há muitas que sáo tal e qual as que usamos em «casa» nestas alturas.

Até Blanche, que nunca mais recuperara a frescura nem a saúde, e se arrastava numa suave melancolía pontuada por uma tosse constante que o físico da corte náo conseguia curar, se desatou a rir:

- Maud, deixa de falar de Inglaterra como «casa». A tua casa agora é aqui, e a da Philippa também.

Maud ficava por segundos silenciosa:

- A menina tem razáo, a minha casa é onde estiver a princesa, e agora, que Deus seja louvado, está á espera de uma filha. .

Philippa e Blanche entreolharam-se:

- Filha?

- Pois sim. Vai ser uma menina, loira e branca como a máe e a avó. Que o sei eu. E sabem-nos essas mulheres do poyo que a acalmam, menina. Náo ouve que chamara pela «infantazinha»?

- Como sabem? - perguntou Philippa, perturbada. .

- Sabem e pronto. Náo pergunte mais, que já descobri que a sabedoria do poyo náo precisa de letras e livros. Só os senhores é que ligam a essas coisas, porque a gente simples, como eu, sabe muito, porque vive a vida como ela é.

As duas irmás desistiram. Que falta lhes fazia Elisabeth, que devia estar, também ela, quase a dará luz, segundo dizia na última carta, enviada de um castelo da Escócia para onde o marido fora destacado. E que falta lhe fazia Katherine, suspirou Philippa. Consolavam-na as cartas que trocavam constantemente, e que deixavam entender, sem nunca o dizer

abertamente, que John voltara para ela.

J

Óbidos, Junho de 1388

oáo apontou-lhe as muralhas de um pequeno castelo, no cimo de um montinho, rodeado por uma planície verde, com o mar ao longe.

- Philippa, aquele castelo é ten, só ten. O meu avó, D. Dinis, deu-o de presente a sua mulher, a rainha Santa Isabel, e desde esse dia o o castelo de Óbidos é o presente de casamento de todas as rainhas de Portugal.

Do ponto onde estava viam-se as casinhas brancas aconchegadas entre os muros de pedra, a torre mais alta a sobressair de tudo o resto. Philippa estava

demasiado comovida para falar. Tivera sempre tudo, e náo era um castelo como este que a iria impressionar, por muito fantástico que fosse, mas a ideia de que lhe pertencia porque João casara com ela e a transformara, para sempre, na rainha de Portugal, deixavam-na, ainda hoje, com a voz embargada.

Um pontapé do bebé obrigou-a a mudar de posicáo, e o esgar dorido que fez chamou a atencáo de um João atento, que acelerou a entrada na pequenina vila. Nunca vira vielas táo estreitas, e conseguia tocar nas máos das mulheres que lhas estendiam das suas janelas, enfeitadas com uma flor de um cheiro intenso que descobriu chamar-se «manjerico». No ponto mais alto estava um paco real pequenino, mas elegante, e Philippa subiu os degraus chelos de pétalas de rosa para tomar posse da sua vila e do seu palácio.

Blanche vinha mesmo ao seu lado, e estranhamente parecia táo comovida como ela, como se as rosas tivessem reacendido as saudades imensas de tudo quanto deixara para trás, do Tom que náo esque cía nem por um minuto e que lhe nublava o olhar que só Nuno Álvares parecía capaz de deixar mais transparente.

Ao entrar na galeria longa, de bancos de pedra junto á janela, a sobriedade da rainha desmoronou-se:

- Bancos de pedra! Banquinhos de pedra junto das janelas, Blanche -

murmurou, procurando a máo, sempre gelada, da irmá. Blanche náo conhecera nem o Savoy nem Kenilworth e muito menos Bolingbroke, mas

já conhecia o suficiente da história de vida da rainha para saber que estes banquinhos eram a Terra do Nunca de Philippa, o local onde se deixava escorregar para a sua infáncia, para o colo quente da máe.

D. Brites, a senhora da sua casa, as alas e as camareiras, sabiam o mesmo, e deixaram as irmás sentadas frente a frente, o calor de Junho a aquecer-lhes os ossos, os olhos postos no horizonte, onde o mar comecava. .

para acabar em «casa», ou mais além.

- Blanche, gostava que a minha filha nascesse aquí. Num paco pequeno, protegido por esta vila, e fosse baptizada naquela pequenina capelinha por D. Lancelot, e depois crescesse entre o meu colo e estas ruelas, sem a responsabilidade de uma coroa nem de um estatuto, sem o peso da

responsabilidade de velar por tanta gente e manter a paz, livre, muito mais livre do que en fui. . disse-lhe Philippa em inglés, permitindo a si mesma a transgresssáo de falar com fluéncia, sem ponderar as palavras nem temer as ofensas que o seu idioma natal provocavam sempre em damas susceptíveis. Blanche estendeu-lhe a máo:

- Ainda vai acontecer tanta coisa na tua vida, Philippa. E vezes sem conta vai-te apetecer fugir para estes bancos de pedra, mas no que tens que acreditar é que podes mandar fazer estes bancos em todos os sítios por onde passares, em todos os pacos onde quiseres viver, em todos os lugares que te toquem o coracáo. E o Joáo vai permitir-te que deixes a tua marca.

Nos bancos, nos filhos que váo ter, naquilo em que te vais transformar, e naqueles que, por sua vez, transformarás. As vezes vais-te sentir sozinha, táo sozinha que a alma parece que rebenta, e nem sempre vais sequer entender porqué, mas, irmá, sabes o que queres, e tens toda a determinacáo para o conseguir. .

- Desde que tu e a Maud fiquem perto de mim. . e o Joáo náo me troque por outra. . - suspirou Philippa.

- Náo troca nada, que tu náo deixas. Todos os dias consegues que ele fique mais enfeiticado, mais preso á tua inteligéncia, á tua capacidade, aos teus contactos. Por que é que te equiparas sempre á Constanza, se és muito mais parecida com a Katherine?

- Achas? A Katherine é táo bonita e táo sensata. Olha as figuras que fato, ainda no outro dia na Batalha falar ao rei do arquitecto Huguet, como se mestre Domingues náo fosse suficientemente bom. Mas náo resisto a abrir a boca, e este é o projecto que o Joáo mais considera. Quero tanto que seja gratas a mim que o mosteiro fique táo espantoso gratas á minha ajuda, que

ele náo tenha outro remédio senáo ficar orgulhoso de mim.

Blanche encolheu os ombros:

- Tens que ter cuidado Philippa, mas aprendes. Podes, ás vezes, parecer arrogante, com as respostas todas na ponta da língua. Ninguém gosta que lhe digam que de onde vens há melhor ou mais competente, mas se for dito com jeitinho, náo te levaráo a mal; afinal falas do ten país natal. Lembras-te da cara

dos embaixadores franceses sempre que John of Gaunt. .

- Diz «o pai», Blanche, agora já podes dizer o pai, por favor!

Blanche sorriu, e recomecou:

- Sempre que o pai, lá cm Windsor, comecava a dizer que la a Franca ensiná-los a fazer isto e aquilo, como se tivessem nascido ontem.

Philippa corou e tapou a cara com vergonha:

- Blanche, que horror, achas que sou como ele? Eu náo quería. .

- Náo, náo és, como é que te hei de dizer isto, completamente, completamente igual a ele, porque estás atenta aos sentimentos dos outros, e o pai nunca está. Mas é fácil que te tornes mais parecida ainda. Quando as saudades de casa apertam, tendemos a imaginar aquilo que deixámos para trás como perfeito, e podes comecar a sentir que precisas de a importar para Portugal. Podes correr o risco de querer que estes pacos e estas gentes se parecam com as nossas. .

- Mas en nem gosto da corte inglesa! Sabes que odiava aquela pouca-vergonha entre as damas e os cavaleiros, que detestava aquela ostentacáo, sabes que nunca me esqueci que Katherine la morrendo queimada no Savoy na grande revolta, porque o rei só pensava em (estas, em lugar de servir o seu poyo - vociferou Philippa, já de pé, a andar de trás para a frente sobre as grandes lajes de pedra da varanda.

- Calma, Philippa, calma, que o bebé nasce mesmo aqui. Estou só a dizer-te para estares atenta, para teres cuidado, porque posso náo poder estar ao pé de ti para te proteger, para te lembrar.

Philippa estacou, horrorizada:

- Blanche, náo vais voltar para Inglaterra pois náo? O bebé vai nascer, vais ser madrinha, será ten e meu, para criarmos juntas. .

Os olhos de Blanche encheram-se de lágrimas redondas, enormes, e caíam na pedra como gotas de uma chuvada intensa. Blanche estava cada

dia mais pálida, mais fraca, mais doente. E ela, parva, táo ocupada com a sua própria vidinha, com a tentativa de dominar a arte de ser rainha, náo via que a irmá definhava a olhos vistos. De repente, aquele «posso náo poder estar ao pé de ti» funcionara como uma bofetada. Philippa corren a ajoelhar-se ao lado dela, as máos no seu regato, a cara frente á sua:

- Blanche, onde é que vais? Que ideias sáo essas? - perguntou em pánico.

- Vou ter com o Tom, mana, só isso. Vou ter com o Tom - disse para se afogar num ataque de tosse que parecia capaz de a matar ali mesmo.

Philippa desapertou-lhe o vestido, tentou sentá-la direita no banco, mas o corpo da irmá escorregou para o cháo. Den um grito que ecoou na pedra do paco, e alguém corren a avisar Maud e o rei. Joáo surgiu a correr, com os conselheiros próximos, e segurando a cunhada com todo o cuidado do mundo, levou-a para o quarto real e deitou-a na sua própria cama, enquanto Maud, entre preces e oracóes, cobria o corpo trémulo de cobertores, mesmo naquele dia quente.

Philippa estava aturdida, e só falava em D. Lancarote e em Nuno Álvares Pereira, que Joáo mandou chamar com urgencia sem fazer mais perguntas.

A rainha, quando soube que o chamamento estava feito, fechou-se na capelinha onde tantas rainhas haviam rezado antes dela. Quando as damas se lhe juntaram, aceitou a sua presenta, mas mal comecaram a acender velas para que Blanche melhorasse, perdeu a cabeca:

- A Deus só se pede que faca a Sua vontade, quem somos nós para lhe querer impor a nossa? - gritou, exaltada.

Dois longos dias e duas longas noites depois, Blanche recebeu a extrema-uncáo de D. Lancarote, e morreu com uma das máos bem presa na do homem que lhe dera a notícia da morte do seu marido, e a outra entrelacada na do condestável, aquele que lhe devolvera o seu Tom, ao revelar-lhe que na derradeira noite o

marido se deitara mais cedo para sonhar com ela. .

No banco de pedra da varanda do seu pequeno palácio, naquele que era só seu, Philippa mordia o lábio para náo chorar, e Joáo encostava-se á ombreira da porta a observá-la. Sabia que era a segunda Blanche que a mulher perdia. E que no seu coracáo despedacado, neste preciso momento, as duas Blanches se fundiam em apenas uma.

Joáo náo a tinha deixado, nem por um momento. Renunciara a partir para a caca com os seus homens, e insistia em que Philippa assistisse a

todas as reunióes e «despachos» que fazia com os seus executivos.

Lourenco garantia-lhe que a rainha náo sucumbiria nem a histerismos nem a tristezas doentias, que nem o seu temperamento nem a sua religiáo lho permitiam, no que era secundado por Nuno Álvares e Joáo das Regras.

Mas todos eles achavam por bem que o rei afastasse D. Filipa das damas e das aias, com receio de que os «nervos» que lhe provocavam afectassem o bebé por nascer.

Philippa náo suportava nem mais um minuto daquilo que apelidava de hipocrisia destas mulheres que acusava de medirem o amor e o desgosto pelo número de ais e uis pronunciados, e por discursos de comiseracáo pela «coitadinha», que ainda por cima náo lhes era nada.

Lourenco ouvira as queixas de D. Brites, e sinceramente náo sabia se devia receber as suas palavras com um sorriso ou um sobrolho franzido.

- Tenha calma, dona Brites, conte-me lá entáo o que se passou - dissera-lhe tentando manter uma expressáo o mais neutra possível.

- D. Lourenco, a senhora dona Filipa entrou pela copa onde en combinava as refeicóes do dia, puxou-me para um canto á parte, e num tom gelado, perguntou-me: «Dona Brites, esta gente para além de hipócrita é pagó?» E como eu náo entendesse á primeira, contou-me que vinha de pregar um sermáo ás suas mulheres, que versava a falta de Fé que o seu comportamento choroso indicava.

- E a senhora? - perguntou Lourenco, chelo de curiosidade.

- Fiquei preplexa, D. Lourenco. Náo duvido dos sentimentos de D. Filipa, nem ninguém que visse aquelas irmás juntas podia fazé-lo, mas tanta frieza? Nem uma lágrima, um choro, um luto?

- E disse-lhe isso?

- Disse agora, D. Lourenco! Mas nem foi preciso, porque a rainha deu-me a resposta, sem que lhe fizesse a pergunta. Disse-me, e al que zangada estava, que se a D. Blanche estava com Deus Nosso Senhor, quem era ela, ou eu, ou ainda menos as damas da corte para desejar que continuasse entre nós. Mas D. Lourenco, náo é isso que uma irmá deseja?

Lourenco percebeu que nem a incondicional D. Brites conseguia entender a rainha, e preocupado com a «conspiracáo» das alcoviteiras, decidiu continuar a tirar nabos da púcara.

- E elas, as mulheres?

- Benzem-se quando a rainha passa, mas quando vira as costas náo se calam. Que é estranha, gelada por dentro e por fora, que náo podem ser costumes ingleses ignorar os mortos. .

- A rainha náo veste de preto, porque ninguém veste de preto no país dela, no luto vestem branco. E queriam as damas que uma mulher no oitavo mas da gravidez se enrolasse al a chorar pelos cantos, ainda para mais uma rainha?

- Pois en explico isso tudo, D. Lourenco. Explico que as altezas sáo diferentes, que aquilo é resultado de uma educacáo, mas. .

- Mas nada, D. Brites, nem parece seu. Se essas damas abrirem uma vez mais a boca em crítica a D. Filipa váo disparadas de volta para suas casas, era o que faltava! Vivi entre eles tras anos e sei que aquela gente sofre para dentro, em lugar de encher as salas de lágrimas de crocodilo. E D.

Brites, náo se iluda. A Maud está velha e a senhora é a única que D. Filipa aceitará como protectora, e bem precisará de si com o que a vida certamente lhe trará pela frente, longe da família, este e talvez outros partos. . Pobre D. Filipa, resta-lhe a fé, que é forte, deixem-na ao menos ficar com ela.

Lourenco sabia que tinha dito as palavras certas. D. Brites sentiu o coracáo

apertar-se. Olhando pela janela e vendo a rainha sozinha, a regressar da capelinha, benzeu-se:

- Que a Virgem vele por ela, que D. Lourenco pode estar certo que vou fazer o mesmo.

Nessa noite, quando as mulheres já tinham saído da sala grande, e o re¡

estava a beber um copo de vinho quente com os seus homens, Lourenco aproveitou para lhe dizer:

- D. Joáo, julgo que a rainha precisava de sair daqui e partir para Lisboa.

Náo queremos que da á luz longe dos médicos, dos confortos da Alcácova.

Nessa noite, Joáo baten devagarinho á porta do quarto onde Filipa dormia, grávida de mais para uma cama de casal. E sem que ela acordarse, meteu-se entre os seus lencóis, abrasando aquela barriga grande e todo o corpo delgado da rainha. Philippa gemeu baixinho, e quando Joáo subiu a máo para uma festa no rosto, encontrou-o molhado de lágrimas. Era, decididamente, tempo de partir.

S

Paco de A-par de Sao Martinho, Lisboa, 3 de Julho de 1388

e os aplausos e os gritos que a multidáo reunida nas ruas lhes dirigia náo eram já surpresa, se se habituara ás máos calorosas que se estendiam para si - e até uma ou outra vez um beijo lambuzado que a deixara preplexa e os guardas em alerta - , a verdade é que em Lisboa o que lhe tirou o fólego foi a luz da cidade. Um azul táo forte que lhe magoava os olhos claros e a obrigava a cobri-los com a máo. E havia o rio e as colinas, que os cavalos subiam e desciam, em cada ángulo, permitiam uma vista diferente. Joáo insistira que ficassem no Paco de A-par de Sáo Martinho, mesmo em frente da igreja com o mesmo nome, e tinha-a fascinado pelo conforto quando comparado com aqueles em que estivera desde que chegara a Portugal. Mas o que tornava aquele paco ímpar era a vista magnífica sobre aquele Tejo imenso, que naquele lugar quase parecia o mar. E a Sé, imensa e sólida, táo simples como ela gostava, mesmo a dois passos.

Philippa sentiu que a luz lhe lavava a alma da dor imensa da morte de Blanche, e

a enchia de uma energía nova. A barriga pesava-lhe cada vez mais, e agora só saía pela hora fresca da manhá para assistir á missa na igreja de S. Martinho, ali ao lado, e de novo ao fim do dia, acompanhada pelas suas damas que comecavam a dominar o francés e lhe explicavam o que era isto e aquilo, e até trocavam com ela uma grata ou um bocadinho (multo náo se atreviam) de má-lingua.

Teresa era a dama de quem mais gostava, talvez porque lhe lembrasse muito Emma: também ela vinha de uma família só de rapazes, também ela de longe de Lisboa, e também ela se sentia um pouco deslocada nesta pequena corte, táo diferente da sua vida em família. Aprendera francés rapidamente, tal a ánsia de dar á língua, mas era um dar á língua mais inteligente e bem humorado do que o das demais, e Philippa constatou que se náo gostava de insoléncia, abominava ainda mais a lisonja. .

Naquele fim de tarde ainda quente, era Teresa que vinha mais perto, e que a olhou divertida e carinhosa, enquanto a rainha se encostava á muralha do castelo que circundavam.

- D. Teresa, preciso de respirar fundo. Aqui é tudo a subir, a subir. .

- Mas depois também é tudo a descer - riu-se Teresa.

Philippa den uma gargalhada, enquanto se virava para apreciar a vista fabulosa, de que tinha a certeza nunca se cansaria. Mas os olhos, hoje, correram para o lado da barra, como uma repentina ánsia infantil de que um barco inglés entrasse pelo rio, como acontecera no dia em que os homens do pai tinham libertado Lisboa do cerco de Castela. Se Elisabeth surgisse de nada, como um anjo da guarda, ou o irmáo Henry e a sua mulher Mary, que náo via há tanto tempo? E Katherine, se Katherine aqui pudesse estar.

Abanou a cabeca, zangada com a sua infantilidade. Portugal era agora o seu reino, e era aqui que tinha de fortalecer amizades e criar latos - se ao menos Joáo tivesse máe e irmás fosse mais fácil, mas náo tinha, e a corte era decididamente uma corte de um homem que até há muito pouco tempo vivera rodeado apenas de outros homens.

Teresa era esperta e sensível. Percebeu que o humor da rainha repentinamente mudara, e pensou que era pena que deixasse tanta vez aquele ar sisudo descer sobre o rosto. «Quando sorri e se diverte é táo mais bonita», pensou. Sabia que

Philippa náo lhe admitiría perguntas sobre o porqué da sua súbita tristeza, mas que náo a impediría de falar de si mesma:

- Tenho tantas saudades de casa - suspirou, contagiada. .

Philippa virou-se para ela, assustada, e depois zangada: como é que a miúda conseguira ler os seus pensamentos, ela que sempre soubera guardar tudo para si?

- A D. Teresa é pior do que as ciganas. Como é que sabia que pensava o mesmo? - disse-lhe recuperando a compostura.

- Porque qualquer mulher em vésperas de ter o seu primeiro filho, gostaria de ver a máe e as suas mulheres de família por perto - retorquiu rapidamente a dama.

Philippa retribuiu o comentário com um sorriso comovido:

- Mas uma rainha náo devia estar ligada assim ao país que deixa para trás. Deve aceitar o seu reino, como a sua única casa.

- D. Filipa, isso talvez venha escrito na vida das santas, mas essas raramente estavam prenhes e prestes a dar á luz - retorquiu Teresa descaradamente, com um encolher de ombros.

Sentiu o impulso de mudar a conversa, antes que as duas mergulhassem na melancolia. Mas a troca de assunto náo podía ter sido mais desastrosa:

- D. Filipa, por que é que náo nos mudamos para a Alcácova? -

perguntou.

- Porque o reí quer fazer obras, torná-la mais confrotável, antes de fazer dela a nossa residéncia. E além disso o Paco de S. Martinho é confortável, e tem aquela vista deslumbrante. E as freiras mesmo ao lado, o que neste momento me serve de consolacáo.

«Al os homens!», pensou Teresa, «sempre táo insensíveis e estúpidos, mesmo se lhes corria nas veías sangue real!» Acreditava sinceramente que D. Joáo náo tivesse medido as consequéncias da escolha da casa onde albergava a rainha, mas pelos vistos náo tinha comentado mais nada com ela. Como era possível?

Devia dizer-lhe, ou náo dizer? Mas se náo dissesse, outras diriam, e ela gostava genuinamente de D. Filipa e talvez lhe conseguisse dar a notícia de uma forma mais suave. . Meu Deus, onde andava D. Brites com a cabeca? E D. Lopo e D. Lourenco, aqueles que mais intimidade tinham com a rainha, que até falavam em inglés nos cantos da sala como dois amigos de longa data.

- D. Teresa, o gato comeu-lhe a língua? - perguntou Philippa, subitamente esquecida do parto, de Inglaterra e de tudo, no pressentimento do embaraco repentino que tinha descido sobre aquela «amiga» - uma reaccáo muito parecida com a de Emma quando chegara ao Savoy e temera que Philippa náo soubesse nada da relacáo do pai com Katherine.

Teresa puxou-a para um dos bancos de pedra, e sentou-a. Com os olhos verdes e francos, perguntou:

- D. Filipa, náo me ache insolente, sei que o son ás vezes, a minha máe bem me mandou ter tento na língua, mas Vossa Majestade fala das Comendadeiras de Santos como se náo soubesse de nada.

- Nada de qué? - perguntou Philippa, e o seu tom impunha distáncia e era frio.

- De quem é a madre superiora - gaguejou a pobre Teresa.

- E quem é? - retorquiu Philippa, num tom que náo admitia que lhe fugissem á pergunta.

- Inés Peres - responden a dama, e esconden a cara nas máos, aflita, sem saber o que viria a seguir.

Philippa sentiu o coracáo apertar-se num nó - teria João escolhido Sáo Martinho para ficar próximo da amante? Seria capaz de lhe fazer uma coisa dessas? Expó-la ao falatório desta gente que mal conhecia, logo na primeira visita á cidade vital do reino? Abanou a cabeca assustada, e instintivamente levou a máo ao ventre, a imagem de Constanza de novo.

Mas João tinha sido táo amável estes meses, táo próximo, táo preocupado. .

- D. Filipa, por favor perdoe-me, náo quería fazer intrigas, era só avisá-la para que náo fosse apanhada por algum comentário maldoso, quando menos esperasse. Náo tem importáncia nenhuma.

Philippa assistiu á atrapalhacáo de Teresa durante minutos sem ser capaz de dizer nada, mas depois recuperou a sua presenta de espírito. A dama era genuína e a conversa surgira naturalmente, náo Tora ela sequer que falara primeiro nas freiras.

- Náo se preocupe, D. Teresa, náo sabia, certamente porque o meu marido já nem se lembra desse facto. . já passou tanto tempo. .

Teresa sentiu ganas de lhe dizer que El-Re¡ tinha era muito mau gosto em instalar a sua rainha no paco onde tinham crescido os seus irmáos, táo ilegítimos quanto ele, filhos da tal Inés de Castro, o paco onde D. Fernando e D. Leonor Teles tinham dado asas ao seu amor pecaminoso, o paco onde o próprio D. Joáo matara o tal Andeiro, o amante espanhol da rainha, e tudo há táo pouco tempo que ainda náo dera para que ninguém o esquecesse. Mas calou-se. Náo seria ela que inquietaria D. Filipa com mais histórias, pobre senhora.

O quarto tinha a janela bem aberta para o rio.

- Se ao menos a nortada da tarde nos tivesse trazido a sua brisa, mas nada. Val ser uma noite quente - dissera Joáo, quando viera v¿-la antes de se deitar.

Náo dormiam agora juntos. Nem as parteiras que já tinham sido chamadas para pernoctar nestes dias pelo Paco o permitiam, e aliás se Joáo ainda entrava nos aposentos da mulher, era apenas porque Maud mantinha uma máo de ferro na organizacáo da vida da sua menina, e nem D. Brites se atrevia a meter o nariz.

Philippa fingía dormir e náo lhe responden sequer, os olhos postos nas

luzes que se acendiam lá longe nos barquinhos dos pescadores, que aproveitavam a acalmia da noite para tentar o seu isco. Joáo estranhou o seu siléncio. Philippa parecia acolher as suas visitas ao fim do dia com um entusiasmo sempre grande, como se tivesse esperado por elas todo o dia. .

Sentou-se na borda da cama e passou-lhe suavemente a máo pelos cabelos:

- Filipa, estás mesmo a dormir?

Philippa sentia os olhos picar de dor e fúria. E finalmente náo se conteve.

Sem se virar, imóvel como uma estátua, disse-lhe:

- Com que então escolheste colocar-me paredes meias com a tua amante!

Joáo den um salto para o lado de lá da cama, segurou-a pelos ombros e abanou-a com tanta forra - que Philippa se assustou:

- Estás louca? Minha amante? Mas qual amante - vociferou.

- Inés Peres, a mais perigosa de todas, a máe dos teus dois únicos filhos, aquela que sonhou certamente ser máe do futuro rei de Portugal.

Joáo estacou, siderado:

- Inés Peres?

- Sim, a madre superiora, náo é? Uma madre superiora com dois filhos bastardos do rei. . por que é que o mundo é táo horrivelmente igual em todo o lado. . por que é que ninguém vive no temor de Deus e depois fazem sofrer aqueles que mais deviam proteger e amar? - disse já a solucar.

Joáo náo era rancoroso, e mais do que isso náo tinha os constrangimentos ingleses ás manifestacóes de afecto:

- Filipa, quem é que te andou a meter veneno na cabeca? Isso já acabou há muito tempo. . A Inés é agora freira, náo importa se aqui ao lado, se na outra ponta do país. Náo a voltei a ver e muito menos a estar com ela e se queres que te diga, passo táo pouco tempo em Lisboa que já nem me lembrava que estava aqui. .

Philippa corou, irritada:

- Náo leves isto longe de mais, Joáo.

E sentando-se na cama, foi tomada por uma fúria que nunca tinha conhecido:

- Quero-as fora daqui, a essa madre superiora e a essas comendadeiras.

Arranja-lhes um outro poiso, mas aqui náo ficam! Queres que toda a gente

troce na minha cara? Que passeie o nosso filho, ou filha, nos jardins, perante o seu olhar complacente? Náo basta o ódio de Afonso? E Beatriz, coitadinha, a crianca que tenho educado e criado comigo, vai ficar aquí dividida entre a máe e a mulher do pai? Se náo tirares essa gente daqui, mando en que D. Lopo trate disso.

Joáo ficou lívido. Nunca vira Philippa táo zangada. E náo estava habituado a receber ordens de mulheres. Nem a máe mandara nele. Mas admitia, fora estúpido. Por que raio náo instalara Filipa na Alcácova, mesmo que estivesse deteriorada?. .

Estendeu-lhe uma máo, apaziguador, mas ela recusou-a.

Orgulhoso, retirou-a e meteu-a num bolso, e virando costas, retorquiu:

- Vou ver o que posso fazer.

Philippa atirou-lhe com uma almofada - se Elisabeth a visse náo a reconheceria - e gritou:

- Pois acho bem que alguma coisa facas, porque acredita que náo vou Picar a ver. .

A porta baten com estrondo, a rainha caiu sobre as suas almofadas e largou num pranto incontrolável. Sentía pela primeira vez, mas sentia mesmo, na carne e no coracáo, aquilo que até agora só conhecia dos livros.

A rainha de Portugal perdera pela primeira vez a cabeca. Por ciúmes.

M

Paco de A-par de Sao Martinho, 13 de Julho de 1388

aud insistia cm dormir no quartinho ao lado da sua senhora, e todos os fins de tarde queimar naquele espato as ervas que trouxera da sua terra. D. Brites entregara-lhe uma outra, alecrim, que insistia cm que afastava os maus espíritos e as doencas e limpava o ar. Maud aderira-lhe ao princípio com desconfianca, mas rapidamente com entusiasmo, porque aquele aroma deixava a cama e os lencóis da rainha com um cheiro maravilhoso.

Apesar do reumático lhe ter encarquilhado as máos, insistia também que ao banho da rainha só ela podia assistir, e se deixava que as criadas enchessem de água morna (quase fria, tal o calor), mandava-as embora quando a sua menina se preparava para despir a túnica de seda. No meio da sala reluzia, novinha em folha, a enorme tina que Joáo lhe oferecera -

talvez para apaziguar o facto de as Comendadeiras de Santos só poderem mudar para o novo convento que lhes adjudicara dali a umas semanas, e de obviamente a ordem real ter suscitado um sururu imparável de má-língua e intrigas que, se envergonhavam Philippa, táo orgulhosa do seu juízo isento e frio, tinham contribuído para humanizar a rainha aos olhos da sua corte. Finalmente.

Philippa tinha aproveitado a sua barriga já enorme, para se fechar nos seus aposentos, fugindo assim a ter de enfrentar aquelas senhoras ciosas de lhe lerem a expressáo, de efabularem sobre os seus gestos e de interpretarem como lhes convinha cada uma das suas palavras. Lourenco e D. Lopo visitavam-na para as reunióes da manhá, e ambos a fizeram sentir que a sua fúria era justificada, e que era fundamental que desde estes primeiros anos, o rei aprendesse que a moralidade deveria imperar nesta corte.

«Que já chega do que se viu até aqui», vociferou entre dentes, D. Lopo, menos rápido a solidariedades com o mestre, que considerava um menino ainda em tudo necessitado de crescer.

Maud ficara encantada com o retiro da sua senhora, com a companhia e com a sensacáo de a ter de novo sob os seus cuidados. E nessa noite repetiu o ritual que preparava a rainha para o jantar:

- Maud, sinto urnas dores fortes nas costas, acho que náo me devia ter sentado tanto tempo naquele banquinho pequeno, que me obriga a dobrar sobre mim mesura para ver os pontos que don. .

- A menina náo aprende? Se o seu pai aqui estivesse, obrigava-a a ficar deitada e quieta, que a crianca já pesa mais do que as suas pernas delicadas podem suportar. E a cavalo, meu Deus, quando vi que vinha para aqui de Óbidos montada na sua sela, nem quería acreditar. Olhe que esse seu marido parece um miúdo, a deixá-la correr tantos riscos. .

- E entre dentes acrescentou: «Se náo tivesse já filhos, talvez fosse mais cuidadoso.»

Philippa mordeu o lábio quando ouviu o comentário, mesmo que sussurrado, da velha ama. Joáo era sempre atencioso, mas Philippa suspeitava que Maud tinha alguma razáo: conformara-se a mandar embora Inés, para mais longe. . mas dentro da mesma cidade, e náo era a primeira vez que era pai. Ainda por cima de um varáo de que tanto se orgulhava.

Maud, zangada consigo mesura por ter perturbado a sua querida menina, procurou emendar a máo:

- Para um pai cada filho é um filho, menina. Olhe para o que sentia o seu, sempre que lhe nascia filho ou filha, que o senhor duque nunca foi desses de recusar as raparigas. A menina lembra-se de náo ter mais de quatro aninhos e correr aqueles corredores gelados de Burford quando a sua máe teve a menina Elisabeth? E de como o senhor duque rejubilou com o pequenino John, de lady Katherine?

Philippa deixou-se escorregar mais um pouco para dentro de água, sem se ralar nem um bocadinho com as pontas molhadas do cabelo que mergulhava com ela, e suspirou:

- O meu pai foi sempre um bom pai, mas gostava que Joáo fosse melhor. .

fosse um exemplo, estivesse mais perto, mais próximo, que os meus filhos náo tivessem de estar em luta pelo seu lugar. .

- Em luta por um lugar? Mas como, menina? Os seus filhos sáo os únicos legítimos. Náo viu como o poyo a aclamava nas ruas? Filipa, rainha, diziam.

A menina tem o respeito das gentes, e é só esse que lhe deve importar! E

El-Rei aprende, ele tem boa vontade, aprende. .

- E a forma como lida com Afonso e Beatriz mostram que se empenha. .

- Cá para mim até se empenha de mais, mas vamos lá sair desse banho que quero passar-lhe leite de limáo, que a camareira de D. Brites me diz que dá um brilho imenso ao cabelo.

E ajudando-a a sair dali, cobriu-a com um lencol de linho, mas quando lhe trazia o resto da roupa, Philippa den um grito de dor, e água come~ou a correr-lhe

pelas pernas. .

Maud julgou que morria, e gritou também.

D. Brites estava dentro da sala segundos depois, e do resto Philippa lembrava-se mal. Via gente a entrar e a sair, e as parteiras gémeas, Perpétua e Maria da Luz, a gritarem ordens. De repente tudo ficou escuro, porque os grandes reposteiros taparam toda a entrada de luz, como se o que viesse de fora pudesse ser perigoso, e em seu redor viu acender centenas de velas que ardiam «para chamar a béncáo do Senhor e afastar os espíritos do Diabo», disse-lhe Perpétua.

O suor caía-lhe pelo rosto e respirava com dificuldade, apesar dos pachos que lhe colocavam sobre o peito, com o seu cheiro quase sufocante a malvas. Nos picos das contraccóes soltava um gemido, e uma das criadas limpava-lhe a testa com um pano embebido em água fresca, ou chegava-lhe o cálice de vinho branco aos lábios - «Senhora, acalma as dores, beba, beba!», dizia-lhe suavemente a rapariga, que náo podía ter mais de quinze anos.

Depois foi a vez de D. Brites se aproximar, e sentiu um conforto enorme quando ela lhe apertou a máo:

- D. Brites, náo se vá embora, a minha máe gostava que ficasse - disselhe num fío de voz, e a senhora ficou paralisada, comovida pelas palavras desta mulher, que os mais distantes achavam táo fria, mas que ela sabia náo passar, tantas vezes, de uma menina assustada e mal amada.

- Fico aqui, D. Filipa, e trouxe-lhe esta estatuazinha que o seu marido acabou de aqui trazer á porta.

E entregou-lhe uma estatuetazinha de uma Nossa Senhora grávida. .

- Uma Nossa Senhora grávida? - perguntou, ofegante, a rainha.

- Nossa Senhora do ó, Majestade, a Senhora que protege as mulheres grávidas e no momento em que dáo á luz. .

- E foi o próprio rei que ma trouxe?

- Foi, sim, D. Filipa, responden D. Brites, e num gesto ousado estendeu a

máo e passou-a pelo cabelo da rainha, a quem quería cada dia mais. .

Mas as parteiras estavam preocupadas, a cabecinha do bebé tinha ficado presa, e pediam mais compressas quentes e ungentos.

- D. Filipa, precisamos que preste atencáo, vá, vá, faca forra. Está quase, está quase, já vejo a cabecinha, vem aí, vem aí, vem aí. .

E Philippa agarrada á estatueta, espetando as unhas na madeira, rezava ao seu Senhor, que o bebé nascesse. Saudável, saudável, que venha bem, pedía ela num murmúrio.

- Já cá está, já cá está, gritaram as duas «comadres» triunfantes, que um parto real era uma responsabilidade imensa, e a crianca chorou bem alto, enquanto a viravam de cabeca para baixo e lhe davam o acoite de praxe.

Os pulmóes do bebé abriram-se e sugaram o primeiro ar, e o seu choro intensificou-se e passou as portas do quarto, e chegou aos ouvidos do rei, que ajoelhado com Nuno Álvares, e os homens e as mulheres da corte, esperava notícias.

- Está viva, gritou, e «é uma menina» - disse alguém para lá da porta, e o coracáo de toda a gente no Paco de S. Martinho, naquele dia de Veráo, se apertou de comocáo.

- É uma menina - disse Maud ao ouvido de uma Philippa encharcada em suor e que tinha sucumbido na pilha de almofadas que lhe suportavam as costas.

É uma menina, disse D. Brites, a voz ligeiramente trémula, de quem teme o desapontamento do soberano.

- Blanche - disse alto Philippa, estendendo os bracos para o infinito. -

Déem-me a minha Blanche. A minha filha.

E Perpétua trouxe a recém-nascida envolta numa manta para a colocar nos bracos da máe. Philippa olhou a filha, a primeira filha, e o bebé retribuiu-lhe o olhar, sereno e calmo. Com a máo trémula, a rainha percorreu-lhe as feicóes com a ponta do dedo, como se a quisesse decorar e acolher dentro de si para sempre, pelo olhar, pelo cheiro, pelo tacto.

As comadres levaram-lhe segundos depois a crianca: era preciso lavá-la, vesti-la, e p6-la ao peito de Técia, a ama-de-leite. Técia, que Philippa insistira, para desespero de D. Brites, que fosse Maud a escolher: «A melhor das amas para escolher a melhor ama», dissera, indiferente a protocolos e ofensas.

Philippa seguiu o chorinho da sua filha, os bracos vazios e o coracáo a transbordar de uma felicidade que nunca, mas nunca, sentira: «Sou máe», repetiu baixinho, «sou máe», repetiu enquanto bebia um líquido doce que María da Luz lhe estendeu e que a mergulhou no mais profundo dos sonos.

P

Paco da Rainha, Vila de Sintra, Setembro de 1388

ihilippa estava sentada á sua secretária de trabalho, uma janela aberta de par em par para a serra, uma mistura de verde e rochas imponentes. Quando os olhos subiam um pouco mais encontravam as muralhas de um castelo, as ameias e os torreóes rodeados de uma neblina que tapava também os cumes dos outros picos mais altos. Há semanas que se mudara para o paco de Sintra, a quem toda a gente já chamava da rainha, porque se «agarrara» á pequena alcácova árabe, ás neblinas e aos nevoeiros com um entusiasmo de quem descobria aqui um ar mais leve, mais parecido com o de Bolingbroke, sobretudo depois do calor sufocante que sofrera em Lisboa.

Pedira encarecidamente a João que a deixasse fazer desta casa a residéncia de Veráo da família - depois da morte da sua irmá Blanche em Óbidos náo lhe apetecia nada voltar para lá táo cedo. E mostrara-lhe esquivos das obras que pretendia fazer, e João, e ela, com Branca (baptizada horas depois de nascer pelo cónego da Sé, que Deus a abencoasse) deitada no berro que la embalando com o pé, haviam passado horas a planear as grandes mudancas.

- Náo te chega teres mandado vir Huguet e os seus discípulos para a Batalha, de te teres metido até ao pescoco nas obras de Leiria e de Santarém? Se o poyo sabe que paga impostos para isto. .

Philippa ficara muito branca com o comentário:

- Náo é uma questáo de muito dinheiro, mas de modernidade, de tornar os sítios

onde vivemos mais dignos para todos, para quem nos visita, mas para quem trabalha aqui, também. Mas se achares mal. .

Mas João levantava-se e passava-lhe um braco pela cintura:

- Náo, mestra Filipa, desenha á vontade que os cofres do Estado chegam para as tuas despesas. .

Sentia-se táo feliz, táo mulher e táo máe. Branca passava a maior parte do dia consigo, e só a entregava enciumada á ama-de-leite muito contra vontade.



- Que coisa estúpida, náo ser a máe a dar o seu leite á sua própria filha, refilava sem cessar. Que justificacáo haveria para que as senhoras náo alimentassem os seus bebés, enquanto as mulheres do poyo o faziam, como podia ser o leite da plebe melhor do que o de uma mulher com berro? E a Virgem, contratara ela uma ama-de-leite para dar peito ao menino Jesus?

João encolhera os ombros ás suas interrogacóes: para ele era-lhe absolutamente indiferente que Philippa desse ou náo de mamar, mas já o médico da corte se perdera em justificacóes infinitas, que a rainha achara pouco convincentes. Decididamente, era a Chaucer que devia escrever, era um homem, mas era um homem de ciéncia.

A corte mudara-se com ela para ali, e o facto de ter uma filha náo a tinha afastado dos assuntos do país. Os conselheiros de João estavam já habituados a vé-la surgir nas reunióes, e náo eram raras as vezes em que o marido a enviava só a ela, sobretudo se havia alguma possibilidade de o tema do encontro versar assuntos de comércio. As cartas que Philippa escrevia ao seu primo Richard e aos grandes de Inglaterra tornavam os negócios sempre mais fáceis.

E se os políticos do reino, e da sua casa, estavam felizes com a rainha que tinham, e se o marido continuava a procurá-la na cama, e se a princesinha crescia e engordava, e se D. Brites se afeicoava cada vez mais ao estilo de D. Filipa, já as damas da corte se queixavam, a quem as quisesse ouvir, que nunca fora táo enfadonho viver entre missas e conversas de cueiros. Os homens protestavam com o rei, dizendo-lhe que estava a ficar tenso e pesado, que para o arrancar das mil e uma obras que supervisionava era mais complicado do que o tirar do leito

matrimonial, o que também parecia por si só uma triste impossibilidade.

Quando o mensageiro com as armas de Castela pediu entrada no Paco, animaram-se. Um novo ataque do inimigo? A necessidade de reunir as tropas, partir de novo, que o Veráo a ouvir as fontes mouras e a humidade a crescer-lhes nos pés já chegava.

O mensageiro pediu para falar ao reí. Náo estava. Indagou então pela rainha - que a carta lhe vinha igualmente enderecada. Encontraran Philippa á secretária de janela aberta para a serra. Lourenco segurava a carta, e foi ele que lha estendeu.

A faixa negra que cruzava o envelope náo deixava dúvidas: uma morte.

Philippa olhou para a expressáo inquieta dos que fixavam o pergaminho, e abriu-a lentamente. Leu-a, e suspirou de alívio, nada acontecera a Catalina.

Entregou-a a Lourenco, que a leu alto. A nota era curta e anunciava que D. Juan de Castela, o inimigo de tantos anos, o bode expiatório de tudo o que corria mal no país, da seca á preguica, morrera. Sucedia-lhe o filho Henrique, agora com dez anos, e evidentemente Catalina, com 17.

Philippa virou-se de costas para os homens que tinham invadido a sua sala e sorriu: Catalina, rainha de Castela. Rainha de facto. Com toda a capacidade para mandar que a meia-irmá possuía, somada á certeza de que por esta hora a mimada da princesa já teria tecido a sua teia em redor do reizinho, que estaría de pés e máos atados, Castela estava decididamente bem entregue. Sorriu com a satisfacáo que o pai sentiría. E

a consolacáo que a pobre Constanza, relegada de novo para o gueto de um palácio perdido, recolheria deste momento.

Ninguém esperara que fosse táo cedo, mas a verdade é que para Portugal - declarava Lourenco aos homens presentes - este era o princípio de um longo período de paz: «Duas irmás no trono de dois países vizinhos, náo é D. Filipa?» Philippa riu-se: «Duas irmás muito, muito diferentes, mas filhas do mesmo pai, sem dúvida nenhuma. Desde que Catalina possa exercer o seu poder em Castela, tenho a certeza de que lhe bastará. Pelo menos para já.»

N

Alcácova de Lisboa, Fevereiro de 1389

o principio do Outono tinham regressado por dias a Lisboa. João estava eufórico, e muito orgulhoso dela, porque as cartas que escrevera insistentemente a Catalina, os cordelinhos que movera junto da meia-irmá, nomeadamente através do pai, tinham surtido o efeito esperado: a paz com Castela estava assinada, e Henrique reconhecia a soberanía de Portugal.

Prometia náo voltar a cobicar-lhe o trono, o que para Philippa náo era grande coisa vinda de um cunhado táo miúdo, e que, segundo a irmá se queixava, estava perpetuamente doente.

Mas o entusiasmo de Joáo e a facilidade com que acolhia, sem ciúmes nem rivalidades, a sua participacáo na governacáo do reino, deixavam Philippa verdadeiramente comovida. «O Joáo ouve-me, como o meu pai ouvia a Katherine», pensava com satisfacáo, e uma pontinha de angústia: tinha perfeita consciéncia de que o seu modelo de mulher, e agora o de rainha, era muito mais inspirado na amante do pai do que no exemplo mais passivo da máe. «Talvez en fosse pequenina de mais para ter entendido realmente bem a forma subtil como a minha máe exercia o poder, enquanto que passei com Katherine toda a minha adolescéncia, quando já estava bem acordada para estas teias, intrigas e pressóes que fazem parte de gerir um poyo», pensava para si.

Fosse como fosse, a atitude de Joáo mudara radicalmente. Agora que náo tinha, para já, a guerra com Castela para lhe ocupar o espírito, transformara-se num «mestre-de-obras»: o mosteiro da Batalha, os pacos de Leiria, Santarém e Sintra, estavam todos em obras, e Joáo corria de um para o outro, metendo sempre uma catada pelo meio.

Naquele dia insistira com Philippa para que fossem a Lisboa ver as obras da Alcácova, e Philippa náo o quis desiludir. Além do mais tinha consciéncia de que as suas damas estavam fartas da monotonia de Sintra, e ambicionavam voltar á capital, aos seus costureiros e cabeleireiros, aos encontros com os embaixadores que traziam, além de cartas de comércio e negócios a tratar, sempre alguma surpresa que ofereciam á dama que mais lhes agradasse.

A Alcácova estava imponente, os quartos enormes, os quadros e os



tapetes dando-lhe um ar acolhedor e confortável, e a sala grande tinha sido coberta de magníficos azulejos que Philippa nao se cansava de admirar.

Joáo mostrou-lhe os seus aposentos, quartos contíguos para o casal, uma pequena sala, e o quarto e a sala de brinquedos (Philippa insistira!) para Branca, «e para os que vierem a seguir».

Branca tinha sete meses, já se sentava encostada em almofadas, e estimulada pela meia-irmá Beatriz sorria e fazia gracinhas que derretiam o coracáo da máe. Até Afonso, aliviado por a concorréncia afinal ser apenas mais uma mulher, espreitava de vez em quando, e Philippa sentia o coracáo adosar-se para ele, quando o via - sem ser visto - a brincar com a mana mais pequena.

- D. Filipa, D. Filipa - gritou uma tarde Beatriz. E Philippa, que escrevia cartas na sua salinha, saltou da cadeira e corren ao quarto de brinquedos.

Á porta Beatriz esperava por ela com impaciéncia:

- Venha ver, venha ver o que a Branca já faz.

Philippa viu, pela primeira vez, a filha a gatinhar. Blanche arqueava as costas, movia um joelho para a frente do outro, e avancava no tapete, incitada por Beatriz, que parecia uma treinadora de circo, encantada com as habilidades do seu animal de estimacáo.

Philippa ficou táo entusiasmada como a enteada e precipitou-se para Branca, estreitou-a no colo e atirou-a depois ao ar para a apanhar num abraso apertado. As gargalhadas da princesinha enchiam o quarto, e pareciam invadir a cidade inteira. A infanta gatinhava!

Seria capaz de perdoar a Deus o que lhe fizera? Seria capaz de voltar a olhar para a imagem da Virgem com devocáo? Como era aquilo possível, como podia ser que as gargalhadas da sua princesinha ressoassem por toda a Alcácova, e agora estivesse morta? Morta, mur murou Philippa, as máos nervosamente puxando os cabelos, os olhos inchados de chorar, já há dias sem dormir.

Fora durante a noite que a ama a chamara. Batera-lhe á porta e dissera-lhe que a menina ardia em febre. Philippa saltara da cama sem sequer vestir um manto ou uns chinelos e correra ao quartinho da sua filha.

- Chamem o médico - gritara.

E as criadas, acordadas há minutos pela ama, deram o recado aos criados, que correram a chamar o médico da corte, um homem tido como um sábio, mas que, pensava Philippa com rancor, náo Tora capaz de lhe explicar por que razáo o seu leite devia ser substituído por o de uma mulher qualquer.

O médico chegara. Purgara a crianca, dera-lhe a beber medicamentos tirados de frasquinhos presos na sua mala, mandara dar-lhe um banho de água fria para tentar baixar a febre, mas abanara a cabeca, pessimista.

Philippa estava fria, absolutamente hirta, e só lhe fazia perguntas: «mas o que é que ela tem, o que é que lhe está a dar, que mais se pode fazer»? E

perante o ar assustado do homem, que temia a morte da crianca, mas mais do que tudo a ira real, vociferou:

- Diga-me, é uma ordem, há alguém na cidade mais competente do que o senhor?

Mas antes que o pobre pudesse responder, Philippa ouviu os gemidos de Maud e o solucar de Beatriz, e percebeu que gritava em váo. Blanche, a sua Branca, a menina com o nome da sua máe, a primeira infanta da Dinastia de Avis acabava de morrer.

Mandou que toda a gente saísse do quarto do seu bebé, pegou nela e embrulhou-a num cobertor. Sentou-se no banquinho de pedra virado para o Tejo, e embalou-a. Suavemente, multo multo devagarinho, enquanto lhe cantava «rock a by baby on the tree top». Só a sua língua natal lhe servia de consolo, só ela lhe permitía chegar a Deus e á máe e pedir-lhes ajuda na mais dura prova da sua vida.

O enterro fora solene, Joáo estivera sempre ao seu lado e Beatriz náo lhe largara a máo, olhando-a como que a pedir desculpa por náo ser sua filha a sério. Philippa agarrava a máo da enteadinha com toda a forra, o seu amor a Branca tornara-a para sempre uma aliada inseparável. A infanta D.

Branca recebia as honras do altar-mor da Sé de Lisboa.

M

Paco de Santarém, 28 de Julho de 1390

ais uma carta de Katherine. Ansiava por elas todos os dias, sem.pre a perguntar a alguém se chegavam novas de Inglaterra. Se nunca se tinham deixado de corresponder, desde que a notícia da morte da pequenina Branca chegara Katherine escrevia-lhe com um zelo desmedido.

Cartas chelas de ánimo, com histórias de Tamkin, de Henry, John e Joan, cartas que sem puxarem ao sentimento, tinham sempre uma palavra de consolo. A sua segunda máe conhecia-a como ninguém, e náo tinha dúvidas nenhumas de que Philippa náo recorrería facilmente ao apoio das pessoas próximas, que acreditariam até que aceitara a morte da sua primogénita com uma frieza desconcertante. Por isso escrevia-lhe aquilo que sabia que ela náo ouviria de mais ninguérn. Consolava-a com a certeza de que a pequenina Blanche estava com a querida duquesa na companhia dos anjos, e que se é evidente que Philippa nunca a poderia esquecer, muitos outros filhos lhe encheriam o regato, tornando a dor mais fácil de suportar.

Ao abrir esta que hoje lhe chegava, Philippa lembrou-se da que recebera semanas depois da morte da infanta e em que Katherine escrevia:

«Lady Philippa, minha querida, estive corra frei John, que está velhinho, muito velhinho, mas como se estivesse absolutamente certo de que eu lhe escreveria (e tinha todas as razóes para o estar) disse-me, como quem dita urna orden: "Diga por favor á rainha que li o seu futuro nos astros, e a sua nursery estará erra breve cheia de criancas saudáveis, quase todos eles rapazes, que vao honrar a mae que tém". Minha querida, sabemos as duas que ele nunca mentiria.»

Que saudades, de Katherine, Elisabeth, freí John, Chaucer, e até do pai. Já há quatro anos que estava em Portugal, mas á excepcáo daquele Veráo feliz em que a sua filha tornara Portugal na sua pátria, ainda se sentia uma estrangeira, a maior parte das vezes. Talvez agora, pensou deixando a máo escorregar até á barriga de novo prenhe de nove meses. Talvez agora tivesse mais sorte, mas como se aguenta a ansia imensa do parto, e do medo da morte do bebé que nove

meses viven dentro de nos, depois de se saber que os piores pesadelos nao sao uma possibilidade remota, mas uma realidade táo imprevisível como incontornável?

Desta vez o bebé iria nascer no paco de Santarém - evitava Lisboa, evitava Óbidos, e até evitava, por agora, Sintra, pela tristeza que as memórias lhe causavam. Se continuasse assim, daqui a pouco nao teria para onde ir, pensou, com um trejeito dos lábios que quase parecia um sorriso.

Teresa e Beatriz bateram á porta, e entraram sem cerimónia, os bordados na máo, como quem se preparava para se instalar, quer a rainha lhes pedisse que o fizessem quer nao. Beatriz estava táo adolescente com os seus doze anos, os seus olhos verdes e o cabelo preto farto e ondulado (sentiu uma repentina pontada de ciúmes; de cada vez que olhava para a filha, João devia ver Inés. .), sempre táo prestável e cuidadosa, sobretudo agora que o tempo chegava ao fim, e Philippa estava pronta a dar á luz.

- A cigana disse que era um rapaz, que la ser muito saudável, que la correr tudo bem - disse-lhe de chofre a miúda, sem conseguir conter as boas notícias que trazia. Philippa sorriu-lhe, agradecida:

- Obrigada, Beatriz, se Deus e a Virgem assim o quiserem.

- Claro que querem - disse logo Teresa, que vinha um bocadinho mais perturbada do que Beatriz, como se náo fosse apenas aquilo que a cigana tivesse dito. Philippa captou a sua ansiedade e perguntou, tentando mascarar um tom leve:

- E disse mais alguma coisa, essa paga, a quem vocés, está bom de ver, deram dinheiro para se armar em profetisa?

Beatriz e Teresa trocaram um olhar rápido:

- Nada, nada. Disse que era um rapaz, e que se la chamar Afonso.

A rainha estremecen, como podia ela saber que ainda na noite anterior João lhe dissera que era exactamente esse o nome que quería para o filho?

Mas depois sacudiu a cabeca, indignada consigo mesma: olha que realmente eram poderes sobrenaturais para saber que o primeiro varáo legítimo da família de Avis se chamaría Afonso!

Talvez fosse por isso que Teresa e Beatriz trocavam olhares, talvez temessem, como ela, a reaccáo do Afonso existente.

Olhou para Beatriz, chela de pena da rapariguinha apanhada entre dois fogos, duas lealdades, ao irmáo e á madrasta. Mas se mesmo Joáo náo via qualquer possibilidade de cedéncia, quem era ela para levantar a questáo?

Aliás Afonso Peres bem precisava de aprender um pouco de humildade.



Mas teria sido só isso que a cigana dissera?, pensou aflita, e benzendo-se discretamente, jurou a si mesma náo se entregar a mais presságios e tristezas.

As gémeas parteiras viajavam há já dois meses com a corte. Philippa pensara escolher outras, mas que culpa tinham as mulheres de que a pequenina Branca tivesse morrido táo subitamente de uma doenca que até hoje era desconhecida? Tinham-lhe enviado um pequeno cartáo de pésames, e Blanche desconfiava que Lourenco ou D. Lopo as ajudara a escrevé-lo, porque a ortografia era muito correcta, e as palavras muito bem escolhidas. Mas a verdade é que aquilo que diziam lhe parecía muito convincente: «Náo queremos, Majestade, comparar a nossa dor com a sua, mas acredite que os latos que nos ligam a todos os anjinhos que ajudamos a ver a luz sáo Portes, e os da princesinha, por ser táo branca e frágil como a máe, permaneced para sempre únicos na nossa memória.»

Decididamente, Perpétua e María da Luz voltariam a ser necessárias.

Philippa acordava com suores frios á medida que o tempo passava, e a data se aproximava inevitavelmente. A estatueta de Nossa Senhora do ó estava no seu quarto, com uma vela sempre acesa, de dia e de noite. Maud insistia em colocar-lhe todos os dias uma rosa vermelha fresca do jardim, como se apelasse a todo o poder da senhora duquesa para interceder pela sua pobre filha, que esperara tanto para ser máe.

Trinta anos, Philippa festejara trinta anos em Abril e as gémeas pareciam ficar nervosas sempre que se lembravam da idade da sua

«doente». E também elas rezavam afincadamente.

E Deus terá ouvido tanta oracáo. Afonso nasceu no dia 30 de Julho, com a cidade de Santarém a seus pés, e a nobreza toda engalanada e pronta a vir prestar-lhe vassalagem. Joáo estava eufórico. A sala grande do paco abarrotava de gente e as cozinhas náo paravam de assar a caca que os senhores tinham trazido nos últimos dias. As pipas subiam da adega e desapareciam em canecas, que o calor intenso e a emocáo puxavam á bebida.

No quarto do torreáo, as cortinas corridas, e a vela da Senhora do Ó a iluminar o siléncio. Philippa suspirava, feliz. Quando lhe disseram que era



um rapaz e estava bem, guando ouvira o seu grito de vida, largara num pranto. Um pranto que incluía todos os sentimentos juntos, como num arco-íris: chorava de tristeza pela sua Branca perdida, chorava de alegria pelo seu Afonso, chorava de saudades pela família distante, e de felicidade por se sentir táo amada. Joáo dissera-lhe, na noite anterior, que quería muito ter filhos, mas que se alguma vez tivesse que decidir entre salvá-la a ela ou á crianca náo hesitaria um segundo: era Filipa quem, mais uma vez, escolheria.

D. Afonso de Portugal mamou pela primeira vez ao fim daquela quinta-feira, e adormeceu num berro de rendas ao lado da cama da sua máe, que passou a noite a velá-lo, sem se cansar de adorar o seu nariz arrebitado, a sua cabecinha redonda, sem um pélo, as sobrancelhas inexistentes. Uma Branca reencarnada, suspirou a máe.

Beatriz saíra há momentos das aulas de D. Lopo, que aceitara, perante a insisténcia da rainha, ser o tutor da pequena princesa bastarda, e de Lora, a filha inglesa do embaixador Fernando Afonso. Philippa, na sua vocacáo de mestre-escola, insistira que ambas aprendessem também inglés, além obviamente do latim e do francés, que o futuro a Deus pertence. . e sabe-se lá em que país acabariam por casar. Deixara Afonso ao colo da ama e preparava-se para vir dar a sua licáo diária, mas a palidez da enteada fé-la estacar assustada.

- O que foi, Beatriz?

- Nada, nada, D. Filipa, náo me sinto assim muito bem hoje, posso-me ir deitar?

- Náo queres que peca ao médico para te ir ver?

- Náo, náo, D. Filipa, fique a dar a aula a Lora, que ela vai ver a máe a Inglaterra para o ano que vem. .

E desatou a chorar e a correr pelas escadas de caracol abaixo: Lora mantinha-se encostada á ombreira da porta, uma crianca de seis anos assustada, o dedo na boca porque náo perdera o hábito de o chuchar sempre que se sentia preocupada e julgava que ninguém via.

Philippa puxou-a para o colo. Lora aconchegou-se - meninas criadas e

educadas por aias mais ou menos meigas, mas sem nenhum regato que fosse só seu, pensou com tristeza a rainha. E perguntou:

- O que é que acontecen á Beatriz, Lora?

A miúda hesitou antes de responder, mas depois pensou que preferia as sevícias da amiga do que perder este colinho que lhe estava a saber táo bem:

- O irmáo dela, o Afonso. .

- Qual Afonso? - perguntou Philippa, dando pela imensa confusáo que aquela situacáo de nomes idénticos iria causar.

- O Afonso irmáo grande - disse Lora decidida.

- Sim, então o Afonso-irmáo-grande velo ver a Beatriz, foi isso?

- E zangou-se muito com ela, e mostrou-lhe a espada e tudo. .

Philippa tentou manter a voz calma, para nao assustar a pequenina:

- E?

- E disse-lhe que ele é que era o filho mais velho do rei, que ele é que era o verdadeiro Afonso, e que se a Beatriz passasse o dia na nursery a brincar com o Afonso-pequenino, ele la Picar muito, muito zangado. E disse que me cortava a cabeca também a mim, como no país da minha máe faziam todos os dias aos traidores. . mas en náo me ralei nada, porque sei que o meu pai náo deixava.

- Claro que o ten pai náo deixava, nem en nem o rei.

- Mas D. Filipa náo diga á Beatriz que en lhe contei isto, está bem?

Philippa suspirou fundo. Conhecia como ninguém este jogo entre irmáos e meios-irmáos, mas a ideia de que aquele estafermo mimado pudesse perturbar daquela maneira Beatriz, e pior ainda constituir uma ameaca ao seu Afonso, herdeiro legítimo do trono, punha-a fora de si.

Apetecia-lhe dizer á pequenina Lora que se Afonso a ameacasse de novo lhe devia responder que era melhor náo esquecer que a rainha de Portugal era do país onde se cortavam cabecas por uma traicáo!

Mas disse-lhe apenas:

- Val procurar a Beatriz e diz-lhe que náo se preocupe, que tudo se vai resolver, que vamos ser capazes de viver todos em paz.

Dois minutos depois tinha D. Lopo e D. Lourenco na mesura sala:

- 0 que fazemos? - perguntou.

- Esse miúdo foi mimado de mais, viven demasiado iludido, mas é tempo que alguém o faca descer á terra - berrou D. Lopo, que como educador que era suportava mal a ideia de um rapazinho toleiráo a ameacar irmás com facas e bebés de berro com a morte.

- É uma vítima dos pais. . - murmurou Philippa.

- Mas que náo ganha nada em ter sonhos loucos, em lugar de ser feliz com o muito que tem. É preciso falar com Joáo - disse Lourenco.

- En náo falo, náo posso, val julgar que quero meter veneno, que me sinto muito segura por ser máe de um varáo e que agora quero empurrar Afonso para longe. Mas náo é isso. .

- En sei que náo é isso, D. Filipa, e toda a gente que a tenha visto com a sua meia-irmá Blanche ou com Catalina sabe que náo pode ser nada disso, mas também sei que uma máe se transforma numa leoa para proteger os filhos e é assim que deve ser - acalmou-a Lourenco.

- Mas nem é essa a questáo! A questáo é a do reino. A dinastia de Avis nasce de

um bastardo, Vossa Majestade que me desculpe, e tem de ser legitimada rapidamente. O casamento com uma princesa inglesa foi um primeiro passo, mas náo chega, náo chega para garantir aliancas no mundo, náo chega quando surgir novamente a altura de enfrentar Castela.

Vou (alar com D. Joáo e com D. Joáo das Regras - disse exaltado D. Lopo.

- E Nuno Álvares? - perguntou Lourenco.

- Com Nuno Álvares por agora, náo - suspirou o homem e Philippa pressentiu que ele sabia alguma coisa que náo lhes quería dizer.

Dias depois, Joáo disse-lhe casualmente que mandara Afonso para Guimaráes. Estava a pensar dar-lhe aquelas terras e quería que as reconhecesse. Colocara a operacáo como um desafio, ao estilo «tens que merecer o que te vou dar» e Afonso mordera o isco, como qualquer miúdo cheio de energia e ambicáo.

Beatriz recebeu-a á porta da sala de aulas com um enorme sorriso, e entraram na sala de máos dadas.

- Pelo menos esta miúda náo percebeu nada, e está infinitamente aliviada - pensou, piscando o olho a Lora, que lhe retribuiu o gesto com um sorriso de orelha a orelha. Agora eram cúmplices na proteccáo de Beatriz, elas as duas que vinham do país onde se cortam cabecas, como a miúda

passou a dizer desde aí.

E

Paco de Viseu, 28 de Outubro de 1391

stava grávida de novo, de nove meses quase completos, a bracos com um Afonso de um ano e meio, cheio de forra e energia, que Deus o protegesse de noite e de dia. Engravidara nem cinco meses depois do nascimento do herdeiro do trono, e percebera-o no dia em que recebera, por coincidéncia, uma carta do seu querido Chaucer.

Eram sempre cartas poéticas e chelas de forra, e Chaucer, pensava rindo Philippa, era de facto um trovador por exceléncia. Os elogios que lhe fazia, linha

sim linha náo, eram suficientes para em segundos tornar as macás do rosto da rainha numa bola de fogo. «Idiota», pensou, mas sentiu o coracáo apertar-se porque sentia muito a falta das suas conversas, do seu apoio, da sua visáo.

E mais uma vez náo a desiludia: «Pergunta-me por que náo amamentam as máes da nobreza, deixando os seus filhos crescer sustentados pelo leite de uma outra mulher. A resposta é muito simples: apenas porque o objectivo dessas mulheres é, tradicionalmente, quase exclusivamente o de procriarem, e a fertilidade da mulher é inexistente ou grandemente reduzida pela amamentacáo. Por outras palavras, princesa (e para mim será sempre a minha princesa), náo se querem entraves ao crescimento da família: varóes, que garantam a continuacáo da Casa, filhas, também, para que se facam aliancas com outras famílias ou reinos. Imagino que apesar da tristeza que lhe provocará entregar o seu bebé aos bracos de outra mulher, encarará estas formas de fazer as coisas como sensatas e destinadas a garantir que o máximo de criancas vinguem, sobretudo desde que perdeu a pequenina Branca, que como imagina, por ser filha e neta de quem era, e trazer o seu nome era e será sempre especial para mim. . Mas console-se Lady Philippa, porque, e desculpe a ousadia, a sua fertilidade é certamente abencoada por Deus: dois filhos, e quem sabe se quando esta carta al chegar um terceiro náo viró já a caminho.»

Philippa, recordava ainda com o lábio trémulo, como sentira esta revelacáo de um professor e um amigo, que embora táo distante, parecia continuar a vé-la por dentro e por fora, como se estivessem no quartinho de estudo do Savoy em Londres, ou no grande saláo de Kenilworth.

Olhou pela janela: o tempo estava húmido e frio, mas a vegetacáo desta serra sabia-lhe bem depois da paisagem mais árida do sul, depois de um Veráo que fora tórrido. Náo a deixavam sair para o jardim, mas em cima da sua secretária estavam as bolotas que apanhara dos carvalhos que florestavam o parque do paco: carvalhos que lhe lembrariam sempre Kenilworth e os manos Beaufort, John a trepar-lhe pelas pernas, Tamkin e Henry sempre táo prontos a segui-la como pintainhos seguem a galinha máe. O quarto onde deveria dar á luz já estava pronto, e as gémeas parteiras a postos. Há dias que as via da sua janela a entrarem pela porta com cestos chelos de ervas. Estavam encantadas com as espécies encontradas e separavam-nas e etiquetavam-nas, arrumando-as em cima da mesa coberta por um lencol branco na «sala de partos», ao lado das enormes tinas, e das ligaduras e pedacos de pano de que precisavam para o seu trabalho.

Maud estava agora quase sempre na cadeira de balouco do quarto de brinquedos de Afonso. Que saudades do seu bebé, pensou Philippa enquanto sorrateiramente se escapava do quarto a que a queriam confinada, e onde só D. Brites e Teresa, por especial excepcáo, entravam, e sem fazer barulho corren como foi capaz até aos aposentos do principezinho.

Entreabriu a porta e surpreendeu Maud a pendurar ao pescoco da crianca um fio e uma imagem pesada de S. Jorge. .

- Maud, enlouqueceste, o Afonso ainda se magoa com isso, ou prende o fio e Pica sem ar - disse, enquanto se precipitava para tirar a jóia.

Afonso subiu para o seu colo, encostou a cabeca á barriga imensa da máe, e balbuciou urnas palavras, na voz suave que era a sua.

Mas Maud náo estava disposta a deixar-se vencer:

- Ó menina, S. Jorge é o padroeiro de Inglaterra e de Portugal, deixe lá o Afonsinho andar com a medalha do santinho ao peito, que o queremos protegido e abencoado, Deus seja louvado.

Engoliu em seco e aconchegou Afonso mais perto: - Vamos então combinar uma coisa, Maud. Ao pescoco, náo, que é perigoso, mas pendura-lhe a medalha por cima da caminha ou prega-a no seu manto de viagem.

Deus há-de velar por ele, com ou sem medalha, acredita.

Nesse momento uma contraccáo mais forte apertou-lhe os rins, e endireitando-se repentinamente fez com que Afonso escorregasse do colo,

desatando num pranto:

- Ama, ama - chamou aflita, e logo aparecen a mulher que com um desvelo imenso, em quem só os ciúmes de Maud encontravam algum defeito, tomava conta do príncipe herdeiro. Vendo a rainha presa por dores, pegou no menino ao colo e distraiu-o com o cavalinho de baloico, enquanto Maud chamava as gémeas parteiras com toda a forra quanta podia.

O mensageiro partiu no mesmo segundo a galope: Joáo cacava com os seus homens, aproveitando para que a sua paragem por estes lados náo passasse

despercebida. Mas era preciso que voltasse, ou se abrigasse nalgum santuário pelo caminho, e de joelhos, rezasse pela proteccáo da mulher e do bebé a nascer.

- Vai ser outro rapaz - segredou ao ouvido do rei, Lourenco, que se juntara aos catadores, agradecido por um pretexto para deixar por momentos os livros das contas da Casa da Rainha.

- E que nome lhe váo dar? - perguntou a gémea Perpétua, quando lhe entregou nos bracos um rapagáo enorme, uma penugem escura a cobrir-lhe a cabecinha, enorme a avaliar pelo esforco que a pobre máe fizera para o empurrar para o mundo.

Philippa tinha dificuldade em conter as lágrimas, ela que tinha táo pouca paciéncia para tremeliques e hesitacóes nos outros. Mas náo conseguia. Um terceiro filho, dera á luz um terceiro filho. O milagre do nascimento náo deixava de a fascinar, como náo podia deixar de se espantar com os planos que Deus fizera para a sua vida: como um flash voltava-lhe á memória uma Philippa de vinte e tal anos, guardada numa prateleira dourada para tia dos filhos dos outros. Nem Katherine acreditara nunca, e já lho confessara directamente por escrito, que o seu futuro fosse o de ser rainha e máe. .

Perpétua deixou-a sossegada com o filho. Fora um parto longo e complicado, a rainha tinha trinta e um anos, os riscos cresciam com a idade, mas o seu sangue inglés - náo podia ser outra coisa! - levava-a a suportar as dores imensas, sem um grito.

María da Luz incitara-a a gritar, «que alivia», garantira, mas a rainha, ensopada em suor, limitava-se a prender com forra nas máos a estatueta de Nossa Senhora do ó, e a murmurar oracóes.

- Mas podemos saber como se vai chamar o menino? - perguntou uma rapariga com um ar doce, a ama de leite que escolhera ainda em Sintra.

Philippa estendeu-lhe o novelo enfaixado, e conseguiu um leve sorriso:

- Duarte, Edward, como o meu avó.

E debrucando-se para lhe beijar a testa, continuou:

- Vais ser corajoso e generoso como o ten avó, nao vais, bebé?

E o bebé estremecen nervosamente. A ama riu:

-Deixe-o ser crianca, sem responsabilidades, nem missóes, senhora. Este menino vai ser especial. Veja como abre os olhos, admirado com tudo, e ao mesmo tempo treme os lábios num gesto assustado. Coitadinho do meu menino, vai ser um grande homem. Mas náo lhe ponha a espada na máo, Majestade. .

Philippa olhou para a ama com ar preocupado:

- Agora és vidente?

- Por Deus, náo, minha Senhora. Mas já tive muitos recém-nascidos ao colo, somos doze irmáos em minha casa, e aprendi a conhecer o significado destes gestos. . e náo me engano muito, senhora, que os meus irmáos foram tudo o que naquele momento do nascimento vi que iam ser.

Philippa fechou os olhos e imaginou os seus dois filhos, vestidos de cavaleiros, elmos reluzentes, a malha a proteger-lhes o corpo. A ama do filho tinha razáo: Eduarte, seria Eduarte, o seu Eduarte, inteligente como a máe, sem o gosto guerreiro do pai. .

Mas agora o mais importante era baptizá-lo, lembrou-se, aflita.

- D. Brites, o bispo de Viseu está preparado?

- Já o avisámos, Majestade. E os sinos tocam por toda a cidade. D. Joáo está a chegar, mandou o escudeiro Ricardo á frente com este ramo de flores silvestres para si - disse entregando-lho.

A rainha olhou-as: Joáo era, decididamente, um bom homem, mas flores?

Ou muito se enganava ou Ricardo, o escudeiro que se tornava num adolescente espigado de dia para dia, mas mantinha a docura de uma crianca, inventara esta das flores! Sorriu, divertida. Agradecer-lhe-ia quando o visse!

Nesse mesmo dia na Sé de Viseu, ao colo de D. Brites por madrinha, com Lourenco Fogata por padrinho, e o pai, com um manto majestoso gloriosamente atirado por cima da lama da sua roupa de caca que náo tivera tempo de vestir, Eduarte Lancastre de Avis foi baptizado.

O

Paco da Rainha, Vila de Sintra, 30 de Julho de 1392

barulho da água a correr das fontes do paco de Sintra tinham o condáo de a apaziguar. Nem o barulho das obras lhe tiravam hoje a quietude. De manhá, o céu invulgarmente descoberto para esta terra de nevoeiros, estivera com Joáo a ver as obras.

Quando mostrara ao rei o esquivo que ela e Huguet tinham feito das duas chaminés da cozinha, cónicas, o rei abrira a boca de espanto:

- E onde é que foram buscar uma ideia mais louca? A altura dessas chaminés? Quem as val construir, e se náo se sustentam?

Philippa sorria-lhe, divertida:

- A ideia? Fomos buscá-la aos chapéus das senhoras da corte - náo é quase igual a um hennin? E den meia volta para que Joáo pudesse ver a forma do chapéu azul-clarinho que usava sobre o cabelo louro, preso num carrapito.

- Chaminés inspiradas em chapéus, Philippa, onde é que isto val acabar -

responden o rei, a quem mesmo cinco anos de casamento ainda náo tinham habituado ao sentido de humor da mulher.

- Náo, a sério, náo foi em chapéus! O Huguet diz que há uma abadía em Abbott, em Inglaterra, que tem umas chaminés parecidas, e que sáo ideais para deixar sair o fumo. Olha para os desenhos: a cozinha é enorme, tem de ser, é aqui que vais receber os embaixadores e fazer as tuas catadas, e precisas de espato para assar os veados e os javalis. Vés o desenho das mesas de pedra ao centro e os fogóes de lado, para náo atrapalhar?

- Senhora arquitecta, e em que obra anterior é que a senhora arquitecta já usou este desenho? - disse a rir Joáo, que adormecia muitas noites a ouvir a descricáo dos palácios onde Philippa vivera, e que o enchiam de vontade de visitar Inglaterra.

Philippa náo quería, por nada deste mundo, dar-lhe ideia de que o que se fazia

«lá» era melhor do que o que se fazia «cá», por isso tentou diplomaticamente fugir á questáo, argumentando:

- Náo há nenhum outro sítio como o Paco de Sintra. Náo temos azulejos

em Inglaterra, muito menos estes cheios de relevo e cor que ainda aqui ficaram da alcácova moura. . mas a esta casa falta um sentido prático, e já temos dois filhos. .

- E dentro de meses teremos um terceiro - disse Joáo com ternura, estendendo-lhe a máo.

Philippa olhou orgulhosa para a sua barriga. Podiam chamar-lhe fria, como sabia que lhe chamavam, podiam acusá-la de ser uma beata piedosa, sempre a caminho da Igreja, e havia mesmo quem inventasse histórias -

que generosamente lhe faziam chegar aos ouvidos! - de que o marido cortejava as damas, e teria até beijado uma na sala das pegas, mas a verdade é que ninguém podia dizer que Joáo náo a procurava. Ninguém podia dizer - embora até corasse ao pensar nisso - que náo lhe agradava na cama, e que as suas noites náo eram táo quentes como as dos veróes neste país ocidental. E se haviam trocado da sua idade, se pelos corredores murmuraram em tempos que o re¡ nunca a acharia desejável, nem táo bonita como a tal Inés - e que frio fora aquele primeiro natal no Porto, rodeado por aqueles olhares cortantes que náo deixavam dúvida de que náo era bem-vinda -, tinham agora certamente que engolir as suas palavras. Quatro gravidezes em cinco anos, dois filhos rapazes que cresciam fortes e saudáveis, e um bebé a caminho. . se ao menos fosse rapariga, pensou. .

Mas Joáo náo gostava de a ver melancólica e puxou-a de novo para os esquivos pousados na grande mesa de carvalho:

- Filipa, diz então? Como val funcionar a cozinha. .

- O modelo é de Kenilworth, quando lá fores comigo mostro-te, mas já em Kenilworth era uma cópia de Windsor. É o mesmo que quis para Leiria, só que em maior, aqui temos mais gente a quem dar de comer. . A cozinha Pica em baixo, ao lado da adega, e sobem-se as escadas para a sala grande. .

- Subir escadas, com travessas nas máos?

- Perguntei o mesmo ao meu pai guando ele projectou a nossa cozinha, mas ele responden, com razáo, que os cheiros e os fumos ficavam longe do saláo. .

- Estou aqui a ver no desenho de Huguet uma quantidade de lareiras. .

para uma sala só, e uma sala de Veráo ainda por cima - disse o rei, cocando a cabeca, que ficava mais careca de dia para dia.



- Mas cm Sintra faz frio á noite, e a comida arrefece depressa, se a sala grande estiver gelada - retorquiu ela.

João desatou a rir, com aquele riso táo descontraído que ela amava agora profundamente, e puxando-a pela máo, levantou-a da cadeira:

- Já pesas! Até tu, um «pau de virar tripas!»

- Um pan de qué? - perguntou Phillippa, que nem se atreven a testar o seu portugués numa frase táo estranha. .

- Magricelas, é só isso.

Beatriz entrou a correr e avancou cerimoniosamente para os bracos do pai, muito consciente da adolescente que já era. Mas João estava bem disposto e fé-la rodopiar sobre si mesura:

- O Afonso está a brincar no pátio? - perguntou.

- Vinha agora chamar-vos, a ama diz que ele está pronto a soprar as velas.

- Dois anos, João, o Afonso faz hoje dois anos, que Deus o conserve sempre táo saudável e feliz.

Beatriz subitamente baixou a cabeca, os olhos no cháo. Mas ninguém den por nada.

«Querida Elisabeth,

precisava muito de ti aqui hoje. Tenho mais jeito para falar corra homens do que

para lidar colas mulheres, e tu que o digas, que se calhar fui muito brusca contigo, e nao passavas de urna miúda. Agora ternos filhos, tu e eu, e isso muda tudo. Nao há certamente nenhurn amor tao forte e incondicional, e sabes que a poesia é corra o Chaucer e que eu nao se¡ passar sentimentos ao papel. Mas nao é para te falar de criancas que te escrevo. Precisava dos teus conselhos directos, desses sentimentos de mulher de que nunca percebi muito. Sinto-me gorda e pouco atraente, sempre á espera de um filho, enquanto as damas da corte estao lindas, de corpos sensuais, e tem todo o tempo do mundo para se pentearem e arranjarem, e todo o meu dinheiro, e até o costureiro que o primo Richard me mandou, para pagar as contas dos seus vestidos. E estao livres e disponíveis, e por muito que as mande rezar as Horas e levar urna vida de

piedade (nao te rias, que nunca levaste a religiao suficientemente a sério e isso preocupa-me), a verdade é que percebo berra que só estao felizes guando acompanham os homens nas catadas e á noite fazem charme a todo o bicho que se mexa, ao sorra de trovadores románticos, e alaúdes que ran- gem, ou jogam as cartas, entre risinhos e jogos de leques - nao me digas que é também aquilo de que mais gostas, que já sei!

Mas também sabes, tao berra como eu, que é difícil manter a fidelidade de um marido. E tenho ruedo que ele se canse de mim, sucessivamente grávida, e procure prazer junto de uma destas beldades, que me parecem ter muito poucos escrúpulos. Lembras-te que em Windsor as senhoras mais velhas apressavam-se a casar as mais novas da corte, para que nao representassem um perigo tao grande, e as suas próprias almas nao caíssem em pecado? Lembras-te como a Katherine, por ser bonita, foi despachada com o Hugh em dois tempos? Nao foi feliz, é claro que o sei, mas muitas outras foram. Olha a mae e o pai! É que por aqui nao vejo, nem eles nem Blas com a mínima intencao de casar, como se estes arranjinhos fossem mais divertidos. . Deveria instaurar aqui a le¡ de Windsor? Tratar eu, com o meu marido, de lhes encontrar par, a ver se assentam?

Por favor Elisabeth, nao digas que sao só ciúmes, porque nao sao. O

comportamento de urna corte é um exemplo para as gentes de cada reino.

Lembras-te corno ficou Inglaterra quando o avó abandonou a avó pela ambiciosa da Alice? E o pai? Por que é que a vida do pai andou sempre na corda bamba e os homens do poyo gritavam o seu nome corra ódio?

Responde-me depressa. Nao tenho mais ninguém a quem falar disto.

Um abraso afectuoso,

da tua querida irma Philippa.»

Decidiu enviar a carta imediatamente, antes que se arrependesse. Selou e lacou-a em vinte lugares diferentes, e escreveu Privado e Particular a tinta bem grossa para que ninguém pudesse dizer que náo via o aviso. E

esperou pela resposta. Sempre á cabeceira da enorme mesa da sala grande do paco, atenta a todas as palavras e gestos, sobretudo aos de Beatriz de Castro, a sobrinha de Leonor, a tal que as más-línguas garantiam ter recebido, a uma hora da sesta, o belio de joáo.

«Querida mana,

se falas em gordura, entao imagina a vaidosa da tua irma - trato de personalidade que aliás nunca escondeu de ninguém! - transformada

numa imensa baleia, que quase nao chega com a mao ao papel, tao grande é a distáncia que a separa da mesa. Entao a mana descobriu que afinal a vontade de Deus nao chega? Que se calhar é preciso fazer qualquer coisa para proteger o que é nosso? O nosso horneras, por outras palavras. Fico feliz de o saber, quer dizer que já sentiste realmente o que é amar, e desejar. E que percebes também que as rezas e as velas nao chegam, por vezes, para prender junto de nós aqueles por quem perdidamente nos apaixonámos. Nao sei, sinceramente, o que te diga. Odie¡ que o pai me tivesse casado com um rapazinho de nove anos, e acabe¡ por casar já grávida, se bem te recordas, com o homem que escolhi, contra a vontade dele. Nao sou por isso um grande exemplo de virtude, e nao me deves convidar a ir novamente a Portugal, porque apesar de estar muito contente com os meus meninos, morro de saudades dos flirts da corte, das gratas picantes, das insinuacóes e do prazer da conquista. Mas percebo o teu ponto de vista - devo estar a ficar velha - e sei que dizes a verdade quando falas nos efeitos da imoralidade da corte no respeito que os seus governantes merecem ao seu poyo. Por isso, irma, faz o que te apetece, que felizmente nao me explicaste o que era porque suspeito que nao poderia concordar com o teu plano. Quanto as virtudes de um casamento combinado, suspeito que dado o sucesso do teu, nada te poderá convencer de que talvez nao seja a melhor solucao para toda a gente. Escreve-me depressa a contar o que aconteceu. . e como nao dizes, mas suspeito, que há uma

mulher em particular que te preocupa nao hesites em despachá-la para o convento ou para Castela. Por que nao uma carta de recomendacao para a corte da vaidosa da nossa mana Catalina? Essa é que nao escreve a ninguém antes de mandar para a fogueira uma rival, podes ter a certeza, afectuosamente tua,

Elisabeth

PS - Viste que o John foi feito duque o f Exter? Podes-me tratar por duquesa na próxima carta, porque como imaginas já me subiu o título á cabeca. Aqui para nós, nao confio nem uma migalhinha nas generosidades do nosso primo Richard, sobretudo enquanto o nosso mano Henry anda com certeza a fazer das suas, mas isto é que nao é conversa para pór por escrito!»

Philippa estava sentada na varanda, feliz. Sempre a água das fontes, e o riso de Afonso, as gargalhadas de Beatriz, a visita de Lourenco que aparecia para tomar um chá, e que suspeitava estar mais do que



interessado em Teresa, a sua amiga favorita. Por que é que náo havia de comecar por eles?, pensou de repente, e sentiu a adrenalina subir-lhe rapidamente á cabeca, dando-lhe um suplemento de energia.

Levantou-se com uma ligeireza que náo sentia há muito tempo e foi procurar Joáo, que a essa hora estava quase sempre na sala de despacho.

Baten devagarinho á porta, e Joáo virou a cabeca e ao vé-la fez um sorriso convidativo, mas usou como fazia sempre em público o tratamento mais formal:

- D. Filipa, venha dar-nos uns conselhos. .

Philippa cumprimentou com a cabeca os presentes, que se tinham levantado imediatamente, e mandou-os sentar com um gesto da máo. Mas Philippa, quería o marido só para si, por isso limitou-se a pedir:

- Vou agora para o meu quarto, se El-Rei me mandar chamar quando tiver um bocadinho para me ouvir, agradecia - disse num francés rápido, porque a excitacáo náo era consentánea com um portugués sempre menos fluente.

João olhou-a preocupado, mas o seu ar saudável e bem-disposto náo pareciam indicar problemas, por isso limitou-se a responder:

- Chamarei com certeza, assim que tiver tratado dos nossos assuntos com estes senhores.

Enterrada num cadeiráo confortável que o pai lhe enviara de Inglaterra, a rainha passava com a pena suavemente pela cara, enquanto pensava, o pergaminho ainda branco pousado no colo! Era para a sua salinha que fugia quando a confusáo do palácio lhe complicava os nervos, e náo podia procurar refúgio no quarto dos infantes.

Com um risco decidido dividiu o papel branco que tinha em frente, em duas colunas. De um lado come~ou a preencher o espato com o nome das damas solteiras da sua corte, do outro com o dos homens na mesma situacáo. A cabeca de todos constava, claro, o de Teresa e Lourenco Fogata.

«Vais deixar de ser o solteiráo que sempre foste», pensou divertida, enquanto desenhava um pequeno coracáo á frente dos dois. Para contentamento de alguns, e descontentamento de muitos, a rainha tinha

descoberto a sua vocacáo casamenteira.

Na lista, misturada a meio com tantos outros nomes, figurava o de Beatriz Castro. Essa, seguindo os conselhos de Elisabeth, talvez fosse mesmo melhor despachá-la para Castela, porque era táo bonita e fresca, táo ágil e divertida, que náo seria um casamento de conveniéncia que a manteria presa á alcova matrimonial. Era preciso pensar melhor e resistir a pedir o conselho de Joáo. Se o fizesse poderia trair uma segunda intencáo, que o poria de pé atrás contra o seu grande projecto, e por outro lado. . se ele insistisse em que essa dama em particular devia ser

«poupada» a um casamento arranjado, incendiaria os seus ciúmes, e al era impossível dizer se a sua calma habitual resistiría á provocacáo.

Quando Joáo entrou e a viu táo concentrada, chamou-a:

- Cheguei! Náo me digas que estás a fazer mais alteracóes á obra.

Mas Philippa, como uma miúda apanhada a meio de uma asneira, acenou que

náo com a cabeca:

- Tive uma ideia. Quería oferecer ás nossas damas e aos teus homens uma boda! Aqui em Sintra, o casamento na Igreja de S. Martinho, a festa aqui. .

- Uma boda? Mas alguém veio pedir autorizacáo para casar? - perguntou, estupefacto.

- Náo, desta vez é diferente, como muitas vezes se faz em Windsor. . O reí escolhe quem casa com quem, porque tem a informacáo necessária para fazer a melhor escolha. . que famílias interessa unir, que terras ficavam mais prósperas se se juntassem ás do vizinho. .

Joáo ouvia, os bracos atrás das costas, meio embaracado.

- Porque uma corte é o exemplo da moral de um reino - continuava a rainha entusiasmada. - Náo podemos continuar a ter estas poucas-vergonhas que me contam, de cavaleiros e camareiros que buscam as alcovas das minhas damas, de relacóes fora do casamento que a Igreja náo sanciona. .

A cruzada tinha comecado, pressentiu Joáo, para quem nenhum dos comportamentos anteriores era imoral, nem táo pouco condenável, que se condenasse os outros, teria que se condenar a si mesuro, embora tivesse de reconhecer que devia ser da idade - já lá iam 36 anos - mas perdera grande parte do entusiasmo por essas aventuras. Só talvez Beatriz Castro,

pensou para si, ainda o tentasse, como o tentara naquele dia em que estupidamente lhe dera um bello, e mais estupidamente ainda fora

«apanhado» por duas damas linguareiras que náo tinham feito mais do que a sua obrigacáo, ou seja, espalhado a notícia - que negara sempre!

Mas fazer frente á mulher náo lhe era uma coisa fácil, pelo menos náo agora, passados estes anos, em que sem um al nem um ui, o seguira pelo país, engravidara dos seus filhos e os dera á luz sem queixumes nem neuras, colaborava nos assuntos do reino com entusiasmo e dedicacáo e até partilhavam a paixáo pelas «obras», transformando casas e alcácovas sem conforto em palácios que ficariam para os seus descendentes, e para os descendentes dos seus descendentes. . Para náo (alar na devocáo ao mesmo Deus e á Virgem, que o protegera em Aljubarrota, na devocáo que o levava a escrever, ele próprio, um

livro, e a traduzir tantos outros a que a mulher o apresentara. Dizer um Náo claro e directo a Filipa náo era decididamente possível, admitiu. E quem sabe, talvez tivesse razáo - a verdade é que a dissolucáo de costumes da corte do seu meio-irmáo Fernando tinha deixado muito a desejar, e quanto ás complicacóes que o seu pai criara com filhos e bastardos, náo as desejava ele para os seus.

- Mas o que é que pretendes fazer?

- Decidirmos, com a ajuda de D. Brites e D. João das Regras, e até do Condestável, quem deve Picar com quem e depois mandamo-los apresentarem-se na igreja para que o padre abencoe a sua uniáo.

Podíamos comecar por Lourenco e Teresa, estáo táo apaixonados, esses tenho a certeza que levaráo a bem esta nossa surpresa. .

- Mas se estivessem assim táo apaixonados, certamente que Lourenco, que como sabes é um artista com as palavras, já lho tinha dito, e vinham pedir a nossa béncáo, que sabiam certa - comentou Joáo hesitante.

- Mas náo, o Lourenco náo sabe por onde se decidir. . tem medo de me desiludir. .

- De te desiludir? - perguntou Joáo, ligeiramente enciumado. De facto o homem conhecera Filipa antes dele e fora o primeiro a realcar as suas virtudes.

- Pois! Tem sido o mais dedicado dos amigos, e é natural que depois de casado náo tenha a disponibilidade que tem para mim. . - responden Philippa, um sorriso ao canto da boca, espantada com a sua recém-descoberta capacidade de manipulacáo, arte que tanto desprezara no pai e

na irmá e se orgulhara de nunca praticar. Mas resultou, de facto.

- Vamos entáo casá-los - disse Joáo impulsivamente.

E redigiu a primeira das muitas «cartas-ordem» que nos meses seguintes seriam distribuídas pela corte, para alegria de alguns e horror de outros, que passaram a temer o «tuc-tuc» com que os mensageiros anunciavam a sua chegada, aos seus quartos e alcovas.

«Manda-vos dizer el-rei que vos facais prestes para desposar, depois de

amanhá!», dizia invariavelmente o bilhete que o pajem entregava solenemente a homens e mulheres, que só no dia aprazado, á entrada da igreja, percebiam com quem Suas Majestadas haviam achado por bem

«unir os seus destinos». E as terras e os presentes que os reis lhes ofereciam para saudar a alianca, pensada sempre com o desejo de juntar

«caracteres», mas também terras e famílias.

Teresa e Lourenco tinham beijado as máos do rei e da rainha em genuína gratidáo, comovidos por Philippa ter entendido o seu amor e o desejasse apadrinhar, nomeadamente com um dote de terras considerável, que sabia que a família da noiva nunca lhe poderia oferecer porque náo tinha. Tornaram-se defensores ainda mais acérrimos da rainha, mas mesmo eles comecaram a duvidar do método quando perceberam as inimizades que Philippa criava entre as suas damas e os cavaleiros de Joáo, sobretudo quando a «lotaria» separava casais que namoravam em siléncio ou mantinham ligacóes fortes, e que náo pretendiam oficializar.

D. Brites deitara as máos á cabeca, D. Lopo abstivera-se de fazer comentários, D. Joáo das Regras viera ao paco aconselhar cautela, mas o grande entusiasta da decisáo real fora, pela primeira vez, Nuno Álvares Pereira. Cada vez mais místico e obcecado com o servico a Deus e á Virgem, batendo a rainha em missas ouvidas por dia, apoiava com vigor este impor de uma moralidade, que como Philippa, sentia absolutamente em falta na vida dissoluta destes nobres sem nada com que ocupar o seu tempo senáo em ligacóes escabrosas que só ofendiam os Céus.

Grávida de novo, já de cinco meses, passados sem dramas nem alaridos, Philippa mantinha-se impassível, tanto mais fria quanto mais se sentia acossada, tanto mais fechada em redor dos seus meninos, quanto mais ferviam os olhares de repreensáo e raiva que á ceia os outros comensais lhe lancavam.

Joáo, por seu lado, ressentia-se muito mais do que ela, da aparente

quebra de popularidade, ele que se habituara a receber vivas por onde passava, e culo grande prazer era sentar-se com os seus homens na cozinha, a aquecer as roupas ensopadas nos fogóes ainda acesos, e a trocar histórias de caca com os demais, sempre de gargalhada pronta. E quanto a mulheres, sentia a sua posicáo demasiado frágil - nunca fora homem para condenar ninguém por dormir fosse

com quem fosse, nem se sentia com legitimidade para tal. O apoio de Nuno Álvares, também ele bastardo, parecia dar-lhe algum sossego á alma, mas a verdade é que sabia que os seus amigos murmuravam que se tornara um chato, um beato, e perdera metade da grata que tinha e essa ideia, em lugar de lhe elevar o espírito, deprimia-o francamente.

Fernando Afonso, seu camareiro e amigo do peito, ria-se-lhe na cara:

- Mestre, estas ordens sáo uma brincadeira de mau gosto náo sáo? -

perguntava descaradamente, soltando logo uma gargalhada que contagiava os outros.

João respondia a contragosto, mas sem querer quebrar a lealdade para com a rainha, disse-lhe que consistia numa ideia estrangeira, era certo, mas que iria trazer paz e sossego áquelas damas histéricas, que precisavam de ser postas com dono em lugar de perturbarem a tranquilidade do dia-a-dia com tentativas de levarem para a cama o homem que imaginavam amar perdidamente.

Fernando Afonso respondia então, num tom mais grave:

- Se é isso que dá grata á vida? Então El-Rei vive para a caca, tenta prender aquilo que lhe foge, e quer outras regras para a nossa vida? Náo sabe, táo bem como eu, que fazer a corte a uma mulher, e conseguir, no final, concretizar os seus intentos é táo viciante como partir a cavalo para trazer de volta um veado pelas hastes?

E de novo todos se riam, enquanto os criados lhes matavam a forre com nacos de javali que acabara ali mesuro de ser assado, apanhado ainda na véspera nas encostas da serra.

Toda a gente sabia por que é que Fernando Afonso insistia na conversa.

Náo era segredo para ninguém - muito menos para Philippa - que «andava de amores» com Beatriz de Castro. A tal! A tal que Joáo beijara ao de leve naquele mesmo paco, a tal que era táo bonita e encantadora que nenhum homem lhe resistia, a tal sobrinha de Inés de Castro que tantas dores de cabeca dera ao reino, aquela que Elisabeth aconselhava a que fosse

enviada, com um lato na cabeca, de presente para a corte de Catalina. Se a tia

fora capaz de dar a volta á cabeca do pai do rei, quem garantia que a sobrinha náo seria capaz do mesmo?

João também sabia. E mentiría se náo dissesse que a liberdade do camareiro, aliada ao bom gosto da sua escolha, lhe provocavam um imenso desconforto. Tinha que o admitir, invejava-o em todos os sentidos. E a rainha lia-lhe os pensamentos e as reaccóes, e ficava mais determinada do que nunca a impedir que a sua honra e o código de conduta da corte se manchassem por uma única infidelidade que fosse de Joáo. Sentia que preservar-se a si de tamanha dor, e simultaneamente o rei de tamanho pecado, era uma missáo. Grávida do seu quarto filho, tinha por certo a legitimidade de impor as suas condicóes. Elisabeth, que depois de uma Constanca, já tinha Alice, a terceira filha nos bracos, quando leu a carta em que a irmá lhe fazia o ponto da situacáo, estremecen. Teria a irmá, sempre táo desejosa de ser aceite, estaleca para esta guerra santa? Sabia perfeitamente que se fosse uma dama na corte portuguesa seria a primeira a fazer-lhe frente.

P

Paco de A-par de S. Martinho, Lisboa, 20 de Novembro de 1392

hilippa acordou com os gritos de Joáo. Dormía a sesta no quarto do Paco de A-par de S. Martinho, onde tinha pedido para ficar: se o marido insistía que este bebé nascesse na capital, entáo sobrava-lhe o direito de pelo menos escolher onde, e este paco ligado por um passadico á igreja de onde recebia o nome, e com aquela vista deslumbrante sobre o Tejo parecia-lhe muito mais apetecível do que a Alcácova, por muitas obras que tivesse tido. Nunca poderia esquecer que fora ali, entre aquelas paredes, que Branca tinha morrido - náo eram memórias para uma mulher que em breve daria á luz.

Maud entrou no quarto, assustada, mas com notícias: Fernando Afonso náo Tora afinal prestar homenagem á Senhora de Guadalupe. Pior ainda, náo só mentira ao seu monarca e senhor, como estivera estes dias escondido na alcova da dita dama, com a sua cumplicidade e assento.

Uma má-língua generosa descobrira o arranjinho, e táo segura estava de que a informacáo valía ouro, que se atrevera a interromper a sesta do reí para lha dar. Joáo saltara da cama em fúria, e nem se dera ao trabalho de vestir a sobrecasaca

ou de se arranjar, fora assim mesuro, meio nu, pelos corredores do paco atora para arrancar o culpado ao canto onde se escondia. Maud dizia que a discussáo tinha estalado entre os dois, e que apesar das desculpas que o camareiro apresentara por ter enganado o monarca nas suas barbas, D. João mandara chamar o chefe da guarda e ordenara que o levasse para os calaboucos.

D. Brites, que entrara nos aposentos de Philippa há minutos, trazia novas ainda mais frescas. Pálida e aflita, contava que Fernando Afonso saíra para a rua de braco dado com o Intendente, julgando sempre que o seu amigo e senhor náo estava mais do que a encenar uma cena de teatro para benefício da rainha, mas sem qualquer conviccáo, e muito menos intencáo de mandar de facto para a prisáo um dos seus homens mais dedicados. O siléncio que caíra entre os cortesáos que o viram sair mostrava bem que a maioria achava que o ingénuo era ele, que apesar de ter servido directamente o mestre, nunca o vira realmente enfurecido.

Philippa já estava arranjada e pronta a ir ter com o rei, o coracáo a bater a cem á hora, a raiva a torcer-lhe um nó na garganta que só lhe permitiu dizer a Maud e Brites:

- Esquece-se esse senhor Fernando Afonso de quem D. João de Avis é filho, e engana-se redondamente quando acredita que a sua rainha náo herdou nada do seu próprio pai!

Maud e Brites benzeram-se. Mas quando Philippa chegou ao saláo, João já saíra para a rua. Ricardo, o seu escudeiro adolescente, viera contar-lhe o que acabara de acontecer: ao perceber que o carcereiro o tencionava realmente levar para o cárcere, Fernando Afonso fugira e entrara a correr na igreja de Santo Elói, pedindo aos padres que o acolhessem. E quando alguém pedia refúgio junto de Deus, nem o rei podía nada.

Mas Philippa tinha razáo. O marido era um homem sereno, mas fora criado nas histórias de um pai que mandara arrancar a sangue frio o coracáo aos homens que lhe mataram a amante, um homem sereno, mas capaz de perder a cabeca, e com ela a razáo, quando lhe pisavam os calos e mostravam um absoluto desprezo pelo seu poder, e se calhar o que magoava ainda mais, pela sua amizade. O escudeiro Ricardo já o vira de cabeca virada contra o próprio filho, e Philippa, na retaguarda, já entendera que enfrentar o marido directamente podia acabar mal.

Fernando Afonso, pelos vistos, lembrara-se de repente dessa faceta do seu senhor, e achara por bem precipitar-se nos bracos dos monges.

A multidáo já estava reunida á porta de Santo Elói quando o rei ali chegou, vermelho de fúria, um manto atirado sobre os ombros sem conseguir esconder a descompustura do seu vestuário. Trazia consigo a guarda do palácio e mandou-os partir a porta e forrar a entrada. Os pobres rapazes tremiam: quem os salvaría depois da excomunháo que os padres sobre eles profeririam? Mas entre a cabeca cortada hoje ou uma pena a pagar algures no futuro, optaram por obedecer ao poder terreno, e com matos e martelos deitaram abaixo a porta. Fernando Afonso correra para o altar, e agarrara-se á Virgem, incapaz de acreditar, mesmo no seu terror, que o Mestre o arrancasse dali. Mas Joáo já náo via nada senáo um inimigo que se dispunha a ridicularizá-lo perante a sua corte e o seu poyo, e apesar dos gritos da multidáo, arrastou-o com as suas próprias máos, trazendo atrás pedacos do altar, e entregou-o aos seus guardas:

- Levem-no a queimar ao Rossio - declarou em voz alta, e a gente ali reunida caiu num siléncio sepucral. Afinal, ali mesmo em S. Martinho, e

pouco mais que um miúdo, matara o conde de Andeiro. O que o impedia de ser implacável de novo? Mas se o castelhano era um inimigo, Fernando Afonso era, e toda a gente o sabia, seu amigo. A diferenca era táo abismal que as gentes seguiram um Fernando Afonso agrilhoado até ao terreiro.

Nem a morte de um nobre D. Joáo lhe concedía, que os senhores tinham direito a que lhes cortassem a cabeca em vez do Jume, murmurava a populaca. Esperava-se a revogacáo da pena, uma mensagem do rei com o seu perdáo, mas em váo. O rei deixava-o morrer sobre as chamas da lenha crepitante, a morte escolhida para castigar o poyo.

- Isto é ciúme e raiva - falavam entre eles os homens.

- Isto é obra de uma mulher - ouviu-se uma varina dizer na sua voz estridente.

- De uma ou de duas - murmurou entre dente o Intendente. E mais náo disse, porque a licáo estava aprendida: Com El-Rei ninguém brinca.

Philippa entendeu rapidamente que a situacáo era explosiva. Beatriz de Castro, que via o seu verdadeiro amor condenado á fogueira, explodira em pranto incontido. De luto, mas também de raiva. O sangue azul corria-lhe nas veias,

recusava-se a que uma estrangeira, fosse ela rainha ou náo, ditasse o seu destino. E tudo, murmurava, porque D. Joáo a beijara sem que ela sequer o tivesse incitado a tal. . E as outras damas, que se sentiam cúmplices daquele amor verdadeiro que tinham ajudado a esconder, enraiveciam-se com ela. Morto estava, também, o seu ideal de príncipe encantado, que o bem-parecido Fernando Afonso representara, o homem capaz de desafiar o próprio rei por amor de uma mulher.

- Morreu por ti - murmuravam, enquanto a enchiam de mimos, a serviam de chás de camomila, a esfregavam com perfumes e montavam com ela uma barreira contra a rainha.

- A culpa só pode ser da piedosa da D. Filipa, que reza as suas Horas com devocáo mas nos intervalos deixa homens cujo único pecado foi amar irem a queimar ao Rossio. Ainda por cima por ciúmes e despeito -

murmuravam outras.

D. Brites dourava o cenário nos seus relatos á rainha, mas Philippa vivera demasiado tempo entre estas mulheres e outras como elas, para saber que nestes momentos a solidariedade feminina se torna acéfala e a multidáo deseja apenas uma coisa: ver sangue a correr pela calcada.

Era preciso agir e agir depressa, antes que os fumos do corpo queimado

chegassem ao paco e incendiassem ainda mais os humores. Era preciso proteger Joáo, pondo um ponto final a tudo isto, impedindo-o a sua natureza afável de o obrigar, no dia seguinte, a decidir-se por um pedido de perdáo á pretensa viúva, ao turbilháo que os remorsos lhe iriam provocar, a ele que até as mortes dos castelhanos envergonhavam porque, como dizia, bem vistas as coisas matara irmáos em Cristo.

Philippa vestiu o seu melhor vestido, pediu a Maud que lhe entransasse o cabelo e o enchesse de brilhantes e pérolas, tirasse do cofre as suas jóias e aplicasse na pele do rosto, ainda mais pálida do que o costume pelos últimos horrores, aquele pó comprado aos mouros, que lhe dava uma cor mais saudável. Depois ordenou a uma D. Brites, trémula e perdida, que convocasse imediatamente Beatriz Castro á sua salinha de trabalho - que lhe dissesse que a receberia lá.

Quando viu a miúda entrar, os olhos encarnados de choro, sentiu um aperto no

coracáo. Mas com a disciplina a que se habituara de crianca, esconden por trás de uma expressáo impávida a agitacáo que sentia por dentro, e numa voz monocórdica ordenou a uma Beatriz que ao contrário da rainha ostentava na postura do corpo e nas linhas do rosto todo o seu desprezo por quem tinha á frente, sem sombra de um vénia ou de uma cabeca ligeiramente dobrada:

- Soube agora tudo o que acontecen. Tens uma hora para juntares as tuas coisas e depois vais partir.

- E para onde, posso ao menos isso saber? - perguntou Beatriz num tom abertamente provocador.

- Náo son juiz de causa nenhuma, e nem sequer falei com o meu marido sobre esta questáo, mas espero que reconhecas que náo podes ficar aqui nem mais dez minutos. . Vou escrever uma carta á minha irmá Catalina enquanto arrumas a tua arca, e peco-te que lha entre gues. Náo falará destes tristes acontecimentos, e dirá apenas que decidiste juntar-te aos teus familiares que estáo em Castela. . E que decida ela se te quer, e onde te quer. . Mais nada.

Beatriz manteve um sorriso cínico, mas para dentro suspirou de alívio -

pelo menos náo era o convento. E com essa seguranca, arriscou levar a provocacáo mais longe:

- Longe de Portugal, longe de El-Rei, é isso, náo é? Quando en amava Fernando Afonso, a rainha age por um ciúme imaginado, e tem agora medo

que desaparecido o homem que ocupava a minha cama, o próprio D. Joáo se candidate a ela!

D. Brites levantou-se da cadeira que ocupava num canto mais escuro do quarto:

- Cala-te, Beatriz, parece que ainda náo entendeste que o assunto é sério, e que D. Filipa te dá a possibilidade de saíres dele por cima. . Mexe-te, menina, que te falta crescer em juízo e sabedoria - e agarrando-a por um braco arrastou-a dali, sem que Philippa tivesse deixado que um dos músculos da sua cara desse a mais pequena indicacáo do que sentia.

Quando Beatriz Castro saiu ainda a vociferar contra a rainha de gelo, a rainha de gelo derreteu-se, e correndo apressadamente para o quarto, fechou a porta com

forra e atirando-se para cima da cama chorou até adormecer.

A

Paco de A-par de Sao Martinho, Lisboa, 9 de Dezembro de 1392

s últimas semanas tinham passado lenta e dolorosamente. Joáo, acabrunhado por ter deixado que um dos seus homens fosse queimado vivo, ajoelhava-se longas horas em oracáo, confessava-se repetidamente ao seu director espiritual e visitava na Sé, ali a dois passos, o túmulo da pequenina Branca. Náo podía fugir de Lisboa, quando o parto da mulher estava iminente, mas movia-se numa agitacáo constante, um lenco sempre a assoar-lhe o nariz, como se quisesse afastar o cheiro de um corpo dilacerado pelo fogo. Se ao menos o deixassem ir á caca ou ver as suas obras, mas os seus conselheiros insistiam em que ficasse: era preciso desfazer a imagem que dera perante o poyo, era preciso que fizesse o papel do pai e marido extremoso, era preciso que náo saísse da corte a correr, para que as línguas viperinas insinuassem logo que fora atrás da amada, e que afinal sempre era verdade que mandara matar o amigo por ciúmes.

Joáo das Regras estava francamente assustado: fizera sempre assentar a causa do Mestre na sua popularidade, e este assomo de violéncia era de resultados imprevisíveis. Talvez contribuíssem para dar do rei a imagem de um homem que náo aceita que desafiem o seu poder, o que náo era mau de todo, mas também era possível que dessem a impressáo de que se tratava de um impulsivo, capaz de resolver assuntos de alcova e coracáo da forma mais brutal, queimando um rival, que ainda por cima era seu servo. O melhor era que passeasse pela cidade com Afonso e Duarte, fosse visto com os infantes e a rainha em passeios até aos campos da Ajuda ou do Lumiar, uma família unida e popular, temente a Deus.

Afonso e Duarte deliraram com a companhia do pai, e Joáo encontrou nos seus filhos uma forma de afastar os pensamentos mórbidos que o acometiam. A serenidade de Philippa, que nunca lhe dissera uma palavra sobre o assunto, e a alegria da filha Beatriz, que mantinha a docura apesar da sua adolescéncia, deram-lhe pela primeira vez a sensacáo de pertencer a uma família. .

- Fui educado pelo meu avó, a minha máe morreu cedo, e era ele que até aos cinco anos passeava comigo, me ensinava o nome das coisas, me

explicou como se pegava numa espada. . Os rapazes precisam de um homem por perto, Filipa, e quero acompanhar estés meninos todos os dias. . - dizia entusiasmado, enquanto passava uma máo carinhosa pelo cabelo de Beatriz:

- E quanto a esta menina, tarda nada ternos que a casar. .

Mas Philippa atalhava sempre, sossegando a miúda que pela primeira vez na sua longa infáncia gozava de alguma estabilidade:

- A Beatriz ainda tem muito para aprender, mas quando falar inglés táo bem como já fala francés, arranjo-lhe um conde inglés: rico e lindo de morrer!

Riam todos, como naquelas tardes quentes de Kenilworth, em que a agitacáo política londrina retinha o pai entre as muralhas do castelo, e Katherine - como Philippa - agarrava com unhas e dentes a oportunidade de vincular John á sua nova família.

Foi com a imagem bem presente destes tempos de bonanca que se tinham seguido á tempestade, que no dia 9 de Dezembro a rainha den á luz o seu quarto filho, mais um rapaz.

- É a minha vez de lhe pór um nome - dissera o pai babado, quando o foi buscar para o baptizado.

- Como lhe val chamar, senhor D. Joáo? - perguntaram em coro as duas gémeas parteiras, radiantes com a fertilidade real que lhes garantia um emprego quase exclusivo.

- D. Pedro, como o avó - responden Joáo, orgulhoso.

E foi assim que Pedro, um bebé sossegado e com um temperamento meigo e sensível, se juntou aos irmáos no quarto de brinquedos.

A notícia chegou depressa a Barcelos, para onde Afonso bastardo tinha sido remetido com os seus tutores. O mensageiro trazia uma carta do pai, que lhe pedía para ir a Lisboa conhecer o benjamim da família. «Afonso, Duarte, Pedro. . já lá váo trés. Mas náo sáo tres criancas que me váo assustar! Que crescam e depois falamos!», dissera alto e bom som o primogénito, enquanto para escándalo contido dos seus homens lancava ao fogo da lareira o pergaminho timbrado com as armas de Portugal.

P

Paco de El-Re¡, Atouguia da Baleia, Outubro de 1393

hilippa descobrira há pouco mais um paco real abandonado, e mais uma vez se apaixonara por ele. João mostrara-lho a caminho de Óbidos.

Fizera um desvio para a Serra d'El-Rei, depois virara em direccáo a Peniche, e numa paisagem de verde, com o mar ao fundo, apontara-lhe o Paco de D. Pedro. A fachada era discreta, como a de um solar senhorial, o portáo a meio, estreito, as portas pequenas mas com a cantaria de pedra que a rainha náo se cansava de admirar, uma coroa de mármore sobre uma delas. A meio do pátio interior uma araucária gigante marcava a sua presenta imponente, e dali partia um jardim a perder de vista, e que agora estava coberto de silvas, de laranjeiras mal tratadas e de cameleiras que tentavam chegar ao sol por entre o matagal que lhe crescia á volta. O

espato era murado todo á volta, mas na ala que corria paralela á costa, o arquitecto abrira na própria muralha urnas enormes janelas góticas, de onde se via o mar, que de táo azul se unia ao céu. E no meio desse mar, duas ilhas, uma maior e outra mais pequena, que João lhe explicara terem o nome de Berlenga e Farilhóes.

Lembrava-se de ter exclamado de contentamento a cada passo que dava, quando João lhe mostrara o pacozinho construído pelo seu pai, D.

Pedro, mas quando lhe perguntou por que escolhera o senhor seu pai um sítio táo isolado, tendo ainda por cima o paco de Óbidos ali táo próximo, viu-o franzir as sobrancelhas num reflexo zangado e entendeu que deviam ser assuntos de saias, e náo insistiu. Logo perguntaria a D. Brites, que o importante agora era assegurar que o marido a deixasse tomar posse desta casa pequena e prática, ainda por cima com um espato protegido para que os filhos pudessem brincar, e até montar, sem que corressem perigo, ou alguém invadisse a sua privacidade. «Exactamente como cm Kenilworth, cm que os manos podiam correr por todos os lados, porque a única saída era guardada», pensou satisfeita.

Quando, meses depois, o médico lhe recomendou descanso e ar do mar depois de um Inverno em que ela e as criancas tinham passado o tempo entre

constipacóes, tosses e febres, pedindo-lhe que evitasse mais um Veráo em Sintra, que ainda por cima naquele ano prometia ser

especialmente húmido, Philippa náo hesitou: quería ir para o paco de El-Reí, próximo de Atouguia da Baleia, o que lhe permitía obedecer ao físico e simultaneamente garantir que o marido continuasse a vigiar as suas obras na Batalha, e nos outros pacos, cacasse na serra próxima, e estivesse suficientemente próximo de cidades como Santarém e Lisboa para poder reunir facilmente com os seus conselheiros. Ao escutar o pedido, Joáo sorriu e comentou:

- Imagina que fui táo estúpido que acreditei que te ias esquecer dele. .

mas a minha arquitectazinha náo pode ver duas pedras cm cima uma da outra que náo se imagine logo a fazer obras e a ocupar o lugar.

Philippa rira com ele, até porque sabia que o reí náo lhe recusaría aquele lugar sossegado, onde vantagem das vantagens, conseguia Picar sozinha com a sua família e apenas os mais chegados, mandando a corte instalar-se no castelo mais próximo. . mas suficientemente longe para náo ter de suportar diariamente protocolos, rituais e sobretudo a canseira da má-língua constante. Joáo fazia trota deste seu constante desejo de reclusáo e acusava-a de, no fundo, náo passar de uma freira com um rancho de filhos! A rainha corava até ás orelhas, mas pensando bem, achava que talvez o marido tivesse toda a razáo: Elisabeth nascera para brilhar na corte, mas ela sempre preferira, como a máe, os palácios mais remotos, os claustros mais solitários e até os conventos mais sossegados.

Ainda hoje sonhava muitas vezes com os passeios que dava nos campos de Bolingbroke, os faisóes, as raposas e as codornizes a cruzarem o seu caminho, e como o pai a mandava apanhar dentes-de-leáo, e lhe jurava que cada uma daquelas partículas que se soltavam ao primeiro sopro, eram fadas que lhe garantiriam todos os seus desejos. Quería repeti-los ali, naquele paco rodeado de terra fresca e por lavrar, o único de todos os que possuíam perdido no meio de nada, sem casas nem casinhas em redor, sem ruas e vielas, sem gente. . Campo aberto, onde correría com os filhos, apa nharia urtigas para fazer chás e urze para encher as jarras da casa com o perfume da natureza, onde plantaría um canteiro

inteiro de papoilas, que eram a flor favorita de Joáo.

Estavam já há mais de dois meses instalados no paco. Logo que as chuvas tinham parado, Philippa tinha abandonado Lisboa, instalado filhos e

amas no Castelo de Óbidos, e mergulhado no seu passatempo preferido: era preciso mobilar a casa que quase náo tinha móveis, a tinta soltara-se com o passar do tempo das paredes, havia telhas partidas no telhado e tudo precisara de ser caiado e arranjado de novo, para que estivesse pronto em Junho, quando tencionava mudar-se para lá.

Lourenco acompanhava-a muitas vezes, decidido a controlar os gastos ou usando os gastos como pretexto para um longo passeio a cavalo, que o enchia sempre de vitalidade. Numa das visitas ás obras, Philippa perguntou-lhe abertamente:

- Por que é que o reí D. Pedro deixou este sítio táo ao abandono e ninguém pareceu interessar-se por ele?

Vendo Lourenco hesitar, percebendo bem que se lho perguntava a ele era porque já Joáo fugira á pergunta, a rainha insistiu:

- Já Joáo franziu o sobrolho e D. Brites corou e disse que náo sabia, por isso, por favor, Lourenco, náo comece agora a tratar-me também como uma crianca pequena.

Lourenco náo precisava de mais incentivo e contara-lhe a história toda: D. Pedro construíra o paco para ali passar os dias e as noites com a sua amante, D. Inés de Castro, e mais tarde com os seus filhos, aproveitando o isolamento para manter a ligacáo clandestina longe dos olhares e das intrigas. Além disso, acrescentara Lourenco como para dar um ar mais sério ás decisóes daquele que, afinal, era o sogro defunto de Philippa, ao que se dizia o rei gostava do descampado da Atouguia para ver melhor as estrelas do firmamento que estudava com afinco.

Philippa encolhera os ombros: - Náo quero saber nada do passado daquele paco, nem táo-pouco do pai de El-Reí que náo me parece que fosse um homem temente a Deus. E digo-lhe, Lourenco, vou fazer tudo para que o rei se esqueca que ali viveram os meios-irmáos com que se digladiou. D.

Joáo veio depois de tudo isso, a máe dele é posterior a essa tal Inés de Castro, vou fingir que náo sei de nada e tornar aquele paco táo nosso que o rei o

considere seu. Como na realidade é.

Lourenco sorrira: era típico da rainha náo deixar que os fantasmas do passado lhe estragassem os planos. Pragmática até dizer basta, era capaz de arrumar as preocupacóes e a angústia num baú no sótáo da sua cabeca e avancar para o futuro.

A verdade, pensara ele meses mais tarde, quando se instalara com D.



Teresa no quartinho que lhe tinha sido destinado, na cama de dossel de colcháo confortável de penas, as cobertas da melhor seda, o quadro de uma Virgem María de tirar o fólego, é que já ali estavam todos acomodados, e o paco de D. Pedro já náo tinha, por esta altura, muito mais que o lembrasse para lá do nome.

Joáo já fora deitar-se e ambos olhavam, abrasados, um céu cheio de estrelas que a janela aberta de par em par deixava entrever, e os ouvidos enchiam-se do grasnar das gaivotas que naquela noite fugiam do mar.

Philippa perguntou-lhe, na sua voz mais terna:

- Estás a dormir?

- Quase. .

- O ten pai tinha bom gosto. Os teus antepassados tinham bom gosto.

Estes pacos sáo sempre nos melhores sítios. . Este é pequenino, longe de tudo, náo cabe aqui nem metade dessa maldita corte, e as gentes das povoacóes sáo gente séria, temente a Deus, com as suas capelinhas espalhadas pelos outeiros. Mas do que gosto mais é da vista: a ilha da Berlenga ao longe, esta voz das gaivotas, os campos ainda táo virgens. .

Hoje D. Lopo esteve a ensinar aos bebés os nomes das estrelas. E quando fomos a Peniche, o Afonso náo parou de chorar até um dos pescadores o ter icado para o seu bote. A ama náo o quería largar, mas ordenei-lhe que o deixasse ir. . Talvez os nossos filhos venham a ser marinheiros. .

João estava a deixar-se embalar pela voz da mulher, com aquele sotaque de que tanto gostava, tantas vezes os femininos trocados pelos masculinos, e uma forma de falar muito mais pausada, de quem ouvira contar muitas histórias e aprendera a reter a atencáo do ouvinte.

- Estás a dormir. .

- Estou-te a ouvir, a tua voz cada vez mais distante, como o barulho do mar, enquanto mergulho nos sonhos. Vou sonhar com filhos marinheiros.

E pousando a máo na barriga da mulher, ainda abriu um olho para lho piscar:

- E pelo andar da carruagem, náo váo precisar de mais ninguém na equipagem. Rapaz ou rapariga, já sabes?

- A Maud diz que é rapaz! En quería muito que fosse rapariga, respondeu, com uma voz subitamente nostálgica: tantos anos vira a máe sonhar com varóes e a ver sobreviver apenas as raparigas, e agora com ela o jogo acontecia exactamente ao contrário.

- Temos é que ter cuidado, espacar estas gravidezes. .

- Náo estás contente?

- Claro que estou, mas o médico disse, e as parteiras insistem: tens 34

anos, este é o ten quinto filho em seis anos, nao és nova, é perigoso.

Mandaram-te para perto do mar por causa dos ares, porque nao tens a saúde que tinhas.

- Seráo os que Deus nos enviar. . - retorquiu Philippa soltando-se do seus bracos, zangada, como se lesse nas suas palavras o desejo de se afastar dela, de deixarem de fazer amor, de abandonarem a descoberta do prazer que os seus corpos lhes podiam dar.

Joáo den uma gargalhada, sem abrir os olhos. Esta mulher já ele a conhecia de ginjeira:

- Náo é nada disso, Filipa. É preocupacáo genuína. A tua máe morreu cedo, a

minha também, náo quero um rancho de filhos órfáos, sem máe para os educar. .

Ao ouvir a franqueza com que lhe dizia tudo isto, deixou-se novamente escorregar ao encontro do seu corpo quente:

- Vamos ter cuidado, prometo. Mas por enquanto estamos seguros. . de cada vez que estou grávida de um, náo posso ficar grávida de outro.

E á luz da lua, fizeram amor.

Q

Paco de Leiria, 7 de Fevereiro de 1394

uando se deitara na sua cama no paco de Leiria, depois de uma viagem extenuante, a barriga de oito meses, enorme, ficara a advinhar formas no adamascado do dossel que lhe servia de tecto, e rebobinara na cabeca os últimos tempos. Ficara meses a fio no paco de Atouguia, agarrando-se ao pretexto que os médicos e as gémeas parteiras lhe davam de que precisava de uma vida mais sedentária, sem tanto fazer e desfazer de malas. Passara uns tempos mágicos rodeada apenas por um pequenino grupo de fiéis, sem os alvorocos e as intrigas das damas, ainda para mais azedadas com o que acontecera a Beatriz Castro, e sempre perto dos seus infantes, que cresciam com os pulmóes saudáveis e espato para correr e brincar, dentro e fora de casa. De tudo o que lhe tinham dito, a frase que mais contribuíra para a sua decisáo de ali assentar arraiais, fora a recomendacáo de D. Aurélio, o médico de Lisboa, que lhe garantira que era preciso resguardar os filhos «que a peste espreita sempre, e se náo for a peste outra é por ela». E da peste, e do seu poder, tinha Philippa todas as razóes do mundo para temer.

«A morte nunca está longe!», respondera Philippa, a quem a morte recente de Maud abalara profundamente. Acontecera em finais de Setembro: estranhando a sua auséncia, D. Brites foi ver o que retinha a velhinha que lhe servia de braco direito, e de quem aprendera a gostar como quem gosta de uma tia, e encontrara-a morta, os olhos fechados para sempre, a cama sem nenhum sinal de desalinho e agitacáo. Chamara imediatamente a rainha, porque quería que ela a visse assim, táo serena, e que essa serenidade lhe servisse de prova de que Deus Nosso Senhor lhe dera urna morte santa, aquela que só dá áqueles que mais ama.

Philippa, contendo o choro, ajoelhara-se junto da cama, pondo a sua máo entre as máos já frias da ama, ajustando-lhe a cruz que prendia nos dedos, e saiu do pequenino quarto, despedindo-se com um bello na testa. Multo do que era, devia-o a esta mulher que deixara a terra e a família para a amamentar com o seu leite a seguir e servir por todos os anos da sua vida.

Joáo ordenou que lhe fosse feito um funeral com pompa e Philippa, Beatriz e os tras príncipes, mesuro táo pequeninos, marcaram presenta ao lado da

coya que se abria no cemitério, de onde se via o mar.

- Mummy, disse Afonso, num inglés fluente que usava apenas com ela -, mummy, a Maud foi para o céu, o céu das estrelas que D. Lopo nos ensinou? Mas ela náo nos disse adeus. .

Philippa lembrou-se de que Elisabeth náo era maior quando a máe morrera em Bolingbroke, e como protestara por ela ter partido sem se despedir. A história repetia-se, mas felizmente ela estava por perto.

Segurando-o ao colo, apesar de a barriga já o tornar difícil, murmurou-lhe ao ouvido:

- A Maud pediu-me para te dizer que náo teve tempo de ir ao quarto de brinquedos explicar-te que se la embora para ao pé de Deus, mas deixou-te este presente que era dela porque gostava muito, muito, de ti. E

estendeu-lhe o pequeno crucifixo que a ama tinha entre as máos ao morrer, e que decidira guardar como recordacáo.

Afonso olhou o objecto com reveréncia, e pegando nele enfiou-o no bolso do manto.

- Agora é meu. Agora a Maud é minha!

E virando-se para a máe, sorriu-lhe. A máe responden com um sorriso idéntico:

- Sim, Afonso, a Maud continua nossa. Como sempre foi.

Recordava-se da cena com ternura, e sem querer, urnas lágrimas teimosas correram-lhe pela cara: Maud fazia-lhe falta todos os dias, a todas as horas, mas

náo podia deixar de estar grata que o Senhor a tivesse levado no sono, sem sofrimento. Escrevera ao abade do mosteiro de Celanova, aquele que tanto tinha impressionado a pobre ama, e pedira-lhe que rezasse dez missas por ela. Mandava também um «dote» para que no mosteiro beneditino fosse aberto um pequenino altar para Maud - a ama dissera sempre que se um dia deixasse a sua menina, era ali que quería descansar em paz, e Philippa sentia-se bem em, de certa forma, tornar possível aquele desejo.

Recebera também cartas de Elisabeth e Henry, os seus outros

«meninos», recebera cartas de Katherine, e até do pai John, que aproveitava, naquela sua maneira prática, para a informar de que devia rapidamente falar com Catalina e oferecer-lhe todo o seu apoio, porque Constanza também acabara de morrer. «Na solidáo de um castelo perdido, sem que eu, seu marido, estivesse perto», esquecera-se de acrescentar,

mas era fácil depreender pelo pouco que contava. A felicidade de John of Gaunt em se ver livre de um laco criado num momento de ambicáo era patente, mesmo no tom formal da carta, e Philippa imaginava que Katherine encarasse este «desaparecimento» com um imenso alívio.

Curiosamente, Philippa sentia-o também assim: conhecera e reconhecera na relacáo entre o pai e a amante um amor completamente diferente daquele que parecia unir a maioria dos casais que a rodeavam, e magoava-a que para o viverem tivessem de pisar a dignidade da pobre Constanza, que náo fizera nada para merecer aquele destino. Agora estavam todos livres, pensou, enquanto pegava numa caneta para mandar uma mensagem rápida a Catalina. Náo se esquecia de que a rainha de Castela náo tinha agora mais ninguém no mundo excepto esta batelada de meios-irmáos, os Beaufort de Katherine incluídos, que lhe diziam pouco, e um pai a quem se recusaria a dirigir a palavra quando percebesse (se ainda náo tinha percebido) que estava novamente ligado á mulher que involuntariamente tanto fizera sofrer a máe.

Esquecia-se de que Catalina era uma menina mimada, demasiado concentrada no reino que tinha para governar, e no menino-marido que era preciso vergar ás suas vontades, para se dar ao luxo de perder demasiado tempo em lutos. Mesmo com o da sua máe.

V

Casa do Infante, Porto, 20 de Fevereiro de 1394

oltar ao Porto provocava-lhe uma comocáo enorme, sete anos depois de ali ter casado, naquele mesuro més. Olhava para o paco episcopal, para o convento de S. Francisco, para a Sé Catedral, para a Ribeira, os barcos no rio, as pessoas que saíam novamente á rua para a saudar, e sentia uma imensa confusáo de sentimentos. Aqueles Tongos e intensos anos deixavam-na segura do seu lugar como rainha de Portugal, e atravessava as portas da cidade com um imenso orgulho na sua fertilidade e, sobretudo, nos varóes que dela resultavam e que faziam virar os olhos do poyo enquanto lhes acenavam, direitos nos seus pequenos poldros. Por outro, reconhecia que era como se ali estivesse pela primeira vez, porque já pouco restava em si da Philippa insegura e nervosa, com medo de náo ser amada e aceite, que ali estivera há tantos anos. Essa tinha sido Philippa, esta era decididamente Filipa. Mas por outro, era impossível escapar á nostalgia que aquele tempo lhe causava - ganhara muito, mas perdera outro tanto, Elisabeth, Blanche, Thomas, John, Maud e até Constanza. . para náo falar na pequenina Branca.

A sua barriga proeminente recebia palmas e flores das mulheres que enchiam os passeios, gente bem mais forte e efusiva, mais convicta do que aquela que acorria ás vielas de Lisboa. Uma mulher que tinha dado á luz quatro filhos e esperava o quinto era uma heroína, independentemente de usar ou náo coroa, pensou a rir.

Joáo decidira comprar-lhe uma casa, uma casa mesuro, e Philippa ficou feliz com a ideia de que iría ser dona de um território so seu, livre dos rituais enfadonhos da corte, agora que a única coisa que que ria era ver este bebé nascer com saúde. . e olhar para os outros brincar e aprender no sossego de um quarto de brinquedos.

Den um grito de felicidade, quando viu á porta da casa D. Lancarote, o seu Lancelot como sempre insistira em chamar-lhe. O primaz de Braga retribiu-lhe o sorriso rasgado, mas apontou discretamente - com a sua grata costumeira - para um homem gordinho e rechonchudo, com uma mitra táo ricamente decorada que encadeava os olhos. Era como se lhe dissesse: «Já falamos, mas náo se esqueca do protocolo, e este senhor é o

novo bispo do Porto, e convém pelo menos fingir uma profunda satisfacáo em conhecé-lo.» Philippa, divertida, obedeceu-lhe o melhor que soube, e conquistou logo ali o coracáo do príncipe da cidade, com histórias do maravilhoso acolhimento que tivera no seu náo menos espantoso paco, digno de rivalizar com todos os pacos que conhecera desde aí. Puxado o lustro ao senhor, estendeu então a máo para um caloroso encontro com Lancarote, que depois de a beijar, pediu para conhecer e abencoar os seus filhos. Philippa adorou o pretexto e arrastou-o para aquele que D. Brites -

que preparara tudo para a sua chegada - lhe indicou como sendo o quarto de brinquedos.

D. Lancarote ajoelhou-se para Picará altura dos trés infantes, e pediu, com toda a solenidade, que cada um dissesse o seu nome e idade.

- En son Afonso - disse-lhe o mais velho, estendo-lhe a máo e olhando-o nos olhos, os olhos azuis da máe, francos e abertos.

Lancarote tomou-se de amores por ele, e perguntou-lhe divertido:

- Prazer em conhecé-lo D. Afonso. E que idade tem?

- Tenho quatro anos e meio, D. Lancelot - responden e o bispo den um salto, porque pensando bem nunca se apresentara. .

- Como é que sabes o meu nome? - perguntou, ao ouvir o nome que só Philippa gostava de lhe chamar como se fosse o cavaleiro da Távola Redonda.

- Porque o reconheci das histórias que a senhora minha máe me contou, e lembrei-me que o meu pai me disse que tinha combatido com ele em Aljubarrota e era um grande soldado. .

D. Lancarote baixou a cabeca, comovido:

- Deus deu-vos bons pais, D. Afonso. .

Mas Duarte náo aguentava tanto tempo de anonimato, e lancou-se para os joelhos do bispo, que se sentara numa cadeira que as amas tinham puxado para junto de si:

- En son D. Eduarte, podes-me chamar Duarte, disse o mais pequenino.

- Prazer, D. Duarte - disse o bispo estendendo-lhe também a ele a máo, que a crianca beijou com imensa dignidade.

- Tenho tres anos e meio - acrescentou o infante, antes que lho perguntassem. E numa voz ofegante pela vontade de dizer tudo antes que



o irmáo mais velho o interrompesse acrescentou «e este é o infante D.

Pedro, mas só val fazer dois anos no Natal, e por isso náo sabe dizer muita coisa. .»

Mas o bebé da família náo quería ficar de fora da cena, e numa algaraviada incompreensível quis também ele trepar para cima do bispo, apesar dos esforcos da ama para o impedir.

Philippa assistia a tudo, encostada á ombreira da porta, num daqueles momentos de felicidade pura em que todos os elementos do cosmo se pareciam juntar num único momento que a fazia sentir a mulher mais sortuda e realizada do universo.

A estatueta de Nossa Senhora do ó, que nunca saía dos aposentos da rainha, vinha embrulhada em palha e guardada numa caixa de madeira, para que náo se estragasse ou partisse. Mas nnguém parecia saber em que arca fora colocada, e Philippa andava de sala em sala da nova casa, a vasculhar tudo. Nervosa, a barriga quase náo a deixando mexer-se, falava num tom invulgarmente ríspido com as criadas que, assustadas, se esforcavam por a ajudar.

Quando viu entrar Ricardo, o escudeiro, Philippa nem hesitou:

- D. Ricardo - disse-lhe, e o adolescente corou até á raiz dos cabelos.

- Sim, Majestade.

- Ajudar uma dama aflita é missáo para um cavaleiro, náo é? - perguntou a rainha.

- Ainda náo fui armado tal - respondeu-lhe timidamente o rapaz que a admirava

há tantos anos em silencio -, mas se a puder ajudar - acrescentou imediatamente.

- Ninguém sabe onde está empacotada a estátua da Senhora do ó que o meu marido me den, e a minha última esperanca reside naquela arca imensa que está ali por cima daquele armário. Chegas lá?

Ricardo sorriu e Philippa, esquecida do seu mau humor, correspondeu ao sorriso:

- Se passares estas provas, depois vais ajudar D. Lopo a educar os meus rapazes, que bem podem aprender com a tua lealdade e dedica cáo, que te

vejo sempre discreto e disponível desde que nos encontrámos pela primeira vez em Moncáo, lembras-te?

Ricardo, inflamado de orgulho, conseguiu apenas baixar ligeiramente a cabeca, para segundos depois saltar ágil pelas prateleiras acima e com a ajuda das duas criaditas fazer baixar a enorme arca que alguém tinha deixado naquele lugar inatingível.

Philippa precipitou-se sobre a tampa, ansiosa, e a primeira coisa que viu guando a abriu, foi a caixinha de madeira da «sua» Nossa Senhora, protectora de todos os partos que tivera até hoje. E hoje era Quarta-feira de Cinzas, o que, segundo a criada de quarto lhe tinha dito era um dia agoirento para nascer uma crianca. Philippa benzeu-se mal a mulher virou costas, e talvez tivessem sido aquelas palavras que desencadearam aquele ataque de ansiedade: o bebé estava a nascer, e só a Senhora do ó lhe podía dar as forras de que precisava para mais um parto longo e penoso.

Philippa agradeceu efusivamente ao escudeiro-cavaleiro:

- Quero ser a tua madrinha, náo te esquecas de me dizer quando a cerimónia estiver marcada - disse-lhe com um afago nos cabelos, que fizeram corar do mais profundo vermelho o pobre do miúdo.

E desaparecen lenta e pesada pela porta, deixando um Ricardo a sonhar com Guinevere, a heroína da Távola Redonda.

Se o bebé nasceu naquele dia de 4 de Marco de 1394, em consequéncia da busca pela Virgem perdida, ou porque Philippa pressentia que o momento chegara, ninguém pode dizer, mas depois de uma gravidez agitada, o parto foi longo e

complicado. O bebé estava numa posicáo difícil e era maior e mais pesado do que os seus irmáos mais velhos. As gémeas suaram em bica e decidiram a certa altura deitar para trás das costas o seu orgulho e mandar chamar a comadre Angelina, conhecida na cidade como tendo máos de ouro. Mulher de um pescador, era ela que assistia as senhoras nobres da cidade, mas nunca recusara por isso ajudar a vir ao mundo o filho fosse de quem fosse, e até as mulheres que ganhavam a vida com o corpo lhe vinham pedir os seus favores. Com ela trouxe ungentos novos e uns óleos que facilitavam a descida da crianca, e a verdade é que a partir do momento em que entrou na sala tudo se desenrolou mais depressa e com mais calma. Angelina era uma personagem, conseguiu ainda pensar a rainha, enquanto se esforcava por obedecer ás suas ordens.

Quando D. Brites insistia que a mulher usasse um trato mais reverencial para falar com a rainha, Angelina apenas respondia com um «Se ando aqui com majestades, nunca mais fato o servico, e máe e filho ainda váo desta para melhor». Philippa acabara por, entre duas contraccóes, ordenar ás suas mulheres que se deixassem de protocolos, que como Angelina dizia, o importante mesmo era fazer nascer a crianca.

A comadre olhou-a com outro respeito depois daquelas palavras, para logo a seguir ordenar:

- E a senhora, náo grita? Como quer que a crianca nasca se náo grita?

Náo vé que o menino precisa de ouvir a voz da máe para nascer? Ó

mulher, grite lá, que se náo grita daqui a pouco estoura.

Philippa, para espanto de D. Brites, de Teresa e das damas a quem era permitida a estadia no quarto, gritou. E sentiu um alívio imenso naquele gemido, que parecia encher-lhe a cabeca, adormecendo-a e levando-a para longe dali, para as suas conversas com Chaucer, para as máos de Maud no seu cabelo, para os passos da máe que lhe vinha dizer boa noite.

- É um rapaz, é um rapaz - anunciou Perpétua, e os olhares de todos viraram-se admirativos para a rainha. A idade náo só náo lhe roubara a fertilidade, como ainda a fizera máe de quatro rapazes de seguida, todos robustos e saudáveis, tudo o que uma casa real podia desejar.

- Déem-me o Henry, déem-me o bebé Henry - disse Philippa em solucos,

estendendo as máos para a parteira. Este podia, finalmente, receber o nome que sempre quisera dar a um filho, Henry, como o do seu irmáo, como lhe prometera em Leicester, naquele Dezembro de há tantos anos, em que a neve cobria o jardim do paco e os dois se tinham encontrado junto ao rio.

- Henrique? Henrique será! - dissera Joáo, quando D. Mécia Lourenco, a ama-de-leite escolhida por D. Brites, que na auséncia de Maud Picara responsável pela seleccáo, lhe transmitira o nome que a máe lhe dera.

Era a vez de D. Filipa escolher o nome, isso sabia ele, mas Henrique?

Agora já percebia por que é que a rainha se esquivara sempre a responder-lhe guando perguntava se já sabia o nome que la dar ao bebé se fosse rapaz. Por medo do seu protesto, está bom de ver. Richard, que era o rei de Inglaterra, e as lutas e intrigas constantes com Henry of Bolingbroke, o irmáo querido da sua mulher, indicavam que o monarca inglés ficaria tudo menos satisfeito ao saber que mesmo lá longe, em

Portugal, um infante fora baptizado com o nome do tio, o seu mais perigoso rival.

Joáo encolheu os ombros. É verdade que o auxílio de Richard, que assinara com ele o Tratado de Windsor, era precioso, e náo quería parecer-lhe ingrato, mas talvez estivesse a imaginar coisas e o rei inglés achasse mais que natural aquela escolha - afinal, Filipa podia sempre alegar que lhe chamava assim em homenagem ao seu avó, Henry of Lancaster, o primeiro daquela casa. De qualquer maneira, talvez Richard já nem sequer desse por mais este nascimento, cansado que estava com certeza de receber de Portugal mensagem a dizer que nascera. . mais um.

Henrique seria, e nascido nesta cidade do Porto, era preciso que o seu baptizado fosse uma cerimónia oficial e servisse para colmatar todas as ausancias do rei, que há sete anos náo voltara a homenageá-la. Joáo chamou Lourenco, o sempre prestável Lourenco, e nomeou-o, com a parceria da mulher, D. Teresa, organizadores da festa. Que náo se olhasse a gastos, as tréguas com Castela garantiam alguma folga aos cofres. Mas o dinheiro náo era o maior dos obstáculos - antes dele estava a data, 8 de Marco, apenas tras dias para todos os preparos. Mas Philippa, horrorizada com a ideia de que o seu filho pudesse morrer sem o santo baptismo pairando para sempre num limbo sinistro, tivera já dificuldade em aceitar que a cerimónia náo fosse imediata, quanto mais adiamentos.

Deitada ainda na cama, os reposteiros puxados para náo deixar entrar a luz, Philippa fechava os olhos com forra para ouvir com mais intensidade todos os sinos da cidade que repicavam simultaneamente. Tocavam pelo seu filho, Henry. Henrique, que Deus seja louvado, estava finalmente a receber o Santo Baptismo na Sé Catedral, onde os pais tinham casado, rodeado por todos os «grandes» de Portugal, que dobravam o joelho em sua homenagem. E ao pensar no seu bebé, que ainda há poucas horas estava aninhado no seu colo, vestido no fato de renda de Bruxelas em que já os seus irmáos tinham sido levados á igreja, sentiu uma certeza, que nada tinha de supersticáo: nascera numa Quarta-feira de Cinzas, era verdade, mas bastava olhar para aquele bebé robusto, pronto a gritar mal tinha fome, os olhos escuros mas com uma forra imensa, para perceber que o infante tinha uma vontade de ferro.

«Pode náo ser ruivo como o meu irmáo, mas vais ver que terá a sua determinacáo. E o encanto. Val fazer grandes coisas», dissera Philippa a Joáo, quando o rei lhe viera contar os pormenores da festa.

- Antes dele ter idade para provar a tua profecia as grandes revolucóes váo Picar por conta do tio, pelo que lelo - dissera-lhe Joáo estendendo-lhe a carta com o selo dos Lancaster. Philippa respirou fundo. A carta era do pai, mas dirigida ao seu marido, o que raramente acontecia. John of Gaunt pedia ao genro que, dado o estado de gravidez da mulher, lhe desse o documento a ver apenas depois do parto, e se tudo tivesse corrido bem. De facto o relato era perturbador: o rei Richard considerara que Henry, o seu irmáo, tinha conspirado contra ele e mandara-o partir para um exílio de dez anos, deixando a mulher e os filhos em Inglaterra. Henry partira, mas so depois de o rei inglés ter prometido náo lhe

confiscar os bens, que ficariam á guarda do seu pai e da sua mulher. . promessa que John confessava ao genro ter muito medo que o monarca depressa esquecesse.

Philippa conhecia Richard desde crianca, aquela inseguranca de um segundo filho subitamente promovido a herdeiro, e depois a rei ainda menino, e também teve medo. Teria de escrever ao irmáo a recomendar-lhe todo o cuidado. Mas sabia que a aflicáo do pai náo era, na realidade, mais do que um desejo escondido de que o seu filho muito amado tivesse a coragem de um dia levantar a espada e lutar por um trono que se náo lhe pertencia por direito, era seu por mérito.

- O meu pai náo se contenta com duas filhas rainhas. . precisa que o filho seja coroado para colmatar o vazio imenso que sentiu sempre sobre a sua própria cabeca - suspirou preocupada Philippa.

Joáo passou-lhe a máo pelos cabelos e Philippa deixou-se embalar por aquela máo desfiando-lhe os cabelos, e adormeceu. Agora, ao recordar tudo isto, os sinos ainda ao longe, voltou a fechar os olhos - daqui a pouco voltariam todos e teriam muito para lhe contar.

Q

Alcácova de Lisboa, 16 de Janeiro de 1396

uando Philippa recebeu a carta, nem quería acreditar: Katherine dava-lhe a notícia com que sonhava há mais de vinte anos, que nunca acreditara vir a realizar-se: John casara com ela! Casara pela Igreja, com a béncáo de Deus, com a mulher que amava perdidamente há décadas.

Calara com um gesto corajoso e decisivo toda a maledicéncia contra a

«amante», fazendo dela a sua mulher legítima. Indiferente á sua origem inferior, indiferente ao facto de já estarem os dois velhos, indiferente ao que diriam dele. Juntos tinham ultrapassado a longa separacáo, os desentendimentos e as feridas profundas abertas no coracáo um do outro, provando que o amor que Chaucer cantava nos seus poemas era verdadeiro. Existia. Como o seu e o de Joáo. Finalmente, podia chamar-lhe máe, deixando para trás pesadelos de almas

penadas em purgatórios ou a caminho do interno. O pai e Katherine, eram marido e mulher. Comovida, precipitou-se para a sua mesa de trabalho, e escreveu: Minha muito querida Katherine o f Lancaster

Nem imagina a felicidade que me deu poder enderecar assim a carta, querida Katherine. Katherine o f Lancaster, a minha melhor amiga, finalmente aos olhos de Deus, mulher legítima do meu pai. Katherine, hoje posso-lhe chamar madrasta, mas madrasta boa, exemplo de uma mulher que soube renunciar ao amor quando assim foi preciso, para fielmente o retomar de consciencia tranquila, como prémio da sua virtude.

Se¡ que náo me reconhece nesta carta. Con fesso que habitualmente nao me é nada fácil abrir o coracáo e contar o que me va¡ na alma. Mas, Katherine, quantos anos de sofrimento, seu e meu, que temia a cada minuto ve-la arder nas chamas do Inferno sem conseguir acreditar, no entanto, que por muito que transgredissem as leis da Igreja, Deus alguma vez vos pudesse remeter para tal sitio.

De certa maneira achava que a Katherine tinha recebido a béncao da minha mae, e a minha mae só tinha um grande desejo na vida - ver o rneu pai feliz. Tenho a certeza que nesse dia 13, na catedral de Lincoln, ela tarnbérn esteve presente.

Aproveitem bem os anos que tem pela frente, e obrigue o meu pai a tratar de si, do John, do Henry, do Tamkin e da Joan, como voces merecem.

Con fesso que me dá um gozo enorme, e uma vontade de rir imensa, pensar no que essas presuncosas damas inglesas váo sentir quando tiverem de lhe beijar a mao como a mulher mais importante de Inglaterra, agora que Richard ficou viúvo. Mantenha, por favor, o seu sorriso trocista ao canto da boca!

Já nao sou a Philippa que conheceu, já aprendi corra a corte portuguesa, que apesar de tudo é bem mais benigna do que essa, que nao podemos agradar a todos. É por isso que o mote que escolhi e sigo todos os dias, é

«Talant de bien faire».

Katherine, gostava tanto que agora pudessem cá vir os dois! A Elisabeth diz-me que o pai está mais fraco, mais frágil, é difícil imaginá-lo assim, mas os anos passaram e as desilusóes apresentam sempre a conta. Mas se pudessem, Katherine, se pudessem. .

Como gostava que ficassem connosco no paco de Sintra, que remodelámos e tanto me lembra os tempos que passámos de volta dos arquitectos e dos artesáos em Kenilworth, que tem a vista mais deslumbrante que alguma vez vi para uma Berra cujo topo está marcado por um imponente castelo mouro. Guando o céu está azul, de um azul que náo existe em mais lugar nenhum, vemos lá ao fundo o mar. .

Dava tudo para que entrasse na nursery dos meus rapazes. la recuar no tempo: Afonso, Duarte, Pedro e Henrique, táo parecidos com os «nossos», inseparáveis, mas sempre á luta. No outro dia, num acesso de nostalgia, fui com eles para o jardim e ordene¡ aos mocos das cavalaricas que os ajudassem a fazer uma casa na árvore, num carvalho imenso, muito parecido com aquele em que os manos fizeram a deles, lembra-se? Conto-lhe imensas histórias da minha infáncia, encho-lhes a cabeca com os feitos do pai e dos avós Edward e Henry. Explico-lhes como o nosso coracáo se apertava de medo ao ve-los par tir, o pó da estrada a levantar-se á passagem dos seus exércitos, mas como sentíamos orgulho na coragem de defenderem urna causa corra a sua espada, e tantas vezes a sua vida. .

Falo-lhe das nossas aulas, Katherine, de como me ensinou a ler, de como aprendi a reconhecer as estrelas e as constelacóes, e Friar John e Chaucer me encheram os ouvidos de ciéncias, matemáticas e astrología. O astrolábio que o seu cunhado Chaucer me deu viaja sempre connosco e é solenemente colocado em cima da pedra da lareira, como sinal de que

Deus é patrono do conhecimento, e que um infante só é digno desse nome se puser a sua inteligéncia ao servico da sabedoria. Felizmente, D. Lopo é um digno sucessor dos meus próprios mestres, e apesar de a principio ter ficado um pouco aflito por ser a rainha a definir com ele o conteúdo das licóes dos infantes, e o seu ritmo de trabalho, julgo que se sintonizou com a minha maneira de pensar. Noto que já nao o preocupa que eu entre e saia durante as suas aulas, e vá dando uns palpites.

Tenho que confessar que tive imensa sorte, porque o meu marido Joao é um pai excelente - diverte-se com os filhos, deixa-os montar-lhe as cavalitas, ensina-os a manejar a espada, e nunca se esquece de lhes incutir o amor por Deus e pela Virgem, que muito venera. É um pai muito mais afectuoso e presente do que o pai John alguma vez foi para algum de nós, mas os modos portugueses de mostrar afecto e atencao sao infinitamente mais efusivos do que os nossos. Para

lhe dizer a verdade nao me sinto ainda totalmente á vontade com estas demonstracóes, nem se¡ se alguma vez me sentirei, excepto no que diz respeito aos meus filhos, que beijo e ponho ao colo com uma facilidade que talvez tenha aprendido consigo.

Tente por favor convencer o pai a vir até cá. . senao terei eu que ir al - ás vezes sonho com isso, mas por agora sou incapaz de deixar os meus meninos ao cuidado seja de quem for. E a Maud faz-me uma falta. .

Da sua enteada,

Philippa of Portugal

P

Convento de S. Francisco, Évora, 8 de Janeiro de 1397

hilippa gostava do Alentejo. Já de há alguns anos para cá que João insistia que a família passasse os invernos por aqueles lados, e apesar do rigor do frio durante a noite, a rainha achava a vista desafogada e o céu azul, mesmo quando era de um azul de gelo, repousante. O poyo dali era firme e fino, dizia o rei, e era áquela gente que devia a coroa. Sem a fanfarronice dos nobres do norte, presos a Castela e ao poder, os alentejanos - jurava o rei - estavam dispostos a lutar junto de quem defendesse princípios que consideravam justos, independentemente de se ter nascido, ou náo, em berro de ouro. Náo lhes fizera a menor confusáo aclamá-lo Mestre de Avis, e o mestre, por seu lado, trouxera para aquelas terras a sua corte e os seus homens de máo. Em agradecimento a Nuno Álvares doara-lhe propriedades sem fim, e o Condestável instalara a sua base na Flor da Rosa, mas mandara construir ou reconstruir muitos outros conventos, ermidas e casas senhoriais, distribuindo ele próprio benesses. A tal ponto que João sentira mesmo uma ponta de inveja e Philippa lembrava-se bem de o ouvir murmurar vezes sem conta, entre dentes, que já náo se sabia quem era o senhor e quem era o vassalo. Recordava-se também que fora ela, incitada pela conversa do velhinho João das Regras, que o aconselhara a travar a generosidade de Nuno Álvares, que no final das contas trocava estas benfeitorias por um compromisso de vassalagem.

Recordava-se de uma conversa que tinham tido, já aqui em Évora, dois dias

depois do Natal:

- Náo tenho dúvidas nenhumas que o Nuno é ímpar a recrutar homens para as suas guerras, e que se náo fosse ele Portugal náo seria um reino independente, mas. ., dissera Joáo, as botas assentes na cerca de metal que rodeava o grande fogáo de sala da ala do convento de S. Francisco que a família real tomava sempre que descia á cidade.

- Mas. . a verdade é que já o recompensaste de mil maneiras - a tua parte do acordo está cumprida. O que te incomoda é que em lugar de parecer grato, ele empina aquele seu nariz, como se respondesse apenas directamente a Deus, e age como um reí.



Joáo moveu-se inconfortável na cadeira. Philippa náo era uma mulher de intrigas, mas o rei, desde o espisódio de Fernando Afonso, temia voltar a perder a cabeca. E sabia que Philippa, de forma sempre aberta e directa, mas por isso mesmo poderosa, era capaz de lhe plantar na cabeca a semente da desconfianca. Náo quería, de maneira nenhuma, virar-se contra Nuno Álvares.

- Nuno Álvares só serve Deus! Aliás como tu! - atirou-lhe o rei com uma ponta de irritacáo pela plena consciéncia de que Filipa objectivamente mandava nele.

Philippa estava bem-disposta, e disse com ar trocista:

- Senhor meu amo, de mim náo tendes nada a temer.

- Mas do Nuno tenho, é o que queres dizer?

- Joáo, en vivi num país de víboras, cm que a política e a luta pelo poder eram uma constante, e as cabecas rolavam dos corpos mais insuspeitos.

Longe de mim se quero um clima assim para Portugal. Mas o rei és tu, e mesmo que náo o faca por mal, Nuno Álvares coloca-se, ostensivamente, como um poder paralelo. . Age segundo as suas próprias regras, construindo um pequeno Estado, dentro do Estado, e até te digo que é de louvar a justita com que trata quem o serve. Mas náo pode ter vassalos, só os reis os podem ter, nem pode distribuir as terras que lhe deste cm troca dessa vassalagem. É só isso que, com

toda a calma, lhe deves dizer.

Joáo prometera a si mesmo que o faria já no dia seguinte, antes do ano novo. A conversa entre os dois náo foi simpática, mas o rei, sabendo que

«perder» a discussáo aqui lhe ganharia outra em casa, foi firme.

Confiscaría todas as terras que Nuno Álvares oferecesse e proibia-o expressamente de ter vassalos. Por sentir que Joáo tinha razáo, por náo desejar conflitos ou porque tinha outros planos para a sua vida, a verdade é que o condestável concordou. E Joáo suspirou de alívio.

As mulheres da sua casa já tinham há muito desistido de insistir com a rainha para que ficasse quieta e sossegada. Uma mulher de trinta e sete anos, grávida pela sexta vez, devia estar deitada, dizia o médico da Universidade de Évora que D. Brites achara por bem chamar para acompanhar estes últimos meses da gestacáo. As gémeas parteiras,

presentes na sala quando o ilustre físico viera examinar a senhora, deitavam olhares furibundos a uma D. Brites que acusavam de desconfiar da sua competéncia. E foram elas que, com o desplante com que a natureza as baptizara e os anos passados a exercer um cargo como este tratara de afinar, fizeram frente ao clínico:

- Esta senhora náo é dessas. Monta a cavalo, caca, pega nos meninos ao colo, sal com eles para a rua. . e náo quer nada com a cama, que só amolece as carnes e rouba a energia no momento de dar á luz. Por isso, o doutor que náo recomende nada disso, que Sua Majestade em partos já tem mais ensinamentos do que o senhor alguma vez vai ter. .

Philippa, chela de vontade de rir, teve de esconder o divertimento, franzir o sobrolho e mandar calar as raparigas, para logo depois se voltar educadamente para o médico, sossegando-o:

- O senhor desculpe a má educacáo destas comadres, mas a verdade é mesmo essa: gosto de andar a pé enquanto posso. O corpo mexe-se e a cabeca náo se entrega a melancolias. .

O homem da ciéncia náo estava, decididamente, disposto a discutir com a rainha, e tinha que reconhecer que a senhora náo parecía nada perturbada, apesar do

adiantado do seu tempo. E de facto, aquelas megeras atrevidas tinham alguma razáo: se se desenvencilhara com sucesso de cinco partos anteriores devia, de facto, estar bem entregue.

Philippa, estimulada pela conversa, decidiu que náo era tarde nem era cedo. O dia de Inverno estava frio, mas lindo, e os campos enchiam-se de verde, entremeado de «azedas», aquelas flores amarelas que vira os miúdos do campo a chupar, e Joáo lhe dissera que protegiam das constipacóes e das doencas. Da janela do seu quarto no torreáo conseguia olhar por cima das muralhas da cidade - gostava da dimensáo de Évora, toda branca e caiada, muito mais limpa do que Lisboa ou o Porto - e divertia-se a observar os rebanhos a pastar alegremente.

Ordenou a uma D. Brites, ligeiramente amuada pela falta de apreso demonstrado pela vinda do ilustre clínico, que recomendasse ás amas dos meninos que os agasalhassem bem, porque iam passear. Quería que o cavaleiro Ricardo (de quem fora madrinha, como prometido!) os acompanhasse e a carruagem maior estivesse pronta.

Quando desceu para a porta da entrada, ouviu solucos e gritos. Uma cena daquelas só podia ser da autoria do seu primogénito, que

habitualmente terno e sossegado, era acometido de fúrias quando contrariado, tal e qual o seu meio-irmáo com o mesmo nome. E talvez fossse por fazer essa associacáo, e por saber que estava a educar o príncipe herdeiro, que era muito mais firme com ele do que com os outros.

- Afonso, que gritaría é esta? - disse numa voz alterada.

Ao vé-la descer as escadas, Afonso precipitou-se para ela e agarrando-se ás saias, choramingou:

- O Ricardo náo me deixa levar o meu cavalo, diz que a mummy nos obriga a ir todos juntos na carruagem.

- E diz bem - responden Philippa, afastando-o de si, e sacudindo-o ligeiramente:

- Afonso, és um infante de Portugal, náo um menino da rua, a chorar porque náo pode fazer o que quer.

As palavras surtiram efeito, sobretudo porque aquele tom da máe já ele o

conhecia de sobejo e náo dava grande espato de manobra. Com os seus sete anos sabia bem que era o herdeiro, e era esse peso constante que ás vezes o tornava táo nervoso e irritadico, alternando entre o medo e o desejo de um día vir a ocupar o lugar do pai, que tanto admirava.

- Mas mummy, en já tenho sete anos, náo posso andar de carruagem, com os bebés dos manos todos. .

E curiosamente, constatou Philippa, náo foi Duarte que saiu á lita, como lhe competia, ou náo fosse o segundo, só um ano mais novo, mas sim Pedro, sempre pronto a dar o corpo ao manifesto:

- Nós náo somos assim táo mais pequenos do que tu, e en até monto melhor - disse o Pedro. .

Duarte apressou-se entáo, finalmente, a sair do seu canto junto á porta, e a pedir paz:

- Olhem para a Mummy. Acham que ela com aquela barriga toda está para os ouvir a discutirá volta dela? Vocés náo sabem que os cavaleiros devem defender as senhoras, náo matá-las com perguntas cretinas?

E dizendo isto chegou-se mais próximo da máe e beijou-lhe a máo.

Querido Duarte, sempre táo suave e desejoso de agradar. Odiava conflitos e via-se que ficava mais pálido quando era apanhado a meio de uma briga. Ainda bem que náo era o herdeiro, pensou Philippa, porque

tomar decisóes a favor de uns e contra outros, trucidar-lhe-ia a alma sensível e, no entanto, um reí tinha de passar o tempo a dividir para reinar. .

Quem náo podía ser mais diferente, era Henrique, preso pela máo da meia-irmá Beatriz, que apesar de adolescente continuava a adorar fazer de segunda máe deste bando de rapazinhos irmáos. Se os tras anos náo lhe permitiam competir com discursos, Henrique náo se coibia um segundo de entrar em conflito usando os dentes e os pés. Pressentindo que o inimigo da máe, naquele momento, era Afonso, escapou-se da guarda da irmá e tentou dar uns pontapés bem dados ao irmáo mais velho, que furioso o levantou e o virou de cabeca para baixo!

Ricardo veio salvar a situacáo. Os seus olhos sempre chelos de admiracáo por

Philippa, por quem faria tudo para lhe evitar qualquer dor ou sofrimento. E por isso lancou o desafio:

- Se puserem os carapucos e as samarras, levo-os na carruagem descoberta, que é quase o mesmo que ir a cavalo. . e Sua Alteza pode ir sossegada numa outra, aquecida com o braseiro, e leva consigo o pequenino Henrique.

Mas nem Henrique quería um tratamento menor, mesmo que mais confortável, nem sequer Philippa o desejava, pois estava ansiosa por respirar o ar frio cortante, que sempre fora, para ela, sinónimo de liberdade.

Partiram todos juntos, passaram por baixo do arco norte, e entre acenos dos homens que trabalhavam os campos e das mulheres que recolhiam lenha, foram passeando pelos caminhos que levavam ao rebanho que Duarte fora o primeiro a ver lá ao longe. Mas quando chegaram mais perto, o que os atraiu foi um acampamento de ciganos, que ao som da caravana real, saíram das tendas e das carrocas, para rodear a comitiva da rainha, máo estendida, na esperanca de umas moedas. .

Uma mulher nova, envolta em panos pretos, nos bracos um bebé loiro com uns olhos azuis que sobressaíam como faróis na sua pele tisnada, aproximou-se da rainha jurando, numa voz estridente, que tinha uma boa nova para lhe anunciar. Philippa estava fascinada, e pediu aos soldados que a deixassem passar.

A mulher fez-lhe uma pequena vénia e pediu-lhe numa língua que Philippa náo reconhecia como portugués corrente para lhe estender a máo.

E para seu espanto, a piedosa Philippa, por momentos esquecida do seu Livro de Horas e das ameacas de excomunháo para aqueles que fossem levados pela superstic̃áo, estendeu-lha. A mulher abriu-lhe um sorriso, que mostrava uns dentes podres, mas náo era por isso menos mágico, e lentamente - para que se fizesse entender - proclamou: «Amanhá mesmo dará á luz uma menina! »- E Philippa, sem se conter, o lábio a tremer, com a memoria da sua pequenina Branca, perguntou: «E nascerá com saúde?»

Duarte, apesar dos seus seis anos, la dizer á máe que o futuro a Deus pertencia, como ela lhe tinha ensinado, mas Afonso deu-lhe uma cotovelada forte: «Cala-te, deixa a máe fazer as perguntas que quiser, sossegada.» A cigana duplicou o seu sorriso encantador, e pronunciou alto: «Saúde e beleza terá a princesinha!» Mas o alívio da rainha, aquela sensacáo de felicidade suprema, foi de repente

tingido. A pacata da Beatriz, sempre disposta a colocar a felicidade dos outros antes da sua, abra~ou com forra um Afonso perplexo e disse á madrasta:

- Já chega, D. Filipa, vamos embora daqui!

Philippa reconheceu-lhe no olhar o medo que lhe vira pela primeira vez em Santarém, quando lhe tinha vindo dizer que uma cigana da vila lhes dissera que esperava um varáo. Lembrava-se que a irmá Blanche e a enteada Beatriz tinham parecido ligeiramente perturbadas, mas náo dera grande importáncia ao assunto. Recordava-se, agora, fora no exacto dia em que nascera Afonso, o mesmo que a enteada agora prendia nos bracos com forra, com se tivesse medo de o perder. .

Maquinalmente fechou a máo que ainda deixara na da cigana, estendeu-lhe uma moeda reluzente, conseguiu fazer-lhe um ligeiro sorriso de gratidáo, mas sentia a alma pesada e mandou o cocheiro apressar os cavalos. Sentia-a a rainha e sentia-a a cigana, que em lugar de tentar regatear mais um pouco de generosidade real, se benzeu e se afastou devagarinho.

- Desculpe, D. Filipa - murmurou numa voz trémula uma Beatriz cabisbaixa.

- Náo tens nada que pedir desculpa, Beatriz, pelo contrário. Náo sei o que me den para estender a máo a uma cigana, como se o futuro náo fosse pertenca de Deus, e en uma menina atrevida a tentar competir com ele -

responden a rainha.

- Véem como en tinha razáo? O futuro a Deus pertence náo é, máe? -

aproveitou logo para dizer, ufano, o leal conselheiro da família. Duarte, ele



mesmo.

Philippa e Beatriz trocaram um último olhar de dor, e depois deixaram-se levar pelo riso das criancas que trocavam do tom pomposo do irmáo e se distraíam já com as ovelhas a pastar.

A rainha pediu ao cocheiro que parasse de novo e disse alto: «Saiam todos e

corram até estarem cansados e prontos para ir para a cama dormir.»

João viera a galope quando lhe disseram que nascera urna rapariga.

Perguntara ansiosamente se estava bem, se era forte, e garantiram-lhe que sin, por isso galopava animado, o vento frio a trazer-lhe lágrimas aos olhos

- ou serian lágrimas de felicidade? Uma rapariga, que era tudo o que Philippa quería, e ele que poderia mais desejar, depois de quatro varóes a eito?

Quando entrou em Évora naquele dia 11 de Fevereiro de 1397, os sinos da Sé tocavam furiosamente, e de samarras, capas e agasalhos quentes o poyo descia á praca em frente do convento, ansioso por saber notícias. João escolheu entrar discretamente por uma porta de trás, mas depois náo resistiu a precipitar-se para a janela que dava para o terreiro e dar ele próprio a novidade: «Nasceu uma princesa. A princesa D. Isabel.» O poyo aclamou-o e ele foi-se deixando ficar, a olhar aquela gente que gritava o seu nome e o da sua família, gente que dependia dele, e a quem devia -

como Filipa lhe repetía todos os dias - proteccáo, de quem devia cuidar como um pai. Porque só para esse efeito é que detinha riqueza e poder.

Acenou mais urnas tantas vezes, e depois fechou devagarinho a janela e as portadas. Na ánsia de aparecer e de se consolar com as vozes do aplauso, nem sequer passara pelos aposentos da rainha, na ala sul do convento. Sabia que máe e filha estavam bem, mas era imperdoável que cedesse á tentacáo da vaidade, antes sequer de ter abrasado Filipa.

Encolheu os ombros - náo lhe apetecia nada naquele dia autopenitenciar-se.

Ouviu os gritos excitados dos filhos, que ensaiavam mais um torneio no enorme quarto de brinquedos, e decidiu que os la levar consigo nesta primeira visita: Philippa adoraría mostrar a infantazinha a estes matulóes.

As criancas precipitaran-se sobre ele, excitadas. Afonso media o pai com os olhos, e o cheiro a suor e a cavalo, as botas de montar chelas de lama, só o tornavam mais adorável.

- Quem é que quer ir ver a princesinha Isabel?

E os rapazes agarraran-se a ele ainda com mais forra, apesar dos protestos das amas.

- Então vamos combinar uma coisa. En vou lavar-me e mudar de roupa («ao menos isso», murmurou a ama de D. Henrique), e vocés váo lavar as máos e a cara porque náo podemos levar doencas ao bebé, e já volto para os vir buscar.

Philippa, empilhada sobre as almofadas, menos exausta do que nos últimos partos, porque o bebé era pequenino, sentia-se triunfante: uma filha, finalmente. Joáo sempre dissera que se chamaría Isabel, em homenagem á Rainha Santa, mas para Philippa a sua pequenina era uma Elisabeth, que esperava crescesse com a beleza e a garra da tia! Mas se já se sentia eufórica, mais eufórica ficou quando, para seu espanto, viu entrar pela porta - apesar dos protestes da dedicada D. Brites - Joáo, com os quatro infantes, de capas azuis-clarinhas e túnicas azuis-escuras, todos táo diferentes, mas todos táo seus, táo especiais, táo infinitamente amados, como nunca julgara que fosse possível amar.

Na presenta do pai, e conscientes de que qualquer passo em falso implicaria o seu regresso imediato ao quarto de brinquedos, estacaram muito direitos, por alturas, junto do leito real. O pai dissera-lhes que náo podiam tocar na máe nem na irmá, e por isso náo se lancaram em correrias loucas, nem tentaram saltar para cima da cama, nem sequer o tentou o pequenino Henrique - táo direito e digno como os seus irmáos mais velhos, que copiava pelo canto do olho.

A ama trouxe-lhes para lhes mostrar a pequenina Isabel, e Philippa desatou a rir:

- Pois é, meninos, os bebés sáo todos assim um bocado feios, náo é? E

náo fazem nada, só choram e comem. . Mas esta é a vossa irmá Isabel e como sabem. .

- Um verdadeiro cavaleiro dá a sua vida por uma mulher, sobretudo se ela for sua máe ou sua irmá - proferiu sentenciosamente Afonso, secundado por Duarte.

Joáo riu-se:

- Afonso, a tua máe enche-te a cabeca com os Cavaleiros da Távola Redonda, e D. Lopo náo lhe deve ficar atrás, mas sim, claro, todos vocés tém de tomar conta da vossa irmá pequenina.

- En náo fato o que ela mandar - disse Henrique, na sua voz ainda táo bebé.

- Isso é que vamos ver! - responden Joáo, pegando-lhe ao colo. «Olha aqui o pai, que é reí de Portugal. . só obedece á máe.»

E rindo de satisfacáo levou de volta o seu pequeno exército, que entregou rapidamente ás amas preocupadas, apressando-se a ir para o saláo onde pretendia celebrar o nascimento da filha em condicóes com os seus homens. Até porque a esta hora, as codornizes já deviam estar a assar. .

A

Paco de A-par de Sao Martinho, Lisboa, 10 de Fevereiro de 1399

cara do mensageiro náo deixava dúvidas de que o conteúdo da mesma náo era feliz. Philippa tomou-a com máos trémulas, e mandou sair o homem, as damas, os jograis e os tocadores de alaúde. Pressentia que náo quería que ali estivesse ninguém quando lesse o que tinha que ler.

Quando a sala estava vazia, partiu o lacre com as armas dos Lancaster e percorreu as linhas com os olhos, que se foram tornando húmidos:

«Minha querida lady Philippa,

o seu pai morreu no dia 3 de Fevereiro, eras Leiscester. Estive sempre ao seu lado. Recebeu os Santos Sacramentos e adormecen. Nao voltou a acordar. O coreo segue para Londres, onde dentro de um més decorrerao as exéquias do melhor horneras que Inglaterra já conheceu, e como era sua vontade será enterrado ao lado da sua mae, na basílica de St. Paul.

Lady Philippa, se¡ que é difícil pedir-lhe isto - mas se fosse possível cá estar nessa altura, eu seria urna viúva mais feliz. Temo que Elisabeth nao possa estar, porque o seu marido John está incompatibilizado com o reí Richard, e quanto ao seu irmáo Henry, só rezo para que nao cometa a loucura de quebrar o exilio e aparecer. . Escreva depressa, por favor, da sua sempre dedicada e leal,

Katherine o f Lancaster.»

Philippa levantou-se devagar, lancou a carta á lareira para que ficasse para

sempre só sua, e dirigiu-se para um dos banquinhos de pedra junto da janela do Paco de A-par de S. Martinho, um dos seus banquinhos de pedra, santuários de tantos desgostos, posto de meditacáo e oracáo. John of Gaunt, Duke of Lancaster morrera. Sem o título de Rei de Inglaterra, nem sequer o de Castela e Leáo, que tanto ambicionara. Mas morrera junto da mulher que mais amara, e embora o exílio do filho predilecto tivesse sido uma machadada profunda na sua auto-estima, a verdade é que se mantivera fiel ao sobrinho, a quem jurara lealdade. Era mais fácil dizer que morrera John of Gaunt do que proclamar-se órfá de pai, de um pai que admirara e odiara, amara e desprezara, que fora sempre fonte de sentimentos contraditórios. Mas Philippa, aos trinta e nove anos, náo se



iludia, acima de tudo o que tinha buscado era a sua admiradoo, aquela que parecia ir sempre para outra mulher. Mas naquele ano em que tudo acontecera, naquele ano em que deixara Inglaterra e viera para Portugal, conseguira, por momentos, conquistar. E eram esses os momentos que quería guardar. Só esses, em que John of Gaunt fora profundamente seu pai.

Primeiro fora a hesitacáo. Mas Joáo insistira que devia partir - era fundamental para ela, mas também para Portugal, que a rainha estivesse presente naquela cerimónia que iria reunir todos os importantes da Europa. «Mesuro sendo o funeral do ten pai, é preciso que quem lá esteja seja D. Filipa de Portugal, note-se, e náo D. Philippa», dizia-lhe vezes sem conta. Ou náo o ouvisse vezes sem conta também aos seus conselheiros e embaixadores. Quando Lourenco se ofereceu para a acompanhar, Philippa aceitou a missáo. Depois foi a ansiedade. Acordava noites a fio alagada em suor: sonhara que um dos seus filhos precisava dela, a chamava á noite, a febre a queimar-lhe a testa, e ela náo podia responder porque estava longe de mais. Voltou a sonhar com Branca e aquela terrível noite na Alcácova, e os olhos angustiados de Beatriz voltavam-lhe á memória: o que sabia de táo terrível a miúda, que nem ela podía revelar, nem Philippa conseguia escutar? Mas D. Brites, Beatriz e as amas prometiam velar por eles, incansáveis, e D. Lopo garantia que náo se ausentaría de casa nem um dia.

Até Nuno Álvares, admirador de John of Gaunt, a surpreendeu com uma visita e um conselho: que fosse, que a Virgem velaría pela sua viagem e pela seguranca da sua família. E a rainha baixou ligeiramente a cabeca na sua presenta, porque sabia que havia no Condestável um trato de santidade que dava ás suas palavras

o peso de uma mensagem celeste.

No barco sentiu-se invadida por aquela sensacáo de paz e liberdade, sentida quando atravessara pela primeira vez o mar.

- Lourenco, é pecado, certamente que é pecado, deixei o meu marido e os meus filhos, vou ao funeral do meu pai e no entanto este vento nos cabelos, este mar a perder de vista, esta sensacáo de aventura, de tanto que ainda há para descobrir, embebedam-me e deixam-me feliz.

- Náo son seu confessor, D. Filipa, mas acho que é aqui, em alto mar, que se encontra a si mesma e ao espírito do seu pai e dos seus antepassados.

- Lourenco, o Lourenco é o homem mais espantoso que conheco. .

lembro-me de tudo isto, mas você, como é que reparou naquilo que en achava invisível? E como é que com tanta coisa que acontecen entretanto, com o seu casamento, o nascimento dos seus filhos, com tanta coisa, ainda tem espato para guardar essas memórias. .?

- Há coitas que náo se esquecem, Alteza. E também en me sinto subitamente livre, longe dos constrangimentos da corte, das expectativas, de tudo. .

- Talvez devesse ter trazido o Afonso e o Duarte comigo. . para que se deixassem contagiar por este gosto pelo mar.

- Quanto a isso, náo há perigo, senhora. O contágio já está feito, e o mar que banha as nossas costas fará o resto.

O

Londres, St. Paul's Cathedral, 3 de Marco de 1399

caixáo coberto com as bandeiras de Inglaterra e a dos Lancaster seguia pelas ruas, transportado em ombros pelos homens da Casa de Lancaster, os mantos escuros, com a rosa vermelha bordada no ombro. As ruas estavam chelas de gente, que rezavam alto e proferiam o nome de John of Gaunt - o mesmo para quem há uns anos pediam a forca, pensou com um nó na garganta a mulher e as

filhas.

Philippa, com o manto com as armas portuguesas bordado nas costas e a coroa na cabeca, seguía no cortejo, de braco dado com Katherine, que era apoiada, do outro lado, por John Beaufort, a que acrescentara o Lancaster depois de o reí o ter legitimado, a ele e aos seus tras irmáos. Elisabeth seguía atrás com os filhos, mas Henry, o herdeiro do título, felizmente decidira náo aparecer. Escrevera uma carta sofrida ás irmás e a Katherine.

Sentia-se muito zangado, muito dividido. O mesmo reí que o exilava, por uma alegada conspiracáo, que contribuíra para matar o pai com o desgosto do seu afastamento, que o mantinha longe da sua mulher e filhos, era o mesmo que nem agora, nem para as exéquias, o autorizava a pór os pés na sua própria pátria. A ele, neto de um rei, o sangue real a correr-lhe nas veías, filho de um homem a quem «esse miserável país deve tudo», escrevia.

Katherine, Philippa e Elisabeth tinham voltado na véspera, pela primeira vez em décadas, a sentar-se juntas na mesma cama, como faziam quando eram pequeninas, e impunha-se tomar decisóes. E as tras tinham concluído que Henry estava como um caldeiráo a ferver, que qualquer gota de água poderia fazer explodir.

- O Henry vai voltar e vingar-se do Richard, vai roubar-lhe o trono e faz ele muito bem - protestou Elisabeth, e para seu espanto recebeu como resposta um abraso imenso da sua irmá mais velha.

- Al, Beth, Beth, que saudades tuas en tinha. Quando estás é tudo preto e branco, náo há hesitacóes nem atalhos. Fazes-me tanta falta, lá em Portugal onde ninguém diz o que pensa, muito menos a uma rainha.

Elisabeth deixou-se estar nos bracos da irmá:

- Já aprendi alguma coisa, agora a minha impulsividade é mais da boca para fora. O Richard, depois de ter promovido o meu marido a duque, já se está a arrepender do que fez, e apesar de o meu John ir nos sessenta anos, ou muito me engano ou mais dia menos dia, vai-se a ele, tal o gran de suspeicáo que criou em relacáo a todos. E eu, irmá do seu maior rival e casada com o seu meio-irmáo, ainda acabo também frita e assada. .

- Al, Elisabeth, náo sejas agoirenta - responden Katherine. - Esqueceste que o

que náo te faltam sáo irmáos para te defenderem.

- Talvez depois de o pai ter morrido, que era o grande fantasma dele, o Richard acalme - sugeriu Philippa.

- E tu também náo mudaste nada - dissera a rir Elisabeth, empurrando-a para dentro da cama.

- Vé lá é se dormes, que deves vir estoirada da viagem. .

Tudo isso fora ontem, hoje estavam aqui para prestar urna última homenagem a John of Gaunt. O caixáo desceu para a urna que o próprio mandara construir ao lado do da primeira mulher, no altar-mor da catedral mais moderna e imponente da capital inglesa. Urna urna tal e qual aquela que Philippa encomendara a Huguet, para si e para os seus, numa capela funerária no mosteiro da Batalha, onde desejava ser sepultada.

Por momentos distraída, Philippa voltou á terra, e chela de remorsos por ter o espírito táo longe dali, olhou para Katherine de soslaio: Como se sentiría ela, Philippa, se tivesse um dia que enterrar o seu Joáo, o seu rei, numa urna geminada com a tal Inés Peres? O coracáo acelerou mil pulsacóes, e Philippa instintivamente apertou a máo de Katherine.

Katherine percebeu e responden naquela sua forma directa e terna:

- Nem pense nisso nem por um momento, lady Philippa. Admirava a sua máe mais do que qualquer outra mulher, e de qualquer forma vocas os tras nunca me deixaram esquecer nem a sua presenta nem o lugar que ela ocupava no coracáo de John. Acho que John nos pertenceu inteiramente ás duas, e en tive mais sorte do que ela porque pude usufruir da presenta dele até á hora da morte.

- Como jurou no dia em que o conheceu - responden Philippa. E ambas sabiam que ela náo falava da cerimónia passada apenas há trés anos em Lincoln.

L

Windsor, 15 de Marco de 1399

ourenco baten á porta dos seus aposentos uma manhá muito cedo.

Disse á camareira que era urgente, e quase entrou no quarto de dormir de D. Filipa, se ela sobressaltada náo viesse já ao seu encontro, enrolada á pressa no primeiro manto que apanhara sobre a cadeira.

- Lourenco, o que acontecen? - perguntou, pálida, tentando manter a voz firme.

- Com os nossos, nada, nada, senhora, as notícias sao todas boas, os infantes de óptima saúde. . El-Rei a fazer as suas vezes, nao se preocupe.

Aliviada - nada poderia ser então muito grave -, sentou-se na cadeira mais próxima da lareira e pediu-lhe que se sentasse também. Mas Lourenco continuava de pé, andava de um lado para o outro da sala, sem conseguir ficar quieto.

- Temos que partir hoje, D. Filipa.

- Por mim, óptimo, mas porqué?

- O rei Richard anunciou ontem que vai confiscar todos os bens do seu pai, ao contrário do que lhe prometeu a ele, em vida, e do que jurou ao seu irmáo, o seu legítimo herdeiro. Pior ainda, se possível, com os bens do seu pai, e da casa de Lancaster, váo obviamente todos aqueles que já pertenciam por direito ao seu irmáo. .

- E o meu irmáo, ao saber desta enormidade, desta injustica sem limites, regressa neste momento a Inglaterra, decidido a recuperar o que lhe pertence, a bem ou a mal - terminou Philippa.

- Exactamente - suspirou Lourenco, lancando-se então para uma cadeira.

Guerras políticas e intrigas da corte, cabecas a caminho do cadafalso e golpes que viravam tudo do avesso, e tornavam os vitoriosos perdedores, e os de causa aparentemente perdida vencedores, eram o Pai-Nosso da vida que Philippa vivera neste país. Aqui, estava nas suas águas, conhecia os amigos e os inimigos, e sobretudo como agir depressa e bem para proteger os seus interesses e os da sua família.

Que agora, e disso náo tinha dúvida, eram os de Portugal.

- D. Lourenco, o Richard já sabe que o Henry vem a caminho?

- Julgo que náo - suspirou o conselheiro.

- Óptimo - disse, enquanto fazia soar a campainha e dizia, com o ar mais contristado possível, á camareira que acorreu:

- Por favor, preciso de um mensageiro que me leve uma nota ao rei. Um dos meus filhos pode estar gravemente doente (e ao dizé-lo pediu, para dentro, que Deus lhe perdoasse a ofensa. .) e tenho de partir já.

No seu tom mais delicado e reverencial, de súbdita leal - que era -

Philippa despediu-se de Richard por escrito, e escapulindo-se até aos aposentos de Katherine contou-lhe tudo e separaram-se com um imenso abraso:

- Katherine, hoje mesmo, náo, que parece estranho desaparecermos as duas, mas amanhá tem que desaparecer daqui! Se o Henry ganhar estamos seguros, mas se o Richard vencer a revolta seremos proscritos, e a Katherine sabe que o que náo faltam na corte sáo mulheres prontas a fazerem-lhe mal, sobretudo porque os maridos dariam tudo para a salvar -

comentou. E conseguiu sorrir.

- Menina Philippa, náo sei o que é que anda a aprender nesse Portugal, mas náo lhe ensinei a dizer essas coisas - disse logo Katherine, a rir, com uma serenidade que náo sentia. Henry era seu enteado, mas onde estava Henry estava o seu filho Thomas Swynford, desde pequeno disposto a atirar-se ao lago para salvar o amigo. O desaire de um já seria mau, mas dos dois. .

- Katherine, e de dinheiro, fica bem? Tenho a certeza que o Richard responderá aos seus apelos, se forem rápidos. Tem que o convencer, hoje mesmo, que uma parte dos bens da Casa de Lancaster é sua. .

- Descanse, lady Philippa, que o seu pai era John of Gaunt.

E Philippa baten com a máo na testa:

- Desculpe, Katherine, vivi tanto tempo longe dele que me esqueci que o meu pai era um homem previdente, desconfiado dos outros homens, que preferia sempre jogar pelo seguro. Fico contente por náo depender da generosidade do Richard.

- Mas dependo para sempre da sua, Philippa - disse Katherine, tratando-a pela primeira vez na vida apenas pelo nome próprio. Philippa entendeu o significado desse pequeno gesto, e choraram nos bracos uma da outra.

Nunca mais se voltariam a ver. E sabiam-no.



Porto, 21 de Marco de 1399

ida a Inglaterra era já uma memoria que se comecava a esfumar.

Fugira, sim, era essa a palavra, o mais rapidamente que pudera, e ficaria sempre grata a Lourenco por a ter resgatado de uma situacáo que, como ambos tinham previsto, seria dramática.

Exactamente quando embarcaram apressadamente para Portugal, no barco que já os esperava pronto para zarpar, Henry e os seus homens entravam em Inglaterra pelo norte, reunindo homens ao longo do caminho, alguns genuinamente indignados com o quebrar da promessa do rei Richard, outros por motivos particulares, que encontravam na revolta do Bolingbroke disfarce para se apresentarem.

Desta vez nem o vento, nem os salpicos do mar salgado, mesmo quando passava horas debrucada na amurada, conseguiram sossegar o seu coracáo apertado: la correr sangue, ou do seu irmáo ou o do seu primo, e embora a traicáo de Richard a indignasse, o seu profundo amor á verdade e á justita obrigavam-na a admitir a si mesma que Henry estava apenas á espera de um bom pretexto para lhe roubar o trono. Usurpar, náo havia outra palavra, um lugar que náo lhe pertencia, e a que nem a desnorteada governacáo de Richard justificava aos olhos de Deus. Um rei coroado, é rei por mandato divino, e náo cabe aos homens decidirem de outra forma - era essa a sua conviccáo profunda, embora o convívio de uma vida inteira com a ambicáo desmedida do pai, lhe dissesse que havia muitas formas de tentar enganar as consciéncias.

la correr sangue, sabia-o, e quanto menos os reis de Portugal tivessem a ver com a guerra civil que se sucederia, melhor.

Caíra nos bracos de Joáo, que a fora receber ao Porto, com um alívio imenso. O seu rosto sereno, o seu afecto, a sua descontraccáo - e a ginástica mental que permitia encontrar solucóes rapidamente, mesmo que Philippa desconfiasse que náo eram sempre as mais éticas-, davam-lhe uma seguranca enorme. Agora que estava de novo no seu reino, e junto dos seus cinco filhos, os problemas dos ingleses - mesmo dizendo respeito ao seu irmáo - pareciam-lhe mais distantes. Eles que os resolvessem,

lembrava-se de ter pensado quando entrou no quarto dos brinquedos da Casa do Infante e os meninos a rodearam e abracaram com um entusiasmo que tornava tudo o resto absolutamente insignificante. Isabel tinha feito, há semanas, dois anos, e ela nem sequer estivera com a filha para os celebrar

- pegou na crianca rechonchuda e de olhos muito verdes, como os da tia, e atirando-a ao ar apanhou-a de novo como uma dádiva caída do céu.

Durante umas horas esqueceu-se de tudo o resto. Máe, era só isso que quería ser, educar a sua filha e os seus infantes para que tivessem a coragem dos seus antepassados, combatessem os infiéis, protegessem os pobres, defendessem o reino, mas nunca, mas nunca mesmo, se digladiassem uns aos outros. E de repente a imagem do seu enteado Afonso pareceu por momentos lancar uma sombra sobre aquele quarto, e teve de abanar vigorosamente a cabeca para afastar a ideia de que um dia podia ser ele - como agora fazia o seu próprio irmáo - a tentar destronar o irmáo com o mesmo nome. Pedro subía naquele momento para o seu colo.

Deixou-o subir, e sem saber porqué, apertou-lhe os bracos em redor, numa vontade imensa de o proteger.

O

Paco de Santarém, 10 de Outubro de 1399

reencontro com Joáo, depois de um més de separacáo, fora táo forte e intenso que Philippa ainda corava quando pensava naquela noite.

Todos os temores de que a auséncia tivesse deixado espato para que o marido encontrasse consolo entre as damas da corte, se dissiparam, e talvez, talvez pela

primeira vez, teve a certeza absoluta de que ele a amava.

É claro que se davam bem, é claro que ela o devia satisfazer na cama, é claro que o seu casamento era abencoado por Deus, ou náo tivesse a prová-lo um rancho de filhos saudáveis, mas era diferente esta sensacáo -

a sensacáo de que Joáo a amava como mulher. Que a olhava como mulher.

Passou a máo pela barriga novamente chela. Aquela noite fora de facto mágica: engravidara naquele dia, estava certa disso, que contando as luas, náo podía ter sido de outra maneira. Estava de seis meses, juravam as gémeas, felizes com a fertilidade incansável da rainha. O sétimo parto, pensou olhando para a estatueta da Senhora do ó, religiosamente colocada em cima da sua mesinha de trabalho, haveria de correr táo bem como os anteriores. . apesar da agitacáo destes últimos meses.

D. Brites andava sempre preocupada e trazia-lhe tanto chá de camomila e tília, que a rainha, a rir, lhe garantia que a culpa seria sua se se transformasse repentinamente numa árvore. Mas sabia que Brites tinha razáo, porque passara estes últimos meses a receber e a enviar mensagens de Inglaterra e reunida horas em conselho com Lourenco e D.

Lopo, e até com embaixadores e consultores do rei.

Tudo se passara como previsto, suspirava, enquanto bebia mais um golo de infusáo calmante. Henry confrontara Richard, as batalhas entre os apoiantes de um e de outro tinham-se sucedido, mas o irmáo acabara por conseguir prender o próprio rei no castelo de Pontefract, um castelo da Casa de Lancaster, onde o pobre Richard acabara por morrer. A fome, garantiam uns, enforcado na própria cela, diziam outros, com uma faca espetada pelas costas, certificavam terceiros. Philippa náo quisera saber pormenores. Todos os que lhe escreviam eram parte interessada.

Katherine quería a todo o custo defender o seu filho Thomas e o seu querido enteado. Elisabeth, a quem Richard mandara executar o marido,

estava táo furiosa de raiva que Philippa até temia que tivesse sido ela a aproveitar o encarceramento do rei para o mandar matar, e o próprio Henry, esse, escrevia cartas comoventes, como só ele sabia escrever, a jurar que só quisera dar-lhe uma licáo, que acabara tragicamente.

Tudo dito e concluído, pensou a rainha enquanto deixava os olhos repousar no verde dos prados da lezíria, que via daquela sua janela favorita, o que importava era que dentro de tras dias, a 13 de Outubro de 1399, o seu irmáo, o seu único irmáo verdadeiro de pai e máe, seria coroado na abadia de Westminster. Henry, o quarto, da dinastia dos Plantagenet, que assim recuperava náo só o seu patrimonio, como o acrescentava até ao infinito.

Bastava-lhe fechar os olhos para imaginar a cena, que náo seria muito diferente daquela que vira quando Richard recebera a coroa: as bandeiras, a espada de Inglaterra desembainhada para a ocasiáo, os bispos e arcebispos, um altar repleto de representantes da Igreja que sabiam, como o sabiam os nobres seus partidários, como tinha consciéncia disso o poyo que acorria a ver, que rei morto, rei posto, e agora era preciso era garantir os favores de Henry IV. Todos ávidos por recomecar de novo o jogo, ansiosos por beijar a máo ao irmáo, por lhe adularem os filhos, por casarem com eles as suas filhas ainda criancas, por garantirem um lugar, um posto, um título, uma propriedade no novo reino que renascia das cinzas.

Nunca lhe custara tanto pegar numa caneta para escrever as cartas que sabia que devia escrever: á mulher de Richard, lamentando a morte do rei, na esperanca de que ela aceitasse a carta como vinda da rainha de Portugal e náo de Philippa of Lancaster: á máe de Richard, que deveria estar absolutamente destrocada, e depois, mais difícil, mas mais urgente, ao seu próprio irmáo para o felicitar.

Joáo náo tivera nenhuma das suas hesitacóes - a esta hora estavam certamente na catedral londrina os embaixadores portugueses que o rei fizera questáo que o representassem na coroacáo do cunhado. Philippa sabia que ele se sentia como um homem que joga poker e lhe sai o trunfo mais alto: casara a medo com aquela inglesa, aos seus olhos já velha, e ganhara em toda a linha: uma mulher que apesar da idade lhe dera um rol de filhos, uma política e diplomata que o ajudara a cimentar as suas relacóes comerciais, irmá da rainha de Castela e Leáo, e agora irmá de sangue do rei do país mais poderoso do mundo. Quanto á morte de



Richard, encarava-a como encarara a do conde de Andeiro que ele próprio trespassara: males necessários, mas infinitamente preferíveis a heróis encarcerados, símbolos de uma revolta possível. Aquí a linha da sucessáo estava

fechada: náo havia mais varóes na geracáo de Henry de Bolingbroke, e afinal ele tomava aquilo que por talento deveria já ter pertencido ao pai. Agora era só preciso saber usar a situacáo em proveito do reino de Portugal - e Philippa saberia aconselhá-lo quanto a isso.

«E como está hoje a rainha?», perguntou Joáo ao entrar-lhe pelo quarto dentro, sem sequer bater á porta, totalmente artilhado para mais um día de caca. Pela máo trazia o «seu» Afonso, que achara que aos nove anos estava pronto para uma primeira catada, e os olhos azuis do infante brilhavam de tal maneira que a máe até se riu:

- Afonso, náo abras tanto os olhos, que a caca foge ou morre encandeada pela luz - dissera, estendendo a máo para o filho que correra a beijá-la.

- E náo levas o Pedro? - perguntou logo, sempre ansiosa por um tratamento igual que náo levasse os irmáos a rivalizarem entre si.

- Náo pode ser, o Pedro só tem oito anos, mummy, e en também náo la aos oito anos! - gemeu um Afonso enraivecido.

- Afonso, acaba já com essa voz de bebé mimado, senáo peco ao pai que náo te leve. Quem val mais, Joáo?

- O Afonso mais velho, claro, que bem pode ensinar ao irmáo mais novo algumas coisas que ele náo sabe, pois ninguém domina como o ten irmáo a arte da espada e da caca - acrescentou virando-se para o filho presente.

Philippa apertou os lábios com forra. Náo podía dizer ao pai do seu enteado que prefería ver o seu primogénito entregue a alguém de mais confianca, que Joáo teria com ela uma das suas fúrias imensas. Já bastava a culpabilidade que arrastava sempre consigo, e que o Natal e o Ano Novo, e todas as festas importantes, tinham o condáo de acicatar. Era sempre a mesma coisa: solicitava a presenta do seu bastardo, que vinha imediatamente, mas se comportava todo o tempo e a toda a hora como um adolescente casmurro, apesar de os vinte e tras anos que tinha já náo justificarem tanto capricho e amuo. Só na caca, longe do paco e de Philippa, o filho se transformava de novo naquele miúdo entusiasmado e cheio de

energia e coragem que o pai tanto admirava. Mas hoje já percebera que o caldo estava entornado, porque ao ve-lo mandar aparelhar um cavalinho para o Afonso

pequeno, o Afonso grande perdera o sorriso com que recebera o reí e virara-lhe ostensivamente as costas.

Ricardo, que assistia á cena do lado oposto da cavalarica, sentira ganas de intervir, mas náo dissera nada: mesmo sendo já cavaleiro do reí, como podía dizer-lhe que o seu filho precisava era de um tabefe e dois berros, em lugar de mais terras e mais títulos? Mas prometeu a si mesmo olhar pelo Afonso pequeno com toda a atencáo, porque náo confiava nem um bocadinho no Afonso maior.

Quando pai e filho deixaram o quarto, Philippa decidiu sentar-se mais direita na cama e aproveitar para escrever a Katherine, de quem tinha recebido carta há poucos dias. Lembrava-se que se o pai fosse vivo, estariam hoje a celebrar anos de casados, e quería dizer-lhe que náo esquecera a data apesar de John já ter partido. Mas ao estender o braco para a mesinha de apoio, sentiu a cama inundar-se de agua, e uma contraccáo forte obrigou-a a gritar de dor. Atirou a caneta para o cháo e agarrou, a respiracáo ofegante, na pequena campainha que as gémeas parteiras lhe tinham deixado á máo e tocou-a freneticamente.

Sentia o bebé a descer, sentia que se náo chegassem depressa o teria ali sozinha, e a crianca sufocaria por baixo dos cobertores de papa que lhe cobriam o leito. Mas D. Brites, Perpétua e María da Luz estavam a postos.

Os reposteiros foram corridos, as velas acesas, as tinas de água quente e as toalhas lavadas e passadas apareciam miraculosamente pela porta, e D.

Brites entregara-lhe já para as máos suadas pela dor a estátua da Senhora do ó - quantas vezes já assistira a tudo isto?, pensou entre contraccóes.

Quantas vezes a Virgem já assistira aos seus partos e fora bondosa e misericordiosa com máe e filhos? Sete vezes. E desta vez a parturiente era uma mulher de cabelos já brancos, que faria quarenta anos em breve, cansada mas determinada: com a ajuda de Deus nasceria mais uma crianca forte para encher a vida daquela família.

Podiam ter sido sete vezes, podia ser tudo conhecido, previsível até, mas de cada vez que aquele primeiro grito de um recém-nascido cor tava o siléncio, Philippa sentia-se a mulher mais feliz do mundo. E a felicidade até doía, apertando-lhe o coracáo numa gratidáo que só conseguía exprimir pelas lágrimas que lhe corriam sem cessar pela cara abaixo.

O seu João nascia simbolicamente no dia em que o avó John casara

finalmente com a mulher por quem esperara tantos anos. Seria como ele, náo como o avó fora em novo, que o carácter impulsivo e aventureiro reencarnara sem dúvida nenhuma no Henrique que aos seis anos levava tudo á frente, mas o avó de cinquenta e muitos anos, sábio, ponderado, com um sentido de humor rápido e subtil. O infante Joáo, pensou enquanto lhe destapava o rosto para o ver bem, seria uma mistura do pai Joáo e do avó John, os dois homens que mais amara e amava no mundo.

- É táo calmo este bebé - dissera a ama de leite que o viera buscar ao seu colo, para o lavar e vestir.

Philippa sorriu de encantamento:

- Era exactamente o que en estava a pensar. .

- E depois da agitacáo que a senhora sofreu nesta gravidez, muito me admira que o menino venha assim táo sereno - murmurou D. Brites, ligeiramente preocupada.

Mas inesperadamente a rainha segurou-a afectuosamente por um braco, obrigou-a a sentar-se na bordinha da cama e dando-lhe a máo - num gesto inédito - disse-lhe a rir:

- O infante Joáo recebeu uma dose táo forte de camomila e tília que D.

Brites lhe deu, que vai ser o mais calmo desta casa. A este ninguém fará tremer os nervos. E quando disserem que herdou a fleuma británica, D.

Brites, a senhora responde que náo é nada disso, que o menino caiu mas foi numa pocáo mágica, mesmo antes de ter nascido!

D. Brites, comovida, perdeu a compostura e desatou num pranto, enquanto murmurava: - Senhora, senhora, que Deus o abencoe.

E Philippa, sentindo-se imensamente feliz, disse com toda a seguranca:

- Deus vai abencoá-lo, mas a D. Brites vai ser madrinha deste infante e vai velar por ele na terra, que a Maud e os meus pais velam por ele no céu.

A pobre mulher saiu da sala, o rosto contraído pelo esforco de náo perder a compostura: abencoada rainha Filipa. De joelhos junto do Oratório que tinha no quarto, rezou por aquela família que servia como se fosse a sua.

F

Paco da Rainha, Vila de Sintra, Agosto de 1400

elizmente as obras já iam avancadas, porque com uma família deste tamanho e uma corte crescente, os empregados também tinham duplicado e todo o espato era pouco para caber tanta gente.

Mas para os infantes, o Veráo em Sintra era especial - o pátio imenso e animado em frente do paco, as escadarias grandes e pequenas, os cantos e os recantos, os pocos e os tanques tornavam-no num imenso quarto de brinquedos, onde a agitacáo era permanente.

- Vamos jogar ás escondidas; temos o palácio todo por nossa conta! -

propusera Henrique, aquele que nunca conseguia ficar quieto e que precisava de se sentir sempre no comando da situacáo.

Além do mais era um pretexto para distrair os irmáos mais velhos da conversa do costume. Afonso e Duarte tinham acabado de ter uma das suas discussóes habituais: pareciam quase gémeos, o que enfurecia o primogénito, que achava que o seu estatuto de herdeiro deveria ser mais evidente, entendido num só olhar, e náo descoberto pelos interlocutores senáo depois de perguntado o nome e a idade. E era por isso que Afonso tinha uma especial predileccáo pelo més de Agosto, porque durante dois meses sentia-se muito mais velho do que o irmáo:

- Fiz dez anos em Julho e tu só tens oito, na, na na, na na, era a cantilena com que tentava irritar Duarte. Mas Duarte encolhia os ombros, indiferente:

- E que me importa isso? Para já é só durante dois meses, porque em Outubro fato nove, e depois, quem nasce mais cedo, morre mais cedo.

E a estas palavras Afonso precipitava-se sobre ele, tentando vencer ao murro o que náo conseguía resolver por palavras. Henrique estava sempre disposto a entrar na guerra e a acicatá-la, quanto pudesse:

- Nenhum de vocés é digno de governar coisa nenhuma, tém medo de um corredor escuro, como se fossem umas meninas. En é que son, ou náo tivesse o nome do nosso avó que conquistou Algeciras aos mouros, e o nome do rei de Inglaterra. .

E a discussáo estava para continuar, agora entre ele e Afonso, quando, como era já hábito, Pedro saltou para o «palco»: - Parecem mocos de estrebaria! Deixem-se lá de parvoíces e vamos mas é aproveitar a máe e as damas estarem na missa para jogarmos em todo o paco. .

Beatriz, que Picara a velar por eles com uma meia dúzia de outras damas táo adolescentes como ela, riam-se da discussáo, mas náo faziam a menor tencáo de se desligarem da má-língua em que se entretinham para evitar que os infantes brincassem ao que bem entendessem.

- Mas en também quero ir com vocés - disse com a sua voz sempre firme, a princesa Isabel.

- Era o que faltava - resmungaram os irmáos, mas Pedro acabou por assentir, dando a máo á mais pequenina: - Náo digas nada, tu escondes-te comigo, mas náo podes fazer nem um barulhinho, senáo eles descobrem-nos e perdemos o jogo.

Isabel, com os seus caracóis escuros e os seus olhos cada dia mais verdes, assentiu com a cabeca.

Vendaram os olhos a Henrique, mandaram-no contar até dez e partiram.

Pedro corren para a sala dos cofres, que surpreendentemente náo estava guardada, e trepou a uma das arcas vazias. Conhecia-a bem, porque passara horas a observar os seus desenhos esculpidos de cenas de países distantes, com homens com ossos atravessados no nariz, e orelhas em bico

- sentia um misto de medo e atraccáo, e talvez ao saltar lá para dentro sonhasse viajar até esses sitios que as criaditas mouras lhe juravam existir.

Isabel gritou quando ele a puxou atrás de si, mas depois aconchegou-se ao irmáo favorito e pensou que onde ele estivesse, ela estava bem. Pedro encaixou o canivete próximo das dobradicas para que náo ficassem sem ar, e esperaram. .

Ouviam as vozes dos irmáos mais próximas, mais próximas, mas estranhamente afastavam-se logo em seguida. - «Por que será que náo procuram nas arcas? Era onde en procurava logo!», pensou Pedro, perplexo. Mas depressa percebeu porqué quando levantando ligeiramente a tampa olhou á volta: o guarda da sala voltara e estava plantado á entrada, como era sua obrigacáo.

- Isabel, nunca nos váo encontrar, porque o guarda está aqui á porta -

sussurrou feliz. Mas a miúda tinha adormecido ferrada, encostada a uma das suas pernas, no enorme baú. Pedro achou que esperaria só mais um

bocadinho, e quando Henrique, Afonso e Duarte já estivessem desesperados - e furiosos! - apareceria a deitar-lhes a língua de fora e a acusá-los de incompetentes. Esperou quieto e silencioso, e adormeceu também.

Sobressaltado, acordou já estava escuro lá fora, com a voz estridente das amas a gritar o seu nome e o da irmá. Dentro da arca o calor era insuportável, e Pedro sentiu que o coracáo lhe parava de bater quando Isabel parecia náo acordar apesar dos abanóes que lhe dava. Indiferente ao guarda, atirou a tampa com forra para trás e saltou para fora. O soldado la morrendo de susto, mas quando viu atrás de si um infante ofegante, corren a ajudá-lo:

- A minha irmá, a minha irmá - chorava o miúdo, de repente os seus sete anos bem visíveis. O soldado tirou a princesinha da arca e chegou a máo ao nariz para ver se respirava. O seu suspiro de alívio foi táo profundo, que Pedro percebeu que Isabel só dormia. Com o movimento, a crianca esfregou os olhos e choramingou ao ver uma cara estranha.

- Está a arder em febre, senhor D. Pedro - disse o soldado.

E Pedro, de novo lívido:

- Mas porqué? Só estávamos aqui escondidos, adormecemos, foi só isso.

Mas o soldado já o arrastava pela máo, com a mais pequenina no outro braco, e num passo rápido, as botas contra a pedra a um ritmo táo acelerado como o do seu coracáo. Quando entrou na Sala dos Infantes, a rainha veio ao seu encontro:

- Onde é que estavam, meu Deus, meu Deus, estáo bem?

Pedro agarrou-se ás salas da máe, lavado em lágrimas:

- A culpa foi minha, mummy, a culpa foi minha. Escondi-me com a Isabel numa arca, adormecemos e ela agora está a arder em febre.

Philippa tremeu. Que Deus náo lhe levasse a sua única filha, era tudo o que pedia, mas tinha memórias suficientes da sua infáncia para náo castigar Pedro por um simples jogo que tinha corrido mal. Afagando-lhe a cabeca com a máo, disse-lhe:

- Náo faz mal, Pedro, val correr tudo bem. - E entregando o rapazinho a Beatriz, pegou na sua menina e levou-a a correr para o seu quarto, gritando pelo caminho que chamassem o médico. O físico Forjaz era reputado por ser um homem da ciéncia, muito á frente dos médicos do seu

tempo, a que somava um trato humano e uma serenidade que eram invariavelmente meio caminho andado para a cura. Quando viu a princesa, ordenou que lhe dessem um banho frio, porque, explicou, o corpo Picara sobre-aquecido com as horas passadas fechada numa arca, com outra pessoa ao lado. Aos poucos Isabel pareceu sair do sono em que tinha mergulhado e á medida que a temperatura baixava. Quando finalmente abriu os olhos, viu debrucada sobre si a cara do médico (aquele que tinha sempre rebucados nos bolsos, lembrou-se!) e que a recebeu de regresso ao estado consciente com um enorme sorriso:

- A Isabelinha escondeu-se, marota, mas a Isabelinha ganhou aos manos!

A crianca retribuiu-lhe a ternura, que so ele tinha, com um sorriso triunfante.

Philippa sentiu que voltara, também ela, á vida.

Nesse dia os infantes cearam no quarto de brinquedos. Nem Afonso refilou por ser obrigado a ficar com as «criancas». Isabel estava na cama, tapada apenas por um lencol, que apesar da frescura que descera com a nortada a noite estava quente, e o médico recomendara vigiláncia e cuidado.

Philippa pedira a Joáo que jantassem juntos na sua sala privada, que náo se sentia com a menor disposicáo de descer ao saláo e ouvir as perguntas das damas, que aproveitariam a ocasiáo para mostrarem o seu interesse nos principezinhos.

Além disso, tremia ainda por dentro, e quería sentir o marido atento aos seus problemas. Joáo, desde que estivera também doente - mordido por um cáo com raiva, diagnosticara o clínico sintrense -, acolhia com entusiasmo noites mais pacatas, o que levava os seus homens a garantir que a idade (ou náo passasse já dos quarenta!), a responsabilidade por nove filhos, somada á piedade com que a rainha o tinha contagiado, tinham feito dele um homem mais calmo. Mas também muito mais matador, murmuravam á boca calada os mais ousados.

Bebiam um vinho de Colares, as velas a iluminar a sala, quando lá fora no paco se ouviu o ruído do portáo a abrir-se e de dois cavalos a galopar.

Philippa corren á janela, que hoje o dia parecía avesso:

- Joáo, os cavaleiros trazem o estandarte de Inglaterra - gritou, aflita.

- E depois? Devem ser notícias do ten irmáo Henry, que ainda há pouco mandei que os meus embaixadores o reconhecessem como rei legítimo cm

todas as cortes da Europa. .

Philippa mordeu o lábio, como era seu hábito. Sabia bem que a maioria dos monarcas se tinha recusado a aceitar a morte inexplicada de Richard, e a tomada do poder de Henry - aceitar a usurpacáo do trono no país do lado era, afinal, legitimar que lhes tirassem a cadeira também a eles. . Mas Joáo estava suficientemente longe para poder assumir estes gestos cavalheirescos, e Catalina e Henrique de Castela, pelas mesmíssimas razóes, tinham seguido o seu exemplo. Catalina sabia bem o que quería dizer ter um irmáo, mesmo que so meio, a reinar em Inglaterra.

O mensageiro já subía as escadas, ouviam-se os passos e a respiracáo ofegante. O soldado que guardava a porta, a um sinal do rei, abriu-lha, e o pobre homem quase caiu dentro da sala.

Entregou o pergaminho a Joáo, a quem estava dirigido, que o foi ler para junto da vela mais forte, e trocou em inglés umas palavras com a rainha.

- É uma imensa honra - disse Joáo cm francés para a mulher. - O ten irmáo manda dizer-me que fui eleito cavaleiro da Ordem do Garter, cm substituicáo de Sir William Arundel. Son, diz o rei Henry, o primeiro monarca estrangeiro a receber uma homenagem como esta. Quando for a cerimónia terei de estar

presente.

- Vais a Inglaterra? - perguntou Philippa em absoluta surpresa. Visitar o seu país com Joáo, mostrar-lhe tudo aquilo de que falava, se calhar levar consigo alguns dos filhos, pelo menos os mais velhos para os ligar aos seus primos e familiares ingleses, subitamente o futuro parecia chelo de promessas novas.

Quando ficaram de novo sozinhos, saltou-lhe ao pescoco:

- Joáo, vamos até lá, vamos?

E Joáo, icando-a, desatou a rir:

- Que Deus nos abencoe, Philippa, e nos faca sempre assim táo felizes.

Joáo das Regras deve sentir-se muito satisfeito: a aposta que fez em mim, no nosso casamento, resultou melhor do que até ele poderia esperar. Son reí de Portugal, e agora o cavaleiro da mais prestigiada ordem do mundo!

Nuno Álvares, quando soube a notícia, recebeu-a com um sorriso trocista, e batendo-lhe afectuosamente nas costas, náo resistiu:

- O que tu és, Joáo, é o oportunista mais inteligente que já conheci!

Parabéns, foste feito para reinar.

Q

Paco de Leiria, 10 de Outubro de 1400

uando o rei e a rainha anunciaram uma peregrinacáo a Santiago de Compostela, com passagem pelo mosteiro de Celanova para celebrar o décimo ano do seu filho Afonso, o príncipe herdeiro, Beatriz largou num choro compulsivo. Joáo aproximou-se dela, assustado:

- O que é que te den, filha? - perguntou preocupado. E Philippa perguntou o mesmo.

Beatriz limitou-se a implorar que náo fossem. Que estava frio, era Inverno, que sentido fazia porem-se a caminho nesta altura, com estas condicóes? Mas Philippa lembrava-se que fizera o exacto caminho, só que de lá para cá, na mesma altura, no ano em que chegara a Portugal, e sentia uma vontade imensa de voltar a ver as cascatas do Gerés, e o mosteiro, e sobretudo a igrejinha mocárabe onde o raio de luz entre ambas as flechas lhe assegurara que era ela a escolhida. E levar o primogénito ao seu santo padroeiro era uma obrigacáo religiosa, que só o parto do pequenino João tinha levado a adiar.

A cena de Beatriz foi rapidamente esquecida, atribuída aos humores de meninas de dezanove anos, e os preparativos intensificados. No entanto, Philippa dava por si a acordar á noite com suores frios, o choro de Beatriz nos ouvidos. Que dissera a cigana á sua enteada naquela tarde em Santarém, a tarde em que Afonso nascera, e que tanto a assustara? Desde o berro que Beatriz estendia sobre o infante o seu braco protector, e mesmo agora parecia defendé-lo sempre, mesmo quando ele se entregava a uma das suas discussóes sem sombra de razáo.

Respirava fundo, rezava uma oracáo e tentava adormecer. O destino estava nas máos de Deus, e náo nas palavras de uma mulher do poyo, fossem elas quais fossem, repetiu pela millonésima vez. Beatriz velava pelo irmáo, porque fora o primeiro, o bebé de quem cuidara como máe, e talvez porque o sentisse, isso sim, ameacado pelos ciúmes do seu irmáo de sangue, Afonso, o Bastardo.

O percurso foi tratado por um Joáo entusiasmado, como sempre, por

tudo o que fosse movimento e accáo. Passariam o Natal em Braga, para retomarem o caminho das pedras em Janeiro. Philippa entusiasmou-se com a ideia de voltar a ver o seu querido D. Lancelot, e Joáo insistia que era fundamental mostrar presenta por aqueles lados, onde a importáncia dos nobres mais virados a Castela era forte.

- Em casa onde náo há páo todos ralham e ninguém tem razáo - dizia-lhe constantemente Joáo, quando se sentavam juntos na sua salinha de trabalho.

Philippa abanava a cabeca, preocupada - sempre que saía a cavalo, mais a norte ou mais a sul do reino, percebia que a pobreza crescia. Os recursos que tinham sido gastos naquela insuportável e interminável guerra com Castela, mesmo que resumida a situacóes cada vez mais episódicas, náo permitiam que os comerciantes se sentissem seguros nos seus investimentos e que o país retomasse

um caminho de riqueza. Os cofres do Estado, garantia-lhe o marido, e Lourenco Fogata confirmava em todas as reunióes de orcamento da sua Casa, estavam vazios e náo havia onde ir procurar riqueza extra para os encher, porque aumentar impostos ou pedir mais doacóes era impossível.

João era, no entanto, um homem de angústias momentáneas, que depois pareciam passar com uma catada com os seus homens, mas Philippa náo conseguia dissipar as angústias e remoía incansavelmente os problemas.

Escrevia então mais uma carta a Catalina, chamava os embaixadores, consultava os «políticos» que rodeavam Joáo. Nuno Álvares, estranhamente, reaproximara-se dela, á medida que Joáo das Regras se afastava dos assuntos do reino. Era frequente encontrá-los em conversa, ao fim do dia.

- É preciso que o poyo náo se sinta desesperado, que perceba que o rei procura solucóes para os seus problemas, e que sente a responsabilidade de velar por ele - insistia Philippa, e Nuno acenava que sim com a cabeca, chelo de vontade de dizer que fizera a sua parte, criando protectorados nas terras que o monarca lhe oferecera, mas Joáo nunca achara por bem seguir o seu exemplo.

Filho e neto de homens da Igreja, o Condestável, apesar da sua devocáo e da sua existéncia solitária e isolada, náo vivia nas nuvens, e insistia:

- D. Filipa, dediquem a peregrinacáo aos pobres deste reino, anunciem que partem a pedir a Santiago que lhes traga chuva na hora da chuva, e sol na hora do sol. E se ficam em Braga, convoquem os bispos e os padres, e

náo esquecam a nobreza antiga. Todos eles se sentem esquecidos pelo mestre, os seus postos de conselheiros ocupados por novos-ricos, os homens que Joáo escolheu e que agora assumem a pompa de uma linhagem que náo tém.

Philippa beben cada uma das suas palavras. Para ser sincera consigo mesura, tinha de confessar que sentía algum desprezo pela maioria dos amigos do reí, gente que há meia dúzia de anos náo sabia o que era comer com pratos e talheres, grossseiros e sem cultura, sem dúvida hábeis com a espada mas analfabetos e que se orgulhavam de nunca terem lido um livro.

D. Lopo, o preceptor dos seus filhos, era uma excepcáo, como o eram Nuno, Lourenco, Lancarote e uns tantos outros, mas era preciso exigir mais de Joáo - pedir-lhe que mandasse traduzir obras, que insistisse na leitura, e que, como

Nuno lhe recomendava, náo virasse as costas á nobreza e ao clero. Philippa vira o que acontecera ao pai e ao avó, guando tinham decidido governar sem olhar a quem, fechados sobre si mesmos, os seus amigos e os seus caprichos pessoais. Ainda sentia o cheiro dos palácios queimados, e recordaria para sempre a descricáo que Katherine lhe fizera da cabeca decapitada do seu querido frei William Appleton espetada num pan, para que o poyo lhe cuspisse em cima.

Nuno calara-se, para deixar a rainha pensar, fazia-o sempre, sem pressas de passar as suas razóes. E foi Philippa que recomecou a conversa:

- D. Nuno, é preciso que a minha linhagem sirva de contrapeso, é isso que me quer dizer? E náo nos quer ajudar com a sua?

Nuno baixou a cabeca, cm sinal de consideracáo pela inteligencia da rainha. Embora fosse um rebelde - o resto da sua família alinhara com Castela-, sabia que os latos de sangue prevaleciam e que a velha nobreza o continuava a considerar «um deles». Sabia também que a marca da bastardía, quando era entre gente da Igreja e de sangue azul, se esquecia mais depressa e que o seu papel nas guerras com os vizinhos castelhanos, a sua aura de santidade (que náo tinha o menor embaraco cm reconhecer), e a sua pose sobranceira poderiam servir a causa do mestre, desta vez náo nos campos de batalha, mas nos salóes. Náo gostava deles, isso era outra história, mas poderia aceitar, pela rainha e pelos infantes, o sacrifício de uma peregrinacáo destinada a pacificar ánimos. Estava cansado de guerras. Quería seguir uma vida religiosa, entrar para um convento. .

Disse-o a Philippa, que embora tivesse sempre vontade de sorrir com o tom pedante que Nuno Álvares conseguia dar ao seu discurso, admirava os seus propósitos:

- Está combinado entáo, D. Nuno. Depois desta peregrinacáo, serei a primeira a apoiar a sua vocacáo.

Naquela noite, como em muitas outras, contou a Joáo a conversa que tinha tido. E com um arrepio que lhe percorreu o corpo, perguntou:

- Achas que o condestável se decidiu por uma vida de santidade para redimir os pecados do pai? Dá-me voltas ao estómago pensar que um representante da Igreja viole as mais sagradas leis da religiáo que representa, gerando mais de vinte bastardos, e muitos de máes diferentes. .

Há alguns anos, náo tantos como isso, Joáo teria atirado para trás a cabeca e soltado uma das suas sonoras gargalhadas, mas agora náo tinha vontade nenhuma de o fazer. A verdade é que, cada dia que passava, via mais o mundo pelos olhos da mulher. E de um rei, pai de sete filhos legítimos e dois que náo eram, o primeiro rei de uma nova dinastia, á qual era fundamental dar credibilidade e honra. Náo conseguia, no entanto, deixar sempre de ver o lado humano de todas as histórias, que a rigidez da mulher era um apéndice na sua vida, mas náo uma marca de nascenca. .

- Náo cheguei a conhecer o prior do Hospital, mas concordo que serviu mal a Igreja. Terei de falar a D. Lancarote na moralizacáo do comportamento dos padres; mas sozinhos por essas paróquias, em vales perdidos, é mais do que natural que procurem o colo de uma mulher. .

- Vinte e tras colos, ripostou Philippa - virando-lhe as costas, amuada.

E mais amuada ficou quando Joáo lhe disse, dias depois, que acabara de combinar o casamento de Afonso com Beatriz Alvim, a filha de Nuno Álvares:

- O meu embaixador em Roma garante que a legitimacáo de Afonso será passada em breve, e depois disso o casamento já se pode realizar. Foi a única condicáo que Nuno Álvares colocou. .

- De estúpido náo tem nada - responden, furiosa.

Afonso, filho legítimo do seu marido, concorrente perigoso do seu primogénito, onde é que Joáo tinha a cabeca, em que mundo vivia?

- É o ten remorso por náo teres casado com essa Inés, por o ten

Afonsinho querido náo ter o estatuto dos meus filhos que te leva a uma loucura destas? Náo te chega o que viste acontecer entre o meu irmáo e o meu primo? Náo sabes que a esta hora Richard, o rei legítimo, está fechado num sarcófago, morto e bem morto?

Joáo estremecen. Já nem se lembrava da última crise de ciúmes da mulher, e acreditava sinceramente nunca a ter visto táo zangada, os olhos azuis pequeninos dilatados com a fúria. .

- Mulher, acalma-te, por Deus. Foi o ten próprio pai que me aconselhou a casá-lo

bem, a dar-lhe um ducado, até. Distribuí todas as terras que tinha pelos homens que me ajudaram a garantir a independéncia deste reino, o património da Coroa como sabes é curto, se quero guardar alguma coisa para os nossos sete filhos. . e sabe a Virgem como será arranjar-lhes uma Casa digna; náo posso esbanjar no «bastardo», como tu insistes em chamá-lo. Esqueces que ao ofenderes o meu filho, me ofendes também a mim. .

Esta última frase do marido teve o efeito de um balde de água fria.

Estava a ser orgulhosa, sobranceira, vaidosa, em relacáo ao homem que amava, ao pai dos seus filhos, ao rei do reino que era agora também responsabilidade sua.

Deixou-se escorregar por uma cadeira abaixo e murmurou um

«desculpa», o rosto escondido entre as máos.

- Percebo que o passado, e muito recente, te traga medos, mas acredita que se o Afonso estiver bem casado, se se sentir respeitado, se tiver dinheiro, as suas terras, os seus homens, val competir menos com os irmáos. Val ser menos perigoso - admitiu por fim, procurando também ele a seguranca de uma cadeira.

- Que Deus te oica, e que o oitavo conde de Barcelos, porque é esse o estatuto que Beatriz lhe trará, náo use todo esse poder que agora lhe dás para usurpar o lugar aos teus filhos legítimos. .

- Deixa o futuro a Deus - ripostou Joáo, subitamente cansado.

A

Paco Episcopal de Braga, 12 de Dezembro de 1400

viagem até Braga tinha sido cansativa e fria, apesar dos braseiros

.colocados nas carruagens dos senhores e das peles de lobo e urso que cobriam as damas dos pés á cabeca. Quem náo se queixava, nem um bocadinho, eram os infantes. Afonso montava o seu próprio cavalo - e Philippa, ao olhá-lo, lembrava-se como se tivesse sido ontem do entusiasmo que sentira quando o pai

a deixara viajar no seu, em lugar de a obrigar a estar fechada com amas e damas numa carroca comum - e Joáo levava á garupa alternadamente um dos seus filhos, o que os deixava loucos de excitacáo. Mas tantos eram os protestos dos que ficavam apeados - «Você andou muito mais tempo do que eu», era a frase que ressoava constantemente no ar - que a certa altura o rei pediu a Ricardo que o coadjuvasse na tarefa de dar montada aos infantes.

Philippa la olhando pela janela, os olhos a dancarem de um para o outro dos seus meninos, Isabel aconchegada nos seus joelhos e o bebé Joáo ao colo da ama na mesma carruagem. Agora era Pedro que la á garupa de Ricardo, e a rainha entreteve-se a observá-los. Viu Beatriz, a enteada querida, aproximar-se para aconselhar cuidado ao meio-irmáo, e de repente percebeu que o miúdo era apenas um pretexto: os olhos da adolescente náo mentiam na sua adoracáo pelo mais novo cavaleiro do reí.

Era com Ricardo que Beatriz quería estar, a atencáo de Ricardo que procurava. E agora?

O rapaz era de boas famílias, feito cavaleiro pelo rei, com a rainha por madrinha; poderia resultar? Mas Beatriz era inteligente, bebera as licóes que D. Lopo lhe dera com uma avidez imensa, falava e escrevia fluentemente francés e latim, e nitidamente para dar satisfacáo á madrastra, fizera questáo em aprender inglés na perfeicáo. Podia deixá-la casar com D. Ricardo de Valenca? Nem pensar. Beatriz faria o percurso contrário ao seu: escreveria ao seu irmáo Henry e encontrariam juntos um nobre inglés, um homem rico e de posicáo que lhe pudesse dar a vida que merecia, que aceitasse a filha bastarda de um rei, sem dote que se visse, mas que soubesse apreciar a sua inteligéncia e beleza. Seria fácil convencer Joáo, que verla na alianca uma forma de encontrar para a filha



um lugar digno no mundo e reforcar os latos com Inglaterra, o país aliado. .

Nem por um minuto se lembrou Philippa de mais um coracáo que alegremente partia. Como diziam as pegas pintadas no tecto do Paco de Sintra «Por bem», e quando era por bem, náo havia contas a prestar. .

Dobrada sobre as costas de Joáo, como uma segunda pele, ria com os protestos do marido de que os seus pés estavam horrorosamente frios. O

colcháo era fofo e os cobertores de papa e as peles que os tapavam comecavam agora a aquecé-los, mas a verdade é que o paco episcopal náo vira, decididamente, obras há multo tempo.

- Tenho de Picar aqui uns tempos a ajudar D. Lancelot a renovar esta casa - murmurou Philippa, com os lábios roxos de frio.

- Já há multo tempo que náo brincavas aos arquitectos, agora que Santarém, Leiria, Lisboa, Sintra, etc., etc., etc., já estáo mais ao ten gosto -

responden Joáo, divertido.

- Por acaso dá-me um prazer imenso transformar casas em sítios mais agradáveis de viver; assim os maridos náo tém tantos pretextos para andar por fora - disse ela, fazendo-lhe cócegas nas costas.

E de repente lembrou-se do plano que fizera na viagem:

- Joáo, vamos casar Beatriz com um duque inglés; estava a pensar em Thomas Arundel, de quem sempre gostei. .

Joáo virou-se para a olhar de frente, espantado:

- Náo é má ideia. Consegue-se? O dote náo pode ser grande, e embora ela seja linda (Philippa sentiu uma ponta de ciúme), é filha natural. . mesmo que do rei de Portugal.

- E cavaleiro da Ordem do Garter - insistiu Philippa.

- Pois, talvez em Inglaterra isso sirva para alguma coisa, mas achas que o ten irmáo dá uma ajuda? E esse Arundel é boa pessoa, trata-a bem, merece-a?

- És mesmo um pai babado! Mas acredita que só quero mesmo o melhor para a Beatriz, é uma miúda adorável e muito mais culta do que a maioria das raparigas, mesmo as da corte inglesa. E é frontal, honesta, sabe cativar coracóes. .

- Sabe? - perguntou Joáo, desconfiado de que havia qualquer coisa por trás do plano da mulher. Mas Philippa náo lhe disse mais nada: Joáo podia reagir em fúria, correndo com o pobre Ricardo, ou dar-lhe para se comover com a história

e apoiar a filha na sua pretensáo a um casamento que acreditava ser por amor. Quanto menos soubesse, melhor.

Julgando que Philippa adormecera, Joáo fechou também os olhos, mas nem uns segundos se tinham passado quando a voz de Beatriz, logo de Beatriz, ressoou pelo quarto:

- D. Filipa, D. Filipa, venha depressa.

«Chama-me como me chamou quando a Branca morreu», pensou cm sobressalto a rainha, e de um pulo pós-se no cháo:

- Beatriz, o que acontecen? É o Joáozinho?

- Náo, náo - responden a enteada cm lágrimas: - É o Afonso, é o Afonso, como a cigana disse, é o Afonso, como a cigana disse. - E o pai teve de a apanhar nos bracos, porque desfalecia naquele cháo gelado.

Philippa já la a meio caminho do corredor, o manto sobre os ombros, os pés descalcos, a rainha disciplinada e rigorosa, esquecida de todos os protocolos, uma máe cega pelo pánico, que as palavras de Beatriz tinham inflamado á loucura.

Quando chegou ao quarto dos infantes, já lá estava o médico e D.

Lancarote. Afonso ardia cm febre e ninguém sabia o que tinha. Ao ver o filho deitado, os olhos azuis fixos, como se já nada vissem, a pele macilenta e suada, julgou que tinha morrido, mas ele reconheceu-a e estendendo-lhe as máos choramingou numa voz rouca: «Mummy, mummy». E Philippa percebeu que tinha de afastar aquele medo que náo a deixava pensar, para náo contagiar com ele o filho. Respirou fundo e sentou-se ao lado dele na cama:

- Afonso, a mummy está aqui

- Tenho frio, mummy, tenho medo. .

- Frio? Mandam-se já vir cobertores, e medo? Medo de qué, meu filho?

Deus está contigo, a máe e o pai também, e olha, ali, D. Lancarote, um guerreiro e um patriarca, para te proteger.

Durante dez dias Philippa náo abandonou a cabeceira do seu filho mais velho. Ordenou que todos os outros infantes fossem retirados de casa e enviados para o Porto - se a doenca de Afonso se pegasse, náo quería mais

ninguém em risco. Obrigou o reí a seguir com os filhos: «Quem vela por eles, se ambos morrermos?», argumentara, e João acedera.

Só Beatriz Picara. Por muito que lhe tivesse suplicado para partir, Beatriz recusava-se a sair da capelinha, onde rezava horas a fio. Philippa náo tinha já forras para lutar contra a sua determinacáo e desistiu. Talvez náo quisesse que partisse: no siléncio das noites longas, em que Afonso se debatia com uma falta de ar desesperante, que o deixava completamente exaurido, Beatriz fazia-lhe companhia e dava-lhe um imenso conforto.

Trazia-lhe um chá, passava-lhe gentilmente a máo pelo cabelo, num gesto muito breve mas que a tocaya profundamente. Contara-lhe finalmente o segredo que lhe pesava há dez anos, como a cigana profetizara que o menino que naquele dia nascera, morreria ainda crianca, mas acrescentara á história a profecia de que partiria em paz e teria Jesus Cristo e a Virgem á espera dele do outro lado.

Philippa sorria ligeiramente quando a enteada lhe repetía incansavelmente o último bocadinho da «sina» que certamente inventara agora para seu benefício, mas depois dava por si mais consolada. Maud e a sua máe, que já tinham á sua guarda a pequenina Branca, receberiam Afonso com o mesmo amor.

Foram dez dias de sofrimento e de espera, mas também de preparacáo, como lhe dizia D. Lancarote, que náo arredara pé.

- Dé por favor os últimos Sacramentos a D. Afonso Lancaster de Avis, pediu-lhe, num fim de tarde escuro e triste. Afonso respirava com cada vez mais dificuldade, mas estava lúcido, uma máo presa na da máe, que de vez em quando levava á boca seca para beijar, a outra entrelacada na de Beatriz.

D. Lancarote recitou-lhe as oracóes, e ungiu-o com os óleos santos:

- D. Afonso, estas preces e estes óleos sáo os que se aplicam aos grandes cavaleiros, antes de partirem nas suas demandas. Os teus avós e o ten pai foram ungidos com eles, e venceram todas as batalhas. A tua vai ser de vitória certa, és um menino bom, e Deus vai-te acolher como quem volta a ver um velho amigo guerreiro.

Afonso, o seu cabelo loiro e os olhos da cor dos da máe, sorriu-lhe, sereno:

- Se é D. Lancarote quem mo diz, acredito.

E fechando os olhos, morreu.



Philippa uniu-lhe as máos sobre o peito, beijou-o na testa e fugiu para o seu quarto. Náo conseguía chorar. Sentou-se no banco de pedra junto da janela, e assistiu de olhos muito abertos á imensa tempestade que se abatia sobre a cidade.

De máo dada com Beatriz e o braco de Joáo em redor dos ombros, Philippa entrou na Sé de Braga apinhada de gente, mas náo viu ninguém.

Os olhos estavam presos no caixáo pequeno que seguia á sua frente.

Ajoelhou-se junto da urna, onde estava inscrito «Afonso de Avis, 30 de Julho de 1390 - 22 de Dezembro de 1400», e manteve-se de joelhos, os olhos desfocados fingindo ler a lápide.

Quando a missa acabou, disse a Joáo:

- O Afonso está bem entregue. Leva-me agora para junto dos nossos outros filhos, que precisam mais do que nunca da máe.

C

Paco da Serra d'El-Rei, Atouguia da Baleia, 20 de Marco de 1401

onsolava-a o som distante do mar, os gritos das gaivotas e aquelas ilhas ao fundo, sinal de terra para além da terra, de vida, para além da morte. Tinha 41 anos e dois filhos mortos, mas seis vivos e bem vivos, exigindo constantemente a sua atencáo, um marido que amava, um reino para governar, e uma fé inquebrantável.

Os ingredientes náo eram os da depressáo, decididamente, nem Philippa aceitaria em si própria tal sinal de fraqueza. Se a Virgem María perdera o filho numa cruz,

que podia dizer ela? E no entanto, nem a oracáo nem a gritaria que povoava o quarto de brinquedos e os aposentos dos infantes apagavam aquela sensacáo de tristeza que considerava indigna de si.

Elisabeth escrevera-lhe uma carta sentida. Também ela acabara de perder Richard, o bebé nascido em Santiago, o único sobrinho que Philippa tivera nos bracos. Unidas, estranhamente no mesuro exacto momento, por uma perda táo grande, a irmá tinha a facilidade da revolta, enquanto ela estava presa num colete de forras de rigidez que tornava mais difícil libertar a mente da sombra escura da morte. Elisabeth conhecia-a como ninguém e avisava-a:

«Minha muito querida irmá,

procura consolo na religiao, que sempre te consolou, mas por favor grita, chora, protesta, deita para fora essa (esta) dor imensa que é ver um filho nosso, inerte, nulas caixao. O Chaucer va¡ escrever-te. Teme, diz ele, que nao tenhas al corra quem falar, ninguém corra um espirito aberto como o dele, que te autorize a fazer o luto verdadeiro de Afonso. Conheco-te, e se¡

que por ruedo de dares um mau exemplo, por receio de que alguém encare a tua raiva como auséncia de Fé, vais fazer de conta que nada se passou. Mas fazias berra erra ser mais portuguesa, que essa gente, e vi-a colas os meus próprios olhos, chora quando tem que chorar, grita quando tem que gritar, tocando-se erra consolo, abrasando-se corra forra. Philippa, o teu poyo nao gostará mais de ti por te manteres hirta e fria quando te morre um filho, e certamente acenará que sim corra a cabeca quando lhes disseres que a única coisa que te importa é que se faca a vontade de Deus,



mesmo que seja levar-te o primogénito, mas nao entenderá por que é que sendo tudo isso verdade, nao choras na mesma. Chora, Philippa, chora em frente do teu marido e dos teus filhos, de D. Brites, de Teresa, de Lourenco, mas chora, irma.»

Philippa lera e relera este pedaco da carta vezes sem conta, e guardava-a religiosamente na sua caixa de correspondéncia, na sua secretária de trabalho, e que viajava sempre consigo. Mas náo chorava. Náo conseguía chorar.

- Máe, mummy! - ouvira a voz de Henrique, alterada e furiosa, a gritar.

Chegara-se á janela para ver o que o filho quería, e a boca abriu-se num sorriso largo quando o viu esfarrapado e sujo, uma espada de madeira partida ao meio, a cara afogueada.

Quando percebeu que a máe viera á janela e fazia já parte do seu público, incendiou o discurso:

- Os infantes D. Pedro e D. Duarte chamaram-me mentiroso, quando lhes jurel que la ter muitos barcos e descobrir o que estava para lá da Berlenga.

- E tu fizeste-os pagar a calúnia? - disse a rir, lá de cima, Philippa.

- Pois fiz - disse o príncipe levantando orgulhoso a espada partida. .

- Partiste-a na cabeca de qual deles? - perguntou a máe, divertida. .

- Na de D. Duarte, é um medriquinhas, sempre de pena na máo, o menino querido de D. Lopo, claro, mas náo é feito para ser rei!

O rosto de Philippa perdeu qualquer sombra de alegria e o filho pressentiu que tinha feito asneira, levara o seu acto teatral longe de mais.

- D. Henrique, vai para os teus aposentos de castigo, já! Passo lá á noite para falar contigo - vociferou a rainha, e Henrique dobrou a cabeca, murmurou um «desculpe» e fez o que a máe lhe mandara.

Virando as costas para a janela, e para o mar, Philippa atravessou o saláo com passos rápidos, direita ao pequeno escritório onde Joáo estava reunido com Lourenco, chegado das obras no Mosteiro da Batalha, que fora fiscalizar.

Ambos se voltaram para ver quem abria a porta sem batey, e perceberam imediatamente que a rainha estava fora de si. Lourenco apressou-se a encher-lhe um copo de vinho quente e a apontar-lhe o lugar em frente da lareira, mas Joáo só conseguiu perguntar:

- Os infantes estáo bem?

- Bem? Bem de mais. Se náo mimasses tanto o Henrique, se náo lhe desses a

entender táo claramente que é o ten favorito, talvez tudo estivesse melhor - disse Philippa numa voz gelada.

- En? Que culpa tenho en que ele tenha aquele feitio impetuoso, aquele sangue quente a correr-lhe nas veías? Sal mas é ao ten pai, e quem lhe enche os ouvidos com histórias de cavaleiros, batalhas e torneios és tu!

Lourenco náo sabia se havia de ficar ou de sair, o re¡ e a rainha numa discussáo doméstica, a tratarem-se por tu á frente de um vassalo, mas Philippa fez-lhe um sinal:

- Deixe-se estar, D. Lourenco, o senhor melhor do que ninguém conhece a terra de onde venho, e esta onde vivo. Pode ajudar-nos a perceber o que fazer com o Henrique?

- Mas o que é que fez desencadear esta crise? - perguntou o conselheiro.

- O Henrique baten no Duarte, partiu-lhe uma espada de madeira na cabeca. .

- E depois? - perguntou Joáo, que náo acreditava por um minuto que a mulher se enervasse por uma luta campal entre os filhos. .

- Depois é que foi o pior. Disse que lhe batera porque ele náo era digno de ser reí, porque era um medricas, sempre agarrado ás penas, aos tinteiros e aos pergaminhos. .

Joáo e Lourenco entreolharam-se, silenciosos. Philippa calou-se também, como que hipnotizada pelas labaredas. Lourenco foi o primeiro a retomar a palavra:

- D. Filipa, quando a oico falar do infante D. Henrique nao posso deixar de me lembrar das histórias que me contou sobre o seu pai. Também ele era o terceiro filho, mas com uma personalidade táo forte e táo vincada que lhe parecía insuportável aceitar um lugar menor, quando acreditava ter tudo para reinar. .

Joáo pegou no fio da meada, e continuou:

- E o pior foi aquela tonta daquela ama, a D. Mécia, que lhe foi dizer o que continha a sua carta astral, aquela que Guilhopares insistiu em fazer no dia em que ele nasceu, lembras-te?

Philippa assentiu com a cabeca. Ficara furiosa na altura. Chaucer e freí John tinham-lhe ensinado o nome e os segredos das estrelas e dos planetas, mas nunca lhe permitiram acreditar que o destino estava tratado

- para que fóssemos livres era preciso que pudéssemos escolher, e Deus tinha-nos feito livres, portanto capazes de optar pelo bem e pelo mal, de receber o prémio ou o respectivo castigo. E no entanto náo se recusara a ler a carta astral do filho acabado de nascer, talvez porque se lembrara do bilhete que freí John lhe mandara entregar, minutos antes de zarpar para a Catalunha, e que afirmava, sem dúvidas, que partia para ser rainha de Portugal.

- Philippa, esqueceste-te do que aqui estamos a discutir?

- Náo, náo, pensava só no que dizia a carta.

- Que nasceu sob a influéncia de Marte e Saturno, o que o predispunha a

«grandes e nobres conquistas e descobrir segredos escondidos dos outros homens» - recitou Lourenco.

- E agora o rapazinho com apenas sete anos acha que os astros o empurram na conquista da Berlenga, e que ninguém é mais digno do que ele para se sentar no trono - suspirou, exasperada, Philippa.

Joáo andava agora de um lado para o outro, e passando perto da cadeira da mulher, sossegou-a com uma máo no ombro:

- Confesso que a energia do Henrique me diverte e me contagia. Está sempre pronto para partir, para entrar numa briga, para querer saber mais. .

- Saber mais do que aquilo que lhe apetece. . de estrelas e planetas, de ilhas e mapas, mas D. Lopo náo consegue que fique quieto nem que leía um texto até ao fim, e os exercícios escritos que faz sáo um borráo pegado -

comentou Philippa.

- Talvez me identifique com ele, o que é que queres? Talvez exactamente por isso, por náo conseguir ficar quieto, por ser impulsivo, por náo ter paciéncia para melhorar a minha caligrafía - disse já a rir, Joáo.

- D. Filipa, náo deve ser fácil para o infante competir com dois alunos exemplares, como o infante D. Duarte e D. Pedro; ambos adoram as aulas

de D. Lopo, ambos escrevem e falam fluentemente várias línguas. . é natural que ele se tenha moldado no pai Joáo, que lutou con tra Castela, no avó John, que andou a vida toda em batalhas, no bisavó Henry, que ainda por cima lutou contra os mouros. .

- Mas náo pode, nem cm pensamentos, ambicionar o lugar do irmáo mais velho, nem deixar que a morte de Afonso lhe dé a ideia de que talvez um dia. . os outros também desaparecam - sussurrou Philippa.

- Al Virgem Santíssima, Filipa, que por cá a gente náo corta cabecas nem entra em guerras fratricidas assim por dá cá aquela palha, e o miúdo só tem sete anos - interveio Joáo. .

- Ah, pois náo, vocés nem se lembrariam de uma coisa dessas, por isso é que andas há anos a combater o ten meio-irmáo, João de Castro - soltou a rainha, com uma gargalhada sarcástica.

E Joáo e Lourenco remeteram-se ao si1ncio. Philippa voltou de novo os olhos para a lareira. Tinha de ter cuidado, era preciso desviar a atencáo de Henrique para fora de Portugal, era preciso fazer crescer o país para que houvesse um lugar para cada um dos seus cinco rapazes. .

P

Paco de Leiria, 8 de Novembro de 1401

,hilippa insistira em que Afonso, o futuro conde de Barcelos, tinha de casar em Leiria. Estava orgulhosa do que fizera áquele paco - a fachada principal virada para a cidade, erguendo-se sobre o muro da fortaleza, e aquela varanda de vista deslumbrante. Philippa mandara que se colocassem lareiras em cinco dos aposentos, e seguira também aqui o modelo de Windsor e Kenilworth, com as cozinhas no piso de baixo e o saláo grande no de cima, bem iluminado e aquecido, como este dia do princípio de Novembro exigia.

O arquitecto Huguet prestara-lhe todo o apoio, deixando as obras da Batalha de

quinze em quinze dias para fiscalizar Leiria, e o resultado era espantoso. O casamento de Afonso servia assim para o mostrar á corte e aos nobres que acorreram em massa á primeira grande festa dos últimos vinte anos.

João concordara com a escolha do local. Philippa resistira a princípio, a legitimacáo de Afonso parecia-lhe uma ameaca seria, e a alianca com a filha do condestável náo lhe aliviava em nada os medos. Mas depois decidiu que o futuro a Deus pertencia, e que tinha era de colaborar na organizacáo da festa. Os tras infantes mais velhos andavam numa excitacáo, porque apesar de pressentirem as hesitacóes da máe tinham uma enorme admiracáo pelo «irmáo grande», sempre vestido a rigor, a espada á cintura e um ar altivo que atraía sobretudo Henrique. O pai até insistira em que aprendessem a esgrimir com ele, e curiosamente Afonso, amolecido pela morte do irmáo do mesmo nome, acedera ao papel de instrutor, e os infantes tinham agarrado a oportunidade única de pegarem em espadas a sério. Pedro era de todos o mais sóbrio nas suas adulacóes, e entre ele e Afonso havia uma antipatia latente, que Philippa náo conseguía explicar.

Talvez porque Duarte fosse demasiado metido consigo e com os seus livros, para o assustar, e Henrique um admirador demasiado incondicional para ser recusado, restando a serenidade de Pedro, que unia a capacidade intelectual que lhe merecia as melhores notas de D. Lopo com uma capacidade invulgar para o manejo das armas. Sim, Lourenco e D. Lopo concordavam com ela: D. Pedro era o que maiores ciúmes provocava ao

meio-irmáo mais velho.

Mas talvez este casamento, abencoado por um céu límpido que acompanhava o Veráo de S. Martinho, sossegasse a competitividade de Afonso, que afinal aos 31 anos bem precisava de assentar. Beatriz Pereira Alvim, filha do condestável e de Teresa Alvim, era um miúda serena, que apesar de ser filha única, a austeridade do pai nunca tinha deixado estragar com mimos. Philippa gostava francamente dela - e achava que D.

Teresa, por aturar D. Nuno, tinha, pela certa, um lugar já garantido no céu -

e esperava que o título de conde de Barcelos e as extensas terras que trazia ao marido, somadas á sua beleza e serenidade, dessem ao filho bastardo de Joáo um sentido de valor próprio.

- Quando tiver filhos seus, tudo será diferente - profetizava Joáo, e Philippa

tendia a concordar.

Quando ao fim do dia os noivos foram conduzidos aos aposentos onde passariam a primeira noite, Philippa com toda a sinceridade desejou-lhes as maiores felicidades.

N

Alcácova de Lisboa, 22 de Marco de 1402

'áo tinha dito nada a ninguém. Nem a Teresa, nem a D. Brites, nem táo-pouco a João. Mas há umas semanas que tinha a certeza de que estava grávida de novo. Dera uma casinha em Sintra ás gémeas parteiras, como presente de despedida e agradecimento - tinham-na servido bem em sete partos, e aquando da morte de Afonso enviaram-lhe um raminho de flores da serra e um cartáo exprimindo a tristeza de que um dos seus bebés tivesse deixado este mundo que a comovera sinceramente pela sua simplicidade. A gravidez de João tinha sido mais complicada do que as anteriores, e João já era um rapazinho de dois anos. Quarenta e dois anos e grávida do seu oitavo filho, que possibilidades teria de que tudo corresse bem? Será que Deus lhe daría mais um menino saudável, ou seria pedir de mais, quando tantas outras mulheres tinham muito menos?

Mas naquela manhá sentia-se táo mal que nem conseguira levantar-se para a missa das oito. Uma agonía imensa invadia-a, a ela que sempre se orgulhara de náo sucumbir ás maleitas da gravidez - que suspeitava até serem fraquezas de espírito-, e as contraccóes nos rins deixavam-na quase sem respirar. Náo podía continuar a jogar ao gato e ao rato com as camareiras e as damas que lhe eram mais próximas. Mandou chamar D.

Brites, e abrindo muito os olhos para náo se permitir chorar, contou-lhe que esperava um novo filho. D. Brites benzeu-se, mas controlou-se: náo lhe cabía comentar a vontade de Deus, mas sim chamar o médico. «E as gémeas», pediu Philippa numa voz fraca.

As camareiras espalharam rapidamente a notícia ás damas, e as damas coscuvilharam entre elas, que há muito tempo náo havia notí cías destas: Philippa mantinha a sua fertilidade, e a sua fertilidade era prova de que ela e João continuavam a «fazer aquilo» como sussurravam, entre risinhos, as mais

novas. E como a intencáo náo era já certamente procriar, cometiam o pecado da luxúria, comentavam as mais azedas, entre benzeduras tingidas de inveja.

O médico da corte chegou o mais depressa que póde, foi só acordá-lo, que ainda dormia. O recato impedia-o de examinar a doente, sobretudo uma rainha, por isso tinha de esperar pela chegada das «comadres» que,

no fundo, esperava fizessem a observacáo e o diagnóstico.

Vindas de Sintra, entraram pelos aposentos de Philippa com uma flor de cameleira na máo e as suas caras de mocoilas do campo tingidas pelo vermelho do frio que tinham apanhado pelo caminho.

- D. Filipa, que boas novas nos trazem aqui - disseram em coro, correndo a beijar-lhe as máos.

Mandaram sair toda a gente da sala, destaparam a rainha e deram um grito discreto de susto: os lencóis estavam ensopados de sangue, as contraccóes frequentes. Perpétua deu-lhe uma pocáo calmante, María da Luz esfregou-lhe a barriga e a zona dos rins com cánfora, que imediatamente lhe aliviou as dores nas costas.

- Podem dizer a verdade - incitou a rainha.

- Nem outra coisa podia ser - responden Perpétua.

- O bebé pode náo querer nascer - explicou Maria da Luz -, e de qualquer forma Vossa Alteza sabe que quarenta e dois anos sáo quarenta e dois anos, e o seu corpo já foi consumido por dentro por muitas gravidezes. .

- Mas já perdi o bebé? - perguntou pálida a rainha.

- Náo, náo perdeu. Mas o sangramento e as dores indicam que o pode estar a expulsar de dentro de si - explicou Perpétua.

- Náo é a senhora, é a Natureza, entende, é Deus Nosso Senhor que assim o deseja, talvez porque o menino ou menina náo esteja bem. . -

acrescentou María da Luz.

- E se continuar a sangrar assim, morre o menino afogado, e Vossa Alteza val morrendo á medida que a selva se perde. .

Philippa virou os olhos para a Senhora do ó, que nunca deixava longe da sua beira e murmurou:

- Facam tudo para o salvar, quero este meu filho.

As parteiras baixaram a cabeca, e juraram que sim. O médico, que entrou depois, limitou-se a repetir o diagnóstico das comadres, e a dizer-lhe que talvez fosse preciso interromper a gravidez.

Mais ainda, garantia-lhe que o cónego da Sé, que consultara já várias vezes sobre casos semelhantes, lhe dizia que se a vida da máe corresse risco, náo havia pecado nisso.



Philippa olhou-o entre o escándalo e o espanto:

- O senhor náo sabe o que diz. Este filho vai nascer, ou morremos os dois

- disse com veeméncia.

Mas o físico insistia, pedia-lhe pelo menos que considerasse. E quanto mais insistia mais zangada Philippa ficava, até que perdendo a cabeca de fúria, lhe indicou a porta do quarto:

- Qual foi a parte do que lhe disse que náo entendeu? - vocifereou, e as gémeas e D. Brites encolheram-se, porque era raro a rainha deixar-se levar pela ira.

O clínico saiu, mas náo se conformou. Falaria com o rei, talvez ele fizesse a mulher ver a razáo - afinal havia mais seis infantes de quem cuidar.

Quando tentou abordar a questáo com Joáo, este encolheu os ombros:

- Julgo que a rainha já lhe den a sua opiniáo, náo foi? Só ela pode decidir uma coisa destas. A Senhora do ó protegé-la-á, como sempre protegen.

E nessa noite ajoelhou-se frente ao oratório e rezou com um fervor

desconhecido:

- Senhor, náo a leves para junto de ti, que precisamos muito dela aqui.

E tapando a cara com as máos, soltou um pranto incontrolável.

Joáo entrou no quarto com Duarte, Pedro, Henrique e Joáo, o «meu exército», como comentava a rir. Isabel vinha atrás, porque se ficara a ver no espelho do corredor - estava táo bonita a sua princesa, crescida para os seus cinco anos, cada vez mais parecida com Elisabeth. Nos olhos verdes, nos caracóis castanhos-arruivados, no seu gosto por «trapinhos», na sua frontalidade e também nas suas birras. E tinha perfeita consciéncia de tudo isso - as amas mimavam-na e penteavam-na e punham-lhe lacinhos no cabelo, e as damas da corte falavam-lhe de todos os príncipes disponíveis nas cortes europeias, chelas de inveja porque sabiam que á única rapariga da família real, e ainda por cima táo bonita, nunca lhe faltariam pretendentes.

E como que para merecer tudo o que a mae pensava dela, foi a primeira a sair da fila indiana e a saltar-lhe para cima da cama. O pai apanhou-a no ar:

- E onde é que a menina pensa que vai?

- Para dentro da cama da minha máe!

- Náo val, náo senhora, que a máe precisa de ficar quieta e sossegada. .

- Mas en náo quero mais manos, máe! - protestava, enquanto esperneava entre os bracos do pai.

- Entáo, reza a Deus que desta vez seja uma rapariga - sugeriu, a rir, Philippa.

- Mas en também náo quero mais manas! Quero ser a única princesa.

Os mais velhos sabiam bem os riscos que a máe corría nesta gravidez, mas estavam catequizados também para a certeza de que um infante náo mostra medo nem chora como um bebé - e por isso falavam de tudo e de nada nestas visitas diárias, contando-lhe o que ela mais gostava de saber.

Duarte falava invariavelmente dos livros que lera e daquele que la comecar a escrever. Chegando-se á beira da máe, mostrava-lhe, timidamente, os

pergaminhos que enchera de frases e desenhos. Descrevia as salas do palácio, os pássaros que vinham beber ao tanque, e fazia longas descricóes de como se deveria comportar um rei. Philippa passava-lhe a máo pelo cabelo loiro, e incitava-o a continuar:

- Deixa aqui o que escreveste, Duarte, que a máe vai ler tudo e depois dá-te uma opiniáo, queres?

Duarte acenou que sim, entusiasmado. Era mesuro só isso que ele quería: a aprovacáo da máe. Tornar-se de um dia para o outro o herdeiro, ver virar sobre ele as atencóes dos professores e da gente da corte, perceber que as vénias que os homens do seu pai lhe faziam eram mais vincadas, enchia-o de um terror imenso. Perder Afonso, tinha sido um golpe rude, tinham nascido e crescido quase como gémeos, e Duarte deixara-se sempre guiar pela personalidade muito mais vincada do irmáo.

Mais ainda, percebera sempre que Afonso fazia franzir o sobrolho materno em desaprovacáo, quando era rude ou demasiado ambicioso, e moldara-se suavemente áquele que pressentia ser o ideal da máe: um rato de biblioteca, como agora lhe chamava Henrique sempre que o quería irritar.

A sua imensa sensibilidade dizia-lhe outras coisas, como por exemplo que o pai e D. Ricardo, que tinham intensificado o tempo que passavam a ensinar-lhe as artes da guerra, prefeririam exactamente o contrário do que ele era, um miúdo que náo gostava particularmente de catar nem de andar á pancada. Se Deus lhe tinha dado uma cabeca para pensar e uma



alma para sentir, eram essas que devia usar em lugar da espada, pensava secretamente. Todos os dias rezava na capela do paco para que o Altíssimo o tornasse mais corajoso e aventureiro, digno de um dia ocupar o lugar do pai. O lugar do pai? A morte de Afonso trouxera-lhe a consciencia de que as pessoas que nos sáo queridas também morrem. . Estava farto de ouvir a todos que a máe podía morrer a qualquer momento. O que faria sem ela? A máo, mesmo agora, apertava-lhe constantemente o estómago, e sentia uma náusea a tirar-lhe a forra das pernas.

Philippa lia-lhe os pensamentos e angustiava-se. Estaria a ser egoísta deixando

que a sua vida corresse risco, recusando o aborto que lhe propunham insistentemente os médicos, e aparentemente com a béncáo da Igreja, quando tinha seis meninos sobre quem velar, todos táo diferentes mas todos táo dependentes de si?

Felizmente o humor de Pedro, as gratas novas do bebé Joáo e as descricóes sempre entusiasmadas e vívidas de Henrique, que estava sempre em luta com o mundo para dele retirar a adrenalina de que precisava para viver, náo a deixavam cair em nostalgias e depressóes.

Far-se-ia a vontade de Deus, era esse o único caminho que podia e devia seguir.

E chamando-os a todos, pediu-lhes que náo a esquecessem, nem a ela nem ao bebé, nas suas oracóes da noite. Os tras mais velhos acenaram que sim com a cabeca, mas Isabel protestou:

- Vou dizer á minha ama que depois do banho me traga ao seu quarto, para a máe me fazer as trancas antes de dormir, está bem?

Philippa olhou-a com todo o amor do mundo. Faria as trancas de Isabel, como todas as noites sonhara que a máe Blanche lhe (aria as dela. A sua filha nunca conheceria a desilusáo de esperar, esperar, esperar pelos passos no corredor, pelo movimento do reposteiro, para adormecer entre lágrimas porque naquele dia a máe náo viera. .

A decisáo de se mudarem para Sintra surgira no início da Primavera.

Philippa náo suportava a ideia de passar mais tempo em Lisboa, o calor da cidade cortava-lhe a respiracáo e receava que as epidemias e as doencas que surgiam sempre aliadas ás gentes e á sujidade das ruas contagiassem

algum dos seus infantes. Mil vezes os nevoeiros limpos da serra de Sintra, onde os meninos podiam montar todos os dias a cavalo, e andar ao ar livre.

A hemorragia náo estancara, como as gémeas tinham esperado. la e vinha, mas as comadres garantiam que o coracáo do bebé batia, e ela própria já sentia os seus movimentos dentro de si. A viagem tinha sido lenta, evitando os solavancos do caminho, mas felizmente náo tivera efeitos secundários: instalara-se no seu paco querido e pedira que lhe mudassem a cama de forma a que, mesmo deitada, pudesse ver o Castelo dos Mouros lá em cima.

João náo conseguía sossegar. A rainha estava pálida de morte - frágil e branca já ela era, mas esta sangria lenta, que náo cedia ás pocóes que bebia e aos unguentos que lhe eram aplicados, retirava-lhe todos os dias um bocadinho mais das suas forras. O clínico sintrense tinha sido novamente chamado, pois Philippa nunca mais quisera ver a cara do lisboeta que lhe recomendara que deixasse matar o filho que trazia no ventre. Miguel Forjaz passou a ir vé-la duas vezes ao dia. Combatia a fraqueza com fruta e hortalica, caldos de galinha e vinho tinto quente, que acreditava fortalecer-lhe o sangue e restituir-lhe a energia anímica de que precisava. . para sobreviver ao parto.

Philippa tinha dificuldade em manter-se presa a uma cama, ela que nem nas gravidezes deixara de ir catar, assistir á missa com o poyo nas capelinhas de cada uma das regióes onde ficavam, entrar em casa das pessoas e falar com elas, com uma simplicidade que lhe dava uma popularidade crescente entre as gentes, mesmo que náo seduzisse a corte.

Teresa e D. Brites contavam-lhe, agora, que todos os dias iam ali ao paco mulheres do poyo entregar cestos de fruta ou verduras destinados á rainha, acompanhando a oferta sempre com uma palavra de esperanca.

Ainda na véspera lá fora uma, no seu burrinho, os alforges cheios de morangos, que entregara ao guarda do portáo, implorando-lhe que dissesse a D. Filipa que esta gravidez complicada só significava que o infante a nascer seria um santo.

Philippa comovera-se com a mensagem que lhe chegara direitinha, que o guarda da porta sentira que havia naquela velhinha uma qualquer magia que aconselhava a dar o recado, mas come~ou a assustar-se guando lhe relatavam que nas missas de todo o país os padres pediam pela sua saúde e tratavam o bebé a nascer como uma crianca profeta, um «santinho» com uma missáo na terra. A vida ensinara-lhe que eram precipitadas as

profecias - ainda faltava o parto, faltava saber se o seu filho (ou filha!) que insistira contra todos em trazer ao mundo seria saudável ou marcado por estes meses de luta. Acreditava que todos temos uma missáo, e que náo pisamos a terra senáo para a cumprir, mas náo quería filhos vaidosos, convencidos por amas e aias de que eram os escolhidos, e sobretudo temia que uma crianca criada na conviccáo da santidade, se entregasse a martírios desnecessários. .

Mas náo podía, nem devia, entregar-se a comiseracóes próprias ou a lutos

antecipados. E decidiu que «para náo morrer estúpida», como dizia a rir, fazendo empalidecer D. Lopo e Lourenco, reuniria com os seus conselheiros uma vez por semana, e na mesa de trabalho que ordenou que lhe fosse colocada no quarto espalhou os seus mapas, os contratos e as cartas a que tinha que responder. Na mesinha-de-cabeceira, a Senhora do ó, na mesa de carvalho, o astrolábio de Chaucer!

J

Paco de Santarém, 29 de Setembro de 1402

oao nao podia manter-se mais tempo no Paco da Rainha, e Philippa insistia em que a família náo podía separar-se, nem por dias, como se o seu equilíbrio e as suas forras dependessem totalmente do marido e dos filhos.

As gémeas já a deixavam levantar-se por períodos curtos, e as hemorragias tinham cessado no último mes, por isso consentiram que partisse para Santarém, rodeada de todos os cuidados.

A rainha achara que a viagem fizera maravilhas, como se depois de tantos meses enclausurada, olhar a paisagem que corria na janela da sua carruagem lhe restituísse o sabor da vida e determinacáo de viver.

Mas nunca levara tanto a máo á barriga, sempre á espera de um movimento, de um pontapé, de um pé espetado sob as suas costelas, obrigando-a, com um sorriso e um gemido, a endireitar-se:

- Esta crianca náo pára quieta. É um resistente! Vai nascer, e vai nascer bem, e gozar todos os minutos de vida que tver, porque é a prova de que a vontade de Deus náo se contraria.

As comadres entreolhavam-se. D. Filipa, que tivera o primeiro filho aos 28 anos, e agora se preparava para um parto treze anos depois, mostrara até hoje uma resisténcia invulgar, e surpreendera sempre.

Naquele mesmo dia rebentaram as aguas e Philippa entrou em trabalho de parto. O bebé estava sentado, o pesadelo foi longo e duro, e em todas as igrejas do país se rezava por ela. Quem olhasse pelas janelas do castelo, via as capelinhas

daquela lezíria fora iluminadas, e nos terreiros das igrejas ardiam velas, pontinhos de luz na noite escura. Aqui e ali a luz era mais intensa: fogueiras ardiam nos rossios das aldeias vizinhas. O país sabia que o infante estava para nascer. E fazia o que podia para que o poder divino o protegesse.

- Forra, D. Filipa, forra. . só mais um bocadinho - pedia Perpétua.

- Grite, D. Filipa, lembra-se como a aliviou no parto de D. Henrique?

Grite, D. Filipa - incitava-a Maria da Luz.

Mas a rainha mordia a máo, a imagem da virgem caída nas almofadas, que já nem forra tinha para a segurar.

- Estou a conseguir, estou a conseguir, toalhas, água quente, mulheres, para onde estáo a olhar? - gritavam as comadres para as criaditas estarrecidas.

- Já cá está, já cá está! - berrou Perpétua triunfante, esquecida de todos os protocolos.

E pendurando o menino pelos pés, para que a irmá cortasse o cordáo, o grito daquele bebé soou alto pelo paco de Santarém. Na sala do lado, Joáo e os filhos saltaram ao pescoco uns dos outros, numa felicidade imensa.

- Mas a máe, a máe estará bem? - perguntou Pedro, assustado.

Henrique encostara a orelha á porta e declarou, feliz:

- Estou a ouvir a voz da murnmy, estou a ouvi-la pedir que lhe déem o bebé.

- Bebé, náo, D. Fernando - disse para surpresa de todos a infanta Isabel.

Joáo olhou-a, estupefacto. Era a sua vez de lhe pór nome, e pensara em Dinis, náo gostava das memórias que lhe vinham associadas ao nome do seu meio-irmáo Fernando, e muito menos ao da sua mulher, Leonor Teles. .

e do conde de Andeiro, mas a filha parecia determinada.

- Fernando, porqué? - perguntou Joáo.

- Porque uma cigana hoje á tarde, quando fui com a ama passear, chamou-me e

disse-me que o mano la nascer bem e se la chamar Fernando

- disse a miúda, os olhos muito abertos, como se se limitasse a transmitir uma mensagem.

João estremecen, e virando-se para ela pegou-lhe ao colo, os olhos ao nível dos seus, e disse-lhe suficientemente alto para que todos ouvissem:

- Fernando será, filha, mas nunca, nunca, diráo á máe que foi uma cigana, na terra de Santarém, que pronunciou primeiro este nome, ouviram? Juram?

E os infantes juraram, enquanto Beatriz, que se sentara silenciosa no banco de pedra junto da janela - num hábito copiado inconscientemente da madrasta -, olhou para as velas que ardiam em redor do paco e benzeu-se.

T

Convento de Benfica, 5 de Maio de 1404

odos eles já tinham visitado o convento dominicano que Joáo das Regras mandara construir em terras que o rei lhe dera para os lados de Benfica. Albergara-se numa das celas, e saía apenas em dias de conselho maior. Joáo visitava-o muitas vezes, parava para ouvir missa na sua capela, a caminho das catadas, bem pela manházinha. Sentava-se silencioso junto daquele homem, que para todos os efeitos era como se fosse seu pai. «Táo mais próximo de mim do que o rei que me den a vida, ou mesmo o avó, que cuidou de mim», pensava sempre D. Joáo, quando se ajoelhava junto do homem que lhe dera o trono.

Mas neste dia de Primavera, a família real estava ali para o chorar. Ou melhor, como dizia a voz forte de D. Lancarote, que viera de Braga para oficiar a missa de corpo presente do grande Joáo das Regras, morto dois dias antes, num ensolarado dia 3 de Maio, «para enaltecer a sua vida e aprender com ela». Os infantes no banco da frente da capela, sentados por idades e formando uma escadinha, enchiam Philippa de orgulho. Direitos, sérios, com a consciéncia plena de que se despediam do maior conselheiro do reino. Philippa olhou-os com orgulho indisfarcável, a sua Isabel encostada ao ombro do pai a procurar consolá-lo, Duarte esforcando-se por náo chorar, Pedro, Henrique, muito direitos, e Joáo, sempre de máo dada com o bebé Fernando, que apesar de ser

uma crianca pequena a rainha tinha insistido em que estivesse presente. A morte fazia parte da vida, era mesmo o momento glorioso em que os homens de bem, como o conselheiro fora, se encontravam com Deus Nosso Senhor, na paz eterna. A morte fazia parte da vida, repetia Philippa, que já tinha perdido tantos dos seus grandes amores, e quanto mais cedo os filhos aprendessem a náo temer este rito de passagem, mais Portes e corajosos ficariam.

Tinha a certeza de que Joáo das Regras, lá de cima, olharia os seus

«netos» com o mesmo orgulho que ela.



Lisboa, Setembro de 1405

uando Philippa lhe anunciara a intencáo de a casar com Sir Thomas FitzAlan, conde de Arundel, e de a mandar para Inglaterra, Beatriz Picara espantada com a sua própria reaccáo. Depois de uns segundos de surpresa, sorrira para a madrasta, consciente da felicidade que lhe dava a ideia de que Philippa a tinha considerado suficientemente digna para a casar com um seu primo de sangue real. Mas o que mais a surpreendera fora a sensacáo de aventura e liberdade que lhe tomara conta da alma.

Philippa la-lhe fazendo descricóes de Sir Thomas, e entusiasmada, dizia:

- Já viste, Beatriz, vais fazer exactamente o mesmo que eu, só que ao contrário? Nasceste e viveste em Portugal e agora com vinte e seis anos, tal como eu, vais deixar este país e casar em Inglaterra. E vais ser táo feliz como eu.

- E o meu enxoval, e o meu dote? - respondera ligeiramente preocupada Beatriz, a imaginar-se já a entrar na sofisticada corte inglesa como uma prima da província que aceitavam apenas por caridade para com a «tia»

Philippa.

- Náo te preocupes com isso, o pai vai encontrar o dote que pediram, e tratei de tudo o resto com o reí Henry. .

Beatriz náo quería saber os pormenores. Náo lhe passara despercebido o sobrolho franzido com que a rainha nos últimos meses, ou talvez já fosse mesmo mais do que isso, recebia e abria as cartas que o irmáo e outros senhores ingleses lhe escreviam. Entendera que a negociacáo náo tinha sido fácil, e que Sir Thomas náo era, certamente, o noivo expectante como Philippa o fazia, mas que aceitava a ligacáo com a filha bastarda de um rei -

se bem que legitimada pelo Papa, como o seu irmáo - com alguma relutáncia. So esperava que tudo acontecesse como acontecera com o pai, que também casara muito contrariado e agora parecia táo feliz.

E de qualquer maneira, sabia que no fundo de si mesma estava ansiosa por se libertar desta corte pequena, de um grupo de meios-irmáos, que nunca a veriam como uma dos deles, e sobretudo da guerra latente entre o

irmáo de sangue e a nova família do pai, que nem as terras nem os títulos tinham realmente acalmado.

Philippa leu-lhe os pensamentos:

- Sabes que quando saí de Inglaterra com a tua idade, só quería respirar ar novo? Comecar do princípio, onde ninguém me rotulasse de nada, onde me pudesse ver livre das intrigas e das loucuras do meu pai, que tanto me embaracavam. .

- Vocés náo me embaracam! - murmurou Beatriz, que nao conseguiu acrescentar «eu é que tenho medo de vos embaracar. .».

Mas Philippa insistiu:

- Viste como o embaixador inglés te beijou a máo, os olhos com que te olhou? És muito bonita, és educada, sabes línguas, és mais culta do que a maioria das mulheres, muito mais do que as damas que vais encontrar na corte, e sir Thomas FitzAlan é de uma óptima família, váo-te acolher como uma princesa que és. .

- Sem a marca da bastardia? - sussurrou Beatriz.

E Philippa sentiu um nó na garganta. «Se os homens e mulheres soubessem como o seu pecado faz sofrer os filhos que geram no adultério, entenderiam por que a Igreja o condena táo veementemente», pensou para si. Mas limitou-se a responder:

- Beatriz, és uma princesa de Avis, filha do reí de Portugal, endireita os ombros, levanta a cabeca, olha em frente e orgulha-te de quem és. Os outros só te veráo como tu te mostrares!

- E lady Elisabeth, estará lá? - perguntou de repente assustada com a ideia de ficar sozinha num país estranho. .

- Para além das tuas damas pessoais, que váo daqui e ficaráo contigo, podes contar com Elisabeth, a quem já escrevi. Val estar á tua espera em Windsor, e também vais gostar do meu irmáo e da minha cunhada Mary, que é mesmo meiguinha. E depois há a viagem, já pensaste. .

- O meu pai val comigo? - perguntou Beatriz.

- Náo, o pai náo vai, estas escaramucas constantes com Castela náo deixam que o rei vá a lado nenhum - disse Philippa com um encolher de ombros de quem já está pelos cabelos com as batalhas ocasionais com os vizinhos, que nem os seus esforcos, nem os da irmá, do outro lado da fronteira, pareciam suficientes para acabar de vez.



- Mas val o ten irmáo Afonso levar-te. E ele está feliz por ir, e por viajar pela primeira vez para fora de Portugal - continuou.

- D. Filipa, posso fazer vestidos novos? - perguntou Beatriz, animada com a ideia; o seu irmáo estaría de bom humor pela certa se o pai o mandava como seu filho e representante á corte inglesa e sentiria a homenagem como uma prova de que o rei o olhava com orgulho.

- Podes fazer todos os vestidos que quiseres. Já mandei vir tecidos da Flandres e tens as costureiras ás tuas ordens - disse Philippa a rir, encantada por ver a enteada muito feliz com a proposta que lhe fizera. Até ver entrar no paco de Lisboa os embaixadores ingleses com o propósito de ultimar as negociacóes, Philippa desconfiara de que o seu «projecto» se desfizesse. Porque Thomas Arundel pedira uma contrapartida monetária para obedecer ao pedido do rei Henry, e o rei inglés quería recusar-se a dá-la. Tantas e tantas cartas escrevera Philippa no seu tom mais delicodoce, comecadas sempre da forma mais reverente e protocolar com um «Poderoso príncipe, meu soberano, melhor amigo

e irmáo», de que se assinava sempre «a sua leal irmá Philippa de Portugal (P. de P.)», para tentar convencé-lo de que era preciso, a todo o custo, honrar o compromisso. E Henry, mais uma vez, fizera a vontade á irmá: pagara, e prometera ser ele próprio a levar a noiva ao altar.

O céu de Lisboa estava límpido, com aquela limpidez que Philippa náo se cansava de admirar. No cais, ela e os seus filhos vinham despedir-se de Beatriz, que finalmente partia.

A miúda chorara a noite inteira, agarrada a Joáo e ao bebé Fernando, Isabel enrolada num dos seus bracos. Os irmáos assistiram á cena, passada na salinha particular da família, com reaccóes táo absolutamente diferentes que ao observá-los Philippa perguntou-se de onde viriam temperamentos táo radicalmente opostos, se afinal eram todos da mesma

«ninhada». Duarte solucava, sempre facilmente contagiado pela emocáo, Pedro trouxera á meia-irmá uma rosa do jardim e prometia-lhe o sucesso da missáo com todo o seu encanto de mulherengo, Henrique escondia a inveja por nao ser ele a viajar. Com um enfado imenso que esta lamechice toda lhe provocava, mas sentindo que esperavam que mostrasse a sua preocupacáo, lá disse:

- D. Beatriz, estive a observar os céus e a viagem val ser calma e segura!

Isabel permanecera calada, mas mantivera-se sempre perto. Philippa sabia que mesmo aos oito anos a sua filha sabia que um dia o seu destino seria igual ao de Beatriz: também ela teria, um dia, de deixar os pais, os irmáos e os amigos, e partir ao encontro de um noivo que nunca vira antes, obrigada a viver num país diferente, o futuro absolutamente desconhecido. .

Mas hoje de manhá, o humor e a boa disposicáo tinham voltado, como se a luz do sol enchesse os coracóes de optimismo. Com aquele céu por cima, ninguém podia acreditar que o amanhá náo trouxesse apenas felicidade.

Philippa abra~ou Beatriz e prometeu visitá-la em breve. Beatriz despediu-se deles, um a um, até que caiu por longos minutos nos bracos do pai. Joáo, que se comovia com facilidade («A quem é que Duarte sairá?», pensou a rainha a rir. .), esfregou o rosto com forra, numa tentativa de náo fazer tristes figuras em público, que a mulher nunca lhe perdoaria. E

bastou um olhar de esguelha para o rosto altivo e sereno de Philippa para engolir

o nó que lhe apertava a garganta.

Acenaram durante horas, enquanto o barco se transformava num ponto cada vez mais pequeno. Num canto, Beatriz Alvim, a mulher de Afonso, com o seu bebé Afonso de dois anos estreitado nos bracos, acenava também.

Mas o conde de Barcelos estava demasiado enebriado pelo entusiasmo da viagem, para se voltar. Comandava um barco, que navegava sob a bandeira portuguesa, e partia á aventura.

Henrique puxou, zangado, a manga do vestido da máe:

- O pai devia ter-me confiado a viagem a mim! Era en que devia ter levado Beatriz a Inglaterra. En é que son um Plantagenet, en é que tenho o nome do rei inglés, en é que sei ler as estrelas. .

Philippa olhou-o com alguma preocupacáo: náo havia nada que mais desesperasse aquele seu filho, que náo tinha mais de onze anos, do que náo ser o centro de todas as atencóes. «O avó John of Gaunt está de facto em ti, mas agora pára lá com essa birra e vamos para casa», respondera, na voz firme que utilizava invariavelmente para se lhe dirigir. Henrique marchou de volta para a Alcácova, o amuo desaparecendo á medida que, subindo a ladeira, o rio Tejo, com os barcos que chegavam e partiam, lhe enchia o olhar.

E

Winchester, 26 de Novembro de 1405

lisabeth náo a largou um minuto. Recebeu-a em Windsor á chegada, apresentou-a a todos e levou-a para os seus aposentos, onde Beatriz se sentiu imediatamente em casa, rodeada pelos seus vários primos.

Constanca era a filha mais velha de Elisabeth, e herdara da máe os cabelos ruivos, os olhos verdes e o humor fácil: era irresistível deixar-se adoptar por esta miúda de quinze anos, que conhecia os cantos á casa.

O pai fora enforcado pelo rei Richard há alguns anos, e o rei Henry, e Thomas FitzAlan, o noivo de Beatriz, eram os dois heróis da miúda, porque tinham vingado a sua morte. Beatriz estremecen ligeiramente com aquelas descricóes de cabecas a rolar na calcada, como se nada passasse de um jogo, mas Constanca náo deixava ninguém mergulhar na depressáo.

Descreveu-lhe Thomas com muita admiracáo, elogiou o seu cabelo loiro

encaracolado, sempre diligentemente despenteado, os seus olhos azuis, a sua altura e a sua habilidade a manejar uma espada, que ao fim de tres dias daquela conversa - e mesmo sem o conhecer - Beatriz já estava mais do que convencida de que la ter direito ao nobre mais cobicado de Inglaterra.

Elisabeth escreveu nesse mesmo dia á irmá:

«Mana Philippa,

Desculpa comecar de forma táo abrupta, mas doem-me os pés, depois de um casamento longo, mas em que o nosso irmáo Henry deu á tua enteada a honra de a levar ao altar. Durante todo o dia só pen se¡: «Espero que a escolha da minha maninha mais velha seja acertada.» Thomas é um homem endurecido pela guerra, e ao que me dizem quería casar com urna mulher burguesa que a familia desaprovava. Convenceram-no de que o conde de Arundel nao podia ter urna ligacao oficial corra urna senhora que nao sabia sequer como se comia á mesa num saldo da corte, mas tu e eu sabemos berra que há amores que passam por cima de tudo isso, e nao tornam a vida nada fácil á mulher legítima. Mas a tua Beatriz é bonita, sensata e serena, aqueles cabelos escuros fizeram sensacao por esta terra de gente desbotada e pálida, e acredito que acabará por encontrar o seu

caminho para a felicidade. Mas prometo-te que te irei dando noticias: nao toleraria que ficasse presa num castelo distante, como o nosso próprio pai fez á pobre da Constanza. Se esse for o caso, podes ter a certeza que ignoro os protocolos, mando dizer ao arrogante, mas determinado, do maninho Afonso para vir cá resgatá-la! E tu, por que é que nao voltas a Inglaterra com o teu marido? - o Henry insiste que Joao tem de cá vir receber pessoalmente o Garter. Pensa nisso, e seduz o reí com a perspectiva de voltar a ver a filha.

Só rnais urna coisa, que de propósito deixei aqui para o firn, porque se¡

que vais ficar histérica: vou voltar a casar. O cavaleiro charra-se, advinha?

John, claro. John Cornwall. Vi-o nurn torneio, foi o rnais corajoso, olhei para ele duas vezes e ele apaixonou-se. Pediu-rase erra casarnento. Achei que nao quería passar o resto da rninha vida sozinha, corra esta ninhada toda á perna. O John é meigo - veras cá conhecé-lo e conto-te tudo. As duas deitadas na cama, corno antigamente.

Da tua irma que te aguarda ansiosamente,

Elisabeth Holland»

Philippa Picara pensativa e ligeiramente angustiada. Já tivera mais fé nas suas capacidades de casamenteira: Teresa e Lourenco Fogata continuavam felizes, e rodeados de filhos, mas se fosse sincera consigo mesma, teria de reconhecer que muitas das outras aliancas que «obrigara» a sua corte a assumir, resultavam tudo menos bem. . Guardando a carta na sua caixa de madeira, rodou a chave e suspirou, como fazia quando se sentia incomodada: «Que se faca a Sua vontade.»

J

Paco de Coimbra, Maio de 1408

oáo náo podia continuar a recusar a intimacáo do cunhado Henry para ir a Inglaterra receber a Ordem do Garter, e Elisabeth fora inteligente quando aconselhara Philippa a fazer grande alarido com a possibilidade de voltar a ver a sua filha Beatriz, que lhe parecía apenas medianamente feliz.

A paz com Castela estava para já garantida, com um tratado de tréguas assinado com o outro cunhado, Henrique III de Castela, e em que se tinham devolvido mutuamente muitas das terras conquistadas e libertado presos feitos durante a guerra. Para as escaramucas ocasionais de fronteira, ficava o condestável, que embora cada vez mais metido consigo, era sempre de fiar - náo quería ser rei, disso Joáo estava certo, mas nunca obedecería a mais ninguém senáo ao Bom Jesus e á Virgem, a Santiago e a Sáo Jorge, as quatro figuras que orgulhosamente ostentava, uma em cada canto, na sua bandeira. Bandeira que icava nas terras alentejanas que Joáo lhe oferecera, nas igrejinhas e pequenos conventos que financiava, como uma marca sua que deixava por onde passava.

Felizmente Joáo náo era minimamente rancoroso, e apesar das intrigas ventiladas em cada reuniáo do seu conselho de Estado - de que Nuno Álvares era o mordomo-mor, mas que fazia gala em nunca comparecer - , náo conseguia esquecer que tudo o que tinha devia-o ao amigo. Descartava o resto como excentricidades de um rapaz que, como dizia aos seus homens a rir: «Leu demasiados romances da Távola Redonda, e está determinado a ser o nosso Galaaz, até porque já temos um Lancelote em Braga.»

Mas com o reino arrumado e uma viagem longa á vista, era preciso comecar a pensar em estabelecer Casas para garantir a independencia dos seus filhos mais velhos. Era por isso que estava em Coimbra: convocara as Cortes para debater este assunto, que sabia náo ser simples. As despesas extra de tras novas Casas Reais teriam de ser retiradas aos impostos, e o dinheiro dos cofres do Estado já chegava para pouco. . Mas pior do que isso era encontrar terrenos disponíveis e em quantidade suficiente para que cada Senhoria fosse dotada do seu território.

Sentado na cadeira forrada que presidia á mesa longa na biblioteca do paco, naquele canto que planeava em breve conceder á universidade, D.

João cocava a cabeca. Estava metido num sarilho a sério, pensava. Os seus princípes adormeciam ao som de histórias dos seus antepassados Plantagenet, bebiam os relatos das conquistas que o pai fizera a Castela, e de como conquistara o trono, viviam inspirados por um ideal de cavalaria, que assentava nos seus congéneres europeus, senhores ingleses, franceses e até castelhanos, que afinal deviam muito do seu poder á riqueza que lhes aquecia as costas. Educados para serem como eles, pensava João angustiado, mas príncipes de um reino pobre e pequeno. Onde arranjaria ele dinheiro e terra para cinco casas, como os seus cinco filhos lhes exigiriam, com o apoio absoluto da mulher, que parecia perder um bocadinho da sua racionalidade e simplicidade quando o assunto eram os herdeiros?

A porta abriu-se e os conselheiros entraram. Eram homens que o conheciam de há muito, representantes dos mais diversos saberes, gente letrada e com conhecimentos, satisfeitos com o seu rei e com a família de varóes que D. João lhes dera, mas igualmente preocupados: o reino náo recuperara ainda das suas lutas com Castela, uma nova nobreza que ganhara a vida nos campos de batalha, náo sabia o que fazer nem ao tempo nem á espada, sem outro modo de ganhar o seu sustento que náo a guerra, e a agricultura e o comércio mantinham-se morticos, porque negociar com Castela, ou através dela, era ainda um risco considerável.

Apesar das tréguas de dez anos negociadas, tréguas eram tréguas, que a qualquer minuto se podiam quebrar. .

Como o reí previa, torceram o nariz á sua ideia de constituir já Casas para os príncipes. Que D. Duarte, príncipe herdeiro do reino, quase com 17

anos, tivesse direito á sua autonomía e independéncia, parecia-lhes justo.

Náo havia outro remédio senáo reunir um conjunto de terras e financiar os custos da operacáo. Compreendiam, também, que D. Pedro, apenas um ano mais novo, e com a possibilidade sem pre presente de um dia - que Deus náo o permitisse - se ver na necessidade de substituir o irmáo, precisasse de comecar a contar com os seus homens e o seu espato?

D. Henrique tinha apenas 14 anos, era um terceiro filho, que necessidade havia de apressar já o que poderia ser feito daqui a tras anos com mais folga de bolsa?

Puseram as suas dúvidas na mesa, e alguns até exprimiram a sua

oposicáo clara, mas o rei náo cedeu. Tres casas para os tras irmáos, e as cortes, resmungando, cederam. D. Duarte receberia a sua o mais breve que fosse possível, mas os outros dois teriam de ter paciencia. Era preciso primeiro negociar, comprar e trocar terrenos, de forma a «construir-lhe»

um condado. Joáo aceitou, mas insistiu em que se nomeasse ali mesmo um jurista encarregado das transaccóes: «Que se compre tudo o que for possível comprar na Beira, em redor de Viseu, para D. Henrique, e em redor de Coimbra, para D. Pedro», ordenou o rei. E embora todos os presentes reparassem que D. Joáo falara primeiro no filho mais novo e só depois no outro, nem um músculo das suas caras traiu o facto de terem tido consciencia do lapso do rei. Mas nas costas do rei, a conversa seria outra.

S

Windsor, St. Georges Day, 23 de Abril de 1409

e ao menos os pudesse ter trazido todos, pensava Philippa a transbordar de alegria enquanto olhava para o seu marido vestido nos trajes luxuosos que cabiam aos cavaleiros da Ordem do Garter, numa sala do castelo de Windsor, no seu castelo de Windsor. Seguro de si e compenetrado, D. Joáo recebia do cunhado, Henry IV, rei de Inglaterra, as mais altas insígnias do reino e que nunca antes tinham sido concedidas a um estrangeiro.

Ao seu lado os filhos, bonitos e admirados pelas damas a quem era autorizada a presenta nesta parte da cerimónia. Duarte, orgulhoso dos seus dezoito anos,

conseguia manter-se absolutamente direito, a expressáo de uma concentracáo total como se estivesse a procurar registar cada detalhe para mais tarde o transcrever nos seus caderninhos. Pedro, um ano mais novo, tinha sido nesta viagem o encanto das raparigas mais novas, e até das senhoras, com aquela arte que só ele tinha de as lisonjear.

Era lindo, este seu filho, e ainda la partir muitos coracóes, embora fosse suficientemente inteligente, acreditava ela, para optar no final por um verdadeiro amor. Henrique também fora com eles, que era impossível deixá-lo para trás. E o rapaz, apesar de só ter 15 anos, transpirava vaidade, na sua capa com as armas de Portugal bordadas, alto e composto, de sorriso raro num primeiro momento, mas pronto a entrar rapidamente na conversa se o tema lhe interessasse. Agora, náo tirava os olhos do pai e dos cavaleiros que o rodeavam, todos igualmente aperaltados, a cabeca ligeiramente baixa em sinal de reveréncia por este ritual que lhe parecía absolutamente sagrado.

De todos eles fora o que mais vibrara com a viagem de barco até aqui -

finalmente deixavam-no pisar o convés de um navio, finalmente dei xavam-no ir até á cabine do comandante e trocar com ele palpites sobre ventos e rumos, finalmente vira com os seus olhos todas as costas a que a máe se refería nas suas descricóes, e sentia na primeira pessoa o sabor dos salpicos de sal na boca e a forra das ondas no casco da nau.

E fora aquele que mais se entusiasmara com a ideia de conhecer os astrónomos da corte, com que se reunia todas as noites, num terraco alto

do palácio de Windsor onde estavam hospedados.

Mas ninguém conseguia competir com o entusiamo de Elisabeth, que se precipitara a pedir guarida ao seu irmáo, e senhor seu reí, como clamava alto e bom som com o sorriso trocista de uma irmá mais velha, para poder estar todos os minutos possíveis com a sua «família portuguesa», como dizia. Adoptara imediatamente Duarte, em quem via o reflexo absoluto da sua mana Philippa, rira ás gargalhadas com Pedro, cujo humor e fluéncia de inglés a espantaram, mas reagira com alguma irritacáo a Henrique, que achou um mimado. «Igual ao pai, náo achas?», dissera-lhe a rainha portuguesa, e Elisabeth protestara: «Sei lá eu, só o conheco há uma máo-cheia de dias, mas lá que ele é de altos e baixos, é. Ou está exuberante porque a vida lhe corren bem ou no mais profundo dos

amuos, porque náo se sentiu suficientemente considerado, ou o céu se nublou sobre as suas queridas estrelas ou expectativas. . Sim, talvez tenhas razáo, ou sal a mim, ou ao pai.»

Philippa estendeu-lhe uma pequenina moldura com um retrato de rapariga de cabelo arruivado, os olhos verdes sorridentes, os cantos da boca levantados num ligeiro sorriso trocista: «Se queres uma sosia, aqui tens!» Elisabeth olhou e desatou a rir: «É mais parecida comigo do que as minhas próprias filhas, esta Isabel! E também tem a minha forra de carácter, a minha inteligéncia, a minha capacidade de persuasáo, a minha. .»

- Pára, pára, por favor, Elisabeth, que já me dói a barriga de tanto rir; querida irmá, nunca ninguém me consegue fazer rir como tu. Sim, a Isabel é uma pestezinha mimada como a Elisabeth, mas don gratas a Deus, todos os dias, por ser parecida contigo. .

- Que Deus seja louvado, a máe, o pai e a Maud devem ter dado um salto no céu guando disseste uma coisa dessas. A minha irmá piedosa, que sempre se envergonhou da loucura da sua mana mais nova, «da loucura que náo conhece idade», como me disseste quando voltei a casar, agora na velhice deu-lhe para achar que afinal o desvarío era qualidade. .

Philippa estendeu-lhe a máo, e subitamente séria, perguntou:

- És feliz com o John?

- Son feliz com o John; olha que tras maridos com o mesmo primeiro nome é uma prova enorme de fidelidade e bom senso, náo digas que náo!

- La isso. . tu com trés Johns, en com um, fora o pai, podemos dizer que os

Lancaster sáo, de facto, muito afeicoados ao nome. Mas responde a sério, és feliz?

- Este John é completamente diferente do Holland, que o maldito Richard enforcou. Enquanto o Holland, mais velho do que eu, era um doidivanas, que nunca parava quieto e alimentava o meu gosto de aventura, o John Cornwall é um homem pacato, de feitio sereno, sem necessidade de provar nada a ninguém. .

- E deve ter Picado radiante quando lhe deste um herdeiro, que ele tanto quería. .

Pelo rosto de Elisabeth passou uma sombra:

- Perdi a primeira crianca, lembras-te? Uma rapariga. . e acho sinceramente que apesar de náo ter herdeiro para os seus mil e náo sei quantos títulos, ele quería uma menina. Mas pronto, depois consegui engravidar outra vez e o Little John está óptimo, benza-o Deus - já náo me lembrava da canseira que era ter um filho de um ano. . E o Edward só tem cinco anos. O que náo faltam ao miúdo sáo irmáos, o John, a Alice e a Constance, por isso sei que mesmo que me aconteca alguma coisa, Pica com tutores para tomar conta dele. E se tomarem conta de mim, táo bem como tu tomaste. .

Philippa apertou-lhe com forra a máo:

- O importante é que te sintas bem, e gosto de saber que estás rodeada de um bando de miúdos que te fazem companhia. .

- A Constance está é caidinha pelo ten filho Pedro, e a Alice, com o histerismo dos seus 14 anos, náo consegue tirar a máo da frente da boca, tantos os risinhos, e como cora por tudo e por nada, como tu, parece uma tontinha completa, mas deixa lá. Já lhes lembrei ontem á noite que é primo direito, mas náo me parece que tenha conseguido convenca-las de qualquer gran de parentesco. .

- O Pedro tem um encanto enorme, náo tem? - perguntou a máezinha babada.

- Um encanto imenso. Talvez saia ao Henry. . ou mesmo ao lado mulherengo do pai.

- Está calada, náo val fazer os disparates do pai. Tem uma educacáo esmerada, adora ler, escreve lindamente, tem outros interesses para lá das damas. É um cavaleiro, ponto final.

- E o Joáo e o Fernando, como sáo?

Philippa olhou-a, embevecida: o Fernando é um bebé querido, rechonchudo, cheio de caracóis loiros, se calhar o mais parecido comigo de todos eles, mas o Joáo. . Tenho de confessar que o Joáo é uma crianca especial. É como se ao quarto rapaz tivéssemos conseguido a mistura perfeita: tem a sensibilidade do Duarte, mas sem a rigidez do filho mais velho, com o peso do reino nos ombros,

a simpatia do Pedro, a vivacidade do Henrique, tudo isto numa mistura muito suave. É capaz de fazer frente aos irmáos, argumentar com eles, e apesar de ficar desesperado em alturas como estas, em que os trés mais velhos parecem gémeos e váo juntos para todo o lado, por outro acho que goza a liberdade de náo ter de concorrer directamente com eles. O Joáo é o Joáo. Acho que é único.

- E Beatriz, náo a achas triste? - perguntou de repente Philippa. A enteada viera a Londres ver o pai ser recebido na ordem de cavalaria a que o marido também pertencia, e fora difícil conseguir secar-lhe as lágrimas nos primeiros dias. Joáo tinha Picado muito perturbado e perguntara insistentemente se a filha quería que arranjasse um pretexto para anular o casamento, de que ainda náo havia filhos, mas Beatriz prometia-lhe que estava bem, gostava da corte, de ter uma casa só sua.

Philippa conseguira extorquir-lhe mais algumas confidéncias, a consciéncia roída pelo facto de ter sido ela a desenhar-lhe o destino, mas náo muitas mais: basicamente a enteada sonhara com o príncipe das histórias que a madrasta lhe contara, e acabara por lhe sair em sorte um homem frio e austero, que a procurava pouco. «Se ao menos tivesse um filho, para me encher os dias», sussurrara Beatriz, mas Philippa garantia-lhe que ainda tinha tempo, que tudo se la resolver. Beatriz animara-se e acabara por falar com entusiasmo genuíno nos passeios a cavalo, nas catadas, nos bailes da corte, no prazer de mandar fazer os vestidos da última moda, porque o marido felizmente náo era avaro. Philippa sentiu a consciéncia apaziguar-se: a infanta bastarda encontrara aqui uma corte que a tratava com uma consideracáo muito maior do que a portuguesa, e ela estava consciente disso. Decididamente, o resto viria com o tempo.

Na noite antes de partirem, Beatriz adormeceu junto da lareira da salinha que lhes tinha sido emprestada para a sua estadia, a cabeca no colo de Philippa, que lhe passava suavemente as máos pelos cabelos. Nas máos da agora condessa de Arundel, o retrato a óleo do pequenino Fernando, que a madrasta lhe trouxera.

P

Paco de Santarém, Veráo de 1410

hilippa tinha passado a manhá na sala de aulas, com D. Lopo, já muito velhinho, e os novos preceptores dos filhos. Escolhera-os entre os melhores da

universidade de Lisboa, e trouxera consigo de Londres a antiga governanta dos sobrinhos, filhos de Henry, que lhe parecera uma mulher alegre mas firme - os mais novos teriam de falar táo fluentemente o inglés como os mais velhos, e quanto a isso, estava determinada.

Com anos de prática de reger uma escola em casa, Philippa dava ordens precisas e claras aos professores, e o que lhes exigia era muito: «Urn infante tem de sentir-se á vontade em todas as áreas», insistia. E se a teologia e a literatura ocupavam um lugar importante, Philippa tinha igualmente uma consideracáo imensa pela ciéncia, e insistia em que os infantes dominassem a Matemática e a Física como dominavam as línguas.

Isabel tinha feito uma birra essa manhá. Com 14 anos já se sentia com idade de deixar o «quarto de estudo», e insistia com a máe que quería apenas aprender a tocar piano e bordar. .

- E, claro, passar horas na costureira a escolher mais um vestido, como se fossem os veludos e as sedas que te fossem dar felicidade - resmungava Philippa, que ficava vermelha de fúria quando revia na filha a frivolidade de Elisabeth e de todas as mulheres fúteis e inúteis que enchiam os corredores da sua corte, e de todas as outras.

- Quero passar as tardes a conversar com as minhas amigas, que náo sáo obrigadas a andar todo o dia de cabeca enfiada nos livros, e tenho a certeza de que o pai me dava razáo, rematou a princesa com igual firmeza, e um bater do pé.

Philippa reagiu imediatamente:

- Nem levantas o assunto ao ten pai, ouviste? Vais aprender e estudar, porque quando casares com uní príncipe francés, castelhano ou inglés, vais querer entender o que ele te diz, perceber o porqué da política que segue.

Ou preferias ser remetida para a sala com os jograis e as harpas?

Mas Isabel estava demasiado zangada para lhe reconhecer o menor pingo de razáo:

- O que vou querer é ser a mais bem vestida na corte, e que toda a gente tente imitar os meus vestidos, que mudarei de imediato, para que nunca se possam vestir como eu. . - e virando as costas fugiu pela escada em caracol para o seu quarto.

Philippa encolheu os ombros. Tinha de reconhecer que Elisabeth nunca precisara de saber nada para vencer na vida. E o pobre do freí John, que lá do céu o atestasse.

Naquela tarde dormía a sesta no seu quarto quando ouviu as trombetas tocarem mais alto. Sentou-se na cama e chamou uma das suas camareiras.

Quería que descobrissem quem chegava, e porqué tanto alarido.

Mas foi Joáo que voltou, em lugar da mensageira. Trazia na máo uma carta, e den rapidamente a notícia:

- Morreu Henrique de Castela, o ten cunhado. .

Philippa pouco lhe importava que Henrique vivesse ou morresse, vira-o apenas uma vez, náo lhe causara sequer boa impressáo, e a fraqueza da sua vontade nunca lhe tinha suscitado grande admiracáo. Tinha de lhe reconhecer paciencia para aturar a determinada e casmurra da sua meia-irmá, mas desse peso libertava-o a morte. Mas o que aconteceria agora a Catalina e aos sobrinhos, duas raparigas e o príncipe herdeiro, Joáo, que náo podia ter mais de cinco anos? Mais guerras de sucessáo, náo, pensou.

Joáo leu-lhe os pensamentos e responden:

- Catalina foi nomeada regente, em conjunto com o tio da crianca, D.

Fernando, que ao que me dizem é um homem serio, sem ambicóes de poder.

- Al disso podes ter a certeza que nunca Catalina deixaria que o pobre do «doliente» do Henrique nomeasse um co-regedor com mais ambicáo do que ela - riu Philippa. - Mas será que a respeitam? Será que a deixaráo governar dez anos a fio? - perguntou ao marido.

- Habituados a ser governados por ela já os castelhanos estáo, e náo parecem ter-se dado mal com isso, portanto talvez estejam táo cansados de guerras de

sucessáo como nós e deixem que a rainha fique até que o filho seja maior. Mas temos é de aproveitar a situacáo.



- Aproveitar a situacáo, como?

- Conseguindo que uses a tua influencia sobre a tua irmá mais nova, que ainda por cima, coisa rara, te respeita, para estabelecermos um acordo de paz duradouro, retendo as terras que o ten pai te ofereceu como dote. . e que continuam na posse de Castela.

- Conseguir que Catalina assine um acordo de paz cm nome do filho, talvez náo seja difícil, porque náo lhe interessa nada somar á sua instabilidade como regente, uma guerra com os vizinhos do lado. . A minha irmá, dizem-me os meus informadores, tende a favorecer os amigos, e náo se pode gabar de náo ter inimigos. . Mais do que fazer um acordo de paz, suspeito que quererá exigir que Portugal a apoie - pensou alto Philippa.

- Antes de aqui vir, já mandei resposta nesse sentido pelo mensageiro que me trouxe esta carta - disse Joáo.

- Sem me consultar? - come~ou Philippa indignada, para logo assumir um tom mais humilde: - Fizeste bem, náo ligues, mas o que é que mandaste dizer?

- Enviei os nossos pésames, prometi mandar de imediato os nossos melhores embaixadores, disse-lhe que reconhecia o seu lugar como regente pelo seu filho, e que quem disputasse tal decisáo teria de se haver com a ira de Portugal. E ou bem conheco a tua irmá ou ela val pedir-te. .

- Pedir-me o qué?

- Pedir-te que combinemos o casamento da nossa filha Isabel com o Joáozinho de Castela. Seria uma forma de nos levar a cumprirmos a nossa promessa de proteccáo!

Philippa, que la abrir a janela, parou, estarrecida:

- Nem pensar. O poyo portugués já conhece essa história, e náo foi assim há

tanto tempo! Para ficarmos novamente presos a Castela? Tu, que tiveste o bom senso de preferir uma princesa inglesa a Catalina, ou já te arrependeste?

Joáo, divertido, abracou-a pela cintura e apertou-a a si. Estavam casados há vinte e tras anos e náo se arrependera nem por um minuto. E beijando-a, disse-lhe isso mesmo.

O reino entrou em festa de norte a sul do país: a paz com Castela estava assinada. Agora que as irmás estavam livres de negociar entre elas, a paz transformara-se numa realidade.

O condestável, com o seu rigor, oferecera-se para comandar a restituicáo de terras, e a ocupacáo daquelas que pertenciam originalmente a Portugal, e D. Joáo náo confiava em mais ninguém para o fazer com um sentimento de justita, que náo inflamasse novas escaramucas.

Joáo sentia-se livre, finalmente livre. E com muita vontade de celebrar com o seu poyo. Porque, como só dissera ao seu confessor, guerrear e matar castelhanos, cristáos como ele, enchera-lhe sempre o coracáo de uma mágoa profunda. Em certas noites, acordava alagado em suor, a imagem da espada a trespassar o corpo de um outro homem. Levantava-se, bebía um copo de água e ficava numa cadeira a rever o passado.

Martirizava-se sem razáo, dissera-lhe o padre, mas Joáo nunca se sentia completamente absolvido, por muito que cumprisse a peniténcia que o clérigo lhe estipulava. Os seus antepassados tinham lutado contra os infiéis, era sangue mouro que devia ser derramado ao servico de Deus, e náo sangue de outros cristáos. Estava certo de que «o náo matarás» se aplicava aos irmáos de fé, mas náo áqueles que desafiavam o Bom Jesus e oravam a outros deuses. A peniténcia que teria de cumprir, agora conquistada a paz, era dar a sua vida na luta contra esses infiéis, pensou. Mas onde, se só restavam na penísula do reino de Granada, e esse estava desde há muito na mira dos castelhanos?

O

Paco da Rainha, Vila de Sintra, Verao de 1412

rei, num dos seus impulsos, chamou Duarte, e depois de um longo discurso,

pediu-lhe que ocupasse as suas funcóes e o substituísse nos conselhos, nas reunióes, no despacho de papéis, ou mais precisamente na governacáo do-dia-a dia. O Conselho de Estado a principio torceu o nariz -

que desconsideracáo lhes fazia D. Joáo mandando-lhes um miúdo de vinte e poucos anos - mas á medida que o tempo passava a satisfacáo era crescente: o príncipe era pontual, responsável, um trabalhador incansável, com um humor suave e um bom senso considerável. Náo tinha a gargalhada fácil do pai, e a sua formalidade por vezes deixava toda a gente sem saber muito bem o que dizer, mas o outro lado da moeda é que procurava consensos e punha a razáo á frente dos desejos. Coisa que o pai, estava á vista de todos, náo fazia. Mas os mais velhos, que o conheciam de menino, temiam que levasse a sua tarefa táo a sério, táo a sério, que adoecesse dos nervos.

Philippa fazia parte desse grupo. O filho herdara de si a forma compenetrada e rigorosa de enfrentar e dissecar os problemas, a capacidade de pór de lado a recompensa pessoal pelo bem comum, para colocar o dever sempre antes do prazer, mas Duarte parecia somar tudo isto a uma melancolía que, sinceramente, a rainha temia que lhe tivesse vindo do pai.

Vezes sem conta, a rainha foi encontró-lo de volta dos seus papéis, sem jantar, os olhos esforcados á luz de uma vela tosca. Quando via que o filho náo surgia no paco há um ou dois dias, e que nenhum dos seus irmáos ou irmá lhe tinha posto a vista em cima, quando sabia que faltara á catada que o pai organizara, descia aos aposentos onde D. Duarte trabalhava, levando com ela um piquenique que o obrigava a comer.

- Duarte, náo pode ser. Náo foi isto que o ten pai te pediu. . queria que o ajudasses, náo quería que fizesses tudo sozinho. Tens de aprender a delegar tarefas, a pedir ajuda, náo podes fechar-te aqui sozinho, precisas de aquecer os pés no fogo, comer e beber como deve ser, precisas de brincar com os teus irmáos mais novos, falar com a tua irmá, que está de uma insoléncia insuportável, diga-se em abono da verdade. E precisas de



conhecer as damas da corte da tua idade e de fazer mais exercício físico.

E Duarte beijava-lhe as máos, e abracava-a, mas acabava sempre a conversa com

a mesma frase:

- Mummy, náo se preocupe, o seu filho vai ser digno da máe que tem.

Philippa sentia então um aperto no coracáo:

- Duarte, tu já me mereces e tornas a merecer. Pára com isso, vais Picar doente.

Mas Duarte náo parava.

Isabel fazia 15 anos. O paco iluminara-se com velas e archotes, e os tapetes cobriam a laje do terreiro, formando um corredor de vermelho-vivo que conduzia ao saláo grande.

A camareira andava atrás dela, desesperada, porque Isabel saltava de um aposento para outro, aqui procurando as tintas de pintura do rosto de uma dama, ali o colar da máe, no outro uma escova que náo a magoasse. O

vestido de veludo bordeaux - a primeira vez que a deixavam usar esta cor

- estava colocado sobre a sua cama, assim como os corpetes e saiotes, os sapatos e a tiara de diamantes que os pais lhe tinham dado de presente e que já experimentara nos seus cabelos ondulados.

Philippa olhava-a, orgulhosa, e Pedro, o irmáo babado, fizera-lhe um poema longo, que iria incumbir um trovador de cantar. Joáo, com os seus doze anos, trouxera-lhe um ramo de flores do jardim, mas agora, rebolando sobre a cama, cantarolava na voz mais provocadora possível: -

Vaidosa, vaidosa! Quem é que vai olhar para ti? Só se for um zarolho, ou um pobre escudeiro que ambicione ser cavaleiro do pai!

Isabel estava habituada ao sarcasmo de Joáo, que a via como uma barreira que o separava dos tras irmáos mais velhos, que tanto invejava.

«Por que raio náo nasci en em vez de ti, e tu passavas para quinta, para perto do menino Fernando, que era onde estavas bem?», dizia-lhe guando a quería pór Tora de si. Philippa ria sempre com a aritmética do filho, que lhe parecía ser o mais equilibrado de todos. Lamentava náo fazer parte do

«esquadráo da frente», como dizia, quando estava zangado, mas por outro lado tinha um espato só seu onde podia crescer sossegado, sem que

professores e pais puxassem por ele ou incitassem nele a obsessáo pela concorréncia. Além do mais tinha um vassalo sempre disponível, um D.

Fernando dois anos mais novo, submisso e dócil, que de tal maneira fora rodeado por criadas e amas convencidas de que era um «milagre» do Altíssimo, que até a máe achava aquela devocáo - sobretudo num rapaz -

excessiva. «Urna missa por dia, chega», já lhe dissera, ao que ele argumentara que o condestável, o seu ídolo, la a duas, fora aos domingos, em que ouvia trés.

La em baixo o saláo enchia-se de gente, ansiosa por mais uma (esta, que a castidade e a sobriedade deste reinado náo criavam muitas oportunidades de arejar os trapinhos e as jóias, e era preciso aproveitar as que havia.

Isabel desceu as escadas e foi acolhida por uma salva de palmas dos seus convidados. Estava linda, e teria todos os pretendentes que quisesse, e mesmo os que náo quisesse. Um retrato seu circulava já pelas cortes europeias e dizia-se que alguns dos melhores pintores se tinham oferecido para a vir pintar. Mas Isabel era mais do que bonita, era inteligente e divertida, e depressa entrou na sua festa, dancando com uns e com outros, feliz por se ver, como gostava, táo admirada.

Philippa e Joáo faziam as honras da casa e contavam instintivamente as cabecas dos filhos:

- Estáo cá todos - disse-lhe Joáo, quando percebeu que fazia o mesmo exercício que ele.

- Náo estáo, náo - disse Philippa, num tom angustiado. Mais uma vez falta o Duarte, deve-se ter esquecido de tudo, e está para al a trabalhar. .

- Manda alguém chamá-lo - disse Joáo, enquanto se afastava para cumprimentar mais um recém-chegado.

Mas Philippa decidiu que iria ela. Vestiu a capa, puxou o capuz para tapar o rosto, e desceu por entre a multidáo, para o escritório de trabalho do filho mais velho. As escadinhas estavam escorregadias porque chovera todo o dia, e o

caminho escuro, iluminado só pela sua tocha, náo deixava ver nada.

Mas a luz que fugia por baixo da porta do escritório de Duarte indicava que ele lá estava. Baten, mas ninguém abriu, chamou, e ninguém responden, meu Deus, meu Deus protege o meu menino, rezou para dentro, enquanto empurrava com forra a porta, temendo o pior.

A sala estava vazia e só a lanterna de vidro fechada tinha ainda o coto de uma vela acesa. Philippa abriu as portas para os quartos adjacentes, mas de Duarte nem sombra. O coracáo a bater a cem á hora, picos na cabeca que lhe davam a sensacáo de que o sangue se esvaía do cérebro, sentou-se na cadeira do filho. E os olhos, lentamente ganhando foco, pousaram num caderno grande que dizia na primeira página «Leal Conselheiro».

Conhecia o título, era o diário do filho, o lugar em que ele apontava coisas táo diversas como a descricáo das obras no paco de Sintra, a sequéncia das salas de uma casa nobre ou pequenas notas sobre o que sentia e pensava, sobre Deus, a Fé, mas também os irmáos e os sentimentos.

Por várias vezes mostrara-lhe o que escrevera - quando tinha mais tempo para ela, suspirou! - e fora ela que o incitara a deixar que o que lhe la na alma corresse pela pena para o pergaminho: «É como um veneno que sal do corpo e te deixa depois mais livre para seres o que és», dissera-lhe muitas vezes. Duarte levara a recomendacáo a sério, e contava-lhe sempre que escrever o libertava realmente.

Mas Duarte náo estava na sala e náo a autorizara a ler o que escrevera, e no entanto Philippa sentia-se absolutamente compungida a fazé-lo: precisava de saber o que lhe la na cabeca para o poder ajudar, justificava-se, enquanto puxava a sua tocha para mais perto dos apontamentos e esforcava os olhos, já táo pitosgas, para decifrar a caligrafia do filho.

Era nitidamente o início de um novo capítulo ou de um texto que só há pouco comecara. O coracáo acelerava a cada palavra que lia: «Muitos adoecem de tristeza, que sempre reina em seus coracóes e, por a náo poderem suportar se desesperam de saúde e se matam ou se váo a perder, nunca aparecendo depois, uns por perdas que houveram, outros por causa das vergonhas que lhes aconteceram, por desgosto ou pelo medo que muito e continuadamente sentem.»

Philippa olhou em redor, assustada, como se esperasse ver o corpo do filho

enforcado numa das traves do tecto. Benzeu-se e respirou fundo,

«Duarte nunca cometería um pecado contra Deus, nunca usaria a vida que lhe foi dada como se fosse sua», murmurou para si mesura.

E os olhos viraram-se de novo para o que estava escrito. Duarte contava que tudo comecara, ou se agravara, náo sabia bem, desde que o pai lhe confiara a missáo de governar. E explicava - e Philippa entendia-o bem -

que nunca acreditara que o trabalho incansável que fazia de táo boa

vontade lhe pudesse fazer mal. Mas a verdade, escrevia, é que o pecado da tristeza se tinha instalado em si, «quebrando tanto a minha vontade que já náo sinto prazer nenhum chegar-me ao coracáo».

Philippa solucou assustada: coitado do seu filho querido, sobre quem o contacto táo precoce com a morte do seu irmáo táo próximo lancara uma sombra que deve estar longe do coracáo das criancas, coitado do seu menino que subitamente se sentira aos nove anos inundado de responsabilidade, obrigado a merecer um lugar a que só ascendia porque a doenca levara o verdadeiro herdeiro.

Duarte náo parecia, no entanto, atribuir ao passado a razáo da sua tristeza profunda. Philippa espantava-se com a forma clara como o seu filho conseguía transmitir os sentimentos, sem lamechices nem autocomiseracáo, mas mesmo assim com uma transparéncia de que ela nunca seria capaz. «Sai ao pai, tem o coracáo ao pé da boca, náo é como o meu, colocado lá no fundo do meu corpo, incapaz de contar aos outros o que sente», pensou enquanto as lágrimas lhe caíam pela cara.

Duarte dizia que, para além do trabalho, fora a peste que lhe incutira na alma este medo imenso, porque de cada vez que morria mais um amigo, mais uma pessoa querida, entendia que náo podemos proteger aqueles que amamos, que náo podemos impedir que a morte os leve, por muitas espadas que tiremos da bainha.

Como Philippa o entendia - e o pensamento recuou anos e anos, e viu-se menina de apenas nove, os olhos postos nos campos verdes que rodeavam o castelo de Bolingbroke, enquanto Katherine lhe dizia que a peste lhe roubara a máe. Antes que tanta coisa que havia para ser dita entre elas fosse dita, cedo de mais para uma menina pequenina que vivia na esperanca de uma festa no cabelo e de um

bello na testa.

A tinta do pergaminho já desbotava, com as lágrimas que Philippa tantos anos depois finalmente derramava. Duarte la descobrir que a máe lera o seu diário, teria de lhe explicar como náo resistira, e como nele se encontrara, como era preciso que o filho arranjasse forra para lavar a alma e deixar entrar de novo a luz.

Mas o príncipe herdeiro parecia longe dessa redencáo. Contava que a consciéncia da morte, da sua e dos seus entes queridos, se fixara no seu coracáo, náo deixando nem um pequeno espato para mais nada, sem que o conseguisse afastar, de dia ou de noite. Mas garantia que náo se la deixar vencer por este medo, náo sabia como, mas ia, porque desejava acima de

tudo voltar a sentir alegria, genuína alegria, aquela que nos invade sem pedir licenca e nos enche e preenche, deixando-nos mais fortes e optimistas. E que seria naquele Leal Conselheiro mesmo que havia de escrever a doenca e a cura, quando a houvesse, porque sabia que muitos sentiam esta tristeza, e poucos falavam nela, o que só contribuía para que se sentissem mais tristes ainda, mais sozinhos, como se a enfermidade só os tocasse a eles.

Philippa mergulhou de novo em lágrimas. Era mesmo coisa do Duarte, pensar de que forma a sua tristeza podia ajudar os outros um dia. O pó de rosas com que tentara trazer cores ás suas feicóes estava desbotado, e a rainha náo se sentia em condicóes de voltar á festa, pelo menos náo agora, náo já.

Deixou-se Picar, trémula e gelada na cadeira de Duarte, como se o facto de estar rodeada das suas coisas o aproximasse de si. E la morrendo de susto, quando sentiu uma máo forte no ombro:

- Mummy, o que faz aqui? - perguntava Duarte, vestido a rigor, num tom duro e zangado.

- Duarte, meu filho, Duarte, tive muito medo que tivesses feito algum disparate - solucou Philippa como o filho nunca a vira solucar, nem no enterro do irmáo.

Toda a irritacáo desaparecen, e Duarte segurou a máe contra si, enquanto ela chorava todo o seu medo e murmurava: «Filho, náo devia ter lido, mas li. Filho, tens de ir ao médico, esta tristeza é fraqueza, é falta de sol e de sopas e caldos, é o ten corpo que pede um tempo de recreio da opressáo em que o colocaste. Náo

é isto que Deus quer de ti!»

Duarte sentou-a de novo na cadeira, e de cócoras olhou-a nos olhos:

- Já fui aos médicos, e sabe o que me disseram, quase o mesmo que a máe, que precisava de beber vinho menos aguado, dormir com mulheres e deixar de me preocupar.

Philippa soltou um «ah» de horror e tapou a boca com a máo: que médicos da corte eram estes que recomendavam ao seu filho o álcool e o sexo como forma de vencer a sombra que lhe caíra na alma?

- Filho, mas o caminho náo é esse. .

Duarte riu-se.

- Suspeitei que a máe náo la ser muito favorável ás prescricóes dos

melhores físicos da capital. Mas descanse, máe, náo fato a menor tensáo de ir por aí. .

- Filho, mas todos morremos, e vamos para junto de Deus, e ele acolhe-nos. .

- Máe, talvez isso lhe chegue a si, mas para mim náo chega. . por enquanto. Náo consigo ter a sua fé, a sua forra, náo quero ser enterrado numa urna, nem que seja de ouro, temo a morte, temo que ela me leve a mim, mas sobretudo que a leve a si, ou ao pai, ou aos manos. . Mas náo vamos discutir isso agora, que o reí e Isabel andam doidos á sua procura.

Vou levó-la pelas escadas do fundo aos seus aposentos, e va¡ arranjar-se de novo. .

- Duarte, é preciso acreditar que essa tristeza val desaparecer como veio, filho. É sinal de que cresces, de que deixas a infáncia. .

- E as salas da máe. .

- Nunca te prendi ás minhas saias, filho. .

- Pois náo, máe, mas prendí-me en!

E sem lhe dar mais uma oportunidade de abrir a boca, pegou-lhe no corpo frágil e leve como uma pena, e levou-a ao colo até ao seu quarto. D.

Brites procurava-a ansiosa, e ao vé-la chegar assim, julgou-a doente, ou morta. Mas Duarte estendeu-a sobre a cama, e com a sua voz doce, pediu:

- D. Brites, a minha máe apanhou um susto, mas já está tudo bem. Faz a bondade de lhe dar um chá, de a fazer cheirar uns sais, e devolve-a ao saláo onde o meu pai a espera?

D. Brites fez-lhe uma pequena vénia - o infante D. Duarte era o seu favorito, e sabia que aquele sorriso de circunstáncia escondia uma mágoa mais profunda. Sabia, sem saber por que o sabia, que só a morte da máe o libertaria do medo de a perder. Benzendo-se depressa para afastar estes pensamentos táo negros, empurrou o infante do quarto, com um sorriso que náo sentia:

- Vá, vá, menino Duarte, sossegue o pai e a mana, que D. Filipa já desce. .

E estranhamente Duarte sentiu pela primeira vez há meses um nó na garganta e as lágrimas a saltarem-lhe aos olhos.

«Estarei a sair do bloco de gelo em que me enfiei?», murmurou enquanto descia as escadas, dois degraus de cada vez. .

T

Paco da Rainha, Vila de Sintra, 16 de Agosto de 1414

udo tinha comecado dois anos antes, numa noite, táo quente como a de hoje, pensou Philippa, enquanto folheava o livro de folhas brancas que lhe servia de diário, em busca da página certa.

Desde que Katherine morrera, sobrava-lhe Elisabeth com quem desabafar, mas havia coisas que sentia que ela nunca poderia entender. E

talvez tivesse sido por isso que a rainha decidira seguir os seus próprios conselhos e imitar o seu filho Duarte, passando a despejar as suas angústias mais secretas, os detalhes mais impressivos do que sentia, via e ouvia, num «caderno»

fechado com um cadeado, cuja chave andava sempre pendurada com o precioso medalháo. E a máo corren instintivamente para aquela marca viva da sua história - tanto tempo passara desde entáo, e até o seu irmáo mais novo, Henry, reí de Inglaterra, já partira do mundo dos vivos há pouco mais de um ano, sucedido no trono pelo seu sobrinho do mesmo nome.

E com os cabelos louros a embranquecerem, fizera em Abril 54 anos, era também uma forma de guardar o seu passado, sempre á máo, sempre pronto a ser consultado, quando a memória lhe falhasse.

Ah, aqui estava a página certa, aquela em que descrevia, para que registado ficasse, como «numa noite quente de Agosto, no Paco de Sintra, na sala da família, Joáo anunciara aos filhos mais velhos que se preparava para organizar um grande torneio internacional, para o qual chamaría os cavaleiros mais destemidos e poderosos de todos os reinos, para que contra eles os infantes pudessem provar a sua coragem e galhardia e ganhar o direito a serem armados cavaleiros».

Philippa parou de ler e deixou que as imagens daquele día regressassem lentamente. O marido tinha sido surpreendido pelo protesto dos filhos. Como sempre, Henrique fora o mais veemente, mas daquela vez nem Pedro lhe ficara muito atrás, e mesmo Duarte náo parecia conformado. Que «festas, náo eram empresas» e que queriam ganhar o título numa guerra a sério, e náo num torneio de trazer por casa, por muito magnífico que fosse.

Philippa lembrava-se bem do orgulho que sentira nos seus meninos. Náo fora cm váo que lhes enchera a cabeca dos feitos dos seus antepassados e os fizera ensinar pelos melhores preceptores: náo queriam brincar aos cavaleiros, como tantas vezes o tinham feito nos jardins dos pacos por onde passavam, mas num campo de batalha, apenas com Deus por testemunha.

E recordou como Joáo ficara a olhá-la, á espera que o apoiasse, que tirasse aquelas ideias loucas da cabeca dos filhos, mas ela fizera exactamente o contrário, dando-lhes toda a razáo.

Aí o rei levantara-se da mesa, atirando para trás com a cadeira e perguntara alto:

- Endoideceram todos? Acabámos de assinar paz com Castela, depois de anos de guerra, e agora querem partir noutra demanda? E para onde, senhores? Para Granada, expulsar os infiéis, e obrigar assim Catalina de Castela a avancar de

novo sobre nós? Ou preferem ir até á Holanda, abrir frente com os de lá, porque os seus piratas nos atacam as galés?

Mas ao contrário do que esperava, nenhum dos filhos recuou face aos seus argumentos. Confuso, voltou-se para a mulher e indagou:

- E a senhora quer ver os seus filhos mortos pela lanca de um inimigo, só para ganharem um gran de cavalaria, quando o podiam fazer de forma igualmente honrada num torneio leal?

A sua resposta deixara-o prostrado. Dissera-lhe que concordava com os infantes, que era preciso deixar que o país crescesse para lá dos Algarves, que havia certamente muito mundo por descobrir, e ficaria orgulhosa se fosse Portugal, e os infantes seus filhos, a encontrar essas terras distantes. .

Recordava-se bem como, naquela noite, todos se tinham deitado com a cabeca a fervilhar de ideias. Que o inimigo tinha de ser o infiel, ninguém duvidava, que o caminho teria de ser feito por mar era uma certeza, mas orgulhava-se de ter sido ela mesma, Philippa of Lancaster de Avis, a lembrar-se (fora certamente o Bom Jesus que a inspirara) da oportunidade de tomar Ceuta, a cidade moura, a porta do Mediterráneo que deixava entrar em terras da Ibéria os conquistadores infiéis.

Passagem, pensou no escuro da noite, que controlada por portugueses, tornava possível barricar a entrada dessa gente - merecendo a gratidáo e a recompensa de todos os Estados que faziam a sua vida no mar Mediterráneo-, mas porta que, também, podia ranger nas dobradicas, abrindo-se para o outro lado: para esse Oriente desconhecido, é certo, mas



cheio de promessas, terra onde Portugal levaria a Fé e a única religiáo que podia salvar os homens das chamas do inferno, e de onde poderia trazer, mais rapidamente, ouro, tecidos e especiarias, sem intermediários pelo meio.

Sentia-se contente por náo se ter esquecido de assinalar no seu diário o momento seguinte, aquela estranha coincidéncia que fizera com que Henrique a tivesse ido procurar á missa das oito, na capela do paco: máe e filho tinham tido o mesmíssimo sonho, e partilharam-no com um entusiasmo crescente. Talvez náo fosse uma coincidéncia assim táo forte, lembrara-se de ter raciocinado, porque

na véspera um mensageiro chegara com um pedido da rainha viúva da Sicília, que mandava indagar se o infante D. Pedro estava disponível para casar. Todos tinham feito chacota do «recado» á noite, tinha-se discutido a posicáo geográfica da ilha, e tanto Philippa como Henrique se recordavam bem de que um dos conselheiros do rei lembrara que uma viagem até lá implicaria sempre uma passagem pelo porto-franco de Ceuta, e João Pequeno quisera saber mais sobre aquela terra. A palavra, pelos vistos, ficara e germinara.

João «apanhara-os» já a meio da discussáo, a calcorrearem de trás para a frente os caminhos de terra batida, ladeados de laranjeiras e limoeiros, do pequeno horto de ervas aromáticas, que a rainha mandara plantar no pátio interior do palácio. A medo, máe e filho contaram-lhe o que discutiam, e depois de uma noite bem dormida, João estranhamente pareceu aderir com entusiasmo á ideia. Prometera apresentá-la ao Conselho de Estado, que já mandara reunir, e pedir a opiniáo de Nuno Álvares e dos seus mais próximos conselheiros, sem o assentimento dos quais nada se poderia fazer.

Philippa voltou a olhar o que tinha escrito então. Ali estava, na sua caligrafia certa, como tudo se passara: como o condestável tinha considerado a ideia viável. A maioria dos conselheiros torcera o nariz, mas percebendo que afinal o que havia a decidir era se o dinheiro se gastava numa festa de nobres, sem proveito para ninguém, ou numa expedicáo que porventura poderia representar um filáo para uma nacáo pobre e empobrecida, optaram pela segunda.

Puseram, no entanto, condicóes: era preciso que o dinheiro náo viesse

do bolso dos contribuintes, e os tras infantes - que estavam pela primeira vez presentes juntos numa reuniáo de Estado - tinham assegurado que negociariam empréstimos com comerciantes interessados na aventura, e que escreveriam cartas a arrolar todos os que quisessem partir com eles, sabendo, táo bem como os conselheiros, que muitos fidalgos, novos e velhos, estariam desejosos de arejar as armaduras e as espadas. .

E depois havia o exército fixo, uma inovacáo do rei, aprovada pelo condestável, e que resultara da ameaca que nas últimas décadas fora constante de marchar para um ponto da fronteira com Castela, sem pré-avisos nem tempo de reunir forras. Também esses quatro mil homens estariam desejosos de deixar os seus aquartelamentos para se lancarem numa conquista que os encheria da adrenalina que tanto lhes faltava.

O que Philippa saberla, dois anos depois, era que a partir daquela noite tudo rolara como uma bola de neve, num crescendo assustador e contagiante. O marido, os filhos, os conselheiros, os fidalgos, o reino inteiro fervilhava de entusiasmo. Afonso Furtado, o almirante que a fora buscar a Inglaterra e que a Inglaterra levara de volta John of Gaunt e o seu exército, foi chamado a comandar as operacões, cabendo-lhe (retar galés e fustas entre os comerciantes que todos os dias chegavam aos portos do reino - os barcos e os seus tripulantes, bem entendido, que todos os bracos eram poucos.

Henrique deixara crescer a barba porque nem tempo sobrava para a fazer: estava encarregado de velar pela construcáo de barcos nos estaleiros do Porto e de recrutar homens no território correspondente ao da sua Casa, ou seja, na Beira e Trás-os-Montes. Infelizmente, na opiniáo da máe tornara-se ainda mais determinado e infexível do que nunca.

«Teimoso e de ideias fixas, igual ao meu pai», náo se cansava de repetir a Lourenco, náo lhe escondendo a preocupacáo de que os seus impulsos tivessem as mesmas consequancias do «antepassado», que o neto também náo gostava nem de avisos nem de conselhos, e raramente aprendia com os erros.

Lourenco lembrava-lhe que fosse como fosse, era sem dúvida o infante D. Henrique o mais capaz de inflamar o rei, que parecia reju venescido desde que entregara o governo do reino ao pobre do D. Duarte, terminara por dizer com um suspiro.

Duarte! Duarte que nem entáo, nem agora 24 meses depois, parecía ter vencido totalmente nem a melancolía nem a tristeza, preso á sua rotina,

angustiado com os resultados deste clima de loucura que parecía ter-se apoderado de toda a gente, constantemente preocupado com as coisas pequenas e as grandes, como se fossem de igual importáncia, «táo parecido comigo!», acabava sempre por concluir Philippa. E Lourenco, discretamente, concordava.

Mas quando recuava no tempo, a rainha tinha de admitir que este objectivo comum conseguira até o milagre de aproximar Afonso

«Bastardo», conde de Barcelos, aos seus meios-irmáos, com quem continuamente rivalizara até aqui. As cortes tinham-no encarregado de arrolar homens Entre-Douro e Minho, e o recém-viúvo - Beatriz, a filha do condestável, morrera há pouco de parto, coitadinha - encarava a perspectiva de se lancar ao

mar como uma forma de esquecer o desgosto que genuinamente sentia.

Depois havia Pedro. No meio de tudo isto, fazia bom uso da educacáo que recebera: quería perceber a razáo de ser das coisas, desenhar estratégias com pés e cabeca, «porque já agora náo dava jeito que em lugar de armados cavaleiros, viéssemos armados num caixáo», dizia, sobretudo se a máe estivesse por perto, porque adorava ver os olhos da rainha marejarem-se de lágrimas, mas sem que deixasse uma única cair!

Quando estava demasiado angustiada com a ideia de ver os seus homens partir, Philippa escondia-se no quarto de brinquedos que pertencia agora exclusivamente a Fernando, ou o pequeno escritório/ /escola onde agora João era o único aluno. Isabel vinha, muitas vezes, desencantá-la ali, assim como Duarte. E curiosamente era naquele espato da sua infáncia que o pretendente ao trono parecia mais feliz, como se entre o cavalo de baloico e a lousa e o giz, se sentisse liberto da responsabilidade que o esperava «lá fora».

João Pequeno gabava-se destas visitas, como forma de confrontar os irmáos mais velhos que o excluíam de tudo. Henrique e Pedro encolhiam os ombros e riam, mas a verdade é que Duarte procurava, com cada vez mais frequéncia, os conselhos do irmáo mais novo - ou quase, porque Fernandinho ainda era bebé.

Philippa tinha no seu diário a prova da clareza de raciocínio de João, e da admiracáo que provocava em Duarte. Olhou de novo para as páginas, e voltou a ler: «Hoje fique¡ a pensar no que aconteceu num dos nos sos

«piqueniques» no quarto de estudo do Joáo. Estávamos lá «os do costume», o João, a Isabel, o Lourenco, e eu, quando por ali entrou, pálido e nervoso, o

meu primogénito Duarte. Vinha angustiado corra o dinheiro que nao há para pagar as contas, e envolveu-se numa conversa animada com Lourenco sobre os efeitos desta campanha no poyo. Concordava que a ideia desta guerra - que ninguém, excepto alguns escolhidos, sabiam contra quem era, e em que terreno se disputará - animava a economia e tirava as gentes da modorra em que tinham caído. «Enquanto enchem barris de vinho e matam porcos e vacas para lhes secar a carne e embalar em batéis, fazem circular riqueza, mas. . e se a operacao correr mal, e nao for mais do que uma brincadeira para encher o ego dos meus irmáos? O

dinheiro gasto, as gentes mortas, que será deste reino?», perguntou, na sua voz

pousada, Duarte.

«Cala-te já com esse teu pessimismo! Vamos ter riqueza e glória, vamos derrotar o Infiel, que nao reza ao nosso Deus, obrigá-lo a recuar para longe das nossas terras, cortar-lhe a possibilidade de voltar a invadir os nossos algarves, nao é mummy?», interrompera veemente Isabel, mesuro antes que Lourenco tivesse sequer tido tempo de abrir a boca. Mas se a abriu, fechou-a de novo, porque foi Joao que tomou a palavra:

«Concordo com o Duarte, mas o pai, com todo o respeito, passa a vida a dizer que só pode «lavar o sangue dos cristaos de Castela com o sangue dos mouros, mas nao somos todos filhos do mesmo Deus? Quererá o Altíssimo Senhor Jesus Cristo que andemos a matar-nos uns aos outros, seja por que motivo for, mas muito menos sem que seja em autodefesa?».

Todos se calaram, e eu também com o que disse o meu filho Joao Pequeno.

Fique¡ chocada e fato tensóes de apurar qual é o tutor deste rapaz que lhe anda a inculcar estas ideias - e daí, tenho a certeza que Chaucer me diría o mesmo! Que distante estou das nossas tertúlias. . será que deixei que esta piedade e este rigor, que tive de assumir para ajudar o meu marido a reinar, me afastassem da sabedoria que os meus mestres me transmitiram? Ou sou, a final, mais parecida com o Henrique do que quería ser, com o meu próprio pai do que quería ser, e é a aventura, a memória do vento e da água salgada do mar a bater-me na cara, que me leva a querer incitar os meus filhos a ir mais longe? Dis farro a minha curiosidade científica de Fé? Terá Joáo razáo? Percebi que Lourenco nao conseguiu concordar com ele, mas que Duarte ficou feliz. Levantou-se, passou-lhe a máo pela cabeca, e antes de se despedir disse-lhe, olhos nos olhos: «Joáo Pequeno, vais ser o meu mais próximo conselheiro! Nao contei nada disto ao meu marido, acho que só a Chaucer ou frei John o poderia ter contado. »



Philippa regressou ao presente, á noite quente de dia 16 de Agosto de 1412, quando lhe bateram á porta. Pedro entrou afogueado, e disparou:

- Mummy, o prior do Hospital voltou da sua missáo á Sicília. .

A rainha levantou-se da cadeira, a perna dormente por ter ali estado tanto tempo

sentada, lancou sobre os ombros o manto e preparou-se para o seguir.

Desceram a escada de caracol e entraram para a antecámara, onde João, Duarte, Henrique, e dois outros conselheiros próximos do rei, rodeavam um homem alto de olhos muito azuis, o prior do Hospital, o embaixador encarregado de «fingir» negociar com a rainha da ilha siciliana uma possibilidade de alianca pelo casamento com o infante D. Pedro.

Todos se dobraram numa vénia á chegada da rainha, para logo voltarem á discussáo:

- Senhor embaixador, insisto, peco-lhe que nos conte, no segredo desta cámara, o que viu. . que opiniáo formou sobre a possibilidade de a nossa empresa poder ter sucesso.

Mas pelos vistos o embaixador recusava-se a fazé-lo, sem antes ter obtido o que pedira. Philippa meteu-se imediatamente na conversa:

- Senhor embaixador, de que precisa para revelar o que descobriu?

- Já o disse repetidamente, Alteza, mas ninguém me ouve: duas cargas de areia, um novelo de Pita, meio alqueire de fayas e uma escudela, como ficará escrito por aqueles que viráo depois de nós.

Philippa olhou para o marido e filhos, perplexa: teria o sol da viagem enlouquecido o bom homem? Mas foi Joáo, com o seu bom humor, que decidiu que era tempo de fazer a vontade ao embaixador, e despachou um dos criados com a ordem.

Duas criaditas vieram pouco depois trazer á sala o que lhes fora encomendado, mas o embaixador pedia mais, pedia que o deixassem sozinho na pequena cámara de vestir do rei, para que preparasse o material para então, sim, entrar em explicacóes.

Joáo, cada vez mais convencido de que o senhor estava apanhado da moleirinha levou-o até lá, abriu a porta, ordenou ao pajem que segurasse

bem alto a tocha, e deixou-o sentado no cháo com a matéria-prima:

- Alteza, só mais uma coisa. . - chamou do cháo a criatura.

O rei virou-se, espantado. Náo estava propriamente habituado a ser tratado como um moco de fretes, mas também nunca fora dado a vaidades e orgulhos, por isso olhou o embaixador de frente, e divertido, perguntou:

- Que mais ordenais?

Aparentemente nada perturbado pela postura humilde de D. Joáo 1 de Portugal, o embaixador emitiu a ordem:

- Que mandem acordar o almirante e Nuno Álvares, que sei que cá estáo.

- Que assim seja - responden El-Rei, a boca aberta do pajero que segurava a luz a confirmar-lhe que nada daquilo era normal.

Esperaram. O almirante, estremunhado, juntara-se a eles, e Nuno Álvares fora encontrado na capela já nas oracóes da noite. Olhou para Joáo, como sempre fizera: como um tio que suspeita ter estragado o sobrinho com mimo.

Mas foi Philippa a primeira a ver a cortina tremer. O prior do Hospital abria-a de facto naquele momento, e mandou que a pequena comitiva entrasse, mas coro cuidado, para náo estragar o que estava á vista.

Henrique precipitou-se para a sala, e só náo estragou a obra-prima porque a máo firme do pai no seu ombro o impediu de pisar o que o embaixador construira no cháo de tijoleira vermelha, o tapete lancado para o lado, displicentemente. A princípio ninguém percebeu nada, mas de repente Pedro exclamou: «É um mapa, um mapa de Ceuta!»

O embaixador acenou que sim coro a cabeca, orgulhoso. Ali estava, em relevo, o estreito de Gibraltar, a baía de Algeciras, as serras e os promontórios.

- As fayas sáo as casas, náo sáo? - perguntou, a voz chela de admiracáo, a rainha.

- Sáo sim, D. Filipa - responden o embaixador.

- E a fita representa os muros e a areia a praia e o porto? - acrescentou, fascinado, Henrique, que como a máe sempre adorara mapas.

Ceuta estava ali á vista. Agora era só preciso que o almirante e o condestável preparassem a estratégia. «A sabedoria dos mais velhos, juntava-se a energia e o

destemor dos seus filhos», pensou sorridente e

feliz, Philippa.

T



Alcácova de Lisboa, Abril de 1415

odos os dias uma embaixada diferente pedia para ser recebida pelo rei. Vinham de Castela, das Astúrias, da Holanda e até de Franca.

Queriam saber quem se preparavam os portugueses para atacar, que bastava entrar a fronteira para perceber que alguma coisa se preparava.

D. Joáo era, de facto, um dos homens mais generosos e diplomatas que conhecia, pensara, com orgulho, Philippa, enquanto do seu lugar junto do reposteiro la ouvindo o rei contar as maiores patranhas aos visitantes. Que se limitava a fazer barcos novos para a sua esquadra, que os outros corriam já o risco de naufragar, que náo quería guerra com ninguém, mas sabia que o seu reino, á beira-mar plantado, podia sempre ser alvo da cobica alheia (nunca especificava mais do que isto). E depois, conforme a comitiva recebida, lancava as pistas que os pudessem levar para o mais longe possível da verdade. A Castela insinuava que era o rei das Astúrias que o preocupava, ao das Astúrias contava-lhe a história do possível enlace de D. Pedro com a viúva, aos sicilianos relatava em detalhe que quem lhe metia medo eram os holandeses, e aos holandeses decidiu mesuro surpreender com uma contra-embaixada que foi a Amesterdáo queixar-se da selvajaria dos seus piratas. A outros contava, ainda, que armava um exército para levar a sua filha Isabel a Inglaterra, terra da sua máe, onde casaria com um primo. .

Mas o rei ficou preocupado a sério quando a visita foi a de uma embaixada do rei mouro de Granada. Preocupados com uma eventual guerra com os portugueses, vinham pedir-lhe que assinasse com eles um tratado de paz que faria desvalorizar a influéncia de Castela e permitiria um comércio próspero e rico. D. Joáo 1 recebeu-os com pompa de Estado, os soldados perfilados no paco, as galés que havia reunidas frente á Alcácova de Lisboa, de onde os

visitantes as pudessem ver com clareza, todos os «sinais exteriores de forra» o mais patentes possível, contou as histórias do costume, mas entendeu bem que náo conseguira afastar a desconfianca. E a sua recusa de assinar um tratado de paz fez o resto.

Philippa estava com as suas mulheres na sala grande, entretidas cm conversas e bordados, o som dos alaúdes a abafar o constante ruído das ruas que cm Lisboa enchia sempre o paco.

Mostrava o seu Livro de Horas a uma das suas damas mais novas, encantada com as iluminuras dos frades beneditinos de Celanova, quando um pajero lhe entregou uma mensagem, com o selo do reino de Granada.

Estremecen. Sabia que o marido recebera os embaixadores mouros ainda ontem, mas que lhe podiam querer a ela?

Sem abrir o documento na presenta das aias, caminhou a passos firmes para o gabinete de Lourenco, o seu confidente e conselheiro de sempre. O

rei estava fora, fora inspeccionar uns estaleiros e passava a noite no paco de Óbidos para matar saudades da caca, que ultimamente passara para segundo plano. Lourenco era, pois, a pessoa certa.

Se os cabelos tinham embranquecido por inteiro, o sorriso e a empatia do eterno tesoureiro da sua Casa continuavam iguais:

- Lourenco, esse seu sorriso deve ter partido muitos coracóes, nem sei como é que D. Teresa náo o amordacou em casa. . que se fosse ela era o que en faria!

Lourenco soltou uma gargalhada:

- D. Filipa, obrigado - disse, fazendo uma vénia até ao cháo.

- Velo até aqui para me fazer elogios? - perguntou cm seguida, a máo nas costas e a promessa de náo voltar a dobrar-se daquela maneira fosse quem fosse a dama que pretendia homenagear, que a idade já náo lhe permitía tamanhas galhardias.

Philippa, já muito séria, acenou-lhe com o pergaminho lacado:

- Abre-o comigo?

- De Granada?

- De Granada - acenou que sim a rainha.

Debrucaram-se sobre o documento: os embaixadores estavam á porta e pediam uma audiéncia.

- Uma audiéncia comigo, quando já estiveram reunidos com o re¡? -

perguntou espantada. .

- E terá de os receber. Seria demasiado insultuoso dizer-lhes que náo, estando eles já aqui no paco. Vamos ouvir o que tém para dizer. .

- El-Rei achará o mesuro? - perguntou invulgarmente insegura a rainha.

- Senhora, preside a conselhos de Estado há mais de vinte anos e agora está com dúvidas, que subam os senhores, que os recebemos aqui mesuro. .

Os enviados mouros vinham carregados. E depuseram aos pés de Philippa caixotes e caixotes forrados como embrulhos com os mais ricos tecidos. Nada poderia ter incendidado mais a fúria da rainha, obrigando-a a adoptar o seu tom mais frio e cortante. «Quem se julgavam estes infiéis?», praguejou para si mesma, ela, que desprezava a afabilidade com que o marido lidava com aquela gente. . embora depois jurasse que quería lavar os seus remorsos no seu sangue.

- O que é isto? - perguntou, a voz gelada.

- Presentes para o enxoval de D. Isabel, enviados por Ricafforna, rainha de Granada - murmurou o único dos homens que náo ficara petrificado pela fúria que se lía na expressáo e nos olhos de D. Filipa.

- E a que propósito? Como se a minha filha precisasse que os infiéis lhe tratassem do dote. .

Até Lourenco se sentiu estremecer com a palavra «infiéis» usada na cara destes senhores, mas a rainha já estava demasiado zangada para medir o que dizia:

- Sáo presentes! Ofertas - exclamava estarrecido o embaixador. .

- E a troco de qué? - perguntou Philippa, decidida de repente a tirar o máximo de informacóes destes mouros.

- Queremos assinar um tratado de paz com Portugal, mas o senhor seu marido náo pareceu interessado em tal. . Talvez D. Filipa nos pudesse ajudar a convencé-lo da necessidade desse acordo, para bem de ambos os nossos reinos, que uma guerra entre nós só poderia servir Castela. .

Philippa respirou fundo e responden, tentando manter um timbre mais sereno:

- Batem á porta errada, senhores. Náo sei nada acerca dos métodos a que a vossa rainha recorre para se meter nos assuntos que só ao seu marido dizem respeito, mas garanto-vos que em Portugal nenhuma mulher, muito menos uma rainha, se meteria nos negocios do reino ou iría contra a vontade do seu marido. Quanto aos cumprimentos da vossa soberana, peco-vos que lhe digam que foram aceites, mas por favor levem



daqui os seus presentes, porque quando chegar ao tempo de casar a minha filha, nada lhe faltará.

Com um sinal para os carregadores, os embaixadores deram meia volta e partiram. Quando a porta se fechou, Philippa deixou-se escorregar para uma cadeira de espaldar do escritório de Lourenco e esconden a cara entre as máos. As macás do rosto ardiam, de táo vermelhas: há muito que a rainha náo corava de fúria!

Quando levantou a cabeca, Lourenco limitou-se a dizer-lhe:

- Já mandei a El-Rei notícia deste encontro.

Ao receber a nota de Lourenco, Joáo percebeu que náo podiam continuar indefinidamente em preparativos: era preciso marcar uma data e partir, sob risco de o inimigo estar avisado ou de alguém roubar a ideia e chegar lá primeiro. Mandou reunir as cortes em Sacavém, e o día foi escolhido: se o vento estivesse de feicáo partiriam na festa de S. Tiago, a 23

de Julho, de Lisboa.

Seguiram ordens para carregar os barcos, de pessoas, alimentos e municóes. Os barcos escondidos em Sacavérn, onde davam menos nas vistas, deviam descer o rio até ao Restelo, comandados por D. Pedro e al se encontrariam com a esquadra que D. Henrique e D. Afonso, conde de Barcelos, trariam do Porto.

A excitacáo atingia o seu pico mais alto. E D. Joáo náo se admirou nada quando um frade dominicano anunciou ao povo uma visáo: A Virgem aparecera-lhe, para lhe dizer que o reí la lutar com os mouros, conquistar as suas cidades e plantar a sua bandeira em terras nunca antes vistas.

Deitado na cama ao lado de Philippa, abracou-a com forra e disse-lhe: -

Princesa de pele branca, sardas e trancas loiras, só espero náo ter sido cego e surdo ao deixar que tu e os nossos filhos fizessem de mim um pau-mandado! Ou em breve o frade estará a ouvir de Nossa Senhora a notícia de que os nossos barcos estáo no fundo, ou que recomecaram os ataques mouros aos nossos algarves!

Philippa virou-se para o olhar, estreitou o abraso e beijou-o na boca com ardor:

- Deus está contigo! E en náo conseguiría viver sem ti, por isso livra-te de

deixares afundar a galé que te leva, e sabes que nunca te perdoaria se náo trouxesses vivos e de saúde os nossos tras filhos, para que no Terreiro do Paco en possa chorar de alegria ao va-los ser armados cavaleiros.

E adormeceram assim.

O

Alcácova de Lisboa, 9 de Julho de 1415

Veráo estava particularmente quente, como se a brisa que refrescava Lisboa tivesse cruzado os bracos ou partido para outras paragens. O cheiro que chegava das ruas era insuportável, e Philippa pedira ás criadas que colocassem pequenas malgas de barro com alfazema e ervas aromáticas pelas salas e corredores, deixando incenso a arder junto das janelas.

- Este tempo mete-me medo - confessara a rainha a D. Brites, ainda ontem á

noite, quando uma das criadas aparecera lavada em lágrimas porque a irmá morrera de peste, mesmo ali a dois passos. D. Brites mandara imediatamente a rapariguinha embora, uma moeda na máo e a ordem de que náo voltasse táo cedo, mas a rainha já estava assustada.

Dera ordens ás amas para que levassem imediatamente Isabel, João e Fernando para Sintra, mas acabara por os deixar ficar, porque a filha chorara baba e ranho, agarrada a ela: «Náo é justo, amanhá vou ver os manos chegar ao Restelo, náo quero ir para Sintra e perder tudo. . a máe náo pode fazer-me isto, já tenho 17 anos.» E Philippa aconchegara-a nos bracos, fizera-lhe o sinal da cruz na testa e murmurara: «Só espero nunca me arrepender de náo vos ter obrigado a partir.»

Mas á medida que o dia foi correndo e as notícias da Grande Excursáo chegavam de hora a hora de todos os pontos do país, até Philippa esqueceu a irmá da criada e ignorou o repicar dos sinos que anunciava mais mortes.

Duarte aparecen no paco para jantar, olheiras longas e pesadas, mas chelo de novidades: a esquadra de Henrique e do meio-irmáo Afonso, composta, imagine-se, por 39 barcos, imponentes barcos de vários mastros e naus de carga, tinha sido vista a passar na Nazaré, e esperava-se que atracassem ao escurecer no porto de Peniche. E vira Pedro, á hora do almoco, exultante por ter já as galés carregadas, e dissera-lhe que o poyo tinha sido generoso nas suas ofertas. «Comida náo nos val faltar», comentara o herdeiro do trono, com um sorriso um pouco forrado.

Nuno Álvares aparecerá também, já noite escura, para beber um copo de vinho quente:

- Uma infusáo de camomila, que hoje neste paco náo autorizo que ninguém beba nada a náo ser infusóes calmantes, que dá-me a impressáo que os nervos da gente deste reino, os meus incluídos, váo explodir. .

Nuno aceitara a infusáo, porque também ele achava que toda esta expedicáo assumira proporcóes ensandecedoras. Afinal, nem sequer se sabia o que se la fazer á Praca, caso fosse possível conquistá-la, e muito menos como os seus proventos chegariam para pagar tantos custos. Mas o que o trazia ao paco, e mais propriamente ao rei e á rainha, era um pedido.

No seu tom formal, pediu autorizacáo para falar. O rei levantou-se para abrir um pouco mais a janela, que o calor era insuportável, mas a rainha ficou sentada

olhando-o francamente nos olhos, e pedindo-lhe que dissesse tudo o que lhe la na alma:

- Venho fazer um pedido!

- Que certamente te será garantido - disse o rei. .

- Bem gostaria de acreditar que assim fosse. . Só hoje entendi claramente que D. Duarte também tenciona embarcar nesta expedicáo. . assim como o rei. Parece-me um acto absolutamente irreflectido, infantil até.

Virando-se para Philippa tentou usar o máximo de persuasáo:

- D. Filipa, nove meses vezes oito a carregar no seu ventre descendentes para o reino, paz á alma da infanta Branca e do pequenino Afonso!, para agora colocar o futuro desta dinastia em risco? Embarca o rei, embarca o herdeiro, embarcam os irmáos mais velhos e mais preparados? Se o pior acontecer, que Deus o proíba, será D. Filipa a reger o reino, e muito bem, mas. .

- Pela Virgem, condestável, náo diga uma coisa dessas. .

Mas o condestável continuava, a voz a assumir um tom mais informal e mais enraivecido:

- D. Filipa fará certamente bem o seu papel, mas o reino náo pode esperar pela maioridade do infante D. Joáo. A rainha de Castela náo hesitará em aproveitar-se da fraqueza vizinha, sim, en sei que é sua irmá, Alteza, mas há latos que se esquecem depressa. .

Philippa virou-se para o marido, os olhos a implorarem sensatez:

- D. Joáo, rogo-vos que deixem Duarte!

- Ou que náo embarque o rei! Cinquenta e seis anos e muitas batalhas ganhas, um reino construído, uma dinastia criada, é tempo de ficar!



Joáo náo se virava. De costas para a mulher e para o seu mais fiel amigo, disse alto:

- Vamos e vamos todos! Quero estar com os meus três filhos neste momento de glória, que já o dominicano a previu. A Virgem está connosco e pecávamos por falta de fé, se um de nós ficasse. E Duarte náo pode ser excepcáo, além do mais anda consumido pela tristeza, transformado num bicho do papel, tanto tempo passa entre documentos, tem direito a fazer parte deste momento. A receber, como os outros, a glória de uma luta contra os infiéis, a ser armado cavaleiro nas mesmas condicóes que os irmáos mais novos, para que nunca ninguém diga que é algo menos do que eles.

Nuno pediu licenca para partir. Dobrou a cabeca em sinal de respeito e pediu ao soldado que guardava a porta, que lha abrisse. Philippa ficou a vé-lo sair, o coracáo pesado e dividido.

«Tenho tanto frio», murmurou Philippa, procurando no corpo de Joáo o calor que lhe faltava. Joáo debatia-se para se soltar do dela, naquela noite táo quente e abafada de Lisboa. Mas Philippa gemia, a máo agarrada á cabeca, e pedia cobertores e mantas. Chamava pela máe, depois por Katherine, chorava pela pequenina Branca.

Joáo acendeu a vela e quando a viu transida, tentou acordá-la do que julgava ser um pesadelo. Mas quando lhe tocou e sentiu a pele suada e gélida, den um grito. E corren a chamar D. Brites, que ao ver a rainha a arder em febre, come~ou a chorar compulsivamente.

- Por favor, D. Brites, precisamos de um médico, um médico depressa.

D. Brites, chamada ao dever pela voz do próprio rei, saiu a procurar o clínico, o boticário, a mandar fazer chás, a ordenar cobertores e tijolos quentes.

O diagnóstico chegou pouco depois: talvez náo fosse nada, talvez apenas os nervos, a ansiedade do marido e dos filhos que partiam, mas talvez, talvez, fosse a peste que invadia a cidade. .

As ordens do rei foram rápidas. Era preciso levar D. Filipa para fora de Lisboa, para longe da corte, onde o ar fosse mais puro e as oracóes á Virgem e ao Bom Jesus a livrassem da morte.

- Odivelas, senhor - murmurou D. Brites, a máo entrelacada na da rainha.

Quando Joáo se virou, Philippa assentia que sim com a cabeca. E entre tremores,

pensava: «As irmás do mosteiro velariam por ela, sentir-se-ia melhor entre claustros e celas, como se a austeridade da pedra e da arquitectura que lhe lembrava Celanova, onde toda esta aventura comecara, lhe dessem a seguranca de um retorno ás raízes.» Mas agora o que lhe importava eram os filhos.

Tentou endireitar-se nas almofadas, e com a voz embargada e trémula implorou ao marido que mandasse «os pequeninos» embora, para Sintra de preferéncia, que náo os quería numa Lisboa infestada. O rei, táo nervoso e trémulo como nunca até áquele dia alguém o vira, percorria o quarto de trás para a frente, numa ansiedade que o impedia de decidir fosse o que fosse. «Que faria sem Filipa, sem a mulher que há tantos anos o guiava, com a sua voz doce e a sua determinacáo admirável?», pensava, mais consciente do que nunca da absoluta dependéncia que criara em relacáo a esta mulher, aquela que hesitara tanto em levar ao altar.

Felizmente Isabel estava por perto, e com a autoridade herdada da máe, assumiu ela o comando das operacóes. A Lourenco ordenou que levasse o pai a dar uma volta e o instalasse num paco nos arredores da capital, e apesar dos protestos furiosos do infante Joáo, que esperneava por ser tratado como uma crianca apesar dos seus catorze anos, e das lágrimas do infante Fernando, apenas um ano mais novo, mandou que os preceptores saíssem com eles nesse mesmo dia para Sintra, assim como o resto da corte. «Só se me deixares ver primeiro a máe», acabara por soltar Joáo Pequeno, o último trunfo que lhe sobrava na manga, e a irmá ceden.

Ainda há pouco quando estivera a mudar os pachos de água fria na testa da rainha, se lembrara de quantas vezes ela lhe contara como estava grata a Katherine por a ter deixado despedir-se da avó Blanche quando - e Isabel teve que morder o lábio para náo chorar - a avó morria de peste em Bolingbroke.

O infante percebeu a emocáo da irmá, e com aquele maldito talento que tinha para ler os pensamentos mais secretos dos outros, percebeu que o tempo náo era para birras. Num tom de voz já mais baixo e meigo, perguntou:

- Mana, a máe va¡ morrer como a avó?

- Só Deus sabe, Joáo, só Deus sabe. E agora vamos vé-la, despacha-te, mas pela Virgem, mano, náo te chegues perto.

Passando-lhe a máo pelos caracóis, suavizou o temor que se tinha instalado naquela sala de estudo, dizendo-lhe:

- Lembra-te que tens de ter saúde, que a mae quer que estejas pronto e preparado, porque quando o pai e os mais velhos partirem na Grande Expedicáo só tu é que ficas para governar o reino. .

Se Fernando fosse outro, teria protestado, mas estava habituado a ser o escudeiro fiel de Joáo, e náo lhe passava pela cabeca contestar a sua supremacia. la para onde ele fosse, e agora a única coisa que desejava era ver a mummy.

Quando Isabel entrou com os dois irmáos mais velhos no quarto da rainha, D. Brites den um grito de horror, «Os príncipes, náo, menina, leveme daqui os príncipes», mas Philippa encorajou-a:

- Obrigada, minha querida filha. Náo quería que Joáo e Fernando partissem sem me ver, mas náo tinha coragem de pedir que mos trouxessem. .

Estendendo as máos para os filhos, recebeu os seus beijos sófregos, para logo os mandar recuar vinte passos:

- Al, meninos, náo passem daí, que isto que a mummy tem pode pegar-se. .

Os dois infantes, muito direitos e dignos, conscientes de que a máe nunca aceitaria que desatassem para ali em prantos e lamúrias, disseram, quase em coro:

- Vamos para Sintra, rezar na capela para que Jesus a ponha boa depressa, máe!

Philippa fez-lhes um imenso sorriso, e mandou-os partir, acenando-lhes até que a grande porta de carvalho se fechou. Estreitando com forra a máo de D. Brites, murmurou baixinho: - Porque fui incapaz de lhes dizer quanto lhes quería, porque fui incapaz de lhes dizer quanto me orgulho deles.

D. Brites, percebendo o seu enorme sofrimento, responden apenas:

- Descanse, D. Filipa, os seus filhos, todos eles, náo duvidam por um instante do seu amor.

E viu duas lágrimas grossas deslizarem pelo rosto já macilento da rainha

que tanto amava.

Isabel sabia que náo podia perder um minuto em comiseracóes nem em pensamentos mórbidos. Agora o importante era mandar a máe para as irmás de Odivelas, e fazer com que a viagem neste dia tórrido náo a matasse.

Apesar da forra do sol nos telhados que desciam até ao rio, apesar do calor que fazia suar em bica os criados que traziam em ombros a liteira onde D. Brites aconchegara a rainha, Philippa sentia o queixo a tremer, os dentes a baterem como varas verdes.

Agarrou-se com forra á sua estatueta da Senhora do ó, e rezou. Náo podía fraquejar agora, náo podia temer a morte que sentia próxima, náo podia trair a sua fé, que sempre a guiara. Teve vontade de gritar um

«Senhor por que me abandonaste?», mas conteve-se a tempo. Philippa Lancaster de Avis náo la trair o seu Deus no momento da verdade.

Os olhos magoados pela luz percorreram o Terreiro do Paco como numa despedida, e pararam por segundos na imagem da sua Elisabeth, a sua Isabel, que se portava como o mais corajoso dos soldados:

- Filha, o meu Livro de Horas, e o meu medalháo. O medalháo que o médico me tirou do pescoco - sussurrou, a voz um fio.

- Onde é que os deixou, máe? - perguntou Isabel.

- Na mesinha do meu quarto. Desculpa, filha, tanto trabalho que te don, mas quería tanto partir com estas duas coisas comigo. .

Mas já D. Brites vinha a correr com elas - sabia que a sua Senhora nunca la a lado nenhum sem os levar, muito menos agora que precisava de todas as forras que o Senhor lhe pudesse dar. Isabel agradeceu-lhe com uma pequena vénia e aconchegaram as duas a rainha na carruagem. D. Brites entrou para o lugar vago, impedindo Isabel de o fazer:

- Princesa, lembre-se que náo há mais nenhuma mulher nesta família para substituir a sua máe, se a vontade de Deus for levó-la para junto de Si. Tome um banho de ervas, vista uma roupa lavada e parta para Sintra com os manos. .

Isabel deixou-se empurrar devagarinho, lentamente, para fora da

carruagem. A única mulher, numa casa de seis homens. Talvez D. Brites tivesse razáo. .

T

Mosteiro de Odivelas, 15 de Julho de 1415

eriam passado dois ou tras dias desde que aqui estava, nesta cama branca e imaculada, lencóis de linho com cheiro a alfazema? A febre deixava-a por períodos curtos, quando os medicamentos faziam efeito, e as pocóes mágicas da Irmá Enfermeira conseguiam milagres, e nesses períodos sentia-se bem. Mas a nocáo do tempo, entre delírios e febróes, perdera-a há muito, e de cada vez que acordava mais serena, perguntava á irmá sentada num banquinho junto da cama, o dia e a hora. «Já partiram para Ceuta, o re¡ e os meus filhos?» - insistia. E a irmá dizia-lhe que náo, que a tinham vindo ver muitas vezes, e voltariam de novo, mais logo.

O diagnóstico medroso do físico da corte já tinha sido confirmado e tornado a confirmar: fora contagiada pela peste, as bolhas vermelhas e chelas de água, dolorosas, debaixo dos bracos e nas virilhas, e o corpo cobria-se aos poucos de manchas escuras de sangue pisado.

Philippa sentia-se em paz. Sabia perfeitamente que la morrer, e a única preocupacáo que tinha agora era deixar o melhor que pudesse a sua família. Angustiava-a pensar na solidáo de Duarte, nas paixóes de Pedro sem a máo da máe para o segurar, e nos ímpetos de Henrique sobre quem só ela possuía algum controlo, agora que D. Lopo já morrera. Com um esgar, imitou um sorriso quando se lembrou da incapacidade que o marido tinha para controlar o terceiro filho, com quem se identificava totalmente. E

Isabel. Preocupava-a Isabel - a única rapariga entre tantos homens: será que lhe dariam a oportunidade de ter marido e filhos, ou a prenderiam, mesmo sem querer, á obrigacáo de substituir a máe velando pelo pai e pelos irmáos mais novos? Precisava de falar com D. Brites, pedir-lhe que apesar da sua idade nunca deixasse de velar pela «menina», e tinha de recordar a Duarte que a irmá de quem ele era táo próximo devia casar á altura do seu estatuto de Plantagenet. De

Avis, claro está.

E que lugar haveria no mundo para o seu equilibrado e sensato Joáo?

Seria capaz de manter a fidelidade de Fernando, de lhe dar a estabilidade de que precisava, porque um último filho numa família real, logo deste tamanho, tem sempre dificuldade em encontrar o seu lugar?. . Talvez a

Igreja, talvez Fernando encontrasse uma forma de se realizar servindo a Santa Madre Igreja, ele que nascera por intercepcáo directa da Virgem, estava certa disso.

Suspirou táo alto, que a madre superiora que entrava para visitar a doente mais importante do seu mosteiro, corren até ela e pousou-lhe a máo na testa, para lhe sentir a febre. Mas a rainha náo ardía como nos outros dias, parecia mesmo melhor, e a madre substituiu a irmá no banquinho á cabeceira de Philippa:

- O que a preocupa, D. Filipa? - quis saber, numa voz doce.

Philippa responden, tranquila:

- Pensava nas espadas!

- Nas espadas, D. Filipa? - indagou a santa mulher, ligeiramente escandalizada. .

- Nas espadas que mandei fazer para cada um dos meus filhos. Queria vé-los armados cavaleiros com elas quando viessem da Grande Expedicáo, mas talvez seja mais sensato oferecer-lhas antes. .

A madre manteve o siléncio. A palavra «Antes» poderia querer dizer tanta coisa. . Mas Philippa continuou, no mesmo tom sereno:

- Antes de morrer, antes de partirem. .

- Que será quando Deus assim o desejar - lembrou a freira.

- Que será muito em breve, hoje mesmo talvez, que acredito que o Altíssimo me den este momento de lucidez e quietude para que acabasse de fazer aquilo que aqui tenho que fazer - responden a rainha, tentando levantar-se um pouco mais alto nas almofadas, para logo escorregar para baixo, os pulmóes numa

contraccáo que lhe tirava o ar. .

A madre superiora benzeu-se discretamente, mas náo a desmentiu. Uma senhora com uma vida de piedade táo adiantada, náo podia ser iludida com promessas que náo se podiam cumprir. E em lugar de combater ou contrariar a rainha, pegou-lhe na máo gelada e responden:

- Posso fazer alguma coisa para tornar essa tarefa mais leve?

Philippa deixou a máo permanecer na dela:

- Precisava que pedisse a D. Lourenco que trouxesse as espadas, precisava que solicitasse a um mensageiro que dissesse ao rei e aos meus filhos mais velhos que viessem para cá. . e precisava. . que rezasse por



mim.

A madre levantou-se, baixou ligeiramente a cabeca em assentimento, mas quando virava as costas, percebeu que Philippa ainda náo tinha acabado.

- Sabe, madre, foi na capelinha mocárabe do mosteiro de Celanova que o Senhor me revelou que iria casar com D. Joáo, que me tornaria rainha de Portugal. Fiz tudo para merecer essa honra, mas deixe que lhe agradeca ter-me recebido aqui em sua casa, neste mosteiro de que tanto gosto; deixe que lhe diga obrigado por náo ter tido medo da minha doenca, que a póe também a si em risco. Entre estas paredes sinto-me em casa. .

Mesmo que quisesse, a freira náo lhe poderia ter respondido, a voz embargada pelas lágrimas. Limitou-se a fazer de novo uma vénia e a sair, apressada. Exausta, Philippa deixou-se cair nos travesseiros e abriu a boca para a colher de xarope que a irmá enfermeira lhe estendia, solícita. Em seguida adormeceu.

Pela frincha maior da cela da enfermaria viu que o sol se punha. Deixou que os olhos se abrissem lentamente, e o olhar estacou de alegria quando caiu sobre tras espadas reluzentes, pousadas num banco corrido junto á parede.

Virou a cabeca com dificuldade, a respiracáo ofegante, e percebeu que

ajoelhados junto á cama estavam o rei, Duarte, Pedro e Henrique. Isabel também ali estava, sentada no banco da enfermeira, com um pacho na máo pronto a colocar na testa da máe, e mais ao longe, por detrás das grades que franqueavam a entrada para este espato de doenca, muita gente.

Silenciosa e expectante.

Duarte foi o primeiro a perceber que a máe acordara. Levantou-se depressa e abracou-a, e os outros, alertados pelo seu movimento, ergueram-se também.

Philippa sorriu-lhes, os olhos chelos de lágrimas:

- Que bom é ver-vos todos juntos. . há muito tempo que andava um para cada lado - sussurrou.

Os filhos entenderam imediatamente, como os mais novos tinham

entendido, que o registo daquele encontro tinha de ser o de um qual quer dia: sem choros de carpideiras nem gritos de saudade. A disciplina de uma vida inteira era agora mais necessária do que nunca.

Henrique entrou no jogo imediatamente, e com o egocentrismo que o caracterizava, ao fim de uns segundos já mergulhava nas descricóes dos pormenores da viagem. A rainha divertia-se a vé-lo, táo igual a si mesmo.

Duarte bem o tentava calar, mas Philippa segurou a máo do seu primogénito e apertou-a junto do coracáo:

- Deixa-o, Duarte, este é o momento de pensar em viagens.

O rei, com os olhos inchados, tentou em váo entrar na conversa, mas a voz tremia-lhe e náo saíam mais de duas palavras. Pedro sentou-o no banco e pós-lhe um braco protector em redor dos ombros, e Isabel ajoelhou-se junto dele e pousou a cabeca nos seus joelhos. Duarte, ao olhá-los, pensou: «Enganei-me, o meu pai é ainda mais frágil do que eu, mas tem tal amor á vida que facilmente o fará apaixonar-se de novo por ela, por muito grande que seja a perda. Se en fosse assim. .» Mas mais ninguém teve tempo para nostalgias, porque Henrique parara de tagarelar quando, de repente, vira as espadas:

- Mummy, sáo para nós?

A máe riu abertamente, apesar da dor que rir lhe provocava na boca, no peito, no corpo inteiro:

- Quem te ouvisse, filho, diría que tens a idade do Fernando, e náo vinte anos, um cavaleiro pronto para a sua primeira batalha.

Henrique, em lugar de se ofender, desatou a rir também, com aquela confianca cega de que aquilo que desejava se realizaria, e como náo desejava que a máe morresse nunca, tal nunca aconteceria.

Em dois passos atravessou a enfermaria e trouxe, cautelosamente, as espadas pousando-as em cima da cama:

- Mas, mummy, é por ser um cavaleiro, quer dizer, quase um cavaleiro, que preciso de uma espada como esta! Qual é a minha?

Isabel ainda o tentou mandar calar, vermelha de fúria com aquele egoistazinho que mesuro ali, mesuro com a máe pálida num leito de morte, se preocupava com guerras e conquistas:

- A tua náo é nenhuma, que devias mas era ter ido para Sintra com o Joáo e o Fernando - ripostou, endireitando-se de um salto.

A discussáo entre os filhos teve o efeito de afastar o reí da sua autocomiseracáo, e devolvé-lo ao seu papel:

- Se se calassem os dois?

Pegando na máo da mulher, perguntou-lhe numa voz ainda trémula, mas mais segura:

- D. Filipa, que destino quer dar a estas espadas?

- Esperava vé-los armados cavaleiros, mas como vou partir também, pedía ao reí autorizacáo para fazer aqui e agora cumprir a cerimónia de entrega das espadas. .

- El-Re¡ consente - disse o rei, rapidamente a perder de novo a compostura.

Ao ouvirem os pais, Duarte e Pedro, os olhos chelos de lágrimas e os punhos cerrados como se quisessem derrotar a morte, e Henrique, subitamente

compenetrado, ajoelharam-se junto da cama. Philippa, com a ajuda de Joáo, ergeu a primeira espada, maior do que as outras duas, e disse:

- Duarte, meu filho, foste escolhido por Deus para governar este reino.

Sei, melhor do que ninguém, que náo tem sido fácil, que náo será fácil. Mas lembra-te que a maior qualidade de um governante é a justita. Usa esta espada, quando tiveres esgotado todos os meios de a implementares de outra maneira. Esta é a espada da justita, com a forra que vem dos teus antepassados, e que espero passe das tuas máos para as do meu neto mais velho, e das dele para as do seu filho, e assim para todo o sempre.

A irmá enfermeira trouxe-lhe aos lábios feridos um pouco de água, e a rainha molhou-os apenas, e respirando fundo, continuou:

- Pedro, meu querido filho, aquele que sempre me trouxe uma flor de um passeio no campo, aquele que me galanteou o coracáo com um elogio sempre pronto, mas sincero, Pedro, meu filho, dou-te esta espada para que defendas as damas e as mulheres de Portugal. Que imponhas sempre o respeito que lhes é devido, e as sirvas também tu, para que possam viver em honra e felicidade.

Henrique náo conseguía tirar os olhos da terceira espada, daquela que seria a sua: o punho dourado, a lámina que reluzia á luz das velas que iluminavam a cela. «Táo aliada», pensava, radiante, quando ouviu a voz da máe a chamá-lo:

- Henrique?

- Minha máe?

- Pega na espada, filho, vés como é pesada?

Henrique lancou as máos habilmente ao punho da espada, e levantou-a triunfante:

- É pesada, máe, mas en son capaz de a brandir como se fosse um canivete.

Até o pai Joáo sorriu. A emocáo e a alegria que o seu filho punha em tudo aquilo em que se envolvia era contagiante - ainda hoje estivera a ler os

«argumentários» que os conselheiros de Estado haviam pedido a cada um dos

infantes que escrevesse, dizendo da validade da Grande Expedicáo. Os escritos de Duarte e Pedro eram impecáveis, rigorosos, fundamentados, e o de Henrique, hilariantes. Basicamente, pensou o pai por segundos distraído da agonia de Philippa, argumentava que era bom partir, porque sim, porque era preciso nao dar tréguas aos infiéis, e porque ele quería e porque ele acreditava e ponto final. O certo era que, na verdade, transformava a sua fé em actos, e os barcos lá estavam no Tejo, a baloucar á nortada que naquela tarde se levantara.

- A ti, Henrique, peco-te que protejas os nobres deste reino, porque sáo eles a forra de um país, sáo eles os que responden quando é preciso partir em conquista de outros lugares, ou salvaguardar os que ternos. Mas deixo-te mais, Henrique, deixo-te o astrolábio do meu mestre e amigo Chaucer, para que sigas os teus impulsos, e o vento, e tornes Portugal ainda maior do que é, sem esqueceres que o ten nome é o dos reis de Inglaterra.

- Deixa-me? - disse de repente Henrique, assustado, como se pela primeira vez tivesse entendido, táo embrenhado estava na excitacáo da sua própria partida, na paixáo pelos seus barcos, no entusiasmo dos seus homens. . no projecto de Ceuta.

- Deixa-me? Mas onde é que a mummy vai? - insistiu, desesperado.

Isabel já náo continha a fúria:

- Achas que vai na Expedicáo contigo, meu idiota? - disparou.

Pedro abracou-a com forra, e contra o seu ombro a princezinha de dezassete anos chorou as lágrimas todas que há dias prendia, no seu desejo de ser a máe, de imitar a máe, de proteger tudo e todos como a máe protegia.



Philippa puxou-a para si e murmurou, já sem conseguir levantar a cabeca:

- Querida filha, os teus irmáos tomaráo conta de ti, e acredita que parto para o sítio para onde sempre quis ir, para perto da minha máe, do meu pai, de Branca e de Afonso. Quero que D. Brites te apoie sempre, e já sabes que te deixo as minhas jóias e as minhas terras, e sei que vais encontrar um homem que te val fazer táo feliz como o ten pai me fez a mim. Náo te esquecas de pedir ao pai que

te pendure ao pescoco este medalháo sagrado, que tem a imagem dos teus avós, e me foi dado quando casei.

Uma máo apertou a do marido e a outra segurou com forra o medalháo que a enfermeira lhe voltara a colocar ao pescoco - a máe, o pai, e a rosa de Lancaster, o segredo de tudo aquilo que era, de tudo aquilo que fora, preso entre os seus dedos. E suspirando, sorriu e fechou os olhos.

A sua frente, Elisabeth gritava: «A última a chegar é uma mariquinhas», e ela punha esporas ao cavalo e com os cabelos ao vento galopava atrás dela, sentindo-se livre, táo livre como quando o sal e o vento do barco em que viajara para Portugal lhe enchiam os olhos e o cabelo. E a voz de Elisabeth, quente e provocadora, charnava-a: «Vou chegar primeiro do que tu. Vou ganhar, vou ganhar!»

«Primeiras a ver a máe», berrou Philippa. E de repente perdendo o medo, incitou o seu alazáo a correr, e ultrapassou a irmá, o chapéu a fugir-lhe da cabeca, os olhos azuis mais brilhantes do que nunca.

Ao longe um castelo de quatro torreóes, e cada vez mais próximo, mais próximo, mais próximo, o imenso portáo de carvalho do castelo de Bolingbroke, que se abria para si. Philippa voltava a casa.

P

,hilippa morreu aos 55 anos, vinte e nove anos depois de ter chegado a Portugal. Foi enterrada naquela mesma noite no cemitério do mosteiro de Odivelas, para minimizar o risco de contágio com a peste. E

nessa mesma noite o «vento Aquiláo, do Norte» soprou forte. Era o vento certo para partir, e os infantes faziam honra á sua educacáo: morder o lábio para que náo trema e caminhar em frente. Acima de tudo sabiam que desistir, deixar cair aqueles que deles dependiam, era a pior forma de honrar a memória da máe. A trasladacáo para a capela mortuária no Mosteiro da Batalha, que a própria Philippa mandara construir, ficou marcada para o regresso da Grande Expedicáo. E a 25 de Julho partiam de Lisboa, sem que, teoricamente, ninguém soubesse qual era o destino. Uma esquadra de 240 naus e galés, um exército de 20 mil homens, entre eles a maioria dos cavaleiros do reino, e de 30 mil remadores. Em

Lagos, dias depois, o bispo que os acompanhava rezou missa pelo sucesso da viagem, afirmando que só esta vitória permitiria ao rei resgatar a culpa de por suas máos ter corrido sangue cristáo, o dos seus irmáos de Castela. Aos infiéis, portanto. . A praca de Ceuta caiu a 22 de Agosto. Philippa náo esperaria outra coisa dos seus filhos.

A

AFONSO, CONDE DE BARCELOS, filho bastardo de D. Jodo, Mestre de Avis, e de Inés Peres, de Veiros. Mais tarde conde de Barcelos por casamento com a filha de Nuno Álvares Pereira, e já depois da morte do pai, feito duque de Bragan4a - o primeiro da Casa de Braganca.

AFONSO, INFANTE, segundo filho de Philippa e Jodo, morreu aos dez anos e foi sepultado na Sé de Braga, onde se encontra hoje numa urna de chumbo e ouro que vinte anos depois a sua irmá Isabel enviou de Bruges para o efeito.

ALICE PARRERS, amante do avó de Philippa, Edward III.

B

BEATRIZ DE CASTRO, sobrinha de Inés de Castro e dama da corte de Avis.

Diz a lenda que foi ela a dama que a rainha apanhou a ser beijada pelo marido, dando origem aos frescos da Sala das Pegas. Mais tarde Joáo I mandou matar o seu amante, o camareiro Fernando Afonso, e terá sido enviada como castigo para a corte de Castela.

BEATRIZ PEREIRA ALVIM, única filha de Nuno Álvares Pereira, casa com Afonso, o filho bastardo de Joáo 1, entretanto legitimado pelo Papa.

BEATRIZ PERES, filha bastarda de Joáo 1 e de Inés Peres, tinha oito anos quando Philippa chegou a Portugal e foi educada junto de si. Mais tarde a rainha negoceia o seu casamento com um conde inglés, Thomas FitzAlan, Conde de Arundel.

BEAUFORT - Nome de uma terra francesa que pertencia a John of Gaunt, que o pai de Philippa escolheu para os seus filhos bastardos, filhos de Katherine Roet Swynford. Ndo punha assim cm risco a heranca dos seus filhos legítimos. Foram eles, John, Henry, Thomas e Joan.

BLANCHE OF LANCASTER, mde de Philippa, Elisabeth e Henry. Detentora do título de duquesa que passa ao marido, John, por casamento.

BLANCHE ST HILAIRE MORIEUX, filha bastarda de John of Gaunt, meia-irmd de Philippa, casada com um militar do exército inglés, Thomas of Morieux. Velo para Portugal com Philippa, e recebeu aqui a notícia da morte do marido cm Castela.

BLANCHET SWYNFORD, filha de Katherine e do seu primeiro marido, Hugh. Criada com Philippa.

BRANCA, INFANTA, primeira filha de Philippa e Jodo, morreu um ano depois de ter nascido. Sepultada na Sé de Lisboa.

BRITES GON~ALVES DE MOURA, nomeada pelo rei chefe da Casa da Rainha, logo após o casamento de Philippa; falava francés fluentemente e foi um precioso auxílio na tentativa que esta fez de impor novas regras na sua corte.

C

CATALINA PLANTAGENET, filha de Constanza de Castela e de John of Gaunt, meia-irmd de Philippa. Mais tarde rainha de Castela.

CHAUCER, Geoffrey, poeta, embaixador e astrónomo da corte inglesa, ao servico da família Lancaster. Tutor e amigo de Philippa. Trovador do seu amor pela mde da princesa, Blanche, sobre quem escreveu um livro (The Death o f Blanche the Duchess), ficou também conhecido pelo seu Tratado Sobre o Astrolábio.

CONSTANZA DE CASTELA, segunda mulher de John of Gaunt, madrasta de Philippa. Filha de Pedro, o Cruel, rei de Castela e Leáo, considerava-se a legítima pretendente ao trono, ocupado pelo «usurpador» Henrique de Trastámara.

E

EDWARD III, rei de Inglaterra e avó de Philippa.

EDWARD, THE BLACK PRINCE - Irmáo mais velho de John of Gaunt e pretendente ao trono. Grande soldado, ficou doente novo, e morreu cedo.

O seu herdeiro também morreu, vindo o filho mais novo a suceder ao avó.

ELISABETH, a irmá mais nova de Philippa. Casou primeiro com John Hastings, de apenas nove anos, cm seguida com John Holland, meio-irmáo do rei Richard de Inglaterra. Acompanhou Philippa até Portugal, porque o seu recém-marido lutava nos exércitos do pai John of Gaunt.

Teve um filho, a quem pós o nome Richard, cm Santiago de Compostela, e cinco outros depois de ter voltado para Inglaterra com o pai. Teve ainda um terceiro casamento, John Cornwall.

EMMA, uma das damas mais queridas de Philippa. O seu «vencimento»

anual vem descrito cm facturas pagas por John of Gaunt.

ENRIQUE III DE CASTELA, casou ainda crianca com Catalina, meia-irmá de Philippa, e foi coroado rei muito cedo, por morte do seu pai.

F

FERNANDO AFONSO ALBUQUERQUE, gráo-mestre da Ordem de Santiago, embaixador de Joáo 1 na corte inglesa, para negociar o Tratado de Windsor e o apoio a Portugal contra Castela. Teve uma filha, Lora, de uma dama inglesa e trouxe-a consigo quando regressou com John of Gaunt e a sua comitiva.

FERNANDO AFONSO, camareiro favorito de Joáo 1, que quando foi encontrado na alcova de Beatriz de Castro, foi condenado por traicáo a ser queimado no Rossio.

FERNANDO 1, rei de Portugal, e meio-irmáo de Jodo I.

FRANCIS BEACON, personagem de ficc5o. No livro é irmáo de Emma e está apaixonado por Philippa.

G

GAUNT, JOHN, pai de Philippa. Terceiro filho sobrevivo do rei de Inglaterra, Edward III, da Casa dos Plantagenet. Foi baptizado pelo poyo com o segundo nome, «Gaunt», porque nasceu em Ghent, na Flandres, de onde a máe era natural. Tornou-se duque de Lancaster pelo primeiro casamento, e apelidava-se

rei de Castela e Leáo, depois do casamento com Constanza de Castela. Contando apenas os que chegaram á idade adulta, teve nove filhos, duas das raparigas coroadas rainhas, e Henry of Bolingbroke, rei de Inglaterra, embora já depois da sua morte.

H

HEATHER, nome de iccáo para a ama de leite de Elisabeth, irmá de Philippa.

HENRIQUE DE TRASTÁMARA, o «usurpador» do trono de Castela, contra quem John of Gaunt lutou.

HENRY OF BOLINGBROKE, o irmáo mais novo de Philippa, nascido no

castelo de Bolingbroke, de onde lhe ficou o título. Mais tarde rei de Inglaterra, com o nome de Henry IV.

HUGH SWYNFORD, cavaleiro ao servico da Casa Lancaster, com quem Katherine foi obrigada a casar. Pai dos seus dois filhos mais velhos, Blanchet e Thomas. Morreu em Bruges, onde lutou pelo exército inglés.

1

INÉS PERES, de Veiros (no Alentejo), amante do Mestre de Avis e máe dos seus dois primeiros filhos, Afonso e Beatriz. Foi feita Comendadeira do Mosteiro de Santos, mas pouco se sabe da sua vida. O pai era um cristáo-novo, o Barbadáo, que se diz ter deixado crescer a barba até morrer, cm sinal de vergonha pela violacáo e rapto da filha pelo mestre, de quem nunca quis receber nada.

J

JOAN BEAUFORT PLANTAGENET, a filha bastarda de John of Gaunt e Katherine, mais tarde legitimada. É dos seus descendentes que irá partir depois uma nova linha real inglesa. Enterrada na Catedral de Lincoln com a sua máe.

JOAN OF KENT, máe do rei Richard II de Inglaterra e tia de Philippa por casamento com Edward, o Príncipe Negro, que morreu novo.

JOÁO DAS REGRAS, jurisconsulto e um dos principais conselheiros de D.

Jodo I. 0 autor das alegacóes ao Papa que permitiram a «eleicáo» do Mestre de Avis pelas cortes portuguesas.

JOÁO I, MESTRE DE AVIS, filho de Pedro 1 e de Teresa Lourenco, galega, meio-irmáo de Fernando 1 e dos filhos de Inés de Castro. Feito mestre da ordem de Avis aos dez anos, tinha até al vivido com o seu avó materno. Coroado rei por vontade do poyo, e gratas á argumentacdo de Jodo das Regras junto do Papa, pediu ajuda a Inglaterra (Tratado de Windsor) para defender o reino contra Castela. Pai de dois filhos bastardos. Casou tarde com Philippa, de quem teve oito filhos.

JOAO RODRIGUES DE SÁ, um dos cavaleiros de Jodo 1, nomeado para casar por procuracdo com Philippa, cm Celanova.

JOHN HASTINGS, primeiro marido de Elisabeth, irmá de Philippa. Tinha apenas nove anos quando casou, e o matrimónio foi declarado nulo

alguns anos depois, por nunca ter sido consumado.

JOHN HOLLAND, segundo marido de Elisabeth, portanto cunhado de Philippa. Esteve cm Portugal como general do exército do sogro. Pai de cinco filhos de Elisabeth, foi mais tarde decapitado por ordem do rei de Inglaterra, Richard II, seu meio-irmáo.

JOHN TUTTOR, frade que ensinava Philippa. O seu nome vem referido cm documentos de John of Gaunt, mas ndo se sabe se o apelido «tutor», que cm inglés significa professor, era uma coincidéncia ou resultou da funcáo que desempenhava.

JUAN DE CASTELA, filho de Catalina e futuro rei de Castela.

K

KATHERINE ROET SWYNFORD, preceptora dos filhos de John of Gaunt, era simultaneamente a sua amante. Viveu com Philippa praticamente desde a morte da mde desta até aos seus dezoito anos e foram amigas até á sua morte. Trouxe com ela os seus dois primeiros filhos, Blanchet e Thomas.

Durante esse período foi mde de quatro meios-irmáos da princesa (John, Henry, Thomas e Joan), que receberam o apelido Beaufort. Multo mais tarde John of

Gaunt casou com ela, na catedral de Lincoln, e legitimou os seus filhos, que ocuparam cargos importantes na sociedade inglesa. Joan, por exemplo, deu «origem» á continuacáo da linha real. Está enterrada na catedral onde casou.

L

LANCASTER, nome de família de Philippa. O título existe até hoje. Em Portugal foi «aportuguesado» para Lencastre, mas a rainha nunca assinou com tal nome.

LANGAROTE VICENTE, ou Lourenco Vicente como também era conhecido, arcebispo de Braga, companheiro de armas do rei, com quem lutou cm Aljubarrota. Presente no casamento por procuracáo de Philippa, foi nomeado protector da futura rainha nos seus primeiros tempos cm Portugal, e manteve-se sempre próximo da família real. Philippa chamava-lhe «Lancelot», como o cavaleiro da Távola Redonda.

LENCASTRE, ver Lancaster.

LEONOR TELES, mulher do rei Fernando 1, meio-irmáo de Joáo 1. Foi

regente de Portugal, e o Mestre de Avis matou o seu amante, o conde de Andeiro, no paco de Sáo Martinho, cm Lisboa.

LOPO DIAS DE SOUSA, tutor dos infantes, membro da Ordem de Cristo, desempenhou um papel fundamental na educacáo dos príncipes, que o próprio D. Duarte ressalvou no Leal Conselheiro.

LORA, filha do embaixador Fernando de Albuquerque, mestre da Ordem de Santiago, e de uma dama inglesa. Velo com o pai para Portugal e foi educada na corte com os filhos de Philippa.

LOURENCO ANES FOGACA, chanceler do reino, enviado a Inglaterra para negociar o tratado de Windsor, veio com Philippa para Portugal. Foi nomeado tesoureiro da Casa da Rainha.

M

MARIA DA LUZ, personagem de ficcáo, gémea de Perpétua, ambas parteiras.

MARY BOHUN, primeira mulher de Henry of Bolingbroke, irmáo de Philippa. Morreu a dará luz o sexto filho, uma sobrinha a quem tinha insistido cm dar o nome da rainha de Portugal.

MAUD, a ama de leite e que esteve sempre próxima de Philippa, conforme contas pagas por John of Gaunt.

MÉCIA LOURENCO, madrinha do Infante D. Henrique.

P

PERPÉTUA, personagem de ficcáo. Parteira de todos os filhos de Philippa, cm conjunto com a sua irmá gémea, Maria da Luz.

PHILIPPA OF HAINAULT, avó de Philippa, rainha de Inglaterra, nascida na Flandres (cm Hainault!). Máe de nove filhos, cinco deles rapazes, tinha um temperamento muito simples e afável, o que fazia dela uma monarca muito popular.

PHILIPPA OF LANCASTER (PLANTAGENET), filha de John of Gaunt e de Blanche of Lancaster. Rainha de Portugal, por casamento com Joáo I de Portugal, e máe dos seus oito filhos - a ínclita Geracáo.

PHILIPPA ROET CHAUCER, irmá mais velha de Katherine e mulher do

poeta Chaucer.

R

RICARDO DE VALENCA, personagem de ficcáo, escudeiro e depois cavaleiro de Joáo I.

RICHARD II, primo direito de Philippa, que suceden ao seu avó no trono de Inglaterra. Foi coroado aos dez anos e destronado (e morto) anos mais tarde por Henry of Bolingbroke. Foi o rei com que Portugal assinou o Tratado de Windsor.

T

TERESA, personagem de ficcáo, dama de Philippa e sua especial amiga.

Mais tarde casa com Lourenco Fogata.

THOMAS FITZALAN, conde de Arundel, casou - por acordo feito entre a rainha Philippa e o seu irmáo Henry, rei de Inglaterra - com a filha ilegítima de D. Joáo 1, Beatriz Peres.

THOMAS OF MORIEUX, cunhado de Philippa, casado com Blanche, meia-irmá, morreu cm Castela durante uma batalha na «reconquista» do trono para o sogro, John of Gaunt.

THOMAS SWYNFORD, filho de Katherine e do primeiro marido, Hugh, criado com Philippa e os filhos de John of Gaunt. Enviado para a corte com Henry of Bolingbroke, de quem foi sempre cavaleiro fiel.

W

WILLIAM APPLETON, médico da família Lancaster, próximo de John of Gaunt, Katherine e filhos. Frade beneditino, morto na Revolta dos Camponeses, em Londres.

Podem aventurar-se a seguir os passos de Filipa de Lencastre, primeiro em Inglaterra, depois na Galiza, e mais tarde em Portugal. Dizemos-lhe o que esperar de cada um desses pontos de paragem obrigatórios.

Londres

Palácio Savoy, Londres. Arden completamente na «Revolta dos Camponeses». Mais tarde houve várias tentativas de reconstrucáo, mas acabou em ruínas. No local existe apenas uma pequena capela, já moderna, mas que conserva o nome de Savoy Chappel.

St. Paul's Cathedral. É uma das maiores catedrais da capital do Reino Unido, mas a actual é uma reconstituicáo da original que arden no Grande Incéndio de Londres. Algures nas cinzas ficaram os túmulos de John of Gaunt e da sua mulher, Blanche of Lancaster, pais de Philippa.

British Library. As iluminuras do encontro de Ponte de Mouro, entre John of Gaunt e Joáo 1, e do casamento do rei com Philippa of Lancaster, na catedral do Porto, sáo da autoria de jean of Warvin's (incluídas nas suas Chroniques d'Angleterre). Podem ser visitadas na Biblioteca - é preciso pedir autorizacáo

com uns dias de antecedéncia-, ou acedidos através do site desta instituicáo (www.bl.uk), que inclusivamente lhos pode vender e enviar através do correio.

Windsor Castle, um dos castelos da família real inglesa, que ainda hoje é por ela ocupado. Mas há uma grande parte aberta ao público, podendo ser visitado. Fica a 45 km do centro de Londres.

Westminster Abbey, catedral no centro de Londres, onde Richard II foi coroado e, mais tade, Henry IV, irmáo de Philippa, também. Pode ser visi tada, ou ter a imensa satisfacáo de ali assistir a uma missa solene de domingo.

Barking Abbey, era uma antiquíssima abadia de freiras nos arredores de Londres, financiada pela realeza e que acolhia as viúvas, ou as

«solteironas» das melhores famílias. A madre superiora de Barking presidia a todas as outras do país, com um poder imenso. Philippa passou alguns períodos nesta abadia - nomeadamente durante a Revolta dos Camponeses. Multo mais tarde a abadia foi destruída, pela cidade que lhe cresceu por cima.

A Norte

Kenilworth Castle, a 160 km de Londres, para noroeste. Vale a pena visitar o castelo favorito de Philippa. Inserido numa pequena vila tipicamente inglesa, ocupa uma área imensa murada. Ao contrário do que acontecia no tempo da princesa, já náo é uma península rodeada de água, porque o rio que por ali passava foi desviado e a barragem destruída. Dentro das muralhas do castelo, há quatro grandes marcas - a ala de John of Gaunt, a do amante da rainha Elisabeth (filha de Henry VIII), e um pequeno palácio que este construiu para ela. Para além da ala das cavalaricas, transformada num pequeno museu e cafetaria. Com a ajuda dos auriculares que permitem ir ouvindo a história, é possível sentir-se a regressar ao tempo cm que Philippa e a família ali viveram. Se náo puder ir até lá pode fazer uma visita virtual cm www.english-heritage.org.uk/kenilworthcastle/

Leicester

Leicester Castle. Prepare-se para uma desilusáo. A cidade industrial comen quase todas as memórias da parte velha. Mas há ainda vestígios do castelo original, que se caracterizava por ser modesto cm comparacáo com os que lhe sucederam. Foi aqui que Philippa nasceu, que o seu irmáo Henry terá casado e

que o seu pai morreu.

Leicester Cathedral. A catedral é bonita, e é fácil imaginar como decorreu entre aquelas paredes um baptizado, o de Philippa, e um casamento real, o de Henry.

St. Mary de Castro Church, é exactamente este o nome da igrejinha onde Philippa rezava, e onde Geoffrey Chaucer casou com a irmá de Katherine Roet Swynford, a amante de John of Gaunt. A explicacáo para o nome, está bem próxima, nas escavacóes de um castro romano ali ao lado. A igreja é sóbria e bonita, com uma estatueta da Virgem a encimar a porta.

O cemitério que a rodela, com as suas lápides entre os carvalhos e os choupos, merece uma visita.

Castelo de Bolingbroke. Este era o castelo da família Lancaster, aquele que, segundo reza a história, Blanche, máe de Philippa, preferia. Foi ali que ela nasceu e morreu. Estaría a cerca de seis, sete dias de viagem da capital no século XIV, mas agora faz-se idealmente cm dois dias, com uma estadia pelo caminho, para náo tornar o passeio demasiado cansativo. Old Bolingbroke fica a 220 quilómetros de Londres, no

Linconshire. O campo, nesta zona, é lindo, cheio de animais selvagens, de coelhos a raposas, que atravessam calmamente a estrada. Quando se chega a Old Bolingbroke, uma aldeia com vinte casas, tem-se a sensacáo de que se chegou ao fim do mundo. . Do castelo cm si - é seguir as placas

- restam só as muralhas exteriores. Felizmente os painéis colocados no seu interior, cm cada uma das torres, mostram como era antes de ter sido destruído já no século XVIII. O irmáo de Philippa que aqui nasceu, recebeu o nome de Henry of Bolingbroke, e foi reí de Inglaterra, contra todas as expectativas. Pode visitá-lo virtualmente através do site www.bolingbroke.uk.

Lincoln Cathedral. A catedral é francamente imponente, no meio de uma pequena cidade, 230 km a norte de Londres com um centro histórico magnificamente conservado, e ainda cheio de vida (e lojas!). Foi aqui que casaram, finalmente, John of Gaunt e a sua amante e máe dos seus quatro filhos, Katherine Swynford. Katherine e a sua filha mais nova, Joan, estáo sepultadas cm urnas, mesmo junto do altar-mor.

Burford Castle. Na regio de Shropshire, Burford é a oeste de Birmingham, a 240

km de Londres. Náo resta nada do castelo cm si, transformado numa casa senhorial, que é hoje uma fantástica loja de decoracáo e galeria de arte. Contudo, a igrejinha é uma agradável surpresa. A placa a apontar para Burford House passa quase despercebida e na internet pouco ou nada se encontra para ajudar a localizacáo. Mas quando finalmente se chega a St. Mary's Church, fica-se maravilhado. De arquitectura románica, está intacta, e mesmo á semana a porta mantém-se aberta, para espanto de quem náo acredita cm tanta confianca. Ao rodar a macaneta e conseguir entrar, tem-se a sensacáo de se ser um ladráo bem-sucedido, mas uma mesa logo á entrada ostenta um pequeno letreiro a dar as boas-vindas aos que chegam, indicando-lhes o local dos interruptores, e pedindo-lhes que apaguem a luz e a porta quando saírem. Apesar de sabermos que nos esperam, sem saberem que vínhamos, e ao depositarem confiantemente nas nossas máos aqueles tesouros, sentimo-nos Indiana Jones. Porque junto do altar-mor, do lado esquerdo de quem entra, está aos olhos de todos a urna de Elisabeth. A imagem da princesa, que nasceu e foi aqui enterrada, esculpida por cima do túmulo, oferece uma surpesa acrescida: é pintada, dando-lhe uma vivacidade que torna muito mais fácil «construir» a personagem da irmá rebelde de Philippa, que como o seu pai, John, casou trés vezes, a última das quais com um primo afastado, John Cornwall, que a trouxe de volta

para o seu local de nascimento. É mágico.

Galiza

Abadia dos Reis, Santiago de Compostela, situada na praca principal, frente á catedral, esta abadia é hoje um «parador», onde se pode ficar alojado.

Tal e qual ficaram as mulheres da casa de Lancaster, quando John of Gaunt conquistou a cidade, mudou o bispo, e declarou-a sua.

Celanova, Mosteiro de San Rosendo (Galiza, a 230 km do Porto); foi aqui que ficaram alojados John of Gaunt e a família quando Joáo 1 lhes pediu que fossem ter com ele a Ponte de Mouro (que dividia Portugal da Galiza). Mosteiro beneditino, fundado por um nobre de Castela, que gozou de imenso prestígio ao longo dos tempos, e que vale a pena visitar, apesar de hoje ter mais traeos barrocos do que góticos, e de a maioria dos seus espacos estarem ocupados por reparticóes públicas (resultado do período republicano e da guerra civil). Peca para lhe mostrarem, num patio interior, a pequenina capela mocárabe, que lá estava quando Philippa lá esteve! Repare na roseira vermelha, que tal como as

janelas pelas quais entra um raio de sol nos equinócios, náo sáo obra de ficc5o.

Portugal

Ponte de Mouro, a 10 quilómetros da vila de Moncáo, uma pequena ponte romana, sobre o rio Mouro, foi o local do primeiro encontro entre John of Gaunt e Jodo 1. Foi aqui, cm tendas montadas, segundo descricóes pormenorizadas de Fernáo Lopes, que o rei de Portugal escolheu casar com Philippa, e ajudar o sogro na reconquista do trono que dizia ser seu.

O terreiro, do lado que era entáo portugués, é magnífico, com uma igreja e um oratório sob enormes carvalhos e plátanos. O rio corre estreito no fundo de uma garganta aberta na pedra. Uma placa assinala, na estrada principal, o célebre encontro.

Moncáo. A cidade cresceu de forma pouco característica, mas mantém as muralhas magníficas sobre o rio Minho. Foi aqui que a comitiva de Joáo 1

se albergou, enquanto decorreram as negociacóes com os ingleses cm Ponte de Mouro, a dez quilómetros. Voltaria ao castelo dois anos depois, já com Philippa grávida, para preparar a tomada de Melgaco.

Melgaco, vale a pena a visita ao castelo e á vila que as muralhas rodeiam, que primeiro John of Gaunt e depois Joáo 1 conquistaram a Castela. Está

extraordinariamente bem conservada, e encontra lojas de produtos regionais, como o vinho Alvarinho, muito cuidadas.

Mosteiro de Fiáes, um pequeno convento próximo de Melgaco, que ainda é possível visitar. Na estrada Moncáo para Melgaco, quase ao chegar a esta última, é preciso estar com atencáo á placa indicativa. Terá sido aqui que Philippa ficou, enquanto Joáo e o seu exército se preparavam para conquistar Melgaco.

Sé de Braga. É aqui que se encontra sepultado o varáo mais velho de Philippa e Joáo, o pequenino Afonso, que aos dez anos morreu numa peregrinacáo a Santiago de Compostela. Neste momento está enterrado no túmulo de bronze dourado, que anos mais tarde foi enviado de Borgonha para este propósito, pela sua irmá mais nova, a infanta Isabel, entretanto casada com Filipe III, o Bom. O túmulo encontra-se no piso térreo da torre, do lado sul.

Porto. O Porto é a primeira grande cidade portuguesa que Philippa conhece, aquela onde aguarda a autorizacáo de casamento no Paco Episcopal (que se mantém intacto), aquela onde oficializa a proposta (Convento de S. Francisco, destruído e sobre o qual foi construído o Palácio da Bolsa) e onde se casam (Sé do Porto, de visita obrigatória).

Multo mais tarde volta á cidade para dará luz o infante D. Henrique (na Casa do Infante, na rua da Alfándega, n.° 10, hoje arquivo e museu), que é baptizado na catedral onde os pais casaram.

Paco Real de Coimbra, o paco real era no local onde depois se instalou a Universidade. É possível fazer uma visita atenta e encontrar os vestígios desses tempos. E imaginar Philippa a presidir ali ás primeiras cortes, e a ali receber a notícia da doenca do marido com quem até então só passara três noites, ou a da morte de Thomas of Morieux.

Paco Real de Óbidos, o castelo de Óbidos e a sua pequenina vila dentro de muros, era o presente de casamento que tradicionalmente todos os reis portugueses davam ás suas rainhas, desde que D. Dinis iniciara essa prática. Philippa náo foi excepcáo.

Mosteiro da Batalha, construído no local da batalha de Aljubarrota cm agradecimento do rei á Virgem pela vitória contra Castela. Philippa acompa nhou de perto as obras, mandou vir os seus arquitectos para contribuírem com as suas ideias - sendo o mais famoso Huguet, de nacionalidade irlandesa, e que trabalhara nos palácios ingleses cm que

vivera. Foi Philippa que pediu uma capela mortuária individual, destinada a acolhé-la a ela, ao marido e aos filhos cm imponentes túmulos de mármore, com as efigies dos seus ocupantes esculpidos a três dimensóes. Estáo sepultados na Batalha, a rainha e o rei, Duarte, o seu filho rei, e os infantes Pedro, Henrique e Joáo. Numa visita pode vé-los quase «ao vivo».

Paco e Castelo de Santarém. Santarém era, segundo os cronistas da época, uma das cidades «com mais nobres» do reino. Rodeado de imensas florestas, era um couto de caca privilegiado, e Philippa adorava catar. Do castelo só restara vestígios, como algunas das portas, mas a «vista» lá do alto sobre a lezíria náo será muito diferente.

Paco e Castelo de Leiria. É uma das «obras» de Philippa melhor preservada até

hoje. O modelo arquitectónico e o arranjo de interiores é muito semelhante ao de Kenilworth. Está bem conservado e vale a pena uma visita.

Castelo de Viseu, vale a pena visitar. A parte velha da cidade está bem conservada e as muralhas exteriores do castelo, sobretudo iluminadas á noite, sáo magníficas. Aproveite para visitar também a Catedral, onde o infante D. Pedro foi baptizado. Depois de Ceuta, Viseu foi doada ao infante D. Henrique e transformada num ducado.

Paco de D. Pedro, Serra d'El Rey, Atouguia da Baleia. Segue-se a estrada entre Óbidos e Peniche, e depois vira-se para Serra d'El-Rei e Atouguia da Baleia. O paco é propriedade particular, e só se pode ver por fora, mas vale a pena espreitar. O lado do mar, que dá para a estrada, é uma muralha interrompida por janelas góticas. Se der a volta ao outro lado, entrando pelos campos, sáo notórias as semelhancas com a paisagem que rodela Kenilworth. É uma pena que náo seja património nacional, e sobretudo que se encontre com um ar táo abandonado. Apetece reviver ali a História.

Paco da Rainha, Palácio da Vila de Sintra, é um dos exemplares mais bem conservados daquela época, e as descricóes que dele faz D. Duarte, no seu Leal Conselheiro, ajudam a perceber como era o paco no tempo cm que Philippa e João ali viveram. Sabe-se que os reis investiram nas obras do paco, e que a cozinha e a capela resultaran da influéncia inglesa de Philippa. Aliás a cozinha de Kenilworth é muito parecida com esta, embora de menores dimensóes. As duas chaminés, a sua imagen de

marca, também lhe poden ser atribuídas.

Paco de A-par de S. Martinho, em Lisboa. Este paco, também conhecido por Paco dos Infantes (porque ali viveram os filhos de Inés de Castro, antes dos de Philippa), situa-se onde depois funcionou a prisáo do Limoeiro, e é agora o Centro de Estudos Judiciários. A vista sobre o Tejo, felizmente ninguém lha tirou.

Alcácova de Lisboa, era também conhecido por este nome o Paco Real de Lisboa, albergado dentro do Castelo de S. Jorge. Foi ali que ao longo dos tempos as familias reais foram vivendo até o terramoto a ter destruído, mudando-se os reis para a Ajuda, Belém e zonas onde acreditavam estar mais seguros.

Sé de Lisboa, próxima do Paco de A-par de S. Martinho, románica de

construcáo, mantém a dignidade de sempre. Aqui se encontra enterrada Branca, a filha mais velha de Philippa e Joáo.

Convento S. Francisco, Évora. D. Joáo I é dos primeiros reis a mudar a sua corte para o sul, nomeadamente para Évora. Mas como náo tinha um paco na cidade, ficava com a família no Convento de S. Francisco, aparentemente o primeiro convento franciscano do país. Foi aqui que nasceu a infanta D. Isabel. Do convento já pouco resta mas a igreja de S.

Francisco está bem conservada e vale a pena visitar.

Mosteiro de Odivelas, o mosteiro para onde Filipa se refugiou quando descobriu que tinha peste. E onde morreu. Naquela mesma noite foi enterrada nos terrenos do mosteiro, para depois ser trasladada para a

«sua» capela mortuária no Mosteiro da Batalha. A visita náo é fácil. É

preciso ir ao site da Cámara de Odivelas, recolher os contactos do departamento de cultura e fazer uma marcacáo para um domingo previamente determinado.

Document Outline

- FILIPA, RAINHA DE PORTUGAL 207
- DRAMATIS PERSONAE 501
- NOS CAMINHOS DE FILIPA DE LENCASTRE 509
- BIBLIOGRAFIA 517